

NEIL
GAIMAN



DEUSES
AMERICANOS



Deuses Americanos

NEIL GAIMAN

Tradução de Ana Ban
Título Original: **American Gods**

ADVERTÊNCIA E AVISO AOS VIAJANTES

Esta é uma obra de ficção, não um guia. Como, nesta história, a geografia dos Estados Unidos não é completamente imaginária — muitas das localidades citadas neste livro podem ser visitadas, trilhas podem ser seguidas, caminhos podem ser mapeados —, tomei certas liberdades. Em número menor do que você possa imaginar, mas, ainda assim, liberdades.

Não foi pedida nem dada permissão para usar os lugares verdadeiros que aparecem nesta história. Eu espero que os donos da Cidade de Pedra, da Casa na Pedra e os caçadores proprietários do hotel, no centro dos Estados Unidos, fiquem tão perplexos quanto qualquer outra pessoa ao encontrar suas propriedades aqui.

Deixei vaga a localização de vários lugares: a cidade de Lakeside, por exemplo, e a fazenda com o freixo, uma hora ao sul de Blacksburg. Você pode procurá-los, se quiser... e até mesmo encontrá-los.

Fora isso, nem é preciso dizer que todas as personagens, vivas, mortas ou mortas-vivas, utilizadas nesta história, são fictícias ou foram usadas em um contexto fictício. Só os deuses são reais.

Uma questão que sempre me intrigou é o que acontece com os seres demoníacos quando os imigrantes se mudam de sua terra natal. Americanos de ascendência irlandesa lembram-se das fadas, americanos de ascendência norueguesa, das nisser, americanos de ascendência grega, das vrykólakas, mas só no que diz respeito a eventos acontecidos no Velho Continente.

Certa vez, quando perguntei por que (ais demônios não são vistos nos Estados Unidos, meus informantes riram confusos e disseram "Eles têm medo de cruzar o oceano, é muito longe", chamando atenção para o fato de que Cristo e os apóstolos nunca estiveram na América.

— Richard Dorson, "A Theory for American Folclore", *American Folklore and the Historian*

PARTE UM

SOMBRAS

CAPÍTULO UM

As fronteiras do nosso país, senhor? Como assim, senhor? Pelo norte, fazemos fronteira com a Aurora Boreal; pelo leste, com o sol nascente; pelo sul, com a procissão dos Equinócios; e, pelo oeste, com o Dia do julgamento Final.

— O livro de piadas americanas, de Joe Miller

Shadow havia cumprido três anos de prisão. Era bem grande e tinha uma cara de "não-se-meta-comigo", por isso seu maior problema era como fazer o tempo passar. Assim, mantinha o corpo em forma, treinava alguns truques com moedas e pensava no quanto amava sua mulher.

Na opinião de Shadow, a única coisa boa no fato de estar na prisão era um sentimento de alívio. O sentimento de ter mergulhado o máximo possível e atingido o fundo. Não se preocupava mais se o homem iria pegá-lo, porque já o havia pegado. Não tinha mais medo do que o amanhã traria, porque o ontem já trouxera o que estava reservado para ele.

Shadow resolveu que não fazia a mínima diferença se você havia mesmo feito aquilo pelo que fora condenado. Todo mundo que ele conheceu na prisão fora injustiçado em algum momento: sempre existia algo que as autoridades entenderam errado, algo que disseram que você fez quando, na verdade, não fez — ou que você não fez bem do jeito que eles falaram que você fez. O que importava é que tinham pegado você.

Percebeu isso logo nos primeiros dias, quando tudo, desde a gíria até a comida ruim, era novo. Apesar do sofrimento e da profunda sensação arrepiante de estar encarcerado, ele respirava aliviado.

Shadow tentava não falar muito. Por volta do seu segundo ano de prisão, mencionou algo sobre sua teoria a Low Key Lyesmith, seu companheiro de cela.

Low Key, um golpista de Minnesota, mostrou seu sorriso de cicatriz.

— É — disse. — É verdade. É até melhor se você for condenado à morte. É quando se lembra das piadas sobre os caras que chutaram as botas pra longe, quando sentiram o laço apertar o pescoço, porque os amigos sempre falavam que ele ia morrer de botas.

— Isso é uma piada? — perguntou Shadow.

— Claro que sim. Piada de enforcado. O melhor tipo que existe.

— Quando foi que enforcaram o último homem neste Estado?

— Como é que eu vou saber?

Lyesmith mantinha seus cabelos ruivo-alaranjados bem aparados. Dava para ver as marcas de seu crânio.

— Vou dizer uma coisa pra você. Este país começou a ir pro inferno quando pararam de enforcar os caras. Não tem mais a sujeira da força. Não tem mais o negócio da força.

Shadow deu de ombros. Não conseguia ver nada de romântico em uma sentença de morte.

Resolveu que, se você não está condenado à morte, a prisão é algo como uma suspensão temporária da vida. Por dois motivos. Primeiro, a vida se esgueira de volta para a prisão. Sempre há lugares mais baixos para se ir. A vida continua. E, segundo, se você aguentar ficar lá, um dia vão ter que deixar você sair.

No começo, era muito distante para Shadow a ideia de sair da prisão. Então, não conseguia se concentrar no dia da saída, o que se transformou em um raio de esperança longínquo. Quando a merda da prisão vinha à tona — e a merda da prisão sempre vem à tona — aprendeu a dizer a si mesmo: "Isso também vai passar". Um dia a porta mágica se abriria e ele a atravessaria. Por isso, marcava os dias no seu calendário de Pássaros Canoros da América do Norte, o único calendário vendido no armazém da prisão. O sol se punha e ele não via, o sol se levantava e ele não via. Treinava truques com moedas vistos num livro que encontrara na desolação da biblioteca da prisão, fazia exercícios e elaborava listas em sua cabeça sobre o que faria quando saísse dali.

As listas de Shadow iam ficando cada vez mais curtas. Depois de dois anos, só havia três coisas.

Primeiro, ele tomaria um banho de banheira. Um banho de verdade, comprido, ficaria de molho em uma banheira com espuma. Talvez lesse um jornal, talvez não. Em alguns dias pensava de um jeito, em outros dias, de outro.

Segundo, ele se enxugaria e vestiria um roupão. Talvez chinelos. Gostava da ideia de usar chinelos. Se fumasse, fumaria um cachimbo, mas ele não fumava. Pegaria a mulher nos braços ("Cachorrinho", ela guincharia com medo fingido e cheia de prazer de verdade, "o que você está fazendo?"). Ele a carregaria para dentro do quarto e fecharia a porta. Se ficassem com fome, poderiam pedir pizzas.

Terceiro, depois de ele e Laura saírem do quarto, passados uns dois dias, andaria de cabeça baixa e ficaria longe de confusão para o resto da vida.

— E daí você seria feliz? — perguntou Low Key Lyesmith. Naquele dia, trabalhavam na oficina da prisão, montando comedouros de passarinhos, o que era quase tão interessante quanto gravar placas de carros.

— Não diga que um homem é feliz — disse Shadow — até que ele esteja morto.

— Heródoto — disse Low Key. — Oba! Você está aprendendo.

— Quem diabos é Heródoto? — perguntou Iceman, enquanto encaixava as laterais de um comedouro de passarinho e o entregava a Shadow, que aparafusava e prendia a peça com firmeza.

— Um grego morto — disse Shadow.

— Minha última namorada era grega — disse Iceman. — A merda que a família dela comia... Vocês não iam acreditar. Arroz enrolado numas folhas, ou alguma merda desse tipo.

Iceman tinha o mesmo tamanho e formato de uma máquina de Coca-cola, com olhos azuis e cabelos tão louros que eram quase brancos. Havia dado umas porradas em um cara qualquer, que cometera o erro de passar a mão na namorada dele no bar em que era dançarina. Os amigos do cara chamaram a polícia, Iceman foi preso e os policiais puxaram a ficha dele, revelando que fora solto em um programa de liberdade condicional, dezoito meses antes.

— O que é que eu devia fazer? — perguntou Iceman, injuriado, quando contou toda a triste história a Shadow. — Eu tinha falado pra ele que ela era minha namorada. Ia deixar ele me desrespeitar daquele jeito? Ia? Ele passou a mão nela toda.

Shadow respondeu "diz isso para eles", e deixou por isso mesmo. Uma coisa que ele aprendeu logo é que você cumpre sua própria pena na prisão. Você não cumpre a pena por ninguém.

Abaixe a cabeça. Cumpra sua própria pena.

Vários meses antes, Lyesmith havia emprestado a Shadow uma cópia em brochura bem gasta das Histórias, de Heródoto. "Não é chato. É legal", argumentou quando Shadow declarou não ler livros. "Lê primeiro, depois me diz se é legal."

Shadow fez uma careta, mas começou a ler, e descobriu-se fisgado contra sua própria vontade.

— Gregos — disse Iceman, com nojo. — E nem é verdade o que falam deles por aí. Eu tentei comer o eu da minha namorada, ela quase arrancou meus olhos fora.

Lyesmith foi transferido certo dia, sem aviso. Deixou sua cópia de Heródoto com Shadow. Havia um níquel escondido entre as páginas. Moedas eram contrabando: dá para afiar as bordas com uma pedra e cortar a cara de alguém em uma briga. Shadow não queria uma arma; Shadow só queria algo para fazer com as mãos.

Shadow não era supersticioso. Não acreditava em nada que não pudesse ver. Ainda assim, conseguia sentir o desastre pairando sobre a prisão naquelas semanas finais, do mesmo jeito que sentiu nos dias que precederam o roubo. Sentia um vazio na boca do estômago que, disse a si mesmo, era só medo de voltar para o mundo lá fora. Mas não podia ter certeza. Estava mais paranóico do que o normal — e, na prisão, o normal é muito, além de ser uma estratégia de sobrevivência. Shadow ficou mais quieto, mais sombrio, do que nunca. Começou a observar a linguagem corporal dos guardas, dos outros presidiários, procurando uma pista da coisa ruim que iria acontecer. Ele tinha certeza de que iria.

Um mês antes do dia marcado para sua soltura, Shadow estava em um escritório frio, sentado de frente para um homem baixo com uma mancha de nascença na testa da cor de vinho do Porto. Estavam cada um de um lado de uma escrivaninha; o homem tinha a ficha de Shadow aberta à sua frente e segurava uma caneta esferográfica. A ponta da caneta estava bem mastigada.

— Está com frio, Shadow?

— Estou — respondeu. — Um pouco. O homem deu de ombros.

— O sistema é esse — ele disse. — As fornalhas não começam a funcionar antes de 1º de dezembro. Depois são desligadas dia 1º de março. Não sou eu quem faz as regras.

O homem correu os dedos pela folha de papel grampeada na parte esquerda interna da pasta:

— Você tem 32 anos?

— Sim, senhor.

— Você parece mais novo.

— É a vida limpa.

— Diz aqui que você é um presidiário-modelo.

— Eu aprendi minha lição, senhor.

— É mesmo?

Ele olhava para Shadow com intensidade, fazendo com que a marca de nascença em sua testa ficasse mais para baixo. Shadow pensou em contar ao homem algumas de suas teorias sobre a prisão, mas não disse nada. Ao contrário, assentiu com a cabeça e concentrou-se em parecer apropriadamente cheio de remorso.

— Diz aqui que você tem mulher, Shadow.

— O nome dela é Laura.

— Como estão as coisas lá?

— Estão bem. Ela veio me visitar quando pôde, mas é uma viagem muito longa. A gente se escreve e eu telefono quando dá.

— O que a sua mulher faz?

— Ela é agente de viagem. Manda gente pró mundo inteiro.

— Como você conheceu ela?

Shadow não conseguiu descobrir por que o homem estava perguntando aquilo. Achou que não tinha nada a ver contar para ele, então disse:

— Ela era a melhor amiga da mulher do meu melhor amigo. Eles armaram um encontro às escuras entre nós dois. Deu certo.

— Há um emprego esperando por você?

— Sim, senhor. Meu amigo, Robbie, esse de quem eu acabei de falar, tem uma academia, a Muscle Farm, onde eu costumava treinar. Ele diz que o meu antigo trabalho está esperando por mim.

Uma sobancelha se levantou.

— É mesmo?

— Diz que acha que eu vou ser uma grande atração. Vou trazer de volta alguns alunos das antigas e chamar o pessoal durão que quer ficar ainda mais forte.

O homem pareceu satisfeito. Mordeu a ponta de sua caneta esferográfica e então virou a folha de papel.

— Como você se sente em relação ao seu delito? Shadow deu de ombros:

— Eu fui estúpido — disse, e foi sincero.

O homem da marca de nascença suspirou. Assinalou vários itens de uma lista. Então, folheou os papéis na ficha de Shadow.

— Como é que você vai daqui pra casa? — perguntou. — De ônibus?

— De avião. É bom ter uma mulher que é agente de viagem.

O homem fez uma careta, e a marca de nascença pareceu mais profunda.

— Ela mandou sua passagem?

— Não precisa. Mandou um número de confirmação. Bilhete eletrônico. Eu só preciso aparecer no aeroporto daqui a um mês, mostrar minha identidade e estarei fora daqui.

O homem assentiu com a cabeça, rabiscou uma anotação final, então fechou a ficha e colocou a caneta esferográfica sobre a mesa. Duas mãos pálidas repousaram sobre a escrivaninha como animais cor-de-rosa. Ele juntou as mãos, fez uma igrejinha com os indicadores e, com os olhos úmidos, cor-de-avelã, olhou diretamente para Shadow.

— Você tem sorte — ele disse. — Você tem alguém pra quem voltar, tem um trabalho à sua espera. Pode deixar tudo isto pra trás. Você tem uma segunda chance. Aproveite o melhor que puder.

O homem não se ofereceu para apertar a mão de Shadow quando se levantou, mas ele também não esperava que o fizesse.

A última semana foi a pior. De certa maneira, era pior do que os três anos juntos. Shadow se perguntava se seria o clima: opressivo, parado e frio. Parecia que uma tempestade estava se aproximando, mas nunca chegava. Ele tinha tremores de medo e de ansiedade, uma sensação no fundo do estômago de que algo estava totalmente errado. No pátio de exercícios, o vento soprava forte. Shadow quase sentia o cheiro da neve no ar.

Ligou a cobrar para a mulher. Shadow sabia que as companhias telefônicas arrancavam uma sobretaxa de 3 dólares para cada ligação feita de um telefone de prisão. Shadow resolveu que era por isso que as telefonistas eram sempre muito educadas com as

peessoas que ligavam das prisões: sabiam que eles pagavam o salário delas.

— Alguma coisa está esquisita — explicou a Laura. Aquilo não foi a primeira coisa que ele lhe disse. A primeira coisa foi "eu amo você", porque é uma boa coisa de se dizer se você é sincero, e Shadow era.

— Oi — disse Laura. — Eu também amo você. O que é que está esquisito?

— Não sei — ele disse. — Talvez seja o tempo. Parece que, se pelo menos caísse uma tempestade, tudo ficaria bem.

— Aqui o tempo está bonito — ela disse. — As últimas folhas ainda não caíram. Se não tiver nenhuma tempestade, você ainda poderá ver quando chegar em casa.

— Cinco dias — falou Shadow.

— 120 horas, e daí você vem pra casa.

— Está tudo bem aí? Nada de errado?

— Está tudo ótimo. Vou me encontrar com Robbie hoje à noite. Estamos planejando sua festa-surpresa de boas-vindas.

— Festa-surpresa?

— Claro. Você não sabe nada sobre isso, sabe?

— Nadinha.

— Esse é o meu marido.

Shadow percebeu que estava sorrindo. Estava lá dentro havia três anos, mas ela ainda conseguia fazê-lo sorrir.

— Te amo, meu bem — disse Shadow.

— Te amo, cachorrinho — respondeu Laura.

Shadow desligou.

Quando se casaram, Laura disse a Shadow que queria um cachorrinho, mas o proprietário havia chamado atenção para o fato de que não era permitido ter bichos de estimação, de acordo com o contrato de aluguel.

— Ei — Shadow falara na ocasião —, eu vou ser seu cachorrinho. O que você quer que eu faça? Morda seus chinelos? Mije no chão da cozinha? Lamba seu nariz? Enfie o focinho no meio das suas pernas? Aposto que não tem nada que um cachorrinho faz que eu não possa fazer!

E ele a pegou no colo, como se ela não pesasse nada, e começou a lambe seu nariz, enquanto ela ria e gargalhava, e depois a carregou até a cama.

No refeitório, Sam Fetisher veio se esgueirando por entre as mesas na direção de Shadow e sorriu, mostrando seus dentes velhos. Sentou-se ao lado dele e começou a comer seu macarrão com molho de queijo.

— Precisamos conversar — disse Sam Fetishier.

Sam Fetishier era um dos homens mais negros que Shadow já vira. Ele podia ler uns 60 anos. Ou talvez 80. Mas Shadow havia conhecido viciados em crack que tinham 30 anos, porém pareciam mais velhos que Fetishier.

— Hmm? — murmurou Shadow.

— Vem aí uma tempestade — comentou Sam.

— Parece que sim — disse Shadow. — Talvez neve logo.

— Não esse tipo de tempestade. Uma tempestade maior do que essa que está vindo. Estou dizendo, garoto, você vai estar melhor aqui do que lá fora, na rua, quando a grande tempestade chegar.

— Cumpri minha pena. Na sexta, vou embora. Sam Fetishier olhou nos olhos de Shadow:

— De onde você vem? — perguntou.

— Eagle Point, Indiana.

— Você é uma porra de um mentiroso — disse Sam Fetishier. — Estou perguntando qual é a sua origem. De onde os seus pais vieram?

— Chicago.

Quando menina, sua mãe havia morado lá, para onde voltara pouco antes de morrer, muitos anos atrás.

— Como eu disse. Grande tempestade chegando. Mantenha a cabeça baixa, garoto Shadow. É como se... como é que chamam aquelas coisas em que os continentes se apóiam? Uns tipos de placas?

— Placas tectônicas? — Shadow arriscou.

— É isso aí. Placas tectônicas. É igual quando elas começam a andar, a América do Norte vai escorregando pra cima da América do Sul, você não vai querer estar no meio. Sacou?

— Nem um pouco.

Um olho castanho se fechou em uma piscadela vagarosa.

— Diabos, não vai dizer que eu não avisei — disse Sam Fetishier, e enfiou na boca uma colherada de gelatina de laranja tremelicante.

— Não vou.

Shadow passou a noite meio acordado, alternando períodos de sono e de vigília, ouvindo seu novo companheiro de cela resmungar e roncar no beliche embaixo dele. A várias celas de distância, um homem choramingava, berrava e soluçava como um animal, e de vez em quando alguém gritava para ele calar a boca. Shadow tentava não escutar. Deixava os minutos vazios passarem por ele, solitários e vagarosos.

Dois dias para ir embora. Quarenta e oito horas, que começaram com mingau de aveia e café da prisão, e um guarda chamado Wilson que bateu no ombro de Shadow, mais forte do que precisava, e disse:

— Shadow, por aqui.

Shadow analisou sua consciência. Estava tranquila, o que, na prisão, não significava estar livre de uma merda muito grande. Os dois homens caminhavam mais ou menos lado a lado, os pés ecoando sobre o concreto e o metal.

Shadow sentiu o gosto do medo no fundo da garganta, amargo como café velho. A coisa ruim estava acontecendo...

Uma voz no fundo de sua mente dizia que iam enfiar mais um ano na sentença dele, jogá-lo na solitária, cortar fora suas mãos e sua cabeça. Ele tentava se convencer de que estava sendo estúpido, mas seu coração batia tão forte que parecia explodir no peito.

— Não entendo você, Shadow — Wilson disse, enquanto eles caminhavam.

— O que é que tem pra não entender, senhor?

— Você. Você é quieto pra caralho. Educado demais. Fica esperando que nem os caras velhos, mas você tem o quê? 25? 26?

— 32, senhor.

— E o que você é? Latino? Cigano?

— Não que eu saiba, senhor. Talvez.

— Talvez você tenha sangue de preto. Você tem sangue de preto, Shadow?

— Pode ser, senhor.

Shadow estava com o corpo ereto e olhava diretamente para a frente. Concentrava-se em não permitir que esse homem o irritasse.

— É mesmo? Bom, só sei que você me assusta pra caralho. Wilson tinha cabelos louro-amarelados, cara louro-amarelada e sorriso louro-amarelado.

— Você vai nos abandonar logo, logo.

— Espero que sim, senhor.

Passaram por alguns portões de controle, Wilson mostrava sua identidade toda vez. Subiram um lance de escadas, e estavam do lado de fora do escritório do diretor da prisão. O nome do diretor da prisão — G. Patterson — estava escrito em letras pretas na porta, ao lado da qual havia um semáforo em miniatura, cuja luz vermelha ardia.

Wilson apertou um botão embaixo do semáforo.

Ficaram lá parados durante alguns minutos. Shadow tentava dizer a si mesmo que tudo estava bem, que na sexta de manhã estaria dentro do avião rumo a Eagle Point, mas ele próprio não acreditava nisso.

A luz vermelha se apagou, a luz verde se acendeu, e Wilson abriu a porta. Entraram.

Shadow viu o diretor um punhado de vezes nos últimos três anos. Uma vez, quando mostrou as instalações a um político. Outra, durante uma paralisação, quando falou com os presos em grupos de cem, explicando que havia uma superpopulação na prisão, e que, como a situação permaneceria igual, era melhor que se acostumassem.

De perto, Patterson tinha aparência pior. Seu rosto era alongado, os cabelos grisalhos cortados em estilo escovinha, bem eriçados. Ele cheirava à loção pós-barba Old Spice. Atrás dele havia uma prateleira cheia de livros, todos com a palavra Prisão no título. Sua escrivaninha era perfeitamente organizada, vazia, a não ser por um telefone e um calendário com piadinhas cínicas, daqueles de que se arrancam as folhas. Ele usava um aparelho auditivo no ouvido direito.

— Por favor, sente-se.

Shadow sentou-se. Wilson ficou em pé atrás dele.

O diretor abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou uma ficha, colocou-a sobre a escrivaninha.

— Diz aqui que você foi sentenciado a seis anos por agressão grave e por espancamento. Você cumpriu três anos. Seria solto na sexta.

Seria? Shadow sentiu o estômago balançar dentro da barriga. Ficou imaginando quanto tempo mais precisaria cumprir pena — mais um ano? Dois anos? Os três inteiros? Tudo que disse foi:

— Sim, senhor.

O diretor lambeu os lábios:

— O que foi que você disse?

— Eu disse sim, senhor.

— Shadow, nós o soltaremos hoje, no fim da tarde. Você vai sair uns dias mais cedo.

Shadow assentiu com a cabeça, e ficou esperando a tempestade que sempre vem depois da bonança. O diretor olhou para o papel sobre a escrivaninha:

— Isto aqui veio do Hospital Johnson Memorial, em Eagle Point... Sua mulher... Ela morreu nas primeiras horas desta manhã. Foi um acidente automobilístico. Sinto muito. Shadow assentiu com a cabeça mais uma vez.

Wilson acompanhou-o de volta à sua cela, sem dizer nada. Destrancou a porta e deixou Shadow entrar. Então, disse:

— É como se, quando vem uma notícia boa, a notícia ruim tirasse sarro. Boa notícia, vamos deixar você sair mais cedo; má notícia, sua mulher está morta. Ele riu, como se aquilo fosse genuinamente engraçado. Shadow não disse absolutamente nada. Entorpecido, embalou alguns de seus pertences e distribuiu a maior parte. Deixou para trás o Heródoto, de Low Key, o livro de truques com moedas e, com um sofrimento momentâneo, abandonou os discos de metal pálido surrupiados da oficina, que haviam

servido como moedas. Haveria moedas, moedas de verdade, do lado de fora. Shadow fez a barba. Vestiu-se com roupas civis. Atravessou uma porta depois da outra, sabendo que nunca mais as atravessaria no sentido contrário. Sentia um vazio por dentro.

A chuva tinha começado a cair, em rajadas, do céu cinzento, uma chuva congelante. Farpas de gelo pinicavam o rosto de Shadow, enquanto a chuva ensopava seu sobretudo fino. Os presidiários libertados caminhavam em direção ao ex-ônibus escolar amarelo que os levaria para a cidade mais próxima.

Quando chegaram ao ônibus, estavam ensopados. Oito deles iam embora. Mil e quinhentos ainda sobravam lá dentro. Shadow sentou-se no ônibus e tremeu até os aquecedores começarem a funcionar. Pensava no que iria fazer, para onde iria agora.

Imagens de fantasmas enchiam sua cabeça, espontaneamente. Na sua imaginação, deixara outra prisão, muito tempo atrás.

Ele havia ficado preso em uma cela sem luz por tempo demais: sua barba estava desgrenhada e seu cabelo, embaraçado. Os guardas acompanharam-no por uma escada de pedra cinzenta, que ia para baixo e para dentro de uma praça pública cheia de coisas de cores fortes, de pessoas e de objetos. Era dia de feira e ele ficou tonto pelo barulho e pelas cores. Apertava os olhos por causa da luz do sol que enchia a praça e sentia o cheiro salobro e úmido do ar e de todas as coisas boas da feira. À sua esquerda, o brilho do sol refletia na água...

O ônibus deu uma freada brusca, em um sinal vermelho.

O vento uivava em volta do ônibus, e os limpadores de pára-brisa iam pesadamente de um lado para o outro, borrando a cidade de uma umidade amarela e vermelha néon. Era o começo da tarde, mas através do vidro parecia noite.

— Caralho! — disse o homem no banco atrás de Shadow, desembacando o vidro da janela com a mão e olhando para a figura molhada que corria pela calçada. — Tem boceta lá fora.

Shadow engoliu seco. Ocorreu-lhe que ele ainda não tinha chorado — na verdade, não havia sentido absolutamente nada. Nenhuma lágrima. Nenhum lamento. Nada.

Ele percebeu que estava pensando em um cara chamado Johnnie Larch, com quem havia dividido a cela assim que fora colocado lá dentro. Larch disse a Shadow como havia conseguido sair, depois de cinco anos atrás das grades, com cem dólares no bolso e uma passagem para Seattle, onde sua irmã morava.

Johnnie Larch tinha chegado ao aeroporto e entregara sua passagem para a mulher no balcão, que pedira para ver sua carteira de motorista.

Ele a mostrou. Havia vencido uns anos antes. Ela lhe disse que aquilo não valia como identificação. Ele lhe falou que talvez não valesse como carteira de motorista, mas que era uma porra de identificação, e dane-se. Quem ela pensava que ele era, se não fosse ele mesmo?

Ela disse que agradecia por ele manter seu tom de voz baixo.

Ele lhe disse que entregasse a porra de um cartão de embarque, ou ela iria se arrepender. Ele não iria ser desrespeitado. Não se admite desrespeito na prisão.

Então ela apertou um botão e, alguns instantes mais tarde, seguranças do aeroporto apareceram e tentaram convencer Johnnie Larch a deixar o aeroporto calmamente, mas ele não queria ir embora, e houve uma espécie de discussão.

A conclusão disso tudo foi que Johnnie nunca chegou de fato a Seattle e passou os dias que se seguiram nos bares da cidade. Quando seus cem dólares acabaram, assaltou um posto de gasolina com um revólver de brinquedo, para continuar a beber, e a polícia finalmente o pegou por mijar na rua. Logo, ele estava de volta, cumprindo o resto de sua sentença e mais um pequeno extra pelo serviço no posto de gasolina.

E a moral da história, de acordo com Johnnie Larch, era essa: não irrite as pessoas que trabalham em aeroportos.

— Tem certeza de que não é algo como: "O tipo de comportamento que funciona em um determinado ambiente, como a prisão, pode falhar e de fato ser prejudicial quando usado fora daquele ambiente"? — perguntou Shadow quando Johnnie Larch contou a história.

— Não, ouça o que eu digo, estou/alando pra você, cara — disse Johnnie Larch. — Não irrite as vacas nos aeroportos.

Shadow deu um meio-sorriso quando se lembrou disso. Sua carteira de motorista ainda demoraria vários meses para vencer.

— Rodoviária! Todo mundo pra fora!

O prédio fedia a mijo e a cerveja azeda. Shadow entrou em um táxi e pediu ao motorista que o levasse para o aeroporto. Disse que lhe daria cinco dólares extras se ele ficasse em silêncio. Chegaram lá em vinte minutos, e o motorista não proferiu nenhuma palavra.

Shadow tropeçava pelo terminal do aeroporto, claramente iluminado. Estava preocupado com o negócio do bilhete eletrônico. Sabia que tinha uma passagem para viajar na sexta, mas não sabia se serviria hoje. Qualquer coisa eletrônica parecia fundamentalmente mágica a Shadow e suscetível de evaporação a qualquer instante.

No entanto, estava de novo com sua carteira pela primeira vez em três anos. Havia vários cartões de crédito vencidos e um cartão Visa que, ficou feliz em descobrir, não venceria até o fim de janeiro. Ele tinha um número de reserva. Estava certo de que, após chegar em casa, tudo ficaria, de um jeito ou de outro, melhor. Laura estaria bem novamente. Talvez aquilo fosse algum tipo de truque para liberá-lo alguns dias mais cedo. Ou talvez fosse apenas uma confusão: o corpo de alguma outra Laura Moon havia sido retirado dos destroços na estrada.

Raios caíam do lado de fora do aeroporto, através das janelas-parede. Shadow percebeu que prendia a respiração, esperando algo acontecer. Distante, um estrondo de trovão. Ele respirou aliviado.

Uma mulher branca, cansada, olhava para ele de trás do balcão.

— Oi — disse Shadow. Você é a primeira mulher desconhecida, em carne e osso, com quem eu falo nos últimos três anos. — Tenho um número de bilhete eletrônico. Eu deveria viajar na sexta, mas preciso ir hoje. Teve uma morte na minha família.

— Hmm. Sinto muito por isso.

Ela digitou no teclado, olhou para a tela, digitou de novo:

— Sem problema. Coloquei você no voo das três e meia. Pode atrasar por causa da tempestade, por isso é melhor ficar de olho nas telas. Tem alguma bagagem pra despachar?

Ele levantou uma mochila:

— Não preciso despachar isto, preciso?

— Não — ela disse. — Está ótimo. Você tem alguma identificação com foto?

Shadow mostrou sua carteira de motorista.

Não era um aeroporto grande, mas o número de pessoas vagando por lá, andando de um lado para o outro, surpreendeu Shadow. Viu pessoas jogando malas sem cuidado, observou carteiras cheias em bolsos traseiros, viu bolsas largadas embaixo de cadeiras, sem que ninguém estivesse por perto. Então percebeu que não estava mais na prisão.

Trinta minutos de espera antes do embarque. Shadow comprou uma fatia de pizza e queimou o lábio no queijo quente. Pegou o troco e foi até os telefones. Ligou para Robbie, na Muscle Farm, mas foi a secretária eletrônica que atendeu.

— Ei, Robbie — disse Shadow. — Falaram que a Laura morreu. E me deixaram sair mais cedo. Estou chegando em casa.

E então, porque as pessoas cometem erros, eleja vira isso acontecer, ligou para casa e ouviu a voz de Laura.

— Oi — ela disse. — Eu não estou aqui ou não posso atender. Deixe um recado e eu ligo de volta. Tenha um bom dia.

Shadow não conseguiu deixar recado.

Sentou-se em uma cadeira de plástico perto do portão de embarque, segurava sua mochila com tanta força que machucou a mão.

Estava pensando sobre a primeira vez que tinha visto Laura. Na ocasião, nem sabia o nome dela. Era amiga de Audrey Burton. Ele estava com Robbie em um reservado do Chi-Chi, quando Laura entrou e parou mais ou menos um passo atrás de Audrey, e Shadow percebeu que estava olhando para ela. Tinha cabelos compridos e castanhos e olhos tão azuis que Shadow erroneamente pensou que usasse lentes de contato coloridas. Ela havia pedido um daiquiri de morango, e insistira para que Shadow experimentasse, e rira de satisfação quando ele o fez.

Laura adorava que os outros experimentassem o que ela experimentava.

Nesse dia, dera um beijo de boa-noite nela. Tinha gosto de daiquiri de morango, e

ele nunca mais quis beijar ninguém.

Uma mulher anunciou que o embarque de seu avião estava começando, e a fileira de Shadow foi a primeira a ser chamada. Sua poltrona era bem no fundo, com um assento vago atrás dele. A chuva batia continuamente contra a parte externa do avião: imaginou criancinhas pequenas jogando punhados de ervilhas secas do céu.

Quando o avião decolou, ele adormeceu.

Shadow estava em um lugar escuro, e a coisa que olhava para ele tinha uma cabeça de búfalo, fedida e peluda, com enormes olhos úmidos. O corpo da criatura era de homem, oleoso e pegajoso.

— Mudanças estão vindo por aí — disse o búfalo, sem mover os lábios. — Há certas decisões que precisarão ser tomadas.

Chamas ardiam nas paredes úmidas da caverna.

— Onde estou? — Shadow perguntou.

— Na terra e embaixo da terra — disse o homem-búfalo. — Você está onde os esquecidos aguardam.

Os olhos dele eram bolinhas de gude negras e líquidas, e sua voz era um estrondo que parecia vir de dentro da terra. Ele cheirava a cachorro molhado.

— Acredite — disse a voz ribombante. — Se você sobreviver, precisa acreditar.

— Acreditar em quê? — perguntou Shadow. — Em que eu devo acreditar? Ele olhou para Shadow, o homem-búfalo, inchou o peito e ficou enorme, e seus olhos se encheram de fogo. Abriu sua boca de búfalo coberta de cuspe, vermelha por dentro por causa das chamas que ardiam lá dentro.

— Em ludo — rugiu o homem-búfalo.

O mundo inclinava-se e rodava, e Shadow estava no avião mais uma vez; mas a inclinação continuava. Na parte da frente do avião, uma mulher gritava com hesitação.

Relâmpagos irrompiam em clarões ofuscantes em volta do avião. O comandante anunciou nos alto-falantes que tentaria ganhar alguma altitude para fugir da tempestade.

O avião sacudia e tremia, e Shadow ficou imaginando, fria e inutilmente, se iria morrer. Resolveu que parecia possível, mas improvável. Olhava através da janela e assistia aos relâmpagos iluminarem o horizonte.

Então, cochilou mais uma vez, e sonhou que estava de volta à prisão, e que Low Key sussurrava, na fila da comida, que alguém tinha colocado a cabeça dele a prêmio, mas que Shadow não poderia descobrir quem era nem por quê. Quando acordou, estavam prestes a pousar.

Tropeçou para fora do avião, piscando os olhos para acordar.

Todos os aeroportos, ele pensou, pareciam-se muito. Onde você está não faz diferença, você está em um aeroporto: pisos de cerâmica, passarelas e banheiros, portões

de embarque e bancas de revistas, e luzes fluorescentes. Esse aeroporto se parecia com um aeroporto. O problema é que esse não era o aeroporto para onde ele ia. Esse era um aeroporto grande, com gente demais e portões de embarque demais.

— Por favor, moça.

A mulher olhou para ele por cima da prancheta:

— Pois não?

— Que aeroporto é esse?

Ela olhou-o, confusa, tentando definir se ele estava ou não brincando, então respondeu:

— St. Louis.

— Eu achei que esse fosse o avião pra Eagle Point.

— Era. Foi redirecionado pra cá por causa das tempestades. Não deram o aviso?

— Provavelmente. Eu dormi.

— Você tem de falar com aquele homem ali, de casaco vermelho.

O homem era quase tão alto quanto Shadow: parecia-se com o pai de uma série de TV dos anos 70. Ele digitou alguma coisa em um computador e mandou Shadow correr — correr! — até um portão de embarque, na outra ponta do terminal.

Shadow correu pelo aeroporto, mas as portas já estavam fechadas quando ele alcançou o portão de embarque. Ele viu o avião se afastar do terminal através das janelas de vidro.

A mulher no balcão de assistência ao passageiro (baixinha e parda, com uma pinta grande na lateral do nariz) consultou outra mulher e deu um telefonema ("Não, esse aí já foi. Acabaram de cancelar.") e então imprimiu outro cartão de embarque.

— Isto aqui vai levar você até lá — explicou. — Vamos ligar pro portão de embarque com antecedência pra avisar que você está chegando.

Shadow sentiu-se como uma bolinha sendo passada de mão em mão, ou uma carta sendo embaralhada. Mais uma vez correu pelo aeroporto, parando perto de onde havia desembarcado originalmente.

Um homem pequeno, no portão de embarque, pegou seu cartão:

— Estávamos esperando por você — confidenciou, rasgando o canhoto do cartão de embarque, no qual estava marcado o número da poltrona (17D). Shadow apressou-se para entrar no avião, e a porta foi fechada atrás dele.

Atravessou a primeira classe — com apenas quatro assentos, três dos quais ocupados. Um homem barbado, vestido com um terno claro e sentado ao lado do assento vago bem na frente, deu um sorriso cínico para Shadow quando ele entrou no avião, então levantou o pulso e bateu no relógio quando Shadow passou.

É isso aí, estou atrasando o seu vôo, pensou Shadow. Tomara que essa seja a menor das suas preocupações.

O avião pareceu bem cheio enquanto ele caminhava até o fundo. Na verdade estava completamente lotado, e havia uma mulher de meia-idade sentada na poltrona 17D. Shadow mostrou-lhe o canhoto do seu cartão de embarque, e ela fez o mesmo: os dois eram iguais.

— Você pode ocupar o seu assento, por favor? — pediu a comissária de bordo.

— Não — ele disse. — Acho que não vai dar.

Ela estalou a língua e checkou os cartões de embarque deles, então o conduziu de volta à parte da frente do avião, e apontou para o assento vago na primeira classe:

— Parece que é o seu dia de sorte — concluiu. — Posso trazer algo pró senhor beber? Temos o tempo certinho para isso antes da decolagem. E tenho certeza de que o senhor vai precisar de um trago depois disso tudo.

— Eu quero uma cerveja, por favor — disse Shadow. — Qualquer uma que você tiver.

A comissária de bordo afastou-se.

O homem de terno claro sentado ao lado de Shadow bateu em seu relógio de pulso com a unha. Era um Rolex preto.

— Você está atrasado — disse o homem, e mostrou um enorme sorriso que não tinha nenhuma cordialidade.

— Como?

— Eu disse que você está atrasado.

A comissária de bordo entregou a Shadow um copo de cerveja.

Por um instante, ele ficou imaginando se o homem era louco, e então resolveu que ele devia estar se referindo ao avião, esperando por um último passageiro.

— Desculpe por ter segurado o vôo — ele disse, educadamente. — Você está com pressa?

O avião se afastou do terminal. A comissária de bordo voltou e levou embora a bebida de Shadow. O homem de terno claro sorriu para ela e disse:

— Não se preocupe, eu seguro isso aqui firme.

E ela permitiu que ele ficasse com seu copo de Jack Daniel's, enquanto protestava, fracamente, que aquilo violava as regulamentações aéreas. ("Deixe que eu seja o juiz nesse caso, querida.")

— O tempo é certamente muito importante — disse o homem. — Mas, não. Eu só estava preocupado que você não conseguisse chegar.

— Muito gentil da sua parte.

O avião estava inquieto sobre o solo, os motores pulsando, prontos para decolar.

— Gentil o caralho — disse o homem de terno claro. — Eu tenho um serviço pra você, Shadow.

Um rugido de motores. O pequeno avião deu um tranco para a frente, jogando Shadow contra seu assento. E então eles estavam no ar, e as luzes do aeroporto iam embora atrás deles. Shadow olhou para o homem no assento ao seu lado.

Seus cabelos eram cinza-avermelhados; a barba, um pouco mais do que um punhado de pelos vermelho-acinzentados e eriçados. Um rosto marcado, quadrado, com olhos cinza-pálidos. O terno parecia caro e tinha cor de sorvete de baunilha derretido. A gravata era de seda cinza-escura, e o alfinete da gravata era uma árvore, trabalhada em prata: tronco, galhos e raízes profundas.

Ele segurou seu copo de Jack Daniel's durante a decolagem, e não derramou nenhuma gota.

— Você não vai me perguntar que tipo de serviço? — disse.

— Como é que você sabe quem eu sou? O homem deu uma risadinha.

— Ah, é a coisa mais fácil do mundo saber como as pessoas se chamam. Um pouco de raciocínio, um pouco de sorte, um pouco de memória. Pergunte que tipo de serviço.

— Não — disse Shadow.

A comissária trouxe outro copo de cerveja, e ele tomou um gole.

— Por que não?

— Estou indo pra casa. Tenho um emprego esperando por mim. Eu não quero outro serviço.

O sorriso marcado do homem não se alterou aparentemente, mas agora ele parecia surpreso, de verdade.

— Você não tem nenhum emprego esperando por você em casa — ele disse. — Você não tem nada esperando por você lá. Ao mesmo tempo, estou oferecendo um serviço perfeitamente legal; um bom dinheiro, estabilidade razoável, benefícios notáveis. Diabos, se você viver tanto assim, posso até incluir um plano de previdência privada. Você acha que gostaria de ter um desses?

Shadow falou:

— Você deve ter visto meu nome na lateral da minha mochila. O homem não disse nada.

— Seja lá quem você for — disse Shadow —, não poderia saber que eu estaria neste avião, e depois, se o meu avião não tivesse sido desviado para St. Louis, eu não estaria aqui. Meu palpite é que você é um gozador. Talvez você esteja tramando alguma. Mas acho que provavelmente vai ser melhor se a gente terminar essa conversa por aqui.

O homem deu de ombros.

Shadow pegou a revista de bordo. O aviãozinho pulava e sacolejava pelo céu, dificultando a leitura. No momento em que lia, as palavras flutuavam em sua mente como se fossem bolhas de sabão e, um instante depois, desapareciam completamente.

O homem ficou sentado silenciosamente ao lado dele, bebendo seu Jack Daniel's. Seus olhos estavam fechados.

Shadow leu a lista dos canais de música disponíveis a bordo dos vôos transatlânticos, e então olhou para o mapa-múndi com linhas vermelhas sobre o desenho, indicando as rotas da companhia aérea. Acabou de ler a revista e, com relutância, fechou o volume e guardou-o de volta no bolsão da cadeira.

O homem abriu os olhos. Havia algo de estranho em seus olhos, Shadow pensou. Um deles era de um cinza mais escuro do que o outro. Ele olhou para Shadow.

— A propósito — ele disse — sinto muito pela sua mulher, Shadow. Uma grande perda.

Foi então que Shadow quase bateu no homem. Mas preferiu respirar fundo. ("Como eu disse, não irrite as vacas nos aeroportos", disse Johnnie Larch, na sua cabeça, "ou elas vão te trazer de volta para cá antes de você dar uma cuspidinha".) Contou até cinco.

— Eu também senti muito — disse. O homem sacudiu a cabeça.

— Se pudesse ter sido de outro jeito — lamentou com um suspiro.

— Ela morreu em um acidente de carro — disse Shadow. — Existem jeitos piores de morrer.

O homem sacudiu a cabeça, lentamente. Por um instante, pareceu a Shadow que o homem não tinha substância; como se de repente o avião tivesse ficado mais real, ao contrário do seu vizinho.

— Shadow — ele disse —, não é piada. Não é truque. Eu posso pagar melhor do que qualquer outro emprego que você possa encontrar. Você é um ex-presidiário. Não vai ter uma fila comprida de gente se acotovelando pra contratar você.

— Senhor quem-porra-quer-que-você-seja — disse Shadow, apenas na altura suficiente para se fazer ouvir por sobre o zumbido dos motores —, não existe dinheiro bastante no mundo.

O sorriso ficou maior. Shadow se lembrou de um programa sobre chimpanzés a que tinha assistido no canal da TV pública. O programa afirmava que, quando os macacos ou os chimpanzés sorriem, é só para expor os dentes em uma careta de ódio, de agressividade ou de terror. Quando um chimpanzé sorri, é uma ameaça.

— Trabalhe pra mim. Pode haver um pequeno risco, claro, mas, se você sobreviver, vai poder fazer o que o seu coração desejar. Você poderia ser o próximo rei dos Estados Unidos. Agora — disse o homem —, quem é que vai pagar tão bem? Hein?

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Ah, sim. A era da informação... Mocinha, você poderia me servir outra dose de

Jack Daniels? Pega leve no gelo... Não, claro, nunca houve um outro tipo de era. Informação e conhecimento: duas moedas que nunca saíram de moda.

— Eu perguntei quem é você.

— Vamos ver. Bom, considerando que hoje certamente é o meu dia, e que hoje é quarta-feira, por que você não me chama de Wednesday? Senhor Wednesday. Apesar de que, tendo em vista o clima, podia bem ser quinta, hein?

— Qual é o seu nome verdadeiro?

— Trabalhe para mim por bastante tempo, e trabalhe bem — disse o homem de terno claro —, que eu posso até contar isso pra você. Veja bem. Oferta de emprego. Pense sobre isso. Ninguém espera que você diga sim imediatamente, sem saber se vai ter que mergulhar em um tanque de piranhas ou entrar em uma cova de ursos. Passe o quanto for preciso.

Ele fechou os olhos e inclinou o assento para trás.

— Acho que não — disse Shadow. — Eu não gosto de você. Não quero trabalhar com você.

— Como eu disse — falou o homem, sem abrir os olhos — não sã apresse. Pense com calma.

O avião aterrissou com um baque, e alguns passageiros desembarcaram. Shadow olhou pela janela: era um pequeno aeroporto no meio do nada, e ainda faltavam dois pequenos aeroportos até chegar a Eagle Point. Shadow olhou para o homem de terno claro — Senhor Wednesday? Ele parecia dormir.

Impulsivamente, Shadow se levantou, agarrou a mochila, desceu do avião pela escadinha molhada e escorregadia que levava até a pista do aeroporto, e andou com um passo firme em direção às luzes do terminal. Uma chuva leve batia em seu rosto.

Antes de entrar no prédio do aeroporto, ele parou, virou-se, observou. Ninguém mais tinha desembarcado do avião. O pessoal de terra levou a escada embora, a porta se fechou, e o avião decolou. Shadow entrou e alugou um pequeno Toyota vermelho que esperava por ele no estacionamento.

Shadow desdobrou o mapa que lhe haviam dado. Esticou-o sobre o assento do passageiro. Eagle Point estava a cerca de 400 quilômetros dali.

As tempestades haviam passado, se é que haviam chegado tão longe. O ar estava frio e limpo. Nuvens passavam na frente da lua e, por um instante, Shadow não teve certeza se eram as nuvens ou a lua que se movia.

Ele dirigiu para o norte durante uma hora e meia.

Estava ficando tarde. Tinha fome e, quando percebeu o quão faminto estava, deixou a estrada na saída seguinte e entrou na cidade de Nottamun (população 1.301). Encheu o tanque no posto de gasolina Amoco e perguntou à mulher entediada na caixa registradora onde poderia arrumar algo para comer.

— No bar Jack's Crocodile — disse. — Fica a oeste, na estrada local N.

— Bar Jack's Crocodile?

— Ë. Jack fala que eles dão personalidade.

Ela lhe desenhou um mapa atrás de um folheto cor-de-malva que anunciava um frango grelhado em benefício de uma menina pequena que precisava de um rim novo.

— Ele tem uns crocodilos, uma cobra, uma daquelas coisas tipo lagarto.

— Uma iguana?

— É isso mesmo.

Segundo o mapa, dirigiu pela cidade, cruzou uma ponte, rodou mais alguns quilômetros e, finalmente, parou em um prédio baixo, retangular, com um luminoso de cerveja Pabst na frente.

O estacionamento estava meio vazio.

No interior, o ar estava espesso pela fumaça e tocava "Walking After Midnight" na jukebox. Shadow olhou em volta procurando os crocodilos, mas não conseguia vê-los. Perguntou a si mesmo se a mulher no posto de gasolina não tinha tirado um sarro dele.

— O que vai ser? — perguntou o barman.

— A cerveja da casa e um hambúrguer com todos os acompanhamentos. Batata frita.

— Uma tigela de chili pra começar? É o melhor chili do Estado.

— Parece bom — disse Shadow. — Onde fica o banheiro?

O homem apontou para o canto do bar. Havia uma cabeça de jacaré empalhada, pendurada em cima da porta, por onde Shadow entrou.

Era um banheiro limpo e bem iluminado. Shadow primeiro olhou em volta; força do hábito. ("Lembre-se, Shadow, você não pode revidar quando está mijando", Low Key disse na cabeça dele, com seu tom grave de sempre.) Escolheu a cabina da esquerda. Então abriu o zíper e mijou durante um tempão, aliviado. Leu a reportagem em um recorte amarelado impresso, enquadrado na altura dos olhos. Havia uma foto de Jack e de dois jacarés.

Ouviu um resmungo educado vindo da cabina imediatamente à sua direita, apesar de não ter percebido ninguém entrando.

O homem de terno claro era maior em pé do que parecia sentado no avião ao seu lado. Tinha quase a mesma altura de Shadow, e Shadow era um homem grande. Ele estava a sua frente, olhando-o. Terminou de mijar, sacudiu as últimas gotas, e fechou o zíper.

Sorriu, como uma raposa presa em uma cerca de arame farpado.

— Então — disse o senhor Wednesday —, você quer um emprego?

EM ALGUM LUGAR NOS ESTADOS UNIDOS

Los Angeles.

23h26

Em um quarto vermelho escuro — a cor das paredes lembra fígado cru — há uma mulher vestida de forma prosaica, com um short de seda justo demais, e peitos apertados e projetados para a frente pela blusa amarela amarrada embaixo deles. Seu cabelo preto forma uma pilha alta tricotada sobre a cabeça. Em pé ao lado dela há um homem baixo que veste uma camiseta cor-de-oliva e calças jeans caras. Ele segura, na mão direita, uma carteira e um telefone celular Nokia com uma capa vermelha, branca e azul.

O quarto vermelho contém uma cama, sobre a qual há lençóis brancos de cetim e uma colcha vermelho-sangue. Ao pé da cama há uma mesinha de madeira com uma pequena estátua em pedra de uma mulher com quadris enormes segurando um castiçal.

A mulher entrega ao homem uma pequena vela vermelha.

— Aqui está — ela diz. — Acende.

— Eu?

— É. Se você quiser me possuir.

— Eu devia ter feito você só me dar uma chupada no carro.

— Talvez. Você não me quer?

A mão dela desliza pelo corpo, do quadril até o peito, um gesto de apresentação, como se estivesse demonstrando um produto novo.

Lenços de seda vermelha sobre o abajur no canto do quarto deixam a luz vermelha.

O homem a olha faminto, então pega a vela de sua mão e enfia no castiçal.

— Você tem isqueiro?

Ela lhe entrega uma carteira de fósforos. Ele arranca um fósforo, acende o pavio: a luz dá uma tremida e depois queima com uma chama firme, que confere ilusão de movimento à estátua sem rosto que está ao lado, toda quadris e peitos.

— Coloque o dinheiro atrás da estátua.

— Cinquenta paus.

— É — ela diz. — Agora vem aqui me amar.

Ele desabotoa o jeans e tira a camiseta cor-de-oliva. Ela massageia os ombros brancos dele com seus dedos pardos; então ela o vira e começa a fazer amor com ele com as mãos, os dedos e a língua.

Para ele, parece que as luzes no quarto vermelho diminuíram, e que a única iluminação vem da vela, que queima com uma chama brilhante.

— Qual é o seu nome? — ele lhe pergunta.

— Bilquis — ela diz, levantando a cabeça. — Com Q.

— Com o quê?

— Deixa pra lá.

Ele está ofegando agora.

— Deixa eu foder você — ele diz. — Eu preciso foder você.

— Tudo bem, querido. Vamos lá. Mas você vai fazer uma coisa pra mim, enquanto a gente estiver trepando, tudo bem?

— Ei — ele diz, irritado de repente. — Eu estou pagando, sabia? Ela abre as pernas dele, com um movimento suave, sussurrando:

— Eu sei, querido, eu sei, você está me pagando, e é verdade, olhe só pra você, eu é que devia pagar, que sorte eu tenho...

Ele aperta os lábios, tentando demonstrar que a conversa da prostituta não tem nenhum efeito sobre ele, que ele não pode ser seduzido. Ela é uma puta de rua, pelo amor de Deus, ao passo que ele é praticamente um produtor, e ele conhece todos os truques para arrancar uma grana extra no último minuto, mas ela não pede dinheiro. No lugar disso, diz:

— Querido, enquanto você me comer, enquanto você enfiar aquela coisa grande e dura dentro de mim, será que você poderia me idolatrar? — Fazer o quê?

Ela balança para a frente e para trás em cima dele: a cabeça do pênis dele cheia de sangue está se esfregando contra os lábios molhados da vulva dela.

— Você me chama de deusa? Você reza pra mim? Me idolatra com o seu corpo?

Ele sorri. Isso é tudo que ela quer? Afinal, todo mundo tem suas manias.

— Claro — ele diz.

Ela coloca a mão entre as pernas e o faz escorregar para dentro dela.

— Está bom assim, está, deusa? — ele pergunta, ofegando.

— Me idolatra, querido —, diz Bilquis, a prostituta.

— Sim — ele diz. — Eu idolatro seus peitos, seu cabelo e a sua boceta. Eu idolatro o seu quadril, os seus olhos e os seus lábios cor-de-cereja...

— Sim... — ela sussurra, cavalgando em cima dele.

— Eu idolatro os seus mamilos, por onde o leite da vida jorra. O seu beijo é mel e o seu toque queima como fogo, e eu idolatro tudo isso.

As palavras dele estão ficando mais ritmadas agora, seguindo o compasso do vaivém de seus corpos.

— Traz pra mim o seu tesão de manhã, e traz pra mim o seu alívio e a sua bênção à noite. Me deixa caminhar por lugares escuros sem que nada aconteça comigo e vir até

você mais uma vez, dormir do seu lado e fazer amor com você de novo. Eu idolatro você com tudo que existe dentro de mim, e tudo que está na minha mente, com todos os lugares que eu já fui e com os meus sonhos e os meus... — ele pára, ofegante. — O que é que você está fazendo? Isso é demais. Tão demais...

E ele olha em direção aos quadris, para o lugar onde os dois viram um só, mas o dedo indicador dela toca o queixo dele e empurra sua cabeça para trás, então ele olha apenas para o rosto dela e para o teto mais uma vez.

— Continua falando, querido — ela diz. Não pára. Não está bom?

— Está melhor do que qualquer outra coisa que eu já senti — murmura para ela, de coração. — Os seus olhos são estrelas brilhando, porra, no firmamento, e os seus lábios são ondas delicadas que lambem a areia, e eu idolatro tudo isso.

E agora ele está metendo cada vez mais fundo nela: ele se sente elétrico, como se toda a parte inferior de seu corpo houvesse ganhado carga sexual: fállica, cheia de sangue, explodindo de prazer.

— Traz seu dom pra mim —, ele murmura, sem saber o que está dizendo — seu único dom de verdade, e deixa eu ficar sempre assim... Sempre tão... Eu imploro... Eu...

E, então, o prazer atinge seu ápice e se transforma em orgasmo, explodindo sua mente para o vácuo, sua cabeça e seu próprio ser num vazio, quando ele enfia mais fundo nela e mais fundo ainda...

Olhos fechados, em espasmos, ele se deleita no momento; e então sente um puxão, e se sente como se estivesse pendurado, de cabeça para baixo, apesar de o prazer continuar.

Ele abre os olhos.

O homem pensa, tentando retomar a consciência e o raciocínio, no nascimento, e pergunta a si mesmo, sem medo, em um instante de perfeita clareza pós-coito, se o que ele está vendo não é algum tipo de ilusão.

Eis o que vê:

Ele está dentro dela até o peito, e enquanto ele olha para isso com descrença e maravilha, ela está com as duas mãos sobre seus ombros e faz uma pequena pressão sobre o corpo dele.

Ele escorrega mais para dentro dela.

— Como é que você está fazendo isso comigo? — ele pergunta, ou pensa que pergunta, mas talvez seja só sua imaginação.

— Você é que está fazendo isso, querido — ela sussurra.

Ele sente os lábios da vulva dela apertados ao redor da parte superior de seu peito e de suas costas, apertando-o e o envolvendo. E fica imaginando o que aquilo pareceria a alguém que os observasse. E fica imaginando por que não está com medo. E então, ele sabe.

— Eu idolatro você com o meu corpo — ele sussurra, enquanto ela o empurra para dentro dela.

Os lábios vaginais dela se fecham melados sobre o rosto dele, e os olhos dele escorregam para dentro da escuridão.

Ela se espreguiça na cama, como um gato enorme, e então boceja.

— E — ela diz — idolatra mesmo.

O telefone Nokia toca, alto, uma melodia eletrônica de "Ode to Joy". Ela pega o aparelho, aperta uma tecla e coloca o fone no ouvido.

A barriga dela está lisa, seus lábios vaginais, pequenos e fechados. Um lustro de suor brilha na testa e no lábio superior dela.

— Sim? — ela diz.

E, após uma pausa, responde:

— Não, querida, ele não está aqui. Ele foi embora. Ela desliga o telefone antes de se deixar cair na cama do quarto vermelho escuro, então se espreguiça mais uma vez, fecha os olhos e dorme.

CAPÍTULO DOIS

They took her to the cemet'ry

In a big ol' Cadillac

They took her to the e cemet'ry

But they did not bring her back [11](#)

— Canção antiga

— Tomei a liberdade — disse o senhor Wednesday, lavando as mãos no banheiro masculino do bar Jack's Crocodile — de pedir minha comida, pra ser servida na sua mesa. Temos muito a discutir, apesar de tudo.

— Acho que não — falou Shadow.

Ele secou as mãos em uma toalha de papel, amassou-a e jogou-a na lata de lixo.

— Você precisa de um emprego — retrucou Wednesday. — Ninguém contrata um ex-presidiário. Vocês incomodam as pessoas.

— Eu tenho um emprego me esperando. Um emprego bom.

— Seria o trabalho na Muscle Farm?

— Talvez — disse Shadow.

— Não. Você não tem. Robbie Burton está morto. Sem ele, a Muscle Farm também está morta.

— Você é um mentiroso.

— Claro, e sou bom. O melhor que você vai conhecer na vida. Mas acho que não estou mentindo agora. Retirou do bolso um jornal dobrado e entregou-o a Shadow:

— Página sete — ele disse. — Vamos voltar pro bar. Você pode ler isso aí na mesa.

Shadow empurrou e abriu a porta para dentro do bar. O ar estava azulado de fumaça, e a jukebox tocava "Iko Iko", dos Dixie Cups. Shadow sorriu, de leve, reconhecendo a antiga canção infantil.

O barman apontou para uma mesa no canto. De um lado havia uma tigela de chili e um hambúrguer, e do outro, um bife mal passado e uma tigela de batatas fritas.

Look at my king ali dressed in red, Iko lho all day, I bet you five dollars he'll kill you dead, Jockamo-feena-nay [12](#)

Shadow sentou-se no seu lugar. Colocou o jornal de lado.

— Esta é a minha primeira refeição como homem livre. Vou terminar de comer antes de ler a sua página sete.

Shadow comeu seu hambúrguer. Estava melhor do que os da prisão. O chili estava bom, mas ele resolveu, depois de algumas garfadas, que não era o melhor do Estado.

Laura fazia um chili maravilhoso. Usava carne magra, feijão preto, cenouras cortadinhas, quase uma garrafa de cerveja escura e pimentas malaguetas cortadas na hora. Ela deixava o chili cozinhar durante um tempo, então adicionava vinho tinto, suco de limão e uma pitada de endro fresco e, para terminar, media e adicionava pimentas em pó. Em mais de uma ocasião Shadow tinha pedido a Laura que lhe mostrasse como fazer: ele observava cada passo, desde cortar as cebolas e jogá-las no azeite de oliva, no fundo da panela. Ele até anotou a receita, ingrediente por ingrediente — uma vez, num fim de semana que ela havia viajado, ele preparou o chili da Laura para si mesmo. O gosto ficou bom — certamente era comível, mas não era o chili da Laura.

A notícia na página sete foi a primeira descrição que Shadow leu a respeito da morte de sua mulher. Laura Moon, que segundo o artigo tinha 27 anos, e Robbie Burton, 39, estavam no carro de Robbie, na rodovia interestadual, quando desviaram em direção a um caminhão de 32 rodas. Após o choque, o carro de Robbie saiu rodopiando para o acostamento.

Equipes de resgate retiraram Robbie e Laura dos destroços. Os dois estavam mortos quando chegaram ao hospital.

Shadow fechou o jornal e, com um empurrão, fez com que deslizasse até o outro lado da mesa, em direção a Wednesday, que estava se entupindo com um bife tão sanguinolento e tão cru que parecia nunca ter sido apresentada à chama de um fogão.

— Aí está. Pegue de volta — disse Shadow.

Robbie estava dirigindo. Devia estar bêbado, apesar de o relato do jornal não falar nada sobre isso. Shadow ficou imaginando o rosto de Laura quando ela percebeu que Robbie estava bêbado demais para dirigir. A cena desdobrava-se na cabeça de Shadow, e não havia nada que pudesse fazer para que parasse:

Laura gritando para Robbie, gritando para ele encostar, então o estrondo do carro contra o caminhão, e tudo rodando, rodando...

...o carro no acostamento, vidro quebrado brilhando como gelo e diamante sob as luzes dos faróis, e sangue empossado como um monte de rubis na estrada ao lado deles. Dois corpos sendo retirados dos destroços e acomodados no acostamento.

— Então? — perguntou o senhor Wednesday. Ele havia terminado seu bife, devorara-o como um homem faminto. Agora, mastigava as batatas fritas, espetando-as

com seu garfo.

— Você está certo — disse Shadow. — Eu não tenho emprego. Shadow tirou uma moeda de 25 centavos do bolso, com o lado da coroa voltado para cima. Com um peteleco, jogou-a no ar, fazendo com que oscilasse e rodopiasse, agarrou-a e, com um tapa, acomodou-a sobre as costas da mão.

— Cara ou coroa? — perguntou.

— Por quê? — retrucou Wednesday.

— Eu não quero trabalhar pra ninguém que tenha menos sorte do que eu. Cara ou coroa?

— Cara — disse o senhor Wednesday.

— Desculpa — disse Shadow, sem nem se preocupar em olhar a moeda. — Deu coroa. Eu trapaceei.

— Jogos de trapaça são os mais fáceis de ganhar — disse Wednesday, sacudindo um dedo quadrado na direção de Shadow. — Dê outra olhada.

Shadow olhou para a moeda. O lado da cara estava virado para cima.

— Devo ter feito um movimento errado — disse, confuso.

— Você só prejudica a si próprio — disse Wednesday, e sorriu. — Eu sou só um cara sortudo, muito sortudo. Então, ele olhou para cima:

— Bom, eu nunca faço movimentos errados. Mad Sweeney! Você toma um drinque com a gente?

— Southern Comfort e Coca, na verdade — disse uma voz atrás de Shadow.

— Eu vou lá falar com o barman — disse Wednesday. Ele se levantou e caminhou em direção ao bar.

— Você não vai perguntar o que vou beber? — reclamou Shadow.

— Eu já sei o que você vai beber — disse Wednesday, e logo estava em pé ao lado do bar.

Patsy Cline começou a cantar "Walking After Midnight" na jukebox. Southern Comfort e Coca sentou-se ao lado de Shadow. Ele tinha uma barba ruiva curta. Usava uma jaqueta jeans coberta com apliques de panos coloridos e, sob ela, uma camiseta branca manchada. Na camiseta lia-se:

SE VOCÊ NÃO PUDE COMER, BEBER, FUMAR OU CHEIRAR... ENTÃO,
FODA-SE

Usava um boné de beisebol com a frase:

A ÚNICA MULHER QUE EU AMEI NA VIDA ERA CASADA COM OUTRO
HOMEM... MINHA MÃE!

Ele abriu um maço comum de Lucky Strike com um dedão sujo, tirou um cigarro,

ofereceu a Shadow. Shadow estava prestes a pegar um, automaticamente — ele não fumava, mas um cigarro é uma boa moeda de troca — quando percebeu que não estava mais na prisão. Sacudiu a cabeça.

— Você trabalha pró nosso homem, então? — perguntou o homem barbado. Ele não estava sóbrio, mas ainda não estava bêbado.

— Parece que sim — disse Shadow. — O que é que você faz? O homem barbado acendeu o cigarro.

— Eu sou um leprechaun — disse com um sorriso malicioso. Shadow não sorriu.

— É mesmo? — perguntou. — Você não deveria beber Guinness?

— Estereótipos! Você tem que aprender a pensar além dos limites — disse o homem barbado. — Tem muito mais coisa na Irlanda do que Guinness.

— Você não tem sotaque irlandês.

— Eu estou aqui há tempo demais.

— Então você veio mesmo da Irlanda?

— Já disse. Eu sou um leprechaun. A gente não vem da porra de Moscou!

— Acho que não.

Wednesday voltou para a mesa, três drinques facilmente acomodados em suas mãos que pareciam patas.

— Southern Comfort e Coca pra você, Mad Sweeney, meu homem, e um Jack Daniel's pra mim. E isto é pra você, Shadow.

— O que é?

— Experimenta.

A bebida tinha uma cor dourada amarelo-tostada. Shadow deu um golinho, sentindo o gosto de uma mistura esquisita de amargo e doce na língua. Ele conseguia sentir o gosto do álcool no fundo, além de uma mistura estranha de sabores. Lembrou-lhe um pouco o destilado da prisão, fermentado em um saco de lixo com frutas podres, pão, açúcar e água, mas era mais doce, e muito mais estranho.

— Tudo bem — disse Shadow. — Eu experimentei. O que é?

— Mulso — disse Wednesday. — Vinho de mel. A bebida dos heróis". A bebida dos deuses.

Shadow deu outro golinho. É, ele percebeu que conseguia sentir o gosto do mel. Aquele era um dos gostos.

— Tem um gosto meio de água de picles — ele disse. — Vinho doce de água de picles.

— Tem gosto do mijo de um diabético bêbado — discordou Wednesday. — Eu odeio isso aí!

— Então por que você trouxe pra mim? — perguntou Shadow, sem entender. Wednesday olhou para Shadow com seus olhos desemparelhados. Shadow achou que um deles era um olho de vidro, mas não conseguia definir qual.

— Eu trouxe mulso pra você beber porque é tradicional. E, neste momento, precisamos de toda a tradição que conseguirmos para selar nosso acordo.

— Nós não fizemos acordo nenhum.

— Claro que fizemos. Você trabalha pra mim agora. Você me protege. Você me transporta de um lugar pro outro. Você leva recados. Em uma emergência, mas só em uma emergência, você machuca pessoas que precisam ser machucadas. No evento improvável da minha morte, você conduz minha vigília. E, em troca, eu vou me certificar de que as suas necessidades sejam atendidas.

— Ele está enrolando você — disse Mad Sweeney, esfregando a barba ruiva por fazer. — Ele é um enrolador.

— Claro que eu sou um agitador — disse Wednesday. — Por isso, preciso de alguém pra cuidar dos meus interesses.

A música na jukebox terminou, e por um instante o bar ficou quieto, todas as conversas deram uma trégua.

— Alguém me disse uma vez que esses momentos em que todo mundo cala a boca ao mesmo tempo acontecem quando passaram vinte minutos de uma hora completa ou quando faltam vinte minutos pra completar uma hora — disse Shadow.

Sweeney apontou para o relógio em cima do bar, preso nas mandíbulas enormes e indiferentes da cabeça empalhada de um jacaré. Marcava 11h20.

— Está vendo — disse Shadow. — Maldição, como eu queria saber por que isso acontece!

— Eu sei por quê — disse Wednesday. — Beba seu mulso. Shadow acabou com o resto do mulso com um longo gole:

— Deve ficar melhor com gelo — disse.

— Ou não — disse Wednesday. — Isso aí é horrível.

— É sim — concordou Mad Sweeney. — Me dêem licença por um instante, cavalheiros, mas eu me encontro em necessidade profunda e urgente de dar uma mijada bem longa.

Ele se levantou e saiu andando, era um homem incrivelmente alto. Shadow achou que ele tinha quase dois metros e dez.

Uma garçonete passou um pano na mesa e levou os pratos vazios. Wednesday lhe disse que trouxesse de novo a mesma coisa para todo mundo, mas agora o mulso de Shadow deveria ser com gelo.

— De qualquer jeito — disse Wednesday — é isso que eu preciso de você.

— E você gostaria de saber o que eu quero? — perguntou Shadow.

— Nada me deixaria mais feliz.

A garçonete trouxe a bebida. Shadow deu um golinho no mulso com gelo. O gelo não ajudou — se é que surtia algum efeito, acentuava o amargor, e fazia com que o gosto ficasse na boca depois de o mulso ser engolido. Ainda assim, Shadow consolou-se, não tinha um gosto particularmente alcoólico. Ele não estava pronto para ficar bêbado. Ainda não.

— Tudo bem — disse Shadow. — Minha vida, que durante três anos esteve bem longe de ser a melhor do mundo, acabou de dar uma virada louca e repentina pra pior. Agora tem algumas coisas que eu preciso fazer. Eu quero ir ao enterro da Laura. Eu quero me despedir. Eu deveria me desfazer das coisas dela. Se ainda assim você precisar de mim, eu gostaria de começar ganhando 500 dólares por semana.

A quantia era um tiro no escuro. Os olhos de Wednesday não revelaram nada.

— Se nós ficarmos contentes de trabalhar juntos, em seis meses você aumenta pra 1.000 dólares por semana.

Ele fez uma pausa. Esse era o maior discurso que havia feito em anos.

— Você diz que posso precisar machucar pessoas. Bom, eu vou machucar as pessoas que tentarem machucar você. Mas não machuco gente por diversão nem por lucro. Eu não vou voltar pra prisão. Uma vez foi suficiente.

— Não, você não vai precisar fazer isso — disse Wednesday.

— Não — repetiu Shadow. — Não vou.

Ele terminou o resto do mulso. De repente, começou a se perguntar em pensamento se seria o mulso o responsável por ele soltar a língua. Mas as palavras saíam como água espirrando de um hidrante quebrado no verão, e ele não poderia contê-las mesmo se tivesse tentado.

— Eu não gosto de você, senhor Wednesday ou qualquer que seja o seu nome verdadeiro. Nós não somos amigos. Eu não sei como é que você saiu daquele avião sem eu ver, ou como você me perseguiu até aqui. Mas eu estou em um beco sem saída neste momento. Quando terminarmos nosso assunto, eu me mando. E se você me encher o saco, eu me mando também. Até lá, vou trabalhar pra você.

— Muito bem — exclamou Wednesday. — Então temos um pacto. E estamos combinados.

— Que seja — disse Shadow.

Do outro lado da sala, Mad Sweeney colocava moedas na jukebox. Wednesday cuspiu na mão e a estendeu. Shadow deu de ombros. Cuspiu na própria mão. Os dois apertaram as mãos. Wednesday começou a apertar mais forte. Shadow apertou de volta. Depois de alguns segundos, sua mão começou a doer. Wednesday segurou mais um pouquinho e, então, soltou.

— Bom — ele disse. — Bom. Muito bom. Então, um último copo da porra do mulso infeliz pra selar o nosso acordo e, daí, estaremos prontos.

— Vai ser um Southern Comfort e Coca pra mim — pediu Sweeney, afastando-se da jukebox.

A jukebox começou a tocar "Who Loves the Sun?", do Velvet Underground. Shadow achou que era uma música estranha, e bem improvável, para estar numa jukebox. Mas, e daí? Por toda a noite tinham acontecido coisas cada vez mais improváveis.

Shadow pegou da mesa a moeda que havia usado para o cara ou coroa, apreciando a sensação de pegar em uma moeda recém-cunhada, segurando-a na mão direita entre o polegar e o indicador. Fingiu passá-la para a mão esquerda com um movimento suave, enquanto a escondia casualmente na palma da mão direita. Fechou a mão esquerda sobre a moeda imaginária. Então pegou uma segunda moeda na mão direita, entre o polegar e o indicador e, quando fingia deixar a moeda cair na mão esquerda, deixou que a moeda caísse na palma da mão direita, batendo na outra que já estava lá, dando a impressão de que as duas estavam agora na mão esquerda. O tilintar confirmou a ilusão de que as duas moedas estavam nessa mão, quando na verdade estavam firmes na mão direita.

— Truques com moedas, é? — perguntou Sweeney, levantando o queixo, com os pelos da nuca eriçados. — Se vamos fazer truques com moedas, olha isso.

Ele pegou um copo vazio da mesa. Esticou a mão e pegou do ar uma moeda de ouro grande e brilhante. Deixou que caísse dentro do copo. Pegou outra moeda de ouro do ar e a jogou dentro do copo, onde tilintou de encontro à primeira. Pegou uma moeda da chama de uma vela que estava na parede, outra da barba, uma terceira da mão esquerda vazia de Shadow e deixou-as cair, uma a uma, dentro do copo. Então fechou os dedos por cima do copo e assoprou forte, e várias outras moedas de ouro caíram da mão dele para dentro do copo. Ele virou o copo de moedas pegajosas no bolso da jaqueta, e depois deu um tapinha no bolso para mostrar, sem sombra de dúvida, que estava vazio.

— Pronto — ele disse. — Aí está um truque com moeda pra você. Shadow, que havia assistido a tudo com atenção, deixou a cabeça cair para o lado:

— Eu preciso saber como foi que você fez isso.

— Eu fiz — disse Sweeney, com ares de quem estava contando um grande segredo — com elegância e estilo. Foi assim que eu fiz.

E deu uma gargalhada silenciosa, balançando-se nos saltos das botas e mostrando os dentes com falhas.

— É — disse Shadow. — Foi assim que você fez. Você precisa me ensinar. Há várias maneiras de fazer esse truque, que eu li, mas você precisa esconder as moedas na mão que estiver segurando o copo e largar cada uma para que ela passe, sem ser notada, para a mão direita.

— Parece que dá muito trabalho — retrucou Mad Sweeney. — É mais fácil pegar as moedas do ar. Wednesday disse:

— Mulso pra você, Shadow. Eu vou continuar com o senhor Jack Daniels, e pró

irlandês folgado...?

— Uma garrafa de cerveja, de preferência alguma coisa escura — falou Sweeney.
— Folgado, é?

Ele pegou o que restava de sua bebida e levantou o copo para fazer um brinde a Wednesday:

— Que a tempestade passe por cima de nós e que nos deixe todos sãos e salvos — e, ruidosamente, colocou o copo de volta sobre a mesa.

— Um belo brinde — disse Wednesday — Mas isso não vai acontecer. Outro copo de mulso foi colocado na frente de Shadow.

— Eu tenho que beber isso?

— Acho que sim. Pra selar nosso acordo. A terceira vez é a que vale, não é?

— Merda — reclamou Shadow.

Ele engoliu o mulso em dois goles grandes. O gosto de mel com pickles encheu a boca dele.

— Pronto — disse o senhor Wednesday. — Agora você é o meu homem.

— Então — perguntou Sweeney —, você quer saber como eu faço o truque?

— Quero — respondeu Shadow. — Você estava escondendo as moedas na manga?

— Nunca ficaram na minha manga.

Ele riu para si mesmo, balançando o corpo para a frente e para trás, e pulando como se fosse um vulcão desajeitado e barbudo preparando-se para entrar em erupção e ejetar seu próprio brilhantismo com prazer.

— É o truque mais simples do mundo. Eu brigo com você pela informação. Shadow sacudiu a cabeça:

— Eu passo.

— Ah, isso é ótimo — disse Sweeney para o bar inteiro. — O velho Wednesday arruma um guarda-costas e o cara tem medo até de mostrar os punhos.

— Eu não vou brigar com você — Shadow continuou a dizer. Sweeney balançava o corpo de um lado para o outro e suava. Brincou com a ponta do boné de beisebol. Então pegou uma de suas moedas do ar e a colocou sobre a mesa:

— É ouro de verdade, no caso de você estar duvidando — falou Sweeney. — Ganhando ou perdendo, e você vai perder, será sua se você brigar comigo. Um cara grande como você, quem é que ia pensar que você era uma porra de um covarde?

— Eleja disse que não vai brigar com você — falou Wednesday. — Vai embora, Mad Sweeney. Leva a sua cerveja e deixa a gente em paz.

Sweeney deu um passo para chegar mais perto de Shadow.

— Vai me chamar de folgado, é, criatura maldita? Seu macaco de sangue frio e sem coração!

Seu rosto ficou vermelho de raiva. Wednesday esticou as mãos, com as palmas para cima, pacificador:

— Que bobagem, Sweeney. Veja bem o que você diz. Sweeney olhou diretamente para ele. Então disse, com a gravidade de quem está muito bêbado:

— Você contratou um covarde. O que acha que ele faria se eu machucasse você?

Wednesday voltou-se para Shadow:

— Pra mim, chega — disse. — Resolve.

Shadow ficou em pé e precisou olhar para cima para ver o rosto de Mad Sweeney: que altura será que aquele homem tinha?, perguntou a si mesmo.

— Você está nos incomodando — disse. — Você está bêbado. Acho que devia ir embora agora.

Um sorriso lento apareceu no rosto de Sweeney.

— Só porque você quer — retrucou.

E lançou um enorme punho na direção de Shadow. Shadow desviou para trás, mas a mão de Sweeney acertou em cheio embaixo do seu olho direito. Ele enxergou pontos de luz e sentiu dor.

E, assim, a briga começou.

Sweeney brigava sem estilo, sem ciência, sem nada além de entusiasmo pela luta em si: dava grandes golpes rápidos em todas as direções, que erravam o alvo tanto quanto acertavam-no.

Shadow brigava na defensiva, com cuidado, bloqueando os golpes de Sweeney ou evitando-os. Tomou consciência da multidão ao redor deles. Mesas foram tiradas do caminho com resmungos de protesto, abrindo espaço para que continuassem sua luta de boxe. Durante todo o tempo, Shadow percebeu os olhos de Wednesday sobre ele, e seu sorriso sem humor. Aquilo era um teste, era óbvio. Mas, que tipo de teste?

Na prisão, Shadow aprendera que existiam dois tipos de luta: brigas do tipo não se meta comigo, nas quais você causava a melhor impressão que conseguia, com bastante exibição, e as brigas particulares, brigas de verdade, que eram rápidas, duras e horríveis, e que sempre acabavam em segundos.

— Ei, Sweeney — disse Shadow. — Por que nós estamos brigando?

— Pelo prazer da luta — disse Sweeney, agora sóbrio ou, pelo menos, não mais visivelmente bêbado. — Pelo simples prazer vazio da porra da briga. Você não sente o prazer correndo nas veias, igual à seiva das plantas na primavera?

O lábio dele sangrava, assim como os nós dos dedos de Shadow.

— Então, como é que você faz aparecer aquelas moedas? — perguntou Shadow.

Ele desviou para trás e se contorceu, levou um soco no ombro que deveria ter sido no rosto.

— Expliquei como eu fiz, quando a gente conversou — rosnou Sweeney — Mas ninguém é mais cego... Ai! Belo golpe!... Do que quem não ouve.

Shadow deu vários socos em Sweeney, derrubando-o por cima de uma mesa... Copos vazios e cinzeiros despedaçaram-se no chão. Shadow poderia ter acabado com ele naquela hora.

Shadow deu uma olhadela para Wednesday, e ele assentiu com a cabeça. Shadow abaixou a cabeça e olhou para Mad Sweeney:

— Terminamos? — perguntou.

Mad Sweeney hesitou, e então assentiu com a cabeça. Shadow o largou e deu vários passos para trás. Sweeney, ofegando, aprumou-se de volta a uma posição ereta.

— Nem fodendo! — gritou. — Não vai acabar até eu falar que acabou. E então ele sorriu mostrando os dentes e se jogou para a frente, dando golpes na direção de Shadow. Pisou em um cubo de gelo que tinha caído no chão e seu sorriso transformou-se em um susto de boca aberta, quando seus pés lhe fugiram e ele caiu de costas. A parte de trás da sua cabeça bateu no chão do bar, com um forte estampido.

Shadow colocou o joelho no peito de Mad Sweeney:

— Pela segunda vez, nossa briga terminou? — perguntou.

— Pode ser que sim — disse Sweeney, levantando a cabeça do chão —, porque o prazer se diluiu, como o mijo de um menininho em uma piscina em um dia de calor.

Ele cuspiu o sangue da boca, fechou os olhos e começou a roncar, roncos profundos e magníficos.

Alguém deu um tapinha nas costas de Shadow. Wednesday colocou uma garrafa de cerveja na mão dele.

Tinha um gosto bem melhor do que o mulso.

Shadow acordou estirado no banco de trás de um seda. O sol da manhã o ofuscava, e a cabeça dele doía. Sentou-se de maneira desajeitada, esfregando os olhos. Wednesday dirigia, cantarolando fora de tom. Havia um copo de papel no porta-copos. Rodavam por uma auto-estrada interestadual. O assento do passageiro estava vazio.

— Como é que você está se sentindo nesta linda manhã? — perguntou Wednesday sem se virar para trás.

— O que aconteceu com o meu carro? — perguntou Shadow. — Era alugado.

— Mad Sweeney devolveu pra você. Fazia parte do acordo que vocês dois fecharam ontem à noite. Depois da briga.

Diálogos da noite anterior começaram a se espremer de maneira desconfortável na mente de Shadow.

— Você tem mais desse café?

O homem grande esticou a mão para baixo do assento do passageiro e passou uma garrafa fechada de água para trás.

— Tome. Você vai ficar desidratado. Por enquanto, isso aqui vai ajudar mais do que café. Vamos parar no próximo posto pra tomar um café da manhã. Você também vai precisar se limpar... Está parecendo com alguma coisa que o bode trouxe, como diz o ditado.

— Que o gato trouxe.

— Bode — disse Wednesday. — Um bode enorme, fedido e sujo, com dentes grandes.

Shadow desatarraxou a tampa da água e bebeu. Alguma coisa tilintou pesadamente no bolso da jaqueta dele. Colocou a mão no bolso e tirou uma moeda do tamanho de uma de cinquenta centavos de dólar. Era pesada e tinha uma cor amarelada, forte.

No posto de gasolina, Shadow comprou uma nécessaire, que tinha um barbeador, um sache de creme de barbear, um pente e uma escova de dentes descartável, embalada com um tubo de pasta de dente bem pequeno. Entrou no banheiro masculino e se olhou no espelho.

Tinha uma marca roxa embaixo de um dos olhos — quando a apalpou, para testar, descobriu que doía muito —, e o lábio inferior estava inchado.

Shadow lavou o rosto com o sabonete líquido do banheiro, depois passou o creme de barbear e fez a barba. Escovou os dentes. Umedeceu os cabelos e os penteou para trás. Ainda parecia maltratado.

Ficou imaginando o que Laura diria quando o visse, e então se lembrou de que Laura nunca mais diria nada, e viu seu rosto tremer no espelho, mas só por um instante.

Saiu do banheiro.

— Pareço péssimo — disse Shadow.

— Claro que sim — Wednesday concordou.

Wednesday levou alguns salgadinhos até o caixa, pagou pela comida e pela gasolina, mudando de ideia duas vezes a respeito de pagar com dinheiro ou cartão, para a irritação da mocinha que mascava chiclete atrás do balcão. Shadow observou que Wednesday ficava cada vez mais atrapalhado e não parava de se justificar. De repente, ele pareceu muito velho. A moça devolveu o dinheiro dele e debitou a compra no cartão, e então lhe entregou o recibo e pegou o dinheiro. Depois devolveu o dinheiro e pegou um cartão diferente. Wednesday estava obviamente prestes a chorar, um homem velho inutilizado pela marcha implacável do plástico no mundo moderno.

Saíram da loja quentinha do posto de gasolina e o hálito deles virou vapor no ar.

De novo na estrada: campinas de grama ressecada passavam pelos dois lados. As árvores estavam desfolhadas e pareciam mortas. De cima de um fio de telégrafo, dois

pássaros pretos olhavam para eles.

— Ei, Wednesday.

— O quê?

— Pelo que eu vi, você não pagou a gasolina.

— É?

— Ela acabou pagando pelo privilégio de ter você no posto dela. Você acha que ela já percebeu?

— Nunca vai perceber.

— Então, o que você é? Um artista do contra que não vale nada? Wednesday assentiu com a cabeça.

— É — ele disse — acho que sou. Entre outras coisas. Desviou o carro para a faixa da esquerda para ultrapassar um caminhão. O céu era de um cinza uniforme e desolador.

— Vai nevar — Shadow falou.

— Vai.

— Sweeney. Ele acabou me mostrando como se faz aquele truque das moedas?

— Ah, mostrou.

— Eu não me lembro.

— Vai voltar. Foi uma noite longa.

Vários pequenos flocos de neve caíam de encontro ao pára-brisa, derretendo em segundos.

— O velório da sua mulher está sendo na funerária Wendell agora — disse Wednesday. — E, depois do almoço, vão levá-la de lá pró cemitério.

— Como é que você sabe?

— Eu liguei antes, quando você estava no banheiro. Você sabe onde é a funerária Wendell?

Shadow assentiu com a cabeça. Os flocos de neve rodopiavam e espiralavam na frente deles.

— Esta é a nossa saída — disse Shadow.

O carro saiu da rodovia interestadual e passou o aglomerado de motéis, ao norte de Eagle Point.

Três anos tinham se passado. Sim. Havia mais semáforos, fachadas de lojas estranhas. Shadow pediu a Wednesday que diminuísse quando passaram em frente à Muscle Farm. FECHADO POR TEMPO INDETERMINADO, dizia o aviso na porta, escrito à mão, DEVIDO A FALECIMENTO.

A esquerda na rua principal, passaram por um novo ateliê de tatuagem e pelo Centro de Recrutamento do Exército, depois pelo Burger King, pela farmácia Olsen, familiar e imutável, e finalmente pela fachada amarela de tijolos da funerária Wendell. Um luminoso em néon dizia FUNERÁRIA. Lápides em branco repousavam sem batismo e sem entalhamento na vitrina sob o luminoso.

Wednesday parou no estacionamento.

— Você quer que eu entre? — perguntou.

— Não exatamente.

— Que bom.

O sorriso se acendeu, sem humor.

— Tem uns negócios de que eu posso ir tratando enquanto você se despede. Eu vou reservar quartos pra nós no Motel América. Vá me encontrar lá quando terminar.

Shadow desceu do carro e observou enquanto Wednesday se afastava. Então, entrou. O corredor mal-iluminado cheirava a flores e a lustra-móveis, havia um odor muito sutil de formaldeído. No fundo, ficava a capela do velório.

Shadow percebeu que estava com a moeda de ouro na mão, como se estivesse treinando seus truques. O peso dela era tranquilizador.

O nome de sua mulher estava escrito em uma folha de papel ao lado da porta mais ao fundo do corredor. Ele entrou na capela. Shadow conhecia a maior parte das pessoas na sala: os colegas de trabalho e muitos dos amigos de Laura.

Todos o reconheceram. Ele podia perceber isso no rosto de cada um deles. Não houve sorrisos tampouco cumprimentos.

No fundo da sala havia um pequeno estrado e, sobre ele, um esquite cor-de-creme com várias coroas de flores arrumadas em sua volta: escarlates, amarelas, brancas e roxas, escuras e da cor de sangue. Deu um passo para a frente. Conseguia ver o corpo de Laura do lugar em que estava. Não queria ir mais para a frente... E não ousava ir embora.

Um homem de terno escuro — Shadow supôs que ele trabalhasse na funerária —, disse:

— Senhor? O senhor gostaria de assinar o livro de condolências e de lembranças?

E, dizendo isso, direcionou-o a um livro com capa de couro, aberto sobre um pequeno apoio.

Ele escreveu SHADOW e a data com sua caligrafia precisa. Então, lentamente, escreveu (CACHORRINHO) do lado, descartando a ideia de andar até o fundo da sala onde estavam as pessoas, além do esquite, e a coisa dentro do esquite cor-de-creme que não era mais Laura.

Uma mulher pequena atravessou a porta e hesitou. O cabelo dela era de um vermelho cor-de-cobre, e suas roupas eram caras e muito escuras. Malditas viúvas, Shadow pensou. Ele a conhecia bem. Audrey Burton, a mulher de Robbie.

Audrey segurava um ramalhete de violetas, enrolado na base com papel alumínio. Era o tipo de coisa que uma criança faria no verão, pensou Shadow. Mas não estava na época das violetas.

Ela cruzou a sala até o esquite de Laura. Shadow a seguiu.

Laura estava deitada com os olhos fechados e os braços dobrados sobre o peito. Ela usava um taylor azul conservador que ele não reconheceu. Os longos cabelos castanhos estavam afastados dos olhos. Era e não era Laura: o repouso dela, ele percebeu, era o que havia de artificial. Laura sempre tivera um sono agitado.

Audrey ajeitou seu ramalhete de violetas de verão sobre o peito de Laura. Então mexeu a boca por um instante e cuspiu, forte, no rosto morto de Laura.

O cuspe pegou Laura na bochecha e começou a escorrer em direção à orelha.

Audrey já se dirigia para a porta. Shadow correu atrás dela.

— Audrey? — ele disse.

— Shadow? Você fugiu? Ou deixaram você sair? Ele perguntou a si mesmo se ela estaria tomando calmantes. A voz dela estava distante e desinteressada.

— Me deixaram sair ontem. Sou um homem livre — disse Shadow. — Que merda foi aquela?

Ela parou no meio do corredor escuro:

— As violetas? Foram sempre as flores preferidas dela. Quando éramos meninas, costumávamos colher violetas juntas.

— Não estou falando das violetas.

— Ah, aquilo — ela disse.

Tirou algo invisível do canto da boca com a mão.

— Bom, eu achei que era óbvio.

— Não pra mim, Audrey — Não contaram pra você?

A voz dela estava calma, sem emoção.

— Sua mulher morreu com o pau do meu marido na boca, Shadow. Ele voltou para a funerária. Alguém já havia enxugado o cuspe.

O enterro foi depois do almoço — Shadow comeu no Burger King. O caixão cor-de-creme de Laura foi enterrado no pequeno cemitério sem nome que ficava depois da cidade: sem cerca, era uma campina cheia de morrinhos e coalhada de lápides de granito preto e de mármore branco.

Ele foi até lá no carro funerário da Wendell com a mãe de Laura. A senhora McCabe parecia achar que a morte de Laura era culpa de Shadow.

— Se você estivesse aqui — ela disse —, isso nunca teria acontecido. Eu não sei por que ela se casou com você. Eu disse pra ela. Mais de uma vez, eu disse. Mas elas não

escutam as mães, não é?

Ela parou, olhou o rosto de Shadow mais de perto:

— Você andou brigando?

— Andei — ele respondeu.

— Bárbaro! — ela disse.

Apertou os lábios, levantou a cabeça, fazendo o queixo tremer, e olhou diretamente para a frente.

Para a surpresa de Shadow, Audrey Burton também estava no enterro, parada no fim da aglomeração. A cerimônia curta acabou, o esquife foi baixado no chão frio. As pessoas se dispersaram.

Shadow não foi embora. Ficou lá com as mãos nos bolsos, tremendo, olhando para o buraco no chão.

Sobre sua cabeça, o céu era cinza-aço, sem formas, e plano como um espelho. Continuava nevando, de forma irregular, em flocos fantasmagóricos que pareciam tropeçar no ar.

Havia algo que ele queria dizer a Laura, e estava preparado para esperar até descobrir o que era. O mundo começou a perder a luz e a cor lentamente. Os pés de Shadow estavam ficando dormentes, ao mesmo tempo em que seu rosto e suas mãos doíam de frio. Ele enfiou as mãos nos bolsos em busca de calor, e seus dedos se fecharam em volta da moeda de ouro.

Caminhou até a cova.

— Isto é pra você — disse.

Várias pás de terra haviam sido esvaziadas sobre o esquife, mas o buraco estava longe de estar cheio. Shadow atirou a moeda de ouro na cova, e então jogou mais terra no buraco, para esconder a moeda dos coveiros gananciosos. Tirou a terra das mãos e disse:

— Boa noite, Laura. E então, completou:

— Desculpa.

Virou o rosto em direção às luzes da cidade e começou a caminhar de volta para Eagle Point.

O hotel ficava a uns bons três quilômetros de distância, mas, depois de passar três anos na prisão, ele saboreava a ideia de simplesmente poder caminhar e caminhar mais, para sempre se precisasse. Ele poderia caminhar em direção ao norte e terminar no Alasca, ou dirigir-se para o sul, para o México e além. Poderia caminhar até a Patagônia, ou até a Terra do Fogo.

Um carro parou ao lado dele. O vidro da janela foi abaixado.

— Quer uma carona, Shadow? — perguntou Audrey Burton.

— Não — respondeu. — Não vinda de você.

Ele continuou a caminhar. Audrey andou com o carro ao seu lado, a 5 quilômetros por hora. Flocos de neve dançavam nos facho de luz dos faróis.

— Eu pensava que ela era a minha melhor amiga — disse Audrey. — A gente conversava todo dia. Quando Robbie e eu brigávamos, ela era sempre a primeira a saber... A gente ia pró Chi-Chi, tomar umas margaritas e falar de como os homens podiam ser ordinários. E, durante todo aquele tempo, ela estava trepando com ele pelas minhas costas.

— Oi, Shadow — ele disse. — Não se meta a besta comigo.

— Tudo bem — concordou Shadow. — Você pode me deixar no Motel América, na rodovia interestadual?

— Bate nele — disse o jovem para a pessoa que estava à esquerda de Shadow. Um soco foi desferido no plexo solar de Shadow, tirando-lhe o fôlego e fazendo com que ele se dobrasse em dois. Aprumou-se, lentamente.

— Eu disse pra não se meter a besta comigo. Isso foi se meter a besta comigo. Mantenha suas respostas curtas e objetivas, senão eu vou matar você, porra. Ou talvez não mate. Talvez eu chame umas crianças pra quebrar todos os ossos dessa porra do seu corpo. Tem 206 crianças. Então, não se mete a besta comigo.

— Entendi — disse Shadow.

As luzes do teto da limusine mudaram de cor, de roxo para azul e depois para verde e para amarelo.

— Você está trabalhando pró Wednesday — disse o jovem.

— Estou.

— Que merda ele quer? Quer dizer, o que é que ele está fazendo aqui? Ele deve ter um plano. Qual é a estratégia de jogo dele?

— Eu comecei a trabalhar pró senhor Wednesday nesta manhã. — disse Shadow. — Eu sou garoto de recados.

— Você está dizendo que não sabe?

— Estou dizendo. Não sei!

O garoto abriu a jaqueta e tirou uma cigarreira de prata de um bolso interno. Ele a abriu, e ofereceu um cigarro a Shadow:

— Você fuma?

Shadow pensou em pedir para desamarrarem suas mãos, mas achou melhor não.

— Não, obrigado — respondeu.

O cigarro parecia ter sido enrolado à mão e, quando o garoto o acendeu, com um isqueiro Zippo preto-fosco, soltou um cheiro como se alguma coisa clétrica estivesse queimando.

O garoto tragou profundamente, então prendeu a respiração. Ele deixou a fumaça escorrer pelos lábios e a inalou novamente pelas narinas. Shadow suspeitou que ele tivesse treinado aquilo na frente de um espelho durante um bom tempo antes de fazer a demonstração em público.

— Se você mentiu pra mim — disse o garoto, como se estivesse muito distante —, eu vou matar você, porra. Você sabe que vou.

— Você disse que vai.

O garoto deu mais uma tragada comprida no cigarro.

— Você disse que está hospedado no Motel América? Ele deu um tapinha na janela do motorista, atrás dele. A janela de vidro se abaixou.

— Ei. Motel América, lá na rodovia interestadual. Precisamos levar nosso convidado.

O motorista assentiu com a cabeça, e a janela subiu de novo.

As luzes brilhantes de fibra ótica da limusine continuavam a mudar, em ciclos, percorrendo sua gama de cores pálidas. Parecia que os olhos do garoto cintilavam também: eram verdes como a cor de um monitor de computador antigo.

— Diz isso pró Wednesday, cara. Diz a ele que ele é passado. Ele está esquecido. Está velho. Diz a ele que nós somos o futuro e não nos importamos nem um pouco com ele ou com alguém do tipo dele. Ele foi mandado para o lixo da história, enquanto gente como eu anda de limusine pela superestrada do futuro.

— Vou dizer — respondeu Shadow.

Ele começava a se sentir zozinho. Torceu para não ficar enjoado.

— Diz a ele que a gente reprogramou a realidade. Diz que a linguagem é um vírus, que a religião é um sistema operacional e que as orações são a mesma coisa que a porra do spam. Diz isso a ele ou eu mato você — disse o jovem do meio da fumaça, docemente.

— Entendi — falou Shadow. — Pode me deixar aqui. Eu posso fazer o resto do caminho a pé.

O jovem assentiu com a cabeça.

— Foi bom conversar com você. O fumo o havia amaciado.

— Entenda que, se a gente matar você, a gente vai deletar a sua pessoa. Sacou? Um clique e você vai ser substituído por um monte de uns e de zeros. Cancelar a operação não é uma opção.

Ele bateu na janela atrás de si:

— Ele vai descer aqui — disse.

Então, voltou-se para Shadow e apontou para o cigarro:

— Pele sintética de sapo — falou. — Você sabia que agora dá pra sintetizar

bufotenina?

O carro parou, e a porta se abriu. Shadow desceu desajeitado. Suas amarras foram cortadas. Shadow virou-se. O interior do carro havia se transformado em uma nuvem de fumaça distorcida, na qual duas luzes cintilavam, agora da cor-de-cobre, como os lindos olhos de um sapo.

— Tem tudo a ver com a porra do paradigma dominante, Shadow. Nada mais importa. E, ei, sinto muito pelo que aconteceu com a sua velha.

A porta se fechou, e a limusine foi embora, silenciosamente. Shadow estava a uns 200 metros de distância do hotel, e caminhou até lá, respirando o ar frio, passando por luzes vermelhas, amarelas e azuis que anunciavam todos os tipos de fast-food que alguém possa imaginar, desde que sirvam hambúrgueres; e chegou ao Motel América sem incidentes.

CAPÍTULO TRÊS

Every hour wounds. The last one kitis [131](#)

— Ditado antigo

Havia uma moça magra atrás do balcão no Motel América. Ela disse a Shadow que seu check-in já havia sido feito por seu amigo e entregou-lhe a chave do quarto, de plástico retangular. Tinha cabelo louro-pálido e um ar de roedor no rosto, que ficava mais evidente quando parecia desconfiada, e que se abrandava quando sorria. Ela se recusou a dizer o número do quarto de Wednesday e insistiu em avisar-lhe pelo telefone interno que seu hóspede havia chegado.

Wednesday saiu de um quarto no fundo do corredor e acenou para Shadow.

— Como foi o enterro? — perguntou.

— Terminou — disse Shadow.

— Quer conversar sobre isso?

— Não.

— Bom — Wednesday sorriu seu sorriso malicioso. — Há conversa demais hoje em dia. Blá-bla-blá. Este país estaria bem melhor se as pessoas aprendessem a sofrer em silêncio.

Wednesday fez com que ele o seguisse até seu quarto, que era do outro lado do corredor, na frente do de Shadow. Havia mapas espalhados por todo o quarto, desdobrados, esticados sobre a cama, colados nas paredes. Wednesday tinha desenhado sobre todos os mapas com canetas marca-texto de cores fortes: verde fluorescente, rosa e um alaranjado vívido que doíam na vista.

— Fui sequestrado por um moleque gordo — disse Shadow. — Ele me disse pra te falar que você foi mandado pro monte de adubo da história, enquanto gente como ele anda de limusine pelas superestradas da vida. Alguma coisa desse tipo.

— Besteira — disse Wednesday.

— Você conhece ele? Wednesday deu de ombros.

— Eu sei quem ele é.

Sentou-se pesadamente na única cadeira do quarto.

— Eles não fazem ideia — disse. — Não fazem a mínima ideia. Quanto tempo mais você precisa ficar aqui?

— Não sei. Talvez mais uma semana. Acho que preciso empacotar as coisas da Laura. Cuidar do apartamento, me livrar das suas roupas, tudo isso. Vou deixar a mãe dela louca, mas a mulher merece.

Wednesday assentiu com sua enorme cabeça.

— Bom, quanto mais rápido você terminar, mais rápido a gente pode ir embora de Eagle Point. Boa noite.

Shadow cruzou o corredor. Seu quarto era uma duplicata do quarto de Wednesday, até no quadro de um pôr-do-sol vermelho na parede sobre a cama. Ele pediu uma pizza de queijo e calabresa, depois preparou um banho de banheira, despejando na água todos os vidrinhos de xampu do hotel para fazer espuma.

Ele era muito grande para se deitar na banheira, mas sentou-se dentro dela e se refestelou da melhor maneira que conseguiu. Shadow havia prometido a si mesmo um banho de banheira quando saísse da prisão, e ele sempre cumpria suas promessas.

A pizza chegou logo depois de ter saído do banho, e Shadow comeu, mandando a comida goela abaixo com uma lata de cerveja.

Shadow ficou deitado na cama, pensando... Esta é a minha primeira cama de homem livre, e o pensamento trouxe menos prazer do que ele imaginava. Deixou as cortinas abertas, ficou observando as luzes dos carros e das espeluncas de fast-food através da janela, feliz em saber que havia um outro mundo lá fora no qual ele poderia entrar sempre que quisesse.

Shadow não poderia estar em casa, no apartamento que havia dividido com Laura — na cama que havia dividido com Laura. Mas a ideia de estar lá sem ela, rodeado pelas coisas dela, pelo cheiro dela, pela vida dela, era simplesmente dolorida demais...

Não vá lá, pensou. Ele resolveu ocupar os pensamentos com outra coisa. Pensou em truques com moedas. Shadow sabia que não tinha a personalidade certa para ser um ilusionista: não conseguiria tecer as histórias que eram tão necessárias para que ele se fizesse acreditar, nem queria fazer truques com cartas, nem fazer aparecer flores de papel. Ele só queria manipular moedas; gostava dessa arte. Começou a listar as maneiras que dominava para fazer uma moeda desaparecer. Isso o fez se lembrar da moeda que havia jogado na cova de Laura e, então, em sua cabeça, Audrey dizia que Laura tinha morrido com o pau do Robbie na boca, e, mais uma vez, sentiu uma dorzinha no coração.

Cada hora fere. A última mata. Onde é que ouvira aquilo?

Pensou no comentário de Wednesday e sorriu, involuntariamente: Shadow tinha ouvido gente demais dizer para não reprimir os sentimentos, para deixar as emoções extravasarem, para liberar a dor. Shadow pensou que havia muito a ser dito em relação a guardar sentimentos. Achava que, se você o fizesse durante tempo o bastante e com profundidade suficiente, logo não sentiria mais nada.

Foi tomado pelo sono sem que percebesse.

Ele caminhava...

Caminhava por uma sala maior do que uma cidade e, para todos os lugares que olhava, havia estátuas e entalhes, e figuras esculpidas toscamente. Estava parado ao lado de uma estátua de uma coisa que se parecia com uma mulher: os seios nus pendiam murchos do tronco, em volta da cintura havia uma corrente cujos elos pareciam mãos decepadas, as mãos da estátua seguravam facas afiadas e, no lugar da cabeça, saindo do pescoço, havia cobras gêmeas, com os corpos arqueados, olhando uma para a outra, prontas para atacar. Existia algo profundamente perturbador naquela estátua, algo completa e violentamente errado. Shadow afastou-se.

Começou a caminhar pelo salão. Os olhos esculpidos das estátuas pareciam seguir cada passo que ele dava.

No sonho, percebeu que cada estátua tinha um nome que ardia no chão à sua frente. O homem de cabelos brancos, com um colar de dentes em volta do pescoço, segurando um tambor, era Leucotios; a mulher de quadris largos, com monstros que saíam do vasto talho entre as pernas, era Hubur; o homem com cabeça de carneiro que segurava uma bola de ouro era Hershef.

Uma voz precisa, presunçosa e exata, falava com ele, no sonho, mas Shadow não enxergava ninguém.

"Estes são deuses que foram esquecidos e que agora podem até mesmo estar mortos. Só podem ser encontrados em histórias áridas. Eles se foram, todos eles, mas seus nomes e suas imagens continuam entre nós."

Shadow dobrou uma esquina e percebeu que tinha entrado em outra sala, ainda mais ampla que a primeira. Continuava além de onde os olhos podiam enxergar. Perto dele havia a caveira de um mamute, lustrada e marrom, e uma capa ocre peluda, vestida por uma mulherzinha com a mão esquerda deformada. Perto daquilo havia três mulheres — cada uma delas esculpida a partir da mesma rocha de granito — unidas pela cintura: seus rostos tinham uma aparência inacabada, precipitada, apesar de os seios e a genitália terem sido esculpidos com cuidado elaborado. Havia um pássaro que não podia voar, que Shadow não reconheceu: era duas vezes mais alto do que ele, com um bico parecido com o de um urubu, mas com braços humanos... E assim por diante.

A voz ecoou mais uma vez, como se estivesse falando com uma sala de aula:

"Esses são os deuses que já perderam a consciência da memória. Até mesmo seus nomes foram perdidos. As pessoas que os adoravam estão tão esquecidas quanto eles. Desde há muito tempo, seus totens foram quebrados e derrubados. Seus últimos sacerdotes morreram sem passar o segredo adiante. Deuses morrem. E, quando morrem de verdade, ninguém chora nem se lembra deles. As ideias são mais difíceis de matar do que as pessoas, mas também podem ser mortas, no fim."

Ouviu-se um murmúrio que começou então a percorrer o salão, um sussurro baixo que fez com que Shadow, no sonho, experimentasse um medo arrepiante e inexplicável. Um pânico completo tomou conta dele, ali no corredor dos deuses que haviam sido esquecidos — deuses com rosto de polvo e deuses que eram apenas mãos mumificadas, ou

pedras caídas, ou fogos na floresta...

Shadow acordou com o coração batendo forte dentro do peito, com a testa coberta de suor frio, totalmente desperto. Os números vermelhos do relógio de cabeceira diziam que era 1h03 da madrugada. O luminoso do lado de fora do Motel América brilhava através da janela do seu quarto. Desorientado, Shadow levantou-se e entrou no minúsculo banheiro. Mijou sem acender as luzes e voltou para o quarto. O sonho ainda estava fresco e vívido na sua cabeça, mas não conseguia explicar para si mesmo por que havia ficado tão assustado.

A luz que iluminava o quarto, a partir do lado de fora, não era clara, mas os olhos de Shadow tinham se acostumado à escuridão. Havia uma mulher sentada ao lado da cama dele.

Ele a conhecia, ele a teria identificado no meio de uma multidão de milhares de pessoas, ou de centenas de milhares de pessoas. Ela ainda usava o tailleur azul-marinho que tinham colocado nela antes de ser enterrada.

Sua voz não passava de um sussurro, mas era familiar:

— Acho — disse Laura — que você vai perguntar o que eu estou fazendo aqui.

Shadow não disse nada.

Sentou-se na única cadeira do quarto e, finalmente, perguntou:

— É você mesma?

— Sou. Estou com frio, cachorrinho.

— Você está morta, querida.

— É — ela disse. — É, estou mesmo. Deu uns tapinhas na cama perto de si:

— Vem aqui e senta do meu lado.

— Não — disse Shadow. — Acho que vou ficar aqui mesmo por enquanto. Temos alguns assuntos não-resolvidos pra tratar.

— Como eu estar morta?

— Possivelmente, mas eu estava pensando mais no jeito como você morreu. Você e Robbie.

— Ah — ela disse. — Isso.

Shadow podia sentir o cheiro (ou talvez simplesmente imaginasse que pudesse) de podridão, de flores e de conservante. Sua mulher (sua ex-mulher... não, ele se corrigiu, sua mulher morta) estava sentada na cama e olhava diretamente para ele, sem piscar.

— Cachorrinho — ela disse. — Você podia... será que você conseguiria me arrumar... um cigarro?

— Eu pensei que você tivesse largado.

— Eu larguei, mas não me preocupo mais com os riscos à saúde. E acho que ia

acalmar meus nervos. Tem uma máquina no lobby.

Shadow vestiu as calças jeans e uma camiseta e foi, descalço, até lá. O balconista da noite era um homem de meia-idade, que lia um livro de John Grisham. Shadow comprou da máquina um maço de Virgínia Slims. Em seguida, pediu uma carteira de fósforos ao balconista.

— Você está em um quarto de não-fumante — disse o homem. — Não se esqueça de abrir a janela.

Entregou a Shadow uma carteira de fósforos e um cinzeiro de plástico com o logotipo do Motel América.

— Entendi — disse Shadow.

Ele voltou para o quarto. Ela havia se esticado na cama, em cima das cobertas reviradas. Shadow abriu a janela e entregou-lhe os cigarros e os fósforos. Os dedos dela estavam gelados. Ela acendeu um fósforo e ele percebeu que as suas unhas, normalmente imaculadas, estavam roídas e sujas de terra.

Laura acendeu o cigarro, tragou, assoprou o fósforo. Deu mais uma tragada.

— Não consigo sentir o gosto — disse. — Acho que não está fazendo efeito nenhum.

— Sinto muito — lamentou Shadow.

— Eu também.

Quando ela tragou, a ponta do cigarro brilhou, e ele conseguiu ver seu rosto.

— Então — ela disse. — Deixaram você sair.

— Deixaram.

A ponta do cigarro brilhava alaranjada.

— Eu continuo agradecida. Nunca deveria ter envolvido você naquilo tudo.

— Bom — ele disse —, eu concordei em fazer. Eu poderia ter dito não. Ele perguntou a si mesmo por que não estava com medo dela: por que um sonho de museu conseguia deixá-lo aterrorizado, ao passo que conseguia lidar com um cadáver ambulante sem medo.

— Ë — ela disse. — Você poderia mesmo. Seu esquisitão.

A fumaça envolvia o rosto dela. Laura estava muito bonita à luz fraca.

— Você quer saber o que aconteceu entre mim e Robbie?

— Acho que sim.

Ela apagou o cigarro no cinzeiro.

— Você estava na prisão — disse. — E eu precisava de alguém pra conversar. Eu precisava de um ombro amigo pra chorar. Você não estava lá. Eu fiquei perturbada.

— Sinto muito.

Shadow percebeu que havia algo estranho em relação à voz dela, e tentou descobrir o que era.

— Eu sei. Então a gente se encontrava pra tomar café. Falava sobre o que a gente ia fazer quando você saísse da prisão. Como ia ser bom ver você de novo. Ele gostava mesmo de você, você sabe. Estava ansioso pra devolver o seu trabalho de antes.

— Sei.

— E daí a Audrey foi passar uma semana na casa da irmã. Isso foi há um ano, treze meses depois de você ter ido embora.

Faltava expressão à voz dela; cada palavra era rasa e maçante, como pedrinhas que caíam, uma por uma, em um poço fundo.

— Robbie veio me visitar. Nós bebemos juntos. Fizemos no chão do quarto. Foi bom. Foi bom mesmo.

— Eu não precisava ouvir isso.

— Não? Desculpa. É mais difícil selecionar quando a gente está morta. É igual a uma fotografia, sabe, não tem muita importância.

— Pra mim, tem.

Laura acendeu outro cigarro. Os movimentos dela eram fluídos e adequados, não eram rígidos. Shadow duvidou, por um instante, de que estivesse morta de fato. Talvez fosse algum tipo de truque elaborado.

— É — ela disse. — Eu entendo. Bom, a gente continuou com o caso (não era assim que a gente chamava, a gente não dava nome) durante a maior parte dos últimos dois anos.

— Você ia me largar pra ficar com ele?

— Por que faria isso? Você é o meu ursão. Você é o meu cachorrinho. Você fez o que fez por mim. Eu esperei três anos pra você voltar pra mim. Eu amo você.

Ele se segurou para não dizer Eu amo você também. Não iria dizer aquilo. Não mais.

— Então, o que foi que aconteceu naquela noite?

— Na noite que eu morri?

— É.

— Bom, Robbie e eu tínhamos saído pra conversar sobre a sua festa de boas-vindas. Ia ser tão boa... E eu disse pra ele que não tinha mais nada entre a gente. Fim. Agora que você ia voltar era assim que tinha que ser.

— Hmm. Obrigado, querida.

— De nada, amor.

O fantasma de um sorriso cruzou o rosto dela, então prosseguiu:

— Ficamos sentimentais. Foi uma melação só. Ficamos bobos. Eu fiquei muito bêbada. Ele, não. Ele tinha que dirigir. Nós estávamos indo pra casa e eu disse que ia dar uma chupada de despedida, uma última vez, com sentimento. Abri o zíper da calça dele e fiz.

— Grande erro.

— Nem me diga. Eu bati com o ombro no câmbio e o Robbie começou a me empurrar pra colocar o carro na marcha certa de novo, e nós começamos a andar em ziguezague. Ouvi um barulho bem alto e lembro que o mundo começou a rodar e pensei: "Vou morrer". Foi tudo tranquilo. Eu me lembro disso. Não fiquei com medo. Depois disso, não me lembro de mais nada.

Havia um cheiro de plástico queimado. Era o cigarro, Shadow percebeu:

havia queimado até o filtro, Laura parecia não ter notado.

— O que você está fazendo aqui, Laura?

— Uma mulher não pode visitar o marido?

— Você está morta. Eu fui ao seu enterro hoje à tarde.

— É.

Ela parou de falar, olhando para o nada. Shadow levantou-se e andou até ela. Pegou a bituca de cigarro fumegante de sua mão e jogou pela janela.

— E daí?

Os olhos dela procuraram os dele.

— Eu não sei muito mais do que sabia quando estava viva. A maior parte das coisas que eu sei agora e que eu não sabia antes não dá pra colocar em palavras.

— Normalmente as pessoas que morrem ficam no túmulo — disse Shadow.

— Ficam? Ficam mesmo, cachorrinho? Eu também achava que ficassem. Agora eu não tenho tanta certeza. Talvez.

Ela levantou da cama e foi até a janela. Seu rosto, à luz do luminoso do hotel, estava bonito como nunca. Era o rosto da mulher por quem ele havia ido para a prisão.

O coração dele doía no peito como se alguém o houvesse arrancado com a mão e o tivesse esmagado com os dedos.

— Laura...?

Ela não olhou para ele.

— Você se meteu em uma coisa ruim, Shadow. Vai ferrar com tudo se não tiver alguém pra cuidar de você. E eu estou cuidando. E obrigada pelo meu presente.

— Que presente?

Ela colocou a mão no bolso da blusa e tirou a moeda de ouro que ele tinha jogado na cova naquele fim de tarde. Ainda havia sujeira preta sobre o metal.

— Acho que eu vou mandar colocar numa corrente. Foi muito legal da sua parte.

— De nada.

Ela virou-se então, olhou para ele com olhos que pareciam enxergá-lo e não enxergá-lo ao mesmo tempo.

— Acho que há vários aspectos do nosso casamento que a gente vai ter que aperfeiçoar.

— Querida — ele explicou. — Você está morta.

— Esse é um dos aspectos, obviamente. Ela fez uma pausa.

— Tudo bem — disse. — Eu vou embora agora. Vai ser melhor se eu for.

E, natural e facilmente, colocou as mãos sobre os ombros de Shadow e ficou nas pontas dos pés para dar um beijo de despedida nele, da maneira como sempre haviam se despedido.

De modo desajeitado, ele se curvou para beijá-la na bochecha, mas ela moveu os lábios quando ele se abaixou e os pressionou contra os dele. O hálito dela cheirava, levemente, à naftalina.

A língua de Laura tremia dentro da boca de Shadow. Estava fria e seca, e tinha gosto de cigarro e de bile. Se Shadow ainda tinha alguma dúvida a respeito de sua mulher estar morta ou viva, o mistério acabou ali.

Ele se afastou.

— Eu amo você — ela disse, simplesmente. — Vou cuidar de você. Ela caminhou até a porta do quarto do hotel. Ele ficou com um gosto estranho na boca.

— Durma um pouco, cachorrinho — aconselhou. — E fique longe de confusão.

Ela abriu a porta para o corredor. A luz fluorescente não era branda: ali, Laura parecia morta mas, de qualquer maneira, todo mundo pareceria morto com aquela iluminação.

— Você poderia ter me convidado pra passar a noite aqui — ela disse, com sua voz de pedra.

— Acho que não poderia — disse Shadow.

— Você vai poder, querido — falou. — Antes que tudo isso acabe. Você vai poder.

Ela virou as costas para ele e caminhou pelo corredor.

Shadow olhou para fora da porta. O balconista da noite continuava lendo seu romance de John Grisham e mal olhou quando ela passou por ele. Havia lama grossa de cemitério nos seus sapatos. E daí ela desapareceu.

Shadow respirou aliviado, um suspiro lento. O coração dele batia fora de ritmo

dentro do peito. Atravessou o corredor e bateu na porta de Wednesday. Enquanto batia, teve a impressão mais estranha do mundo, de que estava sendo transpassado por asas negras, como se um enorme corvo voasse através dele, em direção ao corredor e, dali, para o mundo.

Wednesday abriu a porta. Ele tinha uma toalha branca do hotel enrolada na cintura mas, fora isso, estava nu.

— Que porra você quer? — perguntou.

— Tem algo que você devia saber — disse Shadow. — Talvez tenha sido um sonho... mas não foi... ou talvez eu tenha inalado um pouco do cigarro de pele sintética de sapo, ou talvez eu só esteja ficando louco...

— Tá, tá. Desembucha — disse Wednesday — Eu estou meio que fazendo uma coisa aqui.

Shadow deu uma olhada para dentro do quarto. Ele pôde ver que havia alguém na cama, observando-o. Um lençol cobria peitos pequenos. Cabelos louros, uma carinha de rato. Ele abaixou o tom de voz:

— Eu acabei de me encontrar com a minha mulher — disse. — Ela esteve no meu quarto.

— Um fantasma, você quer dizer? Você viu um fantasma?

— Não. Não era um fantasma. Ela era sólida. Era ela. Ela está mortinha, mas não era uma espécie de fantasma. Eu toquei nela. Ela me beijou.

— Entendo.

Wednesday jogou um olhar para a mulher na cama:

— Já volto, querida — disse.

Cruzaram o corredor até o quarto de Shadow. Wednesday acendeu as lâmpadas. Olhou para a bituca de cigarro no cinzeiro. Coçou o peito. Os mamilos d"le eram mamilos escuros, de velho, e os pelos do peito, grisalhos. Havia uma cicatriz branca em um dos lados do torso. Ele cheirou o ar. Então, deu de ombros.

— Tudo bem — disse. — Então sua mulher morta apareceu. Você está assustado?

— Um pouco.

— Muito esperto. Eu me pêlo de medo dos mortos. Mais alguma coisa?

— Estou pronto pra sair de Eagle Point. A mãe da Laura pode resolver as coisas do apartamento e tudo mais. Ela me odeia, de qualquer jeito. Estou pronto pra ir quando você quiser.

Wednesday sorriu.

— Que boa notícia, meu garoto. Vamos embora pela manhã. Agora você deveria dormir um pouco. Eu tenho um pouco de uísque no meu quarto, se você precisar de ajuda pra dormir. Quer?

— Não. Tudo bem.

— Então, não me incomode mais. Eu tenho uma longa noite pela frente.

— Boa noite — disse Shadow.

— Isso mesmo! — disse Wednesday, fechando a porta quando saiu.

Shadow sentou-se na cama. O cheiro de cigarro e de conservante continuava no ar. Ele gostaria de estar de luto por Laura: parecia mais apropriado do que estar incomodado com ela. Admitiu para si mesmo que ela já tinha ido embora, e que estava só um pouco assustado. Era a hora do luto. Ele apagou as luzes e se deitou na cama, pensou em Laura como ela era antes de ele ter ido para a prisão. Lembrou-se do seu casamento, quando eram jovens, felizes, tolos e mal podiam ficar um minuto desgrudados.

Fazia muito tempo desde a última vez em que Shadow havia chorado, tanto tempo que ele achou que tivesse esquecido como fazer. Não tinha chorado nem quando sua mãe morrera.

Mas ele começou a chorar, em soluços bruscos e doloridos e, pela primeira vez desde que era um menininho, Shadow chorou até cair no sono.

CHEGANDO NA AMÉRICA

813 d.C.

Navegaram o mar verde guiados pelas estrelas e pela costa, e quando a costa era apenas uma memória e o céu noturno estava nublado e escuro, navegaram guiados pela fé, e pediam ao Pai de Todos que os levasse a salvo de volta à terra mais uma vez.

Fora uma viagem ruim, os dedos estavam entorpecidos e os ossos tinham calafrios, que nem o vinho conseguia curar. Acordavam de manhã para descobrir que a geada tinha coberto suas barbas e, até que o sol os aquecesse, pareciam homens velhos, com barbas esbranquiçadas antes do tempo.

Ao desembarcarem na terra verde do oeste, perceberam que os dentes haviam caído e os olhos estavam fundos no rosto. Os homens disseram:

— Estamos longe, longe das nossas casas e dos nossos lares, longe dos mares que conhecemos e das terras que amamos. Aqui no fim do mundo seremos esquecidos pelos nossos deuses.

O líder subiu até o topo de uma pedra grande e zombou deles por sua falta de fé:

— O Pai de Todos fez o mundo — gritou. — Ele construiu tudo com as próprias mãos a partir dos ossos despedaçados e da carne de Ymir, seu avô. Ele colocou o cérebro de Ymir no céu como nuvens, e o seu sangue salgado se transformou nos mares que cruzamos. Se ele fez o mundo, vocês não percebem que fez esta terra também? E se morrermos aqui como homens, acham que não seremos recebidos em seu átrio?

E os homens comemoraram e riram. Eles se empenharam, com gosto, a construir um salão com árvores partidas e lama, dentro de uma pequena paliçada de troncos afiados na ponta, apesar de eles, até onde sabiam, serem os únicos homens do novo mundo.

No dia em que o salão foi terminado, houve uma tempestade: o céu do meio-dia ficou tão escuro quanto a noite e foi rasgado por garfos de chamas brancas. Os estrondos dos trovões eram tão altos que os homens quase ficaram surdos, e o gato do navio que eles haviam trazido para dar sorte escondeu-se sob o bote comprido que repousava na praia. A tempestade foi tão forte e tão cruel que fez com que os homens dessem tapinhas uns nas costas dos outros, dizendo:

— O trovão está aqui conosco, nesta terra distante.

E eles agradeceram, regozijaram-se e beberam até cair.

Naquela noite, na escuridão enfumaçada do salão, o bardo cantou canções antigas para eles. Cantou sobre Odin, o Pai de Todos, que se sacrificara com tanta coragem e nobreza quanto outros que foram sacrificados para ele. Cantou sobre os três dias durante os quais o Pai de Todos ficou pendurado na árvore do mundo, com a lateral do corpo perfurada e gotejante por causa das feridas feitas à ponta de lança. Ele cantou todas as coisas que o Pai de Todos havia aprendido em sua agonia: nove nomes, nove runas e duas vezes nove amuletos. Quando falou sobre a lança que perfurou a lateral do corpo de Odin, o bardo urrou de dor da mesma maneira que o Pai de Todos tinha gritado em sua agonia, e todos os homens tremeram, imaginando sua dor.

Encontraram o *scraeling* no dia seguinte, que era o próprio dia do Pai de Todos. Ele era um homem pequeno, seu cabelo longo e negro como a asa de um corvo, seu corpo da cor de argila vermelho-intenso. Ele dizia palavras que nenhum deles conseguia entender, nem mesmo o bardo, que esteve em um navio que cruzara os pilares de Hércules e que sabia falar a mistura linguística que os mercadores falavam por todo o Mediterrâneo. O intruso vestia penas e peles, e havia pequenos ossos trançados no meio de seu cabelo comprido.

Conduziram-no até o acampamento, deram carne assada para que comesse e bebida forte para acabar com sua sede. Riram, troçando do homem, enquanto ele tropeçava e cantava, do modo como sua cabeça chacoalhava de um lado para o outro, e tudo isso depois de menos de um chifre feito copo cheio de mulso. Deram-lhe mais bebida, e logo ele estava deitado debaixo da mesa, com a cabeça escondida sob o braço.

Então levantaram-no, um homem segurando em cada braço e em cada perna. Carregaram-no na altura do ombro, os quatro homens transformados em um cavalo de oito patas, e carregaram-no na frente de uma procissão até um freixo na montanha que dava vista para a baía, onde colocaram uma corda em volta do pescoço dele e o penduraram ao vento, o tributo deles ao Pai de Todos, o senhor da força. O corpo do *scraeling* dançava ao vento, sua cabeça ia ficando preta, a língua ia saindo da boca, os olhos iam se esbugalhando, seu pênis ficando duro o suficiente para se pendurar um capacete de couro nele, enquanto os homens comemoravam, e gritavam, e gargalhavam, orgulhosos por mandar seu sacrifício para os céus.

E, no dia seguinte, quando dois corvos enormes pousaram sobre o cadáver do

sraeling, um em cada ombro, e começaram a bicar suas bochechas e seus olhos, os homens souberam que seu sacrifício havia sido aceito.

Fora um inverno longo, e eles tinham fome, mas alegravam-se com a ideia de que, quando a primavera chegasse, mandariam o barco de volta às terras do norte, e a embarcação traria colonizadores e... mulheres. À medida que o clima ia ficando mais frio, e os dias ficavam mais curtos, alguns dos homens se empenhavam em achar o vilarejo do sraeling, esperando encontrar alimento e mulheres. Eles não acharam nada, salvo os locais onde fogueiras foram acesas, e pequenos acampamentos, abandonados.

Um dia, no meio do inverno, quando o sol estava distante e frio, e parecia uma tola moeda de prata, perceberam que os restos do sraeling tinham sido removidos do freixo. Naquela tarde começou a nevar, os flocos de neve eram enormes e caíam lentamente.

Os homens das terras do norte fecharam os portões do acampamento e isolaram-se atrás de seu muro de madeira.

A tropa de guerra dos sraelings atacou naquela noite: quinhentos homens contra trinta. Escalaram o muro e, durante os sete dias seguintes, mataram cada um dos trinta homens, de trinta maneiras diferentes. E os navegantes foram esquecidos, pela história e pelo seu povo.

O muro fora derrubado pela tropa de guerra, e o vilarejo fora queimado. O bote comprido, de ponta-cabeça, guardado em cima do telhado, também fora queimado, na esperança de que os forasteiros pálidos tivessem apenas um barco. Queimando-o, os sraelings asseguravam-se de que nenhum outro homem do norte viria até sua costa.

Passaram-se mais de cem anos até que Erif Sortudo, filho de Erik Vermelho, redescobrisse aquela terra, a qual chamaria de Vineland. Os deuses dele já o estavam esperando quando chegou: Tyr, com uma mão só; o cinzento Odin, rei da força; e Thor, dos trovões.

Eles estavam lá.

Estavam esperando.

CAPÍTULO QUATRO

*Let the Midnight Special Shine its light on me Let
the Midnight Special Shine it's ever-lovin' light on me ^{4}
"The Midnight Special".*

— Tradição popular

Shadow e Wednesday tomaram café da manhã em um restaurante de comida local do outro lado da rua, em frente ao hotel. Eram oito da manhã, e o mundo estava enevoadado e frio.

— Você já está pronto pra ir embora de Eagie Point? — perguntou Wednesday. — Se você estiver, eu precisarei fazer uns telefonemas. Hoje é sexta. Sexta é um dia livre. Um dia de mulher. Sábado é amanhã. Temos muito a fazer no sábado.

— Estou pronto. Nada me prende aqui.

Wednesday montou uma pilha alta no prato com todos os tipos de carne que se serve no café da manhã. Shadow pegou um pouco de melão, uma rosquinha e um pacotinho de queijo cremoso. Acomodaram-se em um reservado.

— Que sonho você teve na noite passada, hein, Shadow?

— É, foi mesmo.

Dava para ver as marcas de lama do sapato de Laura no tapete do hotel quando ele acordou naquela manhã, indo do quarto até o lobby e passando pela porta em direção à rua.

— Então, por que chamam você de Shadow? Shadow deu de ombros:

— É um nome — disse.

Do outro lado do vidro, o mundo de névoa havia se transformado em um desenho a lápis executado em uma dúzia de tons de cinza com manchas de vermelho âmbar ou de branco imaculado aqui e ali.

— Como foi que você perdeu o olho? — perguntou Shadow. Wednesday enfiou meia dúzia de pedaços de bacon na boca, mastigou e limpou a gordura sobre os lábios com as costas das mãos.

— Não perdi... sei exatamente onde ele está.

— Então, qual é o seu plano?

Wednesday parecia pensativo. Comeu várias fatias de presunto cor-de-rosa vívido, tirou um fragmento de carne da barba, deixou que caísse no prato.

— O plano é o seguinte. Amanhã à noite, devemos nos encontrar com várias pessoas de destaque em seus campos de atuação... Não deixe o comportamento delas intimidar você. Vamos a um dos lugares mais importantes do país inteiro. Depois oferecemos bebida e comida a eles. Eu preciso inscrevê-los no meu novo empreendimento.

— E onde é que esse lugar tão importante?

— Você vai ver, garoto. Eu disse um dos lugares. As opiniões têm razão de estarem divididas. Eu já mandei avisar meus colegas. Vamos fazer uma parada em Chicago no caminho, porque preciso pegar um pouco de dinheiro. O divertimento, da maneira como vamos precisar divertir nossos convidados, vai requerer mais dinheiro vivo do que eu tenho disponível no momento. Depois, vamos pra Madison.

Wednesday pagou e eles foram embora, atravessando a rua até o estacionamento do hotel. Wednesday jogou as chaves do carro para Shadow.

Ele pegou o caminho para a auto-estrada e saiu da cidade.

— Vai sentir saudade? — perguntou Wednesday.

Enquanto falava, ele organizava uma pasta cheia de mapas.

— Da cidade? Não. Eu nunca tive uma vida de verdade lá. Nunca fiquei muito tempo no mesmo lugar quando era criança, e só cheguei aqui quando já tinha passado dos vinte. Por isso, essa é a cidade da Laura.

— Esperemos que ela fique aqui — disse Wednesday.

— Foi um sonho — disse Shadow. — Lembre-se disso.

— Que bom. Uma atitude saudável pra se ter. Você trepou com ela ontem à noite?

Shadow respirou fundo.

— Isso não é da sua conta, droga. E não.

— Você queria?

Shadow não disse absolutamente nada. Ele dirigia rumo ao norte, para Chicago. Wednesday deu uma risadinha e começou a estudar seus mapas com cuidado, desdobrando-os e dobrando-os mais uma vez, fazendo anotações ocasionais em um bloco de papel amarelo com uma grande caneta esferográfica prateada e brilhante.

A certa altura, terminou. Guardou a caneta e colocou a pasta no banco traseiro.

— A melhor coisa em relação aos Estados aonde a gente está indo, Minnesota, Wisconsin, todos aqueles por lá, é que eles têm o tipo de mulher de que eu gostava quando era mais moço. De pele clara e olhos azuis, com cabelos tão claros que são quase brancos, lábios cor-de-vinho e seios redondos e cheios com as veias aparecendo, como um bom

queijo.

— E você só gostava quando era mais moço? — perguntou Shadow. — Parece que você se deu bem ontem à noite.

— E. Você quer saber o segredo do meu sucesso?

— Você paga?

— Não é nada tão rude assim. Não, o segredo é o meu charme. Pura e simplesmente.

— Charme, hein? Bom, é como dizem por aí, você tem ou não tem.

— Dá pra aprender a ter charme — disse Wednesday.

Shadow ligou o rádio e sintonizou uma emissora que tocava músicas antigas, e ouviu canções que eram atuais antes de ele nascer. Bob Dylan cantava sobre uma chuva forte que estava para cair, e Shadow ficou se perguntando se aquela chuva já havia caído ou se era alguma coisa que ainda iria acontecer. A estrada à frente deles estava vazia e os cristais de gelo no asfalto brilhavam como diamantes à luz do sol da manhã.

Chicago foi chegando devagar, como uma enxaqueca. Primeiro, passavam pelos campos; então, imperceptivelmente, as raras casas foram se transformando em um amontoado baixo e suburbano; e o amontoado se transformou na cidade.

Estacionaram ao lado de um prédio baixo e bem antigo, de tijolinhos aparentes. A neve da calçada tinha sido limpa. Entraram no saguão. Wednesday apertou o botão de cima no metal cinzelado da caixa do interfone. Nada aconteceu. Apertou de novo. Então, experimentando, começou a apertar todos os botões, dos outros moradores, sem obter resposta.

— Não está funcionando — disse uma velha magra que descia as escadas. — Está quebrado. Chamamos o zelador, perguntamos quando ia ser consertado, quando ele ia arrumar o aquecimento, mas ele não liga, passa o inverno no Arizona por causa do pulmão.

O sotaque dela era pesado, da Europa Oriental, Shadow supôs.

Wednesday fez uma medida.

— Zorya, minha querida, posso dizer como você está maravilhosamente linda? Uma criatura radiante. Você não envelheceu. A velha mandou um olhar furioso na direção dele.

— Ele não quer ver você. E eu também não. Você sempre traz coisa ruim.

— Isso é porque eu não venho até aqui quando não é importante. A mulher fungou. Ela carregava uma sacola de compras feita de barbante, vazia, e usava um casaco vermelho velho, abotoado até o queixo. Olhou para Shadow com desconfiança.

— Quem é esse grandalhão? Mais um dos seus assassinos?

— Você está me prestando um enorme desserviço, madame. Este cavalheiro se

chama Shadow. Ele está trabalhando pra mim, sim, mas pro seu bem. Shadow, apresento a você a adorável senhorita Zorya Vechernyaya.

— Prazer.

Como um passarinho, a mulher levantou a cabeça e olhou para ele.

— Shadow... Um nome bom. Quando as sombras ficam compridas, é a minha hora. E você é a sombra comprida.

Ela o olhou de cima a baixo e, então, sorriu.

— Pode beijar a minha mão — disse, estendendo sua mão fria para ele. Shadow se abaixou e beijou aquela mão magra, que usava um grande anel de âmbar no dedo do meio.

— Bom garoto — falou. — Eu vou fazer compras. Sabe, sou a única que traz algum dinheiro pra casa. As outras duas não conseguem ganhar dinheiro lendo a sorte. Isso porque elas só falam a verdade, e a verdade não é o que as pessoas querem ouvir. É uma coisa ruim e aborrece, então elas não voltam. Mas eu consigo mentir, falo o que querem ouvir. Então eu é que compro o pão da casa. Você acha que vai ficar pro jantar?

— Espero que sim — disse Wednesday.

— Então é melhor você me dar dinheiro pra eu comprar mais comida. Sou orgulhosa, mas não sou besta. As outras são mais orgulhosas do que eu, e ele é o mais orgulhoso de todos. Então, me dá dinheiro mas não conta pra elas que me deu.

Wednesday abriu a carteira e colocou a mão lá dentro. Tirou uma nota de vinte. Zorya Vechernyaya puxou-a dos dedos dele e esperou. Ele tirou mais vinte e entregou a ela.

— Está bom. Vamos alimentar vocês que nem príncipes. Agora, subam as escadas até o último andar. Zorya Utrennyaya está acordada, mas a nossa outra irmã ainda está dormindo, então, vejam se não fazem muito barulho.

Shadow e Wednesday subiram as escadas escuras. O patamar de dois andares acima estava cheio de sacos de lixo e cheirava a verduras podres.

— Elas são ciganas? — perguntou Shadow.

— Zorya e a família dela? De jeito nenhum. Eles não são romenos. São russos. Eslavos, acho.

— Mas ela lê a sorte.

— Muita gente lê a sorte. Eu mesmo me meto um pouquinho nisso. Wednesday ofegava enquanto subiam o último lance de escadas:

— Estou fora de forma.

O patamar no alto das escadas terminava em uma única porta pintada de vermelho, com um olho mágico.

Wednesday bateu na porta. Não houve resposta. Bateu de novo, mais alto dessa vez.

— Tá bom! Tá bom! Eu ouvi! Eu ouvi!

O som de fechaduras sendo destrancadas, de travas sendo puxadas, o chacoalhar de uma corrente. A porta vermelha abriu-se em uma fresta.

— Quem é?

Era uma voz de homem, velha e rouca de cigarro.

— Um velho amigo, Czernobog. Com um sócio. A porta se abriu até onde a corrente de segurança permitia. Shadow conseguiu ver um rosto cinzento, nas sombras, espreitando-os.

— O que você quer, Votan?

— Inicialmente, nada mais do que o prazer da sua companhia. E tenho uma informação para dividir. Como é mesmo aquela frase? Ah, sim... você pode ficar sabendo de algo que vai trazer privilégio a você.

A porta se abriu inteiramente. O homem, vestido com um chambre empoeirado, era baixo e tinha cabelos de cor cinza-chumbo e traços marcados. Usava calças de pijama cinzentas e listradas, brilhantes de tão velhas, e chinelos. Segurava um cigarro sem filtro com dedos de pontas quadradas, sugando a ponta enquanto o mantinha escondido pelo punho, como um presidiário, pensou Shadow, ou um soldado. Estendeu a mão esquerda para Wednesday:

— Então, seja bem-vindo, Votan.

— Agora me chamam de Wednesday — disse, sacudindo a mão do velho. Um sorriso estreito; um vislumbre de dentes amarelados.

— É? Muito engraçado. E esse aí, quem é?

— É o meu sócio. Shadow, conheça o senhor Czernobog.

— Muito prazer — disse Czernobog.

Ele apertou a mão esquerda de Shadow. Suas mãos eram ásperas e calejadas, e as pontas de seus dedos, tão amareladas que pareciam ter sido mergulhadas em iodo.

— Como vai, senhor Czernobog?

— Vou velho. Meu intestino dói, minhas costas doem, e eu tusso até rachar o peito toda manhã.

— Por que você está parado na porta? — perguntou uma voz de mulher. Shadow olhou por sobre o ombro de Czernobog para a mulher parada atrás dele. Era menor e mais frágil do que a irmã, mas os cabelos eram compridos e ainda dourados.

— Eu sou Zorya Utrennyaya. Vocês não podem ficar aí de pé, na entrada. Entrem, sentem. Vou trazer café.

Através da porta, para dentro de um apartamento que cheirava a repolho cozido além do ponto, a caixa de areia de gato e a cigarro estrangeiro sem filtro, foram conduzidos por uma passagem estreita, ladeada por várias portas fechadas até a sala de

estar no fim do corredor. Foram acomodados em um enorme sofá velho de pêlo de cavalo, incomodando um gato cinzento senil, que se espreguiçou, se levantou e andou, de maneira rígida, até uma parte mais distante do sofá, onde se deitou. Cuidadosamente, olhou para cada uma das pessoas, então fechou um olho e voltou a dormir. Czernobog sentou-se em uma poltrona na frente deles, do outro lado da sala.

Zorya Utrennyaya achou um cinzeiro vazio e o colocou ao lado de Czernobog.

— Como vocês querem o'café? Aqui a gente toma preto como a noite e doce como o pecado.

— Para mim está ótimo, madame — disse Shadow. Ele olhou através da janela para os prédios do outro lado da rua. Zorya Utrennyaya saiu da sala. Czernobog olhou para ela, enquanto caminhava.

— Aí está uma mulher boa — comentou. — Não é como as irmãs. Uma é um monstro, a outra só dorme.

Ele colocou os pés em cima de uma mesinha de centro comprida e baixa, com um tabuleiro de xadrez no meio e marcas de cigarro e de copo na superfície.

— Ela é sua esposa? — perguntou Shadow.

— Ela não é esposa de ninguém.

O velho ficou sentado em silêncio por um instante, olhando suas mãos ásperas.

— Não, somos todos parentes. Viemos pra cá juntos, muito tempo atrás. Do bolso do chambre, Czernobog tirou um maço de cigarros sem filtro.

Wednesday tirou do próprio bolso um isqueiro fino e dourado e acendeu o cigarro do velho.

— Primeiro fomos pra Nova York. Todos os nossos compatriotas foram pra lá. Então, viemos para cá, para Chicago. Tudo ficou bem ruim. Até no velho continente já tinham quase se esquecido de mim. Aqui, eu sou só uma lembrança ruim. Você sabe o que eu fiz quando cheguei a Chicago?

— Não — disse Shadow.

— Arrumei um emprego no negócio de carnes. No pavimento da matança. Quando a vaca subia a rampa, eu era um golpeador. Sabe por que chamam a gente assim? Porque nós pegamos uma marreta e golpeamos a vaca com ela. Bam! Precisa ter força nos braços. Depois, o algemador acorrenta o bife, pendura, e daí cortam a garganta do animal. O sangue é drenado antes de cortar a cabeça. Nós éramos os mais fortes, os golpeadores.

Ele ergueu a manga e flexionou o braço para mostrar os músculos ainda visíveis sob a pele velha.

— Mas não era só força. Era preciso conhecer a arte da tarefa. Pra dar porrada. Senão a vaca só cambaleava, ou ficava brava. Então, nos anos 50, deram pra gente a pistola de ar comprimido. Era só colocar na testa... Bam! Bam! Agora, você pensa... qualquer um pode matar. Não é bem assim.

Ele fez o gesto de transpassar algo através de uma cabeça de vaca.

— Ainda é preciso ter habilidade. Sorriu, revelando um dente cinzento.

— Pára de contar essas histórias de matar vaca. — Zorya Utrennyaya carregava o café em uma bandeja de madeira vermelha, em pequenas xícaras esmaltadas de cores fortes. Deu uma xícara a cada um e se sentou ao lado de Czernobog.

— Zorya Vechernnyaya está fazendo compras. Ela deve voltar logo.

— Nos encontramos lá embaixo — disse Shadow. — Ela contou que lê a sorte.

— É. No crepúsculo, que é a hora das mentiras. Eu não sei contar uma boa mentira, por isso sou uma vidente ruim. E a nossa irmã, Zorya Polunochnaya, não consegue contar mentira alguma.

O café estava ainda mais doce e mais forte do que Shadow esperava. Ele pediu licença para usar o banheiro — um aposento parecido com um armário, decorado com várias fotografias de homens e de mulheres em poses vitorianas rígidas, com molduras cheias de manchas marrons. Era o início da tarde, mas a luz do dia já começava a ir embora. Ouviu vozes vindas do corredor. Lavou as mãos na água gelada com uma lasca de sabonete cor-de-rosa de cheiro enjoativo.

Czernobog estava parado no corredor quando Shadow saiu do banheiro.

— Você só traz problema! — gritava. — Nada mais do que problema! Eu não vou ouvir! Sai da minha casa!

Wednesday ainda estava sentado no sofá, dando pequenos goles em seu café, acariciando o gato cinzento. Zorya Utrennyaya estava parada sobre o tapete fino, com uma das mãos torcendo os longos cabelos amarelados para um lado e para outro, com nervosismo.

— Algum problema? — perguntou Shadow.

— Ele é o problema! — gritou Czernobog. — É de! Diga pra ele que não tem nada que me faça ajudar. Quero que vá embora. Quero que ele saia daqui. Os dois, vão embora!

— Por favor — disse Zorya Utrennyaya. — Fica quieto por favor... vai acordar a Zorya Polunochnaya.

— Você é igual a ele, quer que eu me junte a essa maluquice! Czernobog parecia estar prestes a chorar. Um tufo de cinzas caiu do cigarro dele sobre o tapete surrado do corredor.

Wednesday levantou-se e caminhou até onde o velho estava. Colocou a mão em seu ombro e disse, pacificador.

— Escuta. Em primeiro lugar, não é maluquice. É o único jeito. Em segundo lugar, todo mundo vai estar lá. Você não vai querer ficar de fora, vai?

— Você sabe quem eu sou — disse Czernobog. — Sabe o que estas mãos já fizeram. Está procurando meu irmão, não eu. E ele foi embora.

Uma porta abriu-se no corredor e uma voz feminina sonolenta disse:

— Tem algum problema aí?

— Nenhum problema, minha irmã — disse Zorya Utrennyaya. — Volte pra cama.

E então, virou-se para Czernobog:

— Viu? Viu o que você fez com toda essa gritaria? Volta pra lá e senta. Senta' O homem parecia pronto para protestar, mas o espírito de luta o abandonou. Ele pareceu frágil de repente: frágil e solitário.

Os três homens voltaram para a sala de estar puída. Havia um anel marrom de nicotina em volta daquela sala que terminava a uns 30 centímetros do teto, parecido com a marca que fica em uma banheira velha.

— Não precisa ser por você — disse Wednesday a Czernobog, imperturbável. — Se for pelo seu irmão, então também é por você. Aquele é um lugar que tipos dualistas como vocês usam pra nos receber, não é?

O velho não disse nada.

— Falando de Bielebog, Você tem tido notícias dele? Czernobog sacudiu a cabeça e olhou para Shadow:

— Você tem irmão?

— Não. Não que eu saiba.

— Eu tenho um irmão. Dizem que, quando estamos juntos, somos urna pessoa só, sabe? Quando éramos jovens, os cabelos dele eram muito louros, muito claros, os olhos eram azuis, e o pessoal falava que ele era o irmão bom. E os meus cabelos eram bem escuros, mais do que os seus, e o pessoal dizia que eu era o vagabundo. Eu era o irmão ruim. E agora o tempo passou, meus cabelos ficaram brancos. Os dele também, acho. E você olha pra gente, e não sabe qual era louro e qual era moreno.

— Vocês eram ligados?

— Ligados? — contestou Czernobog. — Como é que a gente podia ser? A gente se preocupava com coisas muito diferentes.

Ouviu-se um ruído vindo da outra ponta do corredor, e Zorya Vechernyaya entrou.

— Jantar daqui a uma hora — disse.

E então, saiu.

Czernobog deu um suspiro.

— Ela acha que é boa cozinheira. Onde foi criada, tinha empregados pra cozinhar. Agora, não tem mais empregado nenhum. Não tem nada.

— Não nada — disse Wednesday. — Nunca nada.

— Você — disse Czernobog. — Eu não vou escutar o que tem a dizer. E, virando-se para Shadow:

— Você joga damas?

— Jogo.

— Bom. Então, vai jogar damas comigo — disse, pegando uma caixa de peças de madeira que estava apoiada na lareira e sacudindo-a em cima da mesa. — Eu jogo com as pretas.

Wednesday encostou no braço de Shadow:

— Você não precisa fazer isso, você sabe.

— Não é problema nenhum. Eu quero.

Wednesday deu de ombros e pegou um exemplar velho de Seleções Reader's Digest de uma pequena pilha de revistas amareladas no peitoril da janela.

Os dedos morenos de Czernobog terminaram de arrumar as peças nos quadradinhos e o jogo começou.

Nos dias que viriam, Shadow se pegaria várias vezes pensando naquele jogo. Às vezes, ele ate sonharia com aquilo. Suas pecinhas lisas e redondas eram da cor de madeira velha e suja, inicialmente branca. As de Czernobog eram de um preto sombrio e desbotado. Shadow foi o primeiro a jogar. Em seus sonhos, eles não conversavam enquanto jogavam, só se ouvia um estalo alto quando as peças eram colocadas sobre o tabuleiro, ou um chiado na madeira quando eram deslizadas de um quadradinho para o outro.

Na primeira meia dúzia de movimentos, cada um dos homens simplesmente deslizou as peças pelo tabuleiro, em direção ao meio, deixando a fileira de trás intocada. Havia longas pausas entre os movimentos, como se estivessem jogando xadrez, enquanto cada um dos homens observava e pensava.

Shadow costumava jogar damas na prisão: ajudava a passar o tempo. Ele também jogava xadrez, mas seu temperamento não era próprio para ficar planejando movimentos futuros. Preferia escolher o movimento certo para o momento presente. Às vezes, conseguia ganhar no xadrez assim.

Ouviu-se um estalo quando Czernobog pegou uma peça preta e fez com que pulasse por cima de uma peça branca de Shadow. O velho pegou a peça e a colocou sobre a mesa, ao lado do tabuleiro.

— Primeiro round. Você perdeu — disse Czernobog. — O jogo acabou.

— Não. Ainda falta muito pra esse jogo acabar.

— Você topa uma aposta? Uma fezinha pra ficar mais interessante?

— Não — disse Wednesday, sem tirar os olhos da revista. — Ele não topa.

— Eu não estou jogando com você, velho. Estou jogando com ele. Então, quer apostar no jogo, senhor Shadow?

— Por que vocês estavam discutindo antes? — perguntou Shadow. Czernobog levantou uma sobrancelha grisalha.

— Seu chefe quer que eu acompanhe vocês. Pra ajudar na loucura dele. Prefiro morrer.

— Quer fazer uma aposta? Tudo bem. Se eu ganhar, você vem com a gente. O velho apertou os lábios.

— Talvez — ele disse. — Mas só se aceitar o meu castigo, quando você perder.

— E o que seria?

A expressão de Czernobog não se alterou.

— Se eu ganhar, vou poder esmigalhar o seu cérebro. Com a marreta. Primeiro você se ajoelha. Depois eu dou um golpe e você nunca mais vai se levantar.

Shadow olhou para o rosto do velho, tentando entender o que estava por trás daquela expressão. Ele não estava brincando, Shadow tinha certeza: ali havia um tipo de sede por alguma coisa, por dor, por morte ou por retribuição.

Wednesday fechou a Seleções:

— Isso é ridículo! Eu errei em vir aqui. Shadow, vamos embora. O gato cinzento, perturbado, levantou-se e subiu na mesa ao lado do jogo de damas. Olhou para as peças, pulou para o chão e, com o rabo para cima, saiu da sala com seu andar afetado.

— Não — disse Shadow.

Ele não tinha medo de morrer. Apesar de tudo, não era como se ele tivesse algum motivo para viver.

— Tudo bem. Eu aceito. Se você ganhar o jogo, tem a chance de esmigalhar meu cérebro com um golpe da sua marreta.

E, dizendo isso, moveu sua próxima peça branca para a casa seguinte, na beirada do tabuleiro.

Nada mais foi dito, mas Wednesday não retomou sua revista. Ele observou o jogo com o olho de vidro e com o olho de verdade, com uma expressão que não entregava nada.

Czernobog comeu mais uma das peças de Shadow. Shadow comeu duas das de Czernobog. Do corredor vinha o cheiro do cozimento de comidas desconhecidas. Embora nem todos os cheiros fossem apetitosos, Shadow percebeu que estava faminto.

Os dois homens mexiam suas peças, pretas e brancas, um de cada vez. Várias peças comidas, um desabrochar de damas de duas peças de altura: não eram mais obrigadas a andar só para frente no tabuleiro, podiam escorregar para os lados de uma vez, podiam mover-se para frente ou para trás, o que fazia com que fossem duplamente perigosas. Haviam alcançado a fileira mais ao fundo, e podiam ir para onde quisessem. Czernobog tinha três damas, Shadow, duas.

O velho moveu uma das damas ao redor do tabuleiro, eliminando as peças restantes de seu adversário, enquanto usava as outras damas para manter as de Shadow paralisadas.

E então Czernobog conseguiu uma quarta dama, cercou as duas damas de Shadow e, sem sorrir, comeu-as. E foi só.

— Agora eu posso esmigalhar seu cérebro. E você vai se ajoelhar por conta própria. É bom.

Ele esticou uma das mãos e deu uns tapinhas no braço de Shadow.

— Ainda temos tempo antes do jantar — disse Shadow. — Quer fazer outro jogo? Nos mesmos termos?

Czernobog acendeu outro cigarro, usando uma caixa de fósforos de cozinha.

— Como assim, nos mesmos termos? Como é que eu vou matar você duas vezes?

— Agora pode dar um golpe, só isso. Você mesmo disse que não é só a força, também precisa de habilidade. Assim, se ganhar esse jogo, poderá dar dois golpes na minha cabeça.

Czernobog olhou para Shadow com raiva.

— Um golpe, é só o que precisa, um golpe. Essa é a arte. Ele deu uns tapinhas no ombro direito, onde ficavam os músculos, com a mão esquerda, espalhando cinzas do cigarro preso entre os dedos.

— Faz muito tempo. Se você perdeu a habilidade, talvez só me machuque. Quanto tempo faz que segurou sua última marreta assassina no matadouro? Trinta anos? Quarenta?

Czernobog não disse coisa alguma. Sua boca fechada era um talho cinzento que cruzava o rosto. Ele bateu os dedos na mesa de madeira, batucando um ritmo. Então empurrou as 24 peças de volta às suas casas, no tabuleiro.

— Joga. De novo, você é o claro e eu, o escuro.

Shadow empurrou sua primeira peça em direção ao centro do tabuleiro. Czernobog empurrou uma das suas para a frente. E ocorreu a Shadow que o oponente faria o mesmo jogo de novo, aquele que havia acabado de ganhar, e que essa era a limitação dele.

Dessa vez Shadow jogou com imprudência. Agarrava oportunidades minúsculas, fazia movimentos sem pensar, sem fazer pausa para análise. Dessa vez, enquanto jogava, Shadow sorria. E sempre que o homem mexia uma peça, sorria mais abertamente.

Logo, Czernobog batia as peças com força no tabuleiro quando as movia, tão forte que as outras peças tremiam em seus quadradinhos pretos.

— Pronto — disse Czernobog, comendo um dos componentes de Shadow com um estampido, batendo a peça preta no tabuleiro com toda a força. — Pronto. O que você tem a dizer?

Shadow apenas sorriu e saltou a peça que Czernobog havia movido, e mais uma, e

mais uma, e uma quarta, limpando do centro do tabuleiro as peças pretas. Pegou uma peça da pilha ao lado do tabuleiro e transformou seu componente em dama.

Depois disso, era um exercício de limpeza: mais um punhado de movimentos, e o jogo terminou.

Shadow disse:

— Melhor de três?

Czernobog apenas olhou com seus olhos cinzentos que mais pareciam pontas de aço. E então riu e colocou as mãos nos ombros do outro:

— Eu gosto de você! Tem colhões.

Então Zorya Utrennyaya colocou a cabeça na porta para avisá-los de que o jantar estava pronto e que deviam guardar o jogo e colocar a toalha na mesa.

— Não temos sala de jantar — disse. — Sinto muito. Comemos aqui. Pratos foram colocados sobre a mesa. Cada um recebeu uma bandejinha pintada com talheres manchados, para apoiar no próprio colo.

Zorya Vechernyaya pegou quatro tigelinhas de madeira e colocou uma batata cozida com casca dentro de cada uma delas. Então despejou com uma concha uma quantidade razoável de um borscht absurdamente vermelho-carmim. Derramou uma colher de sopa de creme azedo branco por cima e entregou uma tigelinha para cada um deles.

— Achei que fôssemos seis — disse Shadow.

— A Zorya Polunochneya ainda está dormindo — disse Zorya Vechernyaya.

— Deixamos a comida dela na geladeira. Quando acordar, ela come.

O borscht tinha gosto de vinagre, parecia ter sido feito com beterrabas em conserva. A batata cozida estava farinhenta.

O prato seguinte era uma caçarola de uma carne cozida, que mais parecia um pedaço de couro acompanhado por verduras de algum tipo — embora tivessem sido cozidas por tanto tempo e de modo tão completo que não eram mais, nem mesmo usando de muita imaginação, verdes, e estavam a ponto de ficarem marrons.

Então vieram folhas de repolho recheadas com carne moída e arroz, folhas de repolho tão duras que era quase impossível cortá-las sem espalhar carne e arroz por todo o tapete. Shadow as colocou no canto do prato.

— Nós jogamos damas — disse Czernobog, servindo-se de mais um pedaço de carne cozida. — O jovem e eu. Ele ganhou uma partida, eu ganhei outra. Como ele venceu uma, eu concordei em ajudar na maluquice deles. E por eu ter ganhado a outra, vou poder matar o jovem, com um golpe de marreta.

As duas Zoryas assentiram com a cabeça, gravemente.

— Que pena — Zorya Vechernyaya disse a Shadow. — Se eu lesse a sua sorte,

diria que você iria ter uma vida longa e feliz, com muitos filhos.

— É por isso que é uma boa vidente — disse Zorya Utrennyaya. Ela parecia sonolenta, como se fosse um esforço enorme ficar acordada até tão tarde.

— Você conta as melhores mentiras.

No fim da refeição, Shadow ainda estava com fome. A comida da prisão era bem ruim, mas ainda era melhor do que aquilo.

— Que comida boa — disse Wednesday, que havia limpado o prato com todos os indícios de prazer. — Agradeço às senhoras. E, agora, acho que é de nossa incumbência pedir que nos recomendem um bom hotel na vizinhança.

Zorya Vechernyaya pareceu ofender-se com isso.

— Por que você tem que ir pra um hotel? Não somos seus amigos?

— Eu não quero incomodar... — disse Wednesday.

— Não incomoda — retrucou Zorya Utrennyaya, com uma das mãos brincando com seus cabelos louros e incongruentes, e bocejando.

— Você pode dormir no quarto do Bielebog. Está vazio. E pra você, moço, eu faço uma cama no sofá. Vai ficar mais confortável aqui do que em uma cama de plumas. Juro.

— Seria muito gentil da parte de vocês — disse Wednesday. — Nós aceitamos.

— E você só me paga o mesmo que pagaria em um hotel — completou Zorya Vechernyaya, com uma jogada de cabelo triunfante. — Cem dólares.

— Trinta — arriscou Wednesday.

— Cinquenta.

— Trinta e cinco.

— Quarenta e cinco.

— Quarenta.

— Está bom. Quarenta e cinco dólares.

Zorya esticou a mão até o outro lado da mesa e cumprimentou Wednesday. Então, começou a tirar as panelas da mesa. Zorya Utrennyaya bocejou, com a boca tão aberta que Shadow ficou com medo de que ela deslocasse o maxilar. Avisou que estava indo para a cama antes que caísse de sono, de cara na torta, e disse boa noite para todos.

Shadow ajudou Zorya Vechernyaya a tirar a mesa e levar a louça para a pequena cozinha. Para sua surpresa, havia uma máquina de lavar pratos antiga embaixo da pia, e ele a encheu. Zorya Vechernyaya olhou por sobre o ombro dele, estalou a língua em desaprovação e retirou as tigelinhas de madeira de borscht.

— Essas vão pra pia — explicou.

— Desculpa.

— Não precisa se preocupar. Agora, lá dentro, tem torta — disse. A torta — era uma torta de maçã — fora comprada em uma loja e esquentada no forno... estava muito, muito boa. Os quatro comeram-na com sorvete, então Zorya Vechernyaya fez todo mundo sair da sala de estar e arrumou uma boa cama no sofá para Shadow.

Wednesday aproveitou para conversar com Shadow, enquanto esperavam no corredor:

— O que foi que você aprontou com aquele jogo de damas?

— O quê?

— Você foi bom. Muito estúpido, mas bom. Durma bem. Shadow escovou os dentes e lavou o rosto com a água fria do pequeno banheiro, então voltou pelo corredor até a sala de estar, apagou a luz e adormeceu antes que sua cabeça encostasse no travesseiro.

Houve explosões no sonho de Shadow: ele dirigia um avião por um campo minado, e bombas explodiam dos dois lados do veículo. O pára-brisa se despedaçou e ele sentiu sangue quente escorrendo pelo rosto.

Alguém gritava para ele.

Uma bala perfurou seu pulmão, uma bala despedaçou sua coluna, outra acertou o ombro. Sentiu o impacto de cada uma. Ele desmaiou em cima da direção.

A última explosão terminou em escuridão.

Eu devo estar sonhando, pensou Shadow, sozinho, na escuridão. Acho que acabei de morrer. Ele lembrava-se de ouvir e acreditar, quando criança, que se você morresse em um sonho, também morreria na vida real. Não se sentia morto, e abriu os olhos para testar.

Havia uma mulher na pequena sala de estar, parada contra a janela, de costas para ele. Seu coração deu um pulo, e então disse:

— Laura?

Ela se virou, emoldurada pelo luar.

— Desculpe. Não queria acordar você.

Ela tinha um sotaque leve da Europa Oriental.

— Eu vou embora.

— Não, tudo bem — disse Shadow. Você não me acordou. Eu estava sonhando.

— É — ela disse. — Você estava gritando e se lamentando. Uma parte de mim queria acordar você, mas eu pensei: não, devo ir embora.

Seu cabelo parecia pálido e sem cor sob a luz fraca da Lua. Ela vestia uma camisola branca de algodão, com um laço grande no pescoço e uma barra que arrastava no chão. Shadow sentou-se, totalmente desperto.

— Você é Zorya Polu... — hesitou. — A irmã que estava dormindo.

— Eu sou Zorya Polunochneya, sim. E você é o Shadow, certo? Foi o que a Zorya

Vechernyaya me disse quando eu acordei.

— É. O que você está olhando aí fora?

Ela olhou para ele e então acenou para que fosse até a janela. Zorya virou as costas enquanto ele vestia seu jeans. Ele caminhou até ela. Parecia uma distância tremenda para uma sala tão pequena.

Shadow não conseguia adivinhar sua idade. A pele não tinha rugas, os olhos eram escuros, os cílios, longos, seus cabelos, brancos, iam até a cintura. O luar transformava as cores em fantasmas de si mesmas. Zorya era mais alta do que suas duas irmãs.

Ela olhou para o céu noturno:

— Eu estava admirando aquilo — disse, apontando para a constelação de sete estrelas da Ursa Maior. — Está vendo?

— A Ursa Maior. O grande urso.

— Esse é um modo de ver. Mas não é assim que a gente vê no lugar de onde eu venho. Eu vou subir no telhado. Quer vir comigo?

Ela abriu a janela e subiu, descalça, pela escada de incêndio. Um vento gelado soprou pela janela. Algo incomodava Shadow, mas ele não sabia o quê.

Hesitou um pouco, então colocou o casaco, as meias e os sapatos e a seguiu pela escada de incêndio enferrujada. Ela esperava por ele. Sua respiração se transformava em vapor no ar frio. Shadow observou os pés descalços dela percorrerem os degraus de metal gelado e a seguiu até o telhado.

O vento soprava frio, fazendo com que o tecido da camisola dela grudasse no corpo, e Shadow percebeu com desconforto que Zorya Polunochnaya não usava absolutamente nada por baixo da roupa de dormir.

— Você não se incomoda com o frio? — perguntou quando chegaram ao topo da escada de incêndio, mas o vento levou suas palavras embora.

— Como?

Ela se abaixou, colocando o rosto bem próximo ao dele. Seu hálito era doce.

— Perguntei se não se incomoda com o frio.

Ela levantou um dedo como resposta: espere. Ela passou, delicadamente, da escada para o prédio, para cima do telhado chato. Shadow passou para lá um pouco mais desajeitado e seguiu-a pelo telhado, até a sombra da caixa d'água. Havia um banco de madeira ali, onde se sentaram. A caixa d'água funcionava como quebra-vento, o que agradou Shadow.

— Não — ela disse. — O frio não me incomoda. Esta é a minha hora: eu não poderia me sentir desconfortável à noite, do mesmo jeito que um peixe não poderia se sentir mal em águas profundas.

— Você deve gostar da noite — disse Shadow, lamentando por não ter dito algo

mais sábio, mais profundo.

— Minhas irmãs também têm suas horas. A Zorya Utrennyaya é do amanhecer. No Velho Continente ela acordava pra abrir o portão e deixar nosso pai passar com a... humm, eu esqueci a palavra, igual a um carro, mas com cavalos?

— Carroça?

— Isso. Nosso pai saía, e Zorya Vechernyaya abria o portão pra ele ao entardecer, quando voltava pra nós.

— E você?

Ela fez uma pausa. Seus lábios eram carnudos, mas muito pálidos.

— Eu nunca via nosso pai. Eu estava sempre dormindo.

— Isso é doença?

Ela não respondeu. O dar de ombros, se é que ela deu de ombros, foi imperceptível.

— Então você queria saber o que eu estava olhando.

— A Ursa Maior.

Ela levantou o braço para apontar, e o vento fez com que o tecido da camisola grudasse em seu corpo. Os mamilos ficaram visíveis por um instante, escuros contra o algodão branco. Shadow tremeu.

— Chama-se Carruagem de Odin. E Grande Urso. De onde nós viemos, acredita-se que é uma, uma coisa, uma, não um deus, mas parecido com um deus, uma coisa ruim, acorrentada naquelas estrelas. Se escapar, vai engolir tudo e todos. E tem três irmãs que precisam tomar conta do céu, o dia inteiro, a noite inteira. Se ela escapar, a coisa nas estrelas, o mundo acaba. Pfff!, assim.

— E as pessoas acreditam nisso?

— Acreditavam. Muito tempo atrás.

— E você estava olhando pra ver se encontrava o monstro nas estrelas?

— Mais ou menos. Estava.

Ele sorriu. Pousou que, se não fosse pelo frio, poderia estar sonhando. Tudo se parecia muito com um sonho.

— Posso perguntar quantos anos você tem? Suas irmãs parecem bem mais velhas.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu sou a mais nova. A Zorya Utrennyaya nasceu de manhã, e a Zorya Vechernyaya nasceu ao anoitecer, e eu nasci à meia-noite. Eu sou a irmã da meia-noite, Zorya Polnochnaya. Você é casado?

— Minha mulher morreu na semana passada em um acidente de carro. O enterro foi ontem.

— Sinto muito.

— Ela veio me ver ontem à noite.

Aquilo não era difícil de dizer, na escuridão, ao luar... não era tão impensável como seria de dia.

— Você perguntou pra ela o que ela queria?

— Não. Acho que não.

— Talvez você devesse perguntar. Isso é a coisa mais sábia a se perguntar pros mortos. Às vezes eles respondem. Zorya Vechernyaya me disse que você jogou damas com o Czernobog.

— É. Ele ganhou o direito de golpear a minha cabeça com uma marreta.

— No passado, levavam pessoas até o topo das montanhas. Até os lugares altos. Golpeavam a parte de trás da cabeça delas com uma pedra. Para Czernobog. Shadow olhou para os lados. Não... estavam sozinhos no telhado. Zorya Polunochnaya riu.

— Bobo. Ele não está aqui. Mas você também ganhou um jogo. Ele não vai dar o golpe até tudo terminar. Pelo menos disse que não. E você vai saber. Igual às vacas que ele matava. Elas sempre sabiam antes. Senão, de que adianta?

— Eu me sinto como se estivesse em um mundo que tem sua própria lógica. Suas próprias regras. Igual quando você está sonhando e sabe que não pode desobedecer a certas regras. Mesmo que você não saiba o que significam. Eu só estou indo na onda, sabe?

— Sei.

Ela segurou na mão dele com a mão fria como o gelo:

— Você já ganhou proteção. Entregaram o Sol em si pra você. Mas você o perdeu, você se desfez dele. Tudo que eu posso fazer é oferecer uma proteção bem mais fraca. A filha, não o pai. Mas tudo ajuda. Quer?

O cabelo dela voou para cima do rosto com o vento gelado.

— Eu tenho que brigar com você? Ou jogar damas? — perguntou.

— Você nem precisa me beijar. Só pegue a lua de mim.

— Como?

— Pegue a Lua.

— Eu não entendo.

— Observe — disse Zorya Polunochnaya.

Ela levantou a mão esquerda e a colocou na frente da Eua, de maneira que o polegar e o indicador parecessem estar agarrando-a. Então, com um movimento suave, deu um puxão. Por um instante, pareceu que ela havia retirado a Lua de seu lugar, mas daí Shadow viu que ainda brilhava no céu, e Zorya Polunochnaya abriu a mão para mostrar um dólar

de prata com a efígie da Liberdade entre o polegar e o indicador.

— Isso foi muito bem feito — disse Shadow. — Eu não vi como você escondeu na palma da mão. E não sei como é que fez a última parte.

— Eu não escondi na palma da mão. Eu peguei. E agora dou pra você, pra ficar protegido. Pronto. Não vá se desfazer dessa aqui.

Ela colocou a moeda na mão direita dele e fechou seus dedos sobre o metal. A moeda repousava fria na mão de Shadow. Zorya Polunochnaya inclinou-se para a frente, e fechou os olhos dele com seus dedos, beijou-o, de leve, uma vez sobre cada pálpebra.

Shadow acordou no sofá, totalmente vestido. Uma réstia de sol passava através da janela, fazendo com que as partículas de poeira dançassem na luz.

Ele saiu da cama e andou até a janela. A sala parecia muito menor à luz do dia.

A coisa que o incomodava desde a noite anterior voltou à tona quando olhou para fora e para baixo, e para o outro lado da rua. Não havia escada de incêndio do lado de fora da janela: não tinha sacada nem degraus de metal enferrujado.

No entanto, ele segurava na palma da mão, tão claro e brilhante quanto no dia em que havia sido cunhado, um dólar de prata de 1922 com a efígie da Liberdade.

— Ah, você acordou — disse Wednesday, colocando a cabeça no vão da porta. — Que bom. Quer café? Vamos roubar um banco.

CHEGANDO À AMÉRICA

1721

A coisa mais importante a se entender a respeito da história americana, escreveu o senhor Ibis, em seu diário com capa de couro, é que tudo não passa de uma história de ficção, de um esboço simplificado para crianças ou para aqueles que se aborrecem com facilidade. Para a maior parte das pessoas, é algo sem consideração, inimaginável, imprevisto, uma representação do fato', e não o fato em si. É uma boa ficção, continuou, pausando por um instante para mergulhar a pena no tinteiro e juntar as ideias, pensar que a América tenha sido fundada por peregrinos à procura da liberdade de acreditar no que quisessem, que eles tenham vindo para as Américas para se espalhar, se procriar e preencher a terra vazia.

Na verdade, as colônias americanas eram tanto um campo de refúgio quanto uma fuga, um lugar esquecido. No tempo em que se podia ser enforcado em Londres, na árvore de três copas de Tyburn, por se ter roubado doze centavos, as Américas se transformaram em um símbolo de clemência, em uma segunda chance. Mas as condições de banimento eram tais que, para alguns, era mais fácil dar um salto da árvore sem folhas e ficar dançando no ar até a dança terminar. Banimento, era como chamavam aquilo: durante cinco anos, durante dez anos, durante a vida inteira. Essa era a sentença.

Você era vendido para um capitão, e viajava no barco dele, apertado no meio de uma multidão como se estivesse em um navio negreiro, até as colônias das Índias Ocidentais. Ao desembarcar, o capitão o vendia como servo por contrato para alguém que arrancaria sua pele de tanto trabalhar até que os anos de sua servidão chegassem ao fim. Mas pelo menos você não ficava à espera de ser enforcado em uma prisão inglesa (porque naquele tempo as prisões eram locais, onde você ficava até ser solto, banido ou enforcado: você não ficava lá por um período determinado) e ficava livre para aproveitar o novo mundo o melhor que pudesse. Podia subornar um capitão do mar que o levasse de volta à Inglaterra antes que o período do seu banimento chegasse ao fim. Muita gente fazia isso. E se as autoridades o pegassem voltando do banimento — se um antigo inimigo, ou um velho amigo com contas a acertar, o visse e o delatasse — então seria enforcado sem pestanejar.

Eu me recordo, ele continuou, depois de uma pausa curta, durante a qual encheu o tinteiro de sua mesa com a garrafa de tinta marrom-avermelhada do armário e mergulhou sua pena mais uma vez, da vida de Essie Tregowan, que veio de um vilarejo gelado no topo de uma montanha na Cornualha, no sudoeste da Inglaterra, onde sua família viveu desde sempre. O pai dela era pescador, e havia rumores de que ele fosse um saqueador de navios — um daqueles que pendurava suas lanternas bem alto nos penhascos perigosos quando as tempestades se enfureciam, confundindo as embarcações para que fossem de encontro às pedras, para roubar os bens a bordo. A mãe de Essie trabalhava como cozinheira na casa do senhor das terras, e, com 12 anos, Essie começou a trabalhar lá, na copa. Ela era uma coisinha magra, com grandes olhos castanhos e cabelos castanho-escuros. Não trabalhava muito, mas escapava do serviço para ouvir histórias e contos sempre que houvesse alguém disponível para narrá-los: contos sobre piskies e spriggans, sobre cães negros dos pântanos e sobre mulheres-foca do canal. E, apesar de o proprietário das terras rir de tais coisas, os serventes da cozinha colocavam todas as noites um pires do leite mais cremoso do lado de fora da porta da cozinha, para os piskies.

Muitos anos se passaram, e Essie já não era mais uma coisinha magra: agora ela tinha curvas e ondas como a maré do mar verde, e seus olhos marrons sorriam, e seu cabelo castanho jogava de um lado para o outro em cachos. Os olhos de Essie se acendiam quando olhavam para Bartholomew, o filho de 18 anos do senhor das terras, que havia chegado de Rugby para passar as férias em casa. À noite, ela foi até o dólmen na beira do bosque, e colocou sobre a pedra um pouco do pão que Bartholomew tinha deixado no prato, amarrado com uma trancinha do cabelo dela. E, logo no dia seguinte, enquanto limpava a lareira do quarto dele, Bartholomew veio falar com ela e olhou-a com a aprovação de seus próprios olhos, de um azul perigoso, como quando uma tempestade se aproxima.

Ele tinha olhos tão perigosos, Essie Tregowan dizia.

Logo Bartholomew foi para Oxford, e, quando o estado de Essie se tornou aparente, foi despedida. Mas o bebe nasceu morto e, como favor à mãe de Essie, que era uma ótima cozinheira, a vontade da esposa do senhor das terras prevaleceu sobre a do marido, e a empregada voltou ao seu antigo posto na copa.

Mas o amor de Essie por Bartholomew se transformou em ódio à família dele, e no

decorrer do ano ela tomou como novo amado um sujeito de um vilarejo vizinho, com má reputação, que se chamava Josiah Horner. E, certa noite, Essie levantou-se no meio da noite e destrancou a porta lateral para deixar seu amado entrar. Ele roubou a casa enquanto a família dormia.

A suspeita logo recaiu sobre alguém da casa, porque estava claro que alguém tinha aberto a porta (que a esposa do senhor das terras lembrava-se particularmente de ter trancado pessoalmente), e devia saber onde o senhor das terras guardava seu prato de prata e qual era a gaveta onde deixava suas moedas e suas notas promissórias. Ainda assim, Essie, resolutamente negando tudo, foi condenada por nada, até que o senhor Josiah Horner foi preso, em um fornecedor de Exeter, passando para a frente uma das notas do senhor das terras. Ele a identificou como uma das suas, e Horner e Essie foram a julgamento.

Horner foi condenado em um julgamento local, e foi, como a gíria da época descrevia tão cruel e casualmente, apagado. Mas o juiz ficou com pena de Essie, por causa de sua idade e de seus cabelos castanhos, e a sentenciou a um banimento de sete anos. Ela deveria ser banida em um barco chamado Neptune, sob o comando do capitão Clarke. Então Essie foi para as Carolinas. E, no caminho, estabeleceu uma aliança com o próprio capitão e convenceu-o a levá-la de volta para a Inglaterra, como sua esposa, para a casa da mãe dele em Londres, onde ninguém a conhecia. A viagem de volta, quando a carga humana havia sido trocada por algodão e tabaco, foi uma época pacífica e feliz para o capitão e sua nova noiva: pareciam dois pombinhos apaixonados ou duas borboletinhas fazendo a corte, incapazes de se separar ou de parar de dar presentes um ao outro ou de se acariciar.

Quando chegaram a Londres, o capitão Clarke alojou Essie com sua mãe, que a tratava da maneira como deveria tratar a esposa nova do filho. Oito semanas depois, o Neptune içou as velas novamente, e a linda jovem noiva de cabelos castanhos acenou adeus para o marido, do porto. Então Essie voltou para a casa de sua sogra, onde, com a velha ausente, serviu-se de um corte de seda, de várias moedas de ouro e de uma panela de prata onde a velha guardava seus botões e, enfiando todas essas coisas no bolso, desapareceu nas névoas de Londres.

Nos dois anos que se seguiram, Essie transformou-se em uma ladra talentosa, com suas saias amplas capazes de esconder uma multidão de pecados, que consistiam principalmente em rolos de seda e de renda, e assim vivia uma vida folgada. Essie acreditava que conseguia escapar ilesa de suas vicissitudes graças a todas as criaturas que haviam sido mencionadas quando ela era criança, aos piskies (cuja influência, ela tinha certeza, chegava até Londres), e colocava uma tigela de madeira cheia de leite no peitoril de uma janela toda noite, apesar de seus amigos rirem dela; mas ela riu por último, porque seus amigos pegaram varíola ou gonorréia e Essie continuou saudável como nunca.

Ela estava a um ano de seu vigésimo aniversário quando o destino lhe desferiu um golpe sujo: estava acomodada na hospedaria Crossed Forks, na Fleet Street, em Bell Yard, quando viu um homem entrar e sentar-se perto da lareira, recém-chegado da universidade. Oh-ho! Um pombo pronto para ser depenado, pensa Essie consigo mesma, e senta-se ao lado dele. Diz que ele é um jovem maravilhoso e, com uma mão, começa a acariciar seu

joelho, enquanto a outra mão, com mais cuidado, procura seu relógio de bolso. Foi então que ele olhou bem em seu rosto, e o coração dela deu um salto e se apertou quando olhos de um azul tão perigoso quanto o céu de verão — antes de uma tempestade — olharam bem dentro dos dela, e o senhor Bartholomew disse seu nome.

Ela foi levada até Newgate e acusada de voltar do banimento. Considerada culpada, ninguém se chocou quando Essie alegou estar grávida, apesar de as matronas da cidade, que avaliavam tais alegações (que normalmente eram falsas), terem se surpreendido quando foram obrigadas a concordar que, de fato, Essie estava grávida. Contudo, ela recusava-se a dizer quem era o pai.

Sua sentença de morte mais uma vez foi transformada em banimento, agora perpétuo.

Dessa vez, ela viajou no Sea-Malden. Havia duzentos banidos no porão daquele navio, como porcos gordos a caminho do mercado. Corrimentos e febres espalhavam-se desenfreadamente; mal havia lugar para sentar, quanto mais para deitar; uma mulher morreu durante o parto no fundo do porão, e as pessoas estavam tão apertadas que era impossível retirar o corpo. Ela e a criança foram empurradas por uma pequena escotilha diretamente para o mar cinzento revolto. Essie estava grávida de oito meses, e foi um milagre ter segurado o bebe, mas segurou.

Durante toda a sua vida depois daquilo, teria pesadelos relacionados ao tempo passado naquele porão, e acordaria gritando e sentindo o gosto e o fedor do lugar na garganta.

O Sea-Maiden aportou em Norfolk, na Virgínia, e o contrato de servidão de Essie foi comprado por um "pequeno latifundiário", um cultivador de tabaco chamado John Richardson, porque sua mulher morrera de febre do parto uma semana depois de a filha nascer, e ele precisava de uma ama de leite e de uma empregada para todos os serviços domésticos em sua pequena propriedade.

Então, o menino de Essie, que ela chamou de Anthony, para homenagear o marido morto e pai dele (sabendo que lá não havia ninguém para dizer o contrário, e talvez tivesse mesmo conhecido algum Anthony), sugava o seio de Essie ao lado de Phylida Richardson. A filha de seu empregador sempre ganhava a primeira mamada, por isso cresceu forte e saudável, enquanto o filho ficou fraco e raquítico com o que sobrava.

Junto com o leite, as crianças também bebiam as histórias de Essie enquanto cresciam: sobre os golpeadores e sobre os chapéus-azuis que vivem no fundo das minas; sobre o Bucca, o espírito mais traiçoeiro da terra, muito mais perigoso dos que os piskies com seus cabelos ruivos e seus narizes arrebitados, para quem o primeiro peixe da pescaria era sempre deixado sobre o telhado, e para quem um pão que acabara de sair do forno era deixado nos campos, na época da ceifa, para garantir a colheita. Ela contava a eles sobre os homens-macieira — antigas macieiras que falavam quando assim desejavam, e que precisavam ser acalmadas com a melhor cidra da produção, que era derramada sobre suas raízes na virada do ano, para que dessem uma boa colheita no ano seguinte. Com seu sotaque lento e meloso da Cornualha, disse às crianças quais árvores deveriam ser evitadas, por meio do antigo verso:

Elm, he do brood
Ana oak, he do hate,
But the willow-man goes walking
If you stays out late [{5}](#)

Ela contava todas essas coisas, e eles acreditavam, porque ela acreditava.

A fazenda prosperava, e Essie Tregowan colocava um pires de porcelana com leite do lado de fora da porta de trás, toda noite, para os piskies. E, depois de oito meses, John Richardson veio bater calmamente à porta do quarto de Essie, e pediu a ela favores do tipo que uma mulher oferece aos homens. Essie disse a ele como ficara chocada e magoada, uma pobre viúva, e uma serva por contrato — que não era melhor do que uma escrava —, ao ouvir uma proposta de prostituição de seu corpo a um homem por quem ela tinha tanto respeito — e uma serva por contrato não podia se casar, então como é que ele ousava pensar em atormentar uma moça, serva e banida, ela não conseguia entender. E seus olhos castanhos encheram-se de lágrimas, tanto que Richardson descobriu-se pedindo desculpas a ela. O desfecho daquilo foi que John Richardson terminou, naquele corredor, naquela noite quente de verão, ajoelhado sobre uma perna na frente de Essie Tregowan, propondo fim ao seu contrato de servidão e oferecendo a mão dele em casamento. Agora, apesar de ter aceitado, não se deitaria com ele até que tudo fosse legalizado, e, por consequência, mudou-se do quartinho no sótão para o quarto principal na parte da frente da casa. Se alguns dos amigos do fazendeiro Richardson e suas esposas desviavam dele quando o viam na cidade, muitos outros eram de opinião que a nova senhora Richardson era uma mulher bonita demais, e que johnnie Richardson havia feito muito bem a si mesmo.

Em um ano ela havia dado à luz outra criança, um menino, tão louro quanto seu pai e sua meio-irmã, que foi chamado de John, em homenagem ao pai.

As três crianças iam à igreja local aos domingos para ouvir o padre itinerante, e iam à escolinha para aprender as letras e os números com as crianças dos outros pequenos fazendeiros. Ao mesmo tempo Essie também se assegurava de que elas conhecessem os mistérios dos piskies, que eram os mistérios mais importantes que existiam: homens ruivos com olhos e roupas tão verdes quanto um rio e narizes arrebitados, homens engraçados e de olhos apertados que, se tivessem vontade, fariam com que você saísse do seu caminho, a menos que você carregasse sal no bolso, ou um pãozinho. Quando as crianças iam para a escola, cada uma delas carregava um pouquinho de sal em um bolso e um pãozinho no outro, os velhos símbolos da vida e da terra, para assegurarem-se de que voltariam a salvo para casa mais uma vez, e elas sempre voltavam.

As crianças cresceram nas montanhas verdejantes da Virgínia, ficaram altas e fortes (apesar de Anthony, seu primeiro filho, sempre ter sido mais fraco, mais pálido, mais propenso a doenças e a falta de ar) e os Richardson eram felizes. Essie amava seu marido da melhor maneira que podia. Estavam casados havia uma década quando Richardson desenvolveu uma dor de dente tão grande que fez com que caísse do cavalo. Levaram-no à cidade mais próxima, onde o dente foi arrancado, mas já era tarde demais. A infecção do sangue levou-o embora, com o rosto escuro e gemendo: ele foi enterrado sob o seu chorão

preferido.

A viúva de Richardson cuidou da fazenda até que os dois filhos atingissem a maioridade: ela administrava os servos por contrato e os escravos, e fazia a colheita de tabaco, ano sim, ano não. Derramava cidra nas raízes das macieiras na véspera de ano novo, colocava um pão recém-saído do forno nos campos na época da ceifa e sempre deixava um pires de leite do lado de fora da porta de trás. A fazenda progrediu, e a viúva ganhou fama de uma dura negociante, mas cuja colheita era sempre boa, e que nunca vendia mercadoria de segunda categoria.

Então, tudo correu bem durante os dez anos seguintes. Mas, depois disso, houve um ano ruim, porque Anthony, o filho dela, matou Johnnie, seu meio-irmão, em uma briga furiosa sobre o futuro da fazenda e a disponibilidade da mão de Phylhda. Alguns disseram que ele não tinha intenção de matar o irmão, mas que o golpe fora muito fundo, e outros disseram que não. Anthony fugiu, deixando Essie para enterrar seu filho ao lado do pai. Algumas pessoas diziam que Anthony fugira para Boston, outras que ele fora para o sul, mas sua mãe sempre foi da opinião de que ele havia tomado o navio para a Inglaterra, para se alistar no exército do rei George e lutar contra os escoceses. Mas, sem os dois filhos, a fazenda era um lugar vazio, além de triste, e Phylhda consumia-se e queixava-se como se tivesse sido abandonada por um amor, ao mesmo tempo em que nada que sua madrasta pudesse dizer ou fazer fosse capaz de devolver um sorriso aos lábios dela.

Mas, de coração partido ou não, elas precisavam de um homem na fazenda, e então Phylhda casou-se com Harry Soames, um carpinteiro de embarcações por profissão que havia se cansado do mar e que sonhava com uma vida em uma fazenda como aquela de Eincinshire, onde havia crescido. E, apesar da fazenda dos Richardson ser bem pequena, Harry Soames descobriu semelhanças suficientes para ser feliz. Cinco crianças nasceram para Phylhda e Harry, três das quais sobreviveram.

A viúva Richardson sentia falta de seus filhos, e sentia falta de seu marido, apesar de ele não passar de uma memória... um homem justo que a tratava com gentileza. Os filhos de Phylhda vinham a Essie para ouvir histórias, e ela contava sobre o Cão Negro dos pântanos, e sobre a Cabeça-Despelada e os Ossos-Ensanguentados, ou sobre o Homem-Macieira, mas eles não se interessavam. Só queriam saber das histórias de João — João e o Pé de Feijão, João que Matou o Gigante ou João e seu Gato e o Rei. Ela amava aquelas crianças como se fossem do seu próprio sangue, apesar de às vezes chamá-los por nomes de pessoas que já tinham morrido havia muito tempo.

Era maio, e ela colocou sua cadeira no jardim da cozinha para escolher ervilhas e debulhá-las ao sol porque, mesmo no calor verdejante da Virgínia, o frio havia penetrado em seus ossos assim como a geada tinha se emaranhado em seus cabelos, e um pouquinho de calor era uma coisa muito boa.

Enquanto a viúva Richardson debulhava as ervilhas com suas mãos velhas, começou a pensar sobre como seria bom caminhar novamente nos pântanos e nas montanhas de sal da sua Cornualha nativa, e se lembrou de como ficava no telhado quando era menininha, esperando o barco de seu pai voltar dos mares cinzentos. As mãos dela, nodosas, azuladas e desajeitadas, abriam as vagens das ervilhas, derramavam as ervilhas boas em uma tigela de barro, e colocavam as vagens vazias sobre o avental que

cobria o colo. E então ela percebeu que se lembrava, como não fazia há muito tempo, de um passado perdido: como roubava bolsas e afanava sedas com seus dedos hábeis. Então se lembrou do carcereiro de Newgate, dizendo que ainda se passariam umas boas doze semanas até que seu caso fosse julgado, e que ela poderia escapar da forca se alegasse estar grávida, e que coisinha bonitinha ela era — e como se virou para a parede e corajosamente levantou as saias, odiando a si e a ele, mas sabendo que ele estava certo; e a sensação da vida despertando dentro dela, que significava que poderia enganar a morte mais um pouco...

— Essie Tregowan? — disse o forasteiro.

A viúva Richardson olhou para cima, fazendo sombra sobre os olhos contra o sol de maio:

— Eu conheço você? — perguntou.

Ela não havia ouvido ele se aproximar.

O homem estava todo vestido de verde: calça xadrez verde, empoeirada, jaqueta verde e um casaco verde-escuro. Seus cabelos eram de um ruivo-cenoura, e seu sorriso, torto. Havia algo naquele homem que a deixava feliz e algo mais que denotava perigo.

— Você pode dizer que me conhece — disse.

Ele apertou os olhos e a observou, e ela fez o mesmo em sua direção, procurando uma pista da sua identidade em seu rosto redondo. Ele parecia tão jovem quanto um de seus próprios netos, no entanto, chamou-a por seu nome antigo, falando os erres numa voz que a fazia recordar de sua infância, das rochas e dos pântanos de seu lar.

— Você veio da Cornualha? — ela perguntou.

— Vim sim, sou um tipo de primo João. Ou melhor, isso eu era, mas agora eu estou aqui nesse mundo novo, onde ninguém deixa bebida ou leite para um sujeito honesto, ou um pão na época da ceifa.

A velha ajeitou a tigela de ervilhas sobre o colo.

— Se você é quem eu penso que é, então não temos nenhuma rixa. Dentro de casa, ela ouviu Phylhda reclamando com a arrumadeira.

— Não — disse o sujeito ruivo, com um pouco de tristeza. — Apesar de ler sido você que me trouxe pra cá, você e mais uns outros do seu tipo, pra esta terra que não tem tempo pra magia e não tem lugar pra piskies e outros seres assim.

— Você fez várias coisas boas pra mim — ela disse.

— Boas e ruins. Somos como o vento, sopramos em ambas as direções. Essie assentiu com a cabeça.

— Você me daria a sua mão, Essie Tregowan?

E ele esticou uma mão na direção dela. Era cheia de sardas, e, apesar de a visão de Essie estar falhando, conseguia enxergar cada pelo cor-de-laranja nas costas de sua mão, brilhando dourado sob a luz da tarde. Ela mordeu o lábio. Então, com hesitação, colocou

sua mão nodosa e azulada sobre a dele.

Ela ainda estava quente quando foi encontrada, apesar de a vida ter fugido de seu corpo e apenas metade das ervilhas estarem debulhadas.

CAPÍTULO CINCO

*Madam Life's a piece in bloom Death goes dogging
everywhere:*

She's the tenant of the room, Hes the ruffian on the stair.^[6]

— W. E. Henley, "Madam Lives a Piece in Bloom"

Apenas Zorya Utrennyaya estava acordada para se despedir deles, naquele sábado de manhã. Ela pegou os 45 dólares de Wednesday e insistiu em escrever, com caligrafia ampla e cheia de voltas, um recibo na parte de trás de um cupom expirado de refrigerante. Ela se parecia um pouco com uma boneca à luz da manhã, com seu rosto velho cuidadosamente maquiado e seu longo cabelo dourado arrumado em um coque alto sobre a cabeça. Wednesday beijou sua mão:

— Obrigada por sua hospitalidade, cara senhora. Você e suas lindas irmãs continuam tão radiantes quanto o próprio céu.

— Você é um velho mau — ela disse, sacudindo um dedo na frente de seu rosto.

Então, abraçou-o:

— Cuide-se. Eu não gostaria de saber que você se foi de vez.

— Isso me perturbaria igualmente, minha cara. Ela apertou a mão de Shadow:

— Zorya Polunochneya tem muita consideração por você. E eu também.

— Muito obrigado. E obrigado pelo jantar.

Ela levantou uma sobrancelha para ele:

— Você gostou? Pois deve aparecer outras vezes.

Wednesday e Shadow desceram as escadas. Shadow colocou a mão no bolso da jaqueta. O dólar de prata estava frio de encontro à sua mão. Era maior e mais pesado do que qualquer outra moeda que já havia usado. Ele a escondeu na palma da mão da maneira clássica, deixando a mão pender ao lado do corpo com naturalidade, então esticou a mão quando a moeda escorregou para o outro lado. A moeda parecia natural ali, presa levemente entre os dedos.

— Você fez com bastante suavidade — disse Wednesday.

— Só estou aprendendo. Consigo fazer um monte de coisas técnicas. A parte mais

difícil e fazer as pessoas olharem pra outra mão.

— É mesmo?

— É. Chama-se desviar a atenção.

Ele deslizou seus dedos do meio para a parte de baixo da moeda, empurrando-a para as costas da mão, e tateou para agarrá-la mais uma vez, sempre bem de leve. A moeda caiu de sua mão com um ruído e desceu meio lance de escadas pulando. Wednesday abaixou-se e a pegou.

— Shadow, não seja tão displicente com os presentes que as pessoas lhe oferecem. Você precisa se apegar a uma coisa dessas. Não pode ficar jogando por aí.

Examinou a moeda, olhando primeiro para o lado da águia e depois para a efígie da Liberdade no verso.

— Ah, a senhora Liberdade. Linda, não é?

Ele jogou a moeda para Shadow, que a agarrou no ar e a fez desaparecer com uma escorregadela — parecendo deixá-la cair na mão esquerda quando na verdade a mantinha na direita — e então fingiu colocá-la no bolso com a mão esquerda. A moeda permanecia em sua mão direita, bem à vista. Ficava confortável ali.

— A senhora Liberdade é estrangeira, como tantos outros deuses que os americanos prezam. Nesse caso, uma francesa, apesar de que, em deferência às sensibilidades americanas, os franceses tenham coberto aquele peito magnífico da estátua que deram de presente a Nova York. A Liberdade — ele continuou, torcendo o nariz para a camisinha que repousava no fim do lance de escadas, chutando-a para a lateral da escada com desgosto: — Alguém podia ter escorregado naquilo. Quebrado o pescoço! —, resmungou, interrompendo a si mesmo. — É igual a uma casca de banana, só que com gosto ruim e com ironia dentro.

Ele empurrou a porta para abri-la, e o sol entrou.

— A Liberdade — rugiu Wednesday enquanto se dirigiam para o carro, — é uma cadela que deve ir pra cama sobre um colchão de cadáveres.

— Ah, é? — disse Shadow.

— Estou citando uma francesa. É pra ele que botaram uma estátua lá naquele porto de Nova York: uma cadela que gostava de trepar no refugio da guilhotina. Segura a sua tocha o mais alto que puder, minha cara, porque ainda tem um monte de ratos no seu vestido e um corrimento gelado escorrendo pelas suas pernas.

Ele destrancou o carro e apontou o assento do passageiro para Shadow.

— Eu acho que ela é bonita — disse Shadow, colocando a moeda bem perto do rosto.

O rosto de prata da Liberdade o fazia pensar no da pequena Zorya Polunochnaya.

— Essa — disse Wednesday, saindo com o carro — é a estupidez eterna do homem. Andar atrás da carne doce, sem perceber que não passa de uma cobertura bonita prós

ossos. Comida de verme. À noite, você fica se esfregando em comida de verme. Sem ofensa.

Shadow nunca vira Wednesday tão expansivo assim. Concluiu que o seu novo chefe passava por fases de extroversão seguidas de períodos de tranquilidade intensa.

— Então, você não é americano? — perguntou Shadow.

— Ninguém é americano. Não de origem. É isso que quero dizer. Olhou para o relógio:

— Ainda temos muito tempo pra matar antes de os bancos fecharem. Aliás, fez um bom trabalho ontem à noite com Czernobog. Eu ia acabar conseguindo fazer com que ele viesse, mas você conseguiu que ele se alistasse com o coração mais aberto.

— Só porque ele vai poder me matar depois.

— Não necessariamente. Esqueceu que ele é velho? O golpe assassino pode deixar você apenas, bom, parálítico pelo resto da vida, digamos. Um inválido inútil. Então você tem o que esperar do futuro, se é que o senhor Czernobog vai sobreviver às dificuldades que vêm por aí.

— E existe alguma dúvida a respeito disso? — disse Shadow, ecoando o maneirismo de Wednesday e odiando-se por isso.

— Porra, claro que sim.

Parou o carro no estacionamento de um banco.

— Este é o banco que eu vou roubar. Ainda demora algumas horas pra fechar. Vamos entrar e dar um oi.

Ele fez um gesto para Shadow que, com relutância, saiu do carro. Se o velho pretendia fazer alguma estupidez, Shadow não entendia por que seu rosto precisava aparecer na câmera. Mas foi cutucado pela curiosidade, e entrou no banco. Olhava para o chão, esfregando o nariz com a mão, fazendo de tudo para esconder o rosto.

— Formulários de depósito, moça? — disse Wednesday à caixa solitária.

— Ali.

— Muito bem. E se eu precisar fazer um depósito noturno?

— Use os mesmos papéis — ela sorriu. — Você sabe onde fica o caixa eletrônico, querido? À esquerda da porta principal, na parede.

— Meus agradecimentos. Wednesday pegou vários formulários de depósito. Deu um sorriso de adeus à caixa, e ele e Shadow saíram.

Wednesday ficou parado na calçada por um instante, coçando a barba de maneira meditativa. Então, foi até o lugar onde ficava o caixa eletrônico e o cofre noturno, encaixados na lateral da parede, e inspecionou os dois. Conduziu Shadow para o outro lado da rua, até o supermercado, onde comprou um picolé de chocolate para si e uma xícara de chocolate quente para Shadow. Havia um telefone público na parede da entrada,

sob um quadro de avisos com quartos para alugar, e cachorrinhos e gatinhos que precisavam de um bom lar. Wednesday anotou o número do telefone público. Atravessaram a rua mais uma vez.

— O que nós precisamos agora é de neve. Uma neve bem boa, enlouquecedora, irritante. Pense "neve pra mim", pode ser?

— Hã?

— Concentre-se em fazer essas nuvens... aquelas ali, a oeste... fiquem maiores e mais escuras. Pense em céus cinzentos e ventos cortantes que vêm do Ártico. Pense em neve.

— Acho que não vai servir pra nada.

— Bobagem. Se não surtir efeito, pelo menos vai manter sua cabeça ocupada — disse Wednesday, destrancando o carro. — Agora vamos parar na Kinko's, aquela loja de serviços expressos de impressão. Anda logo.

Neve, pensava Shadow, no assento do passageiro, dando pequenos goles em seu chocolate quente. Uma massa e um grupo de flocos de neve enormes e estonteantes caindo pelo ar, remendos de branco contra o céu cinza-chumbo, neve que toca sua língua com frio, que beija o seu rosto com um toque hesitante antes de congelar você até a morte. Trinta centímetros de neve de algodão-doce, criando um mundo de conto de fadas, deixando tudo irreconhecível de tão lindo...

Wednesday falava com ele.

— Como? — disse Shadow.

— Eu disse que chegamos. Você estava em outro lugar?

— Eu estava pensando em neve.

Na Kinko's, Wednesday tirou cópia dos formulários de depósito do banco. Pediu ao balconista que imprimisse dois jogos de dez cartões de visita instantâneos. A cabeça de Shadow começou a doer, e ele sentiu um desconforto na região do meio das costas. Ficou imaginando se dormira em má posição... se a dor de cabeça não seria uma herança incômoda do sofá da noite anterior.

Wednesday sentou-se no terminal de computador para escrever uma carta e, com a ajuda do balconista, confeccionar uma série de avisos grandes.

Neve, pensou Shadow. Lá no topo da atmosfera, cristais minúsculos e perfeitos que se unem e formam uma peça diminuta de poeira, cada pedacinho de renda, um trabalho de arte fractal. E os cristais de neve se juntam em flocos quando caem, cobrindo Chicago em sua plenitude branca, centímetro por centímetro...

— Pronto — disse Wednesday.

Entregou um copo de café da Kinko's para Shadow, com uma colherada de leite em pó meio dissolvida flutuando por cima.

— Acho que chega, você não acha?

— Chega do quê?

— Chega de neve. A gente não vai querer paralisar a cidade, vai? O céu estava de uma cor uniforme, cinzento como um navio de guerra. A neve estava vindo. Estava sim.

— Não fui eu quem fez isso, fui? retrucou Shadow.

— Bebe o café — disse Wednesday. — É uma água suja, mas vai aliviar sua dor de cabeça.

Então, completou:

— Bom trabalho.

Wednesday pagou ao balconista e levou seus avisos, suas cartas e seus cartões. Abriu o porta-malas do carro, colocou os papéis em uma caixa grande e preta de metal, do tipo que os guardas de carros-forte carregam, fechou o porta-malas e entregou um cartão de visita a Shadow.

— Quem é A. Haddock, diretor de Segurança, Al Serviços de Segurança? — perguntou Shadow.

— Você.

— A. Haddock?

— É.

— E o que é o A.?

— Alfredo. Alphonse. Augustine. Ambrose. Você escolhe.

— Ah, sei.

— Eu sou James O'Gorman. Jimmy, pros amigos. Viu? Eu também tenho cartão.

Entraram no carro. Wednesday disse:

— Se você pensar "A. Haddock" tão bem quanto pensou em "neve", vamos ter bastante dinheiro pra embebedar e alimentar meus amigos esta noite.

— Eu não vou voltar pra prisão.

— Não vai.

— Achei que tínhamos concordado que eu não faria nada ilegal.

— Não vai fazer. Talvez vá ajudar e cooperar com uma pequena conspiração, seguida obviamente do recebimento de dinheiro roubado, mas, confie em mim, você vai sair dessa sem nenhum arranhão.

— Isso vai acontecer antes ou depois de o velho eslavo esmagar minha cabeça com uma porrada?

— A visão dele está falhando, provavelmente vai errar. Agora, a gente ainda tem um pouco de tempo pra matar... afinal, o banco fecha ao meio-dia no sábado. Quer almoçar?

— Quero. Estou morrendo de fome.

— Eu sei exatamente aonde a gente pode ir — disse Wednesday. Ele cantarolava, enquanto dirigia, uma música alegre que Shadow não conseguia identificar. Flocos de neve começaram a cair, exatamente como Shadow tinha imaginado, e ele sentiu-se estranhamente orgulhoso. Sabia, racionalmente, que não tinha nada a ver com a neve, da mesma maneira que sabia que o dólar de prata que carregava no bolso não era e nunca havia sido a Lua. Mesmo assim...

Pararam em frente a uma construção grande que parecia um galpão. Um aviso dizia que o bufe livre de almoço custava US\$ 4.99.

— Eu adoro este lugar — disse Wednesday.

— A comida é boa?

— Não exatamente. Mas o ambiente é imperdível.

O ambiente que Wednesday adorava revelou-se, depois de terminado o almoço (Shadow comeu frango frito e gostou), ser o negócio que tomava o fundo do galpão: era, como a faixa pendurada no meio do salão anunciava, um Depósito de Liquidação de Estoques de Empresas Falidas e Liquidadas.

Wednesday voltou ao carro e reapareceu com uma pasta pequena que levou para o banheiro. Shadow calculou que logo, logo saberia o que Wednesday estava aprontando, quer quisesse ou não, e começou a percorrer os corredores da liquidação, examinando as coisas à venda: caixas de café "para serem usadas apenas em filtros de companhias aéreas"; brinquedos das Tartarugas Ninja e bonecas de liarem Xena: a Princesa Guerreira; ursinhos de pelúcia que tocavam melodias patrióticas no xilofone quando eram ligados; latas de carne industrializada; galochas e diferentes tipos de protetores de sapatos; marshmallows; relógios de pulso da campanha presidencial de Bill Clinton; miniaturas de árvores de Natal artificiais; saleiros e pimenteiros no formato de animais, frutas, partes do corpo e freiras; e, o preferido de Shadow, um kit de homem de neve "só precisa adicionar uma cenoura de verdade", com olhos de carvão de plástico, um cachimbo de espiga de milho e um chapéu de plástico.

Shadow ficou pensando em como é que se fazia a Lua sair do céu e se transformar em um dólar de prata, e o que fazia uma mulher sair do túmulo e cruzar a cidade para falar com você.

— Não é um lugar maravilhoso? — perguntou Wednesday, quando saiu do banheiro.

Como suas mãos ainda estavam molhadas, ele as enxugava em um lenço:

— As toalhas de papel acabaram.

Lie tinha trocado de roupa. Agora vestia uma jaqueta azul-escura com calças combinando, uma gravata de tricô azul, um suéter grosso azul, uma camisa branca e sapatos pretos. Estava parecendo um guarda de segurança, e foi o que Shadow disse.

— O que eu posso dizer a respeito disso, moço? — disse Wednesday, pegando

uma caixa flutuante, de plástico, de peixes para aquário. (Eles nunca vão desbotar — e você nunca vai precisar alimentá-los!!!) — Além de cumprimentá-lo por sua perspicácia? O que você acha de Arthur Haddock? Arthur é um bom nome.

— Muito mundano.

— Bom, então pensa em alguma coisa. Pronto. Vamos voltar pra cidade. Precisamos ser bem pontuais no nosso roubo ao banco, e daí eu devo gastar um pouquinho de dinheiro.

— A maior parte das pessoas — disse Shadow — simplesmente pegaria dinheiro no caixa eletrônico.

— O que é, estranhamente, mais ou menos o que eu estava pensando em fazer.

Wednesday parou o carro no estacionamento do supermercado do outro lado da rua, em frente ao banco. Tirou a caixa de metal do porta-malas do carro, uma prancheta e um par de algemas. Algemou a caixa ao pulso esquerdo. A neve continuava a cair. Então, colocou um boné pontudo e azul, e prendeu um pedaço de pano com velcro no bolso do peito da jaqueta. Estava escrito A1 SEGURANÇA, tanto no boné quanto no pedaço de pano. Colocou os formulários de depósito na prancheta. Então simulou uma corcunda. Parecia um policial aposentado e cansado e, de alguma maneira, parecia ter adquirido barriga.

— Agora vai e faz umas compras no supermercado e fica por perto do telefone. Se alguém perguntar, você está esperando uma ligação da sua namorada porque o carro dela quebrou.

— E por que ela está me ligando lá?

— Como é que eu vou saber?

Wednesday colocou um par de protetores de orelha cor-de-rosa desbotado. Ele fechou o porta-malas. Flocos de neve se alojaram em seu boné azul escuro e em seus protetores de orelha.

— Estou bem?

— Ridículo — disse Shadow.

— Ridículo?

— Ou idiota, talvez.

— Humm. Idiota e ridículo. Está bom — e sorriu.

Os protetores de orelha faziam com que ele parecesse, ao mesmo tempo, tranquilizador, engraçado e, em último caso, adorável. Ele saiu andando rápido pelo meio da rua e percorreu o quarteirão até o prédio do banco, enquanto Shadow entrava no supermercado e observava.

Wednesday grudou um enorme aviso de "fora de funcionamento" no caixa eletrônico. Colocou uma fita vermelha fechando o buraco do caixa eletrônico, e colou uma cópia de um aviso em cima dele. Shadow achou divertido:

PARA SUA CONVENIÊNCIA, dizia, ESTAMOS TRABALHANDO PARA MELHORAR OS SERVIÇOS. PEDIMOS DESCULPAS PELO TRANSTORNO TEMPORÁRIO.

Então se virou de frente para a rua. Parecia frio e imponente.

Uma moça apareceu para usar o caixa eletrônico. Wednesday sacudiu a cabeça, explicando que estava quebrada. Ela disse um palavrão, depois pediu desculpas e foi embora correndo.

Um carro parou e um homem desceu segurando um malote cinzento e uma chave. Shadow observava enquanto Wednesday pedia desculpas ao homem. Então fazia com que ele assinasse a prancheta, checava o formulário de depósito, escrevia um recibo com dificuldade e se atrapalhava sobre qual cópia guardar para si. Finalmente, abria sua caixa de metal e colocava o malote do homem lá dentro.

O homem tremia na neve, batendo os pés no chão, esperando o velho guarda de segurança acabar com sua tolice administrativa para que pudesse deixar seus ganhos, sair do frio e tomar seu rumo. Então pegou o recibo e voltou para o carro quente e deu a partida.

Wednesday atravessou a rua carregando a caixa e comprou um café no supermercado.

— Boa tarde, moço — ele disse, com uma risadinha, como se fosse alguém da família, quando passou por Shadow. — Está bem frio, hein?

Voltou para o outro lado da rua e recolheu malotes e envelopes de gente que vinha depositar seus ganhos ou seus pagamentos naquela tarde de sábado, um ótimo segurança com seus protetores de orelha cor-de-rosa engraçados.

Shadow comprou algumas coisas para ler — Turkey Hunting, People e, porque a ilustração de capa do Pé Grande era tão cativante, a Weekly World News — e ficou olhando para o lado de fora da janela.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou um homem negro de meia-idade, com um bigode branco. Ele parecia ser o gerente.

— Obrigado, cara, mas não. Estou esperando uma ligação. O carro da minha namorada quebrou.

— Deve ser a bateria. As pessoas esquecem que essas coisas só duram uns três, talvez quatro anos. E nem custam uma fortuna.

— Nem me diga.

— Fica firme, cara — disse o gerente, que voltou pra dentro do supermercado.

A rua coberta de neve lembrava o interior daquelas bolas de vidro que têm uma paisagem com água dentro e alguma coisa branca que parece neve caindo... era perfeito.

Shadow observava seu chefe, embasbacado. Incapaz de ouvir as conversas do outro

lado da rua, parecia que estava assistindo a uma boa performance de filme mudo, toda pantomima e expressão: o velho guarda de segurança era bronco, solene... talvez um pouco atrapalhado, mas enormemente bem-intencionado. Todo mundo que entregava dinheiro a ele ia embora um pouco mais feliz por tê-lo conhecido.

E foi então que os guardas estacionaram na frente do banco. O coração de Shadow ficou apertado. Wednesday cumprimentou-os colocando a mão no boné e caminhou vagorosamente até o carro. Ele disse seus "olás" e apertou mãos através da janela aberta, e assentiu com a cabeça. Examinou os bolsos até encontrar um cartão de visita e uma carta, e passou-os pela janela do carro, enquanto dava um gole no café.

O telefone tocou. Shadow pegou o fone do gancho e fez o que pôde para parecer entediado:

— Al Serviços de Segurança.

— Posso falar com A. Haddock? — perguntou o guarda do outro lado da rua.

— Aqui é Andy Haddock falando.

— Sim, senhor Haddock, aqui é a polícia. Você mandou um homem para o banco First Illinois na esquina da Market com a Second?

— Humm, mandei sim. Está certo. É Jimmy O'Gorman. E qual é o problema, senhor policial? Jim está se comportando? Ele não andou bebendo, andou?

— Nenhum problema, senhor. Seu homem está bem. Eu só queria me certificar de que tudo estava em ordem.

— Diz ao Jim que se ele for pego bebendo de novo, será despedido. Entendeu? Desempregado. Com um pé na bunda. Nossa tolerância é zero na Al Segurança.

— Sinceramente, acho que não é meu papel dizer isso. Ele está fazendo um ótimo trabalho. Nós só estamos preocupados porque uma coisa dessas deveria ser feita por dois profissionais. É perigoso ter só um guarda desarmado para lidar com quantidades tão grandes de dinheiro.

— Nem me diga. Ou melhor, diga aos muquiranas do banco First Illinois. São os meus homens que estou colocando na linha de fogo. Homens bons. Homens como você.

Shadow achou que estava incorporando aquela identidade. Ele podia sentir que estava se transformando em Andy Haddock, com bitucas de cigarro barato no cinzeiro, pilhas de papel para analisar naquela tarde de sábado, uma casa em Schaumburg e uma amante em um apartamentinho na Lake Shore Drive.

— Sabe, você parece ser um policial moço e inteligente, senhor, hmm...

— Myerson.

— Policial Myerson. Se quiser fazer um bico de fim de semana, ou se deixar a polícia por algum motivo, dê uma ligada. Nós sempre precisamos de bons homens. Guardou o meu cartão?

— Sim, senhor.

— Muito bom — disse Andy Haddock. — E me liga.

O carro de polícia foi embora, e Wednesday confundiu-se novamente com a neve para cuidar da pequena fila de pessoas que estava esperando para entregar dinheiro a ele.

— Tudo bem com ela? — perguntou o gerente, colocando a cabeça na porta. — Sua namorada?

— Era a bateria. Agora é só esperar.

— Mulheres — disse o gerente. — Espero que valha a pena esperar pela sua. A escuridão do inverno desceu, a tarde transformou-se lentamente em noite. Luzes se acenderam. Mais gente deu dinheiro a Wednesday. De repente, como se Wednesday tivesse recebido algum sinal, ele caminhou até a parede, retirou os avisos e atravessou a rua coberta de neve derretida com dificuldade, indo em direção ao estacionamento. Shadow esperou um minuto e então o seguiu.

Wednesday estava sentado no banco de trás do carro. Ele havia aberto a caixa de metal e, metódico, arrumava tudo que recebeu em pilhas organizadas.

— Você dirige. A gente vai pro banco First Illinois lá na rua State.

— Vai repetir a performance? — perguntou Shadow. — Não seria meio que abusar da sorte?

— De jeito nenhum. Vamos fazer umas transações bancárias. Enquanto um dirigia, o outro, sentado no banco de trás, removia aos punhados as notas dos malotes de depósito, deixando os cheques e os cupons de cartão de crédito, e tirando o dinheiro de alguns envelopes, mas não todos. Colocou o dinheiro de volta na caixa de ferro. Shadow estacionou perto do banco, parando o carro a cerca de 50 metros, bem fora do alcance da câmera. Wednesday desceu do carro e enfiou os envelopes no buraco do caixa eletrônico. Então abriu o cofre noturno e colocou os malotes cinzentos lá dentro. Fechou-o novamente.

Entrou no carro e sentou-se no assento do passageiro.

— Agora vamos para a estrada 190. Siga as placas pra oeste... pra Madison. Shadow deu a partida.

Wednesday virou para trás e olhou o banco que estavam deixando.

— Aí esta, meu rapaz. Isso vai confundir tudo. Mas, pra pegar dinheiro grande mesmo, e preciso fazer isso mais ou menos às quatro e meia da manhã de domingo, quando as boates e os bares depositam os lucros de sábado à noite. Se você acertar o banco certo e o cara certo fazendo o depósito... Geralmente é algum cara grande e honesto, às vezes acompanhado de dois guarda-costas, mas não necessariamente esperto... Aí dá pra "ganhar" 250 mil dólares por uma noite de trabalho.

— Se é tão fácil assim, como é que ninguém mais faz?

— Não é exatamente uma ocupação livre de riscos, especialmente às quatro e meia da manhã.

— Você está dizendo que os guardas ficam mais desconfiados na madrugada?

— Claro que não. Mas os guarda-costas ficam. E a coisa pode ficar preta. Ele passou os dedos por um monte de notas de Cinquenta, ajuntou um bolinho menor de notas de vinte, pesou o total na mão e entregou ao colega.

— Aqui está. Sua primeira semana de salário. Shadow enfiou o dinheiro no bolso sem contar.

— Então é isso que você faz pra ganhar dinheiro?

— Raramente. Só quando preciso de uma boa quantidade de uma hora pra outra. No geral, ganho dinheiro de gente que nunca vai saber que foi enganada ou que nunca reclama, mas que frequentemente vai fazer fila pra ser enganada outra vez quando eu voltar ao mesmo lugar.

— Aquele tal de Sweeney disse que você era um enrolador.

— Ele estava certo. Mas isso é o mínimo que eu sou. E o mínimo para o que eu preciso de você, Shadow.

A neve rodopiava à luz dos faróis e contra o pára-brisa à medida que avançavam através da escuridão. O efeito era quase hipnótico.

— Esse é o único país no mundo — disse Wednesday, quebrando o silêncio, — que se preocupa com o que é.

— O quê?

— O resto sabe bem o que é. Ninguém nunca precisa sair procurando o coração da Noruega. Ou procurar a alma de Moçambique. Eles sabem o que são.

— E daí?

— Só estou pensando alto.

— Então você já esteve em um monte de outros países? Wednesday não disse nada. Shadow olhou para ele.

— Não — falou Wednesday, com um suspiro. — Nunca estive. Pararam para encher o tanque, e Wednesday entrou no banheiro com sua roupa de guarda e sua maleta e saiu com um terno claro e amassado, sapatos marrons e um casaco marrom comprido até os joelhos, que parecia ser italiano.

— Então, quando a gente chegar a Madison, o que acontece?

— Pegamos a auto-estrada 14 a oeste, para Spring Green. Vamos encontrar todo mundo em um lugar chamado Casa na Pedra. Já foi lá?

— Não — disse Shadow. — Mas vi as placas.

As placas para Casa na Pedra estavam espalhadas por todo lugar nessa parte do mundo: placas oblíquas e ambíguas por todo o Estado de Illinois, Minnesota e Wisconsin, provavelmente até Iowa. Quando Shadow viu as placas, ficou pensando: Será que a Casa se equilibrava perigosamente sobre a Pedra? O que havia de tão interessante nessa Pedra?

E na Casa? Ele pensou nisso, mas logo esqueceu. Shadow não tinha o hábito de visitar lugares de beira de estrada.

Abandonaram a estrada interestadual em Madison e passaram em frente ao domo do capitólio da cidade, mais uma paisagem perfeita... Então seguiram pelas estradas locais. Depois de mais de uma hora atravessando cidadezinhas com nomes como Black Earth, viraram em uma entrada estreita, passando por vários vasos de flores enormes e salpicados de neve, enfeitados com dragões que pareciam lagartos. O estacionamento ladeado por árvores estava quase vazio.

— Vão fechar logo — disse Wednesday.

— Que lugar é este? — perguntou Shadow enquanto caminhavam pelo estacionamento em direção a uma construção de madeira baixa e desinteressante.

— É uma atração de beira de estrada. Uma das melhores. O que significa que é um lugar poderoso.

— Pode repetir?

— É simples — disse Wednesday. — Em muitos países, com o passar dos anos, as pessoas passaram a identificar os lugares poderosos. Às vezes era uma formação natural, ou só um lugar que era, de certa forma, especial. Todo mundo sabia que alguma coisa importante acontecia ali, que havia algum ponto de foco, algum canal, alguma janela pro desconhecido. Por isso construíam templos ou catedrais, ou levantavam um círculo de pedra... Você sabe do que estou falando.

— Mas existem igrejas espalhadas pelos Estados Unidos inteiros — disse Shadow.

— Em todas as cidades. Às vezes, em todos os bairros. E, nesse contexto, são tão significantes quanto consultórios de dentistas. Não... nos Estados Unidos as pessoas ainda ouvem o chamado, ou algumas ouvem, se sentem atraídas pelo vazio transcendental e respondem, construindo com garrafas de cerveja um modelo de algum lugar que nunca visitaram, ou então erguendo um morcegário gigante em alguma parte do país onde os morcegos tradicionalmente se recusaram a frequentar. Lugares de beira de estrada: as pessoas se sentem atraídas para locais onde, em outras partes do mundo, reconheceriam como parte delas mesmas, o que é verdadeiramente transcendental. Compram um cachorro-quente e dão uma volta. Sentem-se satisfeitas ao ponto de não poderem descrever de verdade e contraditoriamente insatisfeitas.

— Você tem umas teorias bem doidas — disse Shadow.

— Não existe nenhuma teoria sobre isso, rapaz. Você já devia ter percebido. Só havia uma bilheteria aberta.

— Paramos de vender entradas daqui a meia hora — disse a garota. — Demora pelo menos duas horas pra visitar tudo, sabe? Wednesday pagou as entradas com dinheiro.

— Cadê a pedra? — perguntou Shadow.

— Embaixo da casa.

Cadê a casa?

Wednesday colocou o indicador na frente dos lábios, e continuaram a caminhar, Mais ao fundo, uma pianola tocava algo que deveria ser O Bolero de Ravel. O lugar parecia um apartamento de solteiro dos anos 60 reconfigurado geometricamente, com trabalho em pedra à mostra, um carpete colocado em cima do outro e abajures de vidro colorido em forma de cogumelo, magnificamente horrorosos. Subindo uma escada em caracol, havia outra sala cheia de enfeites.

— Dizem que isto foi construído pelo irmão gêmeo mau de Frank Lloyd Wright — disse Wednesday. — Frank Lloyd Wrong. E riu de sua própria piada.

— Eu vi isso escrito em uma camiseta — comentou Shadow. Subindo e descendo mais escadas, chegaram a uma sala comprida feita de vidro, que se projetava, como uma agulha, por sobre a paisagem branca e preta sem folhas a dezenas de metros abaixo deles. Shadow ficou parado observando a neve cair e rodopiar no ar.

— Esta é a Casa na Pedra? — perguntou, perplexo.

— Mais ou menos. Essa é a Sala do Infinito, parte da própria casa, apesar de ser um acréscimo tardio. Mas não, meu jovem amigo, nós ainda mal arranhamos a superfície do que a casa tem a oferecer.

— Então, de acordo com a sua teoria, a Disney World seria o lugar mais sagrado dos Estados Unidos?

Wednesday franziu a testa e afagou a barba.

— Walt Disney comprou uns pomares de laranja no meio da Flórida e construiu uma cidade turística em cima deles. Não tem magia nenhuma ali. Acho que pode ter alguma coisa, mesmo na Disneylândia original. Pode existir algum poder lá, apesar de distorcido e difícil de acessar. Mas alguns lugares da Flórida estão cheios de magia. Você só tem que ficar de olhos abertos. Ah, para as sereias de Weeki Wachee... Vamos por aqui.

Por todo o lugar havia música: um som estridente e esquisito, sempre um pouquinho fora da batida e do tempo. Wednesday pegou uma nota de cinco dólares, colocou-a em uma máquina de troco e recebeu um punhado de moedas cor-de-cobre. Jogou uma para Shadow, que a agarrou e, percebendo que um garotinho o observava, segurou-a entre o polegar e o indicador e a fez desaparecer. O garotinho correu na direção da mãe, que examinava um dos papais-noéis onipresentes — MAIS DE 6 MIL EM EXPOSIÇÃO! diziam os cartazes — e se escondeu com urgência sob a barra do casaco dela.

Shadow seguiu Wednesday para fora da casa por um instante, e então seguiu as placas para as Ruas de Ontem.

— Há quarenta anos, Alex Jordan... o rosto dele está na lembrancinha que você escondeu na mão direita... começou a construir uma casa numa saliência de pedra em um campo que não era seu e nem mesmo ele sabia por quê. Vinha gente de todo lugar ver a construção... os curiosos, os perplexos, e aqueles que não pertenciam a nenhuma dessas categorias, mas que não sabiam dizer com honestidade por que tinham vindo. Então ele

começou a fazer o que qualquer homem sensato da sua geração faria: começou a cobrar... não muito. Cinco centavos cada um, talvez. Ou 25 centavos. E continuou construindo, e as pessoas continuaram a vir. Juntou todas as moedas de 25 e de 5 centavos e fez uma coisa ainda maior e mais estranha. Construiu esses depósitos debaixo da casa, e encheu de coisas pras pessoas virem e verem, e elas vieram. Milhões de pessoas vêm aqui todo ano.

— Por quê?

Mas Wednesday simplesmente sorriu, e eles caminharam pelas Ruas de Ontem ladeadas de árvores. Uma profusão de bonecas de porcelana vitorianas, com lábios afetados, olhava para os dois através de vitrinas empoeiradas, como o enredo de tantos filmes de terror respeitáveis. Andavam sobre um calçamento de pedrinhas redondas; a escuridão de um teto estava sobre suas cabeças; música estridente tocava ao fundo... Viram uma caixa de vidro cheia de marionetes quebradas e uma caixa de música dourada, grande demais, em uma vitrina. Passaram pelo consultório do dentista e pela farmácia (RESTAURE SUA POTÊNCIA! USE O CINTO MAGNÉTICO O'LEARY).

No final da rua havia uma grande caixa de vidro com um manequim feminino dentro, vestido como uma vidente cigana.

— Então — gritou Wednesday por sobre a música mecânica — no início de qualquer expedição ou empreendimento, cabe a nós consultar as Normas. Então, vamos designar essa Sybil para ser nossa Urd, tá?

Ele colocou uma moeda cor-de-latão da Casa na Pedra no orifício da máquina. Com movimentos mecânicos e irregulares, a cigana levantou o braço e o abaixou. Uma tira de papel saiu de uma abertura.

Wednesday pegou sua sorte, leu, gemeu, dobrou e colocou no bolso.

— Você não vai me mostrar? Eu mostro o meu pra você — disse Shadow.

— A sorte de um homem é assunto dele. Eu não pediria pra ver o seu. Shadow colocou sua moeda. Pegou sua tira de papel e leu.

TODO FINAL É UM RECOMEÇO. SEU NUMERO DA SORTE É NENHUM. SUA COR DA SORTE É MORTE. Lema:

TAL PAI, TAL FILHO.

Fez uma careta. Dobrou a previsão e colocou no bolso de dentro do casaco. Seguiram caminho, percorrendo um corredor vermelho, passando por salas cheias de cadeiras com violinos, violas e violoncelos que tocavam sozinhos, ou pareciam fazê-lo, quando se colocava uma moeda no local apropriado. Teclas pareciam ser pressionadas, címbalos batiam uns contra os outros, canos mandavam ar comprimido para dentro de clarinetas e oboés. Shadow observava, com um deleite irônico, que os arcos dos instrumentos de cordas, tocados por braços mecânicos, nunca encostavam nas cordas de fato, que geralmente estavam frouxas ou nem existiam. Ficou se perguntando se os sons que ouvia eram mesmo feitos de ar e percussão, ou se eram fitas gravadas.

Andaram o que parecia ser muitos quilômetros quando chegaram a uma sala chamada Mikado, com uma parede que era um pesadelo pseudo-oriental do século XIX,

em que percussionistas mecânicos com sobrelhas de taturana tocavam pratos e tambores dentro de seus covis incrustados de dragões. Naquele momento, torturavam majestosamente a Danse Macabre, de Saint-Saëns.

Czernobog estava sentado em um banco na parede, em frente da máquina Mikado, marcando tempo com os dedos. Gaitas assobiavam e sinos badalavam sem harmonia.

Wednesday sentou-se ao lado dele. Shadow preferiu ficar de pé. Czernobog estendeu a mão esquerda e cumprimentou os dois.

— Muito bem, nos encontramos.

Então se acomodou sobre o banco, aparentemente apreciando a música. A Danse Macabre chegou a um fim tempestuoso e nada harmonioso. O fato de que todos os instrumentos artificiais estivessem um pouquinho desafinados era um toque a mais ao aspecto sobrenatural do lugar. Uma nova melodia começou.

— Como foi o assalto ao banco? — perguntou Czernobog a Wednesday. — Deu certo?

Ele se levantou, relutante, para abandonar o Mikado e sua música estridente e atordoante.

— Correu tão bem quanto uma cobra em um cano cheio de manteiga.

— Eu recebo uma pensão do matadouro e não peço mais nada.

— Não vai durar pra sempre... Nada dura.

Mais corredores, mais máquinas musicais. Shadow percebeu que eles não estavam seguindo o caminho desenhado para os turistas, mas pareciam seguir uma rota diferente, de acordo com o desejo de Wednesday. Desceram uma ladeira, e Shadow, confuso, se perguntou se não tinham passado por ali.

Czernobog agarrou o braço de Shadow.

— Rápido, venha por aqui — e o puxou na direção de uma grande caixa de vidro perto de uma parede.

Dentro dela havia uma montagem de um mendigo dormindo em um cemitério, na frente da porta de uma igreja. O SONHO DO BÊBADO, dizia o título, explicando que aquela era uma máquina do século XIX que funcionava com moedas, originária de uma estação de trem inglesa. A abertura das moedas fora modificada para aceitar as moedas da Casa na Pedra.

— Coloque o dinheiro — disse Czernobog.

— Por quê? — perguntou Shadow.

— Você precisa ver. Eu mostro pra você.

Shadow inseriu a moeda. O bêbado no cemitério levou a garrafa aos lábios. Uma das lápides moveu-se, revelando um cadáver com os braços estendidos, como se quisesse agarrar alguma coisa; um túmulo virou de ponta-cabeça e as flores foram substituídas por

uma caveira sorridente. Um espectro apareceu à direita da igreja, ao mesmo tempo em que, à esquerda, alguma coisa com um rosto pontudo que lembrava um pássaro, como um pesadelo de Bosch, podia ser vislumbrada deslizando suavemente de dentro de um túmulo e desaparecendo em seguida. Então a porta da igreja se abriu, um padre saiu, e os fantasmas, as assombrações e os cadáveres desapareceram, e só o padre e o bêbado foram deixados no cemitério. O padre olhou para o bêbado com desprezo, e voltou pela porta aberta, que se fechou atrás dele, deixando o bêbado sozinho.

A história movida a corda era profundamente desconcertante. Muito mais, pensou Shadow, do que qualquer mecanismo que já vira antes.

— Você sabe por que eu mostrei isso pra você?

— Não.

— Isso representa o mundo como ele é. Esse é o mundo de verdade. Está lá, naquela caixa.

Passearam por uma sala cor de sangue cheia de órgãos de teatro antigos, com tubos enormes, e o que pareciam ser tonéis de cobre para fermentação, saídos de uma fábrica de cerveja.

— Aonde estamos indo? — perguntou Shadow.

— Para o carrossel — disse Czernobog.

— Mas já passamos pelas placas do carrossel uma dúzia de vezes.

— Ele vai pelo outro lado. Anda em espiral. O caminho mais rápido às vezes é o mais comprido.

Os pés de Shadow começavam a doer, e ele achou essa sensação extremamente imprópria para a ocasião.

Uma máquina mecânica tocava "Octopus's Garden" em uma sala que se estendia por vários andares, cujo centro estava completamente tomado pela réplica de um animal enorme e escuro que se parecia com uma baleia. Em sua boca havia a réplica de um barco em tamanho natural. Dali, passaram para o Corredor de Viagem, onde viram o carro coberto com telhas, a máquina de frango de Rube Goldberg e os anúncios enferrujados da espuma de barbear Burma na parede:

A Vida é Dura

É Exaustiva e Problemática

Mantenha seu Rosto

Livre de Pelos Encravados

Espuma de Barbear Burma

Ele enfiou na cabeça que alcançaria seu objetivo

A estrada fazia uma curva
A partir de agora o coveiro
É seu único amigo
Espuma de Barbear Burma

Agora estavam na parte debaixo de uma rampa, com uma sorveteria à frente. Estava escrito "aberto" na porta, mas a moça que limpava as mesas tinha a cara fechada, por isso eles passaram pela sorveteria e foram até a pizzaria-lanchonete vazia, a não ser por um senhor negro de idade, que usava um terno xadrez de cores vivas e luvas amarelo-canário. Ele era um homem pequeno, do tipo de velhinho que parecia ter encolhido com o passar dos anos; tomava um sundae enorme, com várias bolas de sorvete, e bebia café de uma caneca gigante. Uma cigarrilha preta queimava no cinzeiro à sua frente.

— Três cafés — disse Wednesday a Shadow. E foi ao banheiro. Shadow comprou os cafés e os levou até Czernobog, que estava sentado com o senhor negro e fumava um cigarro sorrateiramente, como se tivesse medo de ser pego. O outro homem, brincando animadamente com seu sundae, ignorava sua cigarrilha quase C[ue totalmente, mas, à medida que Shadow foi se aproximando, levou-a aos lábios, deu um trago profundo e soprou dois anéis de fumaça — primeiro um grande, depois outro menor, que quase passou através do primeiro — e sorriu, como se estivesse surpreendentemente feliz consigo mesmo.

— Shadow, este é o senhor Nancy — disse Czernobog. O velho se levantou e esticou sua mão direita enluvada.

— Prazer em conhecê-lo — falou com um sorriso radiante. — Eu sei quem você deve ser. Trabalha pró bastardo De-Um-Olho-Só, não é?

Sua voz um pouco fanhosa, dava uma pista de um patoá que poderia ser das Índias Ocidentais.

— Eu trabalho pró senhor Wednesday — disse Shadow. — É, trabalho. Por favor, sente-se.

Czernobog deu um trago no cigarro.

— Eu penso — pronunciou de modo sombrio — que a nossa gente gosta tanto de cigarro porque nos faz lembrar das oferendas que costumavam queimar pra nós, com a fumaça levantando quando buscavam nossa aprovação ou um favor de nossa parte.

— Nunca fizeram nada parecido pra mim — disse Nancy. — O máximo que eu podia esperar era um monte de fruta pra comer, talvez um pouco de bode ensopado, alguma bebida longa, monótona e fresca, e uma mulher de peito grande pra me fazer companhia.

Ele sorriu com seus dentes brancos e deu uma piscadela para Shadow.

— Hoje em dia — disse Czernobog, sem mudar de expressão — não tem nada pra

gente.

— Bom, eu não chego nem perto de conseguir a quantidade de fruta que tinha — disse o senhor Nancy, com os olhos brilhando. — Mas não tem nada melhor no mundo que meu dinheiro possa pagar que uma mulher peituda. Alguns caras falam que você tem que inspecionar primeiro o traseiro, mas eu digo que, pra mim, são os peitos que ainda me fazem dar a partida em uma manhã fria.

Nancy começou a rir, uma risada ofegante, agitada, de bom caráter, e Shadow descobriu que gostava do homem, apesar da aparência dele.

Wednesday voltou do banheiro e apertou a mão de Nancy.

— Shadow, você quer alguma coisa pra comer? Um pedaço de pizza? Um sanduíche?

— Não estou com fome.

— Deixa eu falar uma coisa — disse o senhor Nancy. — Pode passar muito tempo até a próxima refeição. Se alguém oferece comida, você aceita. Eu não sou mais tão jovem quanto era, mas posso dizer... nunca perca a oportunidade de mijar, comer ou dar um cochilo de meia hora. Está entendendo?

— Estou. Mas não estou com fome mesmo.

— Você é grandão — disse Nancy, olhando nos olhos cinza-claro de Shadow com seus olhos velhos cor-de-mogno. — Um pedaço de mau caminho, mas eu preciso falar, você não parece muito inteligente. Você me lembra meu filho, que é tão imbecil como se tivesse comprado sua burrice numa liquidação de dois por um.

— Se não se importar, vou considerar isso um elogio.

— Ser chamado de idiota como um homem que dormiu até tarde na manhã que estavam distribuindo cérebros?

— Ser comparado a um membro da sua família. O senhor Nancy amassou sua cigarrilha no cinzeiro, depois tirou um ponto de cinza imaginário de suas luvas amarelas.

— Você pode não ser a pior escolha que o velho de um olho só fez, digamos. Ele olhou para Wednesday:

— Você tem alguma ideia de quantos de nós vão estar presentes nesta noite?

— Eu dei o recado pra todo mundo que consegui encontrar. Obviamente nem todos poderão vir. E alguns deles — olhou diretamente para Czernobog — podem querer não vir. Mas acho que podemos ser confiantes e esperar várias dúzias. E a notícia deve se espalhar.

Passaram por uma exibição de armaduras e Wednesday comentou:

— Falsificação vitoriana, falsificação contemporânea, elmo do século XII sobre uma reprodução do século XVII, protetor de mão esquerda do século XV...

Então Wednesday empurrou uma porta de saída e fez com que eles dessem a volta

pelo lado de fora da construção — Não aguento todas essas entradas e saídas — disse Nancy — Já não sou mais tão moço, e venho de um clima mais quente.

Caminharam por um caminho coberto, entrando por outra porta de saída, e logo estavam na sala do carrossel.

Tocava música de órgão a vapor: uma valsa de Strauss, comovente e ocasionalmente fora de harmonia. Logo na entrada, a parede estava cheia de cavalos de carrossel pendurados, centenas deles, alguns precisando de uma demão de tinta, outros precisando de uma boa espanada. Sobre eles estavam pendurados dezenas de anjos alados feitos obviamente a partir de manequins femininos de vitrinas de lojas. Alguns deles revelavam seus peitos nus sem sexo; outros haviam perdido as asas e olhavam para baixo, do meio da escuridão, de maneira sincera e cega.

E então havia o carrossel.

Uma placa proclamava que era o maior do mundo, dizendo quanto pesava, quantos milhares de lâmpadas podiam ser contadas nos lustres que pendiam dele em profusão gótica, e proibia qualquer pessoa de subir e montar em um dos animais.

E que animais! Shadow olhou estupefato, sem disfarçar o espanto, para as centenas de criaturas em tamanho natural que circundavam a plataforma do carrossel. Criaturas reais, criaturas imaginárias e transformações dos dois tipos:

cada criatura era diferente. Ele viu sereia e sereio, centauro e unicórnio, elefantes (um grande, um pequenininho), buldogue, sapo e fênix, zebra, tigre, manticora e basilisco, cisnes puxando uma carruagem, um touro branco, uma raposa, morsas gêmeas, até uma serpente do mar, todos eles pintados com cores fortes e mais do que reais: cada um deles rodou na plataforma quando a valsa chegou ao fim e uma nova valsa começou a tocar. O carrossel nem mesmo diminuiu a velocidade.

— Pra que serve? — perguntou Shadow. — Quer dizer, tudo bem, é o maior do mundo, centenas de animais, milhares de lâmpadas, e fica rodando o tempo todo, mas ninguém brinca nele.

— Não foi feito pra se brincar nele. Está aí para ser admirado. Simplesmente está aí para ser.

— Como uma roda de oração que gira sem parar, acumulando poder. — disse o senhor Nancy.

— Então, onde é que vamos encontrar todo mundo? — perguntou Shadow. — Eu pensei que você tinha dito que a gente ia se encontrar aqui. Mas o lugar está vazio.

Wednesday mostrou seu sorriso assustador.

— Shadow, você está fazendo perguntas demais. Eu não te pago pra isso.

— Desculpa.

— Agora, fica ali e ajuda a gente — disse Wednesday enquanto andava até um dos lados da plataforma, que trazia uma descrição do carrossel e um aviso de que o brinquedo não deveria ser usado.

Shadow pensou em dizer alguma coisa, mas, ao invés disso, ajudou-os, um por um, a subir na base. Wednesday parecia profundamente pesado, Czernobog subiu sozinho, só usando o ombro de Shadow para se equilibrar, Nancy parecia não pesar absolutamente nada. Cada um dos velhos subiu na base e então, com um passo e um pulo, passaram para a plataforma rodopiante do carrossel.

— Bom? — vociferou Wednesday. — Você não vem?

Shadow, com certa hesitação, olhou para ver se não havia nenhuma segurança de plantão e lançou-se até a base ao lado do maior carrossel do mundo. Ele se surpreendeu e ficou um pouco confuso ao perceber que estava muito mais preocupado em quebrar as regras e subir no carrossel do que ajudar e ser cúmplice no assalto ao banco daquela tarde.

Cada um dos velhos escolheu uma montaria. Wednesday subiu em um lobo dourado. Czernobog subiu em um centauro de armadura com o rosto escondido por um elmo de metal. Nancy, dando risadas, deslizou para cima de um enorme leão no meio de um pulo, capturado no instante do rugido pelo escultor. Deu alguns tapinhas no lombo do leão. A valsa de Strauss os carregava em círculos de maneira majestosa.

Wednesday sorria, Nancy ria com prazer a gargalhada de um velho e até o sério Czernobog parecia estar se divertindo. Shadow se sentia como se tivessem tirado um peso de suas costas: três velhos se divertiam, brincando no maior carrossel do mundo. E daí se todos eles fossem expulsos do local? Será que não valia à pena se divertir naquele brinquedo? Será que não valia a pena ter passeado sobre um daqueles monstros gloriosos?

Shadow inspecionou um buldogue, uma criatura do mar e um elefante com uma sela dourada, e então subiu nas costas de uma criatura com cabeça de águia e corpo de tigre, e segurou firme.

O ritmo da valsa "Danúbio Azul" ondulava, tocava e cantava em sua cabeça, a luz de mil lustres brilhava e formava minúsculos arco-íris e, durante um piscar de olhos, Shadow foi mais uma vez criança. Tudo que era necessário para deixá-lo feliz era uma volta no carrossel: estava perfeitamente imóvel, montado em sua águia-tigre no centro de tudo, e o mundo girava ao seu redor.

Shadow se pegou sorrindo. Ele estava feliz. Era como se as últimas 36 horas nunca tivessem acontecido, como se os últimos três anos não tivessem passado, como se a vida dele se evaporasse naquele delírio de criancinha. Recordou seu passeio de carrossel no Golden Gate Park, em São Francisco, em sua primeira viagem pelos Estados Unidos, uma jornada-maratona de carro e de barco, com sua mãe, olhando para ele com orgulho, e ele segurando firme e chupando seu pirulito, torcendo para que a música nunca mais acabasse, que o carrossel nunca mais diminuísse a velocidade e que a brincadeira nunca mais terminasse. Ele dava voltas e voltas e mais voltas...

Então as luzes se apagaram, e Shadow viu os deuses.

CAPÍTULO SEIS

*Wide open and unguarded siand our gales, And through (fiem passes a wild
motiey throng. Menfrom Volga and Tartar steppes.*

*Featureless figures from the Hoang-ho, Malayan, Scythian, Teuton, Kelt and
Siav, Flying the Oid World's poverty and scorn;*

*These bringing wlth them unknown gods and rites, Those tiger passions here
to siretch thir claws,*

*In street and alley what strange langues are these, Accents of menace in our
ear,*

Voices that once the Tower of Babel knew. [\[7\]](#)

— Thomas Bailey Aldrich, "The Vnguardcd Gales", 1882

Em um instante, Shadow brincava no Maior Carrossel do Mundo, segurando-se num tigre com cabeça de águia e, de repente, as luzes vermelhas e brancas do carrossel ficaram mais fortes, tremeram e se apagaram, e era como se ele estivesse caindo através de um oceano de estrelas, ao mesmo tempo em que a valsa mecânica era substituída por um rufar de tambores e um estrondo de pratos, como se fossem címbalos ou ondas quebrando nas orlas de um oceano distante.

A única luz era a das estrelas, que iluminava tudo com uma claridade fria. Sob ele, a montaria se espreguiçava e ia ficando fofa, com sua pelagem quente sob sua mão esquerda e as penas sob a direita.

— É um brinquedo legal, não é?

A voz vinha de trás dele, invadindo seus ouvidos e sua mente.

Shadow se virou lentamente, captando imagens de si mesmo enquanto se movia, movimentos congelados, cada um visualizado durante uma fração de segundo, durando um período infinito. As imagens que chegavam ao seu cérebro não faziam sentido: era como ver o mundo através dos olhos multifacetados de uma libélula, mas cada faceta via uma coisa completamente diferente da outra, como uma pedra preciosa lapidada, e ele não era capaz de conectar o que via, ou pensava que via, em um todo que fizesse sentido.

Ele olhava para o senhor Nancy, um velho negro com um bigodinho que parecia ter sido desenhado a lápis, com sua jaqueta esporte xadrez e suas luvas amarelo-limão, montado em um leão de carrossel que subia e descia, ia alto no céu. E, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, ele via uma aranha encravada de pedras preciosas tão alta quanto um

cavalo, seus olhos pareciam uma nebulosa de esmeraldas, e ela andava toda empertigada, olhando diretamente para ele. Via também um homem bastante alto com pele amarelada e três pares de braços, usando um cocar repleto de penas de avestruz, com o rosto pintado com listras vermelhas, montado sobre um leão dourado irritado, com duas de suas seis mãos segurando firmemente na juba do animal. Havia também um menininho negro, vestido em farrapos, com o pé esquerdo todo inchado e se arrastando no meio de moscas pretas. Por último, atrás de todas essas coisas, Shadow via um aranha marrom bem pequena, escondida sob uma folha seca de cor ocre.

Ele via todas essas coisas e sabia que eram iguais.

— Se você não fechar a boca — disseram as muitas coisas que eram o senhor Nancy — alguma coisa vai entrar aí.

Shadow fechou a boca e engoliu, com força.

Havia um salão de madeira em uma montanha, à distância de mais ou menos dois quilômetros. Eles trotavam em direção ao salão, com os cascos e os pés de suas montarias percorrendo a areia seca da beira do mar sem fazer barulho.

Czernobog trotava sobre o seu centauro. Deu um tapinha no braço humano de sua montaria.

— Nada disto está acontecendo... — disse a Shadow. Ele parecia enormemente triste.

— Está tudo na sua cabeça. Melhor não pensar nisso.

Ê verdade que Shadow enxergava um velho imigrante do Leste Europeu com cabelo grisalho, usando uma capa de chuva surrada e com um dente cinzento. Mas ele também via uma coisa preta corpulenta, mais escura do que a escuridão que os envolvia, seus olhos eram dois carvões em brasa; e ele via um príncipe, com cabelos longos e negros esvoaçando ao vento e com um bigode longo e negro, com sangue nas mãos e no rosto, montado, nu a não ser por uma pele de urso sobre os ombros, em cima de uma criatura meio homem, meio animal, com o rosto e o torso tatuados com redemoinhos e espirais azuis.

— Quem é você? — perguntou Shadow. — O que você é? As montarias percorriam a orla. Ondas quebravam e baliavam implacavelmente sobre a praia noturna.

Wednesday guiava seu lobo — agora um animal enorme e cor-de-carvão, com olhos verdes — na direção do amigo. A montaria de Shadow se desviava... e ele acariciou o pescoço do animal e sussurrou para não ter medo. A cauda do bicho assobiou com agressividade. Ocorreu a Shadow que havia um outro lobo, gêmeo daquele que Wednesday montava, que mantinha o mesmo ritmo que eles sobre as dunas de areia, saindo do campo de visão apenas por um instante.

— Você me conhece, Shadow? — disse Wednesday.

Ele estava montado em seu lobo com a cabeça empinada. O olho direito brilhava e emitia clarões de luz, o olho esquerdo parecia entorpecido. Ele usava uma capa com um capuz grande, parecido com o de um monge, e seu rosto aparecia na escuridão.

— Eu disse que eu contaria os meus nomes pra você. É assim que me chamam. Eu me chamo Feliz-com-a-Guerra, Sem-Coração, Agressor e Terceiro. Eu sou o De-Um-Olho-Só. Me chamam de Superior e de Adivinho-de-Verdade. Eu sou Grimnir, e eu sou o Encapuzado. Eu sou o Pai de Todos e sou Gondiir Que-Leva-a-Varinha. Eu tenho tantos nomes quanto os ventos, tantas denominações quanto maneiras de morrer. Meus corvos são Huginn e Muninn, Pensamento e Memória; meus lobos são Freki e Geri; meu cavalo é a forca.

Dois corvos de uma cor cinzenta e fantasmagórica, como as peles transparentes de dois pássaros, pousaram nos ombros de Wednesday, enfiaram os bicos dentro das laterais de sua cabeça como se estivessem experimentando o gosto da mente dele, e bateram as asas em direção ao mundo mais uma vez.

No que eu devo acreditar?, pensou Shadow, e a voz voltou a ele de algum lugar bem profundo, sob o mundo, em um trovejar grave: Acredite em tudo.

— Odin? — disse Shadow, e o vento varreu a palavra de seus lábios.

— Odin — sussurrou Wednesday, e a batida das ondas quebrando na praia de caveiras não foi o bastante para afogar o sussurro.

— Odin — disse novamente, experimentando o gosto da palavra na boca.

— Odin — repetiu, com sua voz transformada em um grito triunfante que ecoou de um horizonte ao outro.

Seu nome inchou e cresceu e encheu o mundo como o sangue pulsando nos ouvidos de Shadow.

E então, como num sonho, eles não se dirigiam mais a um salão distante. Já tinham chegado lá, e suas montarias estavam amarradas no estábulo ao lado do salão.

O salão era enorme, porém primitivo. O telhado era de palha e as paredes, de madeira. Havia uma fogueira queimando no meio do salão, e a fumaça fez arder os olhos de Shadow.

— Deveríamos ter feito isso na minha cabeça, não na dele — resmungou o senhor Nancy para Shadow. — Ela estaria mais quente.

— Nós estamos na cabeça dele?

— Mais ou menos. Isso aqui é Valaskjalf, um antigo salão que pertencia a ele.

Shadow ficou aliviado ao ver que Nancy era novamente um velho com luvas amarelas, apesar de sua sombra se agitar e tremer, e se transformar à luz do fogo em coisas que não eram inteiramente humanas.

Havia bancos de madeira encostados nas paredes e umas dez pessoas sentadas ou de pé. Mantinham-se a certa distância um do outro: um grupo heterogêneo, que incluía uma senhora com cara de matrona, de pele escura e usando um sári vermelho, vários executivos surrados e outros, próximos demais ao fogo para que Shadow pudesse distingui-los.

— Onde estão todos? — sussurrou Wednesday para Nancy, com ferocidade. — Bom? Cadê todo mundo? Deveria haver dúzias de nós aqui. Montes!

— Você fez os convites. Acho que é uma surpresa ter conseguido os que estão aqui. Você acha que devo contar uma história pra começar? Wednesday sacudiu a cabeça:

— De jeito nenhum.

— Eles estão com cara de poucos amigos — disse Nancy. — Uma história é um bom método pra alguém passar pró seu lado. E você não tem nenhum bardo pra cantar pra essas pessoas.

— Sem história — disse Wednesday. — Não. Mais tarde teremos tempo pra contar histórias. Agora, não.

— Tudo bem. Então vou só quebrar o gelo. E, com um sorriso espontâneo, o senhor Nancy passou para onde a luz do fogo o iluminasse e começou a falar...

— Eu sei o que vocês todos estão pensando... O que o Compé Anansi está fazendo, vindo falar com a gente, quando foi o Pai de Todos que chamou todo mundo aqui, do mesmo jeito que me chamou? Bom, às vezes as pessoas precisam ser lembradas de algo. Eu olhei em volta quando entrei e falei: cadê o resto? Mas daí eu pensei, só somos fracos porque somos poucos e existem muitos, e eles são poderosos, mas não quer dizer que estamos perdidos. Sabe, uma vez eu vi um tigre na beira do poço: ele tinha os testículos maiores do que qualquer outro animal, garras muito afiadas e dois dentes da frente tão compridos quanto facas, e tão cortantes quanto lâminas. Eu disse pró Irmão Tigre ir nadar que eu cuidaria do seu saco. Ele tinha tanto orgulho do saco. Então, entrou no poço pra nadar, e eu peguei o saco dele, e deixei o meu, de aranha, pra ele. E daí, vocês sabem o que eu fiz? Eu fugi, corri tão rápido quanto as minhas pernas permitiam. E não parei até chegar à próxima cidade. E eu vi o Macaco Velho lá. "Você está ótimo, Anansi", disse o Macaco Velho. Eu disse a ele, "Sabe o que todo mundo está cantando naquela cidade?" "O que todo mundo está cantando?", ele pergunta para mim. "Estão cantando uma música muito engraçada." Então eu inventei uma dança, e cantei:

Tigers balls, yeah,
I ate Tiger's balis
Now ain't nobody gonna stop me ever at all
Nobody put me up against the big black all
'Cos I ate that Tigers testimoniais
I ate Tigers balls. [\[8\]](#)

E continuou...

— O macaco velho riu até quase explodir, segurando a barriga e tremendo, e batendo os pés no chão. Então começou a cantar Tigers balis, I ate Tigers balis, estalando os dedos e dando piruetas com os dois pés. "Essa é uma linda canção", ele diz, "vou cantar

para todos os meus amigos. Faça isso e volte pró poço". Lã na beira está o Tigre, andando pra cima e pra baixo, com o rabo balançando e assobiando e com as orelhas e os pelos da nuca o mais eriçados possível, dando mordidas em cada inseto que se aproxima, com seus dentes de sabre enormes e com os olhos brilhando como fogo alaranjado. Ele parece mau e assustador e grande, mas balançando entre as pernas estão os menores testículos, balançando no menor e mais enrugado saco que você já viu na vida. "Ei, Anansi", ele diz quando me vê. "Você deveria ter guardado meu saco enquanto eu nadava. Mas quando saí do poço, não tinha nada na margem além deste saco de aranha preto e enrugado que-não-serve-pra-nada." "Eu fiz o melhor que pude, mas foram aqueles macacos... eles vieram aqui e comeram todo o seu saco, e quando eu mandei eles irem embora, arrancaram o meu próprio saquinho. E eu fiquei com tanta vergonha que fugi." "Seu mentiroso", diz o Tigre. "Eu vou comer seu fígado." Mas então ele ouve os macacos se aproximando, vindos da cidade até o poço. Uma dúzia de macacos alegres, dançando pelo caminho, estalando os dedos e cantando o mais alto que podiam...

Tigers balls, yeah,
I ate Tigers balis
Now ain't nobody gonna stop me ever at alli
Nobody put me up against the big black wall
'Cos I ate that Tigers testimonials
I ate Tigers balis.

E acabou, dizendo:

— E o Tigre rosna, ruge e se lança na floresta atrás deles... os macacos guincham e correm pras árvores mais altas. E eu coço meu maravilhoso saco novo e grande, devo dizer, que ficou bem confortável pendurado entre as minhas pernas magricelas, e vou caminhando pra casa. E, até hoje, o Tigre continua caçando os macacos. Então, lembrem-se: só porque vocês são pequenos, não quer dizer que não tenham poder.

Nancy sorriu, fez uma medida com a cabeça e esticou as mãos, aceitando os aplausos e as risadas como um profissional, então se virou e caminhou de volta para o lugar onde Shadow e Czernobog estavam.

— Acho que eu tinha dito "nada de histórias" — disse Wednesday.

— Você chama isso de história? Eu mal limpei a garganta. Só aqueci o pessoal pra você. Vai lá e arrasa.

Wednesday foi até um lugar onde a luz do fogo o iluminasse, um velho com um olho de vidro, um terno marrom e um casaco Armani velho. Ficou em pé ali, olhando para as pessoas nos bancos de madeira, sem dizer nada por mais tempo do que Shadow pensou que alguém pudesse se sentir confortável sem dizer nada. E, finalmente, falou.

— Vocês me conhecem. Todos me conhecem. Alguns não têm motivo pra gostar de mim, mas, gostem ou não, vocês me conhecem.

Ouviu-se um murmúrio, uma agitação entre as pessoas nos bancos.

— Eu estou aqui há mais tempo do que a maior parte de vocês, e também achei que a gente poderia se virar com o que tem. Não é o bastante para ficarmos contentes, mas é suficiente pra ir em frente. Mas pode não ser mais o caso. I lá uma tempestade a caminho, e não é uma tempestade do nosso tipo.

Ele fez uma pausa. Deu um passo à frente e cruzou os braços sobre o peito.

— Quando as pessoas vieram prós Estados Unidos, elas nos trouxeram junto. Trouxeram eu, Loki e Thor, Anansi e o Deus-Leão, Leprechauns e Kobolds e Banshees, Kubera e Frau Holie e Ashtaroth, e trouxeram vocês. Viemos até aqui na cabeça dessa gente e criamos raízes. Viajamos com os colonizadores pró Novo Continente do outro lado do oceano. A terra é vasta. Mas o tempo passou e nosso povo nos abandonou, lembrando de nós apenas como criaturas do Velho Continente, como coisas que não tinham vindo com elas pró Novo. Quem acreditava verdadeiramente em nós morreu, ou parou de acreditar, e fomos abandonados, ficamos perdidos, assustados e sem posses, vivendo de migalhas de adoração e de crença que podíamos encontrar. E fomos sobrevivendo da melhor maneira possível. Então foi isso que fizemos, sobrevivemos à margem das coisas, onde ninguém prestava muita atenção em nós. Hoje temos, vamos admitir, pouca influencia. Fazemos das pessoas nossas presas, tiramos delas e sobrevivemos; nós nos despimos e nos prostituímos e bebemos demais. Pegamos gasolina, roubamos, trapaceamos e existimos nas fendas das margens da sociedade. Somos deuses antigos, aqui neste Novo Continente sem deuses.

Ele fez uma pausa. Encarou cada um de seus ouvintes, com gravidade e com jeito de político. Todos olhavam de volta para ele impassíveis, com rostos ilegíveis, que pareciam máscaras. Wednesday limpou a garganta e cuspiu com força no fogo. O cuspe reluziu e queimou, iluminando o interior do salão.

— Assim, como todos vocês tiveram oportunidade de descobrir sozinhos, existem novos deuses crescendo nos Estados Unidos, apoiando-se em laços cada vez maiores de crenças: deuses de cartão de crédito e de auto-estrada, de internet e de telefone, de rádio, de hospital e de televisão, deuses de plástico, de bipe e de néon. Deuses orgulhosos, gordos e tolos, inchados por sua própria novidade e por sua própria importância. Eles sabem da nossa existência e tem medo de nós, e nos odeiam — disse Odin. — Vocês estão se enganando se acreditam que não. Eles vão nos destruir, se puderem. É hora de a gente se agrupar. E hora de agir.

A senhora de sári vermelho deu um passo em direção ao fogo. Na testa dela havia uma pequena pedra preciosa azul-escura.

— Você chamou a gente aqui por causa dessa insensatez?

E então ela pigarreou, um pigarro que misturava surpresa e irritação.

O cenho de Wednesday se franziu.

— Eu chamei vocês aqui, sim, mas isso é sensato, Mama-ji, não insensato. Até uma criança consegue perceber.

— Então eu sou uma criança, é? Ela mostrou um dedo para ele.

— Eu já era velha em Kalighat antes de sonharem com você, seu tolo. Eu sou uma criança? Então eu sou uma criança, porque não há nada pra ver nessa sua conversa tola.

Mais uma vez, um momento de visão dupla: Shadow enxergou a senhora, seu rosto escuro marcado pela idade e pelo ressentimento mas, atrás dela, via algo enorme, uma mulher nua com a pele tão negra quanto um casaco de couro novo, e com lábios e língua da cor vermelho-vivo do sangue arterial. Em volta do pescoço dela havia caveiras, e suas muitas mãos seguravam facas, espadas e cabeças cortadas.

— Eu não chamei você de criança, Mama-ji — disse Wednesday, tranquilamente. — Mas parece evidente por si só...

— A única coisa que é evidente por si só — retrucou a velha, apontando (ao mesmo tempo que atrás dela, através dela, sobre ela, um dedo negro, com uma garra afiada, apontou em eco) — é o seu desejo pela glória. Nós vivemos em paz neste país há muito tempo. Alguns de nós se dão melhor do que os outros, concordo. Eu me viro bem. Lá na Índia, existe uma reencarnação minha que se dá muito melhor, mas deixe estar. Eu não tenho inveja. Eu vi os novos se elevarem, e os vi cair também.

A mão dela caiu ao lado do corpo. Shadow percebeu que os outros olhavam para ela com uma mistura de expressões — respeito, surpresa, embaraço — nos olhos.

— Costumavam adorar as estradas aqui, mas num piscar de olhos os deuses de ferro estão tão esquecidos quanto os caçadores de esmeraldas...

— Seja objetiva, Mama-ji — disse Wednesday.

— Objetiva?

Suas narinas se abriram. Os cantos da boca arquearam para baixo.

— Eu... e eu sou obviamente só uma criança... digo que esperemos. Que não devemos fazer nada. Nós não sabemos se eles nos querem mal.

— E você vai continuar a aconselhar que a gente espere eles virem no meio da noite pra matar ou levar você embora?

A expressão dela era de desprezo e de surpresa: estava tudo nos lábios, nas sobrancelhas e no nariz.

— Se eles tentarem tal coisa — disse —, vão descobrir que eu sou difícil de pegar e ainda mais difícil de matar.

Um jovem corpulento, sentado em um dos bancos atrás dela, fez um barulho com a garganta para chamar a atenção, então falou, com uma voz ribombante:

— Pai de Todos, meu povo está satisfeito. Nós aproveitamos o que temos da melhor maneira possível. Se o resultado dessa sua guerra for contrário a nós, perderemos tudo.

Wednesday disse:

— Vocês já perderam tudo. Eu estou oferecendo a vocês a chance de retomar

alguma coisa.

As chamas do fogo crepitaram altas quando ele falou, iluminando os rostos da audiência.

Eu não acredito que isso seja verdade, pensou Shadow. Eu não acredito em nada disso. Talvez eu ainda tenha quinze anos. Minha mãe ainda está viva e eu ainda não conheci a Loura. Tudo que aconteceu até agora foi algum tipo de sonho absurdamente real. E, ainda assim, ele também não conseguia acreditar nisso. Tudo que temos para acreditar ou não em algo são os sentidos, as ferramentas que usamos para perceber o mundo: nossa visão, nosso tato, nossa memória. Se os sentidos mentem para nós, então não dá para confiar em nada. E, mesmo se não acreditarmos, ainda assim não podemos tomar qualquer outro caminho além da estrada que os sentidos mostram; e é preciso percorrê-la até o fim.

Então o fogo se extinguiu e a escuridão tomou conta de Valaskjalf, o salão de Odin.

— E agora? — sussurrou Shadow.

— Agora nós voltamos pra sala do carrossel — balbuciou o senhor Nancy. — E o De-Um-Olho-Só paga o jantar pra gente, molha algumas mãos, beija alguns bebês, e ninguém mais fala a palavra que começa com D.

— Palavra que começa com D?

— Deuses. Só pra saber, o que você estava fazendo no dia em que distribuíram cérebros, garoto?

— Alguém estava contando uma história sobre roubar o saco de um tigre, e eu tive que parar pra descobrir como terminava. O senhor Nancy deu uma risada.

— Mas não ficou nada resolvido. Ninguém chegou a acordo nenhum.

— Ele está cozinhando todo mundo em banho-maria. Vai converter um de cada vez. Você vai ver. Eles vão mudar de ideia no final.

Shadow podia sentir que um vento vinha de algum lugar, remexendo seu cabelo, tocando seu rosto, puxando-o.

Então estavam de volta à sala do maior carrossel do mundo, ouvindo a "Valsa do Imperador".

Havia um grupo de pessoas, turistas pela aparência, conversando com Wednesday do outro lado da sala, tantas pessoas quanto o número de figuras que havia no salão.

— Por aqui.

Dizendo isso, Wednesday conduziu-os pela única saída, feita de forma a parecer a boca aberta de um monstro enorme, com seus dentes afiados prontos para transformar todos em fatias. Ele circulava entre eles como um político, bajulando, encorajando, sorrindo, gentilmente discordando, estabelecendo a paz.

— Aquilo aconteceu mesmo? — perguntou Shadow.

— O quê, cérebro de merda? — perguntou o senhor Nancy.

— O salão. O fogo. O saco do tigre. O passeio no carrossel.

— Caramba, ninguém tem permissão pra andar naquele carrossel. Você não viu a placa? Agora, anda logo.

A boca do monstro levava para a Sala do Órgão, o que confundiu Shadow... eles já não haviam passado por ali? A segunda vez não havia sido menos estranha. Wednesday conduziu todos eles para cima de uma escada, passando por modelos — em tamanho natural — dos quatro cavaleiros do Apocalipse pendurados no teto, e seguiram as placas para uma saída antes do final da exposição.

Shadow e Nancy iam no fim da fila. E então estavam fora da Casa na Pedra, passando na frente da loja de lembranças e se dirigindo de volta ao estacionamento.

— Que pena sairmos antes do final — disse o senhor Nancy. — Eu queria ter visto a maior orquestra artificial do mundo.

— Eu vi — disse Czernobog. — Não era grande coisa.

O restaurante ficava a dez minutos dali, seguindo pela estrada. Wednesday havia dito a cada um de seus convidados que, naquela noite, o jantar era por conta dele, e tinha organizado caronas para quem não tivesse como chegar lá.

Shadow ficou imaginando como eles haviam chegado até a Casa na Pedra sem meio de transporte próprio e como iriam embora depois, mas não disse nada. Aquela parecia a atitude mais inteligente a se tomar.

Ficou com um carro cheio de convidados para transportar até o restaurante: a senhora de sári vermelho sentou-se na frente, ao lado dele. Havia dois homens no banco de trás: o jovem corpulento de aspecto peculiar cujo nome Shadow não havia captado adequadamente, mas que soava como Elvis, e um outro homem, de terno escuro, de quem Shadow não conseguia se lembrar.

Ele tinha parado ao lado do homem enquanto ele entrava no carro, abriu e fechou a porta para ele e era incapaz de se lembrar do que quer que fosse a seu respeito. Virou-se para trás e olhou para ele, cuidadosamente reparando no rosto, no cabelo e nas roupas, assegurando-se de que o reconheceria se o encontrasse novamente. Virou-se para frente de novo e deu a partida no carro, só para descobrir que o homem já havia fugido da sua mente. Ficou uma impressão de prosperidade, mas nada além disso.

Estou cansado, pensou Shadow. Olhou para a direita e roubou uma olhadela da mulher indiana. Reparou no diminuto colar prateado de caveiras que circundava o pescoço dela, no seu bracelete-amuleto de cabeças e mãos que tilintava, como sininhos, quando ela se mexia, e na pequena pedra preciosa azul-escura na testa. Cheirava a especiarias, cardamomo, noz-moscada e flores. Seu cabelo era da cor de sal-e-pimenta, e ela sorriu quando percebeu que ele a estava observando.

— Pode me chamar de Mama-ji — ela disse.

— Eu sou Shadow, Mama-ji.

— E o que você acha dos planos do seu patrão? Ele diminuiu a marcha quando um caminhão grande e preto passou por eles, cobrindo o carro com uma golfada de neve derretida.

— Eu não pergunto, ele não conta.

— Quer saber a minha opinião? Ele quer que a gente desapareça em um esplendor glorioso. É isso que ele quer. E já somos velhos o bastante, ou imbecis o bastante, pra concordarmos com isso.

— Meu trabalho não é fazer perguntas, Mama-ji. O interior do carro foi tomado pela risada tilintante dela. O homem no banco de trás — não o jovem de aparência peculiar, o outro falou alguma coisa, e Shadow respondeu, mas, um instante depois, já não conseguia se lembrar de jeito nenhum do que dissera.

O jovem de aparência peculiar não havia dito nada, mas agora começava a cantarolar para si, uma melodia profunda e grave que fazia com que o interior do carro vibrasse, chacoalhasse e zumbisse.

Ele tinha altura mediana, mas sua figura era estranha. Shadow já ouvira falar de homens com corpo de barril, mas não tinha uma imagem registrada na cabeça para acompanhar a metáfora. Esse homem tinha corpo de barril e pernas que se pareciam com... isso mesmo, com troncos de árvores, e mãos como, exatamente jarretes de presunto. Ele usava uma parca preta com capuz, vários suéteres, vários macacões grosseiros e, inadequadamente, no inverno e com aquelas roupas, um par de tênis brancos, que eram do mesmo tamanho e formato de uma caixa de sapatos. Seus dedos se pareciam com linguças, com pontas chatas e quadradas.

— Nossa, como você canta! — disse Shadow, do assento do motorista.

— Desculpa — falou o jovem, com uma voz peculiar, profunda, encabulada. Parou de cantarolar.

— Não, eu gostei — acrescentou Shadow. — Não pára.

O jovem peculiar hesitou por um instante, e então recomeçou a cantarolar, com a voz tão profunda e reverberante quanto antes. Desta vez havia palavras entremeadas no ritmo. "Para baixo, para baixo, para baixo", ele cantava, tão profundamente que fazia as janelas chacoalharem. "Para baixo, para baixo, para baixo, para baixo, para baixo, para baixo, para baixo."

Luzinhas de natal estavam penduradas em todas as calhas das casas e prédios por onde eles passavam. Variavam entre luzes douradas e discretas que emanavam brilho até exibições gigantes de homens de neve, ursos de pelúcia e estrelas multicoloridas.

Shadow parou no restaurante, uma estrutura grande que lembrava um celeiro, e deixou os passageiros saírem pela porta da frente. Levou o carro até o estacionamento dos fundos. Ele queria percorrer o curto caminho até o restaurante sozinho, no frio, para refrescar as ideias.

Estacionou o carro ao lado de um caminhão preto. Ficou imaginando se não seria o mesmo que os havia ultrapassado antes. Fechou a porta e ficou lá parado, observando sua

respiração se transformar em vapor.

Shadow conseguia imaginar Wednesday dentro do restaurante já acomodando seus convidados ao redor de uma mesa grande, pensando bem no lugar de cada um. Perguntou a si mesmo se realmente havia transportado Kali no banco da frente de seu carro, e quem tinha carregado no banco de trás...

— Ei, cara, você tem um fósforo? — disse uma voz quase familiar. Shadow se virou para pedir desculpas e dizer que não, mas o cano do revólver o atingiu acima do olho esquerdo, e ele começou a cair no chão. Esticou um braço para se equilibrar enquanto caía. Alguém enfiou uma coisa macia em sua boca para evitar que gritasse, e colocou uma fita adesiva por cima para mantê-la no lugar: foram movimentos fáceis e treinados, como um açougueiro degolando uma galinha.

Shadow tentou gritar, para avisar Wednesday e os outros, mas nada além de um barulho abafado saiu de sua boca.

— As presas estão todas lá dentro — disse a tal voz. — Todo mundo está posicionado?

Ouviu-se uma voz crepitante saída de um rádio.

— Vamos entrar e cercar todos eles.

— O que fazemos com o grandalhão? — perguntou outra voz.

— Empacota, leva embora — disse a primeira voz.

Enfiaram um capuz parecido com um saco na cabeça de Shadow, amarraram os pulsos e as canelas dele com fita adesiva, colocaram-no na traseira de um caminhão e o levaram embora.

Não tinha janelas no quarto minúsculo em que prenderam Shadow. Havia uma cadeira de plástico, uma mesa de dobrar leve e um balde com uma tampa em cima que servia de privada, além de uma tira de espuma amarela de dois metros no chão, e um cobertor fino encardido com uma mancha marrom no meio: sangue ou merda ou comida, Shadow não sabia, e não se preocupou em descobrir. Havia uma lâmpada nua atrás de uma grade de metal bem no alto do quarto, mas nenhum interruptor. A luz ficava sempre acesa. A porta não tinha maçaneta.

Ele estava com fome.

A primeira coisa que fez, quando os agentes secretos o jogaram para dentro do quarto, depois de terem arrancado a fita adesiva de suas canelas, de seus pulsos e de sua boca, e de o terem deixado sozinho, foi dar uma volta cuidadosa pelo quarto e inspecioná-lo. Bateu nas paredes. Pareciam de metal à prova de som. Havia uma pequena grade de ventilação no alto do quarto. A porta estava convenientemente trancada.

Ele sangrava no supercílio esquerdo, o sangue escorria lentamente. Sua cabeça doía.

O chão não tinha carpete. Deu batidinhas nele. Era feito do mesmo metal que as paredes.

Tirou a tampa do balde, mijou lá dentro e o cobriu novamente. De acordo com seu relógio de pulso, apenas quatro horas haviam se passado desde o ataque no restaurante.

Sua carteira não estava mais com ele, mas deixaram as moedas.

Sentou-se na cadeira da mesa de jogos. A mesa era coberta com um feltro verde todo esburacado de queimaduras de cigarro. Shadow fingiu fazer as moedas atravessarem a mesa. Então pegou duas moedas de 25 centavos e fez um truque inútil.

Escondeu uma das moedas na palma da mão direita e, abertamente, colocou a outra moeda na mão esquerda, entre o indicador e o polegar. Fingiu que tirou a moeda da mão esquerda, quando na verdade a deixara cair de novo na mão. Abriu a mão direita para mostrar a moeda que estava lá o tempo todo.

O segredo da manipulação de moedas fazia com que Shadow se concentrasse totalmente naquilo e esquecesse o resto. Ou melhor, ele não conseguia fazer aquilo quando estava bravo ou chateado. Por isso a ação de praticar um truque de ilusionismo o acalmava e refrescava sua mente do turbilhão e do medo, mesmo que fosse um truque que, por si só, não tivesse nenhuma utilidade possível — ele gastou grande quantidade de esforço e de habilidade para fingir que a moeda passou de uma mão para outra, algo que não requer nenhuma espécie de destreza para fazer de verdade.

Começou a treinar um truque ainda mais inútil: transformar uma moeda de 50 centavos em uma de 1 centavo com uma mão só, mas usando as duas moedas de 25 centavos. Cada uma das moedas era escondida e mostrada alternadamente, à medida que o truque progredia. Levou a mão até a boca e assoprou na moeda visível, enquanto fazia com que deslizasse com um gesto clássico para escondê-la, ao mesmo tempo que os dois primeiros dedos recuperavam a moeda escondida e a apresentavam. O efeito era mostrar uma moeda na mão, assoprá-la e exibi-la mais uma vez, mostrando sempre a mesma moeda.

Ele fez o truque seguidas vezes.

Ficou imaginando se iriam matá-lo, e sua mão tremeu, só um pouquinho, e uma das moedas caiu da ponta do dedo para o feltro verde furado da mesa de jogos.

E como ele não aguentava mais fazer aquilo, guardou as moedas e pegou o dólar com a efígie da Liberdade que Zorya Polunochneya lhe dera. Segurou-a firmemente e esperou.

Às três da manhã, segundo seu relógio, os agentes secretos voltaram para interrogá-lo. Dois homens de cabelos escuros, vestidos com ternos escuros e usando sapatos pretos lustrados. Agentes secretos. Um deles tinha rosto quadrado, ombros largos, cabelos volumosos, parecia ter jogado futebol americano na escola, unhas muito roídas. O outro estava ficando careca, usava óculos redondos de armação prateada, tinha unhas feitas. Apesar de não se parecerem nem um pouco, Shadow desconfiou que, em algum nível, provavelmente celular, os dois homens eram idênticos. Ficaram parados, em pé, um de cada lado da mesa de jogos, olhando para baixo, para ele.

— Há quanto tempo o senhor trabalha pró Cargo? — perguntou um deles.

— Eu não sei o que é isso — respondeu Shadow.

— Ele se apresenta como Wednesday. Sem-Coração. Velho-Pai. Velho. O senhor tem sido visto com ele.

— Eu trabalho pra ele há uns dias.

— Não minta pra nós, senhor — disse o agente de óculos.

— Tudo bem, não vou mentir. Mas, ainda assim, só faz alguns dias.

O agente de rosto quadrado esticou a mão para baixo e torceu a orelha de Shadow entre o indicador e o polegar. Apertava enquanto torcia. A dor era intensa.

— Dissemos ao senhor que não mentisse pra nós — falou, com suavidade.

Então, largou sua orelha.

Cada um dos agentes tinha uma saliência de revólver embaixo do paletó. Shadow não tentou revidar. Fingiu que tinha voltado para a prisão. Cumpra sua própria pena, pensou Shadow. Não diga a eles nada que ainda não saibam. Não faça perguntas.

— Essas pessoas com quem o senhor está se envolvendo são perigosas — disse o agente de óculos. — O senhor vai prestar um serviço ao seu país transformando sua declaração em prova.

Ele sorriu, simpático: Eu sou o guarda bacana, insinuava o sorriso.

— Entendo.

— E se o senhor não quiser nos ajudar — completou o agente de rosto quadrado —, poderá ver como agimos quando não estamos contentes.

Ele deu um tapa de mão aberta na barriga de Shadow, tirando-lhe o fôlego. Não era tortura, Shadow pensou, era só afirmação: Eu sou o guarda mau. Parecia que ele ia vomitar.

— Eu gostaria de deixar vocês contentes.

— Tudo que estamos pedindo é que o senhor coopere.

— Posso saber... — arfou Shadow (não faça perguntas, pensou, mas já era tarde demais, as palavras já tinham começado a sair de sua boca) — posso saber com quem é que eu vou cooperar?

— O senhor quer saber nossos nomes? — perguntou o agente de rosto quadrado. — Você só pode estar louco.

— Não, ele tem razão — disse o agente de óculos. — Pode ser que assim fique mais fácil pra ele se relacionar com a gente.

Olhou para Shadow e sorriu como um homem de anúncio de pasta de dente.

— Oi, eu sou o senhor Stone, senhor. Meu colega é o senhor Wood, — Na verdade, o que eu queria saber é pra quem vocês trabalham. A CIA? OFBI?

Stone sacudiu a cabeça.

— Xi. Não é mais tão fácil assim, senhor. As coisas não são tão simples assim.

— Setor privado — disse Wood — setor público. Sabe como é. Existe muita influência mútua hoje em dia.

— Mas eu posso lhe assegurar — acrescentou Stone, com outro sorriso refrescante — de que nós somos os caras bacanas. O senhor está com fome, senhor?

Colocou a mão em um dos bolsos do paletó e tirou uma barra de chocolate Snickers.

— Aqui está. É um presente.

— Obrigado — disse Shadow.

Abriu a embalagem e comeu o chocolate.

— Imagino que o senhor gostaria de algo pra beber também. Café? Cerveja?

— Água, por favor.

Stone caminhou até a porta, bateu. Disse alguma coisa ao guarda do lado de fora da porta, que assentiu com a cabeça e voltou um minuto depois com um copo de plástico cheio de água fresca.

— A CIA — disse Wood, sacudindo a cabeça com tristeza. — Aqueles palhaços. Ei, Stone. Ouvi uma piada nova da CIA. Como é que dá pra ter certeza de que a CIA não estava envolvida no assassinato do Kennedy?

— Não sei — respondeu Stone. — Como é que dá pra ter certeza?

— Ele esta morto, não está? — disse Wood. Os dois riram.

— Está se sentindo melhor agora, senhor? — perguntou Stone.

— Acho que sim.

— Então, por que não conta pra nós o que aconteceu hoje à noite, senhor?

— Fizemos um programa de turismo. Visitamos a Casa na Pedra. Saímos pra comer. Vocês sabem o resto da história.

Stone deu um suspiro profundo. Wood sacudiu a cabeça, como se estivesse desapontado, e chutou Shadow na rótula. A dor era lancinante. Depois Wood empurrou o punho lentamente contra as costas de Shadow, bem em cima do rim direito, e torceu a mão, com força... a dor foi pior que a do joelho.

Eu sou melhor do que qualquer um deles, pensou. Eu consigo aguentar. Mas eles estavam armados; e mesmo se ele — de algum jeito — matasse ou dominasse os dois, ainda estaria trancado na cela com eles. (Mas daí ele teria um revólver. Ele teria dois revólveres.) (Não.)

Wood mantinha as mãos afastadas do rosto de Shadow. Sem marcas. Nada permanente: só punhos e pés em seu torso e em seu joelho. Doía, e ele apertava o dólar

com a efígie da Liberdade bem forte na palma mão, esperando que tudo terminasse.

E, depois de um tempo longo demais, o espancamento terminou.

— Voltamos daqui a duas horas, senhor — disse Stone. — Sabe, Wood detestou de verdade fazer isso. Nós somos homens razoáveis. Como eu já disse, somos os caras bacanas. O senhor está do lado errado. Enquanto isso, por que não tenta dormir um pouco?

— É melhor você começar a levar a gente a sério — argumentou Wood.

— O Woody tem razão, senhor — completou Stone. — Pense bem sobre isso.

A porta se fechou com uma batida atrás deles. Shadow se perguntou se iriam desligar a luz, mas não desligaram, e a lâmpada brilhava no quarto como um olho frio. Ele se arrastou pelo chão até o colchão de espuma amarela e se deitou sobre ele, colocando o cobertor fino sobre o corpo. Fechou os olhos e, como não tinha nada a que se agarrar, agarrou-se aos sonhos.

O tempo passava.

Tinha 15 anos novamente, e sua mãe eslava morrendo. Ela tentava dizer algo muito importante, mas ele não conseguia entender. Ele se mexeu durante o sono e uma pontada de dor levou-o de semi-adormecido para semi-acordado, e ele se contorceu.

Shadow tremia sob o cobertor fino. O braço direito cobria os olhos, bloqueando a luz da lâmpada. Ficou imaginando se Wednesday e os outros ainda estavam livres, se é que ainda estavam vivos. Ele esperava que sim.

O dólar de prata continuava frio em sua mão direita. Podia senti-lo ali, como havia sentido durante o espancamento. Perguntou a si mesmo, sem pensar muito no caso, por que a moeda não esquentava com a temperatura do seu corpo. Meio adormecido e meio delirante, a moeda, a ideia da Liberdade, a Lua e Zorya Polunochnaya de alguma maneira fundiram-se em um feixe de luz prateada que vinha das profundezas do firmamento, e ele percorreu o feixe prateado para longe da dor, da desilusão e do medo... longe da dor e, abençoadamente, de volta aos sonhos...

Ele ouvia um tipo de barulho vindo de longe, mas era tarde demais para pensar sobre aquilo: estava dormindo agora.

Um meio pensamento: esperava que não fosse alguém vindo acordá-lo, bater ou gritar com ele. E então percebeu, com prazer, que estava dormindo de verdade, e que não sentia mais frio.

Alguém em algum lugar estava pedindo socorro, alto, em seu sonho ou fora dele.

Shadow virou para o lado na espuma, dormindo, descobrindo novas áreas de dor à medida que se mexia.

Alguém sacudia seu ombro.

Ele queria pedir para que não o acordassem, para deixarem que dormisse e para deixá-lo em paz, mas soou como um ronco.

— Cachorrinho? — disse Laura. — Você tem que acordar. Por favor acorda,

querido.

E, por um instante, sentiu um alívio benévolo. Ele teve um sonho tão estranho, de prisões e de condenados e de deuses maltrapilhos, e agora Laura o acordava para dizer que era hora de ir trabalhar, e talvez ainda tivesse tempo bastante para roubar um café e um beijo, ou mais que um beijo; e ele esticou o braço para tocá-la.

A pele dela era fria como gelo, e pegajosa.

Shadow abriu os olhos.

— De onde veio todo esse sangue? — perguntou.

— Dos outros. Não é meu. Eu estou cheia de formaldeído, misturado com glicerina e lanolina.

— Que outros?

— Os guardas. Está tudo bem. Eu matei todo mundo. É melhor você se mexer. Acho que não dei oportunidade pra ninguém dar o alarme. Pega um casaco ali fora, ou então você vai congelar.

— Você matou todo mundo?

Ela deu de ombros, e esboçou um sorriso, sem jeito. Suas mãos estavam cobertas de vermelho, como se ela tivesse pintado a dedo uma figura exclusivamente em tons de carmim, e havia manchas e respingos em seu rosto e em sua roupa (o mesmo tailleur azul com que fora enterrada) que fez com que Shadow pensasse em Jackson Pollock, porque era menos problemático pensar nele do que aceitar a outra alternativa.

— É mais fácil matar alguém quando você mesma está morta — explicou. — Quero dizer, não é tão difícil. A gente perde o preconceito.

— Pra mim, continua sendo difícil.

— Você quer ficar aqui até o pessoal da manhã chegar? — ela perguntou. — Pode ficar, se quiser. Mas eu pensei que você queria ir embora.

— Eles vão pensar que eu fiz isso — disse, de maneira estúpida.

— Talvez. Coloque um casaco, querido. Você vai congelar.

Ele passou para o corredor. Indo até o final havia uma sala de vigilância. Lá, três guardas e o sujeito que tinha se apresentado como Stone estavam mortos. O amigo dele não estava em lugar algum onde pudesse ser visto. Pelas marcas no piso, dois deles tinham sido arrastados para dentro da sala e largados no chão.

Seu casaco estava pendurado no cabide. Sua carteira ainda estava no bolso interno, aparentemente intocada. Laura abriu algumas caixas de papelão cheias de doces.

Os guardas, agora que ele podia vê-los melhor, usavam uniformes camuflados escuros, mas não tinham distintivos oficiais, nada que revelasse para quem trabalhavam. Eles poderiam ser caçadores de patos de fim de semana, prontos para a caça.

Laura esticou a mão fria e apertou a mão de Shadow. Ela usava a moeda de ouro,

que ele havia dado, numa corrente dourada no pescoço.

— Ficou bonito — ele disse.

— Obrigada.

Ela sorriu, linda.

— E os outros? — ele perguntou. — Wednesday e o resto? Onde eles estão? Laura entregou-lhe um punhado de doces, e ele encheu os bolsos com as guloseimas.

— Não tinha mais ninguém aqui. Um monte de celas vazias e uma com você dentro. Ah, e um dos homens tinha ido até aquela cela lá no fundo pra bater uma punheta com uma revista. Ele levou o maior susto.

— Você matou o cara enquanto ele estava se masturbando? Ela deu de ombros.

— Acho que sim — respondeu, desconfortável. — Eu estava preocupada... achei que eles tivessem machucado você. Alguém precisa cuidar de você, e eu disse que faria, não disse? Pega isso aqui.

Eram esquentadores de mãos e de pés químicos: almofadinhas finas que, ao romper o lacre, esquentam e se mantêm quentes durante horas. Shadow guardou tudo no bolso.

— Cuidar de mim? É — ele disse —, você falou que ia cuidar.

Ela esticou a mão e encostou um dedo no supercílio esquerdo dele.

— Você está machucado.

— Está tudo bem.

Ele abriu lentamente uma porta de metal na parede. Tinha um degrau a mais de um metro do chão, e ele pulou sobre o que parecia ser cascalho. Pegou Laura pela cintura e a ajudou a descer, como costumava carregá-la, com facilidade, sem pensar duas vezes...

A lua saiu detrás de uma nuvem espessa. Estava baixa no horizonte, pronta para se pôr, mas a luz que jogava sobre a neve era suficiente para iluminar.

Os dois saíram do que se revelou ser um vagão de metal pintado de preto de um trem de carga comprido, estacionado ou abandonado ao lado de uma floresta. Os vagões se estendiam até onde os olhos podiam ver, para dentro das árvores e mais longe ainda. Ele estava em um trem. Já deveria ter percebido.

— Como foi que me achou aqui? — perguntou para a mulher morta. Ela sacudiu a cabeça, lentamente, surpresa.

— Você brilha como uma brasa em um mundo escuro — explicou. — Não foi tão difícil assim. Agora, vai embora. Vai o mais rápido e o mais longe que puder. Não use os seus cartões de crédito e acho que tudo vai ficar bem.

— Pra onde eu devo ir?

Ela passou a mão pelos cabelos embaraçados, tirando os fios da frente dos olhos.

— A estrada fica pra lá — explicou. — Faça o que puder. Roube um carro se

precisar. Vá pró sul.

— Laura — ele disse, e hesitou. — Você sabe o que está acontecendo? Sabe quem são essas pessoas? Quem você matou?

— Claro. Acho que sei.

— Estou te devendo uma. Eu ainda estaria lá dentro se não tosse você. Acho que eles não tinham nada de bom planejado pra mim.

— Não — ela disse. — Acho que não.

Eles se afastaram dos vagões de trem vazios. Shadow ficou imaginando o que seriam os outros trens que tinha visto, vagões de metal vazios e sem janelas que se estendiam por milhas e milhas, apitando por seu caminho através da noite. Seus dedos se fecharam em volta do dólar com a efígie da Liberdade em seu bolso e ele se lembrou de Zorya Polunochnaya e da maneira como ela havia olhado para ele sob o luar. Você perguntou o que ela queria? Isso é a coisa mais sábia a se perguntar para os mortos. As vezes eles respondem.

— Laura... O que você quer? — ele perguntou.

— Você quer mesmo saber?

— Quero. Por favor.

Laura olhou para ele com seus olhos azuis mortos.

— Eu quero viver de novo — ela disse. — Não nessa meia-vida. Eu quero estar viva de verdade. Eu quero sentir meu coração batendo no peito novamente. Eu quero sentir o sangue correndo pelas minhas veias... quente, salgado e verdadeiro. É esquisito, a gente não acha que sente o sangue no corpo mas, acredite, quando pára de correr, você sabe na hora.

Ela coçou os olhos, espalhando uma cor vermelha sobre a pele, por causa do estado de suas mãos.

— Olha, é difícil. Você sabe por que os mortos só aparecem à noite, cachorrinho? Porque é mais fácil se passar por uma pessoa de verdade no escuro. E eu não quero ter que me passar por uma pessoa. Eu quero estar viva.

— Eu não entendo o que você quer que eu faça.

— Faz acontecer, querido. Você vai descobrir como. Eu sei que vai.

— Está bem. Vou tentar. E se eu descobrir, como é que eu acho você? Mas ela já tinha desaparecido e não havia coisa alguma na floresta além de um cinza sutil no céu para mostrar a ele onde estava o leste. No vento gelado de dezembro, ouviu-se um uivo solitário que podia ser o grito do último pássaro da noite ou o despertar do primeiro pássaro da manhã. Shadow olhou para o sul e começou a caminhar.

CAPÍTULO SETE

Como os deuses hindus são "imortais" apenas em um aspecto muito particular — porque nascem e morrem —, experimentam a maior parte dos grandes dilemas humanos e geralmente parecem discordar dos mortais em relação a alguns detalhes triviais... e parecem discordar ainda menos dos demônios. Ainda assim, são vistos pelos hindus como uma classe de seres por definição totalmente diferentes de qualquer outra. São símbolos de uma maneira que nenhum ser humano, por mais "arquetípica" que sua história de vida seja, jamais pode ser. São atores encenando papéis que são reais apenas para nós, suas máscaras atrás das quais enxergamos nossos próprios rostos.

— Wendy Doniger O'Flaherty, Introdução, Hindu Myths

Shadow caminhava fazia horas em direção ao sul, ou para o que ele esperava que fosse mais ou menos o sul, seguindo uma estrada estreita e sem sinalização através de uma floresta em algum lugar, ele imaginava, no sul do Estado de Wisconsin. Alguns jipes vieram em sua direção a certa altura, com os faróis brilhando, e ele se agachou no meio das árvores até que eles tivessem passado. A neblina do começo da manhã batia na altura da cintura dele. Os carros eram pretos.

Quando, trinta minutos mais tarde, ouviu o barulho de helicópteros ao longe, vindo do oeste, saiu da trilha de asfalto e entrou na floresta. Eram dois helicópteros, e ele ficou acorado em um espaço vazio debaixo de uma árvore caída e os ouviu passar. Quando foram embora, olhou em volta e para cima e deu uma checada rápida no céu cinzento de inverno. Ficou satisfeito ao observar que os helicópteros eram pintados de um preto fosco. Ficou esperando debaixo da árvore até que o barulho cessasse completamente.

Sob as árvores, a neve não passava de uma poeira, que estalava sob os pés. Sentiu-se profundamente agradecido pelos esquentadores químicos de mãos e de pés, que os impediam de congelar. Além disso, sentia o coração, as ideias e a alma entorpecidos. E o torpor, sentiu, aumentava e tinha história.

Então, o que é que eu quero? perguntou-se. Ele não conseguia responder, por isso apenas continuou andando devagar, entrando cada vez mais fundo na floresta. As árvores pareciam familiares, momentos de paisagens pareciam perfeitos déjà vu. Será que estava andando em círculos? Talvez ele fosse só andar, andar e andar até que os esquentadores e os doces acabassem e, então, se sentaria no chão e nunca mais levantaria.

Alcançou um riacho grande, do tipo que as pessoas do lugarejo chamariam de córrego e pronunciariam corgo, e resolveu segui-lo. Riachos levam a rios, todos os rios

levam ao Mississippi, e se ele continuasse caminhando, ou se roubasse um barco ou construísse uma balsa, no fim chegaria a Nova Orleans, onde era quente. A ideia pareceu tão reconfortante quanto improvável.

Não viu mais os helicópteros. Imaginou que aqueles que passaram por sobre sua cabeça tinham sido designados para limpar a bagunça no desvio da estrada de ferro, não estavam procurando por ele, ou então teriam retornado. Haveria cães de farejar, sirenes e toda a parafernália da perseguição. Em vez disso, não havia nada.

O que ele queria? Não ser pego. Não ser acusado pelas mortes dos homens no trem. Não fui eu, ele disse a si próprio, foi a minha mulher morta. Conseguia imaginar a expressão no rosto dos oficiais da lei. Então as pessoas discutiriam se ele era louco ou não, enquanto era encaminhado para a cadeira elétrica...

Ficou perguntando a si mesmo se o Estado do Wisconsin tinha pena de morte. Mas isso fazia alguma diferença? Ele queria entender o que estava acontecendo — e descobrir como tudo aquilo iria terminar. E, finalmente, dando um sorriso meio pesaroso, percebeu que queria que tudo voltasse ao normal acima de tudo. Gostaria que nunca tivesse ido para a prisão, que Laura ainda estivesse viva, que nada disso tivesse acontecido.

Acho que essa não é exatamente uma opção, meu rapaz, pensou consigo mesmo, com a voz rouca de Wednesday, e fez que sim com a cabeça para concordar. Não é uma opção. Você fechou suas portas. Então, continue caminhando. Cumpra sua própria pena...

Um pica-pau distante batucou em uma árvore apodrecida.

Shadow percebeu que estava sendo observado: um punhado de cardeais vermelhos olhou em direção a ele a partir de um arbusto velho e esquelético e então voltou a bicar os cachos de frutinhas pretas. Pareciam as ilustrações do calendário dos Pássaros Canoros da América do Norte. Ele ouviu os pios e os estrilos dos passarinhos o acompanharem pela margem do riacho. No fim, cessaram.

Um filhote de cervo morto estava deitado em uma clareira à sombra de uma montanha e um pássaro negro do tamanho de um cachorro pequeno bicava a carcaça com seu bico grande e perigoso, rasgando e puxando nacos de carne vermelha do cadáver. Os olhos do animal não estavam mais lá, mas a cabeça estava intocada, e manchas brancas e amareladas eram visíveis em seu lombo. Shadow ficou imaginando como o animal teria morrido.

O grande pássaro negro tombou a cabeça para o lado e disse, com uma voz que se parecia com pedras batendo:

— Você, homem-sombra.

— Eu sou Shadow.

O pássaro pulou para cima do lombo do cervo, ergueu a cabeça, eriçou as penas da cabeça e do pescoço. Era enorme, e seus olhos se pareciam com contas negras. Havia algo intimidador num pássaro daquele tamanho, tão próximo.

— Ele disse que vai encontrar você no Key-ro — proferiu o pássaro. Shadow se perguntou qual dos corvos de Odin seria esse: Huginn ou Muninn, Memória ou

Pensamento.

— Key-ro?

— No Egito.

— Como é que eu vou até o Egito?

— Siga Mississippi. Vá pro sul. Encontre Chacal.

— Olha — disse Shadow. — Eu não quero parecer que... Meu Deus, olha... Ele fez uma pausa. Juntou as ideias. Estava com frio, parado no meio de uma floresta, conversando com um enorme pássaro negro que fazia de Bambi seu café da manhã.

— Está bem. O que eu estou tentando dizer é que não quero enigma algum pra resolver.

— Enigma — concordou o pássaro, solícito.

— O que eu quero é explicação. Chacal no Key-ro. Isso não me ajuda. E uma fala de um filme ruim de espionagem.

— Chacal. Amigo. Tok. Key-ro.

— Você já disse. Eu queria um pouco mais de informação. O pássaro se virou e arrancou outra tira de carne crua do quadril do cervo.

Então voou para dentro da floresta com a tira vermelha pendendo do bico, como uma minhoca comprida e ensanguentada.

— Ei! Será que você podia, pelo menos, me levar até uma estrada de verdade? — gritou Shadow.

O corvo voou para o alto e para longe. Shadow olhou para o cadáver do cervo-bebê e pensou que, se fosse um legítimo homem da floresta, tiraria um bife e o assaria em uma fogueira. Em vez disso, sentou-se sobre uma árvore caída, comeu uma barra de chocolate e percebeu que realmente não era um legítimo homem da floresta.

O corvo grasnou da beira da clareira.

— É pra seguir você? — perguntou Shadow. — Ou o Timmy caiu em outro poço?

O pássaro grasnou mais uma vez, com impaciência. Shadow começou a caminhar em sua direção. Quando estava quase alcançando-o, o corvo bateu as asas pesadamente até outra árvore, indo um pouco à esquerda do caminho que Shadow percorreu originalmente.

— Ei, espera! — Huginn ou Muninn, ou quem quer que seja. O pássaro se virou, com a cabeça inclinada para um lado, cheio de suspeita, e olhou para ele com olhos brilhantes.

— Fala "Nunca mais" — disse Shadow.

— Foda-se — respondeu o corvo.

Ele não disse mais nada, e então atravessaram a floresta juntos.

Depois de meia hora, chegaram a uma estrada de asfalto nos arredores de uma cidadezinha, e o corvo voou de volta para a floresta. Shadow viu a placa de um restaurante de fast-food de cadeia, o Culvers Frozen Custard Butterburgers, c, ao lado dele, um posto de gasolina. Entrou no Culvers, que estava vazio. Havia um rapaz entusiasmado, com a cabeça raspada, atrás da caixa registradora. Shadow pediu dois hambúrgueres e batatas fritas. Depois entrou no banheiro para se limpar. Sua aparência estava péssima. Fez um inventário do conteúdo de seus bolsos: algumas moedas, incluindo o dólar com a efígie da Liberdade, uma escova de dentes descartável e pasta, três barras de chocolate, cinco almofadinhas de esquentador químico, uma carteira (com nada dentro além de sua carteira de motorista e um cartão de crédito — perguntou a si mesmo quanto tempo de validade o cartão ainda teria) e, no bolso interno do casaco, mil dólares em notas de Cinquenta e de vinte, sua parte no serviço bancário do dia anterior. Lavou o rosto e as mãos com água quente, alisou o cabelo escuro, então voltou para o restaurante e comeu hambúrgueres e batatas e bebeu café.

Ele voltou ao balcão.

— Quer sorvete de pudim? — perguntou o rapaz entusiasmado.

— Não, obrigado. Tem algum lugar por aqui onde eu possa alugar um carro? Meu carro pifou, bem lá pra trás, na estrada.

O rapaz coçou o resto de cabelo eriçado que tinha na cabeça.

— Por aqui não, senhor. Se o seu carro pifou, você pode chamar um guincho. Ou ver se podem ajudar você no posto aí do lado.

— Boa ideia — disse Shadow. — Obrigado.

Ele andou por cima da neve que derretia, do estacionamento do restaurante até o posto de gasolina. Comprou chocolates e um pacote de carne seca e mais esquentadores químicos de mãos e pés.

— Tem algum lugar por aqui onde eu possa alugar um carro? — perguntou à mulher atrás da caixa registradora.

Ela era imensamente rechonchuda e usava óculos, e ficou muito feliz por ter alguém com quem conversar.

— Deixa eu pensar... A gente aqui está meio fora da civilização. Tem isso aí em Madison. Para onde você vai?

— Key-ro — ele disse. — Seja lá onde fique isso.

— Eu sei onde é. Me passa um mapa de Illinois daquela prateleira ali. Shadow pegou o que ela pediu. Desdobrou-o, e então apontou, triunfante, para o canto mais embaixo do Estado.

— Aqui está.

— Cairo?

— É assim que eles pronunciam aquela que fica lá no Egito, mas esta aqui se chama

Keyro. Tem também um tipo de Tebas por aqui. Minha cunhada nasceu em Tebas. Perguntei o que ela achava da cidade do Egito, e ela olhou pra mim como se eu tivesse um parafuso solto.

A mulher riu fazendo um barulho de cano entupido.

— Tem alguma pirâmide lá?

A cidade ficava a cerca de 800 quilômetros dali, quase que totalmente ao sul.

— Não que eu saiba. Falam que lá é o Egito em miniatura porque, hmm, talvez há 100, 150 anos, aconteceu uma falta de comida geral. As plantações não deram colheita. Mas lá não. Então todo mundo foi até lá pra comprar comida. Igual à Bíblia, naquela passagem de José do Egito.

— Então, se você fosse eu e precisasse chegar lá, o que faria? — perguntou Shadow.

— Ia de carro.

— Meu carro pifou a algumas milhas daqui, lá na estrada. Era uma porcaria, se você puder perdoar meu linguajar.

— R — ela disse. — É assim que o meu cunhado fala também. Ele tem uma revendedora pequena de carros. As vezes me liga e fala que acabou de vender outra R. Talvez até se interesse pelo seu carro velho. Pra desmanche ou algo assim.

— O carro é do meu patrão — argumentou Shadow, surpreendendo-se com a fluência e a facilidade de suas mentiras. — Preciso ligar pra lá, pra ele vir pegar o carro.

Então, ocorreu-lhe uma ideia:

— Seu cunhado está por aqui?

— Ele fica em Muscoda, a dez minutos ao sul, bem do outro lado do rio. Por quê?

— Bom, será que ele tem uma E pra me vender por... hum, uns 500, 600 dólares?

Ela sorriu com doçura.

— Senhor, ele não tem nem um carro naquele pátio que valha 500 dólares com o tanque cheio. Mas não conta pra ele que eu disse isso.

— Você poderia ligar pra ele?

— Claro, sem problema nenhum — pegou o telefone. — Querido? É a Mattie. Vem aqui agora mesmo. Tem um homem querendo comprar um carro.

A porcaria que ele escolheu era um Chevy Nova 1983, que comprou, com o tanque cheio de gasolina, por 450 dólares. Tinha quase 400 mil quilômetros no velocímetro e um cheiro de uísque e de cigarro, e um outro mais forte de algo que poderia ser banana. Ele não conseguia distinguir a cor do carro embaixo da sujeira e da neve. Ainda assim, de todos os veículos do pátio do cunhado de Mattie, era o único que parecia ser capaz de conduzi-lo por 800 quilômetros.

O negócio foi fechado em dinheiro vivo, e o cunhado de Mattie não pediu nome nem RG do comprador, só o dinheiro.

Shadow dirigiu para oeste, e depois para o sul, com 550 dólares no bolso, mantendo-se longe da interestadual. A porcaria tinha um rádio, mas nada acontecia quando era ligado. Uma placa na estrada avisava que tinha saído do Estado de Wisconsin e que estava agora no Illinois. Passou por um serviço de mineração, com enormes lâmpadas de eletrodo de carvão acesas na luz fraca do meio do inverno.

Com fome, parou e comeu em um lugar chamado Mom's, pouco antes de encerrarem o serviço.

Cada cidade que atravessava tinha uma placa extra, ao lado da placa oficial, informando que ele adentrava Nossa Cidade (população 720). As placas extras anunciavam que o time de basquete infantil da cidade era o terceiro na classificação estadual, ou que o vilarejo era o lar da semifinalista feminina de luta, na categoria juvenil, do Estado de Illinois... coisas desse tipo.

Ele seguia em frente, pescando sobre a direção, sentindo-se mais esgotado a cada minuto. Passou um sinal vermelho e quase foi atingido na lateral por uma mulher em um Dodge. Assim que alcançou um local sem cidade nenhuma, pegou uma trilha de trator ao lado da estrada e estacionou ao lado de um campo sem arar, todo salpicado de neve, em que uma lenta procissão de perus negros e gordos andava como uma fila de carpideiras diminutas. Desligou o motor, esticou-se no banco detrás e caiu no sono.

Escuridão. Uma sensação de queda — como se desmoronasse por um enorme buraco, como Alice. Durante cem anos ele caiu no meio da escuridão. Rostos passavam por ali, nadando no meio do escuro, e então cada um era arrancado e levado embora antes que pudesse tocá-los...

Abruptamente, e sem transição nenhuma, não estava mais caindo. Agora estava em uma caverna, e não mais sozinho. Shadow olhou dentro de olhos familiares: olhos enormes, negros e líquidos, que piscavam.

Sob a terra... era isso. Ele se lembrava daquele lugar. O fedor de cachorro molhado. Chamas tremeluziam nas paredes úmidas da caverna, iluminando a cabeça de búfalo, o corpo de homem, a pele da cor de argila de tijolo.

— Será que vocês podem me deixar em paz? — perguntou. — Eu só quero dormir.

O homem-búfalo assentiu com a cabeça, lentamente. Seus lábios não se moveram, mas uma voz dentro da cabeça de Shadow disse:

— Pra onde você está indo, Shadow?

— Pro Cairo.

— Por quê?

— Pra onde mais eu posso ir? É pra lá que Wednesday quer que eu vá. Eu bebi o mulso dele.

No sonho de Shadow, com o poder da lógica dos sonhos, a obrigação parecia

indiscutível: ele bebeu o mulso de Wednesday três vezes e selou o pacto — que outra escolha ele tinha?

O homem com cabeça de búfalo esticou uma mão até o fogo e remexeu as brasas e os galhos quebrados, transformando-os em uma labareda.

— A tempestade está chegando — disse.

Agora tinha cinzas em suas mãos, e ele as limpou no peito sem-pelos, deixando um rastro de fuligem.

— É o que vocês todos ficam falando. Posso fazer uma pergunta? Houve uma pausa na conversa. Uma mosca pousou na testa peluda. O homem-búfalo a espantou.

— Pergunte.

— É verdade? Essas pessoas são mesmo deuses? É tudo tão... — fez uma pausa. — ...impossível... — esta não era exatamente a palavra que ele procurava, mas parecia a melhor que conseguiu encontrar.

— Que deuses? — perguntou o homem-búfalo.

— Não sei.

Ouviram-se algumas batidinhas, lentas e implacáveis. Shadow ficou esperando para ver se o homem-búfalo iria dizer mais alguma coisa, se explicaria o que eram deuses e todo aquele pesadelo emaranhado em que sua vida parecia ter se transformado. Estava com frio.

Tap. Tap. Tap.

Shadow abriu os olhos e, como se estivesse embriagado, sentou-se. Ele estava congelando, e o céu do lado de fora do carro tinha aquela cor púrpura típica do anoitecer.

Tap. Tap. Alguém disse "ei, senhor", e Shadow voltou a cabeça em direção ao som. Essa pessoa estava parada ao lado do carro, não era nada mais do que uma figura ofuscada pelo céu que escurecia. Shadow esticou uma das mãos e abriu a janela alguns centímetros. Fez alguns ruídos de quem está acordando e então disse:

— Oi.

— Tudo bem com você? Está doente? Bebeu demais? A voz era aguda... de uma mulher ou de um menino.

— Tudo bem. Espere um pouco.

Ele abriu a porta e saiu do carro esticando os membros e o pescoço dolorido. Então esfregou as mãos para fazer o sangue circular e esquentá-las.

— Uau. Você é bem grande.

— E o que falam por aí — disse Shadow. — Quem você é?

— Eu sou Sam.

— Garoto Sam ou garota Sam?

— Garota Sam. Eu costumava ser Sammi com um i, e aí eu fazia um sorrisinho em cima do i, mas fiquei completamente enjoada disso porque todo mundo fazia, então parei.

— Tudo bem, garota Sam. Vá até ali e fique olhando pra estrada.

— Por quê? Você é algum tipo de assassino maluco?

— Não. Eu preciso fazer xixi e gostaria de ter um mínimo de privacidade.

— Ah. Está bem. Tudo bem. Entendi. Sem problema. Concordo com você. Eu não consigo fazer xixi nem se tiver alguém na cabina do lado. Um caso de timidez da bexiga bem grave.

— Agora, por favor.

Ela andou até o outro lado do carro, e Shadow deu alguns passos em direção ao campo, abriu o zíper e mijou contra uma cerca durante um tempão. Caminhou de volta até o carro. O último crepúsculo tinha se transformado em noite.

— Você ainda está aí? — ele perguntou.

— Estou. Você deve ter uma bexiga do tamanho do lago Erie. Acho que impérios se ergueram e caíram enquanto você estava mijando. Eu fiquei ouvindo o tempo todo.

— Obrigado. Você quer alguma coisa?

— Bom, eu queria saber se estava tudo bem. Quer dizer, ver se você estava morto ou qualquer coisa assim... aí eu teria chamado a polícia. Mas como os vidros estavam meio embaçados, eu pensei, bom, ele ainda deve estar vivo.

— Você mora por aqui?

— Não. Estou pegando carona desde Madison.

— Não é seguro.

— Eu faço isso cinco vezes por ano, já faz três anos. Ainda estou viva. Pra onde você está indo?

— Vou até Cairo.

— Obrigada — ela disse. — Vou para El Paso. Vou passar as férias com a minha tia.

— Obrigado por quê? Não vou levar você até lá.

— Não para El Paso no Texas. A outra cidade, no Illinois. Fica a algumas horas daqui, pro sul. Você sabe onde está?

— Não faço a mínima ideia. Em algum lugar na rodovia 52?

— A próxima cidade é Peru. Não aquela que fica no Peru. A de Illinois. Deixa eu cheirar você. Abaixa.

Shadow abaixou-se, e a garota cheirou seu rosto.

— Tudo bem. Você não cheira a bebida. Dá pra dirigir. Vamos.

— Por que acha que eu vou dar carona pra você?

— Porque eu sou uma donzela em perigo. E você é um cavaleiro em sei lá o quê. Em um carro bem sujo. Sabia que alguém escreveu "lave-me" na janela de trás?

Shadow entrou no carro e abriu a porta do passageiro. A luz que acende quando se abre a porta da frente não se acendeu.

— Não. Não sabia. Ela entrou.

— Eui eu — ela disse. — Fui eu quem escreveu. Quando ainda tinha luz suficiente pra enxergar.

Shadow deu a partida, acendeu os faróis e voltou em direção à estrada.

— À esquerda — disse Sam, solícita.

Ele virou para a esquerda e foi em frente. Depois de vários minutos, o aquecedor começou a funcionar, e um calor abençoado invadiu o carro.

— Você ainda não falou nada — disse Sam. — Fala alguma coisa.

— Você é humana? — perguntou Shadow. — Um ser humano honesto, nascido de mãe e pai, que respira?

— Claro.

— Tudo bem. Eu só estava checando. O que você quer que eu diga?

— Alguma coisa pra me dar segurança, por enquanto. Vai que, de repente, sinto "ah, merda, entrei no carro errado com um maluco".

— É. Já ouvi essa. O que eu tenho que fazer pra se sentir segura?

— Só dizer que não fugiu da prisão nem foi condenado por uma chacina ou algo do tipo.

Ele pensou por um instante.

— Sabe, não fui mesmo.

— Mas você precisou pensar, né?

— Cumpri minha pena. Mas nunca matei ninguém.

— Ah.

Entraram em uma cidadezinha, iluminada pelas luzes urbanas e por enfeites de Natal que piscavam, e Shadow deu uma olhadela para a direita. A garota tinha uma trança nos cabelos curtos e escuros e seu rosto era, pensou, atraente, mas um pouco masculino. Seus traços pareciam ter sido esculpidos em pedra. Ela olhava para ele.

— Por que você foi pra prisão?

— Eu machuquei bastante umas pessoas. Fiquei nervoso.

— Elas mereceram?

Shadow pensou por um instante.

— Na época, achei que sim.

— Você faria de novo?

— Sem chance. Eu perdi três anos da minha vida lá.

— Humm. Você tem sangue índio?

— Não que eu saiba.

— Pareceu que tinha, só isso.

— Desculpa decepcionar você.

— Tudo bem. Está com fome? Shadow assentiu com a cabeça.

— Bem que eu comeria alguma coisa — ele disse.

— Tem um lugar legal passando o próximo farol. Boa comida. Barata também.

Shadow entrou no estacionamento e saíram do carro. Ele não se preocupou em trancar a porta, apesar de ter guardado as chaves no bolso. Pegou algumas moedas para comprar um jornal.

— Você tem dinheiro pra comer aqui?

— Tenho — ela disse. — Posso pagar minha conta.

— Olha só, vamos tirar no cara ou coroa. Cara você me paga o jantar, coroa eu pago pra você.

— Deixa eu ver a moeda primeiro — argumentou, desconfiada. — Um tio meu tinha uma moeda de vinte e cinco centavos com duas caras.

A garota inspecionou a moeda e ficou satisfeita ao constatar que não havia nada de estranho. Shadow arrumou a moeda com a cara aparecendo em cima do polegar e fez um truque quando a jogou para cima, de modo que a moeda balançou e pareceu que rodopiava. Ele a pegou e a colocou sobre as costas da mão esquerda, e revelou o resultado com a mão direita, na frente dela.

— Coroa — ela disse, alegremente. — Você paga o jantar.

— Pois é. Não dá pra ganhar todas.

Shadow pediu bolo de carne e Sam, lasanha. Ele folheou o jornal para ver se lia algo a respeito de homens mortos em um trem de frete. Mas não. A única notícia interessante estava na primeira página: corvos em número recorde infestavam a cidade. Os agricultores locais queriam pendurar corvos mortos pela cidade, em prédios públicos, para espantar os outros. Ornitologistas diziam que não funcionaria, que os corvos vivos simplesmente comeriam os mortos. Eles eram implacáveis. "Quando virem os cadáveres de seus amigos", dizia um porta-voz, "vão saber que a gente não os quer aqui".

A comida veio amontoada em pratos fumegantes, mais do que uma pessoa poderia comer.

— O que você vai fazer em Cairo? — disse Sam, com a boca cheia.

— Não faço a mínima ideia. Recebi uma mensagem do meu patrão dizendo que precisa de mim lá.

— Qual é o seu trabalho?

— Sou um garoto de recados. Ela sorriu.

— Bom, você não é da máfia, não com essa aparência, não dirigindo aquela porcaria. Falando nisso, por que o seu carro tem cheiro de banana? Ele deu de ombros e continuou a comer. Sam apertou os olhos:

— Talvez você seja traficante de banana. Você ainda não me perguntou o que eu faço.

— Imaginei que você estudasse.

— Na universidade estadual de Madison.

— Onde você, sem dúvida, estuda história da arte, feminismo e provavelmente modela seus próprios bronzes. E ainda trabalha em uma lanchonete pra ajudar a pagar o aluguel.

Ela largou o garfo, com as narinas abertas e os olhos arregalados.

— Caralho, como é que você fez isso?

— O quê? Agora você tem que falar: "não, na verdade eu estudo línguas românticas e ornitologia".

— Então você está me dizendo que foi um chute ou coisa parecida?

— Do que é que você está falando? Ela olhou para ele com olhos escuros.

— Você é um cara esquisito, senhor... Eu nem sei o seu nome.

— Me chamam de Shadow.

Sua boca se contorceu como se ela estivesse comendo algo de que não gostasse. Parou de falar, abaixou a cabeça, terminou a lasanha.

— Sabe por que aquele lugar se chama Egito? — perguntou Shadow.

— Lá perto de Cairo? Sei. É o delta dos rios Ohio e Mississippi. Igual ao Cairo no Egito, no delta do Nilo.

— Isso faz sentido.

Ela se recostou na cadeira, pediu um café e uma torta de musse de chocolate e passou a mão pelos cabelos pretos.

— Você é casado, senhor Shadow? Ele hesitou.

— Caramba, fiz outra pergunta delicada, né?

— Ela foi enterrada na quinta-feira — respondeu, escolhendo as palavras com

cuidado. — Morreu em um acidente de carro.

— Ai meu Deus, Jesus. Sinto muito.

— Eu também.

Uma pausa desconfortável.

— Minha meio-irmã perdeu o filho, meu sobrinho, no fim do ano passado. É difícil.

— É, é mesmo. Do que é que ele morreu? Ela deu um gole no café.

— A gente não sabe. Nem sabemos ao certo se ele está morto. Ele simplesmente sumiu. Mas só tinha 13 anos. Foi no meio do inverno passado. Minha irmã ficou supermal.

— Não descobriram nenhuma pista?

Ele parecia um policial de TV. Tentou mais uma vez:

— Estão suspeitando de crime? Aquilo soou ainda pior.

— Suspeitaram do imbecil do meu cunhado, que não tem a custódia, o pai dele. Era bastante imbecil pra levar o menino embora. Deve ter levado. Mas aconteceu em uma cidadezinha das florestas do norte. Uma cidadezinha linda, querida, charmosa, onde ninguém nunca tranca a porta.

Ela suspirou, sacudiu a cabeça. Segurou a xícara de café com as duas mãos.

— Tem certeza de que você não tem sangue de índio?

— Não que eu saiba. É possível. Eu não sei muita coisa a respeito do meu pai. Mas acho que a minha mãe teria dito se ele fosse americano nativo. Talvez.

De novo, a boca contorcida. Sam desistiu no meio da torta: a fatia era do tamanho da metade da cabeça dela. Empurrou o prato na direção de Shadow:

— Quer?

— Claro.

E acabou com o doce.

A garçonete entregou a conta para eles e Shadow pagou.

— Obrigada — disse Sam.

Estava ficando mais frio. O carro tossiu algumas vezes antes de pegar. Shadow voltou para a estrada e seguiu sua rota para o sul.

— Você já leu um cara chamado Heródoto?

— Jesus. O quê?

— Heródoto. Você já leu as Histórias dele?

— Sabe — ela disse, sonhadora —, eu não entendo o jeito que você fala, as palavras que você usa nem nada. Uma hora você é um grandalhão meio burro, depois lê meus pensamentos e, logo em seguida, a gente fala de Heródoto. Então, não. Eu não li

Heródoto. Já ouvi falar dele. Talvez no rádio. Não é ele que chamam de pai da mentira?

— Pensei que esse aí fosse o diabo.

— É, ele também. Mas falaram que Heródoto disse que tinha formigas gigantes e grifos vigiando minas de ouro... como ele inventou esse negócio?

— Acho que não. Ele escreveu o que contaram pra ele. É como se ele estivesse só escrevendo aquelas histórias. E são, na maioria, bem legais. Têm um monte de detalhezinhos, tipo, você sabia que, no Egito, se uma moça muito bonita 138 NEIL GAIMAN ou a mulher de algum nobre, ou alguém assim, morresse, ela só era mandada pro embalsamador depois de três dias? Deixavam o corpo dela apodrecer no calor primeiro.

— Por quê? Ah, espera aí. Está bem, acho que sei por quê. Ai, que nojo.

— E ele também fala de batalhas, tem todo tipo de coisa normal. E tem também os deuses. Um cara qualquer volta correndo pra contar o resultado da batalha. Ele corre, corre e vê Pa em uma clareira. E Pa fala: "Diga que construam um templo aqui". Então, ele responde: "Tudo bem", e corre todo o resto do caminho. Ele relata as notícias da batalha, e então diz: "Ah, falando nisso, Pa quer que vocês construam um templo pra ele". É bem prático, sabe?

— Então ele conta histórias sobre deuses. O que você está tentando dizer? Que aqueles caras tinham alucinações?

— Não — disse Shadow. — Não é isso. Ela roeu uma cutícula solta.

— Eu li um livro aí sobre o cérebro. Era da minha colega de quarto, que vivia falando dele. Era tipo, 5 mil anos atrás, os lados do cérebro se fundiram e, antes disso, as pessoas pensavam que quando o lado direito do cérebro dizia alguma coisa, era a voz de um deus qualquer falando o que deveria ser feito. Mas era só o cérebro.

— Eu prefiro a minha teoria — disse Shadow.

— Qual é?

— Que naquele tempo as pessoas costumavam cruzar com os deuses de vez em quando.

— Ah.

Silêncio: só o barulho do carro, o ronco do motor, o gorgolejar do amortecedor — que não parecia em bom estado. Então, ela disse:

— Você acha que eles ainda estão lá?

— Onde?

— Na Grécia. No Egito. Nas ilhas. Naqueles lugares. Você acha que, se fosse aos lugares aonde aquelas pessoas iam, veria os deuses?

— Talvez. Mas acho que as pessoas não saberiam que era isso que viram.

— Aposto que é igual ao caso dos extraterrestres — ela disse. — Hoje em dia, as

peças vêm extraterrestres. Naquele tempo, viam deuses. Talvez os extraterrestres venham do lado direito do cérebro.

— Duvido que os deuses alguma vez tenham colhido amostras retais — disse Shadow. — E eles não matavam gado pessoalmente. Arranjavam gente pra fazer isso.

Ela deu uma risada. Continuaram o caminho em silêncio por alguns minutos, e então ela falou:

— Ei, isso aí me lembra da minha história preferida de deuses, da aula de Religião Comparada. Quer ouvir?

— Claro.

— Tudo bem. É a respeito de Odin. O deus nórdico. Sabe? Tinha um rei viquingue em um barco viquingue... isso aconteceu nos tempos dos viquingues, obviamente... e ele estava no meio de uma calmaria, então disse que sacrificaria um dos seus homens pra Odin se este mandasse vento pra eles chegarem em terra firme. Tudo bem. O vento veio e eles conseguiram. Então, fizeram um sorteio pra ver quem seria sacrificado... e seria o próprio rei. Bom, ele não ficou contente com isso, mas acharam que dava pra fazer um enforcamento simbólico, sem machucar. Pegaram o intestino de um bezerro, enrolaram bem frouxo no pescoço do cara e amarraram a outra ponta em um galho fino. Pegaram um pedaço de bambu em vez de uma lança e começaram a cutucar o rei e talar:

"Pronto, você foi enforcado, foi sacrificado a Odin".

A estrada fez uma curva: outra cidade (população 300), lar do segundo colocado no campeonato estadual de patinação de velocidade, na categoria infanto-juvenil, e duas enormes funerárias de cada lado da estrada. Quantas funerárias eram necessárias, Shadow se perguntou, em uma cidade que só tinha 300 habitantes?

— Tudo bem. Assim que falam o nome de Odin, o bambu se transforma em uma lança e fura o cara na lateral do corpo, o intestino de bezerro se transforma em uma corda grossa, o galho fica forte e a árvore cresce. O chão foge de seus pés, e o rei fica lá pra morrer, com um machucado na lateral do corpo e o rosto ficando preto. Fim da história. Os brancos têm uns deuses bem fedidos, senhor Shadow.

— É. Você não é branca?

— Eu sou Cherokee.

— De sangue puro?

— Não. Só dois litros. Minha mãe era branca. Meu pai era um índio de reserva indígena de verdade. Um dia ele saiu fora, casou-se com a minha mãe, me tiveram e, quando se separaram, ele voltou para Oklahoma.

— Ele voltou pra reserva indígena?

— Não. Pegou dinheiro emprestado e abriu uma cópia do Taco Bell chamada Taco Bill's. Meu pai se vira bem. Ele não gosta de mim. Diz que eu sou mestiça.

— Sinto muito.

— Ele é um imbecil. Eu me orgulho do meu sangue indígena. Me ajuda a pagar a mensalidade da faculdade. Caralho, um dia vai me ajudar a arrumar emprego, se eu não conseguir vender meus bronzes.

— É, é uma alternativa.

Ele parou em El Paso, Illinois (população 2.500), para deixar Sam em uma casa caindo aos pedaços, longe do centro da cidade. Uma enorme rana de arame coberta com luzes piscantes enfeitava o jardim da frente.

— Quer entrar? — ela perguntou. — Minha tia pode oferecer um café pra você.

— Não. Preciso ir em frente.

Ela sorriu para ele, de repente parecendo, pela primeira vez, vulnerável. E lhe deu alguns tapinhas no braço.

— Você é um cara fodido, mas é legal.

— Acho que é o que chamam de condição humana — disse ele. — Obrigado pela companhia.

— Sem problema. Se você vir algum deus na estrada pro Cairo, diga que eu mandei um beijo.

Ela desceu do carro e foi até a porta da casa. Tocou a campainha e ficou parada na soleira sem olhar para trás. Shadow esperou até a porta se abrir e ela estar lá dentro a salvo antes de pisar no acelerador e voltar para a estrada. Passou por Normal, Bloomington e Lawndale.

Às 11 h daquela noite, Shadow começou a tremer. Ele havia acabado de entrar em Middletown. Decidiu dormir, ou pelo menos parar de dirigir, e estacionou em frente a uma pousada. Pagou 35 dólares, em dinheiro vivo adiantado, por um quarto térreo, e entrou no banheiro. Havia uma barata morta de barriga para cima no meio do chão azulejado. Shadow pegou uma toalha, limpou a parte interna da banheira e abriu a torneira. Voltou para o quarto, tirou a roupa e colocou-a em cima da cama. As escoriações de seu torso estavam escuras e brilhantes. Sentou-se na banheira, observando a cor da água mudar. Então, nu, lavou suas meias, cueca e camiseta na pia, torceu bem e pendurou tudo no varal que puxou da parede em cima da banheira. Deixou a barata onde estava, por respeito aos mortos.

Shadow se deitou na cama. Pensou na possibilidade de assistir a um filme pornô, mas o aparelho de pay-per-view perto do telefone precisava de um cartão de crédito para funcionar, e era muito arriscado. Além disso, ele não tinha certeza se ver outras pessoas fazerem sexo, coisa que não fazia há muito tempo, iria ajudar muito. Ligou a TV em busca de companhia e apertou o botão do timer três vezes, programando o aparelho para se desligar automaticamente em 45 minutos. Faltavam quinze para a meia-noite.

A imagem estava embaçada, e as cores pareciam correr pela tela. Ele mudou de um talk-show para outro no meio da devastação televisiva, sem conseguir se concentrar. Alguém demonstrava alguma coisa em uma cozinha, usando uma dúzia de utensílios domésticos diferentes, nenhum dos quais Shadow possuía. Troca de canal. Um homem de

terno explicava que era o fim dos tempos e que Jesus — uma palavra de quatro ou cinco sílabas, de acordo com a maneira que o homem a pronunciava — faria com que os negócios de Shadow prosperassem e obtivessem sucesso se enviasse dinheiro a ele. Troca de canal. Um episódio de M*A*S*H terminou e um do Dick Van Dyke Show começou.

Fazia anos que Shadow não assistia a um episódio do Dick Van Dyke Show, mas havia algo de reconfortante no mundo em branco e preto, de 1965, que o programa mostrava, e ele largou o controle remoto ao lado da cama, e apagou o abajur de cabeceira. Assistiu ao programa, olhos lentamente se fechando, consciente de que algo estava esquisito. Shadow não tinha o costume de assistir a muitos episódios do Dick Van Dyke Show, por isso não se surpreendeu ao constatar que esse episódio não era um deles. O que achou estranho mesmo foi o tom.

Todos os personagens habituais estavam preocupados com a bebedeira de Rob. Ele estava faltando no trabalho. Foram até sua casa e ele havia se trancado no quarto. Precisou ser convencido para sair. Ele tropeçava de bêbado, mas ainda era bem engraçado. Seus amigos, representados por Maury Amsterdam e Rose Marie, foram embora depois de fazer algumas piadas engraçadas. Então, quando sua esposa chegou para censurá-lo, Rob bateu nela, bem forte, no rosto. Ela se sentou no chão e começou a chorar, não com aquele choramingo famoso de Mary Tyler Moore, mas com soluços curtos e desesperados, apertando os braços em torno de si e sussurrando: "Não me bata, por favor. Eu faço o que você quiser, mas não me bata mais".

— Que merda é essa? — Shadow disse alto.

A imagem se dissolveu em um chuvisco brilhante. Quando voltou, o Dick Van Dyke Show havia se transformado, inexplicavelmente, em I Love Lucy. Ela estava tentando convencer Ricky a trocar a geladeira velha por uma nova. Mas quando ele saiu, ela foi até o sofá e se sentou, cruzando as pernas, repousando as mãos no colo, e olhando pacientemente através dos anos em branco e preto.

— Shadow. Precisamos conversar.

Ele não disse nada. Ela abriu a bolsa e tirou um cigarro, acendeu com um isqueiro prateado claro e guardou o isqueiro.

— Estou falando com você. Vai responder?

— Isso é loucura — disse Shadow.

— E o resto da sua vida é bem normal? Dá um tempo, porra.

— Sei lá. Lucille Ball falando comigo pela TV é mais esquisito, em uma ordem de magnitude muito maior, do que qualquer coisa que já aconteceu comigo até agora.

— Não é Lucille Ball. É Lucy Ricardo. E quer saber o que mais? Eu nem sou ela. Esse é só um jeito fácil de aparecer, tendo em vista o contexto. Só isso. Ela se ajeitou de maneira desconfortável no sofá.

— Quem é você? — perguntou Shadow.

— Tudo bem. Boa pergunta. Eu sou a caixa dos idiotas. Sou a TV Eu sou o olho

que vê tudo e sou o mundo do raio catódico. Eu sou o tubo dos tolos... o pequeno altar na frente do qual a família se reúne pra adorar.

— Você é a televisão? Ou é alguém na televisão?

— A TV é o altar. Eu sou aquilo pelo que as pessoas se sacrificam.

— Como se sacrificam? — perguntou Shadow.

— O tempo que têm — disse Lucy. — Às vezes, umas às outras. Ela levantou os dois indicadores e soprou a fumaça de revólveres imaginários das pontas dos dedos. Então piscou um olho, aquela piscadela famosa e adorada de I Love Lucy.

— Você é uma deusa?

Lucy deu um sorriso forçado e uma tragada de dama no cigarro.

— Posso dizer que sim.

— Sam mandou um beijo — disse Shadow.

— O quê? Quem é Sam? Do que é que você está falando? Shadow olhou para o relógio. Eram meia-noite e vinte e cinco.

— Não importa — ele disse. — Então, Lucy-na-TV, sobre o que a gente precisa conversar? Gente demais tem precisado falar comigo recentemente. E geralmente termina com alguém me batendo.

A câmera se moveu para um dose: Lucy parecia preocupada, com os lábios apertados.

— Eu detesto isso. Detesto saber que alguém machucou você. Eu nunca faria isso, querido. Não, eu quero oferecer um trabalho pra você.

— Pra fazer o quê?

— Trabalhar pra mim. Ouvi falar dos problemas que você teve com o show dos agentes secretos, e fiquei impressionada com a maneira como você lidou com aquilo. Eficiente, nada tola. Quem é que ia pensar que você tinha tudo aquilo dentro de você? Todo mundo está puto da vida.

— É mesmo?

— Todo mundo subestimou você, queridinho. Um erro que eu nunca cometeria. Eu quero você ao meu lado.

Ela se levantou e andou até a câmera:

— Pense assim, Shadow: nós somos o futuro. Nós somos os shopping centers... Seus amigos são umas atrações de beira de estrada vagabundas. Caralho, nós somos shopping centers on-line, enquanto seus amigos ficam sentados no acostamento vendendo num carrinho algum troço que plantaram em casa. Não... eles não são nem vendedores de frutas. Vendem chicotes pra carroças. Consertam corseletes de barbatana de baleia. Somos hoje e amanhã. Seus amigos não são mais nem ontem.

Era um discurso estranhamente familiar. Shadow perguntou:

— Você conhece um rapaz gordo que anda de limusine? Ela abriu as mãos e virou os olhos comicamente, a engraçada Lucy Ricardo lavando as mãos de um desastre.

— O moço da técnica? Você conheceu o moço da técnica? E um bom rapaz. Ele é um de nós. Só não trata bem as pessoas que ainda não conhece. Quando você estiver trabalhando com a gente, vai ver como ele é fantástico.

— E se eu não quiser trabalhar pra você, I-Love-Lucy?

Ouviu-se uma batida na porta do apartamento de Eucy e a voz de Ricky fora da cena, perguntando a Luuuu-cy por que ela estava demorando tanto, por que eles precisavam estar no bar na próxima cena. Um traço de irritação passou pelo rosto caricatural de Lucy — Caralho — ela disse. — Olha, não importa quanto o velho está pagando pra você, eu pago o dobro. O triplo. Cem vezes mais. Posso dar muito mais do que eles.

Ela sorriu, um sorriso cheio de malandragem, um sorriso de Lucy Ricardo.

— Peça o que quiser, querido. Do que você precisa? E começou a desabotoar a blusa.

— Você nunca quis ver os peitos da Lucy? A tela ticou preta. O timer havia entrado em ação e o aparelho se desligou sozinho. Shadow olhou para o relógio: eram meia-noite e meia.

— Acho que não — respondeu Shadow.

Ele virou para o outro lado e fechou os olhos. Chegou à conclusão de que a razão pela qual ele gostava mais de Wednesday e do senhor Nancy e de todos os outros, do que da oposição, estava bem clara: eles podiam ser sujos e mesquinhos, e a comida deles podia ter gosto de merda, mas pelo menos não falavam um monte de clichês.

E achou que preferiria, em qualquer situação, uma atração de beira de estrada a um shopping center, por mais desprezível, deformada ou triste que fosse.

A manhã encontrou Shadow de volta à estrada, seguindo por uma paisagem marrom levemente ondulada, de grama de inverno e de árvores desfolhadas. O resto de neve tinha desaparecido. Ele encheu o tanque da porcaria em uma cidadezinha que era o lar da segunda colocada estadual juvenil em corrida de trezentos metros rasos e, com esperança de que não fosse a sujeira que mantinha o carro em pé, passou no lava rápido do posto. Ficou surpreso ao descobrir que o carro era, quando limpo — e contra toda a lógica —, branco e quase sem ferrugem alguma. Shadow continuou o caminho.

O céu estava exageradamente azul, e a fumaça industrial branca que levantava das chaminés das fábricas parecia congelada no céu, como uma fotografia. Um falcão se lançou de uma árvore morta e voou na direção dele, as asas batendo em câmera lenta sob a luz do sol como se fosse uma série de fotografias estáticas.

A certa altura, percebeu que estava indo em direção à parte leste de St. Louis. Tentou evitar, mas se deu conta de que estava passando pelo que parecia ser uma zona de

meretrício em um parque industrial. Caminhões de dezoito rodas e enormes veículos de carga estavam estacionados na frente de prédios que se pareciam com bordéis temporários, que clamavam ser CLUBES NOTURNOS 24 HORAS e, em um caso, O MELHOR SHOW DE STRIP-TEASE DA CIDADE. Shadow sacudiu a cabeça e continuou em frente. Laura adorava dançar, vestida ou nua (e, em várias noites memoráveis, passando de um estado ao outro), e ele adorava observá-la.

O almoço foi um sanduíche e uma lata de Coca em uma cidade chamada Red Bud.

Passou por um vale repleto de destroços de milhares de escavadoras, tratores e tratores de esteira amarelos. Ficou imaginando se aquele seria o cemitério das escavadeiras, aonde elas iam para morrer.

Shadow passou pelo Pop-a-Top Lounge. Atravessou Chester ("Lar de Popeye"). Reparou que as casas tinham ganhado pilares nas fachadas, que até as casas mais modestas, mais estreitas, tinham seus pilares brancos, proclamando-se, aos olhos de alguém, uma mansão. Cruzou por cima de um rio grande e lamacento, e riu alto quando viu que seu nome era, de acordo com a placa, Rio Grande Lamacento. Viu um vinhedo marrom cobrindo três árvores desfolhadas pelo inverno, dando a elas aparência estranha, quase humana: poderiam ser bruxas, três velhas corcundas prontas para revelar sua sorte.

Seguiu o curso do rio Mississippi. Shadow nunca vira o rio Nilo, mas o sol da tarde ofuscante que queimava sobre o rio marrom e largo fez com que ele pensasse na extensão lamacenta do rio Nilo: não o rio Nilo de agora, mas aquele de muito tempo atrás, correndo como uma artéria por entre os pântanos de papiro, lar de najas, de chacais e de vacas selvagens...

Uma placa de estrada apontava para Tebas.

A estrada era construída a cerca de quatro metros do chão, acima dos pântanos. Massas disformes e grupos de pássaros voavam de um lado para o outro, pontos negros contra o céu azul, em movimentos Brownianos desesperados.

No fim da tarde, o sol começou a baixar, iluminando o mundo com a luz dos elfos, uma luz espessa e quente, cor-de-creme, que fazia com que o mundo parecesse sobrenatural e mais do que real, e foi sob essa luz que Shadow passou pela placa... Você Está Entrando na Cairo Histórica. Cruzou por baixo de uma ponte e entrou em uma pequena cidade portuária. As estruturas imponentes do fórum de Cairo e as ainda mais imponentes estruturas da alfândega pareciam enormes bolachas recém-saídas do forno no dourado melado da luz do fim do dia.

Estacionou o carro em uma rua secundária e andou até o aterro na beira de um rio, sem ter muita certeza se olhava para o rio Ohio ou para o Mississippi. Uma gatinha parda colocou a cabeça para fora e pulou no meio das latas de lixo atrás de um prédio... a luz transformava até o lixo em magia.

Uma gaivota solitária planava na beira do rio, batendo uma asa de vez em quando para corrigir o curso.

Shadow percebeu que não estava sozinho. Uma garotinha, usando tênis velhos nos pés e um suéter masculino de lã cinza como vestido, estava parada na calçada, a dez

metros de distância, olhando para ele com a gravidade sombria de uma criança de seis anos. Seus cabelos eram pretos, lisos e longos; sua pele era tão marrom quanto o rio.

Ele sorriu para ela, que olhou diretamente para ele, desafiadora.

Ouviu-se um grito estridente e um uivo vindos do lado da cidade, e a gatinha parda saiu como uma flecha de uma lata de lixo tombada, seguida por um cachorro preto de focinho comprido. A gata correu para debaixo de um carro.

— Ei — Shadow chamou a menina. — Você já viu pó de invisibilidade? Ela hesitou por um instante. Então sacudiu a cabeça.

— Tudo bem. Então veja isto.

Shadow pegou uma moeda de 25 centavos com a mão esquerda, mostrou-a, virando de um lado para o outro, então fingiu passá-la para a mão direita, fechando a mão bem firme em cima do nada, e esticando o braço.

— Agora, vou pegar um pouco de pó de invisibilidade do meu bolso... E colocou a mão esquerda no bolso de cima do casaco, deixando a moeda cair no bolso.

— E vou salpicar a minha mão que está com a moeda... E fez uma mímica.

— E, olha, agora a moeda também ficou invisível.

Ele abriu a mão direita vazia e, fazendo ar de surpresa, mostrou a mão esquerda vazia também.

A garotinha só olhava. Shadow deu de ombros, colocou as mãos de volta nos bolsos, segurando uma moeda de 25 centavos em uma das mãos, uma nota de 5 dólares dobrada na outra. Ele estava pensando em fazer o dinheiro surgir do ar, e então dar à menina a nota de cinco paus: ela parecia precisar.

— Ei — ele disse. — A gente tem platéia.

O cachorro preto e a gatinha parda também o assistiam com atenção, formando uma fileira com a garota. As enormes orelhas do cachorro estavam para cima, passando uma expressão comicamente alerta. Um homem, cuja postura lembrava a silhueta de um guindaste e que usava óculos de aros dourados, veio andando pela calçada na direção deles, olhando de um lado para o outro como se estivesse procurando alguma coisa. Shadow imaginou que ele poderia ser o dono do cachorro.

— O que você achou? — Shadow perguntou para o cachorro, tentando conquistar a garotinha. — Não foi legal?

O cachorro preto lambeu o focinho comprido. Então disse, com uma voz profunda e seca:

— Eu vi o Harry Houdini uma vez e, acredite, cara, você nem chega aos pés dele.

A garotinha olhou para os bichos, olhou para Shadow e saiu correndo, os pés batendo no chão como se os poderes do inferno a estivessem perseguindo. Os dois animais olharam ela ir. O homem alto alcançou o cachorro. Abaixou-se e acariciou as orelhas apontadas para cima.

— Dá um tempo — disse o homem para o cachorro. — Foi só um truque com moeda. Não foi como se ele estivesse se livrando de correntes embaixo d'água.

— Ainda não — falou o cachorro —, mas ele vai fazer isso. A luz dourada acabou e começou o cinza do crepúsculo. Shadow guardou a moeda e a nota dobrada no bolso.

— Tudo bem. Qual de vocês dois é o Chacal?

— Use os olhos — disse o cachorro preto de focinho comprido. O bicho começou a andar devagar pela calçada, ao lado do homem, e, depois de um instante de hesitação, Shadow os seguiu. A gata estava fora de vista. Chegaram a um grande prédio antigo em uma fileira de casas de madeira. A placa ao lado da porta dizia IBIS EJACQUEL. UMA EMPRESA DE FAMÍLIA. FUNERÁRIA. DESDE 1863.

— Eu sou o senhor Ibis — disse o homem com óculos de aros dourados. — Acho que devo convidar você pra ceia. Meu amigo aqui tem um serviço a fazer.

EM ALGUM LUGAR NOS ESTADOS UNIDOS Nova York assusta Salim, por isso ele agarra seu mostruário de maneira protetora com as duas mãos, segurando-o junto ao peito. Tem medo dos negros, da maneira como olham para ele, e também dos judeus — daqueles vestidos inteiramente de preto com chapéus, barbas e costeletas encaracoladas, que ele consegue identificar, e tantos outros que não consegue — ele tem medo da quantidade absurda de pessoas, de todos os formatos e tamanhos, que saem de seus prédios altos e sujos demais para as calçadas. Tem medo das buzinas e do tumulto do tráfego, e até do ar, que não tem nada a ver com o ar de Orna.

Salim está em Nova York, nos Estados Unidos, há uma semana. Todo dia ele visita dois, talvez três escritórios diferentes, abre seu mostruário, mostra suas bugigangas de cobre, os " anéis e as garrafinhas, as minúsculas lanternas, os modelos do Empire State, da Estátua da Liberdade, da Torre Eiffel, que brilham lá dentro... Todo dia passa um fax para o cunhado, Fuad, que está em casa, em Mascate, dizendo que não conseguiu uma só encomenda ou, em um dia feliz, que conseguiu várias encomendas (mas que, como Salim sabe bem, ainda não bastam para pagar sua passagem e sua hospedagem).

Por razões que Salim não entende, os sócios de seu cunhado fizeram reservas no hotel Paramount, na rua 46. Ele considera o local confuso, claustrofóbico, caro, estranho.

Fuad é o marido da irmã de Salim. Ele não é rico, mas é um dos donos de uma fábrica de bugigangas. Tudo é feito para exportação, para outros países árabes, a Europa e os Estados Unidos. Salim trabalha para o cunhado há seis meses. Fuad o assusta um pouco. O tom de seus faxes está ficando cada vez mais áspero. À noite, Salim fica sentado no quarto, recitando seu Alcorão, dizendo a si mesmo que isso vai passar, que sua estadia neste mundo estranho é limitada e finita.

O cunhado deu a ele mil dólares para as despesas de viagem, e o dinheiro, que parecia uma alta soma quando o viu pela primeira vez, está evaporando mais rápido do que Salim pode acreditar. Quando chegou, com medo de ser tomado por um árabe mesquinho, dava gorjetas para todo mundo, a toda hora; e então percebeu que estavam se aproveitando dele, talvez até rindo dele, e assim parou de dar gorjetas totalmente.

Em sua primeira e única viagem de metro, ficou confuso e se perdeu, e não chegou

à reunião. Agora ele só toma táxis quando precisa, e caminha o resto do tempo. Chega tropeçando aos escritórios quentes demais com as bochechas amortecidas por causa do frio lá fora, suando por sob o casaco, com os pés encharcados de neve derretida. Quando os ventos sopram pelas avenidas (que vão de norte para sul, assim como as ruas vão de oeste para leste, tudo tão simples... Salim sempre sabe para onde fica Meca), ele sente um frio tão grande na parte da pele que está exposta que é como se recebesse um golpe.

O árabe nunca come no hotel (porque ao mesmo tempo em que a conta do hotel é paga pelos sócios de Fuad, ele precisa pagar por sua própria comida), mas compra comida em casas de falafel e mercadinhos. Passou dias levando a comida escondida para o quarto, até perceber que ninguém ligava para aquilo. E, mesmo assim, ele se sente estranho por carregar sacolas de plástico pelos elevadores mal iluminados (Salim sempre precisa se curvar e apertar os olhos para achar o botão do seu andar) e para dentro do quatinho branco onde está hospedado.

Salim está preocupado. O fax que esperava por ele nesta manhã era curto e grosso, com tom de desaprovação e frustração. Salim estava desapontando todo mundo — a irmã, Fuad, os sócios de Fuad, o sultanato de Orna, todo o mundo árabe. A menos que ele conseguisse as encomendas, Fuad não consideraria mais sua obrigação dar emprego a Salim. Todos dependiam dele. O hotel era caro demais. O que Salim estava fazendo com o dinheiro deles, vivendo como um Sultão nos Estados Unidos? Salim leu o fax no quarto (que sempre estava quente e abafado demais, por isso abriu a janela na noite anterior, só que agora estava muito frio) e ficou sentado lá durante um certo tempo, com o rosto congelado em uma expressão de pura tristeza.

Então Salim vai até o centro, segurando seu mostruário como se levasse diamantes e rubis, percorrendo quarteirão após quarteirão com dificuldade, no meio do rio, até que, na esquina da Broadway com a rua 19, encontra um prédio mal-cuidado em cima de uma rotisseria. Sobe as escadas até o quarto andar, e vai ao escritório da Importação Panglobal.

O lugar é sombrio, mas ele sabe que a Panglobal negocia quase a metade dos suvenires decorativos que entram nos EUA vindos do Oriente. Uma encomenda de verdade, uma encomenda significativa da Panglobal, poderia redimir a viagem de Salim, poderia ser a diferença entre fracasso e sucesso, por isso ele se senta em uma cadeira de madeira desconfortável na sala de espera, com o mostruário equilibrado sobre o colo, olhando para a mulher de meia-idade, com o cabelo tingido de uma cor muito forte, que está sentada na recepção, usando um Kleenex atrás do outro. Depois que assoa o nariz, ela o limpa e joga o papel no lixo.

Salim chegou lá às 10h30 da manhã, meia hora antes do horário marcado. Agora, está sentado ali, corado e tremendo, se perguntando se não está com febre. O tempo passa tão devagar...

Salim olha para o relógio. Então limpa a garganta.

A mulher na recepção olha para ele.

— Bois não?

— São 11h35— diz Salim.

A mulher olha para o relógio na parede e fala:

— É.É besbo.

— Minha reunião era às 11 h — diz Salim, com um sorriso conciliador.

— O senhor Blanding sabe que bocê está aqui — ela explica, com um tom de desaprovação.

Salim pega um exemplar antigo do New York Post da mesa. Ele fala inglês melhor do que lê, começa a ler as reportagens como se estivesse resolvendo um diagrama de palavras cruzadas, sem entender muitas coisas. Ele espera, um rapaz rechonchudo com olhos de cachorrinho perdido, olhando do relógio de pulso para o jornal, e do jornal para o relógio na parede.

Ao meio dia e meia, vários homens saem de dentro do escritório. Eles falam alto, fazendo piadas um com o outro em inglês. Um deles, um homem grande e barrigudo, leva um charuto, sem acender, na boca e olha para Salim quando sai. Diz para a mulher da recepção que experimente tomar suco de limão e zinco, porque a irmã dele fala que zinco e vitamina e são as melhores coisas para curar gripe. Ela promete que vai tomar, e lhe entrega vários envelopes. Ele coloca todos no bolso e então, junto com todos os outros homens, sai para o corredor. O som de suas risadas desaparece escada abaixo.

É uma hora da tarde. A mulher da recepção abre uma gaveta e retira um saco de papel pardo, do qual retira vários sanduíches, uma maçã e uma barra de chocolate Milky Way. Ela também tira uma garrafa pequena de suco de laranja espremido na hora.

— Com licença — diz Salim —, será que você poderia dizer ao senhor Blanding que eu ainda estou esperando?

Ela olha para ele como se estivesse surpresa ao constatar que ainda está ali, como se não houvesse um metro e meio de distância entre eles, há duas horas e meia.

— Ele está alboçando — ela diz.

Salim sabe, sabe no fundo de sua alma, que Blanding era o homem com o charuto sem acender.

— Quando ele volta?

Ela dá de ombros e morde o sanduíche.

— Ele bai estar ocupado com combromissos o resto do dia.

— Ele vai me receber quando voltar?

Ela dá de ombros mais uma vez e assoa o nariz.

Salim sente fome, cada vez mais, e frustração e impotência.

Às três da tarde, a mulher olha para ele e diz:

— Ele não bai boltar.

— Perdão?

— O senhor Blanding. Ele não vai boltar hoje.

— Posso marcar uma reunião para amanhã? Ela limpa o nariz.

— Você vai ter que telefonar. Só marcamos reuniões por telefone.

— Entendo — disse Salim.

E então, ele sorri. Um vendedor, Fuad dizia sempre isso, está aqui nos Estados Unidos sem um sorriso.

— Amanhã eu telefono.

Ele pega seu mostruário e desce todas as escadas até a rua, onde a chuva fria se transforma gradualmente em neve. Salim pensa na longa e gelada caminhada até o hotel da rua 46, e em seu pesado mostruário, então vai até a beira da calçada e acena para todos os táxis amarelos que se aproximam, sem olhar se a luz está acesa ou não, e todos passam direto por ele.

Um deles acelera quando passa; uma das rodas mergulha num buraco na rua, jogando água enlameada e gelada sobre as calças e o casaco de Salim. Por um instante, ele pensa em se jogar na frente de um dos carros que se movem pesadamente, e então lembra que seu cunhado ficaria mais preocupado com o destino do conteúdo do mostruário do que com o próprio Salim, e depois aquilo não magoaria ninguém além de sua querida irmã, a esposa de Fuad (porque ele sempre foi uma espécie de vergonha para o pai e a mãe. Seus encontros românticos sempre eram, por necessidade, tão breves quanto relativamente anônimos). Além disso, ele duvidava que algum dos carros tivesse velocidade suficiente para acabar com sua vida.

Um táxi amarelo amassado encosta ao lado dele e, feliz por poder abandonar seus pensamentos, Salim entra.

O assento traseiro está remendado com silver tape; os vidros laterais estão cobertos com avisos de proibido fumar e tabelas de preços das corridas para os vários aeroportos. A voz gravada de alguém famoso, de quem ele nunca ouviu falar, diz para se lembrar de usar o cinto de segurança.

— Hotel Paramount, por favor — diz Salim.

O taxista dá um gemido, acelera e volta para o trânsito. Ele tem a barba por fazer, usa um suéter grosso, cor-de-terra, e óculos escuros de plástico. O tempo está cinzento, e a noite está caindo: Salim fica imaginando se o homem tem algum tipo de problema na vista. Os limpadores de pára-brisa borram a paisagem da rua em tons de cinza e em luzes fora de foco.

Vindo de lugar nenhum, um caminhão entra na frente deles, e o taxista fala um palavrão, pelas barbas do profeta.

Salim olha para o nome no painel, mas não consegue enxergar daquela distância.

— Há quanto tempo você é taxista, amigo? — ele pergunta ao homem, em sua própria língua.

— Dez anos — diz o motorista, na mesma linguagem. — De onde você é?

— Mascate. Eu sou omani.

— De Orna. Eu já fui pra Orna. Há muito tempo. Você já ouviu falar da cidade de Ubar?

— De fato ouvi... A Cidade Perdida das Torres. Descobriram a cidade no meio do deserto há uns cinco, dez anos, não me lembro bem. Você participou da expedição arqueológica?

— Mais ou menos. Era uma cidade boa — diz o taxista. — Na maior parte das noites havia três, talvez quatro mil pessoas acampadas por ali. Todo viajante parava pra descansar em Ubar, e tocavam música, e o vinho corria como água e a água corria também, porque era por isso que a cidade existia.

— Foi o que eu ouvi dizer — diz Salim. — E desapareceu há... mil anos? Dois mil anos?

O taxista não diz nada. Estão parados em um sinal vermelho. O sinal abre, mas o motorista não se move, apesar do barulho desafinado e instantâneo das buzinas atrás dele. Com hesitação, Salim toca o motorista no ombro. O homem leva um susto, e enfia o pé no acelerador, derrapando um pouco na neve derretida do cruzamento.

— Merdabostamerdabosta — ele diz, em inglês.

— Você deve estar muito cansado, amigo.

— Faz trinta horas que eu estou dirigindo esse táxi esquecido por Alá. É demais. Antes disso, dormi cinco horas, e tinha dirigido por catorze horas antes. Nessa época, antes do Natal, as pessoas andam mais de táxi.

— Espero que você tenha ganhado muito dinheiro. O motorista suspira.

— Não muito. Hoje de manhã eu levei um homem da rua 51 até o aeroporto de Newark. Quando chegamos lá, ele correu pra dentro do aeroporto, e eu não consegui mais achar o cara. Uma corrida de Cinquenta dólares perdida, e eu mesmo tive que pagar os pedágios da volta.

Salim assente com a cabeça.

— Eu tive que passar o dia inteiro esperando um homem que não quer me receber. Meu cunhado me odeia. Eu estou nos Estados Unidos há uma semana e não aconteceu nada além do meu dinheiro ter desaparecido. Não vendi nada.

— O que é que você vende?

— Porcaria — diz Salim. — Quinquilharias e badulaques sem valor e suvenires de turistas. Uma porcaria feia, horrível, tola e vagabunda.

O taxista dá uma guinada para a direita, desvia de alguma coisa, continua o caminho. Salim fica se perguntando como é que ele consegue enxergar entre a chuva, a noite e os óculos espessos.

— Você tenta vender porcaria?

— Tonto — diz Salim, assustado e mortificado pelo fato de ter contado a verdade a respeito da mercadoria de seu cunhado.

— E ninguém compra?

— Não.

— Estranho. Você olha as lojas daqui e é só isso que elas vendem. Salim sorri nervosamente.

Um caminhão bloqueia a rua à frente deles: um guarda com o rosto vermelho parado na frente do veículo acena, grita e aponta a rua mais próxima.

— Vamos pegar a oitava avenida e chegar ao seu hotel por lá — diz o taxista.

Eles viram na rua seguinte, onde o tráfego está totalmente parado. Ouve-se uma cacofonia de buzinas, mas os carros não se movem.

O motorista cabeceia em seu assento. O queixo começa a se aproximar do peito, uma, duas, três vezes. Então ele começa a roncar suavemente. Salim estica o braço para acordar o homem, torcendo para estar fazendo a coisa certa. Quando sacode seu ombro, o motorista se mexe, e a mão de Salim resvala no rosto do homem, derrubando os óculos dele no seu colo.

O taxista abre os olhos, pega os óculos pretos de plástico e coloca de volta sobre o nariz, mas é tarde demais. Salim viu seus olhos.

O carro se arrasta no meio da chuva. Os números no taxímetro crescem.

— Você vai me matar? — pergunta Salim.

Os lábios do motorista se apertam. Salim observa o rosto do taxista refletido no espelho retrovisor.

— Não — diz o motorista, com muita calma.

O carro pára mais uma vez. A chuva tamborila no teto.

Salim começa a falar.

— A minha avó jura que viu um ifrit, ou talvez um marid, um dia bem tarde da noite, perto do deserto. A gente disse pra ela que era só uma tempestade de areia, um ventinho, mas ela disse que não, que viu seu rosto, e que os olhos dele, como os seus, ardiam em chamas.

O motorista sorri, mas seus olhos estão escondidos pelos óculos pretos de plástico, e Salim não sabe dizer se há algum humor naquele sorriso ou não.

— Meus avós também vieram pra cá — ele diz.

— Tem muito jinn em Nova York? — pergunta Salim.

— Não. Não muitos.

— Existem os anjos, e existem os homens, que Alá fez do barro; e daí existe o povo do fogo, os jinn.

— As pessoas daqui não sabem nada sobre o meu povo — diz o motorista. — Achem que nós realizamos desejos. Se eu pudesse fazer isso, você acha que eu ia estar dirigindo um táxi?

— Não entendo.

O taxista parece deprimido. Enquanto fala, Salim olha para o 'rosto dele pelo espelho, observando os lábios escuros do ifrit.

— Acreditam que nós realizamos desejos. Por que será que acreditam nisso? Eu durmo em um quarto fedido no Brooklin. Eu dirijo este táxi pra qualquer doido fedorento que tem dinheiro pra pegar um táxi, e pra alguns que não têm. Levo todo mundo pra onde precisa ir, e às vezes me dão uma gorjeta.

O lábio inferior dele começou a tremer. O ifrit parecia estar no seu limite.

— Um desses cagou no banco detrás uma vez. Eu tive que limpar antes de pegar o próximo passageiro. Como é que ele pôde fazer isso? Eu tive que limpar o coco mole do assento. Isso tá certo?

Salim estica uma mão, dá alguns tapinhas no ombro do ifrit. Ele consegue sentir a carne sólida através da lã do suéter. O ifrit tira uma das mãos do volante e a coloca sobre a mão de Salim por um instante.

Então Salim pensa no deserto: areias vermelhas sopram uma tempestade pelos seus pensamentos, e a seda escarlata das tendas que circundavam a cidade perdida de Ubar esvoaçam e ondulam através de sua mente.

O táxi sobe a Oitava Avenida.

— Os velhos acreditam nessas coisas. Não mijam em buracos, porque o Profeta disse a eles que os jinn moram lá. Eles sabem que os anjos jogam estrelas de fogo em nós quando tentamos ouvir as conversas deles. Mas, até pros velhos, quando vêm pra este país, nós estamos muito, muito longe. Lá eu não tinha que dirigir táxi.

— Sinto muito — diz Salim.

— Essa é uma época ruim — continua o motorista. — Uma tempestade está vindo por aí. Me assusta. Eu faria qualquer coisa pra ir embora.

Os dois homens não disseram mais nada no caminho para o hotel.

Quando Salim desce do táxi, dá ao ifrit uma nota de 20 dólares e diz para ele guardar o troco. Então, com um repentino arroubo de coragem, dá o número de seu quarto a ele. O taxista não responde nada. Uma moça entra no banco detrás e o carro sai mais uma vez para o meio da chuva fria.

Seis da tarde. Salim ainda não escreveu o fax para o cunhado. Ele sai andando na chuva, compra seu kebab da noite, além de batatas fritas. Só se passou uma semana, mas

ele acha que está ficando mais pesado, mais redondo, mais fofo nesse país de Nova York.

Quando volta ao hotel, surpreende-se ao ver que o taxista está parado no saguão, com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele está olhando para os cartões-postais em preto e branco expostos ali. Quando vê Salim, sorri, acanhado.

— Eu liguei pro seu quarto, mas não tinha ninguém. Então eu pensei em esperar.

Salim também sorri e toca no braço do homem.

— Estou aqui — diz.

Entram juntos no elevador esverdeado mal-iluminado e sobem até o quinto andar de mãos dadas. O ifrit pergunta se pode usar o banheiro de Salim.

— Eu me sinto muito sujo — diz.

Salim assente com a cabeça. Senta-se na cama, que toma quase todo o pequeno quarto branco, e ouve ò barulho do chuveiro aberto. Salim tira os sapatos, as meias, e então o resto das roupas.

O taxista sai do chuveiro, molhado, com uma toalha enrolada no meio do corpo. Ele não usa seus óculos escuros, e no quarto mal iluminado seus olhos queimam como chamas escarlates.

Salim tem os olhos cheios de lágrimas.

— Gostaria que você pudesse ver o que eu estou vendo — diz.

— Eu não realizo desejos — sussurra o ifrit, deixando a toalha cair e empurrando Salim suave, porém irresistivelmente, para a cama.

Demora mais ou menos uma hora até o ifrit gozar, fazendo movimentos ritmados e se esfregando na boca de Salim. Durante esse tempo Salim já tinha gozado duas vezes. O sêmen do jinn tem um gosto estranho, ardente, e queima a garganta de Salim.

Salim vai para o banheiro lavar a boca. Quando volta para o quarto, o taxista já está adormecido sobre a cama branca, roncando tranquilamente. Salim se deita na cama ao lado dele e se aconchega, imaginando o deserto em sua pele.

Quando começa a cair no sono, se lembra de que ainda não escreveu seu texto para Fuad, e se sente culpado. Bem no fundo, sente-se vazio e solitário: ele estica o braço, coloca a mão sobre o caralho protuberante do ifrit e, reconfortado, dorme.

Acordam nas primeiras horas da manhã, esfregando-se um no outro, e fazem amor mais uma vez. A certa altura, Salim percebe que está chorando, e que o ifrit beija suas lágrimas com lábios em fogo.

— Qual é o seu nome? — Salim pergunta ao taxista.

— Tem um nome na minha carteira de motorista, mas não é meu — diz o ifrit.

Depois disso, Salim não sabe dizer onde o sexo terminou e onde os sonhos começaram.

Quando Salim acorda, com o sol frio se arrastando pelo quarto branco, está sozinho.

Ele também descobre que seu mostruário não está mais lá, todas as garrafinhas e os anéis e os suvenires de lanternas de cobre, tudo desapareceu junto com sua mala, sua carteira, seu passaporte e sua passagem aérea para voltar para Orna.

Ele encontra um par de jeans, a camiseta e o suéter de lã cor de terra jogados no chão. Embaixo das roupas, há uma carteira de motorista em nome de Ibrahim bin Irem, uma licença de taxista no mesmo nome, e um chaveiro com um endereço em inglês, escrito em um papel preso nele. As fotografias da licença e da carteira não se parecem muito com Salim, mas também não se pareciam muito com o ifrit.

O telefone toca. É a recepção chamando para avisar que Salim já pagou a conta e foi embora, e que seu convidado precisa sair logo para que possam arrumar o quarto, para prepará-lo para o próximo hóspede.

— Eu não realizo desejos — diz Salim, sentindo o gosto das palavras em sua boca.

Ele se sente estranhamente leve enquanto se veste.

Nova York é muito simples: as avenidas vão de norte para sul, as ruas vão de oeste para leste. Não pode ser muito difícil, diz para si mesmo.

Ele joga as chaves para o alto e as apanha. Então coloca os óculos escuros pretos de plástico que encontrou nos bolsos, e sai do quarto de hotel para ir procurar seu táxi.

CAPÍTULO OITO

*He said (he dead had souls, but whien I ashed him
How that could be — l thought lhe dead were souls,
He broke my trance. Don't lhat make you suspicious
That lhere's somethmg the dead are heeping back?
Yes, theres something the dead are heeping back. [191](#)*

— Robert Frost, "Two Witches"

Shadow ficou sabendo durante o jantar que a semana que antecede o Natal costuma ser tranquila em uma funerária. Estavam sentados em um pequeno restaurante, a dois quartos da Funerária de Ibis e Jacquel. A refeição consistia em um café da manhã completo com todo tipo de comida. O senhor Ibis ficava brincando com uma fatia de torta de café no prato e explicava a ele:

— Os que sobram aguentam firme pra passar seu último Natal ou até mesmo o ano novo, enquanto os outros, aqueles pra quem a alegria e a comemoração dos outros vai ser muito dolorida, ainda não foram empurrados pro abismo pela última exibição de A Felicidade Não se Compra, ainda acham que têm algo a fazer ou, melhor dizendo, ainda acham que podem resolver alguma coisa.

E ele fez um barulho quando disse isso, uma risada meio afetada, parecida com um ronco, sugerindo que tinha acabado de proferir uma teoria muito criativa da qual se orgulhava demais.

A funerária Ibis e Jacquel era uma empresa familiar e pequena: uma das últimas funerárias realmente independentes da região, ou pelo menos era a ideia que o dono defendia.

— A maior parte do comércio humano valoriza marcas que podem ser identificadas nacionalmente.

O senhor Ibis falava por meio de explicações: uma doutrinação suave e cuidadosa que fez com que Shadow se lembrasse de um professor universitário que trabalhava na Muscle Farm e que não conseguia falar, só sabia discursar, expor, explicar. Shadow percebeu logo nos primeiros minutos depois de conhecer o homem que a parte que caberia a ele em qualquer conversa com o diretor da funerária era falar o menos possível.

— Isso acontece, eu acredito, porque as pessoas gostam de saber o que vão

encontrar pela frente com antecedência. É o caso do McDonald's, Wal-Mart, Blockbuster: marcas de loja consolidadas e visíveis por todo o país. Aonde quer que se vá, obtém-se, com pequenas variações regionais, a mesma coisa. No campo das funerárias, no entanto, as coisas são, forçosamente, diferentes. E preciso se sentir como se estivesse recebendo aquele serviço pessoal de cidade pequena, de alguém que tem um dom pra profissão. Deseja-se atenção particularizada, pra si e pra aquele que lhe é caro na hora da perda inestimável. É preciso entender que o pesar acontece de forma local, não nacional. Em todos os ramos da indústria... e a morte é uma indústria, meu jovem amigo, não se engane em relação a isso. Ganha-se dinheiro operando volumes, comprando-se grandes quantidades, centralizando-se as operações. Isso não é bonito, mas é verdade. O problema é que ninguém quer ver as pessoas que lhe são caras sendo transportadas por um caminhão refrigerado e levadas pra qualquer galpão enorme e adaptado onde tem mais vinte, Cinquenta, cem cadáveres ao mesmo tempo. Não senhor. As pessoas querem ter a certeza de lidar com alguém que esteja pessoalmente preocupado, em um lugar no qual serão tratadas com respeito por alguém que depois as cumprimentará tocando os dedos na aba do chapéu quando as encontrar na rua.

O senhor Ibis usava chapéu. Era um chapéu sóbrio e pardo que combinava com seu blazer e seu rosto, ambos sóbrios e pardos. Pequenos óculos com aros dourados repousavam sobre seu nariz. Na memória de Shadow, era um homem baixo, mas, cada vez que ficava parado ao seu lado, Shadow redescobria que ele tinha bem mais de 1,80 metros, com a cabeça inclinada que lembrava a silhueta de um guindaste. Sentando na sua frente agora, do outro lado da mesa vermelha lustrosa, Shadow se pegou olhando diretamente no rosto do homem.

— Então, quando as grandes empresas chegam, compram o nome da empresa, pagam aos diretores funerários pra continuarem no serviço, criam uma aparência de diversidade. Mas isso é só a ponta da lápide. Na verdade, Funcionam como um Burger King local. Agora, por nossas próprias razões, nós somos verdadeiramente independentes. Fazemos o embalsamamento, e é o melhor do país, apesar de ninguém — além de nós — saber disso. Mas não fazemos cremações. Poderíamos ganhar mais dinheiro se a gente tivesse nosso próprio crematório, mas isso vai contra nossa especialidade. O que o meu sócio diz é que, se o Senhor dá a você um talento ou uma habilidade, você tem a obrigação de utilizá-lo da melhor maneira possível. Você não concorda?

— Me parece direito — disse Shadow.

— O Senhor deu ao meu sócio a dominação sobre os mortos, assim como me deu a habilidade com as palavras. São coisas ótimas, as palavras. Eu escrevo livros de contos, sabe? Nada literário. Só pra me divertir. Relatos de vidas.

Ele fez uma pausa. Quando Shadow percebeu que deveria ter perguntado se poderia ler um dos contos, o momento certo já havia passado.

— De qualquer modo, o que damos a eles aqui é continuidade: Ibis e Jacquel funciona aqui há quase duzentos anos. Mas não fomos sempre diretores de funerária... Já fomos coveiros e, antes, agentes funerários.

— E antes disso?

— Bom — disse o senhor Ibis, sorrindo de maneira levemente orgulhosa —, remontamos a muito tempo. Claro, foi só depois da Guerra entre os Estados que conseguimos encontrar, aqui, o nosso nicho. Foi quando nos transformamos na funerária para as pessoas de cor das redondezas. Antes daquilo, ninguém nos via como homens de cor... estrangeiros, talvez, exóticos e de pele escura, mas não de cor. Logo que a guerra acabou, ninguém mais se lembrava do tempo quando não éramos considerados negros. Meu sócio sempre teve a pele mais escura do que a minha. Foi uma transição fácil. A verdade é que você é o que pensam que você é. Só acho estranho quando falam de afro-americanos. Me faz pensar em gente de Punt, Ofir, Núbia. Nunca pensamos em nós mesmos como africanos — éramos o povo do Nilo.

— Então vocês eram egípcios?

O senhor Ibis fez um beijo com o lábio inferior e deixou a cabeça pender de um lado para o outro, como se fizesse considerações, pesando os prós e os contras, avaliando as coisas por todos os pontos de vista.

— Bom, sim e não. "Egípcio" me faz pensar no povo que vive lá agora. Aqueles que construíram suas cidades sobre nossos cemitérios e nossos palácios. Aquela gente se parece comigo?

Shadow deu de ombros. Ele viu negros que se pareciam com o senhor Ibis. Viu brancos bronzeados que também se pareciam com ele.

— Gostou da sua torta de café? — perguntou a garçonete, completando as duas xícaras de café.

— Foi a melhor que eu já comi — respondeu o senhor Ibis. — Mande lembranças pra sua mãe.

— Mandarei — ela agradeceu e apressou-se em direção a outra mesa.

— Quando se é diretor de funerária, não se faz perguntas a respeito da saúde de ninguém. As pessoas ficam achando que você está conferindo se vai ter trabalho — disse, em um tom grave. — Será que podemos ir ver se o seu quarto está pronto?

A respiração deles transformava-se em vapor no ar da noite. Luzinhas de Natal piscavam nas vitrinas das lojas por onde passavam.

— É muito gentil da sua parte me receber — disse Shadow. — Fico muito grato.

— Devemos vários favores ao seu empregador. E Deus sabe, nós temos espaço. E uma casa grande e velha. Tinha mais gente, mas agora somos apenas três. Você não vai atrapalhar.

— Tem alguma ideia de quanto tempo eu vou ficar com vocês? O senhor Ibis sacudiu a cabeça.

— Ele não disse. Mas estamos contentes por estar aqui, e podemos achar um trabalho pra você. Se você não for enjoado. Se tratar os mortos com respeito.

— Então — perguntou Shadow —, o que vocês estão fazendo aqui em Cairo? Foi por causa do nome ou alguma coisa assim?

— Não, de jeito nenhum. Na verdade, essa região se chama assim por causa de nós, apesar de quase ninguém saber. Era um posto de escambo antigamente.

— Nos tempos da fronteira?

— Pode chamar assim — disse o senhor Ibis. — Boa noite, seu Simmons! Feliz Notai pra você também! As pessoas que me trouxeram pra cá subiram o Mississippi há muito tempo.

Shadow parou no meio da rua e olhou estupefato para ele.

— Você está tentando me dizer que foram os egípcios antigos que vieram aqui fazer escambo 5 mil anos atrás?

O homem não disse coisa alguma, mas soltou um riso afetado bem alto. Depois, disse:

— Há 3.530 anos. Mais ou menos.

— Está bem. Vou acreditar, acho. O que é que eles escambavam?

— Nada demais... Peles de animais. Alguma comida. Cobre das minas que agora seriam a península superior de Washington. A coisa toda foi meio que uma decepção. Não valia à pena. Ficaram aqui tempo bastante pra acreditar em nós, fazer sacrifícios por nós e até que um punhado de escambadores morresse de febre e fosse enterrado aqui, deixando a gente pra trás.

Ele parou, como se tivesse congelado no meio da calçada, virou-se lentamente, com os braços estendidos.

— Este país é a estação central faz dez mil anos. Você me pergunta: "e Colombo?"

— O que é que tem?

— Colombo fez o que já se fazia há milhares de anos. Não tem nada demais chegar à América. De vez em quando eu escrevo algumas histórias sobre isso. Começaram a andar novamente.

— Histórias verdadeiras?

— Até certo ponto, sim. Eu deixo você ler uma ou duas, se quiser. Está tudo ali, para qualquer pessoa que tenha olhos pra ver. Pessoalmente, e falo isso como assinante da Scientific American, eu tenho pena dos profissionais que encontram mais uma caveira desconcertante, algo que pertencia ao tipo errado de gente, ou quando encontram estátuas ou artefatos que os confundem... porque falam sempre de coisas extraordinárias, mas nunca das impossíveis, e é por causa disso que tenho pena, por que logo que algo se toma impossível, passa a ser desacreditado, sendo ou não verdade. Quer dizer, pegue uma caveira que mostra que os ainu, a raça aborígene japonesa, esteve na América 9 mil anos atrás. Pegue uma outra que prova que havia polinésios na Califórnia quase 2 mil anos depois disso. E todos os cientistas ficam resmungando entre si e quebrando a cabeça pra saber quem descende de quem, perdendo totalmente o fio da meada. Só Deus sabe o que vai acontecer se algum dia realmente encontrarem os túneis de emergência dos índios Hopi. Vai abalar algumas crenças, pode esperar pra ver. "Os irlandeses vieram à América

na era das trevas?", você me pergunta. Claro que sim, além dos galeses e dos viquingues, enquanto os africanos da Costa Oeste, que no passado era chamada de Costa dos Escravos ou Costa do Marfim, faziam escambo com a América do Sul. Os chineses visitaram o Oregon algumas vezes... que eles chamavam de Eu Sang. Os bascos estabeleceram seus campos sagrados de pesca na costa da Newfoundland, no Canadá, há 1.200 anos. Agora, suponho que você diga:

"Mas, senhor, esses povos eram primitivos, não tinham controles de rádio nem pílulas de vitaminas nem aviões a jato".

Shadow não disse e não planejou dizer nada, mas sentiu que deveria, então...

— Mas não eram?

As últimas folhas mortas do outono estalavam debaixo dos pés deles, quebradiças por causa do inverno.

— A conclusão equivocada é achar que os homens não percorriam grandes distâncias por água antes de Colombo. No entanto, a Nova Zelândia e o Taiti e inúmeras ilhas do Pacífico foram colonizadas por pessoas em barcos cujos conhecimentos sobre navegação deixariam Colombo envergonhado; e a riqueza da África vinha do escambo, embora a principal fonte fosse no Oriente, na Índia e na China. Meu povo, o povo do Nilo, logo descobriu que um barco de fundo chato poderia levá-lo a dar a volta ao mundo, se houvesse paciência e jarras de água doce suficientes. Você vê, o maior problema de vir à América antigamente era que aqui não havia muito pra escambar, e era longe demais.

Chegaram a uma casa grande, construída no estilo que chamam de Queen Anne. Shadow ficou se perguntando quem era essa tal rainha e por que ela gostava tanto de casas no estilo da família Adams. Era a única construção do quarteirão que não tinha as janelas seladas por tábuas de madeiras pregadas. Atravessaram o portão e caminharam até os fundos.

Passando por enormes portas duplas, que o senhor Ibis abriu com uma chave de seu chaveiro, entraram em um quarto grande e sem aquecimento, ocupado por duas pessoas. Eram um homem muito alto, de pele escura, segurando um bisturi grande de metal, e uma menina nos últimos anos da adolescência, morta, deitada sobre uma mesa de porcelana comprida, que se assemelhava a uma laje e a uma pia ao mesmo tempo.

Havia várias fotografias da menina morta penduradas em um quadro de cortiça na parede sobre o corpo. Ela sorria em uma delas, um busto para o anuário do colegial. Em outra, fazia fila com mais três garotas; usavam o que parecia ser vestidos de formatura, e o cabelo dela estava preso sobre a cabeça em um penteado confuso.

Frios sobre a porcelana, seus cabelos estavam para baixo, soltos ao lado dos ombros, respingados de sangue seco.

— Este é o meu sócio, o senhor Jacquel — disse Ibis.

— Nós já nos conhecemos. Perdoe-me por não apertar sua mão. Shadow olhou em direção à mesa:

— O que aconteceu com ela?

— Tinha um péssimo gosto pra namorados.

— Nem sempre é fatal — disse o senhor Ibis, com um suspiro. — Desta vez, foi. Ele estava bêbado e tinha uma faca, e ela falou que pensava estar grávida, mas ele não acreditou que era seu.

— Foi esfaqueada... — disse o senhor Jacquell, em tom explicativo. Ouviu-se um barulho quando ele pisou sobre um interruptor no chão, ligando um pequeno gravador sobre uma mesa próxima.

— Cinco vezes. Há três marcas de faca na parede peitoral anterior. A primeira liça entre o quarto e o quinto espaço intercostal, na beirada medial do seio esquerdo, tem 2,2 centímetros de extensão; a segunda e a terceira ficam na porção inferior do espaço entre os seios, penetrando no sexto espaço intercostal, uma por cima da outra, e medindo 3 centímetros. Há uma ferida de 2 centímetros de extensão na parte superior anterior do lado esquerdo do peito, no segundo espaço intercostal, e uma ferida de 5 centímetros de extensão e profundidade máxima de 1,6 centímetro no deltóide esquerdo ântero-lateral, uma ferida que rasgou a pele. Todas as feridas do peito são profundamente penetrantes. Não há outras feridas externas visíveis.

Ele liberou a pressão do interruptor no chão. Shadow reparou que havia um pequeno microfone pendurado pelo fio sobre a mesa de embalsamamento.

— Então você também é o legista?

— O legista é uma indicação política por aqui — disse Ibis. — O trabalho dele é dar um chute no cadáver. Se o morto não der outro chute como resposta, ele assina o atestado de óbito. O Jacquell faz a dissecação, faz as autópsias e guarda amostras de tecidos para análise. Trabalha para o verificador médico do condado. Eleja fotografou as feridas dela.

Jacquell os ignorava. Pegou um bisturi grande e fez uma incisão profunda em forma de V, que começava nas clavículas e terminava na ponta do esterno, e então transformou o V em um Y, com outra incisão profunda que começava no esterno e ia até o púbis. Pegou o que parecia ser uma furadeira pesada e cromada, com uma lâmina serrada do tamanho de uma medalha na ponta. Ligou o aparelho e cortou as costelas dos dois lados do esterno.

A menina abriu-se como uma bolsa.

Shadow de repente tomou consciência de um cheiro suave, porém desagradavelmente penetrante, pungente, de carne.

— Eu pensava que o cheiro fosse bem pior.

— Ela está bem fresca — disse Jacquell. — E os intestinos não foram perfurados, por isso não cheira a merda.

Shadow percebeu que olhava para o outro lado, não por repulsão, como era de se esperar, mas pelo estranho desejo dar alguma privacidade à garota. Seria difícil estar mais nua do que aquela coisa aberta.

Jacquell desembaraçou o intestino, que brilhava e se parecia com uma cobra dentro

da barriga dela, abaixo do estômago até o fundo da pelve. Passou cada centímetro da víscera por entre os dedos, descrevendo-o para o microfone como "normal" e colocou-a em um balde no chão. Secou todo o sangue do peito dela com uma bomba de sucção a vácuo e mediu o volume. Então examinou seu interior. Disse ao microfone:

— Há três lacerações no pericárdio, que está cheio de sangue coagulado e líquido.

Jacquel segurou o coração dela, cortou a ponta de cima, remexeu-o na mão, examinando-o. Pisou em seu interruptor e disse:

— Há duas lacerações no miocárdio; uma laceração de 1,5 centímetro no ventrículo direito e uma laceração de 1,8 centímetro penetrando o ventrículo esquerdo.

Jacquel removeu cada um dos pulmões. O pulmão esquerdo havia sido apunhalado e estava meio afundado. Ele os pesou, além do coração, e fotografou as feridas. Tirou um pedacinho de tecido de cada pulmão com o bisturi e guardou em um pote.

— Formaldeído — sussurrou o senhor Ibis, solícito.

Jacquel continuava a falar com o microfone, descrevendo o que fazia, o que via, à medida que removia o fígado da menina, o estômago, o baço, o pâncreas, ambos os rins, o útero e os ovários.

Pesou cada órgão, reportou-os como normais e intactos. De cada órgão, tirava um pedacinho e colocava em um pote de formaldeído.

Do coração, do fígado e de um dos rins, cortou um pedaço extra. Esses ele mastigou, lentamente, fazendo com que durassem na boca, enquanto trabalhava.

De certa maneira pareceu a Shadow uma boa coisa: respeitosa, não obscena.

— Então você quer passar um período aqui conosco? — disse Jacquel, mascando o pedaço do coração da menina.

— Se vocês me aceitarem...

— É claro que sim! — disse o senhor Ibis. — Não temos nada contra, só a favor. Você ficará sob nossa proteção enquanto estiver aqui.

— Espero que você não se importe de dormir sob o mesmo teto que os mortos — disse Jacquel.

Shadow pensou na sensação do toque dos lábios de Laura, amargos e frios.

— Não. É só eles se manterem mortos.

Jacquel virou-se e olhou para ele com olhos castanho-escuros tão inquisidores e frios quanto os de um cão do deserto.

— Eles sempre ficam mortos aqui — foi tudo que respondeu.

— Parece... — comentou Shadow —, parece que os mortos conseguem voltar com bastante facilidade.

— De jeito nenhum — disse Ibis. — Até os zumbis são feitos a partir de gente viva,

sabe? Um pozinho, uma cantoria, um empurrãozinho, e você tem um zumbi. Eles estão vivos, mas acreditam que morreram. A verdade é que servem pra trazer os mortos à vida, no corpo deles. E é preciso ter poder.

Hesitou por um instante, e completou:

— Na terra antiga era mais fácil.

— Dava pra amarrar o ka de um homem ao seu corpo durante 5 mil anos — disse Jacquel. — Amarrar ou soltar. Mas isso foi há muito tempo.

Ele pegou Iodos os órgãos que havia retirado e colocou, respeitosamente, nas devidas cavidades do corpo. Colocou de volta o intestino e o esterno e juntou as pontas de pele. Então pegou agulha e linha grossas e, com golpes rápidos e ágeis, costurou-a como um homem que costura uma bola de beisebol: o cadáver, de carne, passou a ser uma menina mais uma vez.

— Eu preciso tomar uma cerveja — disse Jacquel.

Tirou as luvas de borracha e deixou-as cair na lata de lixo. Jogou seu avental marrom-escuro em um cesto de roupa suja. Pegou a bandeja de papelão de potes cheios de pedacinhos de órgãos vermelhos, marrons e roxos.

— Você me acompanha?

Subiram as escadas do fundo até a cozinha. Era uma sala respeitável, marrom e branca, que parecia ter sido decorada em 1920. Tinha um enorme refrigerador Kelvinator fazendo barulho sozinho encostado em uma parede. Jacquel abriu a porta do Kelvinator, guardou os potes plásticos com seus pedacinhos de baço, rim, fígado e coração lá dentro. Tirou três garrafas marrons. Ibis abriu um armário com porta de vidro, tirou três copos altos. Então fez gestos para que Shadow se sentasse à mesa da cozinha.

Ibis serviu a cerveja e passou um copo para Shadow e um para Jacquel. Era uma ótima cerveja, amarga e escura.

— Muito boa essa cerveja — comentou Shadow.

— Nós mesmos que fazemos — disse Ibis. — No passado, eram as mulheres que faziam a cerveja, e era melhor do que a nossa. Mas agora só sobramos nós três... eu, ele e ela.

Fez um gesto em direção à gatinha parda, profundamente adormecida em uma cesta de gato no canto da cozinha.

— No começo, havia mais de nós. Mas Set foi embora pra fazer explorações há o quê...? Uns duzentos anos? Deve ser mais ou menos isso agora. Recebemos um cartão-postal dele em 1905, 1906. E depois, mais nada. E o coitado do Hórus... — sua voz foi ficando mais baixa, como um suspiro, e ele sacudiu a cabeça.

— Eu ainda vejo ele, de vez em quando — disse Jacquel. — Quando vou recolher algum corpo.

Deu um gole na cerveja.

— Vou trabalhar pra compensar a hospedagem enquanto eu estiver aqui. — disse Shadow — Digam o que preciso fazer, e eu faço.

— Vamos encontrar trabalho pra você — concordou Jacquel. A gatinha parda abriu os olhos e se espreguiçou, antes de levantar. Atravessou a cozinha com seus passos leves e esfregou a cabeça nas botas de Shadow. Ele abaixou a mão esquerda e acariciou sua testa, a parte detrás das orelhas e o pescoço. Ela arqueou o corpo de felicidade, pulou no colo dele, esfregando-se em seu peito, e encostou seu nariz gelado no dele. Então se enrolou sobre seu colo e voltou a dormir. Ele colocou a mão sobre a gata e a acariciou... seu pêlo era macio, e estava quente e confortável no colo dele. Parecia se sentir no lugar mais seguro do mundo. Shadow se sentiu reconfortado.

A cerveja deixou um zumbido agradável em sua cabeça.

— Seu quarto fica no topo das escadas, ao lado do banheiro — explicou Jacquel. — Suas roupas de trabalho estarão penduradas no armário... você vai ver. Mas acho que gostaria de se lavar e barbear primeiro.

Foi o que Shadow fez. Tomou uma chuveirada, em pé, na banheira moldada em ferro, e se barbeou, com muito nervosismo, com uma navalha que Jacquel lhe emprestara. Era obscenamente afiada e tinha cabo de madrepérola. Shadow desconfiou que fosse usada para dar aos mortos seu último barbear. Ele nunca usara uma navalha, mas não se cortou. Tirou o resto de espuma de barbear do rosto, olhou para si mesmo, nu, na frente do espelho manchado do banheiro. Estava machucado: marcas frescas no peito e nos braços, encobrindo as marcas já fracas que Mad Sweeney tinha feito nele. Seus olhos o encaravam no espelho, desconfiados.

E então, como se alguém segurasse sua mão, ele ergueu a navalha e a colocou, com a lâmina aberta, contra a garganta.

Seria uma saída, pensou. Uma saída fácil. E se havia alguém que podia lidar com aquilo com naturalidade, que simplesmente limparia a sujeira e continuaria a viver sem trauma nenhum, seria os dois caras sentados à mesa da cozinha bebendo sua cerveja no andar de baixo. Sem preocupações. Sem Laura. Sem mistérios nem conspirações. Sem pesadelos. Só paz, silêncio e descanso para sempre. Um corte reto, de orelha a orelha. Bastava isso.

Shadow ficou ali parado com a navalha contra a garganta. Uma pequena mancha de sangue apareceu no lugar em que a lâmina encostava na pele. Ele nem reparou no corte. Viu, disse a si mesmo, e quase conseguia ouvir as palavras sendo sussurradas em seu ouvido. Não dói nada. Está muito afiada para machucar. Vou ter ido embora antes de me dar conta.

Então a porta do banheiro se abriu alguns centímetros, o suficiente para a gatinha colocar a cabeça para dentro do banheiro e ronronar curiosamente para ele.

— Ei... Eu achei que tinha trancado a porta.

Ele fechou a navalha, repousou-a ao lado da pia, limpou o sangue do corte com um pedaço de papel higiênico. Então enrolou uma toalha ao redor da cintura e foi até o quarto ao lado do banheiro.

Seu quarto, assim como a cozinha, parecia ter sido decorado em algum ano da década de 1920: havia um lavatório e um jarro ao lado da cômoda com espelho. Alguém já tinha separado roupas para ele em cima da cama: terno preto, camisa branca, gravata preta, cueca e camiseta brancas, meias pretas. Sapatos pretos repousavam sobre o tapete persa, desgastado, ao lado da cama.

Ele se vestiu. As roupas eram de boa qualidade, apesar de não serem novas. Ficou se perguntando de quem haviam sido. Será que calçava as meias de um morto? Será que pisava dentro dos sapatos de um morto? Arrumou o nó da gravata na frente do espelho e pareceu que seu reflexo sorria para ele, com sarcasmo.

Agora parecia inconcebível ter pensado, em algum momento, em cortar a garganta. Seu reflexo continuava a sorrir para ele enquanto ajustava a gravata.

— Ei — disse para o espelho. — Você sabe de alguma coisa que eu não sei? Imediatamente, sentiu-se tolo.

A porta se escancarou e a gata escorregou por entre o batente e a porta, percorreu o quarto com seus passos leves e pulou no peitoril da janela.

— Ei — ele disse à gata. — Eu fechei a porta. Eu sei que fechei. Ela olhou para ele, interessada. Seus olhos eram amarelo-escuros, da cor do âmbar. Então ela pulou do peitoril da janela para a cama, onde se enrolou em uma bolinha de pêlo e voltou a dormir, uma esfera de gato sobre a colcha velha.

Antes de descer as escadas, Shadow deixou a porta entreaberta, para que a gata pudesse sair e para que o quarto arejasse um pouco. Os degraus rangiam e estalavam à medida que os pisava, protestando contra seu peso, como se quisessem apenas ser deixados em paz.

— Caramba, você está bonito! — exclamou Jacquell. Ele esperava à beira da escada e eslava vestido com um terno preto parecido com o de Shadow.

— Você já dirigiu um carro fúnebre?

— Não.' — Há uma primeira vez pra tudo na vida — disse Jacquell. — Está estacionado aí na frente.

Uma senhora havia morrido. O nome dela era Lila Goodchild. Seguindo as instruções do senhor Jacquell, Shadow levou a maca de alumínio dobrada pela escada estreita até o quarto dela e a abriu próximo à cama. Pegou um saco de cadáveres azul translúcido, ajeitou-o na cama ao lado do corpo e abriu o zíper. A mulher usava uma camisola cor-de-rosa e um robe bordado. Shadow a levantou e a enrolou, frágil e quase sem peso nenhum, em um cobertor, e colocou-a dentro do saco. Fechou o zíper e colocou o saco sobre a maca. Enquanto ele fazia isso, Jacquell conversava com um senhor bem velho, viúvo de Lila Goodchild. Ou melhor, Jacquell escutava, e o senhor falava. O velho explicava como seus filhos eram ingratos, assim como seus netos, apesar de não ser culpa deles, mas sim de seus pais, que quem puxa os seus não degenera, e que ele pensava que os havia criado melhor do que aquilo.

Os dois empurraram a maca carregada até a escadaria estreita. O velho os seguiu,

ainda falando, na maior parte do tempo, sobre dinheiro, cobiça e ingratidão. Ele usava chinelos de ficar em casa. Shadow carregou a ponta mais pesada da maca escada abaixo e para a rua. Jacquell abriu a porta traseira do carro fúnebre. Shadow hesitou, e Jacquell disse:

— Só enfia aí dentro. Os suportes vão se recolher sozinhos quando você empurrar.

Shadow empurrou a maca, e os suportes se dobraram para cima com um estalo, as rodas fizeram uma rotação, e a maca escorregou pelo chão até o fundo do veículo. Jacquell mostrou a ele como amarrar a maca seguramente lá dentro, e Shadow fechou a porta traseira enquanto o outro escutava atentamente o senhor, sem se importar com o frio, um velho com seus chinelos e seu chambre na calçada gelada explicando a Jacquell como seus filhos eram urubus, nada além de urubus que pairam, esperando para tomar o pouco que ele e Lila juntaram, e como os dois haviam fugido para St. Louis, Memphis, Miami, e como eles acabaram em Cairo. Ele estava feliz por Lila não ter morrido em um asilo e tinha medo de ele próprio ser mandado para um deles.

Acompanharam o velho até dentro de casa, escada acima até o quarto. Uma TV pequena assobiava em um canto do cômodo. Quando Shadow passou pelo aparelho, reparou que o apresentador do jornal sorria e piscava para ele. Quando teve certeza de que ninguém o observava, mostrou o dedo para a TV.

— Eles não têm dinheiro nenhum — Jacquell comentou quando voltaram ao carro. — Ele vai falar com Ibis amanhã. Vai escolher o enterro mais barato. Os amigos dele vão convencê-lo a dar tudo que ela tem direito, creio. Mas ele vai reclamar. Não tem dinheiro. Ninguém por aqui tem dinheiro hoje em dia. De qualquer modo, ele morre daqui a seis meses. Um ano, no máximo.

Flocos de neve caíam e espiralavam na frente dos faróis. A neve estava chegando ao sul. Shadow disse:

— Ele está doente?

— Não é isso. As mulheres sobrevivem aos seus homens. Os homens... homens como ele... não vivem muito depois que a mulher se vai. Você vai ver... ele vai começar a delirar, todas as coisas que ele conhece vão embora com ela. Vai ficar cansado, e então vai se apagar aos poucos, desistir e pronto, morreu. Talvez a pneumonia o leve, ou o câncer, ou talvez o seu coração pare. Velhice, você perde toda a vontade de lutar. Daí você morre.

Shadow refletiu.

— Ei, Jacquell?

— O que é?

— Você acredita em alma?

Não era bem a pergunta que ele ia fazer e se surpreendeu ao ouvir as palavras saírem de sua boca. Ele pretendia dizer algo menos direto, mas não encontrou nada que pudesse dizer.

— Depende. No meu tempo, tudo era bem resolvido. Você entrava na fila quando

morria e daí respondia por seus atos maus e bons, e se os seus atos maus fossem mais pesados do que uma pluma, a sua alma e o seu coração eram dados para Ammet, o devorador de almas.

— Ele deve ter devorado um monte de gente.

— Nem tantas assim. Era uma pluma bem pesada. Era feita sob medida. Você tinha que ser muito ruim mesmo pra fazer aquela balança pender pró outro lado. Pára ali, no posto de gasolina. Vamos abastecer um pouco.

As ruas estavam silenciosas, da maneira que ficam apenas quando cai a primeira neve.

— Vamos ter um Natal branco — disse Shadow enquanto enchia o tanque.

— Só. Merda. Aquele menino era um filho de uma virgem sortudo.

— Jesus?

— Um cara sortudo, sortudo mesmo. Ele podia cair dentro de uma fossa que saía com perfume de rosas. Diabos, não é nem mesmo o aniversário dele, você sabia? Ele pegou do Mithras. Você já esbarrou no Mithras? É ruivo. Um garoto legal.

— Não, acho que não.

— Bom... Eu nunca vi o Mithras por aqui. Ele era um rato de exército. Talvez tenha voltado pró Oriente Médio, dando um tempo, mas eu acho que eleja deve ter ido embora a essa altura. Um dia, todos os soldados do império têm que se banhar no sangue de seu touro sacrificado. No outro, não se lembram nem do dia do seu aniversário.

Os limpadores de pára-brisa faziam um barulho contínuo, empurrando a neve para o canto, agrupando os flocos em nós e redemoinhos de gelo transparente.

Um sinal de trânsito ficou momentaneamente amarelo e depois vermelho, e Shadow pisou no freio. O veículo rabeou e derrapou na rua vazia antes de parar.

O sinal ficou verde. Ele conduzia o carro fúnebre a um máximo de 15 quilômetros por hora, o que parecia suficiente nas ruas escorregadias. O veículo parecia perfeitamente feliz andando em segunda marcha: ele supôs que devia ter passado boa parte do seu tempo andando naquela velocidade e prendendo o trânsito.

— Tudo bem — disse Jacquell. — Tá, então Jesus se dá bem por aqui. Mas eu conheci um cara que disse ter encontrado com ele na beira de uma estrada, pedindo carona, no Afeganistão, e ninguém parou. Sabe? Tudo depende de onde você está.

— Acho que uma tempestade de verdade está se aproximando — disse Shadow. Ele estava comentando sobre o clima.

Quando Jacquell finalmente começou a responder, não falava sobre o clima coisa nenhuma.

— Olhe pro Ibis e pra mim. Em alguns anos, não teremos mais trabalho. Temos economias guardadas para os anos magros, mas os anos magros já estão aqui faz um bom tempo, e a cada ano ficam mais magros. O Hórus está bem louco, louco pra caralho, passa

o tempo todo transformado em falcão, come animais vítimas de acidentes em estradas, que tipo de vida é essa? Você já viu a Bast. E nos estamos em melhor forma do que a maior parte deles. Pelo menos ainda temos um pouco de crença pra seguir em frente. A maioria dos babacas por aí mal tem isso. É igual ao negócio de funeral... Os grandes vão acabar comprando seu negócio um dia desses, goste você ou não, porque eles são maiores e mais eficientes e porque trabalham. Brigar não vai mudar porra nenhuma, porque nós perdemos essa batalha especificamente quando viemos pra esta terra verde há cem, mil ou dez mil anos. Nós chegamos e os Estados Unidos nem ligaram pro fato de estarmos aqui. Ou somos comprados e forçados a aceitar o que não queremos, ou botamos o pé na estrada. Então, sim. Você tem razão. A tempestade está se aproximando.

Shadow virou na rua onde ficavam as casas, todas mortas, com às janelas cegas e fechadas com tábuas, a não ser uma.

— Entre pelo beco dos fundos — disse Jacquel.

Ele deu ré até quase encostar nas portas duplas nos fundos da casa. Ibis abriu o carro e as portas do necrotério, e Shadow liberou a maca e a puxou para fora. Os suportes com rodas fizeram uma rotação e caíram assim que passaram do pára-choque. Ele empurrou a maca até a mesa de embalsamar. Pegou Lila Goodchild nos braços, ninando-a em seu saco opaco como se fosse uma criança adormecida, e a colocou com cuidado sobre a mesa do necrotério frio, como se estivesse com medo de acordá-la.

— Sabe, tem aí uma mesa de transferência — disse Jacquel. — Você não precisa carregar o corpo.

— Não é nada — disse Shadow. Ele estava começando a suar como Jacquel.

— Eu sou um cara grande. Não me incomodo.

Quando criança, Shadow era pequeno para a idade, parecia só ter cotovelos e joelhos. A única fotografia de Shadow quando criança, que Laura gostou o suficiente para colocar em um porta-retratos, mostrava uma criança solene com cabelos desobedientes e olhos escuros parada ao lado de uma mesa abarrotada de bolos e bolachas. Shadow achava que a foto fora tirada em uma festa de Natal em uma embaixada, porque ele usava uma gravata borboleta e suas melhores roupas.

Shadow e sua mãe haviam se mudado vezes demais, primeiro pela Europa toda, de embaixada em embaixada, onde sua mãe trabalhava como comunicadora para o Serviço Exterior, transcrevendo e enviando telegramas confidenciais para o mundo inteiro. E depois quando ele estava com 8 anos, de volta aos Estados Unidos, onde sua mãe, então muito doente para segurar um trabalho fixo, mudou-se de cidade em cidade incansavelmente, passando um ano aqui e outro ali, preenchendo uma vaga durante um período mais longo quando estava bem o bastante para tanto. Nunca passaram tempo suficiente em lugar nenhum para Shadow fazer amigos, para se sentir em casa, para relaxar. E ele era só uma criancinha...

Tinha crescido rápido demais. Na primavera de seus 13 anos, os garotos locais implicavam demais com ele, fazendo com que se envolvesse em brigas que sabiam que iriam ganhar e, depois, das quais Shadow correria, bravo e frequentemente chorando, até o

banheiro para limpar a lama e o sangue do rosto antes que alguém visse. Então chegou o verão, o verão comprido e mágico dos 13 anos, que ele passou mantendo-se fora do caminho dos garotos maiores, nadando na piscina pública e lendo livros da biblioteca. No começo do verão ele mal conseguia nadar. No fim de agosto, fazia uma piscina atrás da outra em um crawl fácil, mergulhando do trampolim mais alto, amadurecendo em um bronzeado profundo por causa do sol e da água. Em setembro, voltou para a escola e descobriu que os garotos que transformaram sua vida em um inferno eram pequenos, coisinhas frouxas que não eram mais capazes de incomodá-lo. Os dois que tentaram aprenderam bons modos à força, de maneira dura, rápida e dolorida, e Shadow descobriu que tinha que mudar: ele não podia mais ser um garoto quieto, dando o melhor de si para não interferir nas coisas e ficando sempre por trás de tudo. Ele era grande demais para aquilo, era óbvio. Antes do fim daquele ano, já fazia parte do time de natação e do time de levantamento de peso, e o técnico queria que participasse do time de triatlo. Shadow gostava de ser grande e forte. Conferia-lhe identidade. Tinha sido um garoto quieto e tímido que se afundava nos livros, e aquilo fora dolorido demais. Agora era um cara grande e burro, e ninguém esperava que fosse capaz de fazer algo mais do que carregar sozinho um sofá da sala para o quarto.

Ninguém até Laura aparecer, de qualquer modo.

Ibis preparou o jantar: arroz e verduras cozidas para si e o irmão.

— Eu não como muita carne — explicou. — Ao passo que Jacquiel consegue toda a carne que quer no decorrer de seu trabalho.

No lugar de Shadow havia uma caixa de papelão da KFC cheia de pedaços de frango e uma garrafa de cerveja.

A porção era muito grande e então ele dividiu as sobras com a gata, tirando a pele e a cobertura crocante, e depois desfiando a carne para ela com os dedos.

— Tinha um cara na prisão chamado Jackson — contou Shadow, enquanto comia. — Trabalhava na biblioteca. Ele me disse que mudaram o nome da Kenlucky Fried Chicken para KFC porque não servem mais frango de verdade lá. Agora é uma coisa geneticamente modificada, tipo uma centopéia gigante sem cabeça, só um segmento atrás do outro de coxas e peitos e asas. Alimentam a coisa com tubos de nutrientes. O cara disse que o governo não deixava mais eles usarem a palavra chicken.

O senhor Ibis ergueu as sobrancelhas:

— Você acha que é verdade?

— Não. Mas o meu companheiro de cela, Low Key, disse que mudaram de nome porque a palavra fried tinha adquirido um significado ruim. Talvez quisessem que as pessoas achassem que o frango se cozinhava sozinho.

Depois do jantar, Jacquiel pediu licença e foi para o necrotério. Ibis foi escrever no estúdio. Shadow ficou sentado na cozinha mais um pouco, dando pedaços de peito de frango para a gatinha parda e bebendo sua cerveja. Quando terminou, lavou os pratos e os talheres, colocou-os no escorredor para secar e subiu as escadas.

Chegando no quarto, a gatinha dormia mais uma vez ao pé da cama, enrolada em um arco peludo. Na gaveta do meio da penteadeira, encontrou vários conjuntos de pijamas de algodão listrado. Pareciam ter setenta anos, mas tinham cheiro de limpos, e Shadow escolheu um conjunto que, assim como o terno preto, ficou sob medida.

Havia uma pequena pilha de Seleções Reader's Digest no criado-mudo ao lado da cama, todas publicadas antes de março de 1960. Jackson, o cara da biblioteca — o mesmo que jurou ser verdade a história dos frangos mutantes da Kenlucky Fried Chicken, e que contou a história dos trens de frete pretos que o governo usa para rebocar prisioneiros políticos até os campos de concentração secretos no norte da Califórnia, cruzando o país na calada da noite —, também disse que a CIA usava a Seleções como fachada para suas filiais espalhadas pelo mundo. Ele dizia que todas as redações de Seleções em todos os países, na verdade, eram a CIA.

— Piada — disse o falecido senhor Wood, na memória de Shadow. — Como é que dá pra ter certeza de que a CIA não estava envolvida no assassinato do Kennedy?

Shadow abriu uma fresta de alguns centímetros na janela — o bastante para que o ar fresco entrasse, e para que o gato fosse capaz de sair para a varanda do lado de fora.

Acendeu o abajur de cabeceira, deitou-se na cama e leu um pouco, tentando desligar o cérebro para esquecer os últimos dias, escolhendo os artigos mais idiotas das Seleções. Percebeu que estava caindo no sono no meio de "Eu sou Joe Pâncreas". Mal teve tempo de apagar o abajur da cabeceira e repousar a cabeça no travesseiro antes de seus olhos se fecharem naquela noite.

Mais tarde, foi incapaz de se lembrar da sequência e dos detalhes daquele sonho:

tentativas de recordá-lo não resultavam em nada mais do que imagens escuras e emaranhadas. Havia uma garota. Ele a conhecera em algum lugar e agora eles atravessavam uma ponte sobre um pequeno lago, no meio de uma cidadezinha. O vento encrespava a superfície do lago, fazendo ondas com uma espuminha na ponta, que pareciam a Shadow pequenas mãos querendo alcançá-lo.

— Aqui embaixo —, dizia a mulher. Ela usava uma saia com estampa de leopardo, que esvoaçava e rodava com o vento, e a pele entre o fim das meias e a saia era cremosa e macia. No sonho Shadow se ajoelhou na frente dela, na ponte, na frente de Deus e do mundo, enterrando a cabeça entre suas pernas e bebendo seu cheiro feminino, selvagem, que intoxicava. Ele percebeu, no sonho, a ereção na vida real, uma coisa rígida, pulsante, monstruosa e tão dolorida quanto a ereção que teve quando garoto, ao entrar na puberdade.

Ele se afastou e olhou para cima, mas nem assim conseguiu ver seu rosto. Mas a boca dele procurava a dela, com aqueles lábios macios... suas mãos seguravam os seios exuberantes, e logo percorriam a maciez sedosa de sua pele, escondida pelas roupas, e afastando suas pernas, escorregando para dentro da maravilhosa racha, que estava quente e molhada esperando por ele, abrindo-se para sua mão como uma flor.

A mulher ronronava com o corpo contra o dele, estática... e sua mão procurava a dureza dele e a apertava. Ele tirou os lençóis do caminho e trepou em cima dela, com as

mãos separando suas coxas... ela o guiava para dentro de seu corpo por entre suas pernas, onde um impulso, uma enfiada mágica...

Agora ele estava com ela de volta à sua antiga cela de prisão, e a beijava profundamente. Ela enlaçou os braços com firmeza ao redor de seu corpo e prendeu suas pernas firmemente nas dele, para que ficasse bem preso e não pudesse se desvencilhar nem mesmo se quisesse.

Shadow nunca beijara lábios tão macios. Não sabia que existia uma boca tão gostosa assim no mundo inteiro. A língua dela, no entanto, era áspera como uma lixa quando deslizava contra a dele.

— Quem é você? — perguntou.

Ela não respondeu, só jogou-o de costas sobre a cama e, com um pequeno movimento, sentou em cima dele e começou a montá-lo, como um cavalo. Não, não a montá-lo: a insinuar-se contra ele em uma série de movimentos de ondas macias como a seda, cada uma mais poderosa do que a anterior, golpes, ataques e ritmos que iam de encontro à mente e ao corpo dele da mesma maneira que as ondas no lago batiam nas margens. As unhas dela eram afiadas como agulhas e perfuravam sua pele, arranhando-o, mas ele não sentia dor, só prazer, tudo se transmutava por algum tipo de alquimia em momentos de prazer total.

Ele lutou para se encontrar, lutou para falar, sua mente agora era invadida por dunas de areia e ventos do deserto.

— Quem é você? — perguntou novamente, ofegando nas palavras. Ela olhou para ele com olhos da cor do âmbar, escuro, então se abaixou levando sua boca de encontro à dele e beijou-o com paixão, beijou-o tão completa e profundamente que ali, na ponte sobre o lago, em sua cela de prisão, na cama da funerária em Cairo, ele quase gozou. Aproveitou a sensação de uma pipa voando em uma tempestade, sem desejar chegar ao cume, sem explodir, querendo que aquilo nunca acabasse. Ele conseguiu controlar o desejo, mas precisava avisá-la.

— Minha mulher, a Loura, vai matar você.

— Eu, não — ela disse.

O fragmento de alguma tolice veio à tona em algum lugar na sua mente: na era medieval, dizia-se que uma mulher por cima conceberia um bispo. Era assim que chamavam: tentativa de fazer um bispo...

Ele queria saber seu nome, mas não ousava perguntar pela terceira vez. Ela empurrava seu corpo de encontro ao dele, Shadow conseguia sentir as pontas intumescidas dos mamilos dela contra seu peito, a mulher o apertava bem lá dentro dela e, desta vez, ele não conseguiu controlar nem surfar a onda... desta vez a onda o pegou, o encobriu e o fez perder o pé. Seu corpo se arqueava, entrando nela o mais fundo que conseguia imaginar, como se eles fossem, de algum modo, parte da mesma criatura, sentindo o gosto, bebendo, abraçando, querendo...

— Deixa rolar — ela falava, com sua voz rouca que parecia um rosnado felino. —

Goza em mim. Deixa rolar.

E ele gozou, em espasmos e se liquefazendo, sua própria consciência se transformando em líquido e logo sublimando lentamente de um estado ao outro.

A certa altura, no fim de tudo, ele tomou fôlego, sentindo uma corrente de ar fresco entrando até o fundo de seus pulmões, e soube que tinha prendido o fôlego durante um longo período. Três anos, pelo menos. Talvez até mais.

— Agora, descanse — beijou as pálpebras dele com seus lábios macios. — Deixa ir embora. Deixe que tudo se vá.

O sono que ele dormiu depois daquilo foi profundo, sem sonhos e reconfortante, e Shadow mergulhou fundo e o abraçou.

A luz parecia estranha. Eram, ele conferiu no relógio, 6h45 da manhã, e ainda estava escuro lá fora, apesar de o quarto estar tomado por uma semi-escuridão azulada. Shadow saiu da cama. Tinha certeza de que vestira um pijama antes de se deitar, mas agora estava nu, e o ar que vinha de encontro à sua pele era frio. Caminhou até a janela e a fechou.

Uma tempestade de neve caíra durante a noite: havia uns 15 centímetros de neve no chão, talvez mais. A parte da prefeitura que Shadow enxergava da janela, suja e em ruínas, tinha se transformado em algo limpo e diferente: aquelas casas não estavam abandonadas e esquecidas, estavam congeladas em elegância. As ruas desapareceram completamente, perderam-se sob um campo branco de neve.

Havia uma ideia que pairava nas beiradas de sua percepção. Algo a respeito de transição. Mas, aos poucos, foi se extinguindo e sumiu.

Ele conseguia enxergar tão bem como se o sol brilhasse.

No espelho, Shadow percebeu alguma coisa estranha. Chegou mais perto e observou, confuso. Todas as feridas haviam desaparecido. Tocou a lateral do próprio corpo, pressionando as pontas dos dedos com firmeza, tateando para encontrar alguma das dores profundas que lhe contavam sobre seu encontro com os senhores Stone e Wood, procurando algum dos brotos de ferida esverdeados com que Mad Sweeney o havia presenteado, mas não encontrou nada. Seu rosto estava limpo e sem marcas. As laterais do corpo e as costas (ele se contorceu para enxergá-las), no entanto, estavam arranhadas como que por marcas de garras.

Então ele não sonhara. Não completamente.

Shadow abriu as gavetas e tirou tudo que encontrou: um antigo par de jeans Levi's azul, uma camisa, um suéter azul grosso e um casaco preto de coveiro que encontrou pendurado no guarda-roupa no fundo do quarto.

Calçou seus sapatos velhos.

A casa ainda dormia. Andou silenciosamente, torcendo para que as tábuas do assoalho não ranguessem, e então estava na rua. Caminhou na neve, deixando pegadas profundas na calçada. Lá fora, o ar parecia mais leve do que dentro da casa, a neve refletia

a luz do céu.

Depois de quinze minutos de caminhada, Shadow chegou a uma ponte com uma grande placa que avisava dos limites da histórica Cairo. Um homem estava parado debaixo da ponte, alto e magro, fumando um cigarro e tremendo sem parar. Shadow achou que o conhecia.

E então, embaixo da ponte e na escuridão do inverno, aproximou-se o bastante para ver a mancha de cor púrpura ao redor do olho do homem, e disse:

— Bom dia, Mad Sweeney.

O mundo estava quieto demais. Nem os carros atrapalhavam o silêncio nevado.

— Ei, cara — disse Mad.

Ele não levantou a cabeça. O cigarro tinha sido enrolado a mão.

— Se continuar passeando embaixo de pontes, vão pensar que você é um troll. Dessa vez, Mad Sweeney olhou para cima. Shadow conseguia enxergar o branco dos olhos dele por toda a volta das íris. Parecia assustado.

— Eu estava procurando por você — disse. — Preciso da sua ajuda. Pisei na bola legal.

Ele deu um trago em seu cigarro e tirou-o da boca. O papel do cigarro ficou colado em seu lábio inferior, e então se abriu, espalhando seu conteúdo sobre a barba cor-de-gengibre e sobre a camiseta imunda. Mad Sweeney tirou a sujeira convulsivamente com suas mãos escurecidas, como se o tabaco fosse um inseto perigoso.

— Meus recursos estão mais que secos, Mad Sweeney. Mas, do que você precisa? Você quer que eu arrume um café?

Mad Sweeney sacudiu a cabeça. Pegou um saco de tabaco e papel de cigarro do bolso de sua jaqueta jeans e começou a preparar outro cigarro. Sua barba estava eriçada e sua boca tremia enquanto ele fazia isso, apesar de nenhuma palavra ser dita em voz alta. Ele lambeu o lado adesivo do papel e enrolou-o entre os dedos. O resultado não se parecia com um cigarro. Então, desabafou:

— Não sou troll nenhum. Merda. Aqueles filhos da puta são maus.

— Eu sei que você não é um troll, Sweeney — disse Shadow, com gentileza. — Como posso ajudar?

Mad Sweeney acendeu seu Zippo de latão e os primeiros centímetros de seu cigarro queimaram e então definharam em cinzas.

— Você lembra que eu mostrei como arrumar uma moeda? Lembra?

— Lembro — disse Shadow.

Ele viu a moeda de ouro no olho de sua mente, viu-a cair no caixão de Laura, viu-a brilhando no pescoço dela.

— Eu me lembro.

— Você pegou a moeda errada, cara.

Um carro se aproximou nas trevas debaixo da ponte, cegando-os com suas luzes. Reduziu a marcha quando passou por eles, então parou, e a janela abaixou.

— Tudo bem por aqui, senhores?

— Tudo certinho, obrigado, policial — disse Shadow. — Nós só saímos para um passeio matinal.

— Tudo bem, então.

O guarda não parecia acreditar que tudo estava bem. Ele esperou. Shadow colocou a mão no ombro de Mad e o conduziu para a frente, para longe da cidade e do carro de polícia. Ele ouviu o vidro da janela se fechar, mas o carro ficou onde estava.

Shadow caminhava. Mad Sweeney caminhava e às vezes tropeçava.

A polícia cruzou com eles lentamente, então fez a volta e retornou à cidade, acelerando pela rua coberta de neve.

— Agora, por que você não me conta o que está acontecendo? — disse Shadow.

— Eu fiz o que ele mandou. Eu fiz tudo, mas dei a moeda errada pra você. Não era pra ser aquela moeda. Aquela é a da realeza. Percebe? Eu nem devia ser capaz de encostar nela. Aquela é a moeda que deveria ser dada pro próprio rei dos Estados Unidos. Não pra um bastardo mijado como você ou eu. E agora me meti na maior confusão. Só me devolve a moeda, cara. Você nunca mais vai me ver, eu juro por tudo que é sagrado, é só me devolver. Juro por todos os anos que passei naquelas porras daquelas árvores.

— Quem pediu, Sweeney?

— Grimnir. O cara que você chama de Wednesday. Você sabe quem ele é? Quem e de verdade?

— Sei, acho.

Um olhar de pânico passou pelos loucos olhos azuis do irlandês.

— Não era nada de ruim. Nada que você possa... nada de ruim. Ele só me disse pra estar lá naquele bar e arrumar briga com você. Queria ver se você era durão.

— Ele disse alguma outra coisa?

Sweeney tremia e se contorcia; por um instante Shadow pensou que era o frio, mas logo lembrou que já vira aquele tipo de tremor antes. Na prisão: era o tremor de um viciado. Sweeney estava em abstinência de alguma coisa, e Shadow podia apostar que era heroína. Um leprechaun viciado? Mad Sweeney apagou a ponta acesa do cigarro, bateu a cinza no chão e guardou no bolso o resto amarelado sem fumar. Esfregou os dedos pretos de sujeira, respirou em cima deles para tentar trazer algum calor. Sua voz transformou-se em um choramingo:

— Olha, só me dá a porra da moeda, cara. Eu dou outra pra você, tão boa quanto aquela. Caralho, eu dou um carregamento inteiro delas.

Ele tirou o boné de beisebol enebado e então, com a mão direita, golpeou o ar, fazendo aparecer uma moeda grande de ouro. Deixou-a cair dentro do boné. Em seguida, pegou outra de um sopro que se transformava em vapor, e outra, pegando-as e agarrando-as do ar parado da manhã até que o boné estivesse transbordando e fosse obrigado a segurá-lo com ambas as mãos.

Ele estendeu o boné de beisebol cheio de ouro para Shadow.

— Toma. Leva. Só me devolve a moeda que eu dei pra você.

Shadow olhou para o boné, imaginando quanto valeria seu conteúdo.

— Onde vou gastar essas moedas, Mad Sweeney? — Shadow perguntou. — Existe algum lugar que converte ouro em dinheiro vivo?

Por um instante, pensou que o irlandês fosse acertá-lo, mas o instante passou e Mad Sweeney apenas ficou parado ali, segurando seu boné cheio de ouro, como Oliver Twist. E então lágrimas encheram seus olhos azuis e começaram a escorrer pelas bochechas. Ele pegou o boné, agora vazio a não ser por uma faixa retentora de suor enebada, e colocou de volta na cabeça que já havia perdido alguns cabelos.

— Você tem que me devolver. Eu não mostrei como se faz? Eu mostrei como pegar as moedas do tesouro. Mostrei onde ficava o tesouro. Só me devolve a primeira moeda. Não era minha?

— Eu não estou mais com ela.

As lágrimas de Mad Sweeney secaram, e pontos de cor apareceram em suas bochechas.

— Seu puto...

Ele começou a falar, mas as palavras lhe faltaram e sua boca abriu e fechou, sem emitir um som.

— Estou falando a verdade — jurou Shadow. — Desculpa. Se estivesse comigo, eu devolveria na hora. Mas dei pra alguém.

As mãos sujas de Sweeney fecharam-se sobre os ombros de Shadow, e os olhos azuis olharam dentro dos dele. As lágrimas deixaram traços no rosto sujo de Mad Sweeney.

— Merda — ele disse.

Shadow podia sentir cheiro de tabaco, de cerveja azeda e de suor de uísque.

— Você está falando a verdade, seu porra. Você entregou porque quis. Porra de olhos escuros, você deu pra alguém!

— Desculpa.

Shadow lembrou-se do estampido sussurrante que a moeda fez quando caiu sobre o caixão de Laura.

— Com desculpas ou não, eu estou fedido e ferrado.

Ele enxugou o nariz e os olhos na manga, deixando marcas enlameadas e estranhas no rosto.

Shadow apertou o antebraço de Sweeney em um gesto masculino desajeitado.

— Seria melhor se eu nunca tivesse sido concebido — disse Mad Sweeney, afinal.

Então, levantou a cabeça:

— O cara para quem você deu. Será que ele devolve?

— Foi uma mulher. E eu não sei onde ela está. Mas não, acho que ela não vai devolver.

Sweeney suspirou, de maneira melancólica.

— Quando eu era nada mais do que um filhotinho, conheci uma mulher sob as estrelas, que deixou eu brincar com as tetas dela, e ela leu a minha sorte. Me disse que eu ia ser arruinado e abandonado a leste do pôr-do-sol, e que a bugiganga de enfeite de uma mulher morta ia selar o meu destino. Eu ri e servi um pouco mais de vinho de cevada, brinquei com as tetas mais um pouco e beijei bem aqueles lábios lindos. Aqueles eram os bons tempos... O primeiro monge cinzento ainda não tinha chegado à nossa terra, nem tinham atravessado o mar verde pró oeste. E agora...

Ele parou, no meio da frase. Virou-se e olhou diretamente para Shadow.

— Você não devia confiar nele — disse, com reprovação na voz.

— Quem?

— Wednesday. Você não devia confiar nele.

— Eu não preciso confiar nele. Eu trabalho pra ele.

— Você se lembra de como fazer?

— O quê?

Shadow se sentia como se estivesse conversando com meia dúzia de pessoas diferentes. O leprechaun de estilo próprio pulava de uma personalidade a outra, de assunto a assunto, como se os terminais de suas células cerebrais restantes estivessem se acendendo, queimando e, então, apagando-se para sempre.

— As moedas, cara. As moedas. Eu mostrei pra você, lembra? Ele ergueu dois dedos até o rosto, olhou para eles, então tirou uma moeda de ouro da boca. Jogou a moeda para Shadow, que esticou um braço para agarrá-la, mas nenhuma moeda chegou até ele.

— Eu estava bêbado — disse Shadow. — Eu não lembro.

Sweeney tropeçava pela rua. Estava claro agora, e o mundo era branco e cinzento. Shadow o seguiu. Ele andava a passos longos e em forma de oito, como se estivesse sempre caindo, mas as pernas estavam lá para impedir a queda, a impulsioná-lo para o próximo tropeço. Quando chegaram à ponte, ele se apoiou nos tijolos com uma das mãos, virou-se e disse:

— Você tem uns trocados? Eu não preciso de muito. Só o bastante pra comprar uma passagem pra longe deste lugar. Vinte paus é suficiente. A miséria de vinte paus.

— Pra onde é que você consegue ir com uma passagem de ônibus de 20 dólares? — perguntou Shadow.

— Consigo sair daqui. Posso sair fora antes da tempestade cair. Sair fora de um mundo em que os opiáceos viraram a religião das massas. Sair fora.

Ele parou. Enxugou o nariz com as costas da mão, depois limpou a mão na manga. Shadow colocou a mão no bolso da calça, tirou uma nota de vinte e entregou para Sweeney.

— Toma.

Sweeney amassou a nota e a enfiou bem no fundo do bolso da jaqueta jeans manchada de óleo, debaixo do aplique de pano colorido que mostrava dois urubus em cima de um galho morto e, embaixo deles, as palavras: PACIÊNCIA O CARAÉHO! VOU É MATAR ALGUMA COISA! Ele assentiu com a cabeça, — Com isso eu vou conseguir chegar onde preciso ir — disse. Ele se apoiou contra a parede de tijolos, remexeu nos bolsos até achar a bituca de cigarro que tinha abandonado antes. Acendeu com cuidado, tentando não queimar os dedos nem a barba.

— Vou falar uma coisa — disse, como se não tivesse dito nada naquele dia. — Você está andando em terreno de enforcado, e tem uma corda ao redor do seu pescoço e um corvo em cada um dos seus ombros esperando pra comer seus olhos. A árvore da forca tem raízes profundas, porque se estende do céu até o inferno, e o nosso mundo é só o galho em que a corda está pendurada.

Ele parou.

— Vou descansar aqui um pouco — falou, agachando-se com as costas apoiadas contra a parede de tijolos negros.

— Boa sorte — disse Shadow.

— Caralho, estou fodido. Sei lá. Obrigado.

Shadow caminhou em direção à cidade. Eram 8h da manhã e Cairo acordava. Ele deu uma olhadela de volta à ponte e viu o rosto pálido de Sweeney, rajado de lágrimas e sujeira, observando-o enquanto se afastava.

Foi a última vez que Shadow viu Mad Sweeney vivo.

Os dias curtos de inverno que antecederam o Natal foram como instantes de luz entre as escuridões e passavam rapidamente na casa dos mortos.

Era dia 23 de dezembro, e a funerária Jacquel e Ibis abrigava o velório de Lila Goodchild. Mulheres alvoroçadas lotaram a cozinha com vasilhas, panelas, frigideiras e potes Tupperware, e a falecida repousava arrumada em seu caixão na sala da frente da funerária, com flores de estufa ao seu redor. Havia uma mesa do outro lado da sala com salada de repolho, feijão, bolinhos de milho, frango e costeletas com ervilhas. No meio da tarde, a casa estava tomada por gente que chorava e ria e apertava a mão do pastor, tudo

silenciosamente organizado e supervisionado pelos senhores Jacquel e Ibis, vestidos de maneira sóbria. O enterro seria na manhã seguinte.

Quando o telefone na entrada tocou (era de baquelita preta e tinha um disco rotativo na frente), o senhor Ibis atendeu. Então puxou Shadow para o lado.

— Era a polícia — ele disse. — Você pode ir lá recolher um corpo?

— Claro.

— Seja discreto. Toma.

Ele escreveu o endereço em um pedaço de papel, com uma caligrafia perfeita para uma placa de condecoração em cobre, então o entregou a Shadow, que o dobrou e o enfiou no bolso.

— Vai ter um carro de polícia lá — Ibis completou.

Shadow foi até os fundos e pegou o carro fúnebre. Tanto o senhor Jacquel quanto o senhor Ibis tinham explicado, individualmente, que, na verdade, o carro fúnebre deveria ser usado apenas para os enterros, e que eles tinham uma perua que usavam para recolher os corpos, mas a perua estava na oficina, já estava lá por três semanas... ele teria que tomar muito cuidado com o carro. Shadow dirigiu cuidadosamente pela rua. Os tratores limpadores de neve já haviam limpado as ruas, mas ele se sentia bem dirigindo vagarosamente. Parecia certo andar devagar em um carro fúnebre, apesar de ele mal poder se lembrar da última vez que vira um na rua. A morte tinha desaparecido das ruas dos Estados Unidos, pensou Shadow; agora acontecia em quartos de hospital e em ambulâncias. Não se deve assustar os vivos. O senhor Ibis tinha explicado que os mortos são transportados em alguns hospitais na parte de baixo de macas cobertas aparentemente vazias, os falecidos percorrem seus próprios caminhos de seu próprio jeito disfarçado.

Uma viatura azul-escura estava parada em uma rua lateral, e Shadow estacionou o carro atrás dela. Havia dois guardas dentro da viatura, bebendo café naquelas xícaras que servem de tampa para garrafas térmicas. O motor estava ligado para que a calefação funcionasse. Shadow bateu na janela lateral.

— Sim?

— Eu sou da funerária.

— Estamos esperando o legista — disse o guarda.

Shadow se perguntou se seria o mesmo policial que havia falado com ele debaixo da ponte. O guarda, que era negro, saiu do carro, deixando seu colega no assento do motorista, e conduziu Shadow até um contêiner de lixo. Mad Sweeney estava sentado na neve ao lado do lixo. Havia uma garrafa verde vazia em seu colo, uma poeira de neve e de gelo em seu rosto, em seu boné de beisebol e em seus ombros. Ele não piscava.

— Bêbado morto — disse o guarda.

— Parece que sim — concordou Shadow.

— Não toque em nada ainda. O legista deve chegar a qualquer momento. Se você

quiser saber a minha opinião, o cara bebeu até perder os sentidos e congelou o rabo.

— Ë... é o que parece.

Shadow abaixou-se e olhou a garrafa no colo do morto. Uísque irlandês Jameson: uma passagem de 20 dólares para longe deste lugar. Um Nissan pequeno parou, e um homem de meia-idade perturbado, com cabelos e bigodes cor-de-areia saiu e caminhou até eles. Tocou o pescoço do cadáver. O trabalho dele é dar um chute no cadáver, pensou Shadow, e se o morto não der outro chute nele como resposta...

— Está morto — disse o legista. — Algum documento de identificação?

— Ele é um Zé Ninguém — respondeu o guarda. O legista olhou para Shadow.

— Você trabalha pra Jacquell e Ibis?

— Trabalho.

— Fala pro Jacquell pegar a arcada dentária e as impressões digitais pra podermos fazer a identificação e pra tirarmos fotos também. Não precisamos alardear isso. Ele só precisa tirar uma amostra de sangue pra toxicologia. Entendeu tudo? Quer que eu escreva pra você?

— Não. Tudo bem. Eu consigo lembrar.

O homem fez uma expressão de mau humor por um instante, depois tirou um cartão de visitas da carteira, rabiscou algo no papel e entregou a Shadow, dizendo:

— Entregue isso pro Jacquell.

Depois, o legista disse "Feliz Natal" para todo mundo e tomou seu rumo. Os guardas ficaram com a garrafa vazia.

Shadow assinou a retirada do Zé-Ninguém e o colocou na maca. O corpo estava bem rígido, e Shadow não conseguia tirá-lo da posição em que estava. Ficou experimentando os mecanismos da maca e descobriu que dava para abaixar só uma ponta. Amarrou o Zé-Ninguém, sentado, na maca e o colocou na traseira do carro, com o rosto virado para a frente. Pelo menos ele podia fazer um passeio legal. Fechou as cortinas de trás. Então voltou para a funerária.

O carro fúnebre estava parado em um sinal vermelho quando Shadow ouviu uma voz coaxar:

— E eu espero ter um velório bacana, com o melhor de tudo, e mulheres lindas derramando lágrimas e tirando as roupas de desespero, e homens corajosos lamentando-se e contando histórias sobre mim nos bons tempos.

— Você está morto, Mad Sweeney. A gente aceita o que oferecem quando está morto.

— Ai, acho que sim — suspirou o morto, sentado no carro. O choramingo viciado desapareceu de sua voz e foi substituído por uma monotonia resignada, como se as palavras fossem transmitidas de um lugar muito, muito longe, palavras mortas transmitidas em uma frequência morta. O sinal ficou verde e Shadow pisou no acelerador

com delicadeza.

— Mas vê se pelo menos faz um velório pra mim — disse Mad. — Me arruma um lugar em uma mesa e faz um velório cheio de bebida hoje à noite. Você me matou, Shadow. Você me deve pelo menos isso.

— Eu não matei você, Mad Sweeney.

Vinte dólares, ele pensou, por uma passagem pra longe deste lugar.

— Foi a bebida e o frio que mataram você, não eu.

Não houve resposta, e o carro ficou silencioso durante o resto da viagem. Depois de estacionar nos fundos, Shadow empurrou a maca até o necrotério. Colocou o morto sobre a mesa de embalsamamento como se estivesse lidando com um pedaço de carne de vaca.

Cobriu o corpo com um lençol e o deixou lá, com a papelada ao seu lado. Quando subia as escadas do fundo, achou que ouviu uma voz, tranquila e abafada, como se fosse um rádio ligado em uma sala ao longe, que dizia:

— E o que você acha que a bebida e o frio estariam fazendo... me matando, um leprechaun de sangue puro? Não, foi você quem perdeu aquele sol de ouro, Shadow, e me deixou mortinho da silva, tão certo quanto a água é molhada e os dias são longos e um amigo que vai acabar decepcionando você.

Shadow ficou com vontade de dizer a Sweeney que aquela era uma filosofia muito amarga, mas concluiu que a morte deixava as pessoas amargas.

Ele subiu as escadas até a casa principal, onde várias mulheres de meia-idade arrumavam sanduíches em pratos de porcelana e abriam tampas de potes Tupperware cheios de batatas fritas e macarrão frio com molho de queijo.

O senhor Goodchild, marido da falecida, colocou o senhor Ibis contra uma parede e dizia como tinha certeza de que nenhum de seus filhos apareceria para mostrar respeito à mãe. Quem puxa os seus não degenera, ele falava alto para quem quisesse ouvir. Quem puxa os seus não degenera.

Naquela noite, Shadow colocou um lugar extra na mesa. Colocou um copo em cada lugar, e uma garrafa de Jameson Gold no centro da mesa. Era o uísque irlandês mais caro à venda na loja de bebidas. Depois de comerem (um enorme prato de sobras deixado pelas mulheres), Shadow serviu uma dose generosa em cada copo — no seu, no de Ibis, no de Jacquel e no de Mad Sweeney.

— E daí que ele está sentado em uma maca no porão — disse Shadow, enquanto servia —, pronto pra ir pra vala comum? Hoje à noite vamos beber em sua homenagem, e dar a ele o velório que queria.

Shadow levantou o copo em direção ao lugar vazio na mesa.

— Eu só vi Mad Sweeney vivo duas vezes. Na primeira vez, achei que ele era um operário imbecil com tudo de ruim que uma pessoa pode ter dentro de si. Na segunda, achei que era um louco de pedra e dei dinheiro pra ele se matar. Ele me mostrou um truque com moedas que eu não lembro como fazer, deixou algumas feridas em mim e

disse que era um leprechaun. Descanse em paz, Mad Sweeney.

Deu um gole na bebida, deixando que o sabor defumado evaporasse na boca. Os outros dois beberam, brindando à cadeira vazia junto com ele.

O senhor Ibis colocou a mão dentro de um bolso interno do paletó e tirou um bloquinho, que folheou até encontrar a página apropriada, e leu alto um resumo da vida de Mad Sweeney.

De acordo com o senhor Ibis, Mad começara a vida como guardião de uma pedra sagrada em uma pequena clareira irlandesa, há mais de 3 mil anos. O senhor Ibis contou sobre os casos de amor de Mad, suas inimizades, a loucura que lhe conferiu seus poderes (uma versão posterior da história ainda é contada, apesar de a natureza sagrada e a antiguidade, da maior parte da poesia, terem sido esquecidas havia muito tempo), a veneração e a adoração em seu próprio país que lentamente transmutou-se em respeito cauteloso e, finalmente, em diversão. Contou a eles a história da garota de Bantry que veio para o Novo Mundo e que trouxe sua crença em Mad Sweeney, o leprechaun, porque ela o havia visto certa noite, ao lado do laguinho, e não é que ele havia sorrido para ela e a chamado por seu próprio nome de verdade? Ela tinha se transformado em refugiada, no porão de um navio de gente que vira suas batatas se transformarem em uma massa negra no chão, que vira seus amigos e seus entes queridos morrerem de fome, que sonhara com uma terra de barriga cheia. A garota da baía de Bantry sonhava, especificamente, com uma cidade onde uma garota seria capaz de ganhar o suficiente para mandar trazer sua família para o Novo Mundo. Muitos dos irlandeses que vieram para os Estados Unidos se consideravam católicos, mesmo que não soubessem nada de catecismo, mesmo que tudo o que soubessem a respeito de religião fosse a Bean Sidhe, a banshee, que vinha esperar nos muros das casas aonde a morte chegaria em breve, e santa Bride, que havia sido a Brígida das duas irmãs (cada uma das três era uma Brígida, cada uma delas era a mesma mulher), e histórias de Finn, de Oísín, de Conan Careca — até de leprechauns, os pequeninos (e não era essa a maior piada irlandesa, porque os leprechauns eram os maiores seres folclóricos de seu tempo)...

O senhor Ibis contou tudo isso e muito mais a eles, na cozinha, naquela noite. Sua sombra na parede estava esticada e parecida com a de um pássaro, e, à medida que o uísque descia, Shadow imaginava que a sombra fosse a cabeça de um enorme pássaro aquático, com o bico longo e recurvado. Foi a certa altura do meio do segundo copo que Mad Sweeney começou a inserir pessoalmente detalhes e informações irrelevantes na narrativa de Ibis (...que garota ela era, com peitos cor-de-creme e salpicados de sardas, com os mamilos da cor rosa-avermelhada do nascer do sol que vai brilhar forte demais ao meio-dia, mas que fica excelente novamente na hora do jantar...) e então Sweeney tentava, com as duas mãos, explicar a história dos deuses na Irlanda, cada onda de deuses que chegava, vindos da Gália e da Espanha, e de todas as porras de lugares, cada onda transformando os deuses anteriores em trolls e em fadas e em todo tipo de criatura até que a própria Igreja Mãe Abençoada chegou e todos os deuses da Irlanda foram transformados em fadas ou em santos ou em um rei morto sem pedir licença...

O senhor Ibis limpou seus óculos de aros dourados e explicou — enunciando as palavras ainda com mais clareza e precisão do que normalmente fazia, de modo que

Shadow pôde perceber que ele estava bêbado (suas palavras e o suor que formava gotas em sua testa, naquela casa gelada, eram os únicos indícios) —, com o indicador levantado, que ele era um artista e que suas histórias não deveriam ser vistas como reconstruções literais, mas sim como recriações imaginativas, mais verdadeiras do que a verdade, e Mad Sweeney disse:

— Eu vou mostrar pra você uma recriação imaginativa, com o meu punho, recriando a porra da sua cara, pra começar.

E o senhor Jacquel mostrou os dentes e rosnou para Sweeney, o rosnado de um cachorro enorme que não está procurando briga, mas que sempre pode terminar rasgando sua garganta, e Sweeney entendeu o recado, sentou-se e serviu-se de mais um copo de uísque.

— Você se lembrou de como fazer aquele meu truquezinho com moeda? — perguntou a Shadow com um sorriso.

— Não me lembrei.

— Se você conseguir adivinhar como eu fiz — disse Mad Sweeney, com os lábios arroxeados, os olhos azuis vidrados —, eu falo quando você chegar perto.

— Não é um truque de esconder moeda, é?

— Não.

— É algum tipo de engenhoca? Alguma coisa escondida na sua manga ou em algum outro lugar que atira as moedas pra você pegar?

— Não é isso também. Alguém aí quer mais uísque?

— Eu li em um livro sobre como fazer as moedas aparecerem cobrindo a palma da mão com látex, fazendo uma bolsa da cor da pele para esconder as moedas dentro.

— Este é um velório triste pro Grande Sweeney, que voou como um pássaro sobre toda a Irlanda e comeu agrião em sua loucura: estar morto e não ser velado por ninguém além de um pássaro, um cachorro e um idiota. Não, não é uma bolsa.

— Bom, eu não tenho mais nenhuma ideia — disse Shadow. Acho que você tira as moedas do nada.

Era para ser sarcasmo, mas foi então que ele viu a expressão no rosto de Sweeney.

— É isso que você faz... tira as moedas do nada.

— Bom, não exatamente do nada — disse Mad. — Mas você está começando a entender. Eu pego do tesouro.

— Do tesouro — disse Shadow, começando a se lembrar. — Sei.

— Você só precisa se concentrar e pronto, é sua. Pode pegar. É o tesouro do sol. Aparece naqueles momentos em que o mundo faz um arco-íris. Aparece no momento do eclipse e no momento da tempestade.

E mostrou a Shadow como fazer.

Dessa vez, Shadow aprendeu.

A cabeça de Shadow doía e latejava, sua língua parecia grudenta e tinha gosto de veneno para inseto. Ele apertou os olhos ao brilho da luz do dia. Havia caído no sono com a cabeça em cima da mesa da cozinha. Estava totalmente vestido, apesar de ter tirado a gravata preta a certa altura.

Ele desceu ao andar debaixo, até o necrotério, e sentiu-se aliviado, porém não surpreso, ao constatar que o Zé-Ninguém ainda estava na mesa de embalsamento. Shadow retirou furtivamente a garrafa de Jameson Gold dos dedos enrijecidos pelo rigor-mortis do cadáver e a jogou no lixo. Ouvia acima dele alguém andando de um lado para o outro da casa.

O senhor Wednesday estava sentado à mesa da cozinha quando Shadow subiu. Ele comia um resto de salada de batatas de um potinho Tuppérware com uma colher de plástico. Usava um terno cinza-escuro, uma camisa branca, e uma gravata muito cinzenta: o sol da manhã reluzia no alfinete de gravata em forma de árvore. Sorriu para Shadow quando o viu.

— Ah, Shadow, meu garoto, que bom ver que você está de pé. Pensei que você fosse dormir pra sempre.

— Mad Sweeney morreu.

— Ouvi dizer. Que pena. Claro que, no fim, vai acontecer com todos nós. Ele puxou uma corda imaginária, mais ou menos na altura da orelha, e deixou o pescoço cair para um lado, com a língua para fora, os olhos esbugalhados. Por mais que a cena tenha sido breve, foi perturbadora. Então ele largou a corda e mostrou seu sorriso familiar.

— Quer um pouco de salada de batata?

— Acho que não.

Shadow percorreu a cozinha e o corredor com o olhar:

— Você sabe onde Ibis e Jacquell estão?

— Sei. Estão enterrando a senhora Eila Goodchild... e acho que teriam apreciado muito se você estivesse ajudando, mas eu pedi a eles que não o acordassem. Temos uma longa viagem pela frente.

— Nós vamos embora?

— Em menos de uma hora.

— Eu deveria me despedir.

— As despedidas são valorizadas demais. Você vai se encontrar com eles de novo antes desse negócio terminar, não tenho dúvida.

Pela primeira vez desde aquela primeira noite, Shadow reparou, a gatinha parda estava enrolada em sua cesta. Ela abriu seus olhos cor-de-âmbar desinteressados e o observou enquanto se afastava.

Ele deixou a casa dos mortos. O gelo cobria os arbustos e as árvores escurecidas pelo inverno como se tivessem sido isoladas, transformadas em sonhos. O chão estava escorregadio.

Wednesday foi na frente até o Chevy de Shadow, estacionado na rua. Fora lavado recentemente, e as placas de Wisconsin haviam sido substituídas por placas de Minnesota. A bagagem de Wednesday já estava empilhada no banco de trás. Ele abriu o carro com chaves que eram cópias das que Shadow carregava em seu próprio bolso.

— Eu dirijo — disse Wednesday — Vai demorar pelo menos uma hora até você prestar pra alguma coisa.

Rumaram em direção ao norte, com o Mississippi à sua esquerda, um rio largo e prateado sob um céu cinzento. Shadow viu, empoleirado em uma árvore cinzenta e sem folhas ao lado da estrada, um enorme falcão pardo e branco, que olhou diretamente para eles com olhos enlouquecidos quando se aproximaram, então abriu as asas e levantou vôo em círculos lentos e poderosos.

Shadow percebeu que a temporada na casa dos mortos tinha sido apenas um adiamento temporário, e que já começava a se parecer com algo que aconteceu com alguma outra pessoa, muito tempo atrás.

PARTE DOIS

AINSEL, EU MESMO

CAPÍTULO NOVE

Not to mention mythie creatures in the rubble... [101](#)

— Wendy Cope, "A Policeman's Lot"

Quando eles saíram do Estado de Illinois, bem tarde naquela noite, Shadow fez a Wednesday sua primeira pergunta. Ele viu a placa de BEM-VINDO AO WISCONSIN e disse:

— Então, quem eram aqueles caras que me pegaram no estacionamento? O senhor Wood e o senhor Stone?

Os faróis do carro iluminavam a paisagem invernal. Wednesday avisou que eles não pegariam auto-estradas porque não sabia para onde as auto-estradas levavam, por isso iam rodar pelas estradinhas locais. Shadow não se importou. Ele nem tinha certeza se Wednesday era louco.

Wednesday deu um grunhido.

— Só uns agentes. Membros da oposição. Gente ruim.

— Eles acham que são gente boa.

— Claro que sim. Nunca aconteceu uma guerra entre dois lados que não se achavam corretos. As pessoas perigosas fazem o que querem somente e apenas porque acham que é o certo, sem sombra de dúvida. E é isso que as torna perigosas.

— E você? — perguntou Shadow. — Por que você faz o que faz?

— Porque eu quero fazer — disse Wednesday. Então, sorriu:

— Então está tudo certo. Shadow disse:

— Como foi que vocês conseguiram escapar? Todos escaparam?

— Todos, apesar de ter sido por pouco. Se não tivessem parado pra pegar vocês, poderiam ter pegado um monte de nós. Serviu pra convencer algumas pessoas que estavam em cima do muro de que eu talvez não estivesse completamente louco.

— Mas como foi que escaparam? Wednesday sacudiu a cabeça.

— Eu não pago você pra fazer perguntas — ele disse. — Já falei isso antes.

Shadow deu de ombros.

Passaram a noite no Motel Super 8, ao sul de La Crosse.

O dia de Natal foi passado na estrada, seguindo em direção ao nordeste. As fazendas se transformaram em uma floresta de pinheiros. As cidadezinhas pareciam estar cada vez mais distantes umas das outras.

O almoço de Natal foi no fim da tarde, em um restaurante caseiro que se parecia com um salão, na parte centro-norte do Wisconsin. Shadow brincava sem interesse algum com os pedaços de peru ressecado, com os caroços vermelhos de molho de amoras que mais parecia uma geléia, com as batatas assadas duras como pau e com as ervilhas verdes enlatadas. Considerando-se a maneira como Wednesday atacava o prato e como estalava os lábios, parecia apreciar a comida. À medida que a refeição progredia, ele ficava cada vez mais positivamente expansivo — conversava, fazia piada e, quando se aproximavam, flertava com a garçonete, uma loura alta e magra que mal parecia velha o suficiente para ter largado o colegial.

— Com licença, querida, será que eu podia incomodá-la pedindo mais uma xícara daquele chocolate quente delicioso? E acredito que você não vai me achar muito abusado se eu disser como esse seu vestido é encantador e está na moda. Festivo e, ainda assim, elegante.

A garçonete, que usava uma saia vermelha e verde de tons bem fortes, bordada com enfeites brilhantes prateados, deu risadas, corou, sorriu alegremente e saiu para buscar o chocolate quente.

— Encantador — disse Wednesday, pensativo, observando-a enquanto ela se afastava. — Na moda.

Shadow acha que ele não estava falando do vestido. Wednesday enfiou a última fatia de peru na boca, limpou a barba com o guardanapo e empurrou o prato para a frente.

— Aaah. Muito bem.

Ele olhou em volta, para o restaurante caseiro. Uma fita de canções de Natal tocava no fundo: o garotinho do tambor não tinha nenhum presente para trazer, parupapom-pom, rapapom pom, rapap-pom pom.

— Algumas coisas devem mudar — disse Wednesday, abruptamente. — As pessoas, no entanto... as pessoas continuam sempre as mesmas. Alguns golpes duram pra sempre, outros logo são engolidos pelo tempo ou pelo mundo. Meu golpe preferido já não é mais possível. Ainda assim, surpreendentemente, muitos golpes são eternos: estelionato, fingir que achou uma carteira cheia de dinheiro ou uma jóia na rua, o golpe do violinista...

— Nunca ouvi falar desse golpe — disse Shadow. — Acho que conheço os outros. Meu antigo companheiro de cela aplicava golpes. Ele era golpista.

— Ah — disse Wednesday, e o olho esquerdo brilhou. — O jogo do violonista era um logro ótimo e maravilhoso. Na sua forma mais pura é um golpe pra dois homens. Trabalha no campo da estupidez e da ganância, como todos os grandes golpes. Sempre dá pra enganar um homem honesto, mas dá mais trabalho. Então. A gente está em um hotel, numa pousada ou num bom restaurante e, jantando lá, vemos um homem... pobre, mas um

pobre requintado, não alguém da ralé, mas que certamente anda sem sorte. Vamos chamá-lo de Abraham. E, quando chega a hora de pagar a conta... não é uma conta muito alta, veja bem, 50, 75 dólares... uma vergonha! Cadê a carteira? Deus do céu, deve ter ficado na casa de um amigo, não muito longe dali. Ele deve ir buscar sua carteira imediatamente! Abraham diz para o maitre que aceite o velho violino como depósito. É bem velho, mas é assim que ele ganha a vida.

O sorriso de Wednesday ficou grande e predatório quando viu a garçonete se aproximar.

— Ah, o chocolate quente! Trazido pelo meu anjo natalino! Diga-me, querida, será que você poderia trazer mais um pouco desse pão maravilhoso quando tiver um tempinho?

A garçonete — quantos anos será que ela tinha, Shadow imaginou, 16, 17? — olhou para o chão e suas bochechas coraram forte. Colocou o chocolate sobre a mesa com as mãos tremendo e voltou para a ponta do salão, perto da vitrina rotativa de tortas, onde parou e olhou para Wednesday. Então, esgueirou-se para dentro da cozinha para pegar o pão.

— Então. O violino... velho, inquestionavelmente, talvez um pouco surrado... é deixado com seu estojo, e Abraham, temporariamente sem recursos, sai pra buscar sua carteira. Mas um senhor bem vestido, que tinha acabado seu jantar, observara a negociação, e então se aproxima do maitre: será que ele, por acaso, poderia inspecionar o violino que o honesto Abraham deixou pra trás? Claro que pode. Nosso anfitrião entrega o estojo, e o homem bem vestido... vamos chamá-lo de Barrington... abre a boca, então percebe o que fez e a fecha, examina o violino com reverência, como um homem que recebeu permissão pra entrar em um santuário e examinar os ossos de um profeta. "Meu Deus!", ele diz. "Isso é... tem que ser... não, não pode ser... mas é, é mesmo... Meu Deus do céu! Isso é inacreditável.", e aponta pra marca do fabricante, em uma tira de papel amarelado dentro do violino... de qualquer jeito, ele diz, mesmo sem aquilo, ele saberia pela cor do verniz, pela voluta, pelo formato. Então Barrington coloca a mão no bolso e retira um cartão de visita em relevo, proclamando-o um comerciante proeminente de instrumentos musicais antigos. "Então este violino é raro?", pergunta o maitre. "De fato", diz Barrington, ainda admirando a peça com assombro, "e pode valer até 100 mil dólares, a não ser que eu esteja errado. Mesmo como negociante dessas coisas eu pagaria Cinquenta... não, 75 mil dólares, em dinheiro vivo, por uma peça tão extraordinária. Eu tenho um comprador na Costa Oeste que o compraria amanhã, sem olhar, com um telegrama, e pagaria o que eu pedisse por ele". Ele consulta o relógio e seu rosto adquire uma expressão de desânimo. "Meu trem... Eu mal tenho tempo de pegar o trem! Meu bom homem, quando o dono deste inestimável instrumento retornar, por favor dê-lhe meu cartão, porque, ai de mim, preciso ir embora". E, dizendo isso, Barrington vai embora, um homem que sabe que o tempo e o trem não esperam ninguém. O maitre examina o violino, a curiosidade misturando-se com a estupidez em suas veias, e um plano começa a emergir em sua mente. Mas os minutos passam, e Abraham não volta. Já é tarde, e o pobre, mas orgulhoso Abraham, atravessa a porta e traz em suas mãos uma carteira que já viu dias melhores, uma carteira que nunca carregou mais do que 100 dólares em seu melhor dia, e dali tira o dinheiro pra pagar sua refeição ou sua estadia, e pede que seu violino seja devolvido. O maitre coloca o violino em seu estojo sobre o balcão, e Abraham o pega

como uma mulher ninando o filho. "Diga-me", diz o anfitrião (com o cartão de visita em relevo do homem que pagaria 50 mil dólares, um bom dinheirinho à vista, queimando no bolso interno do paletó), "quanto vale um violino desses? Porque a minha sobrinha tem vontade de aprender a tocar violino, e o aniversário dela é daqui a uma semana." "Vender este violino?", diz Abraham. "Eu nunca poderia vendê-lo. Eu o tenho há vinte anos... já toquei com ele em todos os Estados da União. E, pra falar a verdade, custou quinhentos dólares quando eu comprei, há um tempão." O maitre mantém o sorriso afastado do rosto. "Quinhentos dólares? E se eu oferecesse mil dólares por ele, aqui e agora?" O violinista parece deleitado e, logo, deprimido. E diz: "Mas, senhor, eu sou violinista, é a única coisa que eu sei fazer. Esse violino me conhece e me ama, e meus dedos o conhecem tão bem que eu poderia tocar uma canção no escuro. Onde é que eu vou encontrar outro que tenha um som tão bom? Mil dólares é bastante dinheiro, mas este é o meu ganha-pão. Nem por mil nem por 5 mil dólares". O anfitrião vê seu lucro encolher, mas isso é um negócio, e é preciso gastar dinheiro pra ganhar dinheiro. "Oito mil dólares", ele diz. "Não vale tudo isso, mas eu gostei dele, e eu amo e mimo a minha sobrinha." Abraham quase vai às lágrimas quando pensa em perder seu amado violino, mas como é que ele pode dizer não a 8 mil dólares, especialmente tendo em vista que o maitre vai até o cofre na parede e retira não oito, mas nove mil dólares, todos organizadamente arranjados em montes de mil, prontinhos pra serem depositados no bolso surrado do violinista. "Você é um bom homem", ele diz ao maitre. "Você é um santo! Mas você precisa jurar que vai tomar conta do meu menino!" e, com relutância, entrega o violino.

— Mas e se o maitre simplesmente entregar o cartão de Barrington e dissera Abraham c[ue ele deu sorte? — pergunta Shadow.

— Então vamos ter que arcar com o custo de dois jantares — disse Wednesday. Ele limpou o molho e as sobras em seu prato com um pedaço de pão, que comeu com o prazer, estalando os lábios.

— Deixa eu ver se entendi... — disse Shadow. — O Abraham sai, 9 mil dólares mais rico, e, no estacionamento perto da estação de trem, ele e o Barrington se encontram. Eles dividem o dinheiro, entram no Ford Model A de Barrington e se dirigem pra próxima cidade. Aposto que, no porta-malas do carro eles têm uma caixa cheia de violinos de 100 dólares.

— Eu pessoalmente estabeleci a regra de nunca pagar mais de cinco dólares por nenhum deles — disse Wednesday.

Então, voltou-se para a garçonete, hesitante:

— Agora, querida, regale-nos com a descrição das sobremesas suntuosas que você tem pra nós hoje, Natal do nosso Senhor.

Ele olhava diretamente para ela — era quase um olhar de segundas intenções —, como se nada que ela pudesse oferecer fosse mais apetitoso do que ela mesma. Shadow sentiu-se profundamente desconfortável: era como assistir a um lobo velho atacando um cervo novo demais para saber que, se não corresse, e se não corresse agora, terminaria em uma clareira distante com os ossos descarnados pelos corvos.

A garota corou mais uma vez e disse que a sobremesa era torta de maçã à la mode

— "Quer dizer, com uma bola de sorvete de baunilha" —, ou um pudim vermelho e verde batido. Wednesday olhou-a bem nos olhos e disse que experimentaria a torta de Natal à la mode. Shadow recusou.

— Agora, como todos os golpes — disse Wednesday —, o do violino remonta a trezentos anos ou mais. E se você escolher seus frangos direitinho, ainda dá pra aplicar o golpe em qualquer lugar dos Estados Unidos amanhã.

— Eu pensei que você tinha dito que o seu golpe preferido não era mais possível — disse Shadow.

— Disse mesmo. No entanto, esse não é o meu preferido. Não. O meu preferido era um que chamavam de golpe do bispo. Tinha tudo: provocação, subterfúgio, mobilidade, surpresa. Bom, talvez com algumas modificações, poderia...

Pensou por um instante, então sacudiu a cabeça:

— Não. O tempo dele passou. Se fosse, digamos, 1920, em uma cidade de tamanho médio a grande... Chicago, talvez, ou Nova York, ou Filadélfia. Estamos em um empório de jóias. Um homem vestido como sacerdote... e não qualquer sacerdote, mas um bispo, vestido de roxo... entra e escolhe um colar, um trabalho glorioso e maravilhoso em diamantes e pérolas, e paga com uma dúzia de notas de 100 dólares das mais novinhas que você já viu. Tem uma mancha verde na primeira nota da pilha e o dono da loja, pedindo desculpas mas com firmeza, manda a pilha de notas pró banco da esquina pra ser conferida. Logo, o balconista da loja volta com as notas. O banco diz que nenhuma delas é falsa. O dono pede desculpas mais uma vez e o bispo é muito compreensivo, entende bem o problema. Existem tantos tipos fora-da-lei e maldosos no mundo hoje em dia, tanta imoralidade e grosseria no mundo lá fora... e mulheres sem-vergonha. Agora que o submundo conseguiu sair da sarjeta e veio morar na tela dos palácios das fotos, o que mais era de se esperar? E o colar é colocado em seu estojo, e o dono da loja dá o melhor de si pra não imaginar por que um bispo da Igreja compraria um colar de diamantes de 1.200 dólares, nem por que o estaria pagando em dinheiro vivo. O bispo acena a ele um adeus de coração, sai pra rua e, na mesma hora, uma mão pesada repousa em seu ombro. "Então, Soapy, você continua aplicando seus golpes, é?" e um guarda enorme com um rosto irlandês bem honesto leva o bispo de volta à joalheria. "Com sua licença, será que este homem acabou de comprar alguma coisa daqui?", pergunta o guarda. "Claro que não", diz o bispo. "Diga a ele que não comprei." "De fato, ele comprou", responde o joalheiro. "Comprou um colar de pérolas e diamantes... pagou em dinheiro também." "O senhor teria as notas pra que eu examine, senhor?", pergunta o guarda. O joalheiro então tira as doze notas de cem dólares da caixa registradora e as entrega ao guarda, que as segura contra a luz e sacode a cabeça em desgosto. "Ah, Soapy, Soapy", ele diz, "Essas são as melhores que você já fez! Você é um artesão, é mesmo!" Um sorriso de satisfação pessoal espalha-se pelo rosto do bispo. "Você não pode provar nada", diz o bispo. "E o banco disse que eram verdadeiras. É a coisa verde de verdade." "Tenho certeza de que falaram que são", concorda o guarda na mesma hora, "mas eu duvido que o banco tenha sido avisado sobre o fato de Soapy Sylvester estar na cidade, nem sobre a qualidade das notas de cem dólares que ele tem passado em Denver e em St. Louis". E, dizendo isso, enfia a mão no bolso do bispo e tira o colar. "Mil e duzentos dólares em diamantes e pérolas em troca de papel e

tinta no valor de Cinquenta centavos", diz o policial, que obviamente, no fundo, é um filósofo. "E se passando por um homem da Igreja. Você deveria se envergonhar", diz, ao mesmo tempo em que fecha as algemas em volta dos pulsos do bispo, que obviamente não é bispo nenhum, e o leva embora, mas não sem antes entregar ao joalheiro um recibo pelo colar e pelos 1.200 dólares falsificados. São provas, apesar de tudo.

— Eram falsificadas de verdade? — perguntou Shadow.

— Claro que não! Notas fresquinhas do banco, só com uma impressão digital e uma mancha de tinta verde em algumas delas para parecerem um pouco mais interessantes.

Shadow deu um gole no café. Era pior do que o café da prisão.

— Então, obviamente, o guarda não era guarda coisa nenhuma. E o colar?

— Prova — disse Wednesday.

Ele desatarraxou a tampa do saleiro, colocou um montinho de sal sobre a mesa.

— Mas o joalheiro fica com um recibo e a garantia de que vai receber o colar de volta assim que Soapy for julgado. Ele recebe cumprimentos por ser um bom cidadão e observa com orgulho, já pensando na história que vai ter que contar no próximo encontro do clube, amanhã à noite, enquanto o policial conduz o homem que se finge de bispo pra fora da loja, com 1.200 dólares em um bolso e um colar de diamantes no valor de 1.200 dólares no outro, s. caminho de uma delegacia de polícia que nunca vai ouvir falar de nenhum deles.

A garçonete havia voltado para limpar a mesa.

— Diga-me, querida... Você é casada? Ela sacudiu a cabeça.

— É impressionante que uma jovem com tanta graça ainda não esteja comprometida.

Ele mergulhava a unha no sal derramado, desenhando formas sólidas e quadradas que se pareciam com runas. A garçonete ficou parada passivamente ao lado dele, fazendo Shadow pensar menos em um cervo e mais em um coelhinho pego pelos faróis de um caminhão de dezoito rodas, congelado de medo e de indecisão.

Wednesday abaixou a voz, tanto que Shadow, que estava do outro lado da mesa, mal pôde ouvi-lo.

— A que horas você sai do serviço?

— Às 9h — ela disse, engolindo em seco. — Às 9h30, no máximo.

— E qual é o melhor hotel por aqui?

— Tem o Motel 6 — ela disse. — Não é muito bom.

Wednesday tocou as costas da mão dela, rapidamente, com as pontas dos dedos, deixando grãos de sal sobre sua mão. Ela não fez nenhuma tentativa de limpar a sujeira.

— Pra nós vai ser um palácio de prazer — ele disse, sua voz transformada em um ruído quase inaudível.

À garçonete olhou para ele. Mordeu os lábios finos, hesitou, então assentiu com a cabeça e fugiu para dentro da cozinha.

— Por favor — disse Shadow. — Sair com ela é quase ilegal.

— Eu nunca me preocupei demais com a legalidade. E eu preciso dela, não pro objetivo em si, mas pra me acordar um pouco. Até o rei Davi sabia que só tinha uma receita fácil pra fazer o sangue quente correr através de uma carcaça velha: pegue uma virgem e me acorde de manhã.

Shadow perguntava a si mesmo se a garota da noite no hotel de Eagle Point era virgem.

— Você nunca se preocupa com doenças? E se ela engravidar? E se tiver um irmão mais velho?

— Não... Não me preocupo com doenças. Eu não pego nada. Infelizmente, na maior parte das vezes, gente como eu ejacula em branco, então não tem muito cruzamento de raças. Acontecia no passado. Hoje em dia é possível, mas tão improvável que é quase inimaginável. Então também não me preocupo. Noventa e nove por cento da vezes, eu já saí da cidade.

— Então, vamos passar a noite aqui? Wednesday coçou o queixo.

— Eu devo ficar no Motel 6 — disse.

Então colocou a mão no bolso e tirou uma chave de porta, cor-de-bronze, com uma etiqueta de papel com um endereço datilografado: Rua Nortfindge, 502, apto. 3.

— Você, por outro lado, tem um apartamento em uma cidade bem longe daqui.

Wednesday fechou os olhos cinzentos e brilhantes por um instante. Então os abriu, desconjuntados, por uma fração de segundo e disse:

— O ônibus Greyhound vai passar por aqui em vinte minutos. Pára no posto de gasolina. Aqui está sua passagem.

Ele tirou do bolso uma passagem de ônibus dobrada, passou-a por cima da mesa. Shadow pegou o papel e olhou.

— Quem é Mike Ainsel?

Era o nome impresso na passagem.

— É você. Feliz Natal.

— E onde fica Lakeside?

— Será seu novo lar nos próximos meses. E, agora, porque as coisas boas vem de três em Ires...

Ele tirou um pacote pequeno do bolso, embrulhado para presente, e o fez deslizar ate o outro lado da mesa. O pacote parou ao lado da garrafa de ketchup com borras pretas do molho na ponta. Shadow não fez nenhum movimento de pegá-lo.

— Então?

Com relutância, Shadow rasgou o papel de embrulho vermelho para descobrir uma carteira bege de couro de cervo, brilhante de tanto uso. Obviamente era a carteira de alguém. Dentro havia uma carta de motorista com a fotografia de Shadow, em nome de Michael Ainsel, com um endereço em Milwaukee, um Mastercard para M. Ainsel e vinte notas novinhas de 50 dólares. Shadow fechou a carteira e guardou em um bolso interno.

— Obrigado.

— Pense nisso como um bônus de Natal. Agora, deixa eu acompanhar você até o Greyhound. Vou acenar pra você quando rumar pró norte no cão cinzento.

Saíram do restaurante. Shadow pensou como havia esfriado nas últimas horas. Agora estava frio demais para nevar. Agressivamente frio. Este era um inverno bem forte.

— Ei. Wednesday. Os dois golpes que você me explicou... o do violino e aquele do bispo e do guarda...

Ele hesitou tentando formatar sua ideia, colocá-la em foco.

— O que é que tem? Então, conseguiu.

— Os dois são golpes pra dois homens. Um cara de cada lado. Você costumava ter um parceiro?

A respiração de Shadow formava nuvens. Ele prometeu a si mesmo que, quando chegasse em Lakeside, gastaria um pouco do bônus de Natal no casaco de inverno mais quente e mais grosso que o dinheiro pudesse comprar.

— Costumava — disse Wednesday. — É. Eu tinha um parceiro. Um parceiro-mirim. Mas, ai de mim, esse tempo já se foi. Aqui está o posto de gasolina, e ali, a não ser que os meus olhos me enganem, está o ônibus.

O veículo já sinalizava que iria virar e entrar no estacionamento.

— Seu endereço está na chave. Se alguém perguntar, eu sou seu tio, e devo me regozijar sob o nome improvável de Emerson Borson. Acomode-se em Lakeside, sobrinho Ainsel. Eu me juntarei a você durante a semana. Vamos viajar juntos pra ver as pessoas que eu preciso visitar. Enquanto isso, ande de cabeça baixa e fique longe de confusão.

— Meu carro...? — disse Shadow.

— Eu cuido bem dele. Divirta-se em Lakeside. Ele esticou a mão, e Shadow a apertou. A mão de Wednesday estava mais fria do q^{ue} a de um cadáver.

— Jesus. Você está frio.

— Então, quanto mais rápido eu estiver comendo a gostosinha do restaurante em um quartinho do Motel é melhor.

Ele esticou a outra mão e apertou o ombro de Shadow. Shadow experimentou um momento vertiginoso de visão dupla: viu o homem grisalho à sua frente, apertando seu ombro, mas viu algo mais: tantos invernos, centenas e centenas de invernos, e um homem

cinzento usando um chapéu de abas largas, andando de povoamento em povoamento, apoiando-se em seu cajado, olhando através de janelas para o fogo na lareira e para uma alegria e uma vida quente que ele nunca seria capaz de tocar, nem mesmo seria capaz de sentir...

— Vai — disse Wednesday, sua voz transformada em um murmúrio tranquilizador. — Está tudo bem e tudo vai ficar bem.

Shadow mostrou sua passagem para a motorista.

— Que dia maldito pra viajar — ela disse.

E então concluiu, com um certo sorriso de satisfação:

— Feliz Natal.

O ônibus estava quase vazio.

— A que horas chegaremos a Lakeside?

— Em duas horas. Talvez um pouco mais — respondeu a motorista. — Disseram que uma frente fria vem por aí.

Ela apertou um botão e as portas se fecharam com um assobio e uma pancada.

Shadow andou até o meio do ônibus, reclinou o assento da poltrona até onde dava e começou a pensar. O movimento do ônibus, combinado ao calor ali dentro, começaram a embalar-lo e, antes de perceber que estava ficando sonolento, já dormia.

Na terra, e embaixo da terra. As marcas na parede eram vermelhas como barro molhado: marcas de mãos, de dedos e, aqui e ali, representações cruas de animais, de pessoas e de aves.

O fogo ainda queimava e o homem-búfalo ainda estava sentado do outro lado do fogo, olhando para Shadow com olhos enormes, olhos como piscinas de lama escura. Seus lábios, rodeados de pelos castanhos e embaraçados, não se moviam, mas sua voz dizia:

— E então, Shadow? Agora você acredita?

— Não sei.

A boca dele também não tinha se movido. Qualquer palavra que passava entre os dois não era proferida, não da maneira como Shadow entendia o discurso.

— Você é de verdade?

— Acredite — disse o homem-búfalo.

— Você é... — Shadow hesitou, e então perguntou: — Você também é um deus? O homem-búfalo esticou uma das mãos para dentro das chamas do fogo e retirou um ferrete em brasa. Segurou o ferrete pelo meio. Chamas azuis e amarelas lambiam sua mão vermelha, mas ela não se queimava.

— Esta não é uma terra de deuses.

Não era mais o homem-búfalo que estava falando, Shadow sabia, em seu sonho: era

o fogo, era o próprio crepitar e queimar da chama que falava com Shadow no lugar escuro embaixo da terra.

— Esta terra foi trazida das profundezas do oceano por um mergulhador. Foi fiada a partir de sua própria substância por uma aranha. Foi cagada por um corvo. É o corpo de um pai caído, cujos ossos são montanhas, cujos olhos são lagos.

— Esta é uma terra de sonhos e de fogo — disse a chama. O homem-búfalo colocou o ferrete de volta no fogo.

— Por que você está me falando essas coisas? — perguntou Shadow. — Eu não sou importante. Não sou nada. Eu era um professor de ginástica, um golpista de ocasião bem ruim e um marido não tão bom quanto eu pensava que fosse...

Sua voz desapareceu.

— O que preciso fazer pra ajudar a Laura? — ele perguntou para o homem-búfalo. — Ela quer viver de novo. Eu disse que iria ajudar. Devo isso a ela.

O homem-búfalo não disse nada. Apontou para o teto da caverna. Os olhos de Shadow seguiram o gesto. Havia uma luz rala de inverno entrando por uma abertura minúscula bem lá no alto.

— Lá em cima? — perguntou Shadow, torcendo para que alguma de suas perguntas tivesse resposta. — Devo subir lá?

O sonho então o levou, a ideia se transformando na própria ação, e Shadow estava esmagado na pedra e na terra. Era como um texugo escalando a terra, como uma marmota tirando a terra do caminho, como um urso, mas a terra era muito densa, muito dura, e ele arfava para respirar. E logo não conseguia mais ir em frente, não conseguia mais cavar nem escalar, e foi então que soube que iria morrer em algum canto daquele lugar profundo embaixo do mundo.

Sua própria força não era suficiente. Suas tentativas ficavam cada vez mais fracas. Ele sabia que, apesar de seu corpo estar dentro de um ônibus quente que passava pelo meio de bosques gelados, se ele parasse de respirar ali, embaixo do mundo, pararia de respirar lá também... agora sua respiração era um resfolegar fraco.

Ele lutava e impulsionava o corpo, cada vez mais fracamente, gastando ar precioso em cada movimento. Estava preso em uma armadilha: não podia ir em frente e não podia voltar pelo caminho que havia percorrido.

— É hora de negociar — disse uma voz em sua mente.

— O que é que eu tenho pra negociar? — Shadow perguntou. — Não tenho nada.

Agora ele sentia o gosto do barro, denso e enlameado em sua boca.

— A não ser eu mesmo. Eu tenho a mim, não lenho? Parecia que tudo segurava a respiração.

— Eu me ofereço — ele disse.

A resposta foi imediata. As pedras e a terra que haviam circundado Shadow

começaram a espremê-lo, apertaram tanto que a última grama de ar nos seus pulmões foi espremida para fora. A pressão se transformou em dor, empurrando-o por todos os lados. Ele chegou ao ápice da dor e aguentou firme. Sabia que não conseguiria mais aguentar aquele movimento, e então o espasmo relaxou e ele conseguiu respirar novamente. A luz vinda de cima aumentou.

Ele estava sendo empurrado para a superfície.

Quando o próximo espasmo da terra chegou, Shadow tentou acompanhá-lo. Desta vez sentiu que estava sendo empurrado para cima.

A dor, naquela última contração horrível, era impossível de se acreditar... à medida que era esmagado, espremido e empurrado através de uma falha na pedra que não cedia, seus ossos se esmigalhavam, sua carne se transformava em algo sem forma. Quando sua boca e sua cabeça despedaçada saíram do buraco, ele começou a gritar, de medo e de dor.

Imaginou, enquanto gritava, se lá no mundo real ele também gritava — durante o sono no ônibus escuro.

E, quando o último espasmo terminou, Shadow estava no chão, com os dedos agarrados à terra vermelha.

Ajeitou-se, sentou, tirou a terra do rosto com a mão e olhou para cima, para o céu. Era um crepúsculo duradouro e purpúreo, e as estrelas estavam saindo, uma por uma, tão mais brilhantes e mais vívidas do que qualquer estrela que ele já havia visto ou imaginado.

— Logo — disse a voz crepitante da chama, vinda detrás dele —, eles cairão e o povo das estrelas vai se encontrar com o povo da terra. Haverá heróis entre eles e homens que continuarão sendo monstros e que trarão conhecimento, mas nenhum deles será um deus. Este é um lugar ruim pra deuses.

Uma corrente de ar, chocante por sua frieza, tocou seu rosto. Era como ser mergulhado em água gelada. Ele conseguia ouvir a voz da motorista dizendo que chegaram a Pinewood:

— Se alguém quiser fumar ou esticar as pernas, vamos parar aqui durante dez minutos, daí voltamos pra estrada.

Shadow desceu do ônibus tropeçando. Estavam parados ao lado de outro posto de gasolina rural, idêntico ao que haviam deixado para trás. A motorista ajudava duas adolescentes a subirem no ônibus, guardando suas malas no compartimento de bagagem.

— Ei — a motorista disse quando viu Shadow. — Você vai descer em Lakeside, certo?

Shadow concordou, sonolento, que iria.

— Caramba, aquela é uma cidade bem-boa. De vez em quando penso em largar tudo e me mudar pra lá. É a cidade mais bonita que já vi. Você mora lá faz tempo?

— É a primeira vez que vou pra cidade.

— Come uma empanada na Mabel's por mim, tá? Shadow preferiu não pedir

esclarecimentos.

— Me conta uma coisa... Eu falei enquanto dormia?

— Se falou, eu não ouvi. Ela olhou para o relógio:

— De volta pro ônibus. Eu acordo você quando a gente chegar. As duas meninas que tinham subido em Pinewood — ele duvidava de que alguma delas tivesse mais do que 14 anos — estavam acomodadas no assento à sua frente. Bisbilhotando sua conversa sem querer, Shadow descobriu que eram amigas, não irmãs. Uma delas não sabia quase nada sobre sexo, mas sabia várias coisas sobre animais, tinha trabalhado ou passado um tempo em algum tipo de abrigo de animais, enquanto a outra não estava interessada em animais, mas armada de uma centena de fofocas colhidas na Internet e em programas de TV diurnos, e pensava que sabia muito a respeito da sexualidade humana. Shadow escutava, com fascinação horrorizada e surpresa, àquela que se achava sabida sobre o funcionamento do mundo, detalhando a mecânica precisa de como usar pastilhas de antiácido para realçar o sexo oral.

Shadow começou a sair da sintonia delas, não ouvia mais nada além do barulho da estrada, e agora apenas fragmentos de conversa chegavam a seus ouvidos de vez em quando.

O Goldie é, tipo, um cachorro tão legal, e ele é um labrador de sangue puro, se o meu pai dissesse que tudo bem, ele balança o rabo toda vez que me vê...

É Natal, ele tem que me deixar usar o snowmobile.

Você pode escrever seu nome com a língua na lateral da coisa dele.

Eu sinto saudade do Sandy.

Só, eu também sinto saudade do Sandy.

Falaram que hoje à noite nevou quinze centímetros, mas eles inventam tudo, inventam a previsão do tempo e ninguém reclama...

E então os freios do ônibus chiaram e a motorista gritou:

— Lakeside!

As portas se abriram com um estampido. Shadow seguiu as meninas até o estacionamento bem iluminado de uma locadora de fitas de vídeo e de um salão de bronzeamento artificial que funcionavam, imaginou, na estação da Greyhound, em Lakeside. O ar estava terrivelmente frio, mas era um frio fresco. Fez com que ele acordasse. Olhou para as luzes da cidade a sul e a oeste e para a pálida extensão de um lago congelado a leste.

As meninas estavam paradas, batendo os pés no chão e respirando dentro das mãos em forma de concha com dramaticidade. Uma delas, a mais nova, roubou uma olhadela de Shadow e sorriu desajeitadamente quando percebeu que ele a havia visto.

— Feliz Natal — disse Shadow.

— Só — respondeu a outra, talvez um ano ou quase mais velha do que a primeira.

— Feliz Natal pra você também.

Ela tinha cabelos vermelho-cenoura e um nariz de batatinha coberto com mil sardinhas.

— Esta cidade é bem legal — comentou Shadow.

— A gente gosta — concordou a mais nova.

Ela era a que gostava de animais. Deu um sorriso tímido, revelando um aparelho fixo de elásticos azuis esticando-se de uma ponta à outra em seus dentes da frente.

— Você se parece com alguém — ela disse com ar sério. — Você é irmão de alguém ou filho de alguém ou qualquer coisa assim?

— Você é tão boba, Alison — disse a amiga. — Todo mundo é irmão de alguém ou filho de alguém ou qualquer coisa assim.

.Faróis as emolduraram completamente por um instante brilhante e branco. Atrás dos faróis vinha uma perua com uma mãe dentro que, em instantes, recolheu as meninas e suas bagagens, deixando Shadow sozinho no estacionamento.

— Moço? Posso ajudar?

O velho trancava a porta da locadora e colocou as chaves no bolso.

— A loja não abre no Natal, mas eu sempre venho até aqui pra ver o ônibus chegar e conferir se está tudo certo. Não iria conseguir me perdoar se algum pobre coitado ficasse abandonado no dia de hoje.

Ele estava perto o bastante para Shadow enxergar seu rosto: velho porém forte, o rosto de um homem que experimentou o vinagre da vida e achou o gosto parecido com o de uísque, e de uísque bom.

— Bom, você podia me dar o telefone da empresa de táxi local — disse Shadow.

— Eu poderia, mas o Tom deve estar na cama a essa hora da noite e, mesmo que você conseguisse acordar ele, não ia ser bom... Eu o vi no Buck Stops Here no começo da noite e estava muito alegrinho. Muito alegrinho mesmo. Pra onde você está indo?

Shadow mostrou a etiqueta com o endereço na chave da porta.

— Bom, isso aí fica a dez, talvez vinte minutos a pé, atravessando a ponte e dando a volta. Mas não é legal quando está frio assim, e quando você não sabe aonde está indo sempre parece mais longe... você já percebeu? Da primeira vez demora um tempão, depois passa em um segundo.

— É verdade. Nunca pensei nisso antes.

O velho assentiu com a cabeça. Seu rosto se abriu em um sorriso.

— Caramba, é Natal. Eu levo você na Tessie.

Shadow seguiu o velho até a rua, onde um conversível enorme e antigo estava estacionado. Parecia-se com algo que gângsteres poderiam ter se orgulhado de dirigir nos

Vibrantes Anos Vinte, com frisos e tudo. Era de uma cor profunda e escura, que sob a iluminação de sódio poderia ser vermelha ou verde.

— Esta é a Tessie — o velho disse. — Não é linda? Ele deu tapinhas carinhosos no carro com orgulho de proprietário, no lugar em que o capo fazia uma curva e se arqueava sobre uma das rodas da frente.

— Que tipo de carro é esse?

— É um Wendt Phoenix. A fábrica faliu em 1931 e o nome foi comprado pela Chrysler, mas eles não fazem mais nenhum Wendt. Harvey Wendt, que fundou a empresa, era um rapaz daqui. Foi pra Califórnia e se matou em... hum... 1941, 1942. Uma tragédia enorme.

O carro tinha cheiro de couro e fumaça velha de cigarro — não era um cheiro recente, mas era como se bastante gente tivesse fumado tantos cigarros e charutos com o passar dos anos— a ponto de o cheiro de tabaco queimado ter se tornado parte integrante da estrutura do carro. O velho virou a chave na ignição e Tessie pegou na primeira tentativa.

— Amanhã ela vai pra garagem. Vou cobrir com uma capa antipoeira, e é onde vai ficar até a primavera. Pra dizer a verdade, eu não devia estar andando com ela agora, com essa neve toda.

— Ela não anda bem na neve?

— Vai bem. É o sal que colocam na rua. Faz essas belezuras antigas enferrujarem mais rápido do que dá pra acreditar. Você quer ir direto pra casa ou gostaria de dar uma volta ao luar pela cidade?

— Eu não quero incomodar...

— Não incomoda. Quando você chegar à minha idade, vai ver que só precisa dormir uma piscadela. Me sinto sortudo quando consigo dormir cinco horas hoje em dia... Acordo e a minha cabeça fica dando voltas. Onde está a minha educação? Meu nome é Hinzelmann. Eu diria pra você me chamar de Richie, mas por aqui o pessoal só me chama de Hinzelmann. Não vou apertar a sua mão porque preciso das duas pra dirigir. A Tessie sabe quando eu não estou prestando atenção.

— Mike Ainsel — disse Shadow. — Prazer em conhecê-lo, Hinzelmann.

— Então vamos dar uma volta no lago.

A rua principal, onde eles estavam, era uma rua simpática, mesmo à noite, e parecia antiga no melhor sentido da palavra — como se, nos últimos cem anos, as pessoas tivessem cuidado daquela rua sem pressa de perder qualquer coisa de que gostavam.

Hinzelmann mostrou os dois restaurantes da cidade quando passaram por eles (um restaurante alemão e o que ele descreveu como "parte grego, parte norueguês, e que oferece um bolinho em todos os pratos"), mostrou a padaria e a livraria ("Eu digo, o que é uma cidade sem uma livraria? Pode até se chamar de cidade mas, se não tiver uma livraria, sabe que não engana nenhuma alma"). Ele diminuiu a marcha de Tessie quando passaram

em frente à biblioteca para que Shadow pudesse olhar com atenção. Luminárias antigas a gás tremeluziam em cima da entrada — Hinzelmänn orgulhosamente chamou a atenção de Shadow para elas.

— Foi construída na década de 1870 por John Henning, um barão da madeira local. Ele queria que se chamasse Biblioteca Memorial Henning mas, depois que morreu, começaram a chamar de Biblioteca de Lakeside, e acho que vai ser assim até o fim dos tempos. Não é um sonho?

Ele não poderia se orgulhar mais do prédio se o tivesse construído pessoalmente. A construção fazia Shadow pensar em um castelo, e disse isso a Hinzelmänn.

— É isso mesmo. Com torres e tudo. Henning queria que fosse assim por fora. Dentro, ainda estão todas as prateleiras de pinho originais. Míriam Shultz quer destruir o interior e modernizar, mas está tombado pelo patrimônio histórico, e ela não pode fazer nada.

Eles se dirigiram para o lado sul do lago. A cidade circundava o lago, que ficava 10 metros abaixo do nível da rua. Shadow conseguia ver os pedaços de gelo branco que embaçavam a superfície do lago e, aqui e ali, um pouco de água brilhante refletindo as luzes da cidade.

— Parece que está congelando.

— Está congelado há mais de um mês. As manchas opacas são de neve, e as brilhantes, de gelo. Congelou logo depois do Dia de Ação de Graças em uma noite fria... congelou igual a vidro. Você pratica pesca no gelo, senhor Ainsel?

— Nunca pratiquei.

— É a melhor coisa que se pode fazer. Não pelos peixes, mas pela a paz de espírito que você leva pra casa no fim do dia.

— Vou me lembrar disso. Shadow olhou para o lago através da janela do carro.

— Dá pra andar em cima do lago?

— Dá. Também dá pra ir de carro, mas eu ainda não arriscaria. Está frio faz seis semanas. Mas você também tem que considerar que as coisas aqui no norte do Wisconsin congelam mais rápido e melhor do que em qualquer outro lugar. Uma vez eu saí pra caçar veado, isso foi, humm, quarenta anos atrás, e atirei em um gamo, errei e fiz ele correr pela floresta... Foi lá na margem norte do lago, perto de onde você vai morar, Mike. Era o melhor gamo que eu já vi, do tamanho de um cavalo pequeno, sério. Eu era mais moço e mais animado naquele tempo e, apesar de ter começado a nevar antes do Dia das Bruxas naquele ano, era o Dia de Ação de Graças e tinha neve limpa no chão, fresquinha, consegui ver as pegadas do cervo. Parecia que o bicho estava se dirigindo pro lago em pânico. Bom, só um tremendo imbecil tenta perseguir um gamo, mas lá estava eu, um tremendo idiota, correndo atrás dele. E lá estava ele, parado em cima do lago com as patas em, humm, 20, 25 centímetros de água, só olhando pra mim. Naquele mesmo instante, o sol se escondeu atrás de uma nuvem e a água congelou — a temperatura deve ter caído uns quinze graus em dez minutos, não estou mentindo. E aquele veado velho se apronta

pra correr, mas não consegue se mexer. Ele ficou congelado no meio do gelo. Eu fui andando devagar até lá... dava pra ver que ele queria correr, mas estava preso no gelo e não ia dar mesmo. E eu não tive coragem de atirar em um veado indefeso que não tinha como fugir... Que tipo de homem eu seria se fizesse aquilo, hein? Então peguei minha espingarda e dei um tiro pró alto. Bom, o barulho e o choque foram suficientes pra fazer aquele gamo quase pular pra fora da pele. E tendo em vista que as suas patas estavam presas no gelo, é exatamente o que o bicho faz. Ele deixa a pele e os chifres presos no gelo enquanto volta correndo pra floresta, rosado que nem um rato recém-nascido e tremendo como se fosse explodir. Eu fiquei tão mal por causa daquele gamo que convenci as senhoras do Clube de Tricô de Lakeside a fazerem uma roupa quentinha pra ele vestir durante o inverno, e elas tricotaram um macacão pró coitado não morrer de frio. Claro que a gozação veio pra cima de nós, porque o macacão era de lã cor-de-laranja bem forte, e por isso nenhum caçador atirava nele. Por aqui, os caçadores usavam roupas cor de laranja na estação de caça — completou, solícito. — E se você acha que tem uma só mentira nesta história, eu posso provar. Tenho os chifres dele pendurados no meu escritório em casa até hoje.

Shadow riu, e o velho 'deu um sorriso de satisfação de um especialista. Estacionaram ao lado de um prédio de tijolos com uma grande varanda de madeira, da qual luzes de Natal douradas pendiam e piscavam convidativamente.

— Este é o número cinco-zero-dois — disse Hinzelmann. — O apartamento três deve ser no último andar, do outro lado, com vista pro lago. Aqui está, Mike.

— Obrigada, senhor Hinzelmann. Posso pagar a gasolina?

— Só Hinzelmann. E você não me deve nenhum centavo. Feliz Natal, meu e da Tessie.

— Você tem certeza de que eu não posso ajudar? O velho coçou o queixo.

— Sabe o quê? Alguma hora na semana que vem eu venho aqui vender um bilhete pra você. Pra nossa rifa. Caridade. Por enquanto, moço, você pode ir p rã cama.

Shadow sorriu.

— Feliz Natal, Hinzelmann.

O velho apertou a mão de Shadow com suas mãos nodosas e avermelhadas. Pareciam tão duras e calejadas quanto um galho de carvalho.

— Agora, preste atenção no piso quando você subir. Vai estar escorregadio. Eu consigo ver a sua porta daqui, ali do lado, está vendo? Vou esperar aqui no carro ate que entre a salvo. Me faz um sinal quando estiver instalado e eu vou embora.

Ele ficou com o Wendt ligado e parado até Shadow estar a salvo dentro de casa, depois de subir os degraus de madeira ao lado do prédio e abrir a porta do apartamento com a chave. A porta se escancarou. Shadow fez um sinal e o velho no Wendt — Tessie, pensou Shadow, e a ideia de um carro com nome fez com que sorrisse mais uma vez — fez a volta e pegou seu caminho atravessando a ponte.

Shadow fechou a porta da frente. A sala estava gelada. Cheirava a pessoas que

tinham ido embora há muito tempo para viver outras vidas, e a tudo que tinham comido e sonhado. Ele achou o termostato e regulou para 21 graus. Entrou na cozinha minúscula, conferiu as gavetas, abriu a geladeira cor de abacate, mas estava vazia. Nenhuma surpresa. Pelo menos a geladeira tinha cheiro de limpa por dentro, não mofada.

Havia um pequeno quarto com um colchão descoberto ao lado da cozinha, perto de um banheiro ainda mais minúsculo que era quase só o box do chuveiro. Uma bituca de cigarro antiga repousava na privada, manchando a água de marrom. Shadow deu a descarga.

Encontrou lençóis e cobertores em um armário e fez a cama. Então tirou os sapatos, o casaco, o relógio e se deitou na cama vestido, pensando em quanto tempo demoraria para se aquecer.

As luzes estavam apagadas e o silêncio era quase total, a não ser pelo zumbido da geladeira e, em algum lugar do prédio, um rádio tocando. Shadow ficou ali deitado, na escuridão, perguntando a si mesmo se havia dormido tudo o que precisava no ônibus, se a fome e o frio, a cama desconhecida e as loucuras das últimas semanas se combinavam para mantê-lo acordado naquela noite.

No meio do silêncio, ouviu um estalo parecido com um tiro. Um galho, ele pensou, ou o gelo. Tudo estava congelado lá fora.

Ficou imaginando quanto tempo teria que esperar até a chegada de Wednesday. Um dia? Uma semana? Não importa... ele sabia que precisava se concentrar em alguma coisa enquanto isso. Resolveu que começaria a fazer exercícios novamente e que treinaria seus truques com moedas até ficar melhor do que qualquer mágico (treine todos os seus truques, alguém sussurrou dentro da cabeça dele, em uma voz que não era sua, todos menos um, não o truque que o pobre Mad Sweeney ensinou depois de morto, morto por não ter um teto, por causa do frio, porque foi esquecido e porque ninguém mais chamava por ele. Não aquele truque. Ah, não aquele lá).

Mas aquela era uma cidade legal. Ele podia sentir que era.

Pensou no sonho, se é que foi um sonho, que teve na primeira noite em Cairo. Pensou em Zorya... que diabos era mesmo o nome dela? A irmã da meia-noite.

E então pensou em Laura...

Foi o pensar em sua mulher que fez abrir uma janela em sua mente. Ele conseguia vê-la. De alguma maneira, ele conseguia.

Ela estava em Eagle Point, no pátio traseiro da casa grande da mãe.

Parada no frio, que ela não sentia mais ou que sentia o tempo todo, estava do lado de fora da casa que sua mãe havia comprado em 1989, com o dinheiro do seguro depois que o pai de Laura, Harvey McCabe, faleceu de um ataque do coração enquanto se matava de trabalhar. Ela olhava para dentro, com as mãos frias pressionadas contra o vidro, sem que sua respiração o embaçasse, nem um pouquinho, observando a mãe, a irmã, os sobrinhos e o cunhado do Texas, em casa para o Natal. Ali estava Laura, na escuridão, incapaz de não olhar.

Lágrimas encheram os olhos de Shadow, e ele se virou para o outro lado na cama.

Sentindo-se como um bisbilhoteiro, desviou o pensamento. Via o lago se estendendo abaixo dele enquanto o vento que vinha do Ártico soprava, tornando o ar mais frio do que qualquer cadáver.

A respiração de Shadow ficou superficial. Ele ouvia um vento soprar, uma gritaria triste em volta do prédio e, por um instante, pensou ouvir palavras no vento.

Se precisava estar em algum lugar, melhor que fosse ali, pensou. E caiu no sono.

ENQUANTO ISSO, UMA CONVERSA

Ding-dong.

— Senhorita Crow?

— Pois não.

— Senhorita Samantha Black Crow?

— Pois não.

— A senhorita se importaria se fizéssemos algumas perguntas?

— Vocês são tiras? O que vocês são?

— Meu nome é Town. Meu colega aqui é o senhor Road. Estamos investigando o desaparecimento de dois de nossos associados.

— Qual era o nome deles?

— Perdão?

— Me diz o nome deles. Eu quero saber como eles se chamavam. Seus associados. Diz o nome deles e talvez eu ajude.

— Tudo bem. Senhor Stone e senhor Wood. Agora, será que podemos fazer algumas perguntas?

— Vocês olham pras coisas e escolhem nomes? "Ah, você vai ser o senhor Sidewalk, ele e o senhor Carpet, fala oi pró senhor Airplane."

— Muito engraçado, mocinha. Primeira pergunta: precisamos saber se a senhorita conhece este homem. Aqui está. Poder pegar a foto.

— Uau. De frente e de perfil, com esses números embaixo... E grande. Ele é fofo, apesar de tudo. O que ele fez?

— Se envolveu em um assalto a banco numa cidadezinha há alguns anos. Os dois colegas resolveram ficar com o saque e o largaram na mão. Ele ficou bravo. Adiou os caras. Quase matou os dois com as próprias mãos. O Estado fez um acordo com os homens que ele feriu: testemunharam contra ele. Shadow aqui pegou seis anos. Cumpriu

três. Se a senhorita quiser saber a minha opinião, deviam pegar esses caras, prender, trancar e jogar a chave fora.

— Nunca ouvi ninguém falar isso na vida real, sabia? Não alto, pelo menos.

— Falar o quê, senhorita Crow?

— "Saque". Não é uma palavra que as pessoas falam. Talvez nos filmes alguém fale isso. Mas não de verdade.

— Isto não é um filme, senhorita Crow.

— Black Crow. É senhorita Black Crow. Meus amigos me chamam de Sam.

— Saquei, Sam. Agora, falando desse homem...

— Mas vocês não são meus amigos. Têm que me chamar de senhorita Black Crow.

— Ouça aqui, sua abelhuda porcária...

— Tudo bem, senhor Road. A Sam aqui... perdão, madame... quero dizer, a senhorita Black Crow aqui quer nos ajudar. Ela é uma cidadã que respeita a lei.

— Senhorita, sabemos que você ajudou esse homem. A senhorita foi vista com Shadow, em uma Chevy nova, branca. Ele lhe deu uma carona e pagou o seu jantar. Será que ele disse algo que pudesse nos ajudar em nossa investigação? Dois dos nossos melhores homens desapareceram.

— Eu nunca vi esse cara.

— A senhorita o conhece. Por favor, não cometa o erro de pensar que somos estúpidos. Nós não somos estúpidos.

— Humm. Eu conheço muita gente. Talvez eu tenha falado com ele e já tenha me esquecido.

— Senhorita, seria realmente bom que cooperasse conosco.

— Ou então vocês vão me apresentar prós seus amigos, senhor Thumbscrews e senhor Pentothal?

— Senhorita, você não está facilitando as coisas pra si mesma.

— Puxa. Desculpa. Tem mais alguma coisa que vocês querem? 'Porque eu vou dar tchauzinho agora e fechar a porta e deduzir que vocês vão pegar o senhor Car e sair fora.

— Sua falta de cooperação foi anotada, senhorita.

— Tchauzinho, então.

Click

CAPÍTULO DEZ

*I'll tell you ali my secrets But I lie about my past Só send me
off to bed forevermore [III](#)*

— Tom Waifs, "Tango Till They're Sore"

Uma vida inteira na escuridão, rodeada de imundice... foi com isso que Shadow sonhou, em sua primeira noite em Lakeside. A vida de uma criança, há muito tempo e bem longe dali, em uma terra do outro lado do oceano, nas terras onde o sol se levantava. Mas essa vida não continha nasceres do sol, só ofuscamento durante o dia e cegueira durante a noite.

Ninguém falava com ele. Ouvia vozes humanas, do lado de fora, mas ele não entendia o discurso humano, assim como também não entendia o uivo das corujas nem o latido dos cães.

Ele se lembrava, ou achava que se lembrava, de uma noite, muito tempo antes, quando uma das pessoas grandes entrou, silenciosamente, e não o esmurrou nem alimentou, mas o levou ao peito e o abraçou. Ela cheirava bem. Gotas de água quente caíram do rosto dela sobre o dele. Ficou com medo e chorou alto em seu temor. Ela o colocou de volta sobre a palha, apressadamente, e deixou a cabana, travando a porta atrás dela.

Ele se lembrava daquele momento, e o estimava, assim como se lembrava da doçura do miolo de repolho, do sabor ácido das ameixas, do barulho crocante das maçãs, da delícia de um oleoso peixe assado.

E agora ele enxergava os rostos à luz das chamas, todos olhando para ele, enquanto era conduzido para fora da cabana pela primeira vez, a única vez. Então era essa a aparência das pessoas. Criado na escuridão, ele nunca havia visto rostos. Tudo era tão novo. Tão estranho. A luz da fogueira feria seus olhos. Puxaram-no pela corda ao redor do pescoço, para levá-lo ao lugar onde o homem o esperava.

E quando a primeira lâmina se levantou à luz do fogo, quanta comemoração veio do povo. A criança da escuridão começou a rir com eles, em deleite e liberdade.

E foi então que a lâmina caiu.

Shadow abriu os olhos e percebeu que estava com frio e fome, em um apartamento com uma camada de gelo que embaçava o lado de dentro do vidro da janela. Era sua

respiração congelada, pensou. Saiu da cama, feliz de não precisar se vestir. Arranhou uma janela quando passou por ela, sentiu o gelo se amontoar sob a unha e depois se transformar em água.

Tentou lembrar-se do sonho, mas nada conseguiu além de mistério e escuridão.

Calçou os sapatos. Calculou que iria até o centro da cidade, caminhando pela ponte que passava sobre a ponta norte do lago, se é que ele compreendeu bem a geografia da cidade. Vestiu sua jaqueta fina, lembrando-se da promessa que fez de que compraria um casaco de inverno bem quente. Abriu a porta do apartamento e saiu para a varanda de madeira. O frio tirou-lhe o fôlego: inspirou e sentiu todos os pelos da narina se congelarem e ficarem rígidos. A varanda proporcionava uma ótima visão do lago, remendos irregulares de cor cinzenta rodeados por uma expansão de branco.

A frente fria chegou, era certeza. A temperatura devia estar em torno dos quinze graus negativos, e a caminhada não seria agradável, mas ele tinha certeza de que conseguiria chegar à cidade sem maiores problemas. O que é mesmo que Hinzelmann tinha dito na noite anterior... uma caminhada de dez minutos? E Shadow era um homem grande. Ele andaria ligeiro e ficaria aquecido.

Saiu no sentido sul, na direção da ponte.

Logo que o ar tocou seus pulmões começou a tossir, uma tosse seca e rala. Logo suas orelhas, seu rosto e seus lábios começaram a doer, e seus pés também. Ele enfiou as mãos sem luvas bem no fundo do bolso do casaco e apertou os dedos em busca de algum calor. Lembrou-se das histórias exageradas de Low Key Lyesmith sobre os invernos de Minnesota — uma em particular, de um caçador encurralado em uma árvore por um urso durante uma geada pesada, que tirou o pau para fora e mijou um jato de urina fumegante e amarelada em forma de arco, que congelou antes de chegar ao chão. Então ele escorregou pelo poste de mijo duro como pedra para a liberdade. Esboçou um sorriso destorcido à memória e deu mais uma tossida seca e dolorida.

Passo, após passo, após passo. Shadow olhou para trás. O prédio de apartamentos não estava tão distante quanto esperava.

Ele viu que aquela caminhada tinha sido um erro. Mas já estava a três ou quatro minutos do apartamento, e a ponte sobre o lago estava à vista. Fazia tanto sentido continuar em frente quanto voltar para casa (e daí, o quê? Chamar um táxi pelo telefone sem linha? Esperar a primavera? Não tinha comida no apartamento).

Continuou a caminhar, reexaminando sua estimativa de temperatura. Dez negativos? Vinte negativos? Quarenta negativos talvez, aquele estranho ponto no termômetro em que Celsius e Fahrenheit dizem a mesma coisa. Provavelmente não estava tão frio assim. Mas havia o vento gelado que agora era duro, fiel e contínuo, soprando sobre o lago, vindo do Ártico e atravessando o Canadá.

Shadow se lembrou, com raiva, dos esquentadores químicos de mãos e de pés. Ele bem que queria ter um daqueles agora.

Mais dez minutos de caminhada, imaginou, e a ponte não parecia mais próxima. Estava com frio demais para tremer. Seus olhos doíam. Não estava simplesmente frio:

aquilo era ficção científica. Era uma história que se passava no lado escuro de Mercúrio, no tempo em que ele achava que o planeta tinha um lado escuro. Isso era algo que acontecia no rochoso Plutão, onde o sol é apenas mais uma estrela que brilha só um pouco mais forte na escuridão. Isso, pensou Shadow, está só um tiquinho afastado dos lugares em que o ar vem em baldes e é servido como cerveja.

Os carros que passavam ocasionalmente por ele pareciam irreais: naves espaciais, pacotinhos congelados de metal e vidro, ocupados por pessoas vestidas com roupas mais quentes do que as dele. Uma antiga canção que a mãe dele adorava, "Walking in a Winter Wonderland", começou a passar por sua cabeça, e ele a cantarolou por entre os lábios fechados, seguindo o ritmo enquanto caminhava.

Shadow perdeu toda a sensibilidade dos pés. Olhou para seus sapatos de couro preto, para as meias finas de algodão, e começou a preocupar-se, seriamente, com o enregelamento.

Isso ia além de uma piada. Já tinha ido além da tolice, invadido a fronteira do precioso território de aí — meu-Deus-dessa-vez-eu-pisei-feio-na-bola. Suas roupas pareciam ser de tela ou de renda: o vento soprava através dele, congelando os ossos e o tutano dos ossos, os cílios dos olhos e o lugar quente debaixo do saco, que se encolhia para dentro da cavidade pélvica.

Continue caminhando, disse a si mesmo. Continue caminhando. Posso parar e beber um balde de gelo quando chegar em casa. Uma música dos Beatles surgiu em sua cabeça, e ele ajustou a velocidade para combinar com a melodia. Só quando chegou ao refrão percebeu que cantarolava "Help".

Estava quase na ponte agora. Depois, precisava atravessá-la e andar mais dez minutos até as lojas do lado oeste do lago — talvez um pouquinho mais...

Um carro escuro passou por ele, parou, então deu ré em uma nuvem espessa de fumaça do escapamento e parou ao seu lado. Uma janela se abriu, e a névoa e o vapor da janela se misturaram com a fumaça do escapamento em forma de dragão que circundava o carro.

— Tudo bem aí? — disse um guarda lá de dentro.

O instinto automático da mão de Shadow era colocar o polegar para cima e dizer Sim, tudo está ótimo por aqui, obrigado, policial. Mas já era tarde demais para tanto, e ele começara a dizer "acho que estou congelando. Estava caminhando até Lakeside para comprar comida e roupa, mas calculei mal a extensão da caminhada"... Eleja havia dito todas aquelas frases na cabeça quando percebeu que tudo que falou era "c-c-congelando" e um barulho de dentes batendo...

— Mil d-desculpas. Frio. Desculpa.

O guarda abriu a porta de trás da viatura e disse:

— Entre já aí e se es quente, certo?

Shadow entrou agradecido, sentou-se no banco detrás e esfregou as mãos, tentando não se preocupar com os dedos dos pés congelados. O guarda voltou para o assento do

motorista. Shadow olhou para ele através da tela de metal e tentou não pensar na última vez que esteve no banco detrás de uma viatura, ou não reparar que não tinha maçanetas nas portas traseiras e, ao contrário, concentrar-se em fazer a vida voltar às suas mãos. Seu rosto doía e seus dedos avermelhados também, e agora, no calor, seus dedos dos pés começavam a doer novamente. Aquilo era, concluiu, um bom sinal.

O guarda engatou a marcha e saiu com o carro.

— Sabe que isso foi, se você me perdoa dizer, uma ideia bem estúpida — disse o guarda sem se virar para Shadow, apenas falando mais alto. — Você não ouviu nenhum dos avisos sobre o tempo? Está fazendo menos de vinte graus negativos lá fora. Só Deus sabe quanto a temperatura cai com o vento... 50, 55 graus negativos, apesar de eu imaginar que o vento deva ser a menor das suas preocupações.

— Obrigado — disse Shadow. — Obrigado por parar. Estou muito, muito agradecido.

— Uma mulher em Rhinelanders saiu hoje de manhã pra encher o comedouro dos pássaros, de penhoar e chinelo, e congelou, congelou literalmente, na calçada. Ela está na UT1 agora. Passou na TV de manhã. Você é novo por aqui.

Era quase uma pergunta, mas o homem já sabia a resposta.

— Eu cheguei de ônibus ontem à noite. Resolvi que hoje iria comprar umas roupas quentes, comida e um carro. Não esperava que estivesse tão frio.

— É — disse o guarda. — Eu também fiquei surpreso. Estava ocupado demais pensando no efeito-estufa. Eu sou Chad Mulligan. Sou o delegado aqui em Lakcside.

— Mike Ainsel.

— Oi, Mike. Está se sentindo melhor?

— Um pouco, sim.

— Então, onde você quer ir primeiro?

Shadow colocou os dedos na frente da saída de ar quente, mas sentiu dor, e então os tirou dali. Deixe que as coisas aconteçam em seu próprio ritmo.

— Será que você podia me deixar no centro?

— Contanto que você não me peça pra dirigir um carro de fuga do seu assalto a banco, eu levo você aonde precisar ir, com prazer. Pense nesta viatura como seu trenzinho de boas-vindas à cidade.

— Por onde você sugere que eu comece?

— Você acabou de se mudar na noite passada.

— É isso mesmo.

— Já tomou café da manhã?

— Ainda não.

— Bom, esse me parece um ponto de partida bem-bom — disse Mulligan.

Agora eles estavam do outro lado da ponte, entrando na parte noroeste da cidade.

— Esta é a rua principal — disse Mulligan . — E aqui, cruzando a rua principal e virando à direita, está a praça central.

Mesmo no inverno, a praça central era impressionante, mas Shadow sabia que o lugar tinha sido feito para ser visto no verão: devia ter uma profusão de cores, com papoulas, íris e flores de todos os tipos, e as moitas de bétulas em um canto se transformariam em uma cobertura verde e prateada. Agora estava sem cor, bonita de uma maneira esquelética, o coreto vazio, a fonte desligada durante o inverno e o prédio antigo da prefeitura coberto de neve branca.

— E isso aqui — concluiu o policial, estacionando a viatura em frente a um prédio com janelas altas de vidro na frente, do lado oeste da praça — é a Mabels.

Ele desceu do carro e abriu a porta do passageiro para Shadow. Os dois homens abaixaram a cabeça contra o frio e o vento, e correram pela calçada para entrar em um salão aquecido, que cheirava a pão recém-assado, massa de torta, sopa e bacon.

O lugar estava quase vazio. Mulligan sentou-se em uma mesa. Shadow, sentado à sua frente, desconfiou que Mulligan estivesse fazendo aquilo para sentir qual era a do estranho na cidade. Mas, e daí, talvez o delegado só fosse o que aparentava ser: amigoso, solícito, bom. Uma mulher foi até a mesa, não era gorda, mas grande, uma mulher grande na casa dos sessenta, com cabelos em um tom de bronze, parecido com aquele de garrafas de cerveja.

— Oi, Chad — disse. — Vocês vão querer um chocolate quente enquanto pensam?

Ela entregou a eles dois cardápios laminados.

— Sem chantilly — ele concordou.

— A Mabel me conhece bem demais — disse a Shadow — O que você quer, amigo?

— Chocolate quente me parece maravilhoso — concordou Shadow. — E eu gostaria com chantilly.

— Ótimo — disse Mabel. — Viva perigosamente, querido. Você não vai me apresentar, Chad? Este rapaz é um novo policial?

— Ainda não — respondeu Chad Mulligan , mostrando seus dentes brancos. — Esse aqui é Mike Ainsel. Ele se mudou pra cá ontem à noite. Agora, se você puder me dar licença...

Ele se levantou, andou até o fundo do salão e atravessou a porta assinalada com CAVALHEIRO. Ficava ao lado de uma porta assinalada com DAMA.

— Você é o novo habitante do apartamento da rua Northridge. O antigo prédio Pilsen. Ah, sei — ela disse, alegremente. — Eu sei bem quem você é. Hinzelmänn passou aqui hoje de manhã pra comer a empanada da manhã e me contou tudo sobre você. Vocês,

rapazes, só vão tomar chocolate quente ou querem dar uma olhada no cardápio de café da manhã?

— Eu vou tomar café — disse Shadow. — O que você recomenda?

— Tudo aqui é bom. Eu que faço. Este é o lugar mais distante a sudoeste da Península Superior em que você pode comer uma empanada, e elas são particularmente gostosas. Têm bastante recheio e vêm quentinhas também. São minha especialidade.

Shadow não fazia a mínima ideia do que seria uma empanada, mas disse que estava bom, e em poucos instantes Mabel voltou carregando um prato com o que parecia ser uma torta dobrada. A metade de baixo estava enrolada em um guardanapo de papel. Shadow pegou o salgado pelo guardanapo e deu uma mordida: era quente e recheado de carne, batata, cenoura e cebola.

— É a primeira empanada que eu como na vida — disse. — É boa mesmo.

— São uma especialidade da Península Superior. Você precisa estar pelo menos em Ironwood pra conseguir uma. O povo que veio da Cornualha trabalhar nas minas de ferro que trouxe a receita.

— Península Superior?

— É o pedacinho de terra que fica no nordeste de Michigan. O delegado voltou. Pegou o chocolate quente e tomou.

— Mabel, você está forçando esse rapaz simpático a comer uma das suas empanadas?

— Está boa — disse Shadow.

E estava mesmo, uma delícia saborosa enrolada em massa quente.

— Vão direto pra barriga — disse Chad, batendo em seu próprio estômago. — Eu avisei. Tudo bem. Então, você precisa de um carro?

Sem a capa, ele se revelou um homem magro com uma barriga protuberante em forma de maçã. Parecia perturbado e competente, tinha jeito mais de engenheiro que de guarda.

Shadow assentiu com a cabeça e a boca cheia.

— Certo. Eu dei uns telefonemas. O Justin Liebowitz está vendendo seu jipe, quer 4 mil dólares mas aceita três. Os Gunther estão tentando vender um Toyota 4-Runner há oito meses, é uma porcaria bem feia, mas a essa altura provavelmente vão pagar pra você tirar a lata velha da garagem. Se você não se importar com a beleza do carro, deve ser um bom negócio. Eu usei o telefone do banheiro e deixei um recado pra Missy Gunther lá na imobiliária Lakeside. Ela ainda não tinha chegado, deve estar arrumando o cabelo no salão da Sheila.

A empanada continuava boa à medida que Shadow a engolia. Saciava de forma surpreendente. "Comida que vai direto pros quadris", diria a mãe dele. "Fica armazenada nas coxas."

— Então — disse o delegado, limpando a espuma de chocolate dos lábios. — Creio que nossa próxima parada é na loja Hennings Farm and Home Supplies, pra comprar um guarda-roupa de inverno de verdade pra você, em seguida passamos no mercado Dave's Finest Food pra encher sua despensa e, depois, largo você na imobiliária Lakeside. Se puder pagar uns mil dólares pelo carro, eles vão ficar felizes; se não, uma parcela de quinhentos dólares durante quatro meses deve servir. É um carro feio, como eu disse, mas se o garoto não tivesse pintado de roxo, valeria uns 10 mil, e é confiável, você precisa de algo assim pra sair neste inverno, se quiser saber a minha opinião.

— E muita gentileza da sua parte — disse Shadow. — Mas você deveria estar por aí prendendo criminosos, não ajudando recém-chegados. Não que eu esteja reclamando, veja bem.

Mabel riu.

— Nós todos dizemos isso pra ele — disse. Mulligan deu de ombros.

— Esta é uma boa cidade — disse, simplesmente. — Não tem muito problema. Sempre tem alguém acima do limite de velocidade dentro da cidade... o que é uma coisa boa, porque as multas de velocidade pagam o meu salário. Sexta, sábado à noite, você pega algum idiota que fica bêbado e espanca o cônjuge... e isso acontece dos dois lados, acredite. Homens e mulheres. Mas por aqui as coisas são calmas. Me chamam quando alguém esquece as chaves dentro do carro. Cachorros latindo. Todo ano tem alguns garotos de colegial que são pegos com maconha atrás das arquibancadas da escola. O maior caso de polícia que aconteceu aqui, nos últimos cinco anos, foi quando o Dan Schwartz ficou bêbado e deu um tiro no próprio trailer. Fugiu pela rua principal, em cima da cadeira de rodas, sacudindo o revólver, gritando que ia atirar em qualquer um que ficasse no caminho e que ninguém impediria seu caminho até a estrada. Eu acho que ele queria ir pra Washington e atirar no presidente. Ainda dou risada quando me lembro do Dan indo em direção à estrada naquela cadeira de rodas com um adesivo de carro atrás. "Meu delinquente juvenil está trepando com a sua estudante laureada." Você se lembra, Mabel?

Ela assentiu com a cabeça, os lábios apertados. Parecia não achar tanta graça naquilo quanto Mulligan .

— O que você fez? — perguntou Shadow.

— Eu conversei com ele. Ele me entregou o revólver. Dormiu na cadeia. O Dan não é um sujeito ruim, ele só estava bêbado e aborrecido.

Shadow pagou seu café da manhã e, sob os protestos quase sinceros de Chad Mulligan , os dois chocolates quentes.

A loja Hennings Farm and Home Supplies era uma construção do tamanho de um galpão na parte sul da cidade que vendia de tudo, desde tratores até brinquedos (os brinquedos, ao lado dos enfeites de Natal, já estavam em liquidação). A loja fervilhava de compradores pós-Natal. Shadow reconheceu a menina mais nova que sentou na sua frente no ônibus. Ela andava atrás dos pais. Ele acenou para ela, que devolveu um sorriso hesitante e azulado. Sem compromisso, Shadow pensou em como ela seria dali a dez anos.

Provavelmente tão bonita quanto a garota na caixa registradora da Hennings, que fazia a leitura dos códigos de barras das compras com uma pistola de luz infravermelha portátil que apitava, capaz de, Shadow não tinha a menor dúvida, registrar um trator se alguém passasse com um deles por ali.

— Dez ceroulas? — disse a garota. — Está fazendo estoque, é?

Ela se parecia com uma aspirante a atriz.

Shadow sentiu-se com 14 anos de novo, envergonhado e tolo. Não disse nada enquanto ela registrava as botas térmicas, as luvas, os suéteres e o casaco acolchoado com plumas de ganso.

Ele não tinha nenhuma vontade de testar o cartão de crédito que Wednesday havia lhe dado, não com o delegado Mulligan parado ao seu lado, solícito, por isso pagou tudo em dinheiro. Depois levou as sacolas para o banheiro e saiu usando várias de suas aquisições.

— Você está bem, amigo — comentou o delegado.

— Pelo menos, estou aquecido — disse Shadow.

Fora da loja, no estacionamento, apesar de o vento queimar a pele de seu rosto de frio, o restante do corpo estava bem aquecido. A convite de Mulligan, colocou as sacolas de compras no banco traseiro da viatura e sentou-se no assento do passageiro, na frente.

— Então, o que é que você faz, senhor Ainsel? — perguntou o delegado. — Um cara grande como você. Qual é a sua profissão? Você vai trabalhar em Lakeside?

O coração de Shadow começou a pulsar, mas sua voz saiu firme.

— Eu trabalho pró meu tio. Ele compra e vende coisas pelo país inteiro. Eu só ajudo a carregar o peso.

— Ele paga bem?

— Eu sou da família. Ele sabe que não vou enrolar, e também aprendo um pouco sobre comércio até descobrir o que quero fazer de verdade.

Ele falava tudo aquilo com naturalidade e convicção, suave como uma cobra se arrastando pelo chão. Naquele instante, sabia tudo sobre o grande Mike Ainsel, e gostava dele. Não tinha nenhum dos problemas de Shadow, nunca fora casado nem interrogado em um trem de frete pelo senhor Wood e senhor Stone. As televisões não falavam com Mike Ainsel ("Quer ver os peitos da Lucy?", perguntava uma voz em sua mente). Ele não tinha pesadelos, nem acreditava que uma tempestade se aproximava.

Shadow encheu sua cesta de compras no mercado Dave's Finest Food com os alimentos que compraria em uma loja de conveniência de um posto de gasolina — leite, ovos, pão, maçãs, queijo, biscoitos. Só um pouco de comida. Ele faria uma compra de verdade mais tarde. Enquanto Shadow ia de um lado para o outro, Chad cumprimentava pessoas e o apresentava a elas. "Esse aqui é o Mike Ainsel, ele ficou com o apartamento vazio no antigo prédio Pilsen. Aquele nos fundos, em cima", dizia. Shadow desistiu de tentar guardar nomes. Ele apenas apertava as mãos das pessoas e sorria, suando um pouco,

desconfortável com suas camadas de roupas térmicas dentro da loja quente.

O delegado levou Shadow de carro até o outro lado da rua, à imobiliária Lakeside. Missy Gunther, com o cabelo recém penteado e coberto de laquê, não precisou de apresentação — ela sabia exatamente quem era Mike Ainsel. Claro, aquele homem tão gentil, o senhor Borson, seu tio Emerson, tinha estado lá, o quê, seis, oito semanas atrás, e alugou o apartamento no antigo prédio Pilsen, e a vista não era de tirar o fôlego lá em cima? Bom, querido, espere só até a primavera, e temos tanta sorte, porque os lagos dessa região ficam de um verde forte no verão por causa das algas que quase fazem seu estômago embrulhar, mas não o nosso lago, quase dá para beber a água no Quatro de Julho e o senhor Borson pagou um ano inteiro de aluguel adiantado. Em relação ao Toyota 4-Runner, ela não acreditava que Chad Mulligan ainda se lembrava e, claro, ela ficaria feliz em se livrar dele. Para dizer a verdade, estava quase decidida a dá-lo para Hinzelmänn transformá-lo na próxima lata velha e conseguir um desconto no imposto de renda, não que o carro fosse uma lata velha, longe disso, não, era o carro do filho dela antes de ele ir fazer faculdade em Green Bay, e, bom, ele tinha pintado o carro de roxo, ela certamente esperava que Mike Ainsel gostasse de roxo, e era tudo que tinha a dizer, mas se ele não gostasse ela não o culparia... O delegado Mulligan pediu licença no meio dessa ladainha.

— Parece que estão precisando de mim na delegacia. Prazer em conhecê-lo, Mike — disse, transferindo as sacolas de compras de Shadow para o porta-malas da perua de Missy Gunther.

Missy levou Shadow até a casa dela, onde, na entrada, estava um jipe velho. A neve tirada do caminho tinha coberto metade dele com um branco ofuscante, enquanto o resto do carro estava pintado de um tipo de roxo escorrido que alguém precisaria estar bem chapado, ser viciado mesmo, para ao menos começar a apreciar.

No entanto, o carro pegou na primeira tentativa, e o aquecedor funcionou, apesar de levar quase dez minutos com o motor ligado e o aquecedor no máximo para que o interior do carro passasse de insuportavelmente frio para apenas gelado. Enquanto tudo isso acontecia, Missy Gunther levou Shadow até a cozinha — desculpe a bagunça, mas as crianças deixaram os brinquedos todos espalhados depois do Natal e ela não tinha tido coragem, será que ele gostaria de comer um pouco de sobra de peru? Bom, então café, só vai demorar um instante pra passar um café fresco — e Shadow retirou um carro de brinquedo grande e vermelho de um assento de janela e se sentou, enquanto Missy Gunther perguntava se ele já tinha conhecido os vizinhos, e Shadow confessou que não.

Enquanto o café pingava, ela falava de quatro outros moradores em seu prédio de apartamentos — no passado era o prédio dos Pilsen porque os Pilsen moravam no apartamento do térreo e alugavam os dois de cima, agora o apartamento deles, que estava ocupado por um casal de moços, o senhor Holz e o senhor Neiman, eles são mesmo um casal e quando ela diz casai, senhor Ainsel, céus, temos todos os tipos de pessoas por aqui, tem mais de uma espécie de árvore na floresta, apesar da maior parte desse tipo de gente se estabelecer em Madison ou em Twin Cities, mas, para dizer a verdade, ninguém aqui pensa duas vezes. Eles estão passando o inverno em Key West, vão voltar em abril, aí você vai conhecê-los. O que deve ser dito a respeito de Eake City é que é uma cidade boa.

Então a vizinha do senhor Ainsel, Marguerite Olsen e seu garotinho, é uma senhora gentil, gentil demais, mas ela teve uma vida dura, ainda é doce como uma torta, e ela trabalha no Lakeside News. Não é o jornal mais excitante do mundo, mas Missy Gunther achava que era do jeito que a maior parte do povo dali gostava.

Ela contou, enquanto servia o café, que esperava que o senhor Ainsel pudesse ver a cidade no verão ou pelo menos no fim da primavera, quando os botões de lilás, de maçã e de cereja aparecem, ela achava que não havia nada tão bonito, nada assim no mundo todo.

Shadow entregou-lhe um depósito de 500 dólares, subiu no carro e começou a dar ré, primeiro no pátio da frente e logo na entrada da garagem propriamente dita. Missy Gunther bateu no vidro da frente.

— Isso é pra você — disse. — Quase esqueci.

Ela lhe entregou um envelope amarelo.

— É um tipo de piada. Nós mandamos imprimir há alguns anos. Você não precisa olhar agora.

Shadow agradeceu e acelerou, com cuidado, de volta à cidade. Pegou o caminho que dava a volta no lago. Pensou que gostaria de ver aquilo na primavera, no verão, ou no outono: seria muito bonito, não tinha nenhuma dúvida.

Em dez minutos, estava em casa.

Estacionou o carro na rua e subiu os degraus externos até seu apartamento gelado. Tirou as compras da sacola, colocou a comida nos armários e na geladeira e então abriu o envelope que Missy Gunther entregou a ele.

Continha um passaporte. Azul, com capa plastificada e, dentro, uma declaração de que Mike Ainsel (o nome dele escrito à mão com a caligrafia precisa de Missy Gunther) era um cidadão de Lakeside. Havia um mapa da cidade na página seguinte. O resto estava cheio de cupons de desconto para várias lojas locais.

— Acho que vou gostar daqui — disse Shadow, em voz alta. Olhou pela janela esbranquiçada de neve e para o lago congelado e completou:

— Se algum dia esquentar.

Por volta das 14h, ouviu-se uma batida na porta. Shadow estava treinando um truque com moeda, passando-a de uma mão para a outra de maneira imperceptível. Suas mãos estavam tão frias que ele deixava a moeda cair com frequência sobre o tampo da mesa, e a batida na porta fez com que a derrubasse novamente.

Ele foi abrir a porta.

Um instante de medo puro: o homem à porta usava uma máscara preta que escondia a metade inferior do rosto. Era o tipo de máscara que um ladrão de bancos usaria na TV, ou que um assassino em série de um filme barato usaria para assustar suas vítimas. O topo da cabeça do homem estava coberto por uma touca de tricô.

No entanto, o homem era menor e mais magro que Shadow, e não parecia estar

armado. Vestia um casaco em xadrez escocês de cores fortes, do tipo que assassinos em série geralmente evitariam.

— I o hihelhan — disse o visitante.

— Hã?

O homem puxou a máscara para baixo e revelou o rosto afável de Hinzelmann.

— Eu disse "é o Hinzelmann". Sabe, não sei o que a gente fazia antes de inventarem essas máscaras. Bom, eu me lembro, sim. Usávamos uns gorros de tricô bem espessos que cobriam quase o rosto todo, e cachecóis e mais tudo o que você possa imaginar. Acho um milagre essas coisas que inventam hoje em dia. Eu posso ser velho, mas não vou ficar reclamando do progresso, eu não.

Terminou o discurso empurrando uma cesta na direção de Shadow, cheia de queijos da região, garrafas, potes e vários salaminhos que se intitulavam salsichas de carne de veado, e entrou.

— Feliz dia depois do Natal — disse.

Seu nariz, as bochechas e as orelhas estavam vermelhos como framboesas, com ou sem máscara.

— Ouvi dizer que você comeu uma empanada inteira da Mabel. Trouxe umas coisas pra você.

— É muito gentil da sua parte — disse Shadow.

— Gentil nada. Vou ficar quite com você na rifa da semana que vem. É a Câmara de Comércio que organiza, e eu é que mando lá. No ano passado, levantamos quase 17 mil dólares pra ala infantil do hospital de Lakeside.

— Bom, então por que você não me vende um bilhete agora mesmo?

— Porque só começa depois que a lata velha já está em cima do gelo — disse Hinzelmann.

Ele olhou através da janela de Shadow para o lago.

— Está bem frio lá fora. A temperatura deve ter caído uns trinta graus na noite passada.

— Foi mesmo.

— Antigamente, as pessoas costumavam rezar por um frio assim — disse Hinzelmann. — Meu pai que me contou.

— Vocês rezavam por dias como hoje?

— Bom, era o único jeito que os colonizadores conseguiam viver antigamente. Não tinha comida suficiente pra todo mundo e eles não podiam simplesmente ir ali no Dave's e encher o carrinho, não senhor. Então o meu vô, que era muito criativo, quando tinha um dia bem frio que nem hoje, ele pegava minha vó e as crianças, o meu tio, a minha tia, o meu pai, que era o mais novo, a empregada e o empregado, e ia com eles até o riacho.

Dava pra todo mundo um golinho de rum com ervas, uma receita que trouxe do velho continente, e daí ele jogava água do riacho em cima deles. Claro que congelavam em segundos, duros e azulados iguais a um monte de pirulitos. Ele empurrava as pessoas congeladas até um buraco que tinham cavado antes e forrado de palha, e ele guardava todos lá, um por um, igual a um monte de lenha empilhada. Embrulhava tudo com palha, depois cobria o buraco com dois oleados bem presos pra manter os bichos longe. Naquele tempo tinha lobo, urso e todos os tipos de animais que a gente não vê mais por aqui, mas não tinha nenhum hodag, essa coisa de hodag é lenda e eu não vou ficar abusando da sua credulidade com uma história dessas, não senhor... Então ele cobria o buraco com os dois oleados e, quando a nevasca seguinte caía, cobria tudo completamente, menos a bandeira que ele tinha colocado lá pra marcar o lugar do buraco. Então meu vô passava o inverno com todo conforto e nunca precisava se preocupar se a comida ou o carvão iam acabar. Quando percebia que a primavera estava chegando de verdade, ele ia até a bandeira e cavava na neve, tirava os oleados, carregava cada uma das pessoas e colocava a família na frente do fogo pra derreter. Ninguém ligava pra isso, a não ser um dos empregados, que perdeu metade de uma orelha pra uma família de ratos que fez ninho lá uma vez, por que o meu avô não tinha ajeitado direito os oleados. Claro que naquele tempo a gente tinha uns invernos de verdade. Dava pra fazer isso naquele tempo. Nesses inverninhos de bicha de hoje, quase nunca faz bastante frio.

— Não? — perguntou Shadow.

Ele fazia semblante de homem sério e se divertia muito com aquilo.

— Não desde o inverno de 49, e você é muito novo pra se lembrar dele. Aquele sim foi um inverno. Eu vi que você comprou um veículo.

— É. O que você acha?

— Pra falar a verdade, eu nunca gostei daquele filho dos Gunther. Eu tinha um criadouro de trutas lá no meio da floresta, no fundo do meu terreno, bem no fundo, bom, ainda é um terreno urbano, mas eu tinha colocado umas pedras no rio e tinha feito umas piscinas e uns lugares em que as trutas gostavam de ficar. E tinha uns peixes que eram uma beleza, tinha uma truta de riacho que devia pesar uns 2,5 quilos, 3, e aquele Guntherzinho filho de uma mãe destruiu cada uma das piscinas e ainda ameaçou me denunciar pró departamento florestal. Agora ele está em Green Bay, e logo, logo vai voltar pra cá. Se existisse alguma justiça no mundo ele leria ido embora como fugitivo do inverno, mas não, ele é igual a um carrapicho que gruda em um casaco de lã.

Ele começou a arrumar o conteúdo da cesta de boas-vindas de Shadow no balcão da cozinha.

— Isso aqui é a geléia de maçã silvestre da Katherine Powdermaker. Ela me dá um pote de Natal desde antes de você nascer, e a triste verdade é que eu nunca abri nenhum. Estão todos no meu porão, quarenta, Cinquenta potes. Talvez eu abra um e descubra que é gostoso. Enquanto isso, aqui está um pote pra você. Talvez goste.

— O que é um fugitivo do inverno?

— Humm.

O velho puxou a touca de lã para cima das orelhas e esfregou a testa com um indicador cor-de-rosa.

— Bom, não é uma coisa que só tem aqui em Lakeside... Esta aqui é uma cidade boa, melhor do que a maioria, mas nós não somos perfeitos. Em alguns invernos, bom, talvez um garoto fique meio maluco, quando fica tão frio que não dá pra sair, e a neve é tão seca que mal dá pra fazer uma bola de neve sem ela se esfarelar...

— Eles fogem?

O velho assentiu com a cabeça, com gravidade.

— Eu culpo a televisão, que fica mostrando pras crianças todas essas coisas que elas nunca vão ter... Dallas e Dinastia e toda aquela bobagem. Eu não tenho televisão desde o outono de 1983, a não ser um aparelho em preto e branco que eu guardo em um armário pró pessoal que vem de fora quando tem jogo pra assistir.

— Posso oferecer alguma coisa pra você, Hinzelmann?

— Café não. Me dá azia. Só água. Hinzelmann sacudiu a cabeça.

— O maior problema aqui nesta parte do mundo é a pobreza. Não o tipo de pobreza que existia durante a Depressão, mas uma coisa mais... como é que é aquela palavra, que significa que vai comendo pelas bordas, igual às baratas?

— Pérfida?

— É. Pérfida. A lenha morreu. A mineração morreu. Os turistas quando vão pro Norte não passam de Delis, a não ser por um punhado de caçadores e alguns garotos que vão acampar nos lagos... e eles não gastam dinheiro nas cidadezinhas.

— Mas Lakeside parece uma cidade próspera. Os olhos azuis do velho piscaram.

— E, acredite em mim, dá muito trabalho — disse. — Trabalho duro. Mas essa cidade é boa, e todo o trabalho que as pessoas daqui se propõem a fazer vale a pena. Não que a minha família não tenha sido pobre quando eu era criança. Pergunta pra mim se a minha família era pobre quando eu era criança.

Shadow fez seu semblante de homem sério e disse:

— A sua família era muito pobre quando você era criança, senhor Hinzelmann?

— Só Hinzelmann, Mike. Nós éramos tão pobres que não tínhamos dinheiro pra acender um fogo em casa. Chegava na véspera de Ano Novo, meu pai chupava uma bala de hortelã bem ardida e nós, os filhos, ficávamos em volta dele com as mãos esticadas, nos esquentando no ardor.

Shadow emitiu um barulho nasalado. Hinzelmann vestiu sua máscara de esqui e fechou o enorme casaco xadrez, tirou as chaves do carro do bolso e então, por último, vestiu as luvas fofas.

— Se ficar muito entediado aqui, vá até a loja e mande me chamar. Eu mostro pra você a minha coleção de iscas artificiais feitas à mão. Você vai ficar tão entediado que voltar pra cá vai ser um alívio.

A voz dele estava abafada, porém audível.

— Pode deixar — disse Shadow. — Como vai a Tessie?

— Hibernando. Ela sai de novo na primavera. Cuide-se bem, senhor Ainsel.

E fechou a porta atrás de si quando saiu.

O apartamento ficou ainda mais frio.

Shadow vestiu o casaco e as luvas. Então calçou as botas. Ele mal podia enxergar através das janelas por causa do gelo que se acumulava na parte interna dos vidros, o que transformava a vista do lago em uma imagem abstrata.

Sua respiração fazia fumaça no ar.

Ele saiu do apartamento para a varanda de madeira e bateu na porta vizinha. Ouviu a voz de uma mulher gritando para alguém calar a boca pelo amor de Deus e abaixar a televisão — uma criança, pensou, adultos não gritam daquele jeito com outros adultos. A porta se abriu e uma mulher cansada com cabelos muito compridos e muito pretos olhou para ele cheia de suspeita.

— Pois não?

— Como vai a senhora? Eu sou Mike Ainsel, seu vizinho de apartamento. A expressão dela não mudou, nem um tiquinho.

— Pois não?

— Senhora, estou congelando dentro do meu apartamento. Tem um pouquinho de calor saindo do buraco da calefação, mas não está esquentando nada, nada mesmo.

Ela o examinou de cima a baixo, então um espectro de sorriso apareceu nos cantos de seus lábios:

— Entre, então. Se não entrar, daqui a pouco também vai ficar frio aqui. Shadow entrou no apartamento. Brinquedos de plástico multicoloridos estavam espalhados por todo o chão. Tinha pilhas pequenas de papel de presente rasgado perto da parede. Um garotinho estava sentado a apenas alguns centímetros do aparelho de televisão, com um vídeo de Hércules, de Walt Disney, passando, com um sátiro animado pulando de um lado para o outro na tela. Shadow ficou de costas para o aparelho de televisão.

— Tudo bem — ela disse. — O que precisa fazer é o seguinte: primeiro, vede as janelas. O senhor pode comprar o que precisa na Henning's, é igual à fita crepe, mas é pra janela. Cole a fita adesiva nas janelas e, se quiser que fique bacana, use um secador de cabelo nelas e vão durar até o fim do inverno. Isso impede que o calor saia pelas janelas. Depois, compre um ou dois aquecedores de ambiente. A fornalha do prédio é antiga, e não consegue aguentar frio de verdade. Os últimos invernos foram leves, acho que deveríamos agradecer por isso.

Então ela esticou a mão:

— Marguerite Olsen.

— Prazer em conhecê-la — disse Shadow.

Ele tirou uma luva e os dois apertaram as mãos.

— Sabe, eu sempre pensei que gente chamada Olsen fosse bem mais loira do que a senhora.

— Meu ex-marido era o mais loiro possível. Rosado e loiro. Não ficava bronzeado nem à força.

— A Missy Gunther disse que a senhora escreve pró jornal local.

— A Missy Gunther conta tudo pra todo mundo. Não sei pra que precisam de um jornal local com a Missy Gunther por aí. Ela assentiu com a cabeça.

— É, faço umas reportagens aqui e ali, mas o meu editor escreve a maior parte das notícias. Eu escrevo a coluna sobre natureza, a de jardinagem, uma coluna de opinião todo domingo e a coluna das "Notícias da Comunidade", que conta, em detalhes de anestesiá-lo, o pensamento, quem saiu pra jantar com quem em um raio de 25 quilômetros.

Ela olhou para ele com seus olhos pretos e Shadow experimentou um momento de puro déjà vu. Eu já estive aqui, pensou.

Não, ela me lembra alguém.

— Bom, é assim que você faz pra aquecer seu apartamento.

— Obrigado. Quando estiver aquecido, a senhora e o seu pequenininho precisam vir fazer uma visita.

— O nome dele é Leon — ela disse. — Prazer em conhecê-lo, senhor... desculpe...

— Ainsel. Mike Ainsel.

— E que tipo de nome é Ainsel? — ela perguntou. Shadow não fazia a mínima ideia.

— Meu nome... Acho que nunca me interessei muito pela história da família.

— Norueguês, talvez?

— Nós nunca fomos muito próximos.

Foi então que se lembrou do tio Emerson Borson, e concluiu:

— Desse lado da família, pelo menos.

Quando o senhor Wednesday chegou, Shadow já tinha colocado folhas de plástico transparente em todas as janelas, e providenciado um aquecedor de ambiente para a sala e outro para o quarto dos fundos. O apartamento ficou quase aconchegante.

— Que diabos é aquela porcaria roxa que você está dirigindo? — perguntou Wednesday, em vez de cumprimentar Shadow.

— Bom, você foi embora com a minha porcaria branca. Falando nisso, cadê o

carro?

— Eu negocieiei em Duluth. Nunca dá pra ser cuidadoso demais. Não se preocupe... você vai receber sua parte quando isso tudo terminar.

— O que eu estou fazendo aqui? — perguntou Shadow. — Em Lakeside, quero dizer. Não no mundo.

Wednesday mostrou seu sorriso, aquele que dava a Shadow vontade de socá-lo.

— Você está morando aqui porque é o último lugar que eles vão te procurar. Posso manter você fora de circulação aqui.

— Quando você fala "eles", quer dizer os caras ruins?

— Exatamente. Temo que a Casa na Pedra agora esteja fora dos limites. Está um pouco difícil, mas vamos conseguir lidar com isso. Por enquanto só vamos ficar aqui batendo os pés e agitando bandeiras, andando de um lado pro outro e passeando até a ação começar... um pouco mais tarde do que todos nós esperávamos. Acho que vão segurar até a primavera. Nada grande deve acontecer até lá.

— Como assim?

— Porque eles podem ficar falando de micromilissegundos e mundos virtuais e mudança de paradigma e o-que-é-que-você-tem-para-oferecer, mas eles continuam morando neste planeta e ainda estão atrelados aos ciclos do ano. Estes meses são mortos. Uma vitória durante estes meses é uma vitória morta.

— Não faço a mínima ideia do que você está falando — disse Shadow. Não era bem verdade. Ele tinha uma vaga ideia, e esperava que estivesse errada.

— Este inverno vai ser pesado, e você e eu vamos usar nosso tempo da maneira mais sábia possível. Precisamos agrupar as tropas e escolher nosso campo de batalha.

— Tudo bem — disse Shadow.

Ele sabia que Wednesday falava a verdade, ou parte da verdade. A guerra estava chegando. Não, não era isso: a guerra já tinha começado. A batalha estava chegando.

— O Mad Sweeney disse que estava trabalhando pra você quando a gente se conheceu naquela primeira noite. Ele disse isso antes de morrer.

— E por acaso eu ia querer contratar alguém que não conseguisse superar uma besta triste igual àquela em uma briga de bar? Mas não fica com medo, você já me devolveu a fé que eu depusitei em você uma dúzia de vezes. Você já foi a Las Vegas?

— Las Vegas, Nevada?

— É essa aí mesmo.

— Não.

— Vamos pra lá de Madison hoje à noite, mais tarde, em uma excursão de cavalheiros, um vôo fretado pra gente que joga alto. Eu convenci o pessoal de que nós deveríamos ir.

— Você nunca cansa de mentir? — perguntou Shadow. Ele falou educadamente, com curiosidade.

— Nem um pouquinho. De qualquer jeito, é verdade. Estamos fazendo as apostas mais altas de todas. Não deve demorar mais do que umas duas horas pra chegar até Madison, as estradas estão limpas. Então, tranca a porta e desliga os aquecedores. Seria terrível se a casa queimasse na sua ausência.

— Com quem é que vamos nos encontrar em Lãs Vegas? Wednesday explicou a ele.

Shadow desligou os aquecedores, colocou algumas roupas em uma mala de mão, então se virou para Wednesday e disse:

— Olha, eu estou me sentindo meio idiota. Eu sei que você acabou de me falar com quem a gente vai se encontrar, mas não sei. Meu cérebro acabou de peidar ou alguma coisa assim. Não lembro mais. Quem é mesmo?

Wednesday explicou mais uma vez.

Dessa vez, Shadow quase conseguiu. O nome estava ali, na ponta da memória. Ele queria ter prestado mais atenção quando Wednesday falou. Resolveu deixar para lá.

— Quem vai dirigir? — perguntou a Wednesday.

— Você.

Saíram do apartamento, desceram as escadas de madeira e percorreram o caminho coberto de gelo até onde um Lincoln Town Car estava estacionado. Shadow dirigiu.

Entrando no Cassino, a pessoa é atacada por convites de todos os lados — convites tais que só poderiam ser recusados por um homem de pedra, sem coração, sem cabeça e curiosamente desprovido de avareza. Olhe só: uma rajada de metralhadora de moedas prateadas caindo de uma abertura para uma bandeja e transbordando para cima do carpete com monogramas é substituída por uma percussão de sirenes das mesmas aberturas, um coral de blips engolido pela sala enorme, abafado em um som de fundo confortável; quando a pessoa chega às mesas de cartas, os sons longínquos são apenas audíveis o suficiente para que mantenham a adrenalina correndo pelas veias do apostador.

Há um segredo que os cassinos possuem, um segredo que guardam, vigiam e estimam, seu mistério mais sagrado. Porque a maior parte das pessoas não aposta para ganhar dinheiro, apesar de os anúncios dizerem, venderem, afirmarem e sonharem com isso. Essa é meramente a mentira fácil que faz com que as pessoas atravessem as portas enormes, sempre abertas e acolhedoras.

O segredo é esse: as pessoas apostam para perder dinheiro. Elas vêm aos cassinos em busca daquele momento em que se sentem vivas, para andar na roca, girar com as cartas e se perderem, com as moedas, nas aberturas das maquinas. Podem gabar-se das noites em que ganharam o dinheiro do cassino, mas escondem, escondem secretamente, as vezes que perderam. É uma espécie de sacrifício.

O dinheiro corre pelo cassino em um rio ininterrupto de verde e prata, correndo de

mão em mão, do apostador para o crupiê, para a gerência da casa, para a segurança, finalmente terminando no altar mais sagrado, no santuário mais escondido, a Sala de Contas. E é lá, na sala de contas deste cassino, que você vai para descansar, aqui, onde os pacotes verdes são separados, empilhados, indexados, aqui neste espaço que vai ficando cada vez mais redundante à medida que mais dinheiro corre no imaginário do Cassino: uma sequência elétrica de liga e desliga, sequências que correm pelas linhas de telefone.

Na saia de contas vêm-se três homens contando dinheiro sob o olhar vidrado das comeras que eles podem ver, sob os relances minúsculos das câmaras diminutas que eles não podem ver. Durante o decorrer de um turno, cada um dos homens conta mais dinheiro do que vai ver em todos os pacotes de pagamento de sua vida. Cada um desses homens, quando dorme, sonha que está contando dinheiro, com pilhas de notas, com elásticos para papel e com números que crescem inevitavelmente, que são ordenados e perdidos. Cada um dos três homens já pensou por pensar, não menos do que uma vez por semana, em como se esquivar dos sistemas de segurança do cassino e fugir com o máximo de dinheiro que conseguissem rebocar; e, com relutância, cada um dos homens examinou o sonho e o descobriu impraticável, contentou-se com um salário fixo e evitou os dois espectros: da prisão e de uma cova sem identificação.

E, aqui, no altar mais sagrado, há três homens que contam o dinheiro, e há os guardas que vigiam, trazem o dinheiro e o levam embora. E há uma outra pessoa. Seu temo cinzento-carvão é imaculado; seus cabelos, escuros; seu rosto, bem barbeado; e sua conduta, em todos os sentidos, esquecível. Nenhum dos outros homens alguma vez observou que ele estava ali e, se percebeu sua presença, esqueceu-se dele no mesmo instante.

Quando o turno acaba e as portas se abrem, o homem de terno cor-de-carvão deixa a sala e caminha, junto com os guardas, pelos corredores, com seus pés fazendo barulho contra o carpete com monogramas. O dinheiro, em caixas, é levado em carrinhos de mão para um galpão de carga interno, onde é carregado em carros blindados. Quando os portões da rampa se abrem para permitir a passagem dos carros blindados para as ruas de Las Vegas, o homem de terno cor-de-carvão caminha, sem ser notado, pelos portões, e pula da rampa para a calçada. Ele nem olha para cima para ver a imitação de Nova York à sua esquerda.

Lãs Vegas se transformou na cidade dos sonhos de um livro de figuras infantil — aqui, um castelo de livro de história, ali, uma pirâmide com a lateral em forma de esfinge negra, emitindo luz branca no meio da escuridão, como se estivesse criando um campo de luz para o pouso de ovnis; e por todos os lados, oráculos de néon e telas que se contorcem prevêm felicidade e boa sorte, anunciando cantores, comediantes e mágicos residentes ou a caminho... as luzes sempre piscam, acenam e chamam. De hora em hora, um vulcão entra em uma erupção de luz e chamas. De hora em hora, um navio pirata afunda um navio de guerra.

O homem de terno cor-de-carvão passeia confortavelmente pela calçada, sentindo a corrente de dinheiro fluindo pela cidade. No verão, as ruas ficam um forno, e cada entrada de loja por onde ele passa expira ar condicionado invernal para o calor úmido e faz o suor em seu rosto secar. Agora, no inverno do deserto, há um frio seco, que ele aprecia. Em sua

mente, o movimento do dinheiro forma uma redefina, uma cama de gato tridimensional de luz e movimento, a maneira como o dinheiro vai de um lugar ao outro e de mão em mão: para ele, é como tomar uma droga e senti-la fazer efeito, senti-la bater, e aquilo o chama para a rua como um viciado.

Um táxi o segue lentamente pela rua, mantendo uma certa distância. Ele não percebe. Não ocorre a ele perceber aquela espécie de perseguição: ele é tão raramente notado que acha o conceito de ser seguido quase inconcebível.

São quatro da manhã, e ele é atraído a um hotel e cassino que saiu de moda há trinta anos, mas que ainda funciona até amanhã ou até daqui a seis meses, quando vão implodilo, derrubá-lo e construir um palácio de prazeres no lugar onde ficava antes, e o esquecerão para sempre. Ninguém o conhece, ninguém se lembra dele, mas o bar do saguão é brega e silencioso, e o ar está azul de fumaça velha de cigarro e alguém está prestes a largar vários milhões de dólares em um jogo de pôquer, numa sala privativa no andar acima. O homem de terno cor-de-carvão se acomoda no bar a vários andares de distância do jogo, e é ignorado pela garçonete. Uma versão de elevador para "Why Can't He Be You?" toca, quase que subliminarmente. Cinco personificadores de Elvis Presley, cada um deles usando um macacão de cor diferente, assistem a uma reprise de um jogo de futebol americano na TV do bar.

Um homem grande com um temo cinza-claro senta-se à mesa do homem de terno cor-de-carvão e, reparando nele, apesar de não olhar o homem de terno cor-de-carvão, a garçonete, que é muito magra para ser bonita, muito obviamente anoréxica para trabalhar no Luxor ou no Tropicana, e que está contando os minutos para largar o trabalho, vem diretamente na sua direção e sorri. Ele abre um sorriso largo para ela.

— Você está linda hoje, querida, uma bela visão para estes pobres e velhos olhos — diz.

E, sentindo o cheiro de uma boa gorjeta, ela lhe devolve um sorriso largo. O homem de temo cinza-claro pede um Jack Daniel's para si e um uísque escocês Laphroaig e água para o homem de temo cor-de-carvão sentado ao seu lado.

— Sabe — diz o homem de temo cinza-claro, quando sua bebida chega —, o melhor verso de poesia já proferido em toda a história deste país maldito foi dito por Canada BUI fones em 1853, em Baton Rouge, enquanto ele estava sendo enganado e roubado em um jogo de faraó com cartas marcadas. George Devol, que não era, assim como Canada BUI, um homem avesso à ideia de depenar o babaca da vez, chamou BUI para o lado e perguntou se ele não estava vendo que havia trapaça no jogo. E o Canadá BUI suspirou, deu de ombros e disse: "Eu sei. Mas é o único jogo que tem nesta cidade". E voltou ao jogo.

Olhos escuros olham para o homem de temo cinza-claro com incredulidade. O homem de terno cor-de-carvão responde alguma coisa. O homem de temo claro, que tem uma barba ruiva que já está ficando grisalha, sacode a cabeça.

— Olha — ele diz. — Peço desculpas pelo que aconteceu no Wisconsin. Mas eu libertei todos vocês sãos e salvos, não libertei? Ninguém se machucou.

O homem de terno escuro dá um gole no Laphroalg com água, saboreando o gosto pantanoso, a característica lamacenta do uísque. Ele faz uma pergunta.

— Não sei. Tudo está andando mais rápido do que eu esperava. Todo mundo tem tesão pelo garoto que eu contratei como mensageiro... Ele está lá fora, esperando no táxi. Você ainda está na parada?

O homem de terno escuro responde.

O homem barbado sacode a cabeça.

— Faz duzentos anos que ninguém a vê. Se ela não morreu, saiu de cena por conta própria.

Algo mais é dito.

— Veja bem — diz o homem barbado, terminando seu Jack Daniels com um gole.

— Você está na parada, esteja lá quando precisarmos e eu vou tomar conta de você. O que mais quer? Soma? Eu posso conseguir uma garrafa de Soma pra você. Da boa.

O homem de terno escuro olha para ele fixamente. Então assente com a cabeça, com relutância, e faz um comentário.

— Claro que sim — diz o homem barbado, sorrindo como uma faca. — O que você adia? Mas veja a coisa assim: este é o único jogo que tem nesta cidade.

Ele estica uma mão, que se parece com uma pata, e aperta a mão de unhas bem-feitas do outro homem. Então sai caminhando.

A garçonete magra volta, confusa: agora só há um homem na mesa do canto, um homem vestido com fineza, de cabelos escuros e com um terno cinza-carvão.

— Tudo bem por aqui? — ela pergunta. — Seu amigo vai voltar? O homem de cabelo escuro suspira, e explica que seu amigo não vai voltar, e por isso ela não vai ser paga pelo tempo que gastou, ou pelo incomodo. E então, vendo a mágoa nos olhos dela, e ficando com pena, examina as correntes de ouro em sua mente, observa a matriz, segue o dinheiro até um ponto de transferência, e diz a ela que, se ela estiver do lado de fora da Treasure Island às 6h da manhã, meia hora depois de sair do trabalho, vai encontrar um oncologista de Denver que vai ter acabado de ganhar quarenta e cinco mil dólares e que vai precisar de uma mentora, de uma sócia, de alguém para ajudá-lo a gastar toda aquela quantia nas 48 horas que precedem o horário do avião que o levará de volta para casa.

As palavras se evaporam da mente da garçonete, mas a deixam feliz. Ela suspira e percebe que os caras do canto saíram sem pagar, e não deram nem uma gorjeta;

e lhe ocorre que, ao invés de ir direto para casa quando largar o trabalho, ela vai dar uma passada em Treasure Island, mas ela nunca, se você perguntasse, saberia dizer por quê.

— Então, quem era aquele cara que você foi encontrar? — perguntou Shadow, enquanto percorriam o caminho de volta pela rampa de decolagem de Lãs Vegas.

Havia máquinas de apostas no aeroporto. Até mesmo a essa hora da manhã havia

pessoas paradas na frente delas, alimentando-as com moedas. Shadow se perguntou se existia gente que nunca saía do aeroporto, que descia do avião, percorria o túnel de desembarque até o prédio do aeroporto e parava lá, presa pela armadilha das luzes piscantes até que colocasse sua última moeda nas máquinas e, sem nada mais no bolso, simplesmente se virava para o outro lado e pegava o avião de volta para casa.

Foi então que percebeu que se distraiu logo quando Wednesday contava quem era o homem de terno escuro que haviam seguido de táxi, e perdeu a explicação.

— Então, ele está na parada — disse Wednesday. — Mas vai me custar uma garrafa de Soma.

— O que é Soma?

— Uma bebida.

Eles caminharam até o avião fretado, vazio a não ser por eles e um trio de executivos gastadores que precisavam estar de volta a Chicago no início do dia útil seguinte.

Wednesday acomodou-se e pediu um Jack Daniels.

— Meu tipo de gente vê o seu tipo de gente... — ele hesitou. — É como se fossem as abelhas e o mel. Cada abelha fabrica apenas uma gota minúscula de mel. Precisa de milhares delas, milhões talvez, todas trabalhando juntas, pra fazer o pote de mel que você usa no seu café da manhã. Agora, imagine que você não pudesse comer nada além de mel. É meio assim pró meu tipo de gente... Nós nos alimentamos de fé, de orações, de amor.

— E Soma é...

— Pra levar a analogia mais longe, é um vinho de mel. Tipo mulso. Ele deu uma risada.

— É uma bebida. Oração e fé concentradas, destiladas em um licor potente. Sobrevoavam algum lugar do Nebraska tomando um café da manhã de avião nada impressionante, quando Shadow disse:

— Minha mulher.

— Aquela que já morreu.

— Laura. Ela não quer continuar morta. Ela me disse, depois que me libertou dos caras do trem.

— O ato de uma esposa maravilhosa. Libertar você da prisão vil e matar aqueles que o teriam machucado. Você deveria apreciá-la, sobrinho Ainsel.

— Ela quer ficar viva de verdade. Dá pra fazer isso? É possível? Wednesday ficou tanto tempo sem dizer nada que Shadow começou a se perguntar se ele escutara a pergunta ou se tinha caído no sono com os olhos abertos. Então disse, olhando para a frente, para o vazio:

— Sei um encanto que pode curar dor e doença, e que pode tirar o sofrimento do coração daqueles que sofrem. Sei um encanto que cura com um toque. Sei um encanto que

faz as armas do inimigo se virarem pró outro lado. Sei outro encanto que me solta de todas as amarras e abre todas as fechaduras. Um quinto encanto: eu consigo pegar uma flecha no ar e não me machucar.

As palavras soavam pesadas, urgentes. O tom amedrontador não estava mais lá, o sorriso cínico também não. Wednesday falava como se recitasse as palavras de um ritual religioso, ou como se estivesse se lembrando de alguma coisa obscura e dolorida.

— Um sexto: feitiços feitos pra me machucar só vão machucar quem os enviou. Sétimo encanto que eu sei: posso apagar o fogo apenas olhando pra ele. Oitavo: se algum homem me odiar, eu consigo ganhar sua amizade. Nono: eu posso fazer o vento dormir com o meu canto e posso acalmar uma tempestade durante tempo suficiente pra levar um barco até a costa. Esses foram os primeiros nove encantos que eu aprendi. Durante nove noites eu fiquei pendurado na árvore nua, a lateral do meu corpo perfurada pela ponta de uma lança. Eu balançava de um lado pró outro e sacolejava aos ventos frios e aos ventos quentes, sem comida, sem água, um sacrifício de mim pra mim mesmo, e os mundos se abriram. Como décimo encanto, eu aprendi a dispersar bruxas e fazê-las rodopiar no céu de modo a nunca mais encontrarem seu caminho de volta às suas próprias portas. Décimo primeiro: se eu cantar quando uma batalha eclodir, posso fazer com que guerreiros passem pelo tumulto ilesos e intactos e posso trazê-los de volta a suas famílias e a seus lares são e salvos. Décimo segundo encanto que sei: se eu vir um homem enforcado, posso tirá-lo da forca pra que sussurre no nosso ouvido tudo de que consegue se lembrar. Décimo terceiro: se eu jogar água sobre a cabeça de uma criança, ela não vai sucumbir na batalha. Décimo quarto: sei os nomes de todos os deuses. De cada um dos malditos. Décimo quinto: sonho com poder, com glória, e com sabedoria, e eu posso fazer as pessoas acreditarem nos meus sonhos.

A voz dele estava tão baixa agora que Shadow precisava se esforçar para ouvi-lo por sobre o barulho do motor do avião.

— Décimo sexto encanto que sei: se preciso de amor, posso transformar a mente e o coração de qualquer mulher. Décimo sétimo: nenhuma mulher que eu desejo vai desejar alguém mais na vida. E eu ainda sei um décimo oitavo encanto, que é o maior de todos, e esse eu não posso contar pra nenhum homem, porque um segredo que ninguém mais além de você sabe é o segredo mais poderoso que pode existir.

Ele suspirou e então parou de falar.

Shadow sentia seus pelos se arrepiando. Era como se tivesse acabado de ver uma porta se abrindo para outro lugar, em algum lugar a muitos mundos de distância, onde homens enforcados balançavam ao vento em todas as encruzilhadas, onde bruxas guinchavam por cima das cabeças de todos no meio da noite.

— Laura — foi tudo o que disse.

Wednesday virou a cabeça, olhou bem dentro dos olhos cinza-pálido de Shadow com os seus próprios.

— Eu não posso fazer com que ela viva novamente. Nem sei por que ela não está tão morta quanto deveria estar.

— Acho que fui eu — disse Shadow. — Foi minha culpa. Wednesday levantou uma sobrancelha.

— O Mad Sweeney me deu uma moeda de ouro quando me mostrou como fazer aquele truque. De acordo com o que disse, ele me deu a moeda errada. O que ele me deu era alguma coisa mais poderosa do que ele pensou que fosse. Dei a moeda pra Laura.

Wednesday soltou um grunhido, encostou o queixo no peito, fez uma careta. Então se recostou.

— É, pode ter sido isso. E não, eu não posso te ajudar. Mas claro que o que você faz no seu tempo livre é problema seu.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que não posso impedir que você procure pedras de águia ou pássaros-trovão. Mas eu preferiria infinitamente que você passasse seus dias calmamente isolado em Lakeside, sem ser visto, e, espero, sem ser lembrado. Quando as coisas ficarem cabeludas, vamos precisar de todas as mãos na direção.

Ele parecia muito velho enquanto dizia isso, e frágil, sua pele parecia quase transparente e a carne que cobria era cinzenta.

Shadow queria, queria muito mesmo, esticar o braço e colocar sua mão sobre a mão cinzenta de Wednesday. Ele queria dizer que tudo ficaria bem — algo que Shadow não sentia, mas que sabia que precisava ser dito. Havia homens em trens pretos lá fora. Havia um garoto gordo em uma limusine e pessoas na televisão que não lhes queriam bem.

Ele não locou em Wednesday. Não disse nada.

Mais tarde, ficou se perguntando se poderia ter mudado as coisas, se aquele gesto teria feito algum bem, se poderia ter evitado alguma parte do prejuízo que estava por vir. E disse a si mesmo que não. Sabia que não. Mas, ainda assim, depois, gostaria de ter tocado, só por um instante naquele vôo vagaroso para casa, a mão de Wednesday.

O dia curto de inverno já estava escurecendo quando Wednesday deixou Shadow na frente do prédio. No momento em que Shadow abriu a porta do carro, a temperatura gelada pareceu-se ainda mais com ficção científica quando comparada à de Las Vegas.

— Não se meta em confusão — disse Wednesday — Vá pela sombra. Seja discreto.

— Tudo ao mesmo tempo?

— Não se faça de espertinho comigo, garoto. Você pode ficar fora de vista em Lakeside. Eu fiz um favor enorme em deixar você morando aqui, são e salvo. Se você estivesse em outra cidade, eles teriam sentido o seu cheiro em minutos.

— Eu vou ficar quietinho e longe de confusão. Shadow falou isso de coração. Ele viveu uma vida inteira de confusão e estava pronto para deixá-la no passado.

— Quando é que você volta? — perguntou.

— Logo.

Wednesday ligou o motor do Lincoln, fechou a janela e arrancou para dentro da noite frígida.

CAPÍTULO ONZE

Three may keep a secret, if two of them are dead. [\[12\]](#)

— Ben Franklin, Poor Richards Almanack

Três dias frios se passaram. O termômetro nunca chegava a atingir a marca de trinta graus negativos, estava sempre abaixo disso, até mesmo ao meio-dia. Shadow se perguntava como é que as pessoas sobreviveram a esse tempo nos dias em que não existia eletricidade, antes das máscaras de rosto e das roupas de baixo térmicas e finas, antes de ser fácil ir de um lugar ao outro.

Ele estava na locadora de vídeo, que era ao mesmo tempo salão de bronzamento artificial e loja de iscas e de equipamento para pesca. As iscas eram mais interessantes do que Shadow havia pensado: réplicas coloridas da vida, feitas de penas e de barbante, cada uma com um anzol escondido dentro do corpo.

Shadow fez a Hinzelmann a mesma pergunta que acabara de se fazer.

— De verdade? — perguntou Hinzelmann.

— De verdade — disse Shadow.

— Bom — disse o homem mais velho. — Às vezes não sobreviviam, e morriam. Chaminés com vazamentos e fornos e fogões mal ventilados matavam tanto quanto o frio. Mas aqueles tempos eram difíceis... passavam o verão e o inverno guardando comida e lenha pró inverno. A pior coisa de todas era a loucura. Eu ouvi no rádio, estavam contando como tem a ver com a luz do sol... como não tem luz suficiente no inverno. Meu pai, ele disse que o pessoal simplesmente ficava louco. Chamavam de loucura do inverno. Lakeside nunca teve muito problema, mas, em algumas das outras cidades aqui por perto, era difícil. Tinha um ditado, comum quando eu era criança, que se a empregada não tivesse tentado matar o patrão até a primavera, era porque ela não tinha a mínima determinação. Livros de histórias eram iguais a poeira de ouro... qualquer coisa que se pudesse ler era estimada, antes da cidade ter uma biblioteca circulante. Quando meu vô recebia um livro de histórias do irmão dele, da Baviera, todos os alemães da cidade se encontravam na prefeitura pra ouvir ele ler, e os finlandeses e os irlandeses e todos os outros faziam os alemães contarem as histórias pra eles. Vinte milhas ao sul daqui, em Jibway, acharam uma mulher andando nua no inverno com um bebe morto no peito, que não tolerou que tirassem a criança dela.

Ele sacudiu a cabeça, meditando, e fechou o armário de iscas com um dique.

— Mau negócio. Você quer um cartão pra alugar fitas de vídeo? Algum dia vão abrir uma Blockbuster por aqui, e logo nós vamos à falência. Mas por enquanto oferecemos uma seleção bem legal.

Shadow lembrou a Hinzelmann que ele não tinha televisão, nem vídeo. Ele gostava da companhia do homem — as reminiscências, as histórias compridas, o sorriso de duende do velho. As coisas poderiam ficar esquisitas entre eles se Shadow confessasse que a televisão o deixou incomodado desde que começou a conversar com ele.

Hinzelmann remexeu uma gaveta e tirou uma caixa de latão — pela aparência, tinha sido uma caixa de Natal, do tipo que continha chocolates ou biscoitos: um Papai Noel sardento, segurando uma bandeja de garrafas de Coca-cola, estava desenhado em relevo na tampa. Hinzelmann abriu a caixa, revelando um caderno e livros de cupons em branco, e disse:

— Quantos você quer que eu reserve pra você?

— Quantos o quê?

— Bilhetes da lata velha. Vai pra cima do gelo hoje, por isso começamos a vender os bilhetes. Cada bilhete custa 5 dólares, 10 por 40, 20 por 75. Cada bilhete compra cinco minutos. Claro que não dá pra prometer que a lata velha vai afundar em cinco minutos, mas a pessoa que tiver o bilhete com a data mais próxima ganha 500 dólares e, se afundar durante este tempo, você ganha mil dólares. Quanto mais cedo você comprar seus bilhetes, mais horários tem pra escolher. Quer ver o impresso informativo?

— Claro.

Hinzelmann entregou a ele uma fotocópia do impresso. A lata velha era um carro com o motor e o tanque de gasolina removidos, que seria estacionado em cima do gelo durante o inverno. Em algum ponto da primavera, o gelo do lago derreteria e, quando estivesse fino demais para aguentar o peso, o carro cairia no lago. A data mais próxima do começo do ano em que a lata velha tinha afundado no lago era 27 de fevereiro ("Foi no inverno de 1998. Acho que nem dá pra chamar aquilo de inverno"), a mais distante era 1a de maio ("Foi em 1950. Naquele ano, parecia que o inverno só ia acabar se alguém cravasse uma estaca no coração dele"). O começo de abril parecia ser a época mais comum para o carro afundar — normalmente, no meio da tarde.

Todos os meios da tarde de abril já tinham sido escolhidos e marcados no caderno pautado de Hinzelmann. Shadow comprou um período de meia hora na manhã do dia 23 de março, das 9h às 9h30. Entregou 30 dólares a Hinzelmann.

— Eu queria que fosse tão fácil vender pra todo mundo nesta cidade quanto é vender pra você — disse Hinzelmann.

— É um agradecimento por aquela carona que me deu na primeira noite que eu estava na cidade.

— Não, Mike. É pras crianças.

Por um instante ele pareceu sério, sem nenhum traço de malícia em seu rosto velho e enrugado.

— Apareça por aqui hoje à tarde, você pode dar uma mão empurrando a lata velha pra cima do lago.

Ele entregou seis cartões azuis para Shadow, cada um com a data e o horário escritos com a caligrafia antiquada de Hinzelmann, depois anotou os detalhes de cada um deles em seu caderno.

— Hinzelmann — perguntou Shadow. — Você já ouviu falar de pedras de águia?

— Ao norte de Rhinelander? Não, lá é o Rio da Águia. Não posso dizer que ouvi.

— E de pássaros-trovão?

— Bom, tinha a Galeria de Molduras Pássaro-Trovão na rua Cinco, mas fechou. Não estou ajudando nada, né?

— Não.

— Sabe, por que você não vai procurar na biblioteca? O pessoal lá é legal, apesar de andar meio distraído, nesta semana, com a liquidação da biblioteca, Eu mostrei onde fica a biblioteca, não mostrei?

Shadow assentiu com a cabeça e deu até logo. Ele preferia ter se lembrado da biblioteca sozinho. Subiu no 4-Runner roxo e pegou o lado sul da rua principal, ladeando a margem do lago até o ponto mais ao sul, até alcançar o prédio em forma de castelo que abrigava a biblioteca da cidade. Entrou. Uma placa apontava para o porão: LIQUIDAÇÃO DA BIBLIOTECA. A biblioteca propriamente dita ficava no térreo, e ele bateu os pés no chão para livrar-se da neve nas botas.

Uma mulher ameaçadora com lábios enrugados cor-de-carmim perguntou a ele acidamente se podia ajudar.

— Acho que preciso de um cartão da biblioteca — respondeu. — E quero saber tudo a respeito de pássaros-trovão.

Os livros sobre tradições e crenças de americanos nativos ficavam numa única prateleira em uma das torres parecidas com as de um castelo. Shadow escolheu alguns e sentou-se no assento próximo à janela. Vários minutos depois, tinha aprendido que pássaros-trovão eram pássaros míticos, gigantes, que viviam no topo das montanhas, que traziam relâmpagos e que batiam as asas para fazer trovões. Existiam algumas tribos, ele leu, que acreditavam que os pássaros-trovão haviam construído o mundo. Mais meia hora de leitura não lhe acrescentou nada de diferente, e ele não conseguiu achar menção às pedras de águia em nenhum dos índices dos livros.

Shadow estava guardando o último dos livros de volta na prateleira quando percebeu que alguém o observava. Alguém pequeno e sério o espionava do outro lado das estantes. Quando se virou para olhar, o rosto havia desaparecido. Ele virou as costas para o menino, então olhou disfarçadamente em volta, só para confirmar que era observado mais uma vez.

O dólar com a efígie da Liberdade estava em seu bolso. Ele o tirou do bolso e o segurou na mão direita, certificando-se de que o menino o enxergava. Escondeu-o na mão

esquerda, mostrou as duas mãos vazias, levou a mão esquerda à boca e tossiu uma vez, deixando a moeda cair da mão esquerda para a direita.

O menino olhou para ele com os olhos arregalados e então saiu correndo, voltando alguns instantes mais tarde, arrastando uma Marguerite Olsen enfezada, que olhou para Shadow com suspeita e disse:

— Olá, senhor Ainsel. Leon disse que o senhor estava fazendo mágica pra ele.

— Só um pouquinho de prestidigitação, senhora. Devo dizer que nunca agradei pelos seus conselhos a respeito de aquecer o apartamento. Agora está quentinho como um ninho.

— Que bom.

A expressão de gelo dela não tinha nem começado a derreter.

— Esta biblioteca é linda — disse Shadow.

— É um prédio muito bonito. Mas a cidade precisa de algo mais eficiente e menos bonito. Você vai à liquidação lá embaixo?

— Não pretendia.

— Bom, deveria. É por uma boa causa.

— Vou dar uma passada, então.

— Vá até a entrada e então desça as escadas. Foi bom encontrá-lo, senhor Ainsel.

— Pode me chamar de Mike.

Ela não disse nada, apenas pegou a mão de Leon e levou o menino até a seção infantil.

— Mas, mãe — Shadow ouviu Leon dizer — não foi essa tal de presta digitação. Não foi. Eu vi a moeda desaparecer e depois sair do nariz dele. Eu vi.

Um retrato a óleo de Abraham Lincoln na parede olhava para ele. Shadow desceu os degraus de mármore e carvalho até o porão da biblioteca, passando por uma porta, entrando em uma sala grande cheia de mesas, cada uma delas coberta por livros de todos os tipos, indiscriminadamente divididos e promiscuamente arrumados: brochuras e livros de capa dura, ficção e não-ficção, jornais e enciclopédias, tudo lado a lado sobre as mesas, com as lombadas viradas para o lado de dentro ou para o lado de fora.

Shadow foi até o fundo da sala, onde havia uma mesa coberta com livros de capa de couro, de aparência antiga, cada um deles com um número de catálogo branco pintado na lombada.

— Você é a primeira pessoa hoje que vai até esse canto — comentou o homem sentado ao lado da pilha de caixas e sacolas vazias e da caixa de coleta pequena de metal, que estava aberta.

— A maioria só pega os policias, os infantis e os romances da editora Harlequin. Jenny Kerton, Danielle Steel, tudo isso.

O homem lia O Assassinato de Roger Ackroyd, de Agatha Christie.

— Cada livro de cima das mesas custa 50 centavos, ou três por um dólar. Shadow agradeceu a informação e continuou a examinar os livros. Encontrou uma cópia das Histórias, de Heródoto, encadernada com um couro marrom que se abria nas pontas. Fez com que pensasse na cópia em brochura que deixou na prisão. Havia um livro que se chamava ilusões de Salão que Causam Perplexidade, que parecia ter alguns efeitos de moedas. Carregou os dois livros até o homem com a caixa de coleta.

— Compra mais um e pague só um dólar — disse o homem. — E ainda vai fazer um favor pra gente. Estamos precisando de espaço nas prateleiras.

Shadow voltou aos livros antigos encadernados em couro. Resolveu libertar o livro que estivesse menos propenso a ser comprado por alguém e foi incapaz de decidir entre Moléstias Comuns do Trato Urinário com Ilustrações Feitas por um Médico e Minutas do Conselho da Cidade de Lakeside 1872-1884. Olhou as ilustrações no livro médico e resolveu que em algum lugar da cidade havia um adolescente que poderia usar o livro para enojar os amigos. Levou as Minutas até o homem na porta, que pegou seu dólar e colocou todos os livros em um saco de papel pardo, do Dave's Finest Food.

Shadow saiu da biblioteca. Dali, tinha uma vista limpa do lago, por toda sua extensão. Ele conseguia ver seu prédio, como uma casinha de bonecas, do outro lado da ponte. Havia homens sobre o gelo, próximos à ponte, quatro ou cinco deles, empurrando um carro verde escuro até o meio do lago branco.

— Dia 23 de março — Shadow disse baixinho para o lago. — Entre nove e nove e meia da manhã.

Ele ficou imaginando se o lago ou a lata velha conseguiam escutá-lo — e se prestavam alguma atenção nele. Ele duvidava.

O vento batia forte contra seu rosto.

Quando chegou ao apartamento, o delegado Chad Mulligan o esperava do lado de fora. O coração de Shadow começou a bater forte no peito quando viu a viatura de polícia, depois relaxou um pouco quando reparou que o policial fazia seu trabalho burocrático no assento dianteiro.

Caminhou até o carro, carregando seu saco de papel cheio de livros.

Mulligan abaixou o vidro.

— Liquidação da biblioteca?

— Ë.

— Eu comprei três anos atrás uma caixa de livros do Robert Eudium lá. Fico falando que vou ler. Meu primo jura que o cara é ótimo. Hoje em dia acho que só conseguiria colocar minha leitura em dia se fosse abandonado em uma ilha deserta e levasse minha caixa de livros.

— Posso fazer algo em especial pelo senhor, delegado?

— Nada mesmo, amigo. Eu pensei em dar uma passada aqui pra ver como você estava se ajeitando. Lembra daquele ditado chinês: se você salvar a vida de um homem, você é responsável por ele? Bom, não estou dizendo que salvei a sua na semana passada, mas ainda acho que deveria dar uma checada. Como vai o Gunther-móvel roxo?

— Bem — disse Shadow. — Está bem. Anda direito.

— Fico feliz em saber.

— Vi minha vizinha de apartamento na biblioteca — contou Shadow. A senhorita Olsen. Eu estava imaginando...

— O que entrou pelo rabo dela e morreu?

— Se você quiser colocar dessa forma.

— É uma longa história. Se você quiser dar uma volta comprida, eu conto tudo.

Shadow pensou sobre aquilo por um instante.

— Tudo bem — disse.

Entrou no carro, sentou-se no assento do passageiro dianteiro. Mulligan foi em direção ao norte, para fora da cidade. Então apagou o farol e estacionou ao lado da estrada.

— Darren Olsen conheceu a Marge na Universidade do Wisconsin, Stevens Point, e trouxe ela aqui pro norte, em Lakeside. Ela estava se formando em jornalismo. Ele estava estudando, merda, administração hoteleira, alguma coisa assim. Quando eles chegaram aqui, deixaram todo mundo de queixo caído. Isso foi há treze, catorze anos. Ela era tão bonita... aquele cabelo preto...

Fez uma pausa.

— Darren gerenciava o Motel América ali em Camden, 20 milhas a oeste daqui. Só que ninguém queria parar em Camden e o motel acabou fechando. Eles tiveram dois meninos. Naquele tempo, Sandy tinha 11 anos. O pequeno... Leon, e isso mesmo? Era só um bebê de colo. Darren Olsen não era um homem corajoso. Ele tinha sido um bom jogador de futebol americano no colegial, mas aquela foi a última vez que voava alto. Sei lá. Ele não conseguiu encontrar coragem para contar para a Margie que tinha perdido o emprego. Então, durante um mês, talvez dois, saía cedo de manhã e voltava tarde da noite, reclamando do dia que tinha passado no motel.

— E o que ele fazia?

— Hmm. Não posso afirmar nada. Imagino que fosse até Ironwood, talvez até Green Bay. Acho que começou a procurar emprego. Logo, logo ele começou a beber pra passar o tempo, ficava chapado, e provavelmente contratava uma garota de programa pra uma pequena satisfação instantânea. Talvez estivesse envolvido com jogos. O que eu sei, com certeza, é que ele esvaziou a conta conjunta deles em mais ou menos dez semanas. Foi só uma questão de tempo até Margie descobrir tudo... Olha só isso!

Ele saiu com o carro em uma guinada, ligou a sirene e os faróis, e assustou até o último fio de cabelo um homenzinho em um carro com placas de Iowa, que tinha acabado

de descer a colina a 110 por hora.

Com o vagabundo de Iowa multado, Mulligan voltou à sua história.

— Onde eu estava? Ah, tá. Então, Margie expulsou o marido de casa e pediu o divórcio. Virou uma batalha de custódia pesarosa. É assim que falam na revista People. Uma batalha de custódia pesarosa. Ela ficou com as crianças. Darren conseguiu direitos de visita e quase nada mais. Naquele tempo, Leon era bem pequenininho. Sandy era mais velho, um bom garoto, do tipo de menino que idolatra o pai. Não deixava Margie falar nada de mal dele. Perderam a casa... tinham um bom imóvel na rua Daniels. Ela se mudou pro apartamento e ele saiu da cidade. Voltava a cada seis meses pra tornar a vida de todo mundo miserável. Isso continuou durante alguns anos. Voltava, gastava dinheiro com as crianças, deixava Margie às lágrimas. A maior parte de nós começou a torcer pra que nunca mais aparecesse. A mãe e o pai dele se mudaram pra Flórida quando se aposentaram, disseram que não conseguiam aguentar mais nenhum inverno do Wisconsin. Então, no ano passado, ele apareceu, disse que queria levar os meninos pra passar o Natal na Flórida. Margie disse que não tinha a menor chance, mandou que sumisse. Foi bem desagradável... A certa altura, eu tive que ir até lá. Briga doméstica. Quando cheguei, Darren estava parado no pátio da frente gritando coisas, os meninos mal se aguentavam, Margie chorava. Eu disse a Darren que ele estava pedindo pra passar uma noite na cadeia. Por um instante, pensei que ia me bater, mas estava sóbrio o suficiente pra não fazer isso. Eu dei uma carona pra ele até o estacionamento de trailers ao sul da cidade, disse que tomasse jeito. Já tinha prejudicado Margie o bastante... No dia seguinte, ele foi embora da cidade. Duas semanas depois, Sandy desapareceu. Não entrou no ônibus escolar. Disse ao melhor amigo que iria ver o pai logo, logo, que Darren iria trazer um presente especialmente legal pra compensar por não ter ido passar o Natal na Flórida. Ninguém mais viu o menino desde aquele dia. Os sequestros cometidos por pais que não têm a custódia são os piores. É difícil encontrar uma criança que não quer ser encontrada, percebe?

Shadow disse que sim, e percebeu algo mais. O próprio Chad era apaixonado por Marguerite Olsen. Ficou se perguntando se o homem sabia o quão óbvio aquilo era.

O delegado pisou no acelerador mais uma vez, com as luzes piscando, e mandou alguns adolescentes que estavam andando a quase 100 por hora encostarem. Ele não os multou, "só colocou o temor a Deus neles".

Naquela noite, Shadow sentou-se à mesa da cozinha tentando descobrir como transformar um dólar de prata em um centavo. Era um truque que havia lido em Ilusões de Salão que Causam Perplexidade, mas as instruções eram irritantes, inúteis e vagas. Frases como "então faça a moeda de centavo desaparecer da maneira usual" ocorriam mais ou menos a cada período. No contexto, Shadow ficou imaginando o que era "a maneira usual". Deixar cair de uma mão para outra? Esconder na manga? Gritar "Ai meu Deus, cuidado! Um leão da montanha!" e deixar a moeda cair no bolso interno do casaco enquanto a atenção do público era desviada?

Ele jogou o dólar de prata para cima e o agarrou no ar, lembrando-se da lua e da mulher que o havia dado a ele. Então tentou fazer a ilusão. Parecia não funcionar. Foi até o banheiro e tentou fazer na frente do espelho, e confirmou que estava certo. O truque, da

maneira como estava escrito, simplesmente não funcionava. Ele suspirou, largou as moedas no bolso e sentou-se no sofá. Jogou a manta barata sobre as pernas e abriu o livro Minutas do Conselho da Cidade de Laizeside 1872-1884. A fonte, em duas colunas, era muito pequena, quase ilegível. Folheou o livro, olhando para as reproduções de fotografias da época, para as várias encarnações do Conselho da Cidade de Lakeside durante aquele período: costeletas longas e cachimbos de barro, chapéus desgastados e chapéus novos brilhantes, usados sobre rostos que eram, muitos deles, peculiarmente familiares. Não ficou surpreso ao descobrir que o distinto secretário do Conselho da Cidade, em 1882, era Patrick Mulligan: sem a barba e dez quilos mais magra seria um sócio perfeito de Chad Mulligan, seu... o quê? Tataratataraneto? Ele se perguntou se o avô pioneiro de Hinzelmann estaria nas fotos, mas parece que ele não tinha sido material para o Conselho da Cidade. Shadow achou que havia visto a referência a um Hinzelmann no texto, quando passava de uma fotografia à outra, mas o texto o iludira e, quando ele voltou algumas páginas para conferir, o tamanho da fonte fez com que sua cabeça doesse.

Pousou o livro sobre o peito e percebeu que sua cabeça estava pesada de tanto sono. Seria tolo dormir no sofá, resolveu solenemente. O quarto ficava a apenas alguns metros de distância. Por outro lado, o quarto e a cama ainda estariam lá em cinco minutos e, de qualquer maneira, ele não iria dormir, só fecharia os olhos por alguns instantes...

A escuridão rugia.

Ele permanecia parado em uma planície aberta. Ao seu lado estava o lugar de onde emergira certa vez, do qual a terra o havia espremido. As estrelas continuavam a cair do céu e cada estrela que tocava a terra vermelha se transformava em um homem ou em uma mulher. Os homens tinham cabelos longos e negros e ossos salientes acima das bochechas. Todas as mulheres se pareciam com Marguerite Olsen. Essas eram as pessoas das estrelas.

Olharam para ele com olhos escuros e arrogantes.

— Falem sobre os pássaros-trovão pra mim — disse Shadow. — Por favor. Não é pra mim. É pra minha mulher.

Uma por uma, deram as costas a ele; e, conforme se viravam, desapareciam na paisagem. Mas a última delas, com o cabelo com mechas brancas ou de um cinza-escuro, apontou antes de virar-se para o outro lado, apontou para o céu cor-de-vinho.

— Pergunte você mesmo pra eles.

Relâmpagos de verão estouravam no céu, momentaneamente iluminando a paisagem de um horizonte, ao outro.

Havia pedras altas ali perto, picos e espirais de arenito, e Shadow começou a subir no que estava mais próximo. O espiral era da cor de marfim antigo. Ele se agarrou com uma reentrância e sentiu-a esfarelar-se em sua mão. É osso, pensou Shadow. Não é pedra. É osso velho e seco.

Era um sonho, e em sonhos você não tem escolhas: não há decisões a serem tomadas, ou foram tomadas para você muito tempo antes de o sonho começar. Shadow continuou a escalar. Suas mãos doíam. Ossos estalavam, esmigalhavam-se e fragmentavam-se sob seus pés descalços. O vento o puxava... ele pressionava o corpo

contra a espiral e continuava a escalar a torre.

Era feita apenas de um tipo de osso, ele percebeu, repetido vez atrás da outra. Cada um dos ossos era ressecado e arredondado. Imaginou que poderiam ser as cascas dos ovos de algum pássaro enorme. Mas um clarão de relâmpago revelou outra coisa: buracos no lugar dos olhos e dentes que sorriam sem humor.

Em algum lugar, pássaros gritavam. A chuva respingava em seu rosto.

Estava a dezenas de metros do chão, agarrando-se a um dos lados da torre de caveiras... clarões brancos de relâmpagos queimavam nas asas dos pássaros sombrios que rodeavam o espiral — enormes, negros, parecidos com condores, cada um com uma gola de penas brancas ao redor do pescoço. Eram pássaros gigantescos, desajeitados, horríveis, e as batidas de suas asas se colidiam com o ar como trovões na noite.

Eles circundavam a espiral.

Acho que medem uns 5, 6 metros de uma ponta da asa à outra, pensou Shadow.

Então o primeiro dos pássaros saiu de seu deslizamento no ar em sua direção, com relâmpagos azulados crepitando em suas asas. Shadow se enfiou em uma fenda das caveiras. Buracos de olhos vazios o fitavam e uma coleção de dentes cor-de-marfim sorria para ele, mas continuava a escalar, impulsionando-se para cima da montanha de caveiras, cada ponta afiada cortava sua pele... ele sentia repulsa e terror e pavor.

Outro pássaro veio em sua direção, e uma garra do tamanho de uma mão enterrou-se em seu braço.

Ele esticou o braço e tentou arrancar uma pena da asa do bicho — porque, se voltasse para a tribo sem uma pena do pássaro-trovão, cairia em desgraça, nunca seria homem — mas o pássaro deu um impulso para cima e ele não conseguiu. O pássaro-trovão relaxou a pressão da garra no seu ombro e voltou para o vento. Shadow continuou a subir.

Deve haver mil caveiras, pensou Shadow. Mil milhares. E nem todas são humanas. Ele ficou em pé sobre a última, na ponta do espiral, os pássaros enormes, os pássaros-trovão, rodeando-o lentamente, navegando nas rajadas de vento da tempestade com diminutas batidas das asas.

Ele ouviu uma voz, a voz do homem-búfalo, chamando por ele no vento, dizendo a ele que as caveiras pertenciam a...

A torre começou a desmoronar, e o maior pássaro, seus olhos cegos pelos relâmpagos em forma de garfo azul-esbranquiçados, mergulhou em direção a ele em um ataque de trovões, e Shadow caía, desmoronava junto com a torre de caveiras...

O telefone tocava sua campainha estridente. Shadow nem sabia que estava ligado. Grogue, abalado, tirou o fone do gancho.

— Que merda é essa? — gritou Wednesday, mais bravo do que Shadow jamais o vira. — Que porra é essa que você está aprontando? Com que tipo de imbecil você acha que está lidando?

— Eu estava dormindo — disse Shadow no bocal do telefone, de modo estúpido.

— Qual é a porra do sentido de esconder você em um lugar como Lakeside, se você faz um bafafá tão grande que nem um morto pode deixar de reparar?

— Eu sonhei com pássaros— tio vão... — disse Shadow. — E uma torre. Caveiras... Parecia a ele muito importante contar o sonho.

— Eu sei o que você sonhou. Porra, todo mundo sabe bem o que você sonhou. Cristo poderoso. Qual é o sentido de esconder você, se você vai começar a anunciar onde está?

Shadow não disse nada.

Houve uma pausa no outro lado da linha.

— Chego aí de manhã — disse Wednesday. Parecia que a raiva havia diminuído.

— Nós vamos pra São Francisco. As flores no cabelo são opcionais.

E a linha ficou muda.

Shadow colocou o telefone no chão e sentou-se, rígido. Eram 6h da manhã e ainda eslava escuro como a noite do lado de fora. Ele se levantou do sofá, tremendo. Dava para ouvir o vento que uivava por sobre o lago congelado. Conseguia ouvir alguém ali por perto chorando, como se estivesse do outro lado de uma parede. Tinha certeza de que era Marguerite Olsen, e seus soluços eram insistentes e graves, de partir o coração.

Shadow caminhou até o banheiro e mijou, depois entrou no quarto e fechou a porta, bloqueando o som da mulher chorona. Do lado de fora, o vento uivava e se lamentava como se também procurasse uma criança perdida.

São Francisco, em janeiro, estava quente fora de estação, tão quente que o suor formava gotas na nuca de Shadow. Wednesday usava um terno de azul profundo, e um par de óculos com aros dourados que faziam com que parecesse um advogado do ramo do entretenimento.

Eles percorriam a rua Haight. Os moradores de rua, as prostitutas e os vadios os observavam enquanto se afastavam, e nenhum sacudia um copo de papel na frente deles, ninguém pedia absolutamente nada.

O maxilar de Wednesday estava imóvel. Shadow percebeu imediatamente que o homem ainda estava bravo, pois não fez nenhuma pergunta quando o Lincoln Town Car preto estacionou na frente do prédio naquela manhã. Eles não conversaram no caminho para o aeroporto. Shadow ficou aliviado pelo fato de Wednesday viajar de primeira classe, e ele, de econômica.

Agora já estava quase no fim da tarde. Shadow, que não ia a São Francisco desde garoto, que desde então via a cidade apenas como pano de fundo para filmes, ficou impressionado por a cidade parecer familiar, por as casas de madeira serem únicas e coloridas, por as colinas serem íngremes, por muito daquilo não se parecer com nenhum outro lugar.

— É quase difícil acreditar que isso aqui fica no mesmo país que Lakeside — disse.

Wednesday olhou para ele com ódio. Então, disse:

— Não fica. São Francisco não fica no mesmo país que Lakeside, do mesmo jeito que New Orleans não fica no mesmo país que Nova York, ou que Miami não fica no mesmo país que Minneapolis.

— É mesmo? — disse Shadow, suavemente.

— É. Podem compartilhar algumas explicações culturais... dinheiro, um governo federal, diversão... é a mesma terra, obviamente... mas as únicas coisas que dão a ilusão de que tudo isso seja um país só são as notas verdes, The Tonight Show e o McDonald's.

Eles se aproximavam de um parque no fim da rua.

— Seja simpático com a senhora que vamos conhecer. Mas não demais.

— Vou ficar frio — disse Shadow.

Eles pisaram na grama.

Uma menina, que não tinha mais do que 14 anos, com o cabelo tingido de verde, laranja e pink, olhava para eles à medida que se aproximavam. Ela estava sentada ao lado de um cachorro, um vira-lata, com um pedaço de corda servindo de coleira e uma guia. Ela parecia mais faminta do que o cachorro. O cachorro latiu para eles, depois abanou o rabo.

Shadow deu uma nota de um dólar para a garota. Ela olhou para o dinheiro como se não tivesse muita certeza do que era aquilo.

— Use pra comprar comida de cachorro — Shadow sugeriu. Ela assentiu com a cabeça e sorriu.

— Deixa eu ser bem direto — disse Wednesday. — Você precisa tomar muito cuidado quando estiver perto da senhora que vamos visitar. Ela pode gostar de você, e isso seria muito ruim.

— Ela é a sua namorada ou algo do tipo?

— Nem por todos os brinquedinhos de plástico da China — disse Wednesday, em um tom agradável.

A raiva parecia ter se dissipado, ou talvez estivesse guardada para o futuro. Shadow achou que a raiva era o que impulsionava Wednesday.

Havia uma mulher sentada na grama, embaixo de uma árvore, com uma toalha de mesa de papel estendida na frente dela, e uma variedade de potes Tupperware espalhados por cima da toalha.

Ela era — não gorda, não, longe de gorda: o que ela era, uma palavra que Shadow nunca tinha tido motivo para usar até então, era curvilínea. Seus cabelos eram tão claros que pareciam brancos, com o tipo de cachos louro-platinados que deveriam pertencer a uma atriz de cinema morta há muito tempo. Seus lábios estavam pintados de carmim, e ela

parecia ter entre 25 e 50 anos.

Quando se aproximaram, ela selecionava um ovo cozido com recheio de maionese. Olhou para cima quando Wednesday chegou perto, pousou o ovo que havia escolhido na toalha e limpou a mão.

— Olá, sua fraude velha — a mulher disse, mas sorria enquanto falava. Wednesday abaixou-se quase até o chão, pegou sua mão e aproximou-a de seus lábios:

— Você está divina.

— E como é que eu estaria, diabos? — ela perguntou, docemente. — Mas você é mesmo um mentiroso. New Orleans foi um erro tão grande... Eu engordei, o quê? Uns quinze quilos lá? Juro. Percebi que precisava ir embora quando comecei a andar igual a um pato. As minhas coxas roçam até agora uma na outra, acredita?

A última frase foi direcionada a Shadow. Ele não fazia a mínima ideia a respeito do que responder, e sentiu um jato de sangue quente tomar seu rosto. A mulher riu de maneira deliciosa.

— Ele está ficando vermelho! Wednesday, meu querido, você me trouxe um mocinho envergonhado. Que gesto perfeitamente maravilhoso da sua parte. Como é o nome dele?

— Este aqui é Shadow.

Ele parecia apreciar o desconforto do amigo.

— Shadow, cumprimente a Easter.

Shadow disse algo que pode ter sido um oi, e a mulher sorriu para ele mais uma vez. Ele se sentiu como se tivesse sido pego no meio da noite com uma lanterna — do tipo ofuscante, que os caçadores usam para fazer um veado ficar congelado de medo antes de atirarem. Ele sentia o cheiro do perfume dela do lugar onde estava, uma mistura intoxicante de jasmim e de mato, de leite doce e de pele de mulher.

— Então, como vão os seus truques? — perguntou Wednesday. A mulher soltou uma gargalhada profunda e rouca, encorpada e cheia de alegria. Como é que dava para não gostar de alguém que ria daquele jeito?

— Tudo está ótimo — respondeu. — E você, seu lobo velho?

— Eu estava esperando contar com a sua assistência.

— Está perdendo seu tempo.

— Pelo menos me escuta antes de me dispensar.

— Não adianta. Nem perca seu tempo. Ela olhou para Shadow:

— Por favor, sente aqui e se sirva. Pronto, pega um prato e enche de comida. Tudo aqui é bom. Ovos, frango assado, frango ao curry, salada de frango e ali tem coelho, mas coelho frio é uma delícia, e naquela tigela ali tem lebre cozida... Bom, por que eu não faço um prato pra você?

E foi o que ela fez: pegou um prato de plástico, encheu de comida e entregou a ele. Então, olhou para Wednesday:

— Você vai comer?

— Estou à sua disposição, querida.

— Você — ela disse, — tem tanta merda dentro de si que não sei como é que os seus olhos não ficam castanhos.

Ela entregou um prato vazio a ele.

— Sirva-se.

O sol da tarde atrás dela fazia com que seu cabelo se transformasse em uma aura platinada.

— Shadow — ela disse, mastigando uma coxa de frango com gosto. — Que nome bonito. Por que chamam você de Shadow? Shadow lambeu os lábios para umedecê-los.

— Quando eu era criança, morávamos, minha mãe e eu, ela era tipo uma secretária, em um monte de embaixadas americanas, nós íamos mudando de cidade em cidade no norte da Europa. Daí ela ficou doente e teve que se aposentar cedo e nós voltamos prós Estados Unidos. Eu nunca tinha nada pra falar com as outras crianças, então eu escolhia uns adultos e ficava seguindo eles pra todo lado, sem falar nada. Acho que só queria companhia. Sei lá. Eu era uma criancinha.

— Você cresceu — ela disse.

— Ê... cresci.

Ela virou para Wednesday, que se servia com uma colher do que parecia ser sopa de galinha fria:

— Foi o garoto que deixou todo mundo preocupado?

— Você ouviu falar?

— Meus ouvidos estão sempre atentos — respondeu. Olhou para Shadow: — Você, fique fora do caminho deles. Existem muitas sociedades secretas por aí, sem nenhuma lealdade e nenhum amor. Comerciais, independentes, governamentais, todas estão no mesmo barco. Vão desde apenas competentes até profundamente perigosas. Ei, lobo velho, ouvi uma piada outro dia que você vai adorar. Como é que dá pra ter certeza de que a CIA não estava envolvida no assassinato do Kennedy?

— Já ouvi — disse Wednesday.

— Que pena.

Ela voltou a atenção para Shadow.

— Mas a apresentação dos agentes, aqueles que você conheceu, aquilo é outra coisa. Eles existem porque todo mundo sabe que eles têm que existir.

Ela esvaziou um copo de papel cheio de alguma coisa que se parecia com vinho

branco, e então ficou em pé.

— Shadow é um bom nome — disse. — Eu quero tomar um mochaccino. Vamos!

Ela começou a se afastar.

— E a comida? — perguntou Wednesday. — Você não pode deixar tudo aqui. Ela sorriu e apontou para a menina sentada ao lado do cachorro, então abriu os braços para agarrar a rua Haight e o mundo.

— Deixe que eles se alimentem — ela disse e continuou andando, com Wednesday e Shadow atrás dela.

— Lembre-se — disse a Wednesday, enquanto caminhavam — eu sou rica. Estou me dando muito bem. Por que eu deveria ajudar você?

— Você é uma de nós. E está tão esquecida, tão mal amada e tão não-lembrada quanto qualquer um de nós. Está bem claro de que lado você deveria ficar.

Chegaram a um café de calçada, entraram e sentaram-se. Só havia uma garçonete, que usava um piercing na sobrancelha para marcar sua casta, e uma mulher fazendo café atrás do balcão. A garçonete avançou na direção deles, sorrindo automaticamente, fez com que se acomodassem e anotou os pedidos.

Easter colocou sua mão fina nas costas da mão quadrada e cinzenta de Wednesday.

— Estou dizendo... estou me dando bem. Nos dias da minha festa eles ainda se refestelam com ovos e coelhos, com doces e com carne, pra representar o renascimento e a cópula. Usam flores nos bonés e dão flores uns pros outros. Fazem tudo isso em meu nome. Mais e mais a cada ano. Em meu nome, lobo velho.

— E você engorda e enriquece com a idolatria e o amor deles? — ele disse, seco.

— Não seja babaca.

De repente, ela pareceu muito cansada. Deu um gole no mochaccino.

— É uma questão séria, querida. Certamente eu concordo que milhões e milhões deles dão lembranças uns pros outros em seu nome, e que ainda praticam todos os rituais da sua festa, até mesmo saem caçando ovos escondidos. Mas quantos sabem quem você é? Hein? Por favor, senhorita. A última frase foi dirigida à garçonete, que perguntou:

— Quer mais um expresso?

— Não, querida. Só queria ver se consegue resolver uma discussãozinha que estamos tendo aqui. Minha amiga e eu discordamos a respeito do significado da palavra "Easter", quer dizer, "Páscoa". Será que você sabe o que quer dizer?

A garota olhava para ele como se sapos verdes saíssem de seus lábios. Então, disse:

— Não sei nada a respeito dessas coisas católicas. Sou pagã. A mulher atrás do balcão disse:

— Acho que é a palavra em Latim, ou qualquer coisa dessas, que significa "Jesus se reergueu".

— É mesmo? — disse Wednesday.

— É, com certeza. Easter. Do mesmo jeito que o sol se levanta ao Leste*, sabe.

— O filho que renasce. Claro... é uma suposição bem lógica. A mulher sorriu e voltou ao seu moedor de café. Wednesday olhou para a garçonete.

— Acho que eu vou aceitar mais um café, se você não se incomodar. Mas, me diz, como pagã, quem é que você admira?

— Admiro?

— Isso mesmo. Imagino que você tenha um campo bem amplo. Então, pra quem você monta o altar da sua casa? Pra quem você se ajoelha e reza ao amanhecer e ao anoitecer?

Seus lábios adquiriram vários formatos sem dizer nada antes que ela falasse:

— O princípio feminino. É uma coisa de poder, sabe?

— De fato. E esse tal princípio feminino seu tem nome?

— Ela é a deusa que está dentro de todos nós — disse a garota, com a cor subindo às suas bochechas. — Ela não precisa de nome.

— Ah — disse Wednesday, com um largo sorriso de macaco. — Então, vocês promovem bacanais poderosos em honra a ela? Bebem vinho de sangue sob a lua cheia, enquanto velas escarlates queimam em castiçais de prata? Entram nuas na espuma do mar, cantando com êxtase à sua deusa sem nome, enquanto as ondas lambem as suas pernas, batendo nas suas coxas igual à língua de mil leopardos?

— Você está tirando sarro de mim — ela disse. — Não fazemos nenhuma dessas coisas que falou.

Ela respirou fundo. Shadow desconfiou que estava contando até dez.

— Alguém mais quer café aqui? Mais um mochaccino pra senhora? Seu sorriso agora era muito parecido com aquele com que os havia recebido na entrada.

East, em inglês. (N.T.)

Eles sacudiram as cabeças, e a garçonete se virou para cumprimentar outro cliente.

— Aí está — comentou Wednesday. — Alguém "que não tem fé e não se atreve a se divertir", Chesterton. Pagã de fato. Então. Vamos sair na rua, Easter minha cara, e repetir o exercício? Descobrir quantos dos transeuntes sabem que sua festa da Páscoa se chama Easter em inglês por causa de Easter do Amanhecer? Vamos ver... já sei. Vamos perguntar a cem pessoas. Pra cada uma que souber a verdade, você pode cortar um dos meus dedos das mãos, e quando eu ficar sem nenhum, pode cortar os dedos dos meus pés. Pra cada vinte que não souberem, você passa uma noite fazendo amor comigo. E a probabilidade está do seu lado... Isto é São Francisco, apesar de tudo. Aqui, nestas ruas de precipício, está lotado de idólatras, pagãos e wiccas.

Os olhos verdes dela olharam para Wednesday. Eram, observou Shadow, da cor

exata de uma folha na primavera trespassada pelo sol. Ela não disse nada.

— Nós poderíamos tentar — continuou Wednesday. — Mas eu iria acabar com dez dedos nas mãos, dez dedos nos pés, e cinco noites na sua cama. Então não vem falar pra mim que eles adoram você e comemoram a sua festa. Eles proferem o seu nome, mas isso não tem significado nenhum. Não quer dizer nada.

Havia lágrimas nos olhos dela.

— Eu sei — ela disse baixinho. — Eu não sou boba.

— Não — assentiu Wednesday. — Você não é. Ele forçou demais a barra, pensou Shadow. Wednesday abaixou os olhos, envergonhado:

— Desculpa.

Shadow conseguia ouvir sinceridade verdadeira na voz dele.

— Precisamos de você, da sua energia. Precisamos do seu poder. Você vai lutar do nosso lado quando a tempestade chegar?

Ela hesitou. Tinha uma corrente de não-me-esqueças azuis tatuados ao redor do pulso.

— Vou — respondeu, depois de um tempo. — Acho que vou.

Acho que é verdade o que se diz por aí, pensou Shadow. Se você conseguir fingir sinceridade, ganha a parada. Então se sentiu culpado por pensar tal coisa.

Wednesday deu um beijo no próprio dedo e o encostou na bochecha de Easter. Chamou a garçonete e pagou os cafés. Contou o dinheiro cuidadosamente, dobrou as notas junto com a conta e apresentou o pagamento a ela.

Quando ela se afastava, Shadow disse:

— Moça, por favor. Acho que você deixou isso cair. Ele pegou uma nota de dez dólares do chão.

— Não — ela disse, olhando para as notas dobradas em sua mão.

— Eu vi cair, moça — insistiu Shadow, educadamente. — Você deveria contar mais uma vez.

Ela contou o dinheiro na mão, pareceu confusa, e disse:

— Jesus. Você tem razão. Desculpa.

Ela pegou a nota de 10 dólares de Shadow e se afastou.

Easter saiu para a calçada com eles. A luz estava apenas começando a diminuir. Ela fez um sinal com a cabeça para Wednesday, então encostou na mão de Shadow:

— O que foi que você sonhou na noite passada?

— Pássaros-trovão. Uma montanha de caveiras. Ela assentiu com a cabeça.

— E você sabe de quem eram aquelas caveiras?

— Tinha uma voz no meu sonho. Ela me falou. Ela assentiu com a cabeça e esperou. Shadow continuou:

— A voz falou que eram minhas. Minhas caveiras antigas. Milhares e milhares delas.

Easter olhou para Wednesday:

— Acho que esse aqui é um guardião.

Ela mostrou seu sorriso luminoso. Então deu uns tapinhas carinhosos no braço de Shadow e saiu caminhando pela calçada. Ele a observou se afastar, tentando — sem conseguir — não pensar nas coxas que roçavam quando ela caminhava.

No táxi a caminho do aeroporto, Wednesday falou para Shadow:

— Que merda foi aquela que você aprontou com a nota de 10 dólares?

— Você deu menos dinheiro do que precisava. E sai do salário dela se receber errado.

— Que porra você tem a ver com isso? Wednesday parecia genuinamente irado. Shadow pensou por um instante. Então disse:

— Bom, eu não ia querer que alguém fizesse isso comigo. Ela não tinha feito nada de errado.

— Não?

Wednesday olhou para o infinito e disse:

— Quando ela tinha 7 anos, trancou um gatinho em um armário. Ficou ouvindo ele miar durante vários dias. Quando parou, ela tirou o bichinho do armário, colocou em uma caixa de sapatos e enterrou no quintal. Ela só queria enterrar alguma coisa. Costuma roubar dinheiro de todos os lugares em que trabalha. Pequenas quantias, habitualmente. No ano passado, foi visitar a avó no asilo em que está confinada. Tirou um relógio de pulso antigo, de ouro, do criado-mudo da avó. Depois começou a rondar vários outros quartos, roubando pequenas quantidades de dinheiro e objetos pessoais dos velhos que mal conseguem enxergar. Quando chegou em casa, não sabia o que fazer com o produto do roubo, ficou com medo de que alguém viesse atrás dela. Então jogou tudo fora, menos o dinheiro.

— Já entendi — disse Shadow.

— Também tem gonorréia assintomática — continuou Wednesday. — Ela suspeita de que pode estar infectada, mas não faz nada a respeito disso. Quando seu último namorado a acusou de ter passado a doença pra ele, ficou magoada, ofendida e se recusou a vê-lo de novo.

— Isso não é necessário. Eu disse que já entendi. Você pode fazer isso com qualquer pessoa, não pode? Ficar me contando coisas ruins sobre elas.

— Claro que sim — concordou Wednesday. — Todo mundo faz as mesmas coisas. Podem pensar que os pecados deles são originais, mas na maior parte das vezes são apenas

mesquinhos e repetitivos.

— E por causa disso você se sente no direito de roubar dez paus deles? Wednesday pagou o táxi e os dois homens entraram no aeroporto, indo até o portão designado. O embarque ainda não tinha começado. Wednesday disse:

— Que porra mais eu posso fazer? Eles não sacrificam mais carneiros nem touros para mim. Eles não me mandam mais as almas dos assassinos e dos escravos, enforcados e despedaçados pelos corvos. Eles se esqueceram de mim. Agora, eu dou o troco. Não é justo?

— Minha mãe costumava dizer "a vida não é justa" — disse Shadow.

— Claro que sim. Isso é uma daquelas coisas que as mães dizem, junto com "se todos os seus amigos pularem da ponte, você também pularia?"

— Você roubou 10 dólares daquela garota, eu dei 10 dólares pra ela — insistiu Shadow, teimoso. — Era o certo.

Alguém avisou que o embarque estava começando. Wednesday se levantou.

— Que as suas escolhas sejam sempre tão claras assim — disse.

A frente fria estava enfraquecendo quando Wednesday deixou Shadow em casa, nas primeiras horas da manhã. O frio em Lakeside continua forte, embora tivesse diminuído um pouco. O luminoso, na lateral do banco M&rl, exibia alternadamente 3:30 e -20°C quando atravessaram a cidade.

Eram 9h30 da manhã quando o delegado Chad Mulligan bateu na porta do apartamento e perguntou a Shadow se ele conhecia uma garota chamada Alison McGovern.

— Acho que não — respondeu Shadow, sonolento.

— Aqui está a foto dela — disse Mulligan.

Era uma fotografia de escola. Shadow reconheceu a pessoa na foto imediatamente: a menina com o aparelho azul nos dentes, aquela que tinha aprendido tudo sobre os usos orais do antiácido com a amiga.

— Ah, sim. Eu me lembro. Ela estava no ônibus que eu peguei pra chegar aqui.

— Onde o senhor estava ontem, senhor Ainsel?

Shadow sentiu seu mundo começar a rodopiar para longe dele. Sabia que não tinha nada para se sentir culpado. (Você é um presidiário em liberdade condicional, vivendo com um nome falso, cochichou uma voz calma em sua mente, já não é o bastante?)

— Em São Francisco — respondeu. — Na Califórnia. Ajudando o meu tio a transportar uma cama com cortinado.

— Você tem os recibos dos cartões de embarque, qualquer coisa assim?

— Claro.

Ele estava com os dois canhotos dos cartões de embarque no bolso detrás da calça, e os mostrou.

— O que está acontecendo?

Chad Mulligan examinou os cartões de embarque.

— Alison McGovern desapareceu. Ela era voluntária na Associação para Animais de Lakeside. Dava comida prós bichos, levava os cachorros pra passear... ficava lá durante algumas horas depois da escola. Dolly Knopf, que cuida da Associação para Animais, sempre levava Alison de volta pra casa quando fechava a associação à noite. Mas ontem ela não apareceu.

— Ela sumiu?

— Foi. Os pais dela ligaram pra nós ontem à noite. A garota tola costumava pegar carona até a associação. Fica na estrada municipal W, bem isolada. Seus pais disseram que ela não podia fazer isso, mas este aqui não é o tipo de lugar onde coisas acontecem... as pessoas aqui não trancam as portas, sabe? E não dá pra mandar nas crianças. Bem, dá mais uma olhada na foto.

Alison McGovern sorria. Os elásticos nos seus dentes, na fotografia, eram vermelhos, não azuis.

— Você pode dizer honestamente que não sequestrou, nem estuprou, nem assassinou a garota, nada disso?

— Eu estava em São Francisco. E não faria uma merda dessas.

— Foi o que eu achei, amigo. Então, quer vir nos ajudar a procurar por ela?

— Eu?

— Ê. Os cães farejadores chegaram hoje de manhã. Mas ainda não achamos nada.

Ele suspirou.

— Caramba, Mike. Só espero que ela apareça em Twin Cities com algum namorado drogado.

— Você acha que é provável?

— Acho que sim. Você quer se juntar à equipe de busca? Shadow se lembrou de ter visto a menina na loja Hennings Farm and Home Supphes, do brilho de um sorriso de aparelho azul e de como percebeu que ela ficaria linda, um dia.

— Eu vou.

Havia duas dúzias de homens e mulheres esperando na recepção da sede do corpo de bombeiros. Shadow reconheceu Hinzelmann, e vários outros rostos lhe pareciam familiares. Oficiais de polícia e algumas pessoas com o uniforme marrom do departamento do Xerife do condado de Lumber também estavam lá.

Chad disse a eles que roupas Alison estava usando quando desapareceu (um macacão de neve vermelho-escarlate, luvas verdes e um gorro de lã azul, embaixo do

capuz do macacão de neve) e dividiu os voluntários em grupos de três. Shadow, Hinzelmann e um homem chamado Brogan compunham um dos grupos. Foram lembrados de como o dia era curto e que se, Deus não permita, encontrassem o corpo de Alison, que não, repetindo, não mexessem "em nada, que só enviassem um aviso pelo rádio pedindo ajuda, mas que, se ela estivesse viva, que a mantivessem aquecida até o socorro chegar.

Foram deixados na estrada municipal W.

Hinzelmann, Brogan e Shadow caminhavam à beira de um riacho congelado. Cada grupo recebeu um pequeno walkie-talkie de mão antes de partir.

As nuvens estavam baixas, e o mundo, cinzento. Não tinha caído nenhuma neve nas últimas 36 horas. Pegadas apareceriam sobre a crosta brilhante do chão.

Brogan parecia um coronel do Exército aposentado, com seu bigode ralo e as têmporas grisalhas. Disse a Shadow que era diretor de escola aposentado.

— Eu estava envelhecendo. Hoje em dia, ainda dou algumas aulas, organizo a peça de teatro da escola, esse sempre foi o ponto alto do ano letivo, de qualquer modo, caço um pouco e tenho uma cabana no lago Pike, onde passo bastante tempo.

Quando partiram, Brogan disse:

— Por um lado, espero que encontremos a menina. Por outro, se ela vai ser encontrada, eu ficaria muito agradecido se fosse outra pessoa que achasse, não eu. Você entende o que eu quero dizer?

Shadow entendia exatamente o que queria dizer.

Os três homens não falavam muito. Caminhavam procurando um macacão de neve vermelho, ou luvas verdes, ou um gorro azul, ou um corpo branco. De vez em quando, Brogan, que carregava o walkie-talkie, comunicava-se com Chad Mulligan.

Na hora do almoço, acomodaram-se com o resto da equipe de busca em um antigo ônibus escolar e comeram cachorros-quentes e tomaram sopa. Um homem apontou um falcão de cauda vermelha em cima de uma árvore desfolhada, e outro disse que parecia mais um falcão comum, mas o pássaro saiu voando e a discussão foi abandonada.

Hinzelmann contou uma história sobre a trombeta do avô, e como ele tentou tocá-la durante uma frente fria... o tempo estava tão frio do lado de fora do celeiro, onde seu avô estava, que não saiu música nenhuma.

— Daí, quando ele voltou pra dentro de casa, colocou a trombeta do lado do fogo pra descongelar. Bom, a família inteira estava na cama naquela noite e, de repente, as músicas descongeladas começaram a sair da trombeta. Assustou tanto a minha vó que ela quase pariu gatinhos.

A tarde foi interminável, infrutífera e deprimente. A luz do dia ia embora lentamente: as distâncias se ocultavam, o mundo ia ficando azulado e o vento soprava tão frio que queimava a pele do rosto. Quando estava escuro demais para continuar, Mulligan passou uma mensagem de rádio para todos eles, para pararem por aquele dia. Foram todos recolhidos e levados até o corpo de bombeiros.

No quarteirão pegado ao corpo de bombeiros ficava a taberna Buck Stops Here, e foi ali que a maior parte da equipe de busca foi parar. Estavam exaustos e desanimados, conversando entre si sobre o frio e como era provável que Alison aparecesse em um ou dois dias sem fazer ideia de quanta preocupação havia causado.

— Você não deve pensar mal da cidade por causa disso — disse Brogan. — Esta é uma cidade boa.

— Lakeside — falou uma mulher enfeitada cujo nome Shadow tinha esquecido, se é que havia sido apresentado a ela — é a melhor cidade das florestas do norte. Sabe quantas pessoas estão desempregadas em Lakeside?

— Não — respondeu Shadow.

— Menos de vinte. Mais de 5 mil pessoas moram aqui e nos arredores. Podemos não ser ricos, mas todo mundo trabalha. Não é como as cidades mineradoras mais a nordeste... A maior parte delas já se transformou em cidades-fantasma. Há cidades próximas a fazendas que faliram por causa da queda do preço do leite, ou pelo preço baixo dos porcos. Sabe qual é a principal causa de morte não-natural entre os fazendeiros do meio-oeste?

— Suicídio? — Shadow chutou. Ela pareceu quase frustrada.

— É. É isso aí. Eles se matam.

E sacudiu a cabeça. Depois, prosseguiu:

— Tem muitas cidades aqui pelas redondezas que só sobrevivem por causa dos caçadores e das pessoas que vêm passar as férias, cidades que só pegam o dinheiro dos turistas e os mandam de volta pra casa com seus troféus e suas picadas de insetos. Depois, tem as cidades corporativas, onde tudo se passa às mil maravilhas até que o Wal-Mart resolva realocar seu centro de distribuição ou até que a 3M pare de fabricar estojos de CD, ou qualquer coisa assim, e de repente tem um monte de caras que não conseguem pagar o financiamento da casa própria. Desculpa, acho que não sei o seu nome.

— Ainsel — disse Shadow. — Mike Ainsel.

A cerveja que ele bebia era feita ali mesmo, feita com água mineral natural. Era boa.

— Eu sou Calhe Knopf — ela disse. — Irmã da Dolly. Seu rosto ainda estava avermelhado por causa do frio — O que eu estou dizendo é que Lakeside ainda tem sorte. Nós temos um pouco de tudo por aqui: fazendas, usina de energia elétrica, turismo, artesanato. Boas escolas.

Shadow olhou para ela, perplexo. Havia algo de vazio no fundo de suas palavras. Era como se ele estivesse escutando um vendedor que acreditava no seu produto, mas, ainda assim, queria assegurar-se de que você iria para casa com todas as escovas ou com a coleção completa de enciclopédias. Talvez ela conseguisse enxergar isso no rosto dele... Ela disse:

— Me desculpe, mas quando se adora alguma coisa, a gente nunca mais pára de

falar dela. O que o senhor faz, senhor Ainsel?

— Meu tio compra e vende antiguidades pelo país inteiro. Ele me usa pra transportar coisas grandes e pesadas. É um trabalho bom, mas não é fixo.

Um gato preto, a mascote do bar, enroscou-se nas pernas de Shadow, esfregando a testa na sua bota. Pulou para cima do banco ao lado dele e adormeceu.

— Pelo menos você viaja — disse Brogan. — Você faz alguma outra coisa?

— Você tem oito moedas de 25 centavos? — perguntou Shadow. Brogan remexeu os bolsos em busca de troco. Achou cinco moedas, fez com que deslizassem para o outro lado da mesa, na direção de Shadow. Calhe Knopf arrumou mais três.

Ele ajeitou as moedas em cima da mesa, em duas fileiras de quatro. Então, mal apalpando as moedas, fez o truque de passá-las através do tampo de madeira da mesa, deixando-as cair da mão esquerda para a direita.

Depois disso, pegou as oito moedas na mão direita, um copo de água vazio na esquerda, cobriu o copo com um guardanapo e fingiu fazer as moedas desaparecerem, uma por uma, da mão direita e aparecerem no copo sob o guardanapo com um tilintar audível. Finalmente, abriu a mão direita para mostrar que estava vazia, então retirou o guardanapo para mostrar as moedas dentro do copo.

Devolveu as moedas — três para Calhe, cinco para Brogan — então pegou uma moeda de volta da mão de Brogan, deixando quatro. Assoprou a moeda de 25 centavos e ela se transformou em uma de um centavo, que devolveu ao homem. Ao contar as moedas, ele ficou surpreso ao descobrir que ainda tinha cinco de 25 centavos na mão.

— Você é um Houdini — riu Hinzelmann, deliciado. — É isso mesmo que você é!

— Sou só um amador. Ainda tenho muito que aprender. Ainda assim, sentiu um pouquinho de orgulho. Aquela tinha sido sua primeira platéia adulta.

Parou no mercado, no caminho de casa, para comprar um litro de leite. A menina ruiva na caixa registradora parecia familiar, e seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. O rosto dela parecia uma enorme sarda.

— Eu conheço você — disse Shadow. — Você é... E ele estava prestes a dizer a garota do antiácido, mas engoliu as palavras no último instante e completou:

— Você é a amiga da Alison. Do ônibus. Espero que esteja tudo bem com ela. Ela fungou e assentiu com a cabeça.

— Eu também.

A menina assoou o nariz em um lenço de papel, com força, e o enfiou de volta para dentro da manga.

O broche dela dizia OI! EU SOU A SOPHIE! PERGUNTE PARA MIM COMO VOCÊ PODE PERDER 10 QUILOS EM 30 DIAS!

— Passei o dia inteiro procurando por ela. Ainda não tivemos sorte. Sophie assentiu com a cabeça e piscou os olhos marejados. Ela sacudiu a caixa de leite longa vida na

frente de um leitor de código de barras e a máquina fez um bipe e exibiu o preço. Shadow lhe entregou dois dólares.

— Eu vou embora desta porra de cidade — disse a menina, de repente, com a voz engasgada. — Vou morar com a minha mãe em Ashiand. A Alison sumiu. O Sandy Olsen foi no ano passado. A Jo Ming no ano anterior. E se for eu no ano que vem?

— Eu pensei que o Sandy Olsen tinha sido levado pelo pai.

— É — disse a menina, com amargor. — Tenho certeza de que foi. E ajo Ming foi pra Califórnia, e a Sarah Lindquist se perdeu em um passeio de trilha no mato e nunca mais encontraram ela. Sei lá. Eu quero ir pra Ashiand.

Ela respirou fundo e segurou o ar por um instante. Então, inesperadamente, sorriu para ele. Não havia absolutamente nada de falso naquele sorriso. Era só por que, ele imaginou, tinham dito para ela sorrir quando entregasse o troco a alguém. Sophie desejou-lhe um bom dia. Então se virou para a mulher com o carrinho cheio atrás dele e começou a descarregá-lo e a passar os produtos no leitor de código de barras.

Shadow pegou seu leite e foi embora, passou pelo posto de gasolina, pela lata velha sobre o gelo, por cima da ponte e chegou em casa.

CHEGANDO À AMÉRICA

1778

Havia uma menina, e seu tio a vendera, escrevia o senhor Ibis com sua caligrafia perfeita para uma placa de condecoração em cobre.

Essa é a história; o resto é detalhe.

Existem relatos que, se abirmos nossos corações a eles, vão nos ferir muito profundamente. Olhe — aqui está um homem bom, bom de acordo com seu próprio ponto de vista e com o de seus amigos: é fiel e verdadeiro com sua esposa, adora e passa o maior tempo possível com seus filhinhos, preocupa-se com seu país, faz seu trabalho pontualmente, o melhor que pode. Então, com eficiência e boas intenções, extermina judeus: ele aprecia a música de fundo que toca para acalmá-los; adverte os judeus para que não esqueçam seus números de identificação quando vão para o banho — muitas pessoas, ele explica, esquecem seus números e pegam as roupas erradas quando saem do banho. Isso acalma os judeus. Haverá vida, eles se asseguram, depois do banho. Nosso homem supervisiona os detalhes de levar os corpos até os fornos; e, se há alguma coisa que faz com que ele se sinta mal, é ainda permitir que a exterminação da gentilha com gás o afete. Se fosse um homem verdadeiramente bom, ele sabe, não sentiria nada além de alegria por ver a terra livre de suas pestes.

Havia uma menina, e seu tio a vendera. Colocado assim, parece tão simples.

Nenhum homem, proclamou Donne, é uma ilha, e ele estava errado. Se nós não

fôssemos ilhas, estaríamos perdidos, afogados nas tragédias dos outros. Nós nos isolamos (uma palavra que significa, literalmente, lembre-se, ser transformado em ilha) da tragédia dos outros por nossa natureza de ilha, e pelo desenho e pela forma repetitiva das histórias. O desenho não muda: havia um ser humano que nasceu, cresceu e então, por causa de uma coisa ou de outra, morreu. Pronto. É possível preencher as lacunas com base em sua própria experiência. Tão sem originalidade como qualquer outro conto, tão único como qualquer outra vida. Vidas são flocos de neve, formando figuras que já vimos antes, tão parecidos uns com os outros quanto ervilhas em uma vagem (e você já olhou para as ervilhas em uma vagem? Eu quero dizer, olhou mesmo para elas? Depois de um minuto de exame atento, não há chance de você confundir uma com a outra), mas, ainda assim, única.

Sem indivíduos, enxergamos apenas números: mil mortos, 100 mil mortos, "o número de vítimas pode chegar a um milhão". Com histórias individuais, as estatísticas se transformam em pessoas — mas até isso é mentira, porque as pessoas continuam a sofrer em números que, por si só, são entorpecentes e sem sentido. Olhe, veja a barriga inchada do menino e as moscas que andam no canto dos olhos dele, seus membros esqueléticos: vai ajudar se você souber seu nome, idade, sonhos e medos? Se enxergá-lo por dentro? E, se ajudar, será que não estaremos prestando um desserviço à irmã dele, que está ali ao lado, estirada na poeira abrasadora, uma caricatura distorcida e inchada de uma criança humana? E daí, se lamentarmos por essas duas crianças, será que elas agora passarão a ser mais importantes para nós do que milhares de outras crianças atingidas pela mesma fome, milhares de outras vidas jovens e contorcidas que logo se transformarão em alimento para os mosquitos?

Nós desenhamos nossos limites ao redor desses momentos de dor... continuamos em nossas ilhas, e eles não podem nos ferir. Ficam escondidos sob uma cobertura nacarada, suave e segura para que escorreguem, como as ervilhas, de nossas almas sem que sintamos dor verdadeira.

A ficção nos permite deslizar para dentro dessas outras cabeças, para esses outros lugares, e olhar através de outros olhos. E então, no conto, paramos antes de morrer, ou morremos de forma indireta ou sem prejuízo e, no mundo além do conto, viramos a página ou fechamos o livro, e terminamos de viver nossa vida.

Uma vida que, como qualquer outra, é diferente de todas.

E a simples verdade é a seguinte: havia uma menina, e seu tio a vendera.

Era o que costumavam dizer, de onde a menina veio: nenhum homem podia ter certeza de quem era o pai de uma criança, mas a mãe, ah, disso você podia ter certeza. Linhagem e propriedades eram coisas que se moviam na linha materna, mas o poder continuava nas mãos dos homens: um homem tinha a posse completa dos filhos de sua irmã.

Havia uma guerra naquele lugar, e era uma guerra pequena, não mais do que um conflito entre os homens de dois vilarejos rivais. Era quase uma discussão. Um vilarejo ganhou a discussão, um vilarejo perdeu.

Vida como mercadoria, pessoas como possessões. A escravidão fazia parte da

cultura daquelas partes há milhares de anos. Os traficantes de escravos árabes destruíram os últimos grandes reinos da África Oriental, ao mesmo tempo em que as nações da África Ocidental se destruíam umas às outras.

Não havia nada desconfortável ou raro a respeito de o tio vender os gêmeos, apesar de serem considerados seres mágicos, e o tio tinha medo deles, tanto medo que nem contou a eles que seriam vendidos, para que não ferissem sua sombra nem o matassem. Eles tinham 12 anos de idade. Ela se chamava Wututu, o pássaro mensageiro. Ele se chamava Agasu, o nome de um rei morto. Eram crianças saudáveis e ouviam muitas coisas a respeito dos deuses e, pelo fato de serem gêmeos, menino e menina, escutavam as coisas que lhes contavam e eles se lembravam delas.

O tio era um homem gordo e preguiçoso. Se possuísse mais gado, talvez abrisse mão de uma rés no lugar das crianças, mas não foi o que fez. Ele vendeu os gêmeos. Chega de falar nele: ele não vai mais aparecer nesta narrativa. Vamos seguir os gêmeos.

Foram conduzidos a pé, junto com vários outros escravos tomados ou vendidos na guerra, por quase 20 quilômetros, até um posto pequeno de comércio. Ali foram negociados, e os gêmeos, junto com mais treze, foram comprados por seis homens com lanças e facas que os levaram para o oeste, em direção ao mar, e então percorreram vários quilômetros pela costa. Agora eram 15 escravos, com as mãos presas com cordas folgadas, amarrados uns aos outros pelo pescoço. Wututu perguntou ao irmão, Agasu, o que aconteceria com eles.

— Eu não sei.

Agasu era um menino que sempre sorria: seus dentes eram brancos e perfeitos, e ele os mostrava quando sorria, sempre alegre, e deixava Wututu feliz também. Ele não estava sorrindo agora. Ao contrário, tentava mostrar bravura para a irmã, com a cabeça para trás e os ombros abertos, tão orgulhoso, tão ameaçador, tão cômico quanto um cachorrinho com os pelos da nuca eriçados.

O homem na fila atrás de Wututu, com as bochechas cheias de cicatrizes, disse:

— Vão vender a gente pros demônios brancos, que vão nos levar pra casa deles do outro lado da água.

— E o que vão fazer com a gente lá? — perguntou Wututu. O homem não disse nada.

— Bom? — perguntou Wututu.

Agasu tentou dar uma olhada por cima do ombro. Eles não tinham permissão para conversar ou para cantar enquanto andavam.

— É possível que eles comam a gente — falou o homem. — Foi o que me contaram. É por isso que precisam de tantos escravos. É porque sempre estão com fome.

Wututu começou a chorar enquanto andava. Agasu disse:

— Não chora, minha irmã. Eles não vão comer você. Eu vou proteger você e nossos deuses também.

Mas Wututu continuava a chorar, caminhando com o coração pesado, sentindo dor, raiva e medo como só uma criança pode sentir: crua e devastadoramente. Ela não conseguia explicar a Agasu que não estava preocupada com a ideia de ser comida pelos demônios brancos. Ela sobreviveria, tinha certeza disso. Chorava porque tinha medo de que comessem seu irmão, e ela não sabia ao certo se conseguiria protegê-lo.

Chegaram a um posto de comércio e ficaram lá durante dez dias. Na manhã do décimo dia, foram levados da cabana onde tinham estado presos (estava muito lotada nos dias finais, à medida que chegavam mais homens de longe trazendo suas próprias filas e seus próprios grupos de escravos). Foram levados até o porto, e Wututu viu o navio que os levaria embora.

O primeiro pensamento dela foi como aquele navio era grande e, o segundo, que era pequeno demais para que todos coubessem lá dentro. Parecia leve sobre a água. O bote do navio ia e vinha, levando os prisioneiros para o navio, onde eram algemados e arrumados nos deques mais baixos por marinheiros, alguns com a pele vermelha como tijolo ou bronzeados, com narizes estranhamente pontudos e barbas que faziam os parecer animais. Muitos dos marinheiros lembravam seu próprio povo, os homens que a levavam até a costa. Os homens, as mulheres e as crianças foram separados, empurrados para áreas diferentes do convés dos escravos. Havia escravos demais para o navio conseguir carregar com facilidade, por isso uma outra dúzia de homens foi acorrentada à parte aberta do convés, embaixo dos locais onde a tripulação penduraria suas redes.

Wututu foi colocada com as crianças, não com as mulheres; e ela não foi acorrentada, apenas trancada. Agasu, seu irmão, foi forçado a ir com os homens, acorrentado, jogado como um arenque na salmoura. Fedia embaixo daquele deque, apesar de a tripulação ter esfregado o lugar depois de seu último carregamento. Era um fedor que tinha impregnado a madeira: cheiro de medo e de bile, de diarreia e de morte, de febre e de loucura e de ódio. Wututu ficava no porão quente com as outras crianças. Ela sentia as crianças de cada lado de seu suor. Uma onda fez com que um menininho caísse sobre ela, com tudo, e ele se desculpou em uma língua que Wututu não reconheceu. Ela tentou sorrir para ele na penumbra.

O barco zarpou. Agora, navegava pesado sobre a água.

A menina ficou imaginando o lugar de onde os homens brancos vinham (apesar de nenhum deles ser verdadeiramente branco: eram queimados de mar e de sol). Será que faltava tanta comida lá na terra deles que precisavam mandar buscar pessoas em um lugar tão longe? Ou será que ela seria servida como iguaria, uma delícia rara para um povo que já comera tantas coisas que apenas carne de pele negra nas panelas fazia suas bocas salivarem?

No segundo dia no mar, o barco deparou com uma tempestade de vento, não muito forte, mas os deques sacolejavam e se inclinavam, e o cheiro de vômito se juntou aos cheiros de urina e de fezes líquidas, e de suor de medo misturados. A chuva caía na cabeça deles, como se viesse de baldes esvaziados do céu pela grade de respiração colocada no teto do deque dos escravos.

Depois de uma semana de viagem, sem nenhuma terra à vista, deixaram que os

escravos ficassem soltos. Foram avisados de que qualquer desobediência, qualquer confusão seriam castigados de uma maneira que nunca esqueceriam.

De manhã, os prisioneiros eram alimentados com feijões e biscoitos de navio, e com um gole de suco de limão avinagrado para cada um, tão amargo que fazia com que seu rosto se contorcesse. Eles tossiam e cuspiam, e alguns reclamavam e choramingavam, enquanto o suco de limão era distribuído. Não podiam cuspir aquilo, porém: se fossem pegos cuspendo ou babando, eram chicoteados ou espancados.

A noite lhes trazia carne de vaca salgada. Tinha um gosto desagradável, e havia um brilho de arco-íris na superfície cinzenta da carne. Tudo isso aconteceu no começo da viagem. À medida que a viagem continuava, a carne ia ficando cada vez pior.

Quando conseguiam, Wututu e Agasu ficavam abraçados, conversando sobre a mãe e o lar, e sobre os amiguinhos de brincadeiras. As vezes, Wututu contava a Agasu as histórias que sua mãe lhe ensinara, como aquelas sobre o Elegba, o mais traiçoeiro dos deuses, que era os olhos e os ouvidos da Grande Mawu no mundo, que levava mensagens para Mawu e trazia de volta as respostas.

Durante a noite, para espantar a monotonia da viagem, os marinheiros faziam com que os escravos cantassem e dançassem para eles as danças de suas terras nativas.

Wututu teve sorte de ter sido colocada com as crianças. As crianças ficavam amontoadas, sem muito espaço para se mexer, e eram ignoradas; as mulheres nem sempre tinham tanta sorte. Em alguns navios negreiros, as escravas eram estupradas repetidamente pela tripulação, simplesmente como um bônus pela viagem. Esse não era um navio daquele tipo, o que não quer dizer que estupros não aconteciam.

Centenas de homens, mulheres e crianças morreram naquela viagem e foram jogados para o mar por sobre a balaustrada. Alguns dos prisioneiros que foram jogados ainda não haviam morrido, mas o frio esverdeado do oceano esfriou sua última febre e eles afundaram se debatendo, sufocados e perdidos.

Wututu e Agasu viajavam em um barco holandês, mas eles não sabiam disso, e poderia muito bem ser britânico, português, espanhol ou francês.

Os homens negros da tripulação, com a pele ainda mais negra do que a de Wututu, diziam aos prisioneiros aonde ir, o que fazer, quando dançar. Certa manhã, Wututu pegou um dos guardas negros olhando para ela. Enquanto estava comendo, o homem veio até ela e ficou olhando sem dizer nada.

— Por que você faz isso? — ela perguntou. — Por que você serve os demônios brancos?

Ele sorriu para ela como se aquela pergunta fosse a coisa mais engraçada que ouvira na vida. Então se abaixou, quase roçando seus lábios nas orelhas dela e fazendo a respiração quente dele, de repente, parecer enjoada.

— Se fosse mais velha, eu ia fazer você gritar de alegria com o meu pênis. Talvez eu faça isso hoje à noite. Eu vi como dança bem.

Ela olhou para ele com seus olhos castanhos e disse, com firmeza, até com um

sorriso:

— Se você colocar isso aí lá embaixo, eu vou arrancar ele com os meus dentes de lá debaixo. Eu sou uma menina-bruxa e tenho dentes bem afiados lá embaixo.

Ela sentiu prazer ao observar sua expressão mudar. Ele não disse nada, e se afastou.

As palavras saíram da sua boca, mas não eram suas: ela não tinha pensado nem organizado isso na mente. Não, ela percebeu, aquelas eram as palavras de Elegba, o traíçoeiro. Mawu tinha feito o mundo e, então, graças às trapaças de Elegba, perdera o interesse nele. Era Elegba das ideias inteligentes e da ereção dura como ferro que falara por meio dela, que a tinha escondido por um instante, e, naquela noite, antes de dormir, ela agradeceu a Elegba.

Vários dos prisioneiros se recusavam a comer. Eram chicoteados até colocarem comida na boca e engolirem, apesar de o chicoteamento ser tão severo que acabou matando dois homens. Mas fez com que ninguém mais no navio tentasse morrer de fome em busca de liberdade. Um homem e uma mulher tentaram se matar, pulando da balaustrada. A mulher conseguiu. O homem foi salvo, amarrado ao mastro e chicoteado durante a maior parte do dia, até que suas costas escorressem de sangue, e foi deixado lá quando o dia se transformou em noite. Não lhe deram nada para comer nem para beber, além de seu próprio mijo. No terceiro dia ele delirava... sua cabeça estava inchada como um melão velho. Quando ele parou de delirar, jogaram-no sobre a balaustrada. Além disso, durante cinco dias depois da tentativa de fuga, os prisioneiros voltaram às suas algemas e às correntes.

Era uma jornada longa e bem ruim para os prisioneiros, mas também não era agradável para a tripulação, apesar de os marinheiros terem aprendido a endurecer seus corações por causa do trabalho, e de fingirem para si mesmos que não passavam de fazendeiros levando seu gado para o mercado.

Aportaram em um dia agradável e suave em Bridgeport, Barbados, e os prisioneiros foram carregados do navio para a orla do mar, em botes baixos mandados das docas, e foram levados até a praça do mercado onde foram, por força de uma certa quantidade de gritos e pancadas com bastões, organizados em fileiras. Um apito soou e a praça do mercado se encheu de homens, cutucando, espetando, homens de rostos vermelhos, gritando, inspecionando, chamando, elogiando, reclamando.

Foi então que Wututu e Agasu foram separados. Aconteceu tão rapidamente — um homem grande abriu a boca de Agasu com as mãos, olhou para os seus dentes, apalpou os músculos do braço, assentiu com a cabeça, e dois homens o levaram embora. Ele não os enfrentou. Olhou para Wututu e gritou: "Seja corajosa". Ela assentiu com a cabeça, e então sua visão ficou borrada e manchada pelas lágrimas. Juntos eram gêmeos, mágicos e poderosos. Separados eram só duas crianças sofrendo.

Ela nunca mais o viu, a não ser uma vez, e sem vida.

Eis o que aconteceu com Agasu. Primeiro, levaram-no para uma fazenda de temperos, onde o chicoteavam todos os dias por causa de coisas que fazia ou deixava de fazer. Ensinarão a ele palavras básicas em inglês e lhe deram o nome de Inky Jack, por

causa do tom de sua pele. Quando ele fugiu, caçaram-no com cães e o trouxeram de volta, e cortaram fora um dedo do seu pé com um cinzel, para ensiná-lo uma lição de que não se esqueceria. Ele teria morrido de fome, mas, quando se recusou a comer, seus dentes da frente foram quebrados e enfiaram mingau ralo para dentro de sua boca, até que não tivesse outra escolha além de engolir ou morrer sufocado.

Mesmo naquele tempo, preferiam escravos nascidos no cativeiro àqueles trazidos da África. Os escravos que tinham nascido em liberdade tentavam fugir, ou tentavam morrer: de uma maneira ou de outra, lá se iam os lucros.

Quando Inky Jack estava com 16 anos, foi vendido, junto com vários outros escravos, para uma fazenda de açúcar na ilha de St. Domingue. Chamaram-no de Hyacinth, o escravo grande de dente quebrado. Ele se encontrou com uma senhora de seu próprio vilarejo naquela fazenda — ela tinha sido escrava doméstica antes de seus dedos ficarem retorcidos e cheios de artrite — que disse a ele que os brancos separavam de propósito os prisioneiros das mesmas cidades, vilarejos e regiões, para evitar revoltas e rebeliões. Não gostavam quando escravos conversavam em suas próprias línguas.

Hyacinth aprendeu um pouco de francês e foi doutrinado com alguns dos ensinamentos da Igreja Católica. A cada dia ele cortava cana-de-açúcar desde bem antes de o sol se levantar até depois de o sol se pôr.

Foi pai de várias crianças. Ele ia com os outros escravos para o mato, nas primeiras horas da madrugada, apesar de ser proibido, para dançar a calenda e cantar para Damballa-Wedo, o deus-serpente, na forma de uma cobra preta. Ele cantava para Elegba, para Ogum, para Xangô, para Zaka e para muitos outros, todos os deuses que os prisioneiros trouxeram com eles para a ilha, trazidos em suas mentes e em seus corações secretos.

Os escravos das fazendas de St. Domingue raramente viviam mais do que uma década. O tempo livre que recebiam — duas horas no calor do meio-dia e cinco horas no escuro da noite (das onze até as quatro) — também era o único tempo que tinham para cultivar e cuidar dos alimentos que comeriam (porque não eram alimentados pelos patrões, simplesmente recebiam pequenos pedaços de terra para cultivar e, assim, alimentarem-se), e também era o tempo que tinham para dormir e para sonhar. Mesmo assim, usavam aquele tempo para se reunir e dançar, e cantar e adorar. A terra de St. Domingue era fértil, e os deuses de Dahomey, do Congo e do Níger fíncaram ali raízes profundas e floresceram, e prometeram liberdade àqueles que os adorassem à noite, nos bosques.

Hyacinth estava com vinte e cinco anos de idade quando uma aranha picou as costas de sua mão direita. A picada infeccionou e a carne das costas de sua mão acabou necrosando: logo, todo o braço estava inchado e roxo, e a mão fedia. Latejada e queimava.

Deram a ele rum puro para beber e esquentaram a lâmina de um facão no fogo até que brilhasse vermelha e branca. Cortaram o braço fora na altura do ombro com uma serra e cauterizaram com a lâmina em brasa. Ele caiu com febre durante uma semana. Depois, voltou a trabalhar.

O escravo de um braço, chamado Hyacinth, participou da revolta de escravos de 1791.

O próprio Elegba possuiu Hyacinth no bosque, montando-o como um homem branco monta um cavalo, e falando por meio de sua boca. Ele se lembrou de muito pouco do que foi dito, mas os outros contaram que ele prometeu a todos a liberdade. Ele só se lembrava da ereção, concentrada e dolorida, e de levantar as duas mãos para a lua, tanto a que ele tinha como a que não possuía mais.

Um porco foi morto, e os homens e as mulheres daquela fazenda beberam o sangue quente do animal, comprometendo-se com a causa e unindo-se em uma irmandade. Juraram ser um exército libertário, prometeram-se mais uma vez aos deuses de todas as terras de onde foram arrastados como produto de roubo.

— Se morrermos na batalha com os brancos — disseram uns aos outros —, vamos renascer na África, em nossos lares, em nossas próprias tribos.

Havia outro Hyacinth na revolta, por isso passaram a chamar Agasu pelo nome de Big One-Arm. Ele lutou, adorou, sacrificou-se e planejou. Viu seus amigos e suas amantes morrerem, e continuou lutando.

Lutaram durante doze anos, uma batalha sangrenta e enlouquecedora, com os donos das fazendas, com as tropas que vieram da França. Lutaram, e continuaram lutando e, impossivelmente, venceram.

No dia 1a de janeiro de 1804, a independência de St. Domingue, que logo ficaria conhecida no mundo inteiro como República do Haiti, foi declarada. Big One-Arm não viveu para ver. Ele morreu em agosto de 1802, na ponta da baioneta de um soldado francês.

No instante preciso da morte de Big One-Arm (que certa vez fora chamado de Hyacinth e, antes disso, de Inky Jack, e que, para sempre foi, no coração, Agasu), sua irmã (que ele conheceu como Wututu, transformada em Mary, em sua primeira fazenda nas Carolinas, e em Daisy, quando virou escrava doméstica, e em Sukey quando foi vendida para a família Lavere, um pouco mais abaixo do rio a partir de New Orleans), sentiu a baioneta fria deslizar entre as costelas e começou a gritar e a chorar incontrolavelmente. Suas filhas gêmeas acordaram e começaram a choramingar. Os bebês recém-nascidos tinham a pele da cor do café com leite, não eram como as crianças negras a quem havia dado à luz quando estava na fazenda — ela própria não passava de uma menina —, crianças que não via desde que tinham 15 e 10 anos. A menina do meio estava morta havia um ano quando ela foi vendida para longe dos filhos.

Sukey fora chicoteada várias vezes desde que desembarcara — certa vez, esfregaram sal nas feridas; em outra ocasião, foi chicoteada durante tanto tempo que não conseguia mais se sentar ou permitir que algo tocasse suas costas durante vários dias seguidos. Ela também fora estuprada seguidas vezes quando era mais nova: por negros que receberam ordem de dividir a cama de madeira com ela, e por brancos. Ela tinha sido acorrentada. Mas não chorou nenhuma vez. Na verdade, desde que seu irmão fora levado para longe, ela só havia chorado uma vez. Foi na Carolina do Norte, quando viu a comida dos filhos dos escravos e dos cachorros ser despejada no mesmo cocho, e viu seus filhinhos disputando as migalhas com os cães. Ela viu aquilo acontecer certo dia — e já tinha visto antes, todos os dias naquela fazenda, e veria muitas vezes mais antes de ir

embora — ela viu aquilo, naquele dia específico, e ficou com o coração partido.

Ela fora bonita durante um período. Então os anos de dor tinham pesado, e ela já não era mais como antes. Seu rosto estava enrugado e havia dor demais naqueles olhos castanhos.

Onze anos antes, quando tinha 25, seu braço direito havia minguado. Nenhuma das pessoas brancas sabia o que fazer em relação àquilo. A carne parecia ter se derretido dos ossos, e agora o braço ficava pendurado ao lado do corpo, não passava de muito mais do que um braço esquelético coberto de pele, e quase sem movimento. Depois disso, ela se tornou escrava doméstica.

A família Casterton, dona da fazenda, se impressionou com suas habilidades de cuidar da casa e de cozinhar, mas a senhora Casterton achava o braço minguado desconcertante, por isso foi vendida para a família Eavere, que era da Louisiana, mas estava lá há um ano: o senhor Eavere era um homem gordo e bonachão que precisava de uma cozinheira e de uma empregada para todo o tipo de serviço e não sentia a menor repulsa pelo braço minguado da escrava Daisy. Quando a família voltou para a Louisiana, um ano depois, Sukey foi junto.

Em New Orleans, as mulheres vinham até ela, e os homens também, para comprar remédios e amuletos de amor, pessoas negras, sim, claro, mas pessoas brancas também. A família Lavere fingia que não via. Talvez apreciasse o prestígio de ter uma escrava que era temida e respeitada. No entanto, recusava-se a vender-lhe sua própria liberdade.

Sukey ia para o pântano tarde da noite e dançava a calenda e a bambula. Como os dançarinos de St. Domingue e os de sua terra natal, os dançarinos do pântano tinham uma cobra negra como seu vodum; mesmo assim, os deuses de seu lar e das outras nações africanas não possuíam seu povo como haviam possuído o irmão dela e o povo de St. Domingue. Mas ela continuava a invocá-los e a chamar seus nomes, para pedir favores a eles.

Ouviu quando as pessoas brancas falaram sobre a revolta em St. Domingo (como chamavam o lugar), e como estava destinado a cair — "Pense bem! Uma terra de canibais!" — e, então, reparou que pararam de comentar sobre aquele assunto.

Logo, parecia a ela que fingiam nunca ter existido um lugar chamado St. Domingo e que, em relação ao Haiti, a palavra nunca tinha sido mencionada. Era como se toda a nação norte-americana tivesse resolvido que poderia, por um esforço de fé, determinar que uma ilha caribenha de bom tamanho não existia mais, meramente porque queriam e acabou.

Uma geração de crianças Lavere cresceu sob o olhar atento de Sukey. O mais novo, incapaz de dizer "Sukey" quando pequeno, a chamava de Mama Zouzou, e o nome pegou. Agora o ano era 1821, e Sukey já estava com mais ou menos 55 anos. Ela parecia bem mais velha.

Conhecia mais sobre os segredos do que a velha Sanité Dédé, que vendia doces na frente do Cabildo, e mais do que Marie Saloppé, que se autodenominava a rainha do vodu: ambas eram mulheres livres, de cor, ao passo que Mama Zouzou era escrava, e morreria

escrava, de acordo com seu dono.

A moça que veio a ela para descobrir o que havia acontecido ao marido se apresentou como Viúva Paris. Ela andava com o peito inchado e era jovem e orgulhosa. Tinha sangue africano, europeu e índio. Sua pele era avermelhada, os cabelos, pretos e brilhantes. Os olhos eram pretos e desdenhosos. Seu marido, Jacques Paris, estava, talvez, morto. Ele era três quartos branco, como se calculava esse tipo de coisa naquele tempo, e era filho bastardo de uma família rica, um dos muitos imigrantes que haviam fugido de St. Domingo e que tinham nascido livres, assim como sua notável esposa.

— O meu Jacques, ele está morto? — perguntou a Viúva Paris. Ela era uma cabeleireira que ia de casa em casa ajeitando os penteados das senhoras elegantes de New Orleans, antes de seus compromissos sociais tão exigentes.

Mama Zouzou consultou os ossos e então sacudiu a cabeça.

— Ele está com uma branca, em algum lugar ao norte daqui — disse. — Uma mulher branca de cabelos dourados. Ele está vivo.

Isso não era magia. Todo mundo sabia em New Orleans que Jacques Paris havia fugido, e de que cor eram os cabelos da mulher.

Mama Zouzou surpreendeu-se ao perceber que a Viúva não sabia ainda que seu Jacques estava enfiando o pequeno pipi quadrarão toda noite em uma mulher de pele rosada em Colfax. Bom, pelo menos nas noites em que ele não estava tão bêbado para poder utilizá-lo para algo melhor do que mijar. Talvez ela soubesse... ou tinha alguma outra razão para ter vindo.

A Viúva Paris vinha visitar a velha escrava uma ou duas vezes por semana. Depois de um mês, começou a trazer presentes: fitas de cabelo, bolo de sêmola e um galo preto.

— Mama Zouzou — disse a moça —, está na hora da senhora me ensinar o que sabe.

— É — disse Mama Zouzou, que sabia em que direção soprava o vento.

E, além disso, a Viúva confessou que nascera com os dedos dos pés grudados, o que significava que ela era gêmea e que havia matado seu irmão no útero. Que outra escolha Mama Zouzou tinha?

Ela ensinou à moça que duas nozes-moscadas penduradas em um barbante ao redor do pescoço, até o cordão se romper, curavam sopro do coração. Um pombo que nunca voara, cortado no comprimento e colocado sobre a cabeça do paciente, acabava com a febre. Mostrou também como se fazia um patuá, uma bolsinha de couro contendo treze moedas de um centavo, nove sementes de algodão e os pelos de um porco cachaço preto, e como se esfregava a bolsa para fazer com que desejos se realizassem.

A Viúva aprendeu tudo que Mama ensinou a ela. Mas não tinha interesse verdadeiro pelos deuses. Não, mesmo. Seu interesse estava na prática. Ela ficou deliciada ao descobrir o que fazer para segurar um homem... Mergulhe um sapo vivo no mel e depois coloque em um formigueiro. Quando os ossos estiverem limpos e brancos, procure um osso chato, em forma de coração, e outro com um gancho. O osso que tem um gancho

deve ser pendurado na roupa daquele que você quer conquistar, enquanto o osso em forma de coração deve ser guardado a salvo (porque, se for perdido, seu amado vai se voltar contra você como um cachorro bravo). Se você fizer isso, aquele que ama será seu.

Ela aprendeu que pó de cobra seca, misturado ao pó facial de uma inimiga, causa cegueira, e que uma inimiga se afoga se você pegar dela uma peça de baixo, virar do avesso e enterrar à meia noite embaixo de um tijolo.

Mama Zouzou mostrou à Viúva Paris a Raiz de Todas as Maravilhas do Mundo, as raízes grandes e pequenas do Conquistador John, mostrou-lhe sangue de dragão, valeriana e grama de cinco pontas. Ensinou como destilar chá da decadência, água siga-me e água de Xangô.

Todas essas coisas e muitas outras. Mama Zouzou ensinou à Viúva. Ainda assim, foi decepcionante para a velha. Ela dava tudo de si para ensinar as verdades escondidas, o conhecimento profundo, para explicar sobre Papa-Legba, Mawu, Aido-Hewdo, a serpente vodum, e sobre todo o resto, mas a senhora (agora devo contar seu nome de nascimento, o mesmo nome que mais tarde a tornou famosa: Marie Laveau. Mas essa não é a grande Marie Laveau, aquela de quem você ouviu falar, essa era a mãe dela, que acabou virando a Viúva Glapion) não tinha interesse nos deuses da terra distante. Se St. Domingue era uma terra negra e fértil, onde os deuses africanos podiam ser cultivados, esta terra, com seu milho e seus melões, seus pitus e seu algodão, era árida e infértil.

— Ela não quer saber — Mama Zouzou reclamava para Clémentine, sua confidente.

Clémentine cuidava da lavagem das roupas de muitas das casas naquele distrito, lavando suas cortinas e suas colchas. Tinha uma série de marcas de queimadura na bochecha, e um de seus filhos fora escaldado à morte quando uma panela de cobre virou.

— Então, não ensine nada a ela — diz Clémentine.

— Eu ensino, mas ela não vê o que tem valor... Tudo o que ela vê é o que pode fazer com aquilo. Eu dou diamantes para ela, mas ela só liga para o vidro barato. Eu dou a ela uma meia garrafa do melhor vinho tinto, mas ela só bebe a água do rio. Eu dou codornas, mas ela só quer comer as ratazanas.

— Então, por que você insiste? — pergunta Clémentine. Mama Zouzou dá de ombros, fazendo com que seu braço minguado balance. Ela não sabe responder. Poderia dizer que ensina porque é grata por estar viva, e ela c: viu gente demais morrer. Poderia dizer que sonha que um dia os escravos irão se rebelar, como se rebelaram (e foram derrotados) em LaPlace, mas ela sabe, no fundo do coração, que sem os deuses da África, sem o auxílio de Legba e de Mawu, nunca vencerão seus amos brancos, nunca voltarão para suas terras natais.

Quando ela acordou, no meio daquela noite terrível quase vinte anos antes, e sentiu o aço frio entre as costelas, foi quando a vida de Mama Zouzou acabou. Agora ela era alguém que não vivia, que simplesmente odiava. Se lhe perguntassem a respeito do ódio, ela não seria capaz de falar sobre a menina de 12 anos em um navio fedorento: aquilo se

diluíra em sua mente — chicotadas e espancamentos demais, noites que passara algemada, separações demais, dor demais. No entanto, ela poderia falar sobre o filho, e como cortaram o polegar dele quando o feitor descobriu que o garoto sabia ler e escrever. Poderia ter falado da filha, doze anos e já grávida de oito meses de um fiscal, e como cavaram um buraco no chão para acolher a barriga grávida da filha, e então a chicotearam até que suas costas sangrassem. Apesar do buraco cuidadosamente cavado, sua filha perdeu o bebê e a vida em uma manhã de domingo, quando todo o pessoal branco estava na igreja... Dor demais.

— Adore todos eles — Mama Zouzou dissera à jovem Viúva, no pântano, uma hora depois da meia-noite.

As duas estavam nuas até a cintura, suando na noite úmida... a cor da pele delas acentuada pelo luar branco.

O marido da Viúva Paris (cuja própria morte, três anos depois, teria vários aspectos dignos de nota) falou a Marie um pouco sobre os deuses de St. Domingo, mas ela não ligava. O poder vinha dos rituais, não dos deuses.

Juntas, Mama Zouzou e a Viúva se agacharam, bateram os pés e se lamentaram no pântano. A mulher livre, de cor, e a escrava com o braço minguado cantavam para as cobras negras.

— Existem outras coisas além de você prosperar e seus inimigos caírem — disse Mama Zouzou.

Muitas das palavras das cerimônias, palavras que ela conhecera no passado, palavras que seu irmão também sabia, tinham fugido de sua memória. Ela disse à linda Marie Laveau que as palavras não faziam diferença, só as melodias e as batidas, e lá, cantando e pisando nas cobras negras, no pântano, ela tem uma visão estranha. Ela vê as batidas das canções, a da Calenda, a da Bambula e todos os ritmos da África equatorial se espalhando lentamente pela terra escura até que todo o país treme e balance às batidas dos antigos deuses, cujos reinos ela abandonou. E nem aquilo, ela entende de alguma forma, no pântano, será suficiente.

Ela se volta para a linda Marie e se vê através de seus olhos, uma velha de pele negra, o rosto enrugado, o braço ossudo pendurado rígido ao lado do corpo, os olhos de alguém que viu seus filhos lutarem com os cachorros no cocho para conseguir comida. Ela viu a si mesma, e conheceu ali, pela primeira vez, a repulsa e o medo que a moça tinha por ela.

Então ela riu alto, se abaixou e pegou com a mão boa uma cobra preta tão alta quanto um menininho e tão grossa quanto uma corda de navio.

— Este — ela disse — este aqui vai ser o nosso vodum.

E largou a cobra sem resistência dentro de uma cesta que Marie, amedrontada, carregava.

E então, ao luar, a segunda visão a possuiu por um instante final, e ela viu seu irmão Agasu. Ele não era mais o garoto de doze anos que ela vira no mercado de Bridgeport,

mas um homem enorme, careca e sorridente, com seus dentes quebrados, as costas marcadas por cicatrizes profundas. Em uma das mãos ele segurava um facão. Seu braço direito mal era um coto.

Ela esticou sua mão esquerda, a boa.

— Fique, fique aqui um pouco — ela sussurrou. — Eu estou chegando. Vou estar com você logo, logo.

E Marie Paris achou que a velha estivesse falando com ela.

CAPÍTULO DOZE

Os Estados Unidos têm investido sua religião, assim como sua ética, em sólidas ações lucrativas. O país adotou a posição inexpugnável de ser uma nação abençoada porque merece ser abençoada; e seus filhos, seja quais forem as outras teologias que possam assumir ou desrespeitar apóiam essa crença nacional sem reservas.

— Agnes Repplier Times and Tendencies

Shadow dirigia o carro para oeste, cruzou Wisconsin e Minnesota e entrou em Dakota do Norte, onde as colinas cobertas de neve se pareciam com enormes búfalos adormecidos. Ele e Wednesday viam nada além de um monte de nada, quilômetro após quilômetro. Então viraram para o sul, para Dakota do Sul, dirigindo-se para o país das reservas indígenas.

Wednesday tinha trocado o Lincoln Town Car, que Shadow gostava de dirigir, por um Winnebago, um tipo de carro-trailer, pesadão e antigo, que cheirava a gato macho de maneira intensa e inconfundível, e que ele odiava dirigir.

Quando passaram a primeira placa para o Mount Rushmore, ainda a centenas de quilômetros de distância, Wednesday resmungou:

— Isso, sim, é um lugar santo.

Shadow pensou que Wednesday estivesse dormindo.

— Sei que costumava ser sagrado pros índios.

— É um lugar santo — disse Wednesday. — Esse é o "American Way": precisam dar uma desculpa às pessoas para virem e adorarem. Hoje em dia, ninguém pode simplesmente ir até um lugar para olhar uma montanha. O que nos leva aos enormes rostos presidenciais do senhor Gutzon Borgum. Uma vez que foram esculpidos, a licença foi dada, e agora as pessoas vêm em multidões ver ao vivo uma coisa que já viram em milhares de cartões-postais.

— Eu conheci um cara que fazia levantamento de peso lá na Muscle Farm, anos atrás. Ele disse que os índios adolescentes dakota sobem a montanha, formam correntes humanas que desafiam a morte no topo das cabeças, só pró cara da ponta poder mijar no nariz do presidente. Wednesday gargalhou.

— Que maravilha! Muito bom! E algum presidente em especial é o alvo? Shadow

deu de ombros.

— Ele não disse.

Os quilômetros desapareciam sob as rodas do Winnebago. Shadow começou a imaginar que estava parado enquanto a paisagem americana se movia ao lado deles a regulares 110 quilômetros por hora. Uma neblina de inverno embaçava as pontas das coisas.

Era meio-dia do segundo dia de viagem, e eles estavam quase chegando. Shadow, pensativo, falou:

— Uma menina desapareceu em Lakeside na semana passada. Quando estávamos em São Francisco.

— Hã?

Wednesday não parecia muito interessado.

— Uma menina chamada Alison McGovern. Ela não é a primeira criança a desaparecer. Elas somem durante o inverno. Wednesday franziu a testa.

— Que tragédia, não é mesmo? As carinhas nas caixas de leite... apesar de eu nem conseguir me lembrar da última vez que vi uma criança em uma caixa de leite... e nas paredes das áreas de descanso das estradas. "Você me viu?", perguntam. Uma questão profundamente existencial na melhor das ocasiões. "Você me viu?" Pegue a próxima saída.

Shadow pensou ter ouvido um helicóptero passar sobre eles, mas as nuvens estavam baixas demais para enxergar alguma coisa.

— Por que você escolheu Lakeside? — perguntou Shadow.

— Já disse. É um lugar legal e calmo pra se esconder. Você é carta fora do baralho lá, fica fora do radar.

— Por quê?

— Porque é assim. Agora, vira à esquerda — disse Wednesday Shadow dobrou à esquerda.

— Tem algo errado — disse Wednesday. — Merda. Puta que o pariu. Diminui, mas não pára.

— Será que dá pra explicar?

— Problema. Você conhece algum caminho alternativo?

— Não. Essa é a primeira vez que eu venho a Dakota do Sul — disse Shadow. — E eu não sei pra onde a gente está indo.

Do outro lado da colina, alguma coisa piscou em vermelho, embaçada por causa da neblina.

— Bloqueio de estrada — disse Wednesday. Ele enfiou a mão bem fundo primeiro

em um bolso do terno, depois em outro, procurando alguma coisa.

— Posso parar e dar meia-volta.

— Não dá pra voltar. Eles também estão atrás de nós — disse Wednesday. — Diminua pra uns 20, 30 quilômetros por hora.

Shadow olhou pelo retrovisor. Havia faróis atrás deles, a mais ou menos 1 quilômetro de distância.

— Tem certeza? — perguntou. Wednesday roncou:

— Tenho tanta certeza quanto ovos são ovos. Como disse o criador de perus quando chocou sua primeira tartaruga. Ah, achei!

E, dizendo isso, tirou do fundo de um bolso um pedacinho de giz branco. Começou a arranhar o painel do carro-trailer com o giz, fazendo marcas como se estivesse resolvendo um problema de álgebra — ou talvez, Shadow pensou, como se fosse um sem-teto, escrevendo longas mensagens para os outros sem-teto em código de sem-teto — cachorro mau aqui, cidade perigosa, mulher boa, cadeia mansa para passar a noite...

— Pronto. Agora aumenta a velocidade para Cinquenta. E não diminui mais. Um dos carros atrás deles acendeu os faróis e a sirene e acelerou em sua direção.

— Não diminui — Wednesday repetiu. — Eles só querem que a gente diminua antes de chegar no bloqueio.

Tchi. Tchi. Tchi. Fazia o giz contra o painel do carro.

Subiram a colina. O bloqueio estava a menos de 400 metros de distância. Doze carros arrumados sobre a estrada e em um dos lados, viaturas policiais e vários jipes pretos.

— Pronto — disse Wednesday, guardando o giz.

O painel do Winnebago agora estava coberto de rabiscos parecidos com as inscrições de uma runa.

O carro da sirene estava bem atrás deles. Tinha diminuído para ficar na mesma velocidade que eles, e uma voz amplificada gritava: "Encoste!" Shadow olhou para Wednesday.

— Fica à direita — disse Wednesday. — Só sai da estrada.

— Não dá pra dirigir esse negócio no acostamento. Vai capotar.

— Vai ficar tudo bem. Sai pra direita. Agora!

Shadow virou a direção com a mão direita, e o Winnebago deu uma guinada e uma sacolejada. Por um instante, achou que tinha razão, que o carro-trailer capotaria, e foi então que o mundo através do pára-brisa se dissolveu e cintilou, como um reflexo em uma piscina limpa quando o vento roça a superfície da água.

As nuvens, a neblina, a neve e o dia desapareceram.

Agora havia estrelas sobre as cabeças dele, pairando como lanças de luz congeladas, perfurando o céu noturno.

— Estaciona aqui — disse Wednesday. — Podemos andar o resto do caminho. Shadow desligou o motor. Entrou na parte de trás do Winnebago, pegou seu casaco, suas botas e suas luvas. Então desceu do veículo e disse:

— Pronto. Vamos lá.

Wednesday olhou para ele com surpresa e algo mais — talvez irritação. Ou orgulho.

— Por que você não discute comigo? — perguntou Wednesday — Por que você não fala que isso é impossível? Por que diabos você simplesmente faz o que eu mando e aceita tudo com essa porra dessa calma?

— Porque você não me paga pra fazer perguntas — disse Shadow. E então disse, percebendo a verdade à medida que as palavras saíam de sua boca:

— De qualquer maneira, nada mais me surpreende depois da Laura.

— Desde que ela voltou dos mortos?

— Desde que eu soube que ela estava dando pro Robbie. Aquilo doeu. Todo o resto pra mim só é a superfície. Pra onde vamos agora?

Wednesday apontou, e começaram a caminhar. O chão embaixo dos pés deles era de algum tipo de pedra, escorregadia e vulcânica, em algumas partes vitrificada. O ar estava frio, mas não era um frio de inverno. Iam procurando o caminho de maneira desajeitada, montanha abaixo. Havia uma trilha grosseira, e eles a seguiram. Shadow olhou para baixo, para o sopé da montanha.

— Que porra é aquela? — perguntou Shadow.

Mas Wednesday colocou o dedo sobre os lábios e sacudiu a cabeça com severidade. Silêncio.

Parecia uma aranha mecânica, metal azul, luzinhas vermelhas piscando, e era do tamanho de um trator. Estava encolhida no sopé da montanha. Atrás dela tinha uma variedade de ossos, cada um com uma pequena chama ao lado, cintilando um pouco maior do que a de uma vela.

Wednesday fez um gesto para Shadow, para que se mantivesse afastado de tais objetos. Shadow deu um passo extra para o lado, o que foi um erro no caminho vitificado, porque ele torceu o tornozelo e tropeçou montanha abaixo, rolando, escorregando e se debatendo. Agarrou uma pedra quando passou ao lado dela, e uma protuberância rasgou sua luva de couro como se fosse papel.

Parou no sopé da montanha, entre a aranha mecânica e os ossos.

Apoiou-se no chão para tomar impulso e ficar em pé, e percebeu que havia tocado com a palma da mão em algo que se parecia com um fêmur, e ele estava...

...parado à luz do sol, fumando um cigarro e olhando para o relógio. Havia carros ao redor dele, alguns vazios, outros não. Ele pensava que não deveria ter tomado aquela

última xícara de café, porque precisava dar uma mijada com urgência, e aquilo estava começando a ficar desconfortável.

Um dos oficiais da lei local, um homem grande com respiração congelada em seu bigode de morsa, veio até Shadow. Ela já havia esquecido o nome do homem.

— Não sei como perdemos o carro — diz o Oficial de Lei Local, com tom de desculpa e totalmente confuso.

— Foi uma ilusão de ótica — ele responde. — Acontece com condições de tempo malucas como esta. A neblina. Foi uma miragem. Estava passando por alguma outra estrada. Nós pensamos que estava nesta.

O Oficial de Lei Local parece desapontado.

— Ah, eu pensei que talvez fosse uma coisa tipo Arquivo X.

— Temo que não seja nada assim tão excitante.

Ele sofre de hemorróidas ocasionais e seu traseiro acaba de começar a coçar daquele jeito que assinala que uma crise está a caminho. Ele quer voltar para dentro do Beltway. Gostaria que ali tivesse uma árvore para ele ficar atrás: a vontade de mijar está ficando pior. Ele joga o cigarro no chão e pisa em cima.

O Oficial de Lei Local caminha até uma das viaturas policiais e diz alguma coisa para o motorista. Os dois sacodem a cabeça.

Ele tira o telefone do bolso, aperta a tecla menu, troca de tela e encontra o telefone identificado como "Lavanderia", que o divertiu muito quando digitou uma referência a O Agente da U.N.C.L.E. Ele olhou e percebeu que não tinha nada a ver, que aquilo era um alfaiate, ele estava pensando em O Agente 86, e ainda se sentia estranho e um pouco envergonhado depois de todos aqueles anos por não ter percebido, quando criança, que aquilo era uma comédia e por ter desejado um sapato-telefone...

Uma voz de mulher no telefone:

— Pois não?

— Aqui é o senhor Town, quero falar com o senhor World.

— Aguarde um momento, por favor. Vou ver se ele pode atender. Silêncio. Town cruza as pernas, puxa o cinto mais para cima da barriga — preciso perder aqueles últimos cinco quilos — e para longe da bexiga. Então, uma voz urbana diz:

— Olá, senhor Town.

— Perdemos o carro.

Ele sente um nó de frustração no estômago: dentro do carro estavam os bastardos, os filhos da puta que mataram Woody e Stone, em nome de Jesus! Bons homens. Ele quer muito comer a senhora Wood, mas sabe que a morte de Woody ainda está muito próxima para fazer uma investida. Por isso ele a leva para jantar fora a cada quinze dias, um investimento no futuro, ela apenas fica grata pela atenção.

— Como?

— Não sei. Montamos um bloqueio na estrada, não tinha nenhum lugar pra eles irem, mas foram pra algum lugar mesmo assim.

— Só mais um pequeno mistério da vida. Não se preocupe. Você acalmou os locais?

— Disse pra eles que tinha sido uma ilusão de ótica.

— E eles acreditaram?

— Provavelmente.

Havia algo muito familiar em relação à voz do senhor World — o que era uma coisa bem estranha de se pensar. Trabalhavam juntos há dois anos, falava com ele todos os dias, claro que havia algo de familiar em sua voz.

— Eles devem estar longe agora.

— Será que devemos mandar gente pra interceptá-los?

— Não vale o incômodo. Tem questões de jurisdição demais, e só posso tirar algumas cartas da manga em uma única manhã. Vamos ter bastante tempo. Só volta pra cá. Estou ocupado tentando organizar o encontro de diretrizes.

— Algum problema?

— É um concurso pra ver quem me irrita mais. Propus que fizéssemos aqui. Os caras da técnica querem que seja em Austin, ou talvez em San José, os jogadores querem em Hollywood, os intangíveis, em Wall Street. Todo mundo quer que seja no seu próprio jardim. Ninguém vai ceder.

— Você quer que eu faça alguma coisa?

— Ainda não. Eu vou rosnar pra alguns caras, dar umas porradas em outros. Você conhece a rotina.

— Sim, senhor.

— Continue com seu trabalho, Town.

A linha cai.

Town pensa que deveria ter contratado um batalhão da S.W.A.T. para pegar aquela porra de Winnebago, ter colocado minas terrestres na estrada, ou uma porra de uma arma nuclear, que teria mostrado que eles realmente estavam com mas intenções. Era como o senhor World dissera certa vez... Estamos escrevendo o futuro em Letras de Fogo, e o senhor Town pensa que, em nome de Deus, se não mijar agora vai perder um rim, vai simplesmente explodir; era como seu pai dizia quando faziam viagens longas: "Meus dentes de trás estão encharcados"; e o senhor Town podia ouvir aquela voz agora, aquele sotaque forte de ianque dizendo: "Eu preciso dar uma mijada logo. Meus dentes de trás estão encharcados..."

E foi então que Shadow sentiu algo abrindo a sua mão, forçando-a dedo por dedo a

largar o fêmur que agarrava com força. Ele não precisava mais urinar; aquilo era com outra pessoa. Ele estava parado sob as estrelas em uma planície de pedra vitrificada.

Wednesday fez o sinal de silêncio mais uma vez. Então começou a caminhar, e Shadow o seguiu.

Ouviu-se um rangido vindo da aranha mecânica, e Wednesday congelou seus movimentos. Shadow parou e esperou junto com ele. Luzinhas verdes cintilavam e corriam pelas laterais do animal em fileiras. Shadow tentava não respirar muito alto.

Ele pensou no que acabara de acontecer. Era como olhar através de uma janela na mente de outra pessoa. E então, pensou: O senhor World. Fui eu quem pensou que a voz dele me soava familiar. Aquele foi o meu pensamento, não o de Town. Foi por isso que pareceu estranho. Ele tentou identificar a voz em sua mente, colocá-la na categoria a que pertencia, mas a voz o enganara.

Eu vou me lembrar, pensou Shadow. Mais cedo ou mais tarde, vou me lembrar.

As luzes verdes ficaram azuis, depois vermelhas, depois esmaeceram para um vermelho pálido, e a aranha se ajeitou sobre as ancas metálicas. Wednesday começou a caminhar para a frente, uma figura solitária sob as estrelas, com um chapéu de abas largas, seu casaco escuro, longo e esfarrapado balançando ao sabor do vento de lugar nenhum, seu cajado [ateando o chão vitrificado.

Quando a aranha metálica não passava de um brilho sob a luz das estrelas, bem ao longe, na planície, Wednesday disse:

— Acho que agora é seguro conversar.

— Onde estamos?

— Atrás do palco.

— Perdão?

— Pense como se fosse atrás do palco. Eu acabei de tirar a gente da frente da platéia e agora estamos andando nas coxias. É um atalho.

— Quando encostei naquele osso, eu estava na cabeça de um cara chamado Town. Ele faz parte daquela turma de agentes. Ele odeia a gente.

— Ë.

— Ele tem um chefe chamado senhor World... me lembra alguém, mas não sei quem. Eu estava olhando dentro da cabeça do Town... ou talvez estivesse dentro da cabeça dele. Não tenho certeza.

— Eles sabem pra onde a gente está indo?

— Acho que estão mandando suspender a caça por enquanto. Não querem nos seguir até a reserva. Nós vamos para alguma reserva?

— Talvez.

Wednesday se inclinou sobre seu cajado por um instante, depois continuou a

caminhar.

— O que era aquela coisa que parecia uma aranha?

— Uma manifestação de padrão. Um aparelho de busca.

— É perigosa?

— Você só chega à minha idade se sempre esperar pelo pior. Shadow sorriu.

— E que idade é essa?

— Tão velha quanto a minha língua — disse Wednesday. — E alguns meses mais velha do que os meus dentes.

— Você joga com as cartas tão perto do peito — disse Shadow — que eu nem tenho mais certeza se são cartas mesmo.

Wednesday só grunhiu.

Cada montanha que eles alcançavam era mais difícil de escalar.

Shadow começou a sentir uma espécie de dor de cabeça. Aquela luz de estrelas parecia pulsar, de um jeito que ressoava junto com a pulsação em suas têmporas e em seu peito. No sopé da montanha seguinte ele tropeçou, abriu a boca para dizer alguma coisa e, sem aviso, vomitou.

Wednesday colocou a mão em um bolso interno e tirou um pequeno frasco bonito e de linhas modernas.

— Tome um gole disto — disse. — Só um golinho. O líquido era picante, e evaporou na boca como um bom brandy, apesar de não ter gosto de álcool. Wednesday pegou o frasco de volta e guardou no bolso.

— Não é bom pró público ficar andando atrás do palco. É por isso que você está enjoado. Precisamos andar logo e tirar você daqui.

Começaram a andar mais rápido, Wednesday trotava solidamente, Shadow tropeçava de vez em quando, mas se sentia melhor por causa da bebida, que deixou um gosto de casca de laranja, óleo de alecrim, hortelã e cravos em sua boca.

Wednesday pegou no braço dele.

— Pronto — disse, apontando para dois montes idênticos de pedra vitrificada congelada à esquerda deles. — Passe pelo meio daqueles dois montes. Anda do meu lado.

Eles caminharam, e o ar frio e a luz do dia brilhante se abateram sobre o rosto de Shadow ao mesmo tempo.

Estavam a meio caminho de uma montanha baixa. A neblina fora embora, o dia estava ensolarado e frio, o céu, perfeitamente azul. No sopé da montanha havia uma estrada de cascalho, e uma perua vermelha sacolejava por sua extensão como um carro de brinquedo. Uma rajada de fumaça de lenha queimada veio de uma construção próxima. Parecia que alguém tinha pegado uma "casa móvel" e largado ao lado da montanha trinta anos antes. Dava para ver sinais de consertos e de remendos nas paredes e, em alguns

lugares, até de extensões.

Quando chegaram à porta, ela se abriu, e um homem de meia-idade com olhos aguçados e uma boca que se parecia com um corte de faca olhou para eles de cima a baixo e disse:

— Ei! Ouvi dizer que dois homens brancos estavam a caminho pra me visitar. Dois brancos em um Winnebago. E ouvi dizer que eles se perderam, como os brancos sempre se perdem, se não tiver placas espalhadas por tudo. E agora olha pra esses dois pobres animais na minha porta. Vocês sabem que estão na terra dos Lakota?

Seu cabelo era cinzento e comprido.

— Desde quando você é Lakota, sua fraude velha? — disse Wednesday. Ele usava um casaco e um boné com protetores de orelha, e já parecia improvável a Shadow que, apenas instantes antes, sob a luz das estrelas, ele vestisse um chapéu afundado na cabeça e uma capa surrada.

— Então, WhiskeyJack, estou morrendo de fome, e meu amigo aqui acabou de vomitar o café da manhã. Você não vai convidar a gente pra entrar?

WhiskeyJack coçou uma das axilas. Usava calças jeans, uma camiseta de baixo cinzenta, como seu cabelo, mocassins e parecia não se incomodar com o frio. Então, disse:

— Gosto daqui. Entre, homem branco que perdeu seu Winnebago. Havia mais fumaça dentro do trailer, e outro homem lá, sentado à mesa. Ele usava uma pele de gamo manchada e estava descalço. Sua pele tinha a cor da cortiça.

Wednesday parecia deliciado.

— Bom — ele disse —, parece que o nosso atraso foi fortuito. WhiskeyJack e Appie Johnny Dois coelhos com uma cajadada só.

O homem sentado à mesa, Appie Johnny, olhou para Wednesday e então colocou uma das mãos no meio das pernas, pegou no saco e disse:

— Errou de novo. Acabei de checar e estou aqui com meu cajado, bem onde deveriam estar.

Ele olhou para Shadow e levantou uma mão, mostrando a parte interna.

— Eu sou John Chapman. Não escuta nada que o seu patrão fala de mim. Ele é um trouxa. Sempre foi. E sempre vai ser. Algumas pessoas só são trouxas, e ponto final.

— Mike Ainsel — disse Shadow. Chapman coçou o queixo sem barbear.

— Ainsel — ele disse. — Isso não é nome. Mas, por enquanto, vou aceitar. Chamam você de quê?

— De Shadow.

— Vou chamar você de Shadow, então. Ei, Whiskey Jack (mas Shadow percebeu que ele não estava falando Whiskey Jack, havia sílabas demais). A comida está saindo?

O homem pegou uma colher de pau e levantou a tampa de uma panela de ferro

preta, que fervia na grelha do fogão à lenha.

— Está pronta pra comer — disse.

Pegou quatro tigelas de plástico e, com uma colher, dividiu o conteúdo da panela em cada uma, e as colocou sobre a mesa. Então abriu a porta, deu alguns passos sobre a neve e tirou uma jarra de plástico de um banco de neve. Trouxe o recipiente para dentro e serviu quatro copos grandes de um líquido marrom-amarelado embaçado, que colocou ao lado de cada tigela. Por último, encontrou quatro colheres. Sentou-se à mesa com os outros homens.

Wednesday levantou o copo cheio de suspeita.

— Parece mijo — disse.

— Vocês ainda bebem esse negócio? — perguntou Whiskey Jack. — Vocês, homens brancos, são loucos. Isso aqui é melhor. Então, para Shadow:

— Esse cozido é na maior parte de peru selvagem. O John aqui trouxe o refrigerante de maçã.

— É uma cidra suave — disse John Chapman. — Nunca acreditei em álcool forte. Deixa os homens loucos.

O cozido estava delicioso e a cidra era muito boa. Shadow forçou-se a comer mais devagar, a mastigar a comida, não engoli-la de uma vez, mas estava com mais fome do que podia imaginar. Ele se serviu de mais cozido e de um segundo copo de cidra.

— O Lorde Rumor disse que você anda por aí falando com todo tipo de gente, oferecendo todo tipo de coisas. Diz que você está falando com os velhos do campo de batalha — disse John Chapman.

Shadow e Whiskey Jack lavaram a louça, colocaram os restos do cozido em potes Tupperware. Whiskey Jack colocou os potes nos montes de neve do lado de fora da porta da frente, e colocou uma garrafa de leite vazia em cima do lugar, como referência, para poder encontrá-los novamente.

— Acho que este é um resumo justo e perspicaz dos acontecimentos — disse Wednesday.

— Eles vão vencer — disse Whiskey Jack, na lata. — Já venceram. Você já perdeu. Igual aos brancos com o meu povo. No geral, eles vencem. E quando perdem, fazem acordos. Depois, rompem os acordos. E daí vencem de novo. Não vou lutar por mais uma causa perdida.

— E não adianta nada ficar olhando pra mim — disse John Chapman. — Porque, mesmo se eu lutar pra você, o que não vou fazer, não vou servir pra nada. Os bastardos sarnentos e com rabo de rato tiraram tudo o que podiam de mim e depois me esqueceram.

Ele se calou. Depois disse'.

— Paul Bunyan.

Sacudiu a cabeça lentamente e disse mais uma vez:

— Paul Bunyan.

Shadow nunca havia visto duas palavras tão inócuas soarem tão malditas.

— Paul Bunyan? O que ele fez de tão ruim?

— Ocupou espaço na cabeça — disse WhiskeyJack. Ele catou um cigarro de Wednesday e os dois homens se sentaram juntos para fumar.

— É como aqueles idiotas que concluem que os beija-flores se preocupam com o peso e as cáries ou qualquer besteira dessas, mas talvez só queiram poupar os pássaros dos malefícios do açúcar — explicou Wednesday. — Então enchem as garrafinhas de plástico com uma porra de um adoçante artificial. Os passarinhos vêm e bebem. Depois morrem, porque a comida não contém nenhuma caloria, apesar de as barriguinhas deles estarem cheias. Isso é a mesma coisa que Paul Bunyan é pra você. Ninguém nunca contou nenhuma história a seu respeito. Ninguém nunca acreditou em Paul Bunyan. Ele saiu se sacudindo de uma agência de Nova York, em 1910, e encheu a barriga do país com calorias vazias.

— Eu gosto do Paul Bunyan — disse WhiskeyJack. — Fui no brinquedo dele, no Shopping Center das Américas, alguns anos atrás. Você vê o grande Paul no topo, e daí cai com tudo. Splash! Pra mim, ele é OK. Eu não ligo pro fato de que ele nunca existiu, quer dizer, de que nunca cortou nenhuma árvore. Não é tão bom quanto plantar árvores. Isso seria melhor.

— Você já falou besteira demais — disse Johnny Chapman. Wednesday soprou um anel de fumaça, que ficou flutuando no ar, dissipando-se lentamente em fiapos e voltas.

— Caramba, Whiskey Jack, não é isso que a gente quer dizer, e você sabe muito bem.

— Não vou ajudar. Quando chutarem a sua bunda, você pode voltar e, se eu ainda estiver aqui, vou dar comida de novo pra você. A gente consegue a melhor comida no outono.

Wednesday disse:

— Todas as alternativas são piores.

— Você não faz a mínima ideia de qual sejam as alternativas — falou Whiskey Jack.

Então, olhou para Shadow:

— Vocês estão caçando.

A voz dele tinha endurecido pela fumaça da lenha e pelos cigarros.

— Eu estou trabalhando — disse Shadow. WhiskeyJack sacudiu a cabeça.

— Você também está caçando alguma coisa. Tem uma dívida que quer pagar. Shadow pensou nos lábios azulados de Laura e no sangue em suas mãos, e assentiu com a cabeça.

— Ouça. A raposa estava aqui primeiro e o irmão dela era o lobo. A raposa disse que as pessoas vão viver pra sempre. Se morrerem, não vão ficar mortas por muito tempo. O lobo disse que não, as pessoas vão morrer, as pessoas precisam morrer, elas precisam morrer, ou vão se espalhar e cobrir o mundo, e comer todos os salmões e todos os caribus, e todos os búfalos, vão comer todas as abóboras e todo o milho. Daí um dia o lobo morreu, e disse pra raposa trazê-lo de volta à vida. E a raposa disse que não, os mortos têm que ficar mortos. Você me convenceu disso. E ela chorou quando disse aquilo. Mas ela disse aquilo, e ponto final. Agora o lobo manda no mundo dos mortos e a raposa vive pra sempre sob o sol e sob a lua, e ainda chora pelo irmão. Wednesday disse:

— Se vocês não vão me ajudar, então não ajudem. Nós vamos seguir em frente.

O rosto de WhiskeyJack estava impassível.

— Estou falando com este moço aqui. Você está além da ajuda. Ele, não. Virou-se novamente para Shadow:

— Conta pra mim o seu sonho — disse WhiskeyJack. Shadow disse:

— Eu estava escalando uma montanha de caveiras. Havia uns pássaros enormes voando ao redor com relâmpagos nas asas. Estavam me atacando. A torre caiu.

— Todo mundo sonha — disse Wednesday. — Podemos cair na estrada?

— Nem todo mundo sonha com o Wakinyau, o pássaro-trovão — interveio WhiskeyJack. — Sentimos o eco do sonho aqui.

— Eu disse pra você — falou Wednesday. — Jesus.

— Tem um ninho de pássaros-trovão na Virgínia Ocidental — disse Chapman, como quem não quer nada. — Umas duas fêmeas e pelo menos um macho velho. Também tem um casal aqui nesta terra, costumavam chamar de Estado de Franklin, mas o velho Ben nunca conseguiu o Estado dele, entre o Kentucky e o Tennessee. Claro que nunca existiram muitos, nem no melhor dos tempos.

WhiskeyJack esticou a mão da cor-de-barro vermelho e tocou no rosto de Shadow, suavemente.

— Ei, é verdade. Se você caçar o pássaro-trovão, vai poder trazer sua mulher de volta. Mas ela pertence ao lobo. No lugar dos mortos, não deve ficar andando na terra.

— Como é que vocês sabem? — perguntou Shadow. Os lábios de WhiskeyJack não se moveram.

— O que foi que o búfalo disse pra você?

— Pra acreditar.

— Bom conselho. Você vai seguir?

— Mais ou menos. Acho que sim.

Conversavam sem a boca, sem palavras, sem som. Shadow ficou imaginando se, para os outros dois homens na sala, pareceu que eles estiveram imóveis por um piscar de

olhos, ou por uma fração de piscar de olhos.

— Quando você encontrar sua tribo, volte aqui pra falar comigo — disse WhiskeyJack. — Eu posso ajudar.

— Vou voltar.

WhiskeyJack abaixou a mão. Então, voltou-se para Wednesday.

— Você vai pegar seu Ho Chunk?

— Meu o quê?

— Ho Chunk. É assim que os Winnebagos se chamam. Wednesday sacudiu a cabeça.

— É muito arriscado. Recuperar o carro pode ser problemático. Vão estar procurando por ele.

— É roubado?

Wednesday fez ar de afrontado.

— Nem um pouco. Os documentos estão no porta-luvas.

— E as chaves?

— Estão comigo — disse Shadow.

— Meu sobrinho, Harry Bluejay, tem um Buick 81. Por que não me dá as chaves do seu trailer? Você pode ficar com o carro dele. Wednesday se enfureceu:

— Que tipo de troca é essa? Whiskey Jack deu de ombros.

— Você sabe como vai ser difícil recuperar o seu carro naquele lugar? Estou fazendo um favor. É pegar ou largar. Eu não estou nem aí.

E, dizendo isso, fechou a boca de corte de faca.

Wednesday parecia bravo, e então a raiva se transformou em arrependimento, e disse:

— Shadow, dê as chaves do Winnebago pro homem. Shadow entregou as chaves do carro para WhiskeyJack.

— Johnny — disse WhiskeyJack —, você leva esses homens até o Hany Bluejay? Diz a ele que eu mandei entregar o carro pra eles.

— Com prazer — disse John Chapman.

Ele se levantou e caminhou até a porta, pegou um saquinho de lona e saiu. Shadow e Wednesday o seguiram. WhiskeyJack ficou esperando na soleira.

— Ei! — ele disse para Wednesday. — Não volte aqui. Você não é bem-vindo. Wednesday apontou para o próprio sexo.

— Senta aqui e roda — disse, de maneira afável. Desceram a montanha, abrindo

caminho através dos montes de neve. Chapman ia na frente, os pés vermelhos contra as camadas de neve branca.

— Você não está com frio? — perguntou Shadow.

— Minha mulher era Choctaw — comentou Chapman.

— E ela ensinou um jeito mágico para você não passar frio?

— Não. Ela pensava que eu era louco. Costumava dizer "Johnny, por que você não calça as botas?"

A descida da montanha ficou mais íngreme, e foram forçados a parar de conversar. Os três homens tropeçavam e escorregavam na neve, usando os troncos das bétulas na encosta para se firmarem no chão e não caírem. Quando o solo ficou um pouco mais nivelado, Chapman disse:

— Ela está morta agora, claro. Quando morreu, acho que fiquei um pouco louco. Poderia ter acontecido com qualquer um. Poderia acontecer com você. Ele bateu no braço de Shadow com a mão:

— Por Jesus e Jeová, você é um cara grande.

— É o que dizem por aí.

Tropeçaram pela encosta por cerca de meia hora, até chegarem à estrada de cascalho que fazia curvas ao sopé da montanha, e os três homens começaram a percorrer a estrada, em direção ao aglomerado de construções que tinham visto de cima da montanha.

Um carro diminuiu a marcha e parou. A mulher que dirigia esticou a mão, abaixou o vidro do passageiro e disse:

— Oi, rapazes, querem uma carona?

— A senhora é muito gentil, moça — comentou Wednesday. — Estamos procurando um tal de senhor Harry Bluejay.

— Ele vai estar no salão de recreação. Shadow supôs que ela tivesse uns 40 anos.

— Entrem.

Eles entraram. Wednesday ocupou o assento do passageiro, John Chapman e Shadow ficaram no banco de trás. As pernas de Shadow eram grandes demais para que ele se acomodasse na traseira com conforto, mas fez o melhor que pôde. O carro precipitou-se para a frente, seguindo na estrada de cascalho.

— Então, de onde é que vocês três estão vindo? — perguntou a motorista.

— Só estávamos visitando um amigo — respondeu Wednesday.

— Ele mora naquela montanha lá atrás — disse Shadow.

— Que montanha? — ela perguntou.

Shadow olhou para trás através do vidro empoeirado, em direção à montanha. Mas não havia nenhuma montanha... nada além de nuvens nas planícies.

— WhiskeyJack — ele disse.

— Ah. A gente chama ele de Inktomi. Acho que é o mesmo cara. Meu avô costumava contar umas histórias ótimas sobre ele. Claro que as melhores eram meio sujas.

Passaram dentro de um buraco e a mulher xingou alto.

— Tudo bem aí atrás?

— Tudo bem, moça — disse Johnny Chapman. Ele se agarrava ao assento com as duas mãos.

— Estradas de reserva. Você acaba se acostumando com elas.

— Todas são assim? — perguntou Shadow.

— A maioria. Todas que ficam por aqui. E nem comece a perguntar a respeito de todo o dinheiro dos cassinos, porque quem é que, em sã consciência, ia vir até aqui pra jogar em um cassino? A gente não vê nem um pouco daquele dinheiro por aqui.

— Sinto muito.

— Não sinta.

Ela trocou de marcha com uma pancada e um ruído.

— Sabia que toda a população branca daqui está sumindo? Você sai por aí, só encontra cidades-fantasma. Como é que você vai querer que eles fiquem na fazenda, depois de terem visto o mundo pela tela da televisão? E não vale a pena pra ninguém querer cultivar essas terras ruins. Pegaram nossas terras, se instalaram aqui, e agora estão indo embora. Eles vão pró sul, vão pró oeste... Talvez, se a gente esperar tempo bastante pra todos eles se mudarem pra Nova York, pra Miami e pra L.A., a gente possa pegar todo o centro de volta sem lutar.

— Boa sorte — disse Shadow.

Encontraram Harry Bluejay no salão de recreação, na mesa de sinuca, dando tacadas de efeito para impressionar um grupo de meninas. Ele tinha um corvo azul tatuado nas costas da mão direita, e diversos piercings na orelha direita.

— Ho hoka, Harry Bluejay — disse John Chapman.

— Vai se foder, seu fantasma branco louco de pé descalço — disse Harry Bluejay, em tom de conversa. — Você me dá arrepios.

Havia homens mais velhos do outro lado da sala, alguns jogando baralho, outros conversando. Outros homens, mais jovens, mais ou menos da idade de Harry Bluejay, esperavam pela sua vez na mesa de sinuca. Era uma mesa de sinuca de tamanho oficial, com um rasgo no feltro verde em uma das laterais, remendado com um pedaço de silver tape.

— Tenho um recado do seu tio — disse Chapman, inabalável. — Ele falou que você tem que dar o seu carro para esses dois homens.

Deveriam ser trinta, talvez até quarenta pessoas naquele salão, e agora cada uma

delas olhava intensivamente para suas cartas de baralho, para os seus pés ou para as suas unhas, e fingiam o melhor que podiam não estar escutando nada.

— Ele não é meu tio.

Um cheiro estagnado de fumaça pairava no salão. Chapman sorriu abertamente, mostrando a pior exibição de dentes que Shadow já tinha visto em uma boca humana.

— Você quer ir lá falar isso pró seu tio? Ele diz que você é a única razão que tem pra ficar entre os Lakota.

— O WhiskeyJack fala um monte de coisas — disse Harry Bluejay, com petulância.

Mas ele também não disse Whiskey Jack. Soava quase igual, aos ouvidos de Shadow, mas não muito: Wisahedjack, pensou. Era aquilo que eles diziam. Nada a ver com WhiskeyJack.

Shadow falou:

— Só. E uma das coisas que ele disse é que a gente ia trocar nosso Winnebago pelo seu Buick.

— Não estou vendo Winnebago nenhum.

— Ele vai trazer o Winnebago — disse John Chapman. — Você sabe que ele traz. Harry Bluejay tentou dar uma tacada de efeito e errou. Sua mão não estava suficientemente firme.

— Eu não sou sobrinho daquela raposa velha. E gostaria que ele não ficasse falando isso pra todo mundo.

— É melhor uma raposa viva do que um lobo morto — disse Wednesday, com uma voz tão profunda que mais parecia um rugido. — Então, você vai entregar seu carro?

Harry Bluejay tremeu, visível e violentamente:

— Claro, claro. Eu só estava brincando. Eu faço muita piada. Largou o taco de sinuca na mesa e pegou um casaco grosso do meio de um amontoado de jaquetas parecidas penduradas em ganchos, ao lado da porta.

— Deixa eu tirar as minhas porcarias de dentro do carro primeiro. Ele lançava olhares para Wednesday, como se achasse que o homem de mais idade estivesse prestes a explodir.

O carro de Harry estava estacionado a uma centena de metros dali. Quando caminharam na direção dele, passaram na frente de uma igrejinha católica caiada, e um homem com uma camisa com gola de padre ficou olhando para eles à medida que se moviam. Tragava um cigarro como se não gostasse de fumar.

— Bom dia pró senhor! — gritou Johnny Chapman.

Mas o homem não respondeu; esmagou o cigarro sob o salto do sapato, pegou a bituca, jogou na lata ao lado da porta e entrou.

O carro não tinha espelhos retrovisores externos, e os pneus eram os mais carecas

que Shadow já vira: borracha preta perfeitamente lisa. Harry disse a eles que o carro bebia óleo, mas era só repor o tempo todo e ele ia andar para sempre, a não ser que parasse.

Harry encheu um saco preto de lixo com porcarias do carro (várias garrafas long-neck de cerveja barata pela metade, um pacote pequeno de maconha prensada enrolado em papel-alumínio e mal escondido no cinzeiro do carro, um rabo de gambá, duas dúzias de fitas de música country e uma cópia barata e surrada de Um Estranho Numa Terra Estranha).

— Desculpa ter tirado um sarro de você — disse Harry a Wednesday, entregando as chaves do carro a ele. — Você sabe quando eu vou pegar o Winnebago?

— Pergunta pró seu tio. Ele é que é a porra do vendedor de carros usados — grunhiu Wednesday.

— Wisakedjak não é meu tio — disse Harry Bluejay.

Ele pegou o saco de lixo preto, entrou na casa mais próxima e fechou a porta atrás de si.

Deixaram Johnny Chapman próximo a Sioux Falls, na frente de uma quitanda.

Wednesday não falou nada durante o trajeto. Estava fechado em uma carranca sombria desde que saíram da casa de WhiskeyJack.

Em um restaurante caseiro nos limites de St. Paul, Shadow pegou um jornal que alguém havia largado. Olhou uma vez, depois mais uma, depois mostrou a Wednesday.

— Olhe isso — disse Shadow.

Wednesday suspirou, olhou para o jornal e disse:

— Fico encantando em saber que a briga por salários dos controladores aéreos foi resolvida sem precisar recorrer à ação industrial.

— Não isso — disse Shadow. — Olha. Diz aqui que hoje é dia 14 de fevereiro.

— Feliz Dia dos Namorados.

— Mas a gente saiu dia o quê? 20? 21 de janeiro? Eu não estava marcando as datas, mas foi na terceira semana de janeiro. Nós passamos três dias na estrada, no total. Então, como hoje é dia 14 de fevereiro?

— Porque nós caminhamos quase durante um mês — disse Wednesday. — Nas terras ruins. Atrás do palco.

— Que atalho bom, esse seu — disse Shadow. Wednesday empurrou o jornal para longe.

— Caralho de Johnny Appieeseed, sempre falando do Paul Bunyan. Na vida real o Chapman tinha catorze pomares de maçã. Ele cultivava milhares de acres.

É, ele se mantinha no mesmo ritmo que a fronteira oeste, mas não tem por aí nenhuma história a respeito dele com uma só palavra de verdade, a não ser uma que conta sobre quando ele enlouqueceu. Mas não importa. Como os jornais costumavam dizer, se a

verdade não for suficientemente grande, manda imprimir a lenda. Este país precisa de lendas. E nem as próprias lendas acreditam nelas mesmas mais.

— Mas você percebe tudo isso.

— Eu já era. Quem se importa comigo, porra? Shadow disse suavemente:

— Você é um deus.

Wednesday lançou para ele um olhar penetrante. Ele parecia estar prestes a dizer algo, mas então se afundou em sua cadeira, olhou para o cardápio e disse:

— E daí?

— Ë bom ser um deus.

— É mesmo?

Dessa vez, foi Shadow que olhou para o outro lado.

Em um posto de gasolina a 40 quilômetros de Lakeside, na parede próxima aos banheiros, Shadow viu um aviso caseiro em xerox: uma foto em branco-e-preto de Alison McGovern e a pergunta escrita à mão Você me viu? em cima dela. A mesma fotografia de anuário escolar: sorrindo, segura de si, uma menina com aparelho fixo nos dentes de cima que quer trabalhar com bichos quando crescer.

Você me viu?

Shadow comprou uma barra de chocolate Snickers, uma garrafa de água e um exemplar do jornal Lakeside News. A reportagem da dobra superior, escrita por Marguerite Olsen, nossa repórter de Lakeside, mostrava a foto de um menino e de um homem mais velho, no lago congelado, parados na frente de uma cabana de pescar que mais se parecia com um banheiro externo, segurando um enorme peixe. Eles sorriam. Pai e filho batem o recorde local de pesca. Leia a reportagem completa nesta edição.

Wednesday dirigia. Ele disse:

— Lê pra mim qualquer coisa interessante que achar no jornal.

Shadow olhou com cuidado e virou as páginas lentamente. Mas não conseguiu encontrar nada.

Wednesday deixou-o na entrada da garagem do prédio. Um gato cor-de-fumaça olhava para ele na passagem, então fugiu quando ele tentou acariciá-lo.

Shadow parou na varanda de madeira do lado de fora de seu apartamento e olhou para o lago, salpicado aqui e ali por cabanas de pesca verdes e marrons. Muitas delas tinham carros estacionados ao lado. Sobre o gelo, bem perto da ponte, repousava a lata velha verde, da mesma maneira que aparecia no jornal.

— Dia 23 de março — disse Shadow, encorajando o carro. — Por volta das 9h15 da manhã. Você consegue.

— Sem chance — disse uma voz de mulher. — Dia 3 de abril. As 3h da tarde. Assim o dia esquentava o gelo.

Shadow sorriu. Marguerite Olsen vestia um macacão de esqui. Ela estava na outra ponta da varanda, enchendo o pote de comida dos pássaros.

— Li a sua reportagem no Lakeside News sobre Recorde da Cidade de Pesca de Perca.

— Excitante, hein?

— Bom, educativo talvez.

— Eu achei que não ia mais voltar pra nós. Você ficou fora um bom tempo, hein?

— Meu tio precisou de mim — disse Shadow. — Perdemos a noção do tempo. Ela colocou o último quadradinho de sebo na gaiola e começou a encher uma meia-calça tipo arrastão cortada com sementes de uma garrafa de leite de plástico. Vários pintassilgos, com penas verde-oliva por causa do inverno, piavam impacientemente, empoleirados em um pinheiro próximo.

— Não vi nada sobre Alison McGovern no jornal.

— Não tinha nada pra escrever. Ela ainda está desaparecida. Houve um rumor de que teria sido vista em Detroit, mas foi só um alarme falso.

— Coitadinha.

Marguerite Olsen atarraxou a tampa da garrafa de leite.

— Espero que esteja morta — disse, secamente. Shadow ficou chocado.

— Por quê?

— Porque as outras alternativas são piores.

Os pintassilgos pulavam freneticamente de um galho para o outro no pinheiro, impacientes para que as pessoas fossem embora logo.

Você não está pensando na Alison, pensou Shadow. Você está pensando no seu filho. Você está pensando no Sandy.

Ele se lembrou de alguém dizendo Eu sinto saudade ao Sandy. Quem era mesmo?

— Foi bom conversar com você.

— Ë — ela disse. — Foi sim.

Fevereiro passou em uma sucessão de dias curtos e cinzentos. Às vezes a neve caía, mas, na maior parte dos dias, não. O tempo esquentou, e nos dias bons a temperatura ficava acima do grau de congelamento. Shadow ficou dentro do apartamento até que o lugar comesçasse a se parecer com uma cela de prisão e, então, nos dias em que Wednesday não precisava que ele viajasse, começou a caminhar.

Caminhava durante a maior parte do dia, longas pernadas para longe da cidade. Caminhava, sozinho, até chegar à floresta ao norte e ao oeste, ou até os campos de milho e os pastos de gado ao sul. Ele caminhou pela Trilha Selvagem do Condado de Lumber e pelos antigos trilhos de trem, e andou pelas estradas vicinais. Algumas vezes, caminhou

acompanhando a margem do lago, de norte a sul. Eventualmente, via habitantes locais ou turistas de inverno ou gente correndo para se exercitar, e ele acenava e dizia oi. Na maior parte das vezes, não via ninguém, apenas corvos e pintassilgos, ou um falcão se refestelando em um porco do mato ou em um guaxinim morto na estrada. Em uma ocasião memorável, assistiu a uma águia pescar um peixe prateado do meio do rio White Pine, a água congelada nas margens, mas ainda correndo e gorgolejando no centro. O peixe sacudia e se contorcia nas garras da águia, brilhando ao sol do meio-dia;

Shadow imaginou o peixe se libertando e nadando através do céu, e sorriu, de modo assustador.

Quando caminhava, descobriu, não precisava pensar, e era bem assim que ele gostava de ficar; quando pensava, sua mente ia a lugares que não conseguia controlar, a lugares que o incomodavam. A exaustão era a melhor coisa. Quando estava exausto, seus pensamentos não se voltavam para Laura, ou para os sonhos estranhos, ou para coisas que não eram e não podiam ser. Voltava para casa depois da caminhada e dormia sem dificuldade e sem sonhar.

Cruzou com o delegado Chad Muiligan na barbearia do George, na praça central. Shadow sempre esperava muito de cortes de cabelo, mas nunca alcançavam suas expectativas. Depois de cada corte de cabelo, ficava mais ou menos com a mesma cara, só que com o cabelo mais curto. Chad, sentado na cadeira de barbeiro ao lado de Shadow, parecia surpreendentemente preocupado com sua própria aparência. Quando o corte estava pronto, ele olhou sorrindo para o seu próprio reflexo, como se estivesse se preparando para dar uma multa de velocidade.

— Está bom — Shadow disse a ele.

— Seria bom se você fosse uma mulher?

— Acho que sim.

Cruzaram a praça até a Mabel's juntos e pediram canecas de chocolate quente. Chad disse:

— Ei. Mike. Você já pensou em seguir carreira do lado da lei? Shadow deu de ombros.

— Não posso dizer que pensei. Parece que tem um monte de coisas que é preciso saber.

Chad sacudiu a cabeça.

— Sabe, a parte principal do trabalho na polícia, num lugar assim como este, é manter a cabeça no lugar. Uma coisa acontece, alguém vem gritar com você, começa a falar de assassinato, e você simplesmente precisa ser capaz de dizer que aquilo tudo é um engano, e que vai resolver tudo se a pessoa sair calmamente. E tem que ser capaz de falar de coração.

— E daí você resolve?

— Na maior parte das vezes, só quando coloco algemas em alguém. Mas você faz o

que pode para resolver. Se quiser um emprego, venha falar comigo. Estamos contratando. E você é o tipo de cara que a gente quer.

— Vou me lembrar disso, se o negócio com o meu tio não der certo. Os dois deram goles em seus chocolates quentes. Mulligan disse:

— Diga, Mike, o que você faria se tivesse uma prima. Tipo uma viúva. E ela começasse a ligar pra você?

— Ligar pra você? Como assim?

— Pelo telefone. DDD. Ela mora em outro Estado. Suas bochechas ficaram vermelhas:

— A gente se viu no ano passado, em um casamento de família. Mas naquele tempo ela estava casada, quer dizer, o marido dela ainda era vivo, e ela é da família. Não é prima-irmã. Bem distante.

— Você sente alguma coisa por ela? Vermelho.

— Não sei.

— Bom, então vamos colocar de outro jeito. Ela sente alguma coisa por você?

— Bem, ela disse umas coisas quando ligou. É uma mulher muito bonita.

— Então... o que você vai fazer a respeito?

— Eu podia pedir pra ela vir aqui. Podia fazer isso, não podia? Ela deu a entender que gostaria de vir.

— Vocês dois são adultos. Eu diria vai fundo.

Chad assentiu com a cabeça, e ficou vermelho, e assentiu com a cabeça de novo.

O telefone no apartamento de Shadow estava silencioso e mudo. Ele pensou em mandar ligá-lo, mas não conseguiu pensar em ninguém para quem quisesse ligar. Certa noite, bem tarde, pegou o fone e ficou escutando, e convenceu-se de que conseguia ouvir um vento soprando e uma conversa distante entre um grupo de pessoas falando tão baixo que não dava para distinguir o que diziam. Ele disse "Alo?" e "Quem está aí?", mas não obteve resposta, só um silêncio repentino e então o som longínquo de risadas, tão fraco que ele não teve certeza se estava imaginando aquilo ou não.

Shadow fez mais algumas viagens com Wednesday nas semanas seguintes.

Ficou esperando na cozinha de um chalé em Rhode Island. Ouviu enquanto Wednesday se acomodava em um quarto escuro e discutia com uma mulher que se recusava a sair da cama e não deixava nem Wednesday nem Shadow olharem para o seu rosto. Na geladeira havia um saco plástico cheio de grilos, e outro cheio de cadáveres de ratos-bebês.

Em uma casa noturna de rock em Seattle, Shadow assistiu Wednesday gritar seu cumprimento, por cima do barulho da banda, para uma jovem com cabelos vermelhos curtos e tatuagens azuis em forma de espiral. Aquela conversa deve ter corrido bem,

porque Wednesday saiu de lá sorrindo de prazer.

Cinco dias mais tarde, Shadow esperava no carro alugado enquanto Wednesday saía com a cara amarrada do saguão de um prédio de escritórios em Dálías. Wednesday bateu a porta do carro quando entrou, e sentou-se em silêncio, com o rosto vermelho de raiva.

— Dá a partida. Depois, disse:

— Albaneses do caralho. Como se alguém ligasse.

Três dias depois daquilo, pegaram um avião para Boulder, onde tiveram um almoço agradável com cinco moças japonesas. Foi uma refeição de gracejos e polidez, e Shadow saiu de lá sem ter certeza de que alguma coisa ficara combinada ou resolvida. Wednesday, no entanto, parecia bastante contente.

Shadow começou a ficar ansioso para voltar para Lakeside. Havia paz lá. Ele era bem-vindo e gostava disso.

Toda manhã, quando não estava viajando, pegava o carro e cruzava a ponte até a praça central. Comprava duas empanadas na Mabel's; comia uma delas ali mesmo e tomava café. Se alguém tivesse deixado um jornal por ali, ele o lia. Apesar de nunca ter interesse suficiente em jornais para comprar um.

Guardava a segunda empanada no bolso, embalada em seu saco de papel, e a comia no almoço.

Certo dia ele estava lendo o jornal USA Today quando Mabel disse:

— Ei, Mike. O que você vai fazer hoje?

O céu estava azul-claro. A névoa da manhã tinha deixado as árvores cobertas de geada.

— Não sei. Acho que vou dar um passeio naquela trilha da floresta de novo. Ela encheu sua xícara de café.

— Você já foi pro leste, pro condado Q? É muito bonito por lá. É uma estradinha que começa na frente da loja de tapetes, na avenida Vinte.

— Não. Nunca fui.

— Bom, é bem bonito.

Era extremamente bonito. Shadow estacionou o carro nos limites da cidade e andou pelo acostamento da estrada, uma estradinha local cheia de curvas que se enrolava nas montanhas, a leste da cidade. Cada uma das montanhas estava coberta por bordos desfolhados, bétulas que se pareciam com esqueletos brancos, abetos e pinheiros escuros.

A certa altura, um pequeno gato preto começou a acompanhá-lo no acostamento. Tinha cor de sujeira, com as pontas das patas brancas. Ele andou na direção do bicho. O gato não fugiu.

— Ei, gato — disse Shadow, sem vergonha nenhuma.

O gato virou a cabeça para o lado, olhou para ele com olhos cor-de-esmeralda.

Então fez aquele barulho parecido com um assobio que os gatos fazem quando estão bravos, mas não foi para ele, e sim para algo do outro lado da estrada, alguma coisa que Shadow não conseguia enxergar.

— Calma — disse Shadow.

O gato se afastou, cruzou a estrada e sumiu no meio de um campo de milho velho sem colher.

Depois da curva seguinte da estrada, Shadow deparou com um cemitério minúsculo. As lápides estavam gastas pelo tempo, apesar de muitas delas estarem enfeitadas com ramalhetes de flores frescas. Não havia muro ao redor do cemitério, nem cerca, apenas árvores baixas de amora, plantadas nos limites do terreno, encurvadas por causa do gelo e da idade. Shadow pisou sobre o gelo amontoado e sobre a neve derretida no acostamento da estrada. Dois postes de pedra marcavam a entrada do cemitério, apesar de não haver portão entre eles. Shadow entrou no cemitério.

Ficou passeando por ali, olhando as lápides. Não havia nenhuma inscrição posterior a 1969. Tirou a neve de um anjo de granito que parecia ser firme e recostou-se nele.

Retirou o saco de papel do bolso e pegou a empanada lá de dentro. Quebrou a pontinha com os dedos: um fraco respiro de vapor saiu para o ar gelado. Cheirava muito bem. Deu uma mordida.

Alguma coisa se moveu atrás dele. Por um instante, achou que fosse o gato, mas então sentiu cheiro de perfume e, sob o perfume, o cheiro de algo podre.

— Por favor, não olhe pra mim — ela disse atrás dele.

— Oi, Laura.

Sua voz estava hesitante, ele pensou, até um pouco assustada.

— Oi, cachorrinho.

Ele quebrou um pedaço da empanada.

— Quer um pouco? — perguntou.

Agora ela estava parada imediatamente atrás dele.

— Não. Come você. Eu não como mais comida. Ele comeu sua empanada. Estava boa.

— Eu quero olhar pra você — ele disse.

— Você não vai gostar.

— Por favor...

Laura deu a volta no anjo de pedra. Shadow olhou para ela, à luz do dia. Algumas coisas estavam diferentes e outras eram iguais. Seus olhos não tinham mudado, nem a esperança distorcida de seu sorriso. E ela estava, obviamente, muito morta. Shadow levantou-se e colocou as migalhas dentro do saco de papel, depois o dobrou e guardou-o de volta no bolso.

A temporada que passara na funerária, no Cairo, de alguma maneira fez com que fosse mais fácil estar na presença dela. Ele não sabia o que dizer.

Sua mão fria procurou a dele, que a apertou suavemente. Sentia o coração batendo no peito. Estava com medo, mas o que o assustava era a normalidade daquele momento. Sentia-se tão confortável com ela ao seu lado que poderia ter ficado ali para sempre.

— Sinto saudades de você — ele confessou.

— Estou aqui.

— É quando eu sinto mais saudade de você. Quando está aqui. Quando não está, quando você é só um fantasma do passado ou um sonho de uma outra vida, é mais fácil.

Ela apertou os dedos dele.

— Então — ele perguntou —, como vai a morte?

— Difícil. Vou tocando.

Laura colocou a mão no seu ombro, e isso quase fez com que ele desmoronasse.

— Quer caminhar um pouco comigo?

— Claro.

Ela sorriu para ele, um sorriso nervoso e torto em um rosto morto. Saíram do pequeno cemitério e percorreram o caminho de volta pela estrada, em direção à cidade, de mãos dadas.

— Por onde você tem andado? — ela perguntou.

— Aqui. Na maior parte do tempo.

— Desde o Natal, eu meio que perdi você de vista. Às vezes sabia onde estava, durante algumas horas ou alguns dias. Você estava lá, inteiro. Depois desaparecia de novo.

— Eu estava nesta cidade. Lakeside. É uma cidadezinha boa.

— Ah!

Ela não estava mais usando o tailleur azul com que foi enterrada. Agora usava vários suéteres, uma saia longa e escura e botas cor-de-vinho de salto alto. Shadow comentou sobre o calçado.

Laura abaixou a cabeça e sorriu.

— Não são botas lindas? Encontrei em uma loja de sapatos ótima em Chicago.

— Então, por que você resolveu vir de Chicago pra cá?

— Ah, faz um bom tempo que não vou a Chicago, cachorrinho. Eu estava indo pró sul. O frio estava me incomodando. Você deve pensar que eu iria gostar de passar frio, mas tem a ver com estar morta, acho. Você não sente assim tanto frio... sente um tipo de nada, e quando se está morta, acho que a única coisa que assusta é nada. Eu estava indo pró Texas. Pensei em passar o inverno em Galveston. Acho que costumava viajar para lá

no inverno quando criança.

— Acho que não. Você nunca falou sobre isso antes.

— Não? Talvez então tenha sido alguma outra pessoa. Não sei. Eu me lembro de gaiotas... de jogar pão no ar pra elas, centenas delas, o céu se transformando em um monte de gaiotas à medida que batiam as asas e pegavam o pão.

Ela fez uma pausa.

— Se não fui eu que vi, alguma outra pessoa viu. Um carro fez a curva. O motorista acenou para eles, Shadow devolveu o cumprimento. Parecia maravilhosamente normal passear com sua mulher.

— Isso aqui é muito bom — disse Laura, como se estivesse lendo a mente dele.

— É.

— Quando o chamado veio, eu tive que voltar correndo. Eu mal tinha chegado ao Texas.

— Chamado?

Ela olhou para ele. Em volta do pescoço dela, a corrente de ouro brilhava.

— Parecia um chamado. Eu comecei a pensar em você. Sobre como precisava ver você. Foi como sentir fome.

— Então, você sabia que eu estava aqui?

— Sabia.

Ela parou. Fez uma careta, e seus dentes de cima morderam o lábio de baixo, azulado, bem de leve. Laura deixou a cabeça cair para o lado e disse:

— Eu sabia. De repente, eu soube. Eu achei que estivesse me chamando, mas não era você, então?

— Não.

— Você não queria me ver?

— Não é isso. Ele hesitou.

— Não. Eu não queria ver você. Dói demais.

A neve estalava sob os pés deles e brilhava como um monte de diamantes quando refletia a luz do sol.

— Deve ser difícil — ela disse — não estar vivo.

— Você quer dizer que é difícil não estar viva? Olha, eu ainda vou descobrir o que fazer pra trazer você de volta, do jeito certo. Acho que estou no caminho certo...

— Não. Quer dizer, fico agradecida. E espero que você consiga mesmo. Eu fiz um

monte de coisa ruim... Ela sacudiu a cabeça.

— Mas eu estava falando de você.

— Estou vivo — disse Shadow. — Eu não estou morto. Lembra?

— Você não está morto, mas também não tenho certeza se está vivo. Não mesmo.

Não é assim que essa conversa deve se desenrolar, pensou Shadow. Nada acontece desse jeito.

— Eu amo você — ela falou, sem paixão. — Você é o meu cachorrinho. Mas quando você estiver morto de verdade, vai poder ver as coisas com mais clareza. É como se não tivesse ninguém aí. Sabe? É tipo um buraco no mundo, grande, sólido e em forma de homem.

Ela franziu a testa.

— Mesmo quando a gente está junto. Eu adorava ficar com você. Você me adorava e fazia qualquer coisa por num. Mas às vezes eu entrava em um quarto e achava que não tinha ninguém. E eu acendia a luz, ou apagava, e percebia que você estava lá, sozinho, sem ler, nem assistir à TV, nem fazer nada.

Ela o abraçou então, como se tentasse amenizar o amargor de suas palavras, e disse:

— A melhor coisa em relação ao Robbie era que ele era alguém. Às vezes era um imbecil e podia ser uma piada. Ele adorava colocar espelhos em volta da cama quando a gente fazia amor, pra poder se ver enquanto me fodia, mas ele estava vivo, cachorrinho. Queria coisas. Ele preenchia o espaço.

Ela parou, olhou para ele, deixou a cabeça cair um pouco para um lado.

— Desculpa. Eu feri seus sentimentos?

Ele não confiava em sua voz, achava que ela o trairia, por isso apenas sacudiu a cabeça.

— Bom — ela disse. — Isso é bom.

Estavam se aproximando da área de descanso onde o carro estava estacionado. Shadow sentiu que precisava dizer algo: eu amo você ou por favor, não vá embora ou desculpa. O tipo de palavras que se usa para remendar uma conversa que se desviou, sem aviso, para os lugares sombrios. Em vez disso, disse:

— Não estou morto.

— Talvez não. Mas você tem certeza de que está vivo?

— Olhe pra mim.

— Isso não é resposta. Quando tiver certeza, você vai saber.

— E agora, o que vai fazer?

— Bom, vou voltar pro sul.

— Pro Texas?

— Qualquer lugar quente. Tanto faz.

— Eu preciso esperar aqui até meu chefe me chamar.

— Isso não é vida — disse Laura.

Ela suspirou e então sorriu, o mesmo sorriso que afetava seu coração toda vez, sem fazer a menor diferença de quantas vezes ele já o havia visto. Cada vez que ela sorria para ele, era como se fosse a primeira.

Shadow fez menção de abraçá-la, mas ela sacudiu a cabeça e se afastou. Sentou em cima de uma mesa de piquenique coberta de neve e assistiu, enquanto ele dava a partida no carro e ia embora.

INTERLÚDIO

A guerra havia começado e ninguém viu. A tempestade chegava e ninguém sabia.

Uma viga que caiu em Nova York fechou uma rua durante dois dias. Matou dois pedestres, um taxista árabe e o passageiro dele.

Um caminhoneiro de Denver foi encontrado morto em casa. A arma do crime, um martelo com cabo de borracha e cabeça de arrancar pregos, foi deixada no chão, ao lado do corpo. O rosto do homem estava intocado, mas a parte traseira da cabeça foi completamente destruída, e várias palavras em algum alfabeto estrangeiro foram escritas no espelho do banheiro com batom marrom.

Em uma agência dos correios em Phoenix, Arizona, um homem enlouqueceu e atirou em Terry "O Troll" Evensen, um homem esquisito com obesidade mórbida que morava sozinho em um trailer. Várias outras pessoas foram atingidas, mas apenas Evensen morreu. O homem que disparou os tiros — primeiramente suspeito de ser um carteiro revoltado — não foi preso nem identificado.

— Francamente — disse o supervisor de Terry "O Troll" Evensen no noticiário das cinco —, se alguém por aqui fosse enlouquecer, a gente pensava que seria o Troll. Um trabalhador bom, mas um cara esquisito. Quero dizer, não dá pra saber, né?

Aquela entrevista foi cortada quando o segmento foi reprisado mais tarde da noite.

Uma comunidade de nove eremitas em Montana foi encontrada morta. Repórteres especularam que teria sido um suicídio em massa, mas logo se constatou que a causa mortis fora envenenamento por monóxido de carbono saído de uma caldeira antiga.

Uma cripta foi profanada no cemitério de Key West.

Um trem de passageiros da Amtrak bateu em um caminhão de entregas da UPS em Idaho, matando o motorista do caminhão. Nenhum dos passageiros ficou seriamente ferido.

Nesse estágio, ainda era uma guerra fria, uma guerra falsa, nada que pudesse ser realmente vencido ou perdido.

O vento remexia os galhos da árvore. Faíscas pulavam do fogo. A tempestade estava chegando.

A rainha de Sabá — meio-demônio, como diziam, do lado do pai, mulher-bruxa, sábia e rainha, que governou Sabá quando ainda era a terra mais rica que existia, quando suas especiarias, suas pedras preciosas e suas madeiras perfumadas eram levadas em barcos e em lombos de camelo para todos os cantos da terra, que era adorada mesmo quando estava viva, adorada como deusa pelo mais sábio dos reis — está parada na calçada do Sunset Boulevard às 2h da manhã, olhando para o trânsito sem enxergar, como uma noiva de plástico vagabunda em um bolo de casamento em preto e néon. Ela fica parada como se fosse dona da calçada e da noite que a cerca.

Quando alguém a olha diretamente, os lábios dela se movem, como se estivesse falando consigo mesma. Quando homens passam em carros ao seu lado, ela faz contato visual e sorri.

A noite foi longa.

A semana foi longa, e os 4 mil anos foram longos.

Ela se orgulha de não dever nada a ninguém. As outras garotas da rua têm cafetões, hábitos, filhos e têm gente que pega o que elas ganham. Ela não.

Não há mais nada de sagrado na sua profissão. Não mais.

As chuvas tinham começado em Los Angeles havia uma semana, deixando as ruas escorregadias e causando acidentes de trânsito, fazendo a lama das encostas das montanhas rolar e soterrar as casas no cânions, levando o mundo para dentro das calhas e dos escoadouros de tempestade, afogando os mendigos e os sem-teto acampados no canal de concreto do rio. Quando as chuvas chegam a Los Angeles, sempre pegam as pessoas de surpresa.

Bilquis passou a última semana dentro de casa. Incapaz de ficar na calçada, ela se aninhou na cama do quarto cor-de-figado cru, ouvindo a chuva tamborilar na caixa de metal do ar-condicionado da janela e colocando anúncios pessoais na internet. Deixou seus convites no [adultfriendfinder.com](#), no [LA-escorts.com](#) e no [Classyholiywoodbabes.com](#), com um e-mail anônimo. Ela se orgulhava de negociar nos novos territórios, mas continuava nervosa — passou tempo demais tentando evitar qualquer coisa que se assemelhasse a uma trilha de papel. Bilquis nunca tinha colocado um anúncio pequeno nas últimas páginas do jornal LA Weekly, preferindo escolher seus próprios clientes, para descobrir pelo olhar, pelo cheiro e pelo toque aqueles que vão adorá-la como ela precisa ser adorada, aqueles que vão se deixar ser levados até o fim...

E agora ocorre a ela que, parada e tremendo na esquina da rua (porque as chuvas do final de fevereiro foram embora, mas o frio que trouxeram permaneceu), tem um hábito tão ruim quanto o das prostitutas que cheiram pó ou que usam crack, e isso a aflige, e seus lábios começam a se mover mais uma vez. Se você estivesse bastante perto de seus lábios vermelho-rubi, ouviria as palavras:

— Agora eu vou me erguer e percorrer a cidade pelas ruas, e nos caminhos largos vou encontrar aquele que'amo. — É isso que ela está sussurrando, e continua: — Á noite, na minha cama, eu. procurei aquele que minha alma amará. Deixe que ele me beije com os beijos de sua boca. Meu amado é meu e eu sou dele.

Bilquis espera que o intervalo nas chuvas traga os caras de volta. Na maior parte do ano, ela percorre os mesmos dois ou três quarteirões no Sunset, aproveitando as noites frescas de L.A. Uma vez por mês, paga um oficial da polícia da cidade, que substituiu o último cara para quem ela costumava pagar, que havia desaparecido. O nome dele era Jerry LeBec e seu desaparecimento era um mistério para a polícia. Ele ficou obcecado por Bilquis e começou a segui-la a pç. Certa noite ela acordou, assustada com um barulho, abriu a porta do apartamento e descobriu Jerry LeBec com roupas civis ajoelhando-se e balançando para a frente e para trás em cima do tapete gasto, com a cabeça abaixada em sinal de reverência, esperando ela sair. O barulho que escutou era da cabeça dele batendo contra a porta quando ele balançava o corpo.

Ela afagou seu cabelo e disse para entrar. Mais tarde, colocou as roupas dele em um saco de lixo preto e jogou tudo em um contêiner atrás de um hotel a vários quarteirões de distância. Colocou dentro de um saco de supermercado o revólver e a carteira. Colocou café moído usado e restos de comida por cima, fechou o saco e jogou em uma lata de lixo de um ponto de ônibus.

Ela não guardava recordações.

O céu alaranjado da noite cintila a oeste, com relâmpagos distantes, em algum lugar no meio do mar, e Bilquis sabe que a chuva vai começar logo. Ela suspira. Não quer ser pega pela chuva. Resolve voltar para o apartamento, tomar um banho e raspar as pernas — parece que está sempre raspando as pernas — e dormir.

Começa a caminhar por uma rua secundária, subindo a ladeira que leva até onde seu carro está estacionado.

Faróis aparecem atrás dela, diminuindo a velocidade à medida que se aproximam, e ela vira o rosto em direção à rua e sorri. O sorriso se congela quando vê que o carro é uma limusine branca aumentada. Homens em limusines aumentadas gostam de foder em limusines aumentadas, não na privacidade do altar de Bilquis. Ainda assim, pode ser um investimento. Algo para o futuro.

Uma janela fosca se abaixa e Bilquis caminha até a limusine, sorrindo.

— Ei, querido. Está procurando alguma coisa?

— Doce amor — diz uma voz do fundo do carro.

Ela dá uma olhada lá dentro, o máximo que pode através da janela aberta. Conhece uma moça que entrou em uma limusine com cinco jogadores de futebol americano bêbados e que ficou machucada de verdade, mas ela só consegue ver um cara lá dentro, e parece meio jovem. Ele não tem jeito de adorador, mas o dinheiro, um bom dinheiro que é passado da mão dele para a dela, é uma energia por si só — era chamado de baraka no passado — que ela pode usar e, francamente, hoje em dia, todo pouco ajuda.

— Quanto? — ele pergunta.

— Depende do que você quer e por quanto tempo. E se tem condições de pagar.

Ela sente um cheiro de alguma coisa queimada saindo pela janela da limusine. Cheira a fio queimado e a placas de circuitos superaquecidas. A porta se abre, empurrada por dentro.

— Eu tenho condição de pagar por tudo que eu quiser — diz o cara. Ela se debruça no carro e olha em volta. Não há mais ninguém ali, só o cara, um jovem de rosto inchado que não parece ter idade suficiente para beber.

Ninguém mais, por isso ela entra.

— Garoto rico, hein?

— Mais do que rico — ele diz, deslizando por sobre o estofado de couro na sua direção.

Ele se move desajeitadamente. Ela sorri para ele.

— Humm. Isso me excita, querido. Você deve ser um daqueles caras ponto com sobre quem eu li no jornal.

Ele levanta o peito e, então, solta a fumaça como um sapo-boi.

— Ë. Entre outras coisas. Sou um cara da técnica. O carro sai.

— Diz pra mim, Bilquis, quanto você cobra pra chupar o meu pau?

— Do que você me chamou?

— De Bilquis.

Depois canta, no ritmo da música da Madonna, com uma voz que não foi feita para cantar:

— You are an immaterial girl, living in a material World [{13}](#).

Há algo de ensaiado nas palavras dele, como se houvesse praticado o trocadilho na frente de um espelho.

Ela pára de sorrir e seu rosto muda, fica mais sábio, mais penetrante, mais duro.

— O que você quer?

— Já disse. Doce amor.

— Eu dou o que você quiser.

Ela precisa sair da limusine. Agora está andando rápido demais para se jogar do carro, ela conclui, mas é o que vai fazer se conseguir ganhá-lo na conversa. O que quer que esteja acontecendo, ela não gosta nada daquilo.

— O que eu quero. Ë.

Ele faz uma pausa. Sua língua percorre os lábios.

— Quero um mundo limpo. Quero ser dono do amanhã. Quero evolução, devolução e revolução. Eu quero levar o meu pessoal das margens do braço do rio pró meio da correnteza do rio principal. Vocês são o submundo. Está errado. Precisamos tomar as luzes do palco e brilhar. Na frente e no meio. Vocês estão tão no fundo no submundo, há tanto tempo, que nem sabem mais usar os olhos.

— Meu nome é Ayesha. Não sei do que está falando. Tem outra moça naquela esquina, o nome dela é Bilquis. Nós podemos voltar pró Sunset, você pode ficar com nós duas...

— Ah, Bilquis — ele diz e suspira, de maneira teatral. — Só tem um tanto de fé por aí. Estão chegando ao fim do que podem dar pra nós. A falha da credibilidade.

Então ele canta mais uma vez, no mesmo ritmo, com sua voz nasal e fora de tom:

— You are an analog girl, fiving in a digital World. [\[14\]](#)

A limusine dobra uma esquina rápido demais, e ele cai pelo banco na direção dela. O motorista do carro está escondido atrás de um vidro fosco. Uma convicção irracional toma conta dela, de que ninguém está dirigindo o carro, de que a limusine branca está correndo por Beverly Hills como Herbie, Se o Meu Fusca Falasse, com seu poder próprio.

Então o cara estica a mão e bate no vidro fosco.

O carro diminui e, antes que pare de andar, Bilquis já abriu a porta e se jogou, despencando no asfalto. É uma ladeira. À esquerda há uma montanha íngreme, à direita, uma queda livre. Ela começa a correr pela rua.

A limusine fica lá, imóvel.

Começa a chover, e seu salto alto se torce e escorrega. Ela tira os sapatos com um chute e corre, molhada até os ossos, procurando algum lugar para sair da rua. Está assustada. Tem poder, é verdade, mas é a magia da fome, a magia da boceta. Esse poder a manteve viva nesta terra durante tanto tempo, mas para tudo o mais ela usa seus olhos aguçados e sua cabeça, sua altura e sua presença.

Há uma cerca de metal ao lado da rua, na altura do joelho, à sua direita, para evitar que os carros caiam pela encosta da montanha, e agora a chuva corre pela rua transformando-a em um rio, e suas solas dos pés começaram a sangrar.

As luzes de L.A. se espalham na sua frente, um mapa elétrico cintilante de um reino imaginário, o paraíso colocado aqui mesmo na terra, e ela sabe que tudo que precisa para estar a salvo é sair da rua.

— Eu sou negra, porém bela — murmura para a noite e para a chuva. — Eu sou a rosa de Sharon, e o lírio dos vales. Sustente-me com jarros, conforte-me com maçãs: porque eu estou enjoada de amor.

Um relâmpago em forma de garfo queima esverdeado no meio do céu da noite. Ela perde o chão, escorrega vários metros, ralando a perna e o cotovelo, e está se levantando quando vê as luzes do carro descendo a ladeira em sua direção. Está vindo rápido demais para ser uma velocidade segura e ela considera se deve se jogar para a direita, onde

poderia ser esmagada contra a montanha, ou para a esquerda, onde corre o risco de escorregar pela vala. Ela atravessa a estrada correndo, pensando em escalar a encosta da montanha pela terra molhada, enquanto a limusine aumentada vem rabeando ladeira abaixo, inferno, deve estar a 130 por hora. Talvez até esteja deslizando sobre a água que corre sobre a ladeira, e Bilquis enfia a mão em um monte de mato e de terra, vai subir e fugir, e sobe, quando a terra molhada se esfarela e cai de volta na rua.

O carro bate na mulher com um impacto que entorta a grade e faz com que ela saia voando pelo ar, como uma marionete. Ela aterrissa na rua, atrás da limusine, e o choque despedaça sua pélvis, fratura seu crânio. Água fria de chuva corre pelo seu rosto.

Bilquis começa a amaldiçoar seu assassino, silenciosamente, porque não consegue mexer os lábios. Ela o amaldiçoa quando estiver acordado e quando for dormir, enquanto viver e depois que morrer. Ela o amaldiçoa somente como alguém que é meio-demônio pelo lado do pai poderia amaldiçoar.

A porta do carro bate. Alguém se aproxima dela.

— Vou were an analog girl — ele canta de novo, fora do tom — living in a digital World.

E depois, diz:

— Vocês, porras de madonnas. Todas as porras das madonnas.

E vai embora.

A porta do carro bate.

A limusine dá ré, e passa por cima dela, lentamente, pela primeira vez. Seus ossos estalam sob as rodas. Então o carro desce a montanha de novo em sua direção.

Quando, finalmente, vai embora montanha abaixo, tudo o que deixa para trás na rua é a carne vermelha espalhada de um animal atropelado, dificilmente reconhecível como humana, e logo, logo até isso vai ser levado embora pela chuva.

INTERLÚDIO 2

— Oi, Samantha.

— Mags? É você?

— Quem mais poderia ser? O Leon me disse que a titia Sammy ligou quando eu estava no chuveiro.

— Nós conversamos bastante. Ele é um menino tão legal.

— É. Acho que vou ficar com ele.

Um instante de desconforto para as duas, apenas um estalo de sussurro na linha telefônica. Então:

— Sammy, como vai a escola?

— Deram uma semana de férias pra gente. Problemas com as fornalhas. Como vão as coisas aí no seu canto das florestas do norte?

— Bom, eu tenho um vizinho novo. Ele faz truques com moedas. A coluna do Lakeside News atualmente traz um debate ardente a respeito do rezoneamento potencial das propriedades municipais perto do antigo cemitério, na margem sudeste do lago, e tive que escrever um editorial estridente resumindo a posição do jornal sobre esse assunto sem ofender ninguém e, na verdade, sem deixar que o leitor tivesse a mínima ideia de qual era nossa posição.

— Parece divertido.

— Não é. Alison McGovern desapareceu na semana passada... a mais velha dajillye do Stan McGovern. Uma menina bacana. Ela ficou de babá do Leon algumas vezes.

Uma boca se abre para dizer alguma coisa, então se fecha novamente, deixando o que era para ser dito sem dizer e, no lugar daquilo, diz:

— Que horror.

— É.

— Então...

E como não há nada a fazer depois daquilo que não vá ferir, ela diz:

— Ele é bonitinho?

— Quem?

— O vizinho.

— O nome dele é Ainsel, Mike Ainsel. Ele é OK. Muito jovem pra mim. Um cara grande, parece... qual é mesmo a palavra, começa com C.

— Carinhoso? Cínico? Certinho? Casado? Uma risada curta, e então:

— É, acho que ele parece casado. Quer dizer, tem um ar que os homens casados tem, e ele meio que é assim. Mas a palavra que eu estava procurando era cabisbaixo, meio triste. Ele parece cabisbaixo.

— E cheio de segredos?

— Não, particularmente. Quando ele se mudou, parecia meio perdido... nem sabia como vedar as janelas pra aquecer o apartamento. Até hoje parece não saber muito bem o que está fazendo aqui. Fica um tempo, depois vai embora de novo. Eu o vejo caminhando por aí de vez em quando.

— Talvez seja um ladrão de bancos.

— ã-hã. Era bem isso que eu estava pensando.

— Não estava. A ideia foi minha. Escuta, Mags, e você, como vai? Você está bem?

— Estou.

— Mesmo?

— Não.

Uma longa pausa, e então:

— Eu vou aí visitar você.

— Sammy, não.

— Depois do fim de semana, antes das fornalhas da escola começarem a funcionar de novo. Vai ser divertido. Você pode fazer uma cama no sofá pra mim. E convidar o vizinho cheio de segredos pra jantar um dia.

— Sam, você está querendo arrumar namorado.

— Quem está querendo arrumar namorado? Depois da Claudine-a-vaca-do-inferno, talvez eu esteja pronta pra voltar aos meninos por algum tempo. Eu conheci um menino estranho e legal quando peguei carona até El Paso, no Natal.

— Ah. Olha, Sam, você precisa parar de pegar carona.

— E como é que você acha que eu vou chegar até Lakeside?

— Alison McGovern estava pedindo carona. Até em uma cidadezinha como esta, não é seguro. Eu mando o dinheiro. Você pode pegar um ônibus.

— Tudo vai dar certo — Sammy.

— Tudo bem, Mags. Me manda o dinheiro se isso ajuda você a dormir em paz.

— Você sabe que eu vou mandar.

— Tudo bem, irmã mais velha mandona. Dá um abraço no Leon e diz pra ele que a titia Sammy está chegando e que não pode esconder os brinquedos na cama dela dessa vez.

— Vou falar pra ele. Mas não prometo que vá adiantar alguma coisa.

— Então, quando é que eu posso esperar você?

— Amanhã à noite. Você não precisa ir me buscar na rodoviária. Vou pedir pro Hinzelmann me levar na Tessie.

— Tarde demais. A Tessie já está na naftalina pra passar o inverno. Mas o Hinzelmann vai te dar uma carona de qualquer jeito. Ele gosta de você. E você escuta as histórias dele.

— Talvez você devesse pedir pro Hinzelmann escrever o editorial pra você. Vamos ver: "Sobre o rezoneamento das terras próximas ao antigo cemitério. Acontece que no inverno de sei lá quando o meu vô matou um veado perto do antigo cemitério ao lado do lago. Ele não tinha mais balas, por isso usou um caroço de cereja do almoço que a minha vó tinha feito pra ele. Furou a cabeça do veado e saiu correndo igual a um morcego fugindo do inferno. Dois anos depois, ele passa por lá e vê um enorme gamo com uma

cerejeira florida saindo do meio dos chifres. Bom, ele matou o bicho e a vó fez tantas tortas de cereja que eles ainda estavam comendo os doces quando chegou o Quatro de Julho..."

E as duas riram, então.

INTERLÚDIO 3

Jacksonville, Flórida, 2h — A placa diz precisa-se de frentista.

— Estamos sempre precisando de gente.

— Eu só posso trabalhar no turno da noite. Tem algum problema?

— Acho que não. Vou dar uma ficha pra você preencher. Já trabalhou em algum posto de gasolina?

— Não. Mas imagino que não seja muito difícil.

— Bom, não é projetar um foguete, com certeza. Sabe, moça, espero que você não se importe de eu falar, mas a senhora não me parece bem.

— Eu sei. É um problema de saúde. Parece pior do que é. Não é nada fatal.

— Tudo bem. Deixa a ficha comigo. Nós estamos precisando de gente no turno da noite agora. Por aqui, a gente chama de turno dos zumbis. Se você fica muito tempo nele, é assim que começa a se sentir. Bom, então... seu nome é Lama?

— Laura.

— Laura. Tudo bem. Bom, espero que não se importe de ter de tratar com gente esquisita. Porque esse pessoal só sai à noite.

— Tenho certeza que sim. Mas eu consigo me virar.

CAPÍTULO TREZE

Hey, old friend, What do you say, old friend?

Make it okay, old friend, Give an old friendship a break. Why

so grim? We're going on forever. You, me, he –

Too many lives are at stake... [\[15\]](#)

— Stephen Sondheim, "Old Friends"

Era sábado de manhã, Shadow atendeu à porta.

Marguerite Olsen estava lá. Não quis entrar, apenas ficou parada sob o sol, parecendo séria.

— Senhor Ainsel...?

— Mike, por favor.

— Mike, sim. Você gostaria de vir jantar na minha casa hoje à noite? Por volta das seis? Não vai ter nada de muito excitante, só espaguete com almôndega.

— Eu gosto de espaguete com almôndega.

— Obviamente, se você tiver outra coisa pra fazer...

— Não tenho mais nada pra fazer, não.

— Seis horas.

— Devo levar flores?

— Se você quiser. Mas este é um gesto social. Não romântico. Ele tomou banho. Foi dar um passeio curto, atravessou a ponte e voltou. O sol ia alto, uma moeda manchada brilhando no céu, e ele suava dentro do casaco na hora em que chegou em casa. Pegou o 4-Runner e foi até o supermercado Dave's Finest Food comprar uma garrafa de vinho. Custava vinte dólares, o que pareceu a Shadow um tipo de garantia de qualidade. Ele não sabia nada sobre vinhos, então comprou um cabernet californiano, porque viu um adesivo de carro certa vez, no tempo em que ele ainda era jovem e as pessoas ainda colocavam adesivos nos carros, que dizia A VIDA É UM CABERNET, e aquilo fez com que risse.

Comprou uma planta em um vaso para dar de presente. Folhas verdes, sem flores. Não era, nem de longe, romântico.

Comprou uma caixa de leite longa-vida que nunca beberia e uma variedade de frutas que nunca comeria.

Então deu uma passada na Mabel's e comprou uma única empanada de almoço. O rosto de Mabel se iluminou quando o viu.

— O Hinzelmann conseguiu falar com você?

— Eu não sabia que ele queria falar comigo.

— Ele quer levar você pra pescar no gelo. E Chad Mulligan disse que a prima dele de outro Estado está aqui. É de segundo grau, como a gente costumava chamar os primos que se beijam. Tão querida. Você vai adorar a moça.

E colocou a empanada em um saco de papel pardo e torceu a abertura para mantê-la quente.

Shadow pegou o caminho comprido até o apartamento, comendo com a mão, espalhando migalhas de empanada nas calças jeans e no chão do 4-Runner. Passou pela biblioteca na margem sul do lago. Era uma cidadezinha em branco-e-preto no meio do gelo e da neve. A primavera parecia inimaginavelmente longínqua: a lata velha ficaria em cima do gelo para sempre, com as cabanas de pescadores, as caminhonetes picape e as trilhas de snowmobile.

Ele chegou ao prédio, estacionou, percorreu o caminho de entrada e subiu os degraus de madeira até seu apartamento. Os pintassilgos e os pica-paus no pote de comida dos pássaros praticamente o ignoraram. Entrou. Regou a planta e ficou indeciso se colocava ou não o vinho na geladeira.

Havia um monte de tempo para matar até as seis.

Shadow desejou ver televisão confortavelmente mais uma vez. Queria se entreter, não ter que pensar, só sentar-se e deixar que os sons e a luz o banhassem. Quer ver o.s peitos da Lucy? Alguma coisa com a voz de Lucy sussurrava em sua memória, e ele sacudiu a cabeça, apesar de não haver ninguém ali para vê-lo.

Percebeu que estava nervoso. Essa seria a primeira vez que iria interagir com outras pessoas — gente normal, não pessoas na cadeia, nem deuses nem heróis culturais, nem sonhos — desde que fora preso, há mais de três anos. Precisaria conversar, como Mike Ainsel.

Checou o relógio. Eram duas e meia. Marguerite Olsen disse a ele para estar lá às seis. Será que ela queria dizer exatamente às seis? Será que devia chegar um pouco mais cedo? Um pouco mais tarde? Resolveu, finalmente, ir até a porta ao lado às seis e cinco.

O telefone de Shadow tocou.

— Fala.

— Isso não é jeito de atender o telefone — rosnou Wednesday.

— Quando ligarem meu telefone, atenderei com educação — disse Shadow. — Posso ajudar?

— Não sei — disse Wednesday. Fez uma pausa, então continuou:

— Organizar deuses é a mesma coisa que tentar mandar gatos fazerem filas retas. Não faz parte da natureza deles.

Havia um ar de morte e exaustão na voz de Wednesday, que Shadow nunca tinha ouvido antes.

— Qual é o problema?

— Está difícil. Está foddidamente difícil. Não sei se vai funcionar. A gente podia mesmo é cortar nossas próprias gargantas, só isso.

— Você não deve falar assim.

— É. Está certo.

— Bom, se você cortar sua própria garganta — disse Shadow, tentando animar Wednesday e deixá-lo menos sombrio — talvez nem doa.

— Doeria. Mesmo pró meu povo, a dor ainda machuca. Se você se movimenta e atua no mundo material, então o mundo material atua sobre você. A dor machuca, assim como a cobiça intoxica e a luxúria queima. Nós até podemos não morrer facilmente e, com tanta certeza quanto o inferno existe, não morreremos bem, mas podemos morrer. Se ainda formos amados e lembrados, alguma coisa que se parece muito conosco chega e toma nosso lugar e a porra começa toda de novo. Mas, se formos esquecidos, é o nosso fim.

Shadow não sabia o que dizer. Falou:

— Então, de onde você está ligando?

— Não é da sua conta, porra.

— Você está bêbado?

— Ainda não. Mas fiquei pensando no Thor. Você não conheceu ele. Um cara grande, igual a você. De bom coração. Não muito inteligente, mas ele entregaria a camisa do próprio corpo se alguém pedisse. E ele se matou. Colocou um revólver na cabeça e estourou os miolos em 1932, na Filadélfia. Que tipo de morte é essa pra um deus?

— Sinto muito.

— Você não dá a merda de dois centavos por isso, filho. Ele era muito parecido com você. Grande e burro.

Wednesday parou de falar. Tossiu.

— Qual é o problema? — disse Shadow, pela segunda vez.

— Eles fizeram contato.

— Quem fez contato?

— A oposição.

— E daí?

— Eles querem discutir uma trégua. Negociações de paz. Viva e deixe a merda viver.

— Então, o que acontece agora?

— Agora vou beber café ruim com os bundões modernos na Associação de Maçonaria de Kansas City.

— Tudo bem. Você vem me buscar ou a gente se encontra em algum lugar?

— Você fica aí e mantém a cabeça baixa. Não se meta em confusão. Ouviu bem?

— Mas...

Ouviu-se um dique e a linha ficou muda e continuou muda. Não se ouvia tom de discar, mas nunca existiu mesmo.

Nada além de tempo para matar. A conversa com Wednesday deixou Shadow com uma sensação de inquietação. Levantou-se, com a intenção de dar uma caminhada, mas a luz já estava indo embora, por isso, sentou-se novamente.

Shadow pegou o livro Minutas do Conselho da Cidade de Lakeside 1872-1884 e virou as páginas, percorrendo as letras minúsculas com os olhos, sem ler o texto realmente, ocasionalmente parando para olhar melhor alguma coisa que chamou sua atenção.

Em julho de 1874, Shadow descobriu, o conselho da cidade estava preocupado com o número de lenhadores estrangeiros itinerantes que chegavam à cidade. Um teatro de ópera deveria ser construído na esquina das ruas Três e Broadway. Esperava-se que a perturbação causada pelo represamento do Riacho do Moinho diminuísse quando a lagoa do moinho se transformasse em um grande lago. O conselho autorizou o pagamento de setenta dólares para o senhor Samuel Samuels e de 85 dólares para o senhor Heikki Salminen, para compensar a perda da terra e as despesas acarretadas pela mudança de domicílio para longe da área a ser inundada.

Nunca ocorreu a Shadow que o lago fosse artificial. Por que então chamar a cidade de Lakeside, se aquele lago era originalmente uma porcaria de uma lagoa de moinho? Ele continuou a ler e descobriu que o senhor Hinzelmann, originalmente de Hudemuhlen, na Baviera, era o responsável pelo projeto de construção do lago, e que o conselho da cidade concedeu a ele a soma de 370 dólares pelo projeto, e que qualquer pedido de dinheiro extra deveria ser feito por meio de requisição pública. Shadow rasgou um pedaço de uma toalha de papel e colocou no meio do livro como marcador. Ele conseguia imaginar o prazer de Hinzelmann ao ver uma referência ao avô. Perguntou a si mesmo se o velho sabia que a família dele havia sido prestativa na construção do lago. Shadow folheou as páginas posteriores do livro, procurando mais referências ao projeto de construção do lago.

O lago fora consagrado durante uma cerimônia, na primavera de 1876, como precursora das comemorações do centenário da cidade. Um voto de agradecimento ao senhor Hinzelmann fora dado pelo conselho.

Shadow checkou o relógio. Eram cinco e meia. Foi até o banheiro, fez a barba,

penteadou o cabelo. Trocou de roupa. De algum modo, os últimos quinze minutos se passaram. Pegou o vinho e a planta e caminhou até a porta vizinha.

A porta se abriu quando ele bateu. Marguerite Olsen parecia quase tão nervosa quanto ele. Ela pegou o vinho e a planta no vaso e agradeceu. A televisão estava ligada, O Mágico de Óz em vídeo. Estava na parte em sépia, e Dorothy ainda estava no Kansas, sentada no vagão do Professor Marwell com os olhos fechados, enquanto a fraude velha fingia ler a mente dela, e o furacão que a separaria de sua vida se aproximava. Leon estava sentado na frente da tela, brincando com um caminhão de bombeiro de brinquedo. Quando viu Shadow, uma expressão de alegria tocou seu rosto; ele se levantou e correu, tropeçando nos pés de tanta excitação, entrou em um quarto dos fundos e reapareceu um instante depois, triunfantemente segurando uma moeda de 25 centavos.

— Olha, Mike Ainsel!

Então, ele fechou as duas mãos e fingiu pegar a moeda na mão direita, que abriu e mostrou que estava vazia.

— Eu fiz desaparecer, Mike Ainsel.

— Você fez mesmo. Depois de comer, e se a sua mãe deixar, eu mostro como fazer de um jeito ainda mais disfarçado do que esse.

— Pode fazer agora, se quiser — disse a mãe. — Ainda estamos esperando a Samantha. Mande ela comprar creme de leite. Não sei por que está demorando tanto.

E, como se fosse uma deixa, passos ecoaram pela varanda de madeira, e alguém empurrou a porta da frente com o ombro e a abriu. Shadow não a reconheceu logo de início, e então ela disse:

— Eu não sabia se você queria o tipo que tem calorias ou o que tem gosto de cola de papel de parede, então eu escolhi o tipo com calorias.

E foi então que ele soube: era a menina da estrada para Cairo.

— Tudo bem — disse Marguerite. — Sam, este aqui é o meu vizinho, Mike Ainsel. Mike, esta é a Samantha Black Crow, minha irmã.

Eu não conheço você, pensou Shadow, desesperadamente. Você nunca me viu na vida. Somos estranhos completos. Ele tentou se lembrar de como havia pensado neve, e como aquilo tinha sido fácil. Isto aqui era desesperador. Ele esticou a mão e disse:

— Prazer em conhecer você.

Ela piscou, olhou para o rosto dele. Um instante de perplexidade, então o reconhecimento entrou pelos seus olhos e fez com que os cantos da boca se curvassem em um sorriso.

— Oi — ela disse.

— Vou ver como está a comida — falou Marguerite, com a voz tensa de alguém que queima coisas se deixar o fogão sozinho e sem vigilância por um instante que for.

Sam tirou seu casaco inflado e seu gorro.

— Então, você é o vizinho cabisbaixo e cheio de segredos. Quem poderia imaginar? Ela mantinha a voz baixa.

— E você — ele disse — é a garota Sam. Podemos conversar sobre isso mais tarde?

— Só se me prometer contar o que está acontecendo.

— Peito.

Leon puxou a perna da calça de Shadow.

— Você vai me mostrar agora? — ele perguntou, e mostrou a moeda de 25 centavos na palma da mão.

— Está bem. Mas se eu mostrar, você tem que lembrar que o mestre mágico nunca conta pra ninguém como faz.

— Eu prometo — disse Leon, sério.

Shadow pegou a moeda na mão esquerda, então mexeu na mão de Leon, mostrando a ele como fingir pegar a moeda na mão direita quando, na verdade, ela continuava na mão esquerda de Shadow. Depois, fez com que Leon repetisse os movimentos sozinho.

Depois de várias tentativas, o garoto dominou o movimento.

— Viu, você já sabe a metade — disse Shadow. — Agora se concentre no lugar onde a moeda deveria estar. Olhe pró lugar onde ela deve estar. Se você agir como se a moeda estivesse na sua mão direita, ninguém nem vai olhar pra outra mão, por mais desajeitado que seja.

Sam assistiu a tudo aquilo com a cabeça um pouco inclinada para o lado, sem dizer nada.

— Jantar! — chamou Marguerite, vindo da cozinha com uma tigela fumegante de espaguete nas mãos. — Leon, vá lavar as mãos.

Havia pão de alho crocante, molho vermelho espesso, almôndegas bem temperadas. Shadow elogiou Marguerite.

— Uma receita antiga de família — explicou a ele. — Do lado córsico da família.

— Eu achei que vocês eram americanas nativas.

— Nosso pai é cherokee — disse Sam. — O pai da mãe da Mag veio da Córsega. Sam era a única pessoa na sala que estava bebendo o cabernet.

— Nosso pai abandonou ela quando a Mag tinha 10 anos e se mudou pró outro lado da cidade. Seis meses depois, eu nasci. Meus pais se casaram quando o divórcio saiu. Quando eu tinha dez anos, ele foi embora. Acho que a atenção dele dura um prazo de dez anos.

— Bom, faz dez anos que ele está em Oklahoma — comentou Marguerite.

— Agora, a família da minha mãe era judia da Europa — continuou Sam —, de algum daqueles lugares que costumava ser comunista e que agora é um caos. Acho que ela

gostava da ideia de ser casada com um cherokee. Pão frito e fígado moído.

Tomou mais um gole do vinho tinto.

— A mãe da Sam é louca — disse Marguerite, com tom de quase aprovação.

— Você sabe onde ela está agora? — perguntou Sam. Shadow sacudiu a cabeça.

— Na Austrália. Ela conheceu um cara pela Internet que morava em Hobart. Quando se encontraram de verdade, ela achou o cara nojento. Mas ela gostou mesmo da Tasmânia. Então ficou morando lá, com um grupo de mulheres, ensinando como fazer tecidos em batik e coisas assim. Não é legal? Na idade dela?

Shadow concordou que era, e se serviu de mais almôndega. Sam explicou a eles como os aborígenes nativos da Tasmânia tinham sido dizimados pelos britânicos, e sobre a corrente humana que formaram cruzando a ilha para encurralá-los, mas que só conseguiu capturar um velho e um menino doente. Explicou como os tilacinos — os tigres da Tasmânia — tinham sido mortos pelos fazendeiros, assustados pelas ovelhas deles, como os políticos da década de 1930 perceberam que os tilacinos deveriam ser protegidos, logo depois de o último deles morrer. Terminou seu segundo copo de vinho e se serviu do terceiro.

— Então, Mike — disse Sam, de repente, com as bochechas avermelhadas. — Fale um pouco da sua família. Que tal os Ainsel? Ela sorria, e havia um ar sacana naquele sorriso.

— Nós somos totalmente sem graça — ele comentou. — Nenhum de nós chegou tão longe quanto a Tasmânia. Então, você estuda em Madison. Que tal?

— Você sabe. Estudo história da arte, feminismo e modelo meus próprios bronzes.

— Quando eu crescer — disse Leon —, vou fazer mágica. Puf. Você me ensina, Mike Ainsel?

— Claro. Se a sua mãe não se importar. Sam disse:

— Depois de comer, enquanto você coloca o Leon na cama, Mags, acho que vou fazer o Mike me levar até o Buck Stops Here e vou ficar lá mais ou menos uma hora.

Marguerite não deu de ombros. A cabeça dela se mexeu, e uma das sobrancelhas se levantou um pouquinho.

— Achei ele interessante — sorriu Sam. — E temos muito sobre o que conversar. Marguerite olhou para Shadow, que se ocupava em limpar com um guardanapo de papel uma mancha de molho imaginária do queixo.

— Bom, vocês são adultos — ela disse em um tom de voz que derrotava quem não eram, mas que, mesmo que fossem, não deveriam ser.

Após o jantar, Shadow enxugou a louça para Sam e depois fez um truque para Leon, contando as moedas de 1 centavo na palma da mão do garoto: cada vez que Leon abria a mão e contava, tinha uma moeda a menos do que da última vez. E na última moeda:

— Você está apertando? Bem forte?

Quando Leon abriu a mão, descobriu que a moeda de um centavo tinha se transformado em uma de dez. Os gritos de Leon de "Como você/ez isso? Mamãe, como ele fez isso?" seguiram-no até o corredor.

Sam entregou o casaco dele.

— Vamos?

As bochechas dela estavam vermelhas por causa do vinho.

Do lado de fora, fazia frio.

Shadow passou no seu apartamento, enfiou o Minutas do Conselho da Cidade de Lakeside em um saco plástico de supermercado e levou consigo. Hinzelmann poderia estar no Buck, e queria mostrar a ele a menção ao seu avô.

Percorreram o caminho até a rua lado a lado.

Ele abriu a porta da garagem, e ela começou a rir.

— Ai meu Deus — ela disse, ao ver o 4-Runner. — O carro do Paul Gunther. Você comprou o carro do Paul Gunther. Ai meu Deus!

Shadow abriu a porta para ela. Depois deu a volta e entrou.

— Você conhece este carro?

— Quando vim pra cá ficar com Mags, dois ou três anos atrás. Fui eu que convenci ele a pintar de roxo.

— Ah — disse Shadow. — É bom ter alguém em quem jogar a culpa. Ele tirou o carro da garagem. Desceu e fechou o portão. Voltou para o carro. Sam olhava para ele de maneira estranha, como se a confiança tivesse ido embora. Shadow colocou o cinto de segurança, e ela disse:

— Tubo bem. Esta é uma coisa bem estúpida pra se fazer, não é? Entrar em um carro com um assassino psicopata.

— Eu levei você pra casa a salvo da última vez.

— Você matou dois homens. Tem agente federal procurando você. E agora eu descubro que está vivendo com um nome falso no apartamento vizinho da minha irmã. A não ser que Mike Ainsel seja o seu nome verdadeiro.

— Não — disse Shadow, e suspirou. — Não é.

Ele odiava dizer aquilo. Era como se estivesse entregando alguma coisa importante, abandonando Mike Ainsel ao negá-lo; como se estivesse abandonando um amigo.

— Você matou aqueles homens?

— Não.

— Vieram até a minha casa e disseram que alguém viu nós dois juntos. E esse cara me mostrou fotos suas. Qual era o nome dele? Senhor Hat? Não. Senhor Town. Era tipo O Fugitivo. Mas eu disse que não conhecia você.

— Obrigado.

— Então me conta o que está acontecendo. Vou guardar os seus segredos se você guardar os meus.

— Eu não sei nenhum segredo seu.

— Bom, você sabe que foi minha ideia pintar esse carro de roxo, transformando Paul Gunther em tal objeto de escárnio e zombaria por tantos condados desta região que foi obrigado a abandonar a cidade inteiramente. A gente estava bem chapado — confessou.

— Duvido que essa informação seja segredo. Todo mundo em Lakeside deve ter imaginado. É um tipo de roxo de gente chapada. E então ela disse, bem baixinho e bem rápido:

— Se você vai me matar, por favor não me machuque. Eu não devia ter saído com você. Eu sou tão burra, porra, porra. Eu posso identificar você. Jesus! Shadow suspirou.

— Eu nunca matei ninguém. Mesmo. Agora vou levar você até o Buck. Vamos tomar uma bebida. Ou, se você quiser, posso dar meia-volta com este carro e levar você pra casa. De qualquer jeito, eu só vou ter que torcer pra não mandar chamar os guardas.

O carro ficou em silêncio, enquanto cruzava a ponte.

— Quem matou aqueles homens? — ela perguntou.

— Você não iria acreditar se eu contasse.

— Eu acreditaria.

Ela parecia brava agora. Ele se perguntou se tinha sido uma ideia sábia levar vinho para o jantar. A vida com certeza não era nenhum cabernet naquele momento.

— Não é fácil acreditar.

— Sou capaz de acreditar em qualquer coisa. Você não faz a mínima ideia das coisas em que eu posso acreditar.

— Mesmo?

— Posso acreditar em coisas que são verdade e posso acreditar em coisas que não são verdade. E posso acreditar em coisas que ninguém sabe se são verdade ou não. Posso acreditar no Papai Noel, no coelhinho da Páscoa, na Marilyn Monroe, nos Beatles, no Elvis e no Mister Ed. Ouça bem... Eu acredito que as pessoas evoluem, que o saber é infinito, que o mundo é comandado por cartéis secretos de banqueiros e que é visitado por alienígenas regularmente — uns legais, que se parecem com lêmures enrugados, e uns maldosos, que mutilam gado e querem nossa água e nossas mulheres. Acredito que o futuro é um saco e que é demais, e acredito que um dia a Mulher Búfalo Branco vai ficar preta e chutar o traseiro de todo mundo. Também acho que todos homens não passam de

meninos crescidos com profundos problemas de comunicação e que o declínio da qualidade do sexo nos Estados Unidos coincide com o declínio dos cinemas drive-in de um Estado ao outro. Acredito que todos os políticos são canalhas sem princípios, mas ainda assim melhores do que as outras alternativas. Acho que a Califórnia vai afundar no mar quando o grande terremoto vier, ao mesmo tempo em que a Flórida vai se dissolver em loucura, em jacarés, em lixo tóxico. Acredito que sabonetes antibactericidas estão destruindo nossa resistência à sujeira e às doenças, de modo que algum dia todos seremos dizimados por uma gripe comum, como aconteceu com os marcianos em Guerra dos Mundos. Acredito que os melhores poetas do século passado foram Edith Sitwell e Don Marquis, que o jade é esperma de dragão seco, e que há milhares de anos em uma vida passada eu era uma xamã siberiana de um braço só. Acho que o destino da humanidade está escrito nas estrelas, que o gosto dos doces era mesmo melhor quando eu era criança, que aerodinamicamente é impossível pra uma abelha grande voar, que a luz é uma onda e uma partícula, que tem um gato em uma caixa em algum lugar que está vivo e que está morto ao mesmo tempo (apesar de que, se não abrirem a caixa algum dia e alimentarem o bicho, ele no fim vai ficar só morto de dois jeitos), e que existem estrelas no universo bilhões de anos mais velhas do que o próprio universo. Acredito em um deus pessoal que cuida de mim e se preocupa comigo e que supervisiona tudo que eu faço, em uma deusa impessoal que botou o universo em movimento e saiu fora pra ficar com as amigas dela e nem sabe que estou viva. Eu acredito em um universo vazio e sem deus, um universo com caos causal, um passado tumultuado e pura sorte cega. Acredito que qualquer pessoa que diz que o sexo é supervalorizado nunca fez direito, que qualquer um que diz saber o que está acontecendo pode mentir a respeito de coisas pequenas. Acredito na honestidade absoluta e em mentiras sociais sensatas. Acredito no direito das mulheres à escolha, no direito dos bebês de viver, que, ao mesmo tempo em que toda vida humana é sagrada, não tem nada de errado com a pena de morte se for possível confiar no sistema legal sem restrições, e que ninguém, a não ser um imbecil, confiaria no sistema legal. Acredito que a vida é um jogo, uma piada cruel e que a vida é o que acontece quando se está vivo e o melhor é relaxar e aproveitar.

Ela parou, sem fôlego.

Shadow quase tirou as mãos da direção para aplaudir. No lugar disso, disse:

— Tudo bem. Então, se eu contar o que aprendi, você não vai achar que sou louco.

— Talvez. Experimenta.

— Você acreditaria que todos os deuses que as pessoas imaginaram algum dia ainda estão com a gente hoje?

— Talvez.

— E que existem deuses novos por aí, deuses de computadores e de telefones, e do que quer que seja, e que eles parecem achar que não há espaço prós dois tipos no mundo? E que um tipo de guerra está prestes a estourar?

— E foram esses deuses que mataram aqueles dois homens?

— Não, minha mulher matou aqueles dois homens.

— Eu pensei que você tinha dito que a sua mulher estava morta.

— Ela está.

— Ela cometeu os assassinatos antes de morrer, então?

— Depois. Nem pergunte.

Ela esticou a mão e tirou o cabelo da testa.

Encostaram na rua Principal, na frente do Buck Stops Here. A placa em cima da janela mostrava um gamo com cara de surpresa de pé sobre as duas patas traseiras segurando um copo de cerveja. Shadow pegou o saco com o livro e saiu do carro.

— Por que fariam uma guerra? — perguntou Sam. — Parece meio redundante. O que eles querem ganhar?

— Não sei.

— É mais fácil acreditar em alienígenas do que em deuses — disse Sam. — Talvez o senhor Town e o senhor Sei-lá-o-quê fossem Homens de Preto, mas do tipo alienígena.

Estavam parados na calçada. Sam parou de falar e olhou para Shadow. Sua respiração ficou pairando no ar da noite, como uma nuvem rala. Ela disse:

— Só me diz que você está do lado do bem.

— Não dá. Queria que desse. Mas estou fazendo o melhor que posso.

Ela olhou para ele e mordeu o lábio inferior. Então assentiu com a cabeça:

— Pra mim, está bom. Não vou entregar você. Me paga uma cerveja? Shadow abriu a porta para ela e uma onda de calor e de música veio de encontro a eles. Entraram.

Sam acenou para alguns amigos. Shadow cumprimentou com um aceno da cabeça um punhado de pessoas cujos rostos — mas não dos nomes — ele se lembrava do dia em que procuravam Alison McGovern, ou que havia encontrado na Mabel's pela manhã. Chad Mulligan estava parado ao lado do bar, com o braço em volta dos ombros de uma ruiva baixinha — a prima beijoqueira, Shadow concluiu. Perguntou a si mesmo como seria seu rosto, mas ela estava de costas. A mão de Chad se ergueu em um brinde fictício quando viu Shadow. Ele sorriu e acenou em resposta. Shadow olhou em volta à procura de Hinzelmänn, mas o velho não parecia estar lá naquela noite. Detectou uma mesa vazia no fundo e começou a se dirigir para ela.

Então, alguém começou a gritar.

Era um grito bem forte, do fundo da garganta, um grito histérico de alguém que havia visto um fantasma, que silenciou todas as conversas. Shadow olhou em volta, certo de que alguém estava sendo assassinado, e então percebeu que todos os rostos do bar se voltavam em sua direção. Até o gato preto, que dormiu na janela durante o dia, estava em pé em cima da jukebox com o rabo levantado e as costas arqueadas olhando para ele.

O tempo começou a passar em câmera lenta.

— Peguem ele! — gritou uma voz de mulher, à beira da histeria. — Ai, pelo amor

de Deus, alguém pega ele! Não deixa ele fugir! Por favor!

Era uma voz que ele conhecia.

Ninguém se moveu. Olhavam para Shadow. Ele olhava de volta para eles.

Chad Mulligan deu um passo à frente, com os olhos arregalados, andando pelo meio das pessoas. A mulher baixinha andava atrás dele, cautelosamente, com os olhos esbugalhados, como se estivesse se preparando para gritar de novo. Shadow a conhecia. Claro que conhecia.

Chad ainda segurava sua cerveja, que colocou em cima de uma mesa próxima.

— Mike.

— Chad.

Audrey Burton segurou na manga de Chad. O rosto dela estava branco, e havia lágrimas em seus olhos.

— Shadow — ela disse. — Seu imbecil. Seu imbecil maléfico e assassino.

— Você tem certeza de que conhece este homem, querida? — disse Chad.

Ele parecia desconfortável.

Audrey Burton olhou para ele, incrédula.

— Você está louco? Ele trabalhou pro Robbie durante anos. A mulher piranha dele era a minha melhor amiga. Ele está sendo procurado por assassinato. Eu tive que responder perguntas. Ele é um condenado foragido.

Ela estava muito fora de si, com a voz tremendo de histeria suprimida, soluçando as palavras como uma atriz de novela disputando um prêmio de atuação na programação diurna. Primos que se beijam, pensou Shadow, sem se impressionar.

Ninguém no bar disse nenhuma palavra. Chad Mulligan olhou para Shadow.

— Isso é provavelmente um engano. Tenho certeza de que vamos conseguir resolver tudo.

Então, disse para o bar:

— Está tudo bem. Nada com que se preocupar. Nós vamos resolver tudo. Tudo está bem.

— Vamos ali fora, Mike.

Competência tranquila. Shadow estava impressionado.

— Claro — disse Shadow.

Sentiu alguém tocar sua mão e virou para ver Sam olhando para ele. Sorriu para ela da maneira mais confiante que pôde.

Sam olhou para Shadow, depois olhou em volta do bar, para os rostos que olhavam para eles. Ela falou para Audrey Burton:

— Eu não sei quem você é, mas você é uma puta.

Então ficou na ponta dos pés e puxou Shadow para si. Beijou-o forte nos lábios, empurrando a boca contra a dele, pelo que pareceram a ele vários minutos, e na verdade deve ter durado no máximo cinco segundos.

Era um beijo estranho, Shadow pensava, enquanto os lábios dela faziam pressão contra os dele: não era dirigido a ele, mas sim às pessoas no bar, para fazer com que soubessem de que lado ela estava. Era um beijo para dar bandeira. Mesmo durante aquele beijo, Shadow teve certeza de que ela nem mesmo gostava dele — bom, não daquele jeito.

E lembrou-se de um conto que lera certa vez, fazia muito tempo, quando era criança. Era a história de um viajante que escorregou e caiu montanha abaixo, com tigres que comiam gente em cima e um abismo letal embaixo, e que conseguiu frear a queda no meio da montanha, apegando-se à vida. Havia um arbusto de morangos ao lado dele, e morte certa acima e abaixo. O que ele deveria fazer? era a pergunta.

E a resposta era, Comer os morangos.

A história nunca fizera sentido para ele quando menino. Agora, fazia. Então, fechou os olhos, jogou-se no beijo e não sentiu nada além dos lábios de Sam e a maciez de sua pele contra a dele, doce como um morango selvagem.

— Vamos lá, Mike — disse Chad Mulhgan, com firmeza. — Por favor. Vamos resolver isso lá fora.

Sam se afastou. Lambeu os lábios e sorriu, um sorriso que quase alcançou os olhos dela.

— Nada mal. Você beija bem pra um menino. Tudo bem, vai brincar lá fora. Então, virou-se para Audrey Burton:

— Mas você ainda é uma puta.

Shadow jogou as chaves do carro para Sam. Ela as pegou no ar, com uma das mãos. Ele atravessou o bar e saiu, seguido por Chad Mulligan. Uma neve suave começou a cair, os flocos caíam em espiral, iluminados pela luz néon da placa do bar.

— Você quer falar sobre isso? — perguntou Chad. Audrey também foi até a calçada. Parecia estar pronta para começar a gritar novamente, e disse:

— Ele matou dois homens, Chad. O FBI veio bater na minha porta. Ele é um psicopata. Eu vou até a delegacia com você, se quiser.

— Você já causou confusão demais, moça — disse Shadow. Ele pareceu cansado, até para si mesmo.

— Por favor, vá embora.

— Chad? Você ouviu isso? Ele me ameaçou!

— Volte pra dentro, Audrey — disse Chad Mulhgan. Ela parecia estar prestes a discutir, então apertou os lábios com tanta força que ficaram brancos, e voltou para o bar.

— Você gostaria de fazer algum comentário a respeito do que ela disse? — perguntou Chad Mulligan.

— Eu nunca matei ninguém. Chad assentiu com a cabeça.

— Acredito em você. Tenho certeza de que vamos conseguir esclarecer todas essas alegações com muita facilidade. Você não vai causar nenhum problema, vai, Mike?

— Sem problemas — disse Shadow. — Isso tudo é um engano.

— Exatamente. Então, entendo que devemos ir até o meu gabinete e esclarecer tudo lá?

— Eu estou preso?

— Não. A não ser que você queira. Eu achei que você poderia me acompanhar por puro senso de dever cívico, e a gente esclarece tudo isso.

Chad revistou Shadow, mas não encontrou nenhuma arma. Entraram no carro de Mulligan. De novo, Shadow sentou-se no banco traseiro, olhando através da gaiola de metal. Ele pensou: S.O.S. Mayday. Socorro. Tentou afastar Mulligan com o pensamento, da mesma maneira que fez com um guarda certa vez em Chicago — Este aqui é o seu velho amigo Mike Ainsel. Você salvou a vida dele. Não vê como tudo isso é uma besteira? Por que simplesmente não esquece tudo?

— Acho que foi bom termos saído de lá — disse Chad. — Tudo o que precisava era de um boca-grande tirando a conclusão de que você era o assassino da Alison McGovern e a gente ia ter que lidar com uma multidão querendo promover um linchamento.

— Você tem razão.

Ficaram em silêncio durante o resto do trajeto até o prédio da polícia de Lakeside, que, como Chad disse quando estacionaram em frente, na verdade pertencia ao departamento do xerife do condado. A polícia local se virava com algumas salas lá dentro. Logo, logo o condado construiria algo mais moderno. Por enquanto, tinham que se virar com aquilo.

Entraram.

— Devo chamar um advogado? — perguntou Shadow.

— Você não foi acusado de nada — disse Mulligan. Atravessaram algumas portas de vaivém.

— Senta ali.

Shadow acomodou-se na cadeira de madeira com marcas de cigarro nas laterais. Sentia-se estúpido e entorpecido. Viu um pequeno pôster no quadro de avisos, ao lado de uma enorme placa de NÃO FUME que dizia: PROVÁVEL DESAPARECIDA. A fotografia era de Alison McGovern.

Havia uma mesa de madeira com edições antigas das revistas 5ports Illustrated e Newsweef?. A iluminação era ruim. A cor da parede era amarela, mas deveria ter sido branca algum dia.

Depois de dez minutos, Chad trouxe a ele uma xícara de chocolate quente agüado, de máquina.

— O que você carrega nesse saco? — perguntou. Foi só então que Shadow percebeu que ainda segurava o saco com o livro Minutas do Conselho da Cidade de Lakeside.

— Um livro velho. A foto do seu avô está aqui. Ou talvez seja o seu bisavô.

— É mesmo?

Shadow folheou o livro até achar a foto do conselho da cidade, e apontou para o homem chamado Mulligan. Chad riu.

— Isso não é o máximo?

Minutos se passaram, e horas, naquela sala. Shadow leu duas das Sports Illustrated e começou a folhear uma Newsweefe. De vez em quando, Chad entrava na sala, uma vez para perguntar se Shadow precisava usar o banheiro, outra para oferecer a ele um enroladinho de presunto e um pacote pequeno de batatas fritas.

— Obrigado — disse Shadow, aceitando. — Já estou preso? Chad chupou o ar por entre os dentes da frente.

— Bom, ainda não. Parece que você não nasceu legalmente sob o nome de Mike Ainsel. Por outro lado, aqui neste Estado você pode se chamar como quiser, se não for por razões fraudulentas. Espera mais um pouco.

— Posso dar um telefonema?

— Local?

— DDD.

— Você vai economizar se usar meu cartão de telefone, senão vai precisar colocar uns 10 dólares em moedas naquela coisa do corredor.

Claro, pensou Shadow. E assim você vai saber o número que eu disquei e, provavelmente, vai ficar ouvindo na extensão.

— Seria ótimo — disse Shadow.

Entraram em um escritório vazio. O número que Shadow deu a Chad para discar era da funerária em Cairo, Illinois. Chad discou e entregou o fone para Shadow — Vou deixar você aqui — disse, e saiu.

O telefone tocou várias vezes antes de ser atendido.

— Jacquel e Ibis? Posso ajudá-lo?

— Oi. Senhor Ibis, aqui é Mike Ainsel. Eu dei uma força aí na época do Natal. Um momento de hesitação, e então:

— Claro. Mike. Como vá; você?

— Não muito bem, senhor Ibis. Estou com uns problemas. Vou ser preso daqui a

pouco. Espero que tenha visto o meu tio, ou que talvez possa dar um recado pra ele.

— Certamente posso descobrir por onde ele anda. Espere um pouco... humm, Mike, tem alguém aqui que quer dar uma palavrinha com você.

O telefone foi passado para alguém, e então uma voz rouca de mulher disse:

— Oi, querido. Estou com saudade de você. Ele tinha certeza de que nunca ouvira aquela voz. Mas ele a conhecia. Tinha certeza de que a conhecia...

Deixa rolar, a voz rouca sussurrava em sua mente, em um sonho. Deixa rolar.

— Quem era aquela garota que você estava beijando, querido? Você estava tentando me deixar com ciúme?

— Nós somos só amigos — disse Shadow. — Acho que ela estava tentando provar alguma coisa. Como você sabe que ela me beijou?

— Eu tenho olhos onde o meu povo anda. Agora cuide-se, querido... Houve um instante de silêncio, então o senhor Ibis voltou à linha e disse:

— Mike?

— Pois não.

— Estou tendo problemas pra achar o seu tio. Parece que ele está meio ocupado. Mas vou tentar dar o recado pra sua tia Nancy. Boa sorte.

A linha ficou muda.

Shadow sentou-se, esperando Chad voltar. Ficou sentado no escritório vazio, pensando que gostaria de ter algo com que se distrair. Com relutância, pegou as Minutas mais uma vez, abriu em algum lugar no meio do livro e começou a ler.

Uma ordenança proibindo expectorar nas calçadas e no chão dos edifícios públicos ou jogar tabaco nos mesmos lugares foi apresentada e aprovada, eu um dia útil de dezembro de 1876.

Lemmi Hautala tinha doze anos de idade e tinha "ido embora, caminhando a esmo, em um ataque de delírio" no dia 13 de dezembro de 1876. "Uma busca foi imediatamente organizada, mas impedida pelas neves, que eram ofuscantes." O conselho votou com unanimidade que fossem mandadas condolências para a família Hautala.

O fogo nos estábulos de cavalos dos Olsen, na semana seguinte, foi apagado sem feridos nem perda de vida, humana ou equina.

Shadow passava os olhos pelas colunas de escrita apertada. Não encontrou mais nenhuma menção a Lemmi Hautala.

E então, por um capricho, Shadow virou as páginas em direção ao inverno de 1877. Achou o que estava procurando em um aparte nas minutas de janeiro:

Jessie Lovat, idade não determinada, "uma criança negra" desaparecera na noite do dia 28 de dezembro. Acreditava-se que teria sido "sequestrada por pretensos caixeiros-viajantes". Condolências não foram enviadas para a família Lovat.

Shadow percorria as minutas do inverno de 1878 quando Chad Mulligan bateu na porta e entrou, parecendo envergonhado, como se fosse uma criança levando para casa um boletim com notas baixas.

— Senhor Ainsel, Mike, sinto muito por tudo isso, de verdade. Pessoalmente, eu gosto de você. Mas isso não muda nada, sabe? Shadow disse que sabia.

— Eu não tenho escolha, a não ser prender você por violação de liberdade condicional.

Então Mulligan leu para Shadow os seus direitos. Preencheu uma papelada. Recolheu as impressões digitais de Shadow Conduziu-o pelo corredor ate a cadeia do condado, do outro lado do prédio.

Havia um balcão comprido e várias portas de um dos lados da sala, duas celas de prisão envidraçadas e uma porta do outro lado. Uma das celas estava ocupada — um homem dormia em uma cama de cimento embaixo de um cobertor fino. A outra estava vazia.

Uma mulher de aparência sonolenta vestida com um uniforme marrom, assistindo ao talk-show de Jay Leno em uma televisão portátil branca atrás do balcão, pegou os papéis de Chad e fez um sinal para Shadow. Chad ficou por ali, preencheu mais papéis. A mulher deu a volta no balcão, revistou Shadow, tirou todos os seus pertences — carteira, moedas, chave da porta da frente, livro, relógio — e colocou tudo no balcão, então lhe entregou um saco plástico com roupas cor-de-laranja dentro e mandou que fosse até a cela aberta e se trocasse. Podia ficar com suas próprias cuecas e meias. Ele entrou e vestiu as roupas e os chinelos. O fedor lá dentro era infernal. A camisa que vestiu tinha escrito nas costas, em letras grandes e pretas, CADEIA DO CONDADO DE LUMBER.

A privada de metal da cela estava entupida, e cheia até a tampa com uma mistura marrom de fezes líquidas e urina de cerveja amarga.

Shadow voltou, entregou suas roupas à mulher, que colocou no saco plástico junto com o resto dos pertences. Ele conferiu o conteúdo da carteira antes de entregá-la.

— Cuide bem disso — disse à mulher. — Minha vida inteira está aí dentro. A mulher pegou a carteira dele e garantiu que estaria a salvo. Perguntou a Chad se era verdade, e ele confirmou, dizendo que até hoje não haviam perdido os pertences de nenhum prisioneiro.

Enquanto se trocava, Shadow escondeu nas meias as quatro notas de 100 dólares que tirou disfarçadamente da carteira, junto com o dólar de prata com a efígie da Liberdade que escondeu na palma da mão, enquanto esvaziava os bolsos.

— Me diz uma coisa... Será que eu poderia terminar de ler o meu livro?

— Desculpa, Mike. Regras são regras.

Liz colocou os pertences de Shadow em uma sacola na sala dos fundos. Chad avisou que deixaria Shadow nas mãos hábeis da Oficial Bute. Liz parecia cansada e indiferente. Chad foi embora. O telefone tocou, e Liz — Oficial Bute — atendeu:

— Sim... Tudo bem... Certo... Sem problemas... Ela colocou o fone no gancho e fez uma careta.

— Algum problema? — perguntou Shadow.

— É. Na verdade, não. Mais ou menos. Estão mandando alguém de Milwaukee pra pegar você.

— Por que isso seria um problema?

— Porque vai ficar aqui comigo durante três horas — ela disse. — E aquela cela ali — apontou para a cela perto da porta, com o homem adormecido dentro dela — está ocupada. Ele está em vigília de suicídio, não posso colocar você junto com ele. E não vale a pena fazer toda a burocracia da sua detenção no condado pra depois fazer a liberação.

Ela sacudiu a cabeça.

— E você não vai querer ficar ali — apontou para a cela vazia onde tinha se trocado — porque a privada está entupida. Está fedendo lá dentro, não está?

— É. Está nojento.

— É humanidade comum, só isso. Quanto mais rápido a gente se mudar para as novas instalações, não vai ser rápido demais para mim. Uma das mulheres que ficou aqui ontem deve ter jogado um absorvente interno na privada. Eu sempre falo pra não fazerem essa porcaria. Temos latas de lixo pra isso. Entopem os canos. Cada absorvente jogado naquela privada custa cem paus em honorários de encanadores pro condado. Então, posso deixar você ficar aqui fora, algemado ou lá na cela. Ela olhou para ele:

— Você decide — disse.

— Não gosto muito delas, mas vou ficar com as algemas. Ela pegou um par de seu cinto de utilidades, então deu alguns tapinhas na pistola semi-automática no coldre, como se fosse para lembrá-lo de que estava lá.

— Mãos para trás — ela disse.

As algemas quase não serviram: os pulsos dele eram grossos. Então ela prendeu as pernas dele com algemas de tornozelo e mandou que sentasse em um banco na outra ponta do balcão, encostado na parede.

— Agora — ela disse —, se não me incomoda, não vou incomodar você. E virou a televisão de maneira que ele pudesse enxergar.

— Obrigado.

— Quando recebermos o prédio novo, essas loucuras não vão mais acontecer.

O Tonight Show de Jay Leno acabou. Um episódio do seriado Cheers começou. Shadow nunca assista Cheers. Viu uma vez um episódio da série — no qual a filha do Coach vai até o bar —, apesar de já ter visto aquele várias vezes. Shadow percebeu que você sempre pega o mesmo episódio das séries que não assiste, repetidas vezes, com anos de distância; achou que deveria ser algum tipo de lei cósmica.

A oficial Liz Bute recostou-se em sua cadeira. Ela não estava, obviamente, deixando os olhos se fecharem de sono, mas de jeito nenhum estava desperta, por isso não percebeu quando a turma do Cheers parou de falar e de fazer piadas e simplesmente ficou olhando através da tela para Shadow.

Diane, a garçonete loira que se achava intelectual, foi a primeira a falar:

— Shadow, estávamos tão preocupados. Você tinha desaparecido do mundo. É tão bom te ver de novo... apesar das suas amarras e do costume cor-de-laranja...

— Acho que a melhor coisa a fazer — opinou o chato do bar, Cliff — é fugir durante a temporada de caça, quando todo mundo veste cor-de-laranja. Shadow não disse nada.

— Ah, vejo que o gato comeu a sua língua — disse Diane. — Bom, você nos levou a uma perseguição alegre!

Shadow olhou para o outro lado. A oficial Liz começou a roncar suavemente. Carla, a garçonete baixinha, mandou:

— Ei! Trouxão! A gente vai interromper esta transmissão pra mostrar uma coisa que vai fazer você mijar nas calças. Está pronto?

A tela tremelicou e ficou escura. As palavras TRANSMISSÃO AO VIVO pulsavam em branco no canto inferior esquerdo da tela. Uma voz contida de mulher narrava:

— Certamente não é tarde demais pra passar pro lado vencedor. Mas, você sabe, você também tem a liberdade de ficar exatamente onde está. Isso é o que significa ser americano. Este é o milagre dos Estados Unidos. Liberdade pra acreditar significa ter liberdade pra acreditar na coisa errada, apesar de tudo. Assim como a liberdade de expressão dá a você o direito de ficar em silêncio.

A tela agora mostrava uma cena na rua. A imagem tremia, do jeito que acontece quando se filma algo com uma câmera de mão em documentários de vida real.

Um homem bronzeado, com cabelo ralo e com uma cara quase de cachorro abandonado preenchia a tela. Estava parado na frente de uma parede, bebericando seu café em um copo de plástico. Olhou para a câmera e disse:

— Terroristas se escondem atrás de palavras de duplo sentido, como "lutador da liberdade". Você e eu sabemos que eles são uma escória assassina, pura e simplesmente. Estamos arriscando nossas vidas pra fazer diferença.

Shadow reconheceu a voz. Ele esteve dentro da cabeça daquele homem certa vez. O senhor Town soava de forma diferente de seu interior — a voz era mais profunda, mais ressonante — mas não havia a menor dúvida de que era ele.

As câmeras se afastaram para mostrar que o senhor Town estava na frente de um prédio de tijolinhos em uma rua americana. Sobre a porta, havia um compasso e um esquadro enquadrando a letra G.

— Em posição — disse alguém fora da cena.

— Vamos ver se as câmeras dentro do prédio estão filmando — disse a narradora.

As palavras TRANSMISSÃO AO VIVO continuavam piscando no canto inferior esquerdo da tela. Agora a televisão mostrava o interior de um pequeno salão: a sala estava mal iluminada. Dois homens estavam sentados em uma mesa no fundo da sala. Um deles estava de costas para a câmera. A imagem se aproximou de maneira estranha. Por um instante, ficaram fora de foco, e então ficaram nítidos mais uma vez. O homem de frente para a câmera levantou-se e começou a andar, como um urso acorrentado. Era Wednesday. Parecia que, até certo ponto, estava gostando daquilo. Quando a imagem entrou em foco, o som veio com um estalo.

O homem de costas para a tela dizia:

— Estamos oferecendo pra você a oportunidade de acabar com tudo isso, aqui e agora, sem mais derramamento de sangue, sem mais agressão, sem mais dor, sem mais perda de vida. Será que não vale a pena ceder um pouco?

Wednesday parou de andar e virou-se. Suas narinas se abriram.

— Em primeiro lugar — ele rosnou — você tem que entender que está me pedindo pra falar em nome de todos nós. O que é uma loucura manifestada. Segundo, o que o faz pensar que eu acredito que vão cumprir a palavra?

O homem de costas para a câmera mexeu a cabeça.

— Isso é uma injustiça a si mesmo. Obviamente, o seu pessoal não tem líder nenhum. Mas você é o único que eles escutam. Eles prestam atenção. E, em relação a cumprir a minha palavra, bom, essas conversas preliminares estão sendo filmadas e transmitidas ao vivo.

Ele fez um gesto em direção à câmera e prosseguiu:

— Algumas pessoas da sua turma estão assistindo, enquanto conversamos. Outros vão ver videoteipes. A câmera não mente.

— Todo mundo mente — disse Wednesday.

Shadow reconheceu a voz do homem de costas para a câmera. Era o senhor World, aquele que havia conversado com Town pelo celular enquanto Shadow estava na cabeça dele.

— Você não acredita — perguntou o senhor World — que vamos cumprir nossa palavra?

— Eu acho que as suas promessas foram feitas pra serem quebradas, e os seus juramentos, pra serem abjurados. Mas eu vou cumprir a minha palavra.

— Salvo conduto é salvo conduto — disse o senhor World. — E nós concordamos a respeito da bandeira de trégua. Em todo caso, devo dizer que o seu protege mais uma vez está sob nossa custódia.

Wednesday roncou.

— Não — ele disse. — Não está.

— Discutíamos maneiras de lidar com a próxima mudança de paradigma. Nós não precisamos ser inimigos, precisamos? Wednesday parecia abalado e disse:

— Farei tudo que está ao meu alcance...

Shadow percebeu algo de estranho na imagem de Wednesday na tela. Um brilho vermelho queimava em seu olho esquerdo, o de vidro. O ponto luminoso deixava um rastro quando se mexia. Ele parecia não se dar conta disso.

— Esse país é muito grande — disse Wednesday, organizando suas ideias. Ele mexeu a cabeça e o ponto parecido com o feixe de uma caneta de laser se moveu para sua bochecha. Então parou sobre o olho de vidro mais uma vez.

— Tem lugar pra...

Ouviu-se um estouro, abafado pelos alto-falantes da televisão, e a parte lateral da cabeça de Wednesday explodiu. Seu corpo caiu para trás.

O senhor Wood ficou de pé, ainda de costas para a câmera, e saiu do campo visual da câmera.

— Vamos ver mais uma vez, agora em câmera lenta — disse a voz da narradora, de maneira tranquilizadora.

As palavras TRANSMISSÃO AO VIVO se transformaram em REPRISE. Agora, lentamente, o ponto de laser vermelho retrçou seu caminho para o meio do olho de vidro de Wednesday, e mais uma vez a lateral de sua cabeça se dissolveu em uma nuvem de sangue. Imagem congelada.

— Sim, este é o país de Deus — disse a narradora, uma repórter de noticiário dando o arremate em sua reportagem. — A questão que fica no ar é... de que deus?

Outra voz — Shadow pensou que era do senhor World, tinha aquele mesmo aspecto quase familiar — disse:

— Agora, voltamos à nossa programação normal.

Em Cheers, Coach assegurava a sua filha de que ela era realmente bonita, exatamente como sua mãe.

O telefone tocou, e a Oficial Liz se aprumou na cadeira com um pulo. Ela tirou o fone do gancho e disse:

— Tudo bem, tudo bem. Sim. Tudo bem.

Colocou o fone no gancho e saiu de trás do balcão.

— Vou precisar colocar você na cela, mas não use a privada. O pessoal do departamento do xerife de Lafayette deve chegar logo pra levar você embora.

Ela removeu as algemas dos pulsos e dos tornozelos e o trancou na cela. O cheiro ficava ainda pior com a porta fechada.

Shadow sentou-se na cama de concreto, tirou o dólar com a efígie da Liberdade e começou a passá-la dos dedos para a palma da mão, de uma posição à outra, de uma mão à

outra, com o propósito único de fazer com que qualquer pessoa que olhasse para ele não visse a moeda. Estava fazendo o tempo passar. Sentia-se entorpecido.

Então, sentiu saudades de Wednesday, de repente e de maneira profunda. Sentiu falta da segurança do homem, de sua atitude. De sua convicção.

Abriu a mão e olhou para a Lady Liberdade, um perfil de prata. Fechou os dedos ao redor da moeda e apertando firme. Ficou perguntando a si mesmo se seria um daqueles caras que recebem pena de prisão perpétua por alguma coisa que não fizeram. Se é que ele iria conseguir chegar tão longe. Pelo que viu a respeito do senhor World e do senhor Town, eles teriam poucos problemas para remove-lo do sistema. Talvez ele sofresse um acidente infeliz no caminho até a próxima cadeia. Alguém poderia atirar nele quando fizessem uma parada. Não parecia totalmente impossível.

Percebeu uma agitação na sala do outro lado do vidro. A Oficial Liz entrou de novo. Apertou um botão, uma porta se abriu, e um representante de xerife negro com um uniforme marrom entrou e caminhou rapidamente até a mesa.

Shadow voltou a esconder a moeda de um dólar na meia.

O novo representante entregou alguns papéis, Liz deu uma olhada e assinou. Chad Mulligan entrou, disse algumas palavras para o novo homem, depois destrancou a porta e entrou.

— Tudo bem. Esse cara está aqui pra levar você embora. Parece que você é um caso de segurança nacional. Você sabia disso?

— Vai dar uma bela notícia de primeira página no Lakeside News — disse Shadow.

Chad olhou para ele sem expressão.

— Que um vagabundo foi pego por violar a condicional? Acho que não é uma notícia muito importante.

— Então, é assim que vai ser?

— Foi o que me disseram — disse Chad Mulligan.

Shadow colocou as mãos para a frente dessa vez e Chad o algemou. Trancou as algemas das canelas e uma corrente que ia das algemas dos pulsos até as das canelas.

Shadow pensou: Eles vão me levar lá para fora. Talvez eu consiga escapar — usando algemas nas mãos e nos pés com roupas leves cor-de-laranja, para o meio da neve, e mesmo enquanto pensava, percebeu como aquela ideia era estúpida e desesperada.

Chad conduziu-o até o escritório. Liz desligou a TV O representante negro olhou-o de cima a baixo.

— Ele é um cara grande — disse para Chad.

Liz entregou ao novo representante a sacola de papel com os pertences de Shadow dentro, e ele assinou o recebimento.

Chad olhou para Shadow e depois para o representante. Disse ao representante, em

voz baixa, mas alto o suficiente para que Shadow escutasse:

— Olha, eu só queria dizer que não me sinto nem um pouco confortável pela maneira com que tudo isso está acontecendo. O representante assentiu com a cabeça.

— Você vai ter que resolver esse assunto com as autoridades competentes, senhor. Nosso trabalho é simplesmente prendê-lo.

Chad fez uma expressão amarga e virou-se para Shadow:

— Tudo bem — disse. — Passe por aquela porta, pro ponto de partida.

— O quê?

— Por ali. Onde está o carro. Liz destrancou as portas.

— Assegure-se de que esse uniforme cor-de-laranja volte direto pra cá — ela disse ao representante. — O último criminoso que mandamos pra Lafayette, nunca mais vimos o uniforme. Isso custa caro pro condado.

Conduziram Shadow até o ponto de partida, onde um carro estava estacionado. Não era um carro de departamento de xerife. Era um carro de passeio preto. Outro representante, um cara branco e grisalho, de bigode, estava parado ao lado do carro, fumando um cigarro. Esmagou-o com o pé quando eles chegaram perto, e abriu a porta de trás para Shadow.

Ele se sentou desajeitadamente, com os movimentos restritos por causa das algemas e das correntes. Não tinha grade entre a parte da frente e o banco detrás do carro.

Os dois representantes se acomodaram na frente do carro. O representante negro deu a partida. Esperaram até que a porta se abrisse.

— Anda logo, anda logo — disse o negro, com os dedos tamborilando na direção.

Chad Mulligan deu uma batidinha no vidro lateral. O representante branco deu uma olhada para o motorista, então abriu a janela.

— Isso está errado — disse Chad. — Eu só queria dizer isso.

— Seus comentários foram anotados, e serão encaminhados às autoridades competentes.

As portas para o mundo exterior se abriram. A neve ainda caía, vertiginosamente, na frente dos faróis do carro. O motorista pisou no acelerador, e eles se dirigiram para a rua Principal.

— Você soube do Wednesday? — disse o motorista.

A voz dele parecia diferente, agora, mais velha, e familiar.

— Ele morreu.

— Ë. Eu sei — disse Shadow. — Eu vi na TV — Aqueles filhos da puta — xingou o oficial branco. Foi a primeira coisa que disse, e a voz dele era áspera, com sotaque e, como a voz do motorista, também era conhecida.

— Vou falar, são uns filhos da puta mesmo!

— Obrigada por virem me buscar — agradeceu Shadow.

— Nem fale — disse o motorista.

Iluminado por um carro que vinha na direção contrária, o rosto dele já parecia mais velho. Ele também parecia menor. Da última vez que Shadow o vira, usava luvas amarelo-limão e uma jaqueta xadrez.

— Estávamos em Milwaukee. Tivemos que dirigir como demônios quando Ibis ligou.

— Você acha que vou deixar prenderem e mandarem você pra cadeira elétrica, quando ainda estou esperando pra dar uma porrada na sua cabeça com a minha marreta? — perguntou o representante branco de maneira soturna, remexendo nos bolsos à procura de um maço de cigarros.

O sotaque dele era do Leste Europeu.

— A merda de verdade vai bater no ventilador daqui a uma hora ou menos — disse o senhor Nancy, parecendo mais consigo mesmo a cada instante. — Quando vierem mesmo buscar você. Vamos sair da estrada antes de chegar na auto-estrada 53, tirar essas algemas e colocar suas roupas de volta.

Czernobog segurava uma chave de algema e sorria.

— Gostei do bigode — disse Shadow. — Combina com você. Czernobog acariciou o bigode com um dedo amarelado.

— Obrigado.

— Wednesday, ele está mesmo morto? Não é algum tipo de truque, é? Ele percebeu que se prendia a alguma espécie de esperança, por mais que a ideia fosse tola. Mas a expressão do rosto de Nancy explicou tudo que ele queria saber, e a esperança se foi.

CHEGANDO À AMÉRICA 14000 a.C.

Estava frio, e escuro, quando a visão veio a ela, porque a luz do sol das terras longínquas do norte era um momento cinzento e turvo no meio do dia que vinha, e ia, e vinha de novo: um interlúdio entre escuridões.

Não fazia parte de uma grande tribo, em relação à maneira como esse tipo de coisa era contada naquele tempo: eram nômades das Planícies do Norte. Eles tinham um deus, que era a caveira de um mamute, cuja pele fora transformada em uma capa tosca. Chamavam-no de Nunyunnini. Quando não estavam viajando, ele repousava em uma armação de madeira, da altura de um homem.

Ela era a mulher sagrada da tribo, a guardiã dos segredos, e seu nome era Atsula, a raposa. Atsula andava atrás dos dois homens da tribo que carregavam o deus em cima de

varas compridas, enrolado em peles de ursos, porque não deveria ser visto por olhos profanos, nem em épocas que não eram sagradas.

Eles vagavam pela tundra, carregando suas tendas. A melhor das tendas era feita de couro de caribu, e era a tenda sagrada, e havia quatro deles lá dentro:

Atsula, a sacerdotisa, Gugwei, o ancião da tribo, Yanu, o líder da guerra, e Kalanu, a batedora. Ela os reuniu ali, no dia seguinte à sua visão.

Atsula ralou um pouco de líquen e jogou no fogo, depois jogou algumas folhas secas com seu braço esquerdo debilitado: produziram fumaça, uma fumaça cinzenta que fazia os olhos arderem, e soltavam um odor picante e estranho. Então pegou uma xícara de madeira da plataforma e entregou a Gugwei. A xícara estava cheia até a metade com um líquido amarelo-escuro.

Atsula encontrou os cogumelos pungh — cada um com sete manchas, e só uma mulher verdadeiramente sagrada conseguia encontrar cogumelos com sete manchas — e os colheu na escuridão da lua, para secá-los sobre uma tira de cartilagem de rena.

Ontem, antes de dormir, ela comeu as três partes de cima secas dos cogumelos. Seus sonhos foram sobre coisas confusas e assustadoras, sobre luzes brilhantes que se moviam rapidamente, sobre montanhas de pedra, cheias de luzes se projetando para cima como estalagmites. No meio da noite ela acordou, suando, e precisando fazer água. Agachou-se em cima da xícara de madeira e a encheu com sua urina. Então a colocou do lado de fora da tenda, na neve, e voltou a dormir.

Quando acordou, tirou os torrões de gelo da xícara, deixando um líquido mais escuro e mais concentrado no fundo.

Foi esse líquido que distribuiu, primeiro para Gugwei, depois para Yanu e para Kalanu. Cada um deles tomou um grande gole do líquido, então Atsula tomou o último trago. Ela engoliu, e despejou o que sobrou no chão na frente do deus deles, uma libação para Nunyunnini.

Ficaram sentados dentro da tenda enfumaçada, esperando o deus falar. Do lado de fora, na escuridão, o vento uivava e resfolegava.

Kalanu, a batedora, era uma mulher que se vestia e andava como um homem: até tinha pegado Dalani, uma virgem de 14 anos, para ser sua esposa. Kalanu piscou os olhos com força, então se levantou e andou até a caveira de mamute. Colocou a capa de pele de mamute sobre si e ficou em pé, de maneira que sua cabeça ficasse dentro da caveira de mamute.

— Há maldade na terra — disse Nunyunnini na voz de Kalanu. — Maldade tal que, se vós permanecerdes aqui, na terra de vossas mães e das mães de vossas mães, todos vós perecereis.

Os três ouvintes gemeram.

— É por causa das pessoas que nos escravizam? Ou por causa dos grandes lobos? — perguntou Gugwei, de cabelos longos e brancos, e cujo rosto era tão enrugado quanto a casca cinzenta de uma árvore espinhenta.

— Não são as pessoas que vos escravizam — disse Nunyunnini. — Não são os grandes lobos.

— É uma onda de fome? Haverá escassez de alimento? — perguntou Gugwei. Nunyunnini ficou em silêncio. Kalanu saiu da caveira e esperou junto com os outros.

Era a vez de Gugwei vestir a capa de pele de mamute e colocar a cabeça dentro da caveira.

— Não uma escassez de alimento como as que vós conheceis — disse Nunyunnini, através da boca de Gugwei. — Apesar de uma onda de fome vir a seguir.

— Então, o que é? — perguntou Yanu. — Eu não tenho medo. Vou me colocar contra essa coisa. Nós temos lanças e pedras de arremessar. Deixe que uma centena de guerreiros poderosos venha contra nós, ainda assim vamos prevalecer. Levaremos todos até os pântanos e lá abriremos seus crânios com nossas pedras.

— Não é uma coisa humana — disse Nunyunnini na voz velha de Gugwei, — Vai vir dos céus. Eu ouvi um barulho mais alto do que dez trovões, e nenhuma das vossas lanças ou das vossas pedras poderá proteger-vos.

— Como podemos nos proteger? — perguntou Atsula. — Eu vi chamas nos céus. Eu ouvi um barulho mais alto do que dez trovões. Eu vi florestas derrubadas e rios ferventes.

— Ai... — disse Nunyunnini, mas não disse nada mais.

Gugwei saiu da caveira, curvando-se de maneira rígida, porque era um homem velho e suas juntas estavam inchadas e cheias de nós.

Silêncio. Atsula jogou mais folhas no fogo, e a fumaça fez com que os olhos deles lacrimejassem.

Então Yanu caminhou até a cabeça de mamute, colocou a capa em volta dos ombros largos e encaixou a cabeça dentro da caveira. A voz dele ribombou:

— Vós deveis viajar na direção do sol, para onde o sol se levanta. Lá encontrareis uma nova terra, onde estareis a salvo. Será uma longa jornada: a lua se inchará e se esvaziará, morrerá e nascerá, duas vezes, e haverá escravizadores e bestas, mas eu vos guiarei e vos mantereis a salvo, se viajardes na direção do nascer do sol.

Atsula cuspiu na lama do chão e disse:

— Não.

Ela podia sentir o deus olhando para ela.

— Não. Vós sois um deus maldoso por nos dizer tal coisa. Morreremos. Todos nós morreremos, e então, quem sobrá para carregá-lo de um lugar ao outro, para levantar sua tenda, para untar vossas magníficas presas com gordura?

O deus não falou nada. Atsula e Yanu trocaram de lugar. O rosto de Atsula olhava através dos ossos amarelados do mamute.

— Atsula não tem fé — disse Nunyunnini na voz de Atsula. — Deve morrer antes que o restante da tribo chegue à nova terra, mas o resto deve sobreviver. Acreditei em mim: há uma terra a leste despovoada. Essa terra deve ser vossa terra, e a terra de vossos filhos, e a terra dos filhos de vossos filhos, durante várias gerações, e sete setes. Mas, se fosse pela falta de fé de Atsula, vós ficaríeis aqui para sempre. De manhã, desmontai vossas tendas e guardai vossos pertences, e caminhai em direção ao sol nascente.

E Gugwei e Yanu e Kalanu inclinaram as cabeças e louvaram o poder e a sabedoria de Nunyunnini.

A lua encheu e minguou e encheu e minguou mais uma vez. O povo da tribo caminhava para o leste, em direção ao nascer do sol, exaurindo-se através dos ventos gelados que entorpeciam a pele exposta. Nunyunnini fez uma promessa verdadeira a eles: não perderiam ninguém da tribo na viagem, a não ser uma mulher durante o trabalho de parto; e mulheres em trabalho de parto pertencem à lua, não a Nunyunnini.

Cruzaram a ponte entre as terras.

Kalanu tinha saído à primeira luz da manhã para abrir caminho. Agora o céu estava escuro, e ela ainda não havia retornado, mas o céu noturno estava vívido com suas luzes, fazendo nós, cintilando e rodopiando, fluindo e pulsando, branca e verde e violeta e vermelha. Atsula e seu povo já tinham visto as luzes do norte antes, mas ainda se assustavam com elas, e esse era um espetáculo como nunca viram antes.

Kalanu retornou a eles quando as luzes desenhavam formas e corriam pelo céu.

— Às vezes — ela disse a Atsula —, parece que eu poderia simplesmente abrir os braços e cair no céu.

— Isso é porque você é batedora — disse Atsula, a sacerdotisa. — Quando você morrer, cairá no céu e se transformará em uma estrela, para nos guiar como nos guiou em vida.

— Há uma cadeia de montanhas de gelo a leste, montanhas altas — disse Kalanu, com seus cabelos pretos como as penas dos corvos, compridos como um homem usaria. — Podemos escalá-las, mas vai demorar vários dias.

— Você nos guiará com segurança — disse Atsula. — Eu morrerei ao sopé da montanha, e esse será o sacrifício que os levará até as novas terras.

A oeste dali, nas terras de onde vieram, onde o sol tinha se posto horas antes, enxergava-se um clarão de luz amarelada e doentia, mais clara do que um relâmpago, mais clara do que a luz do dia. Era uma explosão de brilho puro que obrigou o povo sobre a ponte entre as terras a cobrir os olhos e a vomitar e a gritar. As crianças começaram a choramingar.

— Esta é a maldição sobre a qual Nunyunnini nos avisou — disse Gugwei, o ancião. — Certamente ele é um deus sábio, além de poderoso.

— Ele é o melhor de todos os deuses — disse Kalanu. — Em nossa nova terra, deveremos erguê-lo bem alto, e deveremos polir suas presas com óleo de peixe e gordura de animal, e contar aos nossos filhos, e aos filhos dos nossos filhos e à sétima geração de

filhos dos nossos filhos, que Nunyunnini é o deus mais poderoso de todos, e que nunca deverá ser esquecido.

— Deuses são maravilhosos — disse Atsula, lentamente, como se estivesse revelando um grande segredo. — Mas o coração é mais. Porque eles vêm dos nossos corações, e para os nossos corações, um dia, voltarão...

E nem dá para dizer quanto tempo mais ela continuaria nessa blasfêmia, se não tivesse sido interrompida de modo a não haver espaço para nenhuma discussão.

O rugido que vinha do oeste era tão forte que fez com que ouvidos sangrassem, e as pessoas ficassem incapacitadas de escutar qualquer coisa durante algum tempo, que ficassem temporariamente cegas e surdas, mas vivas, sabendo que tinham mais sorte do que as tribos alojadas mais a oeste do que eles.

— Está bem — disse Atsula, mas não conseguia ouvir as palavras dentro de sua cabeça.

Atsula morreu aos pés da cadeia de montanhas, quando o sol da primavera estava em seu ápice. Ela não viveu para ver o Novo Mundo, e a tribo caminhou por aquelas terras sem a sua mulher sagrada.

Escalaram as montanhas, e foram em direção ao sudoeste, até encontrarem um vale com água fresca, e rios que transbordavam de peixes prateados, e cervos que nunca tinham visto homens e eram tão mansos que era necessário cuspir e pedir desculpas aos espíritos antes de matá-los.

Dalani deu à luz três meninos. Alguns diziam que Kalanu executou a magia final e que conseguiu fazer a coisa de homem com a noiva dela, enquanto outros diziam que o velho Gugwei não era tão velho a ponto de não poder fazer companhia a uma jovem noiva, enquanto o marido estava fora e, certamente, depois que Gugwei morreu, Dalani não teve mais filhos.

E as épocas de gelo vieram e foram embora. As pessoas se espalharam por toda aquela terra, formaram novas tribos e escolheram novos totens: corvos e raposas, preguiças e grandes gatos e búfalos, cada animal para marcar a identidade de uma tribo, cada animal para representar um deus.

Os mamutes das novas terras eram maiores, mais lentos e mais tolos do que os mamutes das planícies siberianas, e os cogumelos pungh, com suas sete manchas, não eram encontrados nas novas terras, e Nunyunnini não falava mais com a tribo.

E na época dos netos dos netos de Dalani e Kalanu, um bando de guerreiros, membros de uma tribo grande e próspera, voltando de uma expedição escravista no norte para seus lares no sul, descobriu o vale do primeiro povo:

mataram a maior parte dos homens e levaram presas as mulheres e muitas das crianças.

Uma dessas crianças, na esperança de obter clemência, levou-os até uma caverna onde encontraram uma caveira de mamute, os restos esfarrapados de uma capa de pele de mamute, uma xícara de madeira, e a cabeça conservada de Atsula, o oráculo.

Ao mesmo tempo em que alguns dos guerreiros na nova tribo queriam levar os objetos sagrados consigo, roubando os deuses do primeiro povo e tomando seu poder, outros foram contra a ideia, dizendo que não levariam nada além de má sorte e da hostilidade de seu próprio deus (porque essas pessoas eram de uma tribo de corvo, e os corvos são deuses invejosos).

Então jogaram os objetos montanha abaixo, para dentro de uma ravina profunda, e levaram os sobreviventes do primeiro povo com eles em sua longa viagem para o sul. E as tribos de corvos, e as tribos de raposas, ficaram cada vez mais poderosas naquela terra, e logo Nunyunnini foi totalmente esquecido.

PARTE TRÊS

O INSTANTE DA TEMPESTADE

CAPÍTULO CATORZE

People are in the dark, they don't know what to do I had a little lantern, oh but it got blown out too. I'm reaching out my hand. I hope you are too. I just want to be in the dark with you. [116](#)

— Greg Brown, "In The Dark With You"

Trocaram de carro às 5h da manhã, em Minneapolis, no estacionamento do aeroporto. Foram até o andar mais alto, onde as vagas ficavam a céu aberto.

Shadow pegou o uniforme cor-de-laranja e as algemas e colocou no saco de papel pardo que tinha guardado seus pertences durante um curto período, dobrou tudo e jogou em uma lata de lixo. Estavam esperando há dez minutos quando um homem com o corpo em forma de barril saiu de uma das portas do aeroporto e veio caminhando na direção deles. Ele estava comendo um pacote de batatas fritas do Burger King. Shadow o reconheceu imediatamente: linha sentado na traseira do carro dele quando deixaram a Casa na Pedra e cantarolado tão profundamente que fizera o carro vibrar. Agora ele exibia uma barba de inverno com mechas esbranquiçadas que não tinha antes. Fazia com que parecesse mais velho.

O homem limpou a gordura das mãos nas calças jeans e estendeu uma mão enorme para Shadow:

— Ouvi falar sobre a morte do Pai de Todos. Eles vão pagar por isso, e caro.

— O Wednesday era seu pai? — perguntou Shadow.

— Ele era o Pai de Todos — disse o homem. Sua voz profunda pegava na garganta.

— Diz pra eles, diz pra todos eles que, quando for preciso, meu povo vai estar lá.

Czcrnobog tirou um pedaço de tabaco do meio dos dentes e cuspiu sobre a neve que já tinha derretido e congelado de novo.

— E quantos são? Dez? Vinte?

A barba do homem, com corpo de barril, se eriçou.

— E você não acha que dez de nós valem cem deles? Quem é que ia ficar contra um representante do meu povo em uma batalha? Mas existem mais que isso, nas periferias das cidades, nas montanhas, no Catskills e alguns morando nas cidades carnavalescas da Flórida. Eles mantêm seus machados sempre bem-afiados. Virão se eu chamar.

— Faça isso, Elvis — disse o senhor Nancy.

Shadow pensou ter ouvido Elvis. Nancy havia trocado o uniforme de representante por um cardigã grosso, marrom, calças de veludo e sapatos de camurça marrons.

— Mande chamar todo mundo. É o que o velho bastardo iria querer que a gente fizesse.

— Ele foi traído. Ele foi assassinado. Eu ri do Wednesday, mas eu estava errado. Mais nenhum de nós está a salvo — disse o homem cujo nome soava como Elvis. — Mas você pode confiar em nós.

Deu um tapinha suave nas costas de Shadow e quase o derrubou de quatro no chão. Era como levar um golpe suave de uma bola de ferro de demolição nas costas.

Czernobog deu uma volta pelo estacionamento. Então, disse:

— Perdoe a minha pergunta, mas qual seria o nosso novo veículo? O homem com corpo de barril apontou:

— Ali está ela. Czernobog deu um ronco:

— Aquilo?

Era uma perua Kombi 1970. Tinha um adesivo de arco-íris no vidro detrás.

— É um ótimo veículo. E é a última coisa que vão esperar que vocês dirijam. Czernobog deu uma volta no veículo. Então começou a tossir, uma tosse do fundo do pulmão, das cinco da manhã, de um velho fumante. Ele puxou catarro da garganta e escarrou, e colocou a mão no peito fazendo uma massagem para espantar a dor.

— É. É o último carro de que vão suspeitar. Então, o que vai acontecer quando a polícia mandar a gente encostar pra procurar os hippies e a droga? Hein? Nós não vamos andar na Kombi mágica. Não combinamos com ela.

O homem de barba abriu a porta da Kombi.

— Eles vão dar uma olhada em vocês, vão perceber que vocês não são hippies e vão dar tchauzinho. É o disfarce perfeito. E foi o máximo que eu consegui encontrar em tão pouco tempo.

Czernobog parecia pronto para levar a discussão ainda mais longe, mas o senhor Nancy interveio suavemente:

— Elvis, você cumpriu seu dever. Nós agradecemos muito. Agora, aquele carro precisa voltar pra Chicago.

— Vamos deixar em Bloomington — disse o homem barbado. — Os lobos vão tomar conta dele. Não se preocupe mais com isso. E olhou para Shadow:

— Mais uma vez, gostaria de dizer que você pode contar comigo e que eu compartilho da sua dor. Boa sorte. E se a vigília começar pra você, minha admiração e minha solidariedade.

Ele esmagou a mão de Shadow com seu punho em forma de luva de apanhador de

beisebol. Machucou.

— Diga ao corpo dele quando o vir. Diga que Alviss, filho de Vindalf, vai manter a fé.

A perua Kombi cheirara a patchuli, incenso antigo e tabaco a granel. Suas paredes e o chão eram forrados com um tapete cor-de-rosa desbotado.

— Quem era aquele? — perguntou Shadow, enquanto dirigia a Kombi rampa abaixo, arranhando as marchas.

— Como ele mesmo disse, Alviss, filho de Vindalf. É o rei dos anões. O maior, o mais forte, o mais poderoso entre todos.

— Mas ele não é anão — ressaltou Shadow. — Ele tem o quê? Um metro e setenta? Um metro e setenta e cinco?

— O que faz com que seja um gigante entre os anões — disse Czernobog, atrás dele. — É o anão mais alto dos Estados Unidos.

— Que história foi aquela de vigília?

Os dois velhos não disseram nada. Shadow deu uma olhada de canto de olho para o senhor Nancy, que estava olhando para o lado de fora pela janela.

— E então? Ele falou sobre uma vigília. Vocês escutaram. Czernobog falou do banco detrás:

— Você não vai precisar fazer isso.

— Fazer o quê?

— A vigília. Ele fala demais. Todos os anões só falam e falam. Não é nada pra se preocupar. Melhor tirar isso da sua cabeça.

Dirigir a caminho do sul era a mesma coisa que dirigir para o futuro. As neves foram sumindo lentamente e desapareceram por completo na manhã seguinte, quando a Kombi alcançou o Estado do Kentucky. O inverno tinha terminado no Kentucky, e a primavera estava chegando. Shadow começou a imaginar se por acaso existiria algum tipo de equação para explicar aquilo — talvez, a cada 80 quilômetros que percorria em direção ao sul, era um dia no futuro.

Ele teria mencionado sua ideia a alguém, mas o senhor Nancy estava dormindo no assento do passageiro, enquanto Czernobog roncava incessantemente no banco de trás.

O tempo parecia uma construção flexível naquele momento, uma ilusão que ele tinha à medida que percorria a estrada. Percebeu que estava prestando uma atenção dolorosa aos pássaros e aos animais: viu corvos no acostamento da estrada, comendo restos de outros bichos mortos por carros; bandos de pássaros deslizavam pelo céu, formando desenhos que quase faziam sentido; gatos olhavam para eles a partir de gramados de casas e de mourões de cercas. Czernobog deu um ronco e acordou, sentando-se lentamente.

— Sonhei uma coisa estranha... que eu era Bielebog, na verdade. Que o mundo

sempre pensou que havia dois de nós, o deus claro e o escuro, mas, agora que nós dois éramos velhos, descobri que era só eu o tempo todo, dando presentes às pessoas, levando os presentes embora.

Tirou o filtro de um Lucky Strike, colocou o cigarro entre os lábios e acendeu.

Shadow abaixou a janela.

— Você não se preocupa com câncer de pulmão?

— Eu sou o câncer. Não me preocupo comigo mesmo. Nancy falou:

— Gente como nós não pega câncer. Não pegamos arteriosclerose, nem Mal de Parkinson, nem sífilis. Somos meio duros de matar.

— Mataram Wednesday — disse Shadow.

Ele saiu da estrada para encher o tanque, depois estacionou no restaurante ao lado do posto para tomar café da manhã. Quando entraram, o telefone na entrada começou a tocar de maneira estridente.

Fizeram seus pedidos para uma mulher de idade com um sorriso preocupado, que antes de eles entrarem estava sentada lendo uma edição em brochura de *O que o Meu Coração Queria Dizer*, de Jenny Kerton. A mulher suspirou, então foi até onde ficava o telefone, tirou o fone do gancho e disse:

— Pois não?

Então olhou para o salão e disse:

— É. Parece que estão. Espere um momento na linha. E dirigiu-se para o senhor Nancy.

— É para você.

— Tudo bem. Agora, moça, tenha certeza de que essas batatas estejam bem crocantes. Quase queimadas.

Ele caminhou até o telefone público:

— Sou eu... E o que faz você achar que eu sou tão burro assim?... Posso achar. Sei onde fica... Queremos. Claro que queremos. Você sabe que queremos. E eu sei que você quer se livrar dele. Então não vem falar merda pra mim.

Colocou telefone no gancho e voltou para a mesa.

— Quem era? — perguntou Shadow.

— A pessoa não disse.

— O que ela queria?

— Estão oferecendo uma trégua, enquanto entregam o corpo.

— E mentira — disse Czernobog. — Eles querem enganar a gente, e daí vão nos matar. A mesma coisa que fizeram com Wednesday. É o que eu costumava fazer —

completou, com um orgulho sombrio.

— Será em território neutro — disse Nancy. — Neutro mesmo. Czernobog deu risada. O barulho parecia o de uma bola de metal rolando dentro de uma caveira seca.

— Eu também costumava dizer isso. Vamos pra um lugar neutro, daí acordava no meio da noite e matava todos. Aqueles eram os bons tempos.

O senhor Nancy deu de ombros. Esmigalhou suas batatas fritas marrom-escuras e sorriu em aprovação.

— ã-hã. Essas batatas estão ótimas.

— Não podemos confiar naquela gente.

— Olha, eu sou mais velho do que você, mais inteligente e mais bonito — disse o senhor Nancy, batendo os dedos no fundo da garrafa de ketchup, espalhando o molho por cima de suas batatas queimadas. — Eu consigo comer mais mulher em uma tarde do que você em um ano. Eu consigo dançar igual a um anjo, lutar igual a um urso encurralado, planejar melhor do que uma raposa, cantar igual a um rouxinol...

— E o que você quer dizer com tudo isso é...?

Os olhos castanhos de Nancy olharam dentro dos olhos de Shadow:

— Que eles precisam se livrar do corpo tanto quanto nós precisamos recuperá-lo.

— Esse lugar neutro não existe — contestou Czernobog.

— Existe um — disse o senhor Nancy. — É o centro.

Determinar o centro de alguma coisa é, no mínimo, problemático. Em coisas vivas — pessoas, por exemplo, ou continentes — o problema se transforma em uma coisa intangível: Qual é o centro de um homem? Qual é o centro de um sonho? No caso da parte continental dos Estados Unidos, deve-se levar em conta o Alasca para encontrar o centro? E o Havái?

Quando o século XX começou, montaram um enorme modelo dos Estados Unidos, os 48 estados de baixo, em papelão, e, para descobrir o centro, colocaram a estrutura sobre um alfinete, até encontrarem o lugar único em que ficava em equilíbrio.

Como era de se esperar, o centro exato da porção continental dos Estados Unidos ficava a vários quilômetros de Lebanon, no Estado do Kansas, na fazenda de porcos de Johnny Grib. Na década de 1930, os habitantes de Lebanon estavam prontos para colocar um monumento no meio da fazenda de porcos, mas Johnny Grib disse que não queria milhões de turistas chegando para pisotear tudo e incomodar os porcos, por isso, colocaram o monumento no centro geográfico dos Estados Unidos, 3 quilômetros ao norte da cidade. Construíram um parque, e um monumento de pedra para enfeitar o parque, e uma placa de latão para enfeitar o monumento. Asfaltaram a estrada desde a cidade e, certos da afluência de turistas prestes a chegar, até construíram um hotel próximo ao monumento. Então, ficaram esperando.

Os turistas não vieram. Ninguém veio.

Hoje é um parquezinho triste, com uma capela móvel que não conseguiria abrigar um velório com pouca gente e um hotel cujas janelas se parecem com olhos mortos.

— Ou seja — concluiu o senhor Nancy, enquanto passavam por Humansville, Missouri (população 1.084) —, o centro exato dos Estados Unidos é um parque minúsculo e devastado, uma igreja vazia, uma pilha de pedras, e um hotel abandonado.

— Fazenda de porcos — disse Czernobog. — Você acabou de dizer que o centro verdadeiro dos Estados Unidos era uma fazenda de porcos.

— Isso não é o que é — disse o senhor Nancy. — É o que as pessoas pensam que é. De qualquer jeito, é tudo imaginação. Por isso que é importante. As pessoas só brigam por causa de coisas imaginárias.

— O meu tipo de gente, você quer dizer? — perguntou Shadow. — Ou o seu tipo de gente?

Nancy não disse nada. Czernobog fez um barulho que pode ter sido uma risada, que pode ter sido um grunhido.

Shadow tentou acomodar-se na traseira na Kombi. Ele só tinha dormido um pouco. Estava com uma sensação ruim na boca do estômago. Pior do que a que teve na prisão, pior do que a que havia tido antes, quando Laura veio até ele e contou a respeito do assalto. Isso era ruim. Sua nuca estava arrepiada, ele se sentia enjoado e, várias vezes, sentia ondas de medo.

O senhor Nancy parou em Humansville, estacionou na frente de um supermercado. Entrou e Shadow o seguiu. Czernobog ficou esperando no estacionamento, fumando seu cigarro.

Havia um rapaz de cabelos claros, pouco mais velho do que um menino, reabastecendo as prateleiras de cereais matinais.

— Ei — disse o senhor Nancy.

— Ei — disse o rapaz. — É verdade, não é? Mataram ele?

— É. Mataram.

O rapaz bateu várias caixas de cereal matinal infantil Cap'n Crunch contra a prateleira.

— Açam que podem pisar na gente como se fosse um monte de baratas. Ele tinha uma pulseira de prata escurecida em volta do pulso.

— Nós não podemos ser pisoteados assim com tanta facilidade, podemos?

— Não — disse o senhor Nancy — Não podemos.

— Eu vou estar lá, senhor — falou o rapaz, com os olhos azul-pálidos soltando faíscas.

— Eu sei que vai, Gwydion.

O senhor Nancy comprou várias garrafas de um refrigerante que imita a Coca-cola,

um pacote de seis rolos de papel higiênico, um maço de cigarrilhas de segunda, um cacho de bananas e um pacotinho de chicletes de menta.

— Ele é um bom garoto. Chegou aqui no século XVII. É galês. A Kombi serpenteou primeiro em direção ao oeste, depois, para o norte. A primavera se dissolveu mais uma vez para o beco sem saída do inverno. O Kansas era cinza como nuvens solitárias, janelas vazias e corações perdidos. "Shadow se transformou em um ávido caçador de estações de rádio, negociando com o senhor Nancy, que gostava de programas de entrevistas com participação dos ouvintes e de música para dançar, e com Czernobog, que preferia música clássica, quanto mais triste melhor, influenciada pelas estações evangélicas mais radicais. Shadow preferia flashbacks.

Quase no fim da tarde, pararam, a pedido de Czernobog, na periferia de Cherryvale, Kansas (população 2.464). Czernobog conduziu-os por uma campina fora da cidade. Ainda havia traços de neve nas sombras das árvores, e a grama era cor-de-sujeira. Ele caminhou, sozinho, até o meio da campina. Ficou parado lá, sujeito aos ventos do final de fevereiro, durante algum tempo. Primeiro, deixou a cabeça cair para a frente; depois começou a gesticular.

— Parece que ele está conversando com alguém — arriscou Shadow.

— Fantasmas — disse o senhor Nancy. — Costumavam adorá-lo aqui, há mais de cem anos. Faziam sacrifícios pra ele, libações derramadas com a marreta. Depois de um tempo, os habitantes da cidade perceberam por que muitos dos estranhos que passavam pela cidade não voltavam nunca mais. Aqui era onde escondiam alguns dos corpos.

Czernobog voltou do meio do campo. O bigode dele parecia mais escuro agora e tinha mechas pretas no meio de seus cabelos grisalhos. Ele sorriu, mostrando seu dente cinzento.

— Eu me sinto bem agora. Ahh. Algumas coisas demoram pra ir embora... e o sangue é o que mais demora.

Atravessaram a campina até o local onde estacionaram a Kombi. Czernobog acendeu um cigarro, mas não tossiu.

— Usavam uma marreta. Votan falava de força e de lança, mas pra mim é outra coisa...

Ele esticou um dedo cor-de-nicotina e bateu forte no meio da testa de Shadow.

— Por favor, não faça isso — disse Shadow, com educação.

— Por favor, não faça isso — imitou Czernobog. — Um dia desses vou pegar minha marreta e fazer muito pior do que isso com você, meu amigo, está lembrado?

— Estou, mas se você bater na minha cabeça de novo, eu quebro a sua mão. Czernobog soltou um grunhido. Então, disse:

— O pessoal daqui deveria ficar agradecido. Tanto poder se levantou. Mesmo trinta anos depois daquilo, forçaram o meu povo a se esconder, esta terra mesmo nos deu a maior estrela de cinema de todos os tempos. Ela foi a melhor que já existiu.

— Judy Garland? — perguntou Shadow Czernobog sacudiu a cabeça de maneira irritada.

— Ele está falando de Louise Brooks — disse Nancy. Shadow preferiu não perguntar quem era Louise Brooks e mudou de assunto.

— Então, veja bem, quando Wednesday foi falar com eles, estava em trégua.

— Sim.

— E agora nós vamos recolher o corpo dele, em trégua.

— Sim.

— E vocês sabem que me querem morto ou fora do caminho.

— Eles querem todos nós mortos — disse Nancy.

— Então, o que eu não entendo, é por que acreditamos que vão jogar limpo dessa vez se não jogaram com Wednesday.

— É por isso — disse Czernobog — que vamos nos encontrar no centro. Esse lugar é...

Ele fez uma careta:

— Qual é mesmo a palavra? O contrário de sagrado?

— Profano — disse Shadow, sem pensar.

— Não — disse Czernobog. — O que eu quero dizer é um lugar menos sagrado do que qualquer outro. De sacralidade negativa. Lugares em que não se pode construir um templo, aonde as pessoas não vão, e de onde vão embora assim que podem. Lugares em que deuses só vão se forem forçados.

— Não sei — disse Shadow. — Acho que não existe uma palavra pra isso.

— Os Estados Unidos inteiros têm um pouco disso — disse Czernobog. — Por isso não somos bem-vindos aqui. Mas o centro, o centro é pior. Igual a um campo minado. Todos nós andamos prestando tanta atenção por lá que ninguém ousa romper a trégua.

Chegaram à Kombi. Czernobog deu um tapinha amistoso no antebraço de Shadow.

— Não se preocupe. Ninguém mais vai matar você. Ninguém além de mim.

Shadow descobriu o centro dos Estados Unidos na noite daquele mesmo dia, antes de estar totalmente escuro. Ficava em uma pequena colina a noroeste de Lebanon. Ele deu a volta pelo pequeno estacionamento ao lado da colina, passando pela minúscula capela móvel e pelo monumento de pedra, e, quando Shadow viu o hotel térreo da década de 1950 no fim do parque, seu coração ficou pequeno. Tinha um Humvee preto estacionado na frente — um jipe do tipo usado em guerras — que parecia um veículo refletido em um espelho torto, daqueles que distorcem as imagens, retorcido e sem sentido, e tão feio quanto um carro blindado. Não viram luzes acesas dentro do prédio.

Estacionaram ao lado do hotel e, assim que pararam, um homem com uniforme e

quepe de chofer saiu do hotel e foi iluminado pelos faróis da Kombi. Ele os cumprimentou educadamente, levando a mão até a aba do quepe, entrou no Humvee e foi embora.

— Carro grande, pau pequeno — disse o senhor Nancy.

— Você acha que tem camas aqui? — perguntou Shadow. — Faz dias que eu não durmo em uma cama. Este lugar parece estar só esperando para ser demolido.

— Os donos são uns caçadores do Texas — explicou Nancy. — Eles vêm aqui uma vez por ano. Não faço a mínima ideia do que vêm caçar. Mas isso impede que o lugar seja condenado e destruído.

Desceram da Kombi. Esperando por eles na frente do hotel, havia uma mulher que Shadow não reconheceu. Estava perfeitamente arrumada, perfeitamente penteada. Ela o fez pensar em todas as apresentadoras de telejornais matutinos que eleja vira, sentadas em um estúdio que não se parecia nada com uma sala de visitas.

— Que bom ver os senhores — ela disse. — Então o senhor deve ser Czernobog. Ouvi muito falar do senhor. E o senhor, Anansi, sempre pronto pra uma sacanagem, hein? Seu velho engraçadinho. E o senhor... deve ser Shadow. O senhor certamente nos levou a uma perseguição divertida, não foi mesmo?

Uma das mãos pegou na dele, apertou-a com firmeza e ela olhou-o diretamente nos olhos:

— Eu sou Media. Prazer em conhecê-los. Espero que consigamos resolver os assuntos desta noite da maneira mais agradável possível. As portas principais se abriram.

— De algum jeito, Totó — disse o jovem gordo que Shadow vira pela última vez sentado na traseira de uma limusine —, acho que não estamos mais no Kansas.

— Estamos no Kansas — disse o senhor Nancy. — Acho que devemos ter percorrido a maior parte do Estado hoje. Caramba, como este país é plano!

— Este lugar não tem luz, não tem gerador, nem água quente — disse o jovem gordo. — E, sem ofender, vocês aí precisam mesmo de água quente. Fedem como se estivessem naquela Kombi há uma semana.

— Acho que não tem necessidade nenhuma de ir até lá — disse a mulher, com suavidade. — Somos todos amigos aqui. Entrem. Vamos mostrar os seus quartos. Nós pegamos os primeiros quatro quartos. Seu amigo falecido está no quinto. Todos os quartos depois do quinto estão vazios... vocês podem escolher. Temo que aqui não seja o Four Seasons, mas e daí? Nenhum lugar é.

Ela abriu a porta do saguão do hotel para eles. Cheirava a mofo, a umidade e a podridão.

Havia um homem sentado ali, na semi-escuridão.

— Vocês aí estão com fome? — perguntou.

— Eu sempre posso comer alguma coisa — respondeu Nancy.

— O motorista saiu pra buscar um saco de hambúrgueres. Ele volta logo. Olhou

para cima. Estava muito escuro para distinguir os rostos, mas disse.

— Ei, grandão. Você é o Shadow, hein? O babaca que matou o Woody e o Stone?

— Não. Foi outra pessoa. E eu sei quem você é. Ele sabia. Ele esteve dentro da cabeça do homem.

— Você é Town. Já dormiu com a mulher do Wood? O senhor Town caiu da cadeira. Em um filme, teria sido engraçado; na vida real só era patético. Ele se levantou rapidamente, veio na direção de Shadow.

— Não começa nada que você não está preparado pra terminar. O senhor Nancy colocou a mão no antebraço de Shadow:

— Trégua, lembra? Estamos no centro.

O senhor Town virou-se para o outro lado, debruçou-se sobre o balcão e pegou três chaves.

— Vocês ficam no fim do corredor. Toma.

Entregou as chaves para o senhor Nancy e se afastou para dentro das sombras do corredor. Ouviram uma porta se abrir e depois bater com força.

O senhor Nancy entregou uma chave para Shadow, outra para Czernobog.

— Será que tem uma lanterna na Kombi? — perguntou Shadow.

— Não. Mas só está escuro. Você não precisa ter medo do escuro.

— Não tenho, Nancy. Tenho medo é das pessoas.

— O escuro é bom — disse Czernobog.

Ele parecia não ter dificuldade nenhuma para enxergar aonde ia, conduzindo-os pelo corredor escuro, colocando as chaves nas fechaduras sem errar a mira.

— Eu vou ficar no quarto dez — disse a eles. Depois, completou:

— Média. Acho que ouvi falar dela. Não foi ela que matou os filhos?

— Outra mulher — disse o senhor Nancy. — A mesma história. Nancy ficou no quarto 8, e Shadow na frente dos dois, no quarto 9. O quarto tinha um cheiro úmido, poeirento e abandonado. Havia um estrado de cama com um colchão por cima, mas sem lençol. Um pouco de luz do crepúsculo entrava no quarto pela janela. Shadow sentou-se no colchão, tirou os sapatos e se esticou ali em cima por inteiro. Estava cansado de dirigir nos últimos dias. Talvez tenha dormido.

Ele estava caminhando.

Um vento frio puxava suas roupas. Os minúsculos flocos de neve eram pouco mais do que uma poeira cristalina que esvoaçava e ia de um lado para o outro no vento.

Havia árvores desfolhadas por causa do inverno, com aparência de mortas, e montanhas altas por todos os lados. Era o fim de uma tarde de inverno: o céu e a neve atingiram o mesmo tom escuro de púrpura. Em algum lugar à frente dele — sob aquela

luz, as distâncias eram impossíveis de avaliar — as chamas de uma fogueira ardiam, em amarelo e em cor-de-laranja.

Um lobo cinzento passeava na neve à sua frente.

Shadow parou. O lobo também parou, virou-se e esperou. Um dos olhos dele brilhou em uma cor verde-amarelada. Shadow deu de ombros e continuou a caminhar em direção às chamas e o lobo marchou à frente.

A fogueira queimava no meio de uma alameda de árvores. Devia ter uma centena de árvores, plantadas em duas fileiras, com formas penduradas nos galhos. Ne final das fileiras havia uma construção que se parecia um pouco com um barco de ponta-cabeça. Era esculpida em madeira, e coberta de criaturas e de rostos de madeira — dragões, grifos, trolls e javalis — todos eles dançando à luz cintilante do fogo.

A fogueira era tão alta que Shadow mal podia se aproximar dela. O lobo andava devagar ao redor do fogo que estalava.

No lugar do lobo, um homem saiu do outro lado do fogo. Ele se apoiava em uma vara alta.

— Você está em Uppsala, na Suécia — disse o homem, com uma voz familiar e empedrada. — Cerca de mil anos atrás.

— Wednesday? — disse Shadow.

O homem continuou a falar, como se Shadow não estivesse lá.

— Primeiro, todo ano, depois, mais tarde, quando a podridão se instalou, e eles ficaram relaxados, a cada nove anos, faziam um sacrifício aqui. Um sacrifício de noves. A cada dia, durante nove dias, enforcavam nove animais nas árvores da alameda. Um desses animais era sempre um homem.

Ele saiu andando para longe do fogo, na direção das árvores, e Shadow o seguiu. Quando se aproximou das árvores, as formas que estavam penduradas se definiram: pernas, olhos, línguas e cabeças. Shadow sacudiu a cabeça: havia algo obscuramente triste em ver um boi pendurado pelo pescoço em uma árvore e, ao mesmo tempo, era tão surrealista que chegava a ser engraçado. Shadow passou por um gamo, um cachorro do mato, um urso pardo e um cavalo castanho com crina branca, um pouco maior do que um pônei. O cachorro ainda estava vivo: com intervalos de segundos, dava chutes espasmódicos no ar, e fazia um barulho de choramingo tenso enquanto balançava de um lado para o outro na corda.

O homem que ele seguia pegou sua longa vara, que Shadow percebia agora, a medida que se movia, ser uma lança, e rasgou o estômago do cão com ela, em um corte parecido com o de uma faca, do alto do peito para baixo. Entranhas fumegantes caíram na neve.

— Eu dedico esta morte a Odin — disse o homem, com formalidade.

— É apenas um gesto — disse, olhando para Shadow. — Mas os gestos significam tudo. A morte de um cachorro simboliza a morte de todos os cachorros. Nove homens

deram a mim, mas representavam todos os homens, todo o sangue, todo o poder. Só que não foi suficiente. Um dia, o sangue parou de correr. Fé sem sangue só nos leva a uma certa distância. O sangue precisa correr.

— Eu vi você morrer — disse Shadow.

— No negócio dos deuses — disse afigura (e agora Shadow unha certeza de que era Wednesday, ninguém mais tinha aquela aspereza, aquela profunda alegria cínica nas palavras) —, não é a morte que importa. É a oportunidade da ressurreição. E quando o sangue corre...

Ele apontou para os animais e para as pessoas penduradas nas árvores. Shadow não conseguia saber se os humanos mortos pelos quais eles passavam eram mais ou menos horripilantes do que os animais: peio menos os humanos conheciam o destino que estava reservado a eles. Havia um profundo cheiro de bebida no corpo dos homens, o que sugeria que eles podiam se anestesiar no trajeto até a forca, ao passo que os animais deveriam ter sido simplesmente linchados, içados com vida e com medo. Aqueles rostos pareciam ser de homens (ao jovens: nenhum deles tinha mais de vinte anos.

— Quem sou eu? — perguntou Shadow.

— Você? — disse o homem. — Você foi uma oportunidade... fez parte de uma grande tradição. Apesar de nos dois estarmos tão comprometidos com o assunto a ponto de morrer por ele. Hein?

— Quem é você?

— A parte mais difícil é simplesmente sobreviver — disse o homem. A fogueira — e Shadow percebeu com horror estranho que, na verdade, era uma fogueira de ossos: gaiolas de costelas e caveiras com olhos vermelhos repousavam e se misturavam no meio das chamas, cuspidando cores elementares para o meio da noite, verdes, amarelas e azuis — brilhava, estalava e emitia muito calor.

— Três dias na árvore, três dias no submundo, três dias pra encontrar o caminho de volta.

As chamas eram tão aftas e brilhantes que Shadow mal conseguia olhá-las diretamente. Ele olhava para a escuridão embaixo das árvores.

Uma batida na porta — e agora o luar entrava pela janela. Shadow sentou-se com um pulo.

— O jantar está servido — avisou Media.

Shadow calçou de novo os sapatos, caminhou até a porta, saiu para o corredor. Alguém encontrou algumas velas, e uma luz amarelada e fraca iluminava a recepção. O motorista do Humvee entrou segurando uma bandeja de papelão e um saco de papel. Ele usava um casaco preto comprido e um quepe de chofer pontudo.

— Desculpem pela demora — disse, com voz áspera. — Trouxe a mesma coisa pra todo mundo: dois hambúrgueres, batatas fritas grandes, Coca grande e uma torta de maçã. Vou comer o meu no carro.

Deixou a comida e voltou para fora do prédio. O cheiro de fast-food encheu o saguão. Shadow pegou o saco de papel e distribuiu a comida, os guardanapos e os saches de ketchup.

Comeram em silêncio, enquanto as velas tremeluziam e a cera estalava ao queimar.

Shadow percebeu que Town olhava para ele. Virou a cadeira um pouco, de modo a ficar com as costas voltadas para a parede. Media comia seu hambúrguer com um guardanapo sob os lábios para acolher as migalhas.

— Ah, que maravilha. Estes hambúrgueres estão quase congelados — disse o garoto gordo.

Ele ainda usava seus óculos escuros, o que Shadow achou inútil e tolo, dada a escuridão da sala.

— Desculpe, mas o McDonald's mais próximo fica no Nebraska. Terminaram de comer seus hambúrgueres tépidos e suas batatas fritas frias. O garoto gordo deu uma mordida em sua torta de maçã e o recheio escorreu pelo seu queixo. De maneira inesperada, o recheio ainda estava quente.

— Ai! — ele disse.

Limpou a sujeira com a mão, lambendo os dedos para tirar o doce.

— Isso queima! Essas tortas são uma caixinha de surpresas, porra. Shadow teve vontade de bater no garoto. Estava com vontade de fazer isso desde que seus capangas o haviam ferido na limusine, depois do enterro de Laura. Tirou esta ideia da cabeça.

— Será que a gente não pode pegar logo o corpo do Wednesday e se mandar? — perguntou.

— A meia-noite — disseram Nancy e o garoto gordo ao mesmo tempo.

— Esse tipo de coisa precisa seguir certas regras — disse Czernobog.

— É — afirmou Shadow. — Mas ninguém fala quais são. Vocês vivem falando dessas porras de regras, mas eu nem sei qual é o jogo que estão jogando.

— É a mesma coisa que desrespeitar a data de lançamento — disse Media, em uma sacada inteligente. — Você sabe. Quando um produto pode começar a ser vendido.

Town disse:

— Acho que isso tudo é um monte de merda. Mas se as regras deixam eles contentes, então minha agência fica contente e todo mundo fica contente também.

Ele sugou a Coca pelo canudinho.

— Esperem até a meia-noite. Vocês pegam o corpo e vão embora. Nós fazemos uma carinha de alegria e damos tchauzinho pra vocês. E daí podemos voltar a caçar vocês como as ratazanas que são.

— Ei — disse o garoto gordo para Shadow. — Acabei de me lembrar. Eu tinha dito pra você dizer pro seu chefe que ele era passado. Você fez o que eu mandei?

— Fiz — respondeu Shadow. — E sabe o que ele disse pra mim? Que se eu visse aquele merdinha de novo era pra fazer ele se lembrar de que o futuro de hoje é o ontem do amanhã.

Wednesday nunca dissera tal coisa. Ainda assim, aquela gente parecia gostar de clichês. Os óculos escuros pretos refletiram as chamas cintilantes das velas de volta para ele, como olhos.

O garoto gordo disse:

— Esse lugar é uma porra de um lixão. Não tem luz. Fica fora do alcance dos cabos de força. Quer dizer, quando você precisa estar ao alcance de um cabo, está de volta à idade da pedra.

Ele sorveu o resto da Coca pelo canudinho, jogou o copo na mesa e saiu pelo corredor.

Shadow esticou os braços e colocou o lixo do garoto gordo no saco de papel.

— Vou ver o centro dos Estados Unidos — anunciou.

Levantou-se e saiu para o pátio, para o meio da noite. O senhor Nancy o seguiu. Passearam juntos pelo parque, sem dizer nada até chegarem ao monumento de pedra. Um vento soprava em rajadas fortes, primeiro vindas de uma direção, depois de outra.

— Então, o que acontece agora?

A meia-lua pairava pálida no céu escuro.

— Agora — disse Nancy — você deve voltar pro seu quarto. Tranque a porta. Tente dormir. À meia-noite eles nos entregam o corpo. E daí a gente sai logo daqui. O centro não é um lugar estável pra ninguém.

— Se você está dizendo...

O senhor Nancy trouxe sua cigarrilha.

— Isso nunca deveria ter acontecido. Nada disso. Nosso tipo de gente, nós... Ele começou a sacudir a cigarrilha, como se a usasse para procurar uma palavra, e então, fazendo um gesto de punhalada com ela:

— Nós não somos sociáveis. Nem mesmo eu. Nem o Baco. Não por muito tempo. Andamos por aí sozinhos ou nos fechamos em nossos grupinhos. Não jogamos bem com outras pessoas. Gostamos de ser adorados, respeitados e cultuados... eu, eu gosto que contem histórias a meu respeito, histórias que mostrem a minha inteligência. É um defeito, eu sei, mas é assim que sou. Gostamos de ser grandes. Agora, nestes tempos parcos, nós somos pequenos. Os novos deuses se erguem, entram em decadência e se erguem mais uma vez. Mas este não é um país que tolera seus deuses durante muito tempo. Brahma cria, Vishnu preserva, Shiva destrói, e o terreno fica limpo pra Brahma criar mais uma vez.

— Então, o que você está querendo dizer? — perguntou Shadow. — A luta acabou, agora? A batalha chegou ao fim? O senhor Nancy soltou um grunhido.

— Você está louco? Mataram Wednesday. Mataram e ainda ficaram se gabando por aí. Mandaram recado pra todos os cantos do país. Mostraram em todos os canais visíveis pra quem tem olhos pra ver. Não, Shadow. Acabou de começar.

Ele se agachou aos pés do monumento, apagou a cigarrilha na terra, e deixou lá, como uma oferenda.

— Você costumava contar piadas — disse Shadow. — Agora você não conta mais.

— É difícil encontrar piadas hoje em dia. Wednesday morreu. Você vai entrar?

— Daqui a pouco.

Nancy se afastou na direção do hotel. Shadow esticou a mão e tocou nas pedras do monumento. Arrastou seus dedos longos pela placa de latão. Então caminhou até a minúscula capela branca, atravessou a porta aberta, para dentro da escuridão. Sentou-se no banco de madeira mais próximo, fechou os olhos, abaixou a cabeça e pensou em Laura, em Wednesday e no fato de estar vivo.

Ouviu-se um dique atrás dele, e um sapato raspando na terra. Shadow sentou-se e se virou. Alguém estava parado do lado de fora da porta, uma silhueta negra contra as estrelas. O luar refletia em alguma coisa de metal.

— Você vai me matar? — perguntou Shadow — Por Jesus... bem que eu queria — disse o senhor Town. — Mas é só pra me defender. Então, você está rezando? Eles convenceram você de que são deuses? Eles não são deuses.

— Eu não estava rezando. Só estava pensando.

— Da maneira que eu entendo — disse Town — eles são só mutações. Experiências evolucionárias. Um pouco de habilidade hipnótica, um pouco de hocus-pocus, e podem fazer com que as pessoas acreditem em qualquer coisa. Nada sobre o que valha a pena escrever uma carta. Só isso. Além de tudo, eles morrem igual aos homens.

— Sempre morreram — disse Shadow.

Ele se levantou, e Town deu um passo para trás. Shadow saiu da pequena capela e o senhor Town manteve uma certa distância dele.

— Ei — disse Shadow. — Você sabe quem foi Louise Brooks?

— Amiga sua?

— Não. Ela era uma estrela de cinema de um lugar ao sul daqui. Town fez uma pausa.

— Talvez ela tenha mudado de nome e se transformado em Liz Taylor ou em Sharon Stone ou em alguém assim — ele sugeriu, solícito.

— Talvez.

Shadow começou a voltar para o hotel. Town o acompanhou.

— Você deveria voltar pra prisão — disse o senhor Town. — Deveria estar na porra do corredor da morte.

— Eu não matei seus associados — disse Shadow. — Mas vou dizer uma coisa que um cara me disse certa vez, quando eu estava na prisão. Uma coisa que eu nunca esqueci.

— E o que é?

— Tinha só um cara na Bíblia inteira pra quem Jesus prometeu pessoalmente um lugar no Paraíso do lado dele. Não foi pra Pedro, nem pra Paulo, nem pra nenhum daqueles caras. Ele era um ladrão condenado, que estava sendo executado. Então, não fica tirando uma dos caras no corredor da morte. Talvez eles saibam de alguma coisa que você não sabe.

O motorista estava parado ao lado do Humvee.

— Boa noite, cavalheiros.

— Boa noite — respondeu o senhor Town. E então, disse, para Shadow:

— Eu, pessoalmente, estou cagando pra tudo isso. Eu faço o que senhor World manda. É mais fácil assim.

Shadow andou pelo corredor até o quarto 9. Abriu a porta e entrou.

— Desculpe, achei que este fosse o meu quarto.

— E é — disse Media. — Eu estava esperando você. Ele conseguia ver seus cabelos à luz do luar e seu rosto pálido. Estava sentada sobre a cama dele, de maneira ostensiva.

— Vou procurar outro quarto.

— Não vou ficar muito. Só achei que seria a hora apropriada pra fazer uma oferta.

— Tudo bem. Faça.

— Relaxa — ela disse.

Havia um sorriso em sua voz.

— Tem uma vara tão grande enfiada no seu eu. Olha, Wednesday está morto. Você não deve nada a ninguém. Junte-se a nós. "É hora de passar para o time vencedor".

Shadow não disse nada.

— Podemos fazer você famoso, Shadow. Podemos dar a você poder de decisão sobre o que as pessoas acreditam, dizem, vestem e sonham. Você quer ser o próximo Cary Grant? Podemos fazer isso acontecer. Podemos transformar você nos próximos Beatles.

— Acho que preferia quando você oferecia os peitos da Lucy pra eu ver — disse Shadow. — Se é que era você.

— Ah — ela disse.

— Preciso do meu quarto de volta. Boa noite.

— E também, é claro — continuou, como se ele não tivesse dito nada —, podemos distorcer tudo. Podemos deixar as coisas bem ruins pra você. Você pode virar uma piada de mau gosto pra sempre, Shadow. Ou pode ser lembrado como um monstro. Você pode

ser lembrado pra sempre, mas como Manson, Hitler... O que acha dessa ideia?

— Desculpa, moça, mas eu estou meio cansado. Ficaria agradecido se você fosse embora agora.

— Eu ofereci o mundo pra você. Quando estiver morrendo na sarjeta, lembre-se bem disso.

— Vou anotar.

Depois que ela foi embora, seu perfume ficou no ar. Ele se deitou, nu, sobre o colchão e pensou em Laura, mas qualquer coisa em que ele pensasse — Laura jogando frisbee, Laura comendo vaca preta com uma colher, Laura rindo, exibindo a lingerie exótica que comprou quando foi a um congresso de agentes de viagem em Anaheim — sempre se transformava, em sua mente, em Laura chupando o pau de Robbie quando um caminhão os mandou para fora da estrada e para o esquecimento. E daí ele ouvia as palavras dela, e cada vez doía mais.

Você não está morto, dizia Laura com sua voz calma, na cabeça dele. Mas eu também não tenho certeza se você está vivo.

Ouviu-se uma batida na porta. Shadow levantou-se e abriu a porta. Era o garoto gordo.

— Aqueles hambúrgueres estavam nojentos. Dá pra acreditar? Até o McDonalds eram 80 quilômetros. Achei que não tinha nenhum lugar do mundo que ficasse tão distante de um McDonald's.

— Este lugar está se transformando em uma estação de trem movimentada — disse Shadow. — Tudo bem, então aposto que você está aqui pra me oferecer a liberdade da internet se eu passar pró seu lado da cerca, certo?

O garoto gordo tremia.

— Não, você já virou carniça — disse. — Você... você é uma porra de um manuscrito iluminista, escrito em gótico, com capa de couro preta. Não poderia se transformar em hipertexto nem se quisesse. Eu... eu sou sináptico, enquanto você é sinóptico...

Shadow percebeu que ele tinha um cheiro estranho. De repente lembrou-se de um cara na cela do outro lado do corredor, da época da prisão, de quem Shadow nunca tinha ouvido falar. Ele tirou todas as roupas em plena luz do dia e disse que tinha sido enviado para levar todos embora, aqueles que fossem bons de verdade, como ele, em uma espaçonave prateada para um lugar perfeito. Aquela foi a última vez que Shadow o havia visto. O garoto gordo tinha o mesmo cheiro que aquele cara.

— Você está aqui por algum motivo?

— Só queria conversar — disse o garoto gordo. Havia um tom de choramingo em sua voz.

— O meu quarto me dá arrepios. Só isso. Me dá arrepios. Até o McDonald's são 80 quilômetros, dá pra acreditar? Talvez eu pudesse ficar aqui com você.

— E os seus amigos da limusine? Aqueles que bateram em mim? Você deveria pedir pra eles ficarem no seu quarto.

— As crianças não operariam aqui. Estamos em uma zona morta.

— Ainda falta um tempinho até a meia-noite, e mais ainda até o amanhecer. Acho que você deve estar precisando descansar. Eu sei que eu preciso.

O garoto gordo não disse nada durante um instante, então assentiu com a cabeça e saiu do quarto.

Shadow fechou a porta, e trancou com a chave. Deitou-se no colchão.

Depois de alguns instantes, o barulho começou. Demorou alguns minutos até ele entender o que era aquilo, então destrancou a porta e saiu para o corredor. Era o garoto gordo, agora de volta ao seu próprio quarto. Parecia que ele estava jogando algo enorme contra as paredes. Pelo barulho, Shadow imaginou que ele estava se jogando nas paredes. "Sou só eu mesmo", soluçava. Ou talvez fosse "Sou só uma merda". Shadow não sabia o que dizer.

— Fica quieto! — veio o grito do quarto de Czernobog, no fundo do corredor. Shadow atravessou o saguão e saiu do hotel. Ele estava cansado. O motorista ainda estava parado ao lado do Humvee, uma silhueta escura com um quepe pontudo.

— Não consegui dormir, senhor?

— Não — disse Shadow.

— Aceita um cigarro, senhor?

— Não, obrigado.

— Não se importa se eu fumar?

— Vai fundo.

O motorista usou um isqueiro descartável Bic, e foi à luz amarela da chama que Shadow viu o rosto do homem, na verdade, o viu pela primeira vez, o reconheceu e começou a entender.

Shadow conhecia aquele rosto magro. Ele sabia que haveria cabelos ruivo-alaranjados bem aparados sob o quepe preto de motorista, bem rentes à cabeça. Ele sabia que, quando os lábios do homem sorrissem, iriam se desdobrar em uma rede de cicatrizes duras.

— Você parece bem, grandão — disse o motorista.

— Eow Key?

Shadow olhava para o seu ex-companheiro de cela com precaução. As amizades na prisão são uma coisa boa: fazem com que você aguente lugares ruins e períodos escuros. Mas uma amizade de prisão acaba nos portões da prisão, e um amigo da prisão que reaparece na sua vida é, na melhor das hipóteses, uma bênção mista.

— Meu Deus, Eow Key Eyesmith — disse Shadow. E foi então que ouviu o que

dizia e compreendeu.

— Loki. Loki Lie-Smith.

— Você é lerdo, mas chega lá.

E os lábios dele se contorceram em um sorriso e lembranças dançaram nas sombras de seus olhos.

Ficaram no quarto de Shadow, no hotel abandonado, sentados sobre a cama, cada um em uma ponta do colchão. Os sons vindos do quarto do garoto gordo tinham diminuído bastante.

— Você tem muita sorte de nós termos ficado presos juntos — disse Loki. — Nunca teria sobrevivido ao primeiro ano se eu não estivesse lá.

— Você não poderia ter saído de lá se quisesse?

— É mais fácil cumprir a pena. Ele fez uma pausa. Então, disse:

— Você precisa entender essa coisa de ser deus. Não é magia. É só ser você, mas aquele você em que as pessoas acreditam. É ser a essência concentrada e aumentada de si mesmo. É se transformar em trovão, ou no poder de um cavalo galopante, ou em sabedoria. Você absorve toda a f é e fica maior, mais legal, mais do que humano. Você cristaliza.

Ele fez uma pausa.

— Então, um dia esquecem que existe, não acreditam mais em você e não fazem mais sacrifícios... não se importam, e quando você percebe, está misturando cartas pra confundir quem passa na esquina da Broadway com a Rua 43.

— Por que você foi parar na minha cela?

— Coincidência. Pura e simplesmente.

— E agora você é o motorista da oposição.

— Se é assim que você quer classificar, tudo bem. Depende do lado em que você está. Do jeito que eu enxergo as coisas, sou o motorista do time vencedor.

— Mas você e o Wednesday, vocês eram do mesmo, vocês dois são...

— Do panteão nórdico. Nós dois somos do panteão nórdico. E isso que você está tentando dizer?

— É.

— E daí? Shadow hesitou.

— Vocês devem ter sido amigos algum dia.

— Não. Nunca fomos amigos. Não me sinto mal por ele estar morto. Ele só estava segurando todo o resto de nós. Já que não está mais aqui, o resto de nós vai precisar encarar os fatos: é mudar ou morrer, evoluir ou perecer. Ele se foi. A guerra acabou.

Shadow olhou para ele, confuso:

— Você não é tão estúpido assim. Você sempre foi tão perspicaz. A morte do Wednesday não vai fazer nada acabar. Só serviu pra empurrar todos que estavam em cima do muro pro lado dele.

— Mistura de metáforas, Shadow. Mau hábito.

— Sei lá — disse Shadow. — Continua sendo verdade. Jesus. A morte dele fez em um instante o que ele passou os últimos meses tentando fazer. Fez com que se unissem. Deu a eles algo em que acreditar.

— Talvez — Loki deu de ombros. — Até onde eu sei, o pensamento desse lado do muro é que, com o encenqueiro fora do caminho, os problemas também foram embora. Mas isso não é da minha conta. Eu só dirijo.

— Então, me fala — disse Shadow, — porque todo mundo está preocupado comigo? Agem como se eu fosse importante. Por que o que faço importa pra eles?

— Bem que eu queria saber. Você era importante pra nós porque era importante pra Wednesday. O porquê disso... acho que é só mais um dos pequenos mistérios da vida.

— Estou cansado de mistérios.

— É? Acho que eles dão um toque especial pro mundo. Igual ao sal em um cozido.

— Então você é o motorista deles. Você trabalha pra todos eles?

— Pra quem precisar de mim. É um ganha-pão.

Levantou o relógio de pulso à altura dos olhos, apertou um botão: o mostrador brilhou em um azul suave, que iluminou o rosto dele, conferindo-lhe uma aparência assombrosa, assombrada.

— Cinco pra meia-noite. Está na hora — disse Loki. — Você vem? Shadow respirou fundo.

— Vou.

Percorreram o corredor escuro do hotel até chegar ao quarto 5.

Loki tirou uma caixa de fósforos do bolso e acendeu um palito com a unha do indicador. O clarão momentâneo feriu os olhos de Shadow. Um pavio de vela cintilou e pegou fogo. Depois, outro. Loki acendeu mais um fósforo e continuou a acender os tocos de vela: estavam sobre os peitoris das janelas, sobre a cabeceira da cama e sobre a pia do canto do quarto.

A cama fora deslocada de sua posição original, contra a parede, para o meio do quarto, deixando um espaço menor do que um metro entre a cama e a parede de cada lado. Havia lençóis velhos de hotel estendidos sobre a cama, cheios de buracos de traças e de manchas. Em cima dos lençóis repousava Wednesday, perfeitamente imóvel.

Usava o terno claro que vestia quando fora morto. O lado direito do rosto dele estava intocado, perfeito, sem nenhuma lesão sanguinolenta. Já o lado esquerdo era uma

confusão irregular, e o ombro esquerdo e a parte da frente do terno estavam respingados de manchas escuras. As mãos estavam acomodadas ao lado do corpo. A expressão naquele destroço de um rosto estava longe de tranquila: parecia magoada — uma mágoa do fundo da alma, profunda, cheia de ódio, de raiva e de loucura crua. E, em certo nível, parecia satisfeita.

Shadow imaginou as mãos habilidosas do senhor Jacquel suavizando aquela raiva e aquele ódio, reconstruindo um rosto para Wednesday com cera e maquiagem de necrotério, dando a ele uma paz e uma dignidade final que até mesmo a morte tinha lhe negado.

Ainda assim, o corpo não parecia menor na morte. E ainda tinha um cheiro fraco de Jack Daniel's.

O vento das planícies se levantava: ele o ouvia uivando ao redor do velho hotel no centro imaginário dos Estados Unidos. As velas sobre o peitoril da janela pingavam e tremeluziam.

Ele não ouviu passos pelo corredor. Alguém bateu na porta e pediu:

— Anda logo, por favor, está na hora.

E começaram a entrar no quarto arrastando os pés, com as cabeças abaixadas.

Town entrou primeiro, seguido por Media, pelo senhor Nancy e por Czernobog. Por último veio o garoto gordo: ele tinha arranhões frescos e vermelhos no rosto, e seus lábios se moviam o tempo todo, como se estivesse recitando algumas palavras para si mesmo, mas não emitia som nenhum. Shadow sentiu pena dele.

Informalmente, sem que nenhuma palavra fosse proferida, enfileiraram-se em volta do corpo, cada um à distância de um braço estendido do outro. A atmosfera do quarto era religiosa — profundamente religiosa, como Shadow nunca tinha experimentado antes. Não havia som nenhum a não ser o vento uivante e o estalar das velas.

— Estamos reunidos, aqui neste lugar sem deus — disse Loki —, pra entregar o corpo deste indivíduo pra aqueles que vão dispor dele da maneira adequada, de acordo com os rituais. Se alguém deseja dizer alguma coisa, que diga agora.

— Eu não — disse Town. — Nunca conheci o cara direito. E essa coisa toda me deixa desconfortável. Czernobog disse:

— Essas ações vão ter consequências. Vocês sabiam disso? Isso aqui só pode ser o começo de tudo.

O garoto gordo começou a rir, um barulho agudo, meio de menina. Ele disse:

— Tudo bem. Tudo bem, entendi. E então, em uma nota só, recitou:

Turning and tuming In the widening gyre
The falcon cannot hear the falconer;
Thingsfall apart; the center cannot hold... [1171](#)

E então parou de repente, com o cenho franzido. Disse:

— Merda. Eu costumava saber tudo. Esfregou a mão nas têmporas, fez uma careta e ficou quieto. E então todos olhavam para Shadow. O vento agora gritava. Ele não sabia o que dizer.

— Essa coisa toda é de dar dó. Metade de vocês o mataram e tem participação nisso. Agora estão nos entregando o corpo dele. Ótimo. Ele era uma porra de um velho irascível, mas eu bebi o mulso dele e ainda trabalho pra ele. Só isso.

Media disse:

— Em um mundo onde as pessoas morrem todos os dias, acho que a coisa mais importante a ser lembrada é que, pra cada momento de aflição que temos quando uma pessoa deixa este mundo, há um momento correspondente de alegria quando um bebê chega a este mundo. Esse primeiro lamento é... bom, é magia, não é? Talvez seja uma coisa difícil de se dizer, mas alegria e aflição são como arroz e feijão. Isso serve pra descrever como se dão bem juntas. Penso que todos nós devemos reservar um momento pra meditar sobre isso.

E o senhor Nancy limpou a garganta e disse:

— Então. Eu que preciso dizer isso, porque ninguém mais vai dizer. Nós estamos no centro deste lugar: uma terra que não tem tempo pros deuses e, aqui no centro, tem menos tempo pra nós do que em qualquer outro lugar. Essa é uma terra-de-ninguém, um local de trégua, e nós observamos nossas tréguas aqui. Não temos outra escolha. Então. Vocês nos entregam o corpo do nosso amigo. Nós aceitamos. Vocês vão pagar por isso, assassinato por assassinato, sangue por sangue. Town disse:

— Que seja. Vocês poderiam economizar muito tempo e esforço se fossem pra casa e se matassem com um tiro na cabeça. Eliminariam o intermediário.

— Vai se foder — disse Czernobog. — Vai se foder e vai foder a sua mãe e vai foder a porra do cavalo fodido que você montava. Você não vai nem morrer em batalha. Nenhum guerreiro vai experimentar o seu sangue. Ninguém que está vivo vai tirar a sua vida. Você vai morrer uma morte suave e pobre... Vai morrer com um beijo nos lábios e uma mentira no coração.

— Deixe estar, velho — disse Town.

— The blood-dimmed tide is loose [418](#) — disse o garoto gordo. — Acho que era isso que vinha depois. O vento uivava.

— Tudo bem — disse Loki. — Ele é de vocês. Nós terminamos nossa parte. Eeva o velho bastardo embora.

Ele fez um gesto com os dedos, e Town, Media e o garoto gordo deixaram o quarto. Ele sorriu para Shadow.

— Não diga que nenhum homem é feliz, hein, garoto? — disse. E então ele também foi embora.

— O que acontece agora? — perguntou Shadow.

— Agora a gente embrulha ele e leva embora daqui.

Enrolaram o corpo com os lençóis do hotel, embrulhando-o bem em sua mortalha improvisada, de maneira que não fosse visto e que fossem capazes de carregá-lo. Os dois velhos se posicionaram, um em cada ponta do corpo, mas Shadow disse:

— Deixa eu ver uma coisa.

Dobrou os joelhos e colocou os braços ao redor da figura envolta em lençóis, deu um impulso para cima e colocou o pacote em cima do ombro. Esticou os joelhos, até ficar em pé, com facilidade relativa.

— Pronto. Peguei. Vamos colocar na traseira do carro.

Czernobog parecia pronto para discutir, mas fechou a boca. Molhou de saliva o polegar e o indicador e começou a apagar as velas com as pontas dos dedos. Shadow ouvia os chiados à medida que saía do quarto que ficava cada vez mais escuro.

Wednesday era pesado, mas Shadow conseguia aguentar se andasse sem parar. Ele não tinha outra escolha. As palavras de Wednesday se repetiam em sua cabeça a cada passo que dava pelo corredor, e ele quase podia sentir o gosto agri-doce do mulso no fundo da garganta. Você me protege. Você me transporta de um lugar para outro. Você leva recados. Em uma emergência, mas só em uma emergência, você machuca pessoas que precisam ser machucadas. No evento improvável da minha morte, você conduz minha vigília...

O senhor Nancy abriu a porta do saguão do hotel para ele, depois correu e abriu a porta traseira da Kombi. Os outros quatro estavam esperando próximos ao Humvee, observando, como seja não pudessem mais esperar para ir embora. Loki colocou o quepe de motorista de volta na cabeça. O vento fazia as roupas de Shadow esvoaçarem, enquanto ele andava, e remexera os lençóis.

Ele colocou Wednesday da maneira mais suave que conseguiu na traseira da Kombi.

Alguém deu um tapinha no seu ombro. Shadow se virou. Town estava ali parado com a mão esticada. Ele segurava alguma coisa.

— Toma. O senhor World queria que você ficasse com isto. Era um olho de vidro. Havia uma rachadura fina no meio dele, e uma lasquinha minúscula faltando no meio.

— Achamos no salão da maçonaria quando fizemos a limpeza. Guarde pra ter sorte. Deus sabe que você vai precisar.

Shadow fechou a mão em volta do olho. Gostaria de ter dado alguma resposta ferina e esperta, mas Town já tinha voltado para o Humvee, e já havia entrado no carro. E Shadow não conseguiu pensar em nada inteligente para dizer.

Dirigiram-se para o leste. O amanhecer os encontrou em Princeton, Missouri. Shadow ainda não tinha dormido. Nancy disse:

— A gente pode deixar você em algum lugar? Se eu fosse você, arrumava uma identidade falsa e fugia pro Canadá ou pro México.

— Vou ficar com vocês, caras — disse Shadow. — Seria o que o Wednesday ia querer que eu fizesse.

— Você não trabalha mais pra ele. Ele morreu. Assim que entregarmos o corpo, você está liberado.

— Pra fazer o quê?

— Ficar fora do caminho, enquanto a guerra se desenrola — disse Nancy. Ele acionou o pisca-pisca e virou à esquerda.

— Fica escondido durante algum tempo — disse Czernobog. — Depois, quando tudo isso terminar, você volta pra mim, e eu termino o serviço.

— Pra onde vamos levar o corpo?

— Pra Virgínia. Lá tem uma árvore — disse Nancy.

— Uma árvore do mundo — falou Czernobog, com uma certa satisfação sombria. — Tinha uma dessas no meu pedaço do mundo. Mas a nossa cresce embaixo do mundo, não em cima.

— Colocamos ele aos pés da árvore — disse Nancy — e deixamos lá. Você vai embora. Pegamos o caminho pro sul. Há uma batalha. Sangue é derramado. Muitos morrem. O mundo muda, um pouco.

— Vocês não me querem na sua batalha? Eu sou bem grande. E sou bom de briga.

Nancy voltou a cabeça para Shadow e sorriu — o primeiro sorriso verdadeiro que Shadow viu no rosto do senhor Nancy, desde que resgatou Shadow da cadeia do condado de Lumber.

— A maior parte desta batalha vai ser travada em um lugar inatingível e intocável pra você.

— Nos corações e nas mentes das pessoas — disse Czernobog. — Do mesmo jeito que aconteceu no grande carrossel.

— Hã?

— Lá na Casa na Pedra.

— Ah — disse Shadow. — Atrás do palco. Entendi. Igual ao deserto com os ossos.

O senhor Nancy levantou a cabeça.

— Cada vez que acho que não tem juízo suficiente, a ponto de oferecer suas entranhas pra um urso, você me surpreende. É, é lá mesmo que a batalha de verdade vai acontecer. O resto só vai ser um monte de relâmpagos e de trovões.

— Me fala como é a vigília — disse Shadow.

— Alguém tem que ficar com o corpo. É uma tradição. Vamos achar alguém.

— Ele queria que eu fizesse isso.

— Não — disse Czernobog. — Vai matar você. Ideia ruim, ruim, ruim.

— É? Vou morrer? De ficar com o corpo dele?

— Não é o que eu ia querer pró meu enterro — disse o senhor Nancy. — Quando eu morrer, só quero que me plantem em algum lugar quente. E depois, quando as mulheres bonitas passarem em cima do meu túmulo, eu agarro a canela delas, igual àquele filme.

— Eu nunca vi aquele filme — disse Czernobog.

— Claro que viu. É bem no fim. É o filme da escola. Com aquelas crianças indo pro baile de formatura.

Czernobog sacudiu a cabeça. Shadow disse:

— O filme se chama Carrie, a estranha, senhor Czernobog. Tudo bem, um de vocês me explica como é a vigília. Nancy disse:

— Você explica. Eu estou dirigindo.

— Eu nunca ouvi falar de nenhum filme chamado Carrie, a estranha. Você explica.

Nancy disse:

— A pessoa encarregada da vigília fica amarrada na árvore. Do mesmo jeito que Wednesday ficou. E então fica lá esperando nove dias e nove noites. Sem comida, sem água. Sozinha. No fim, soltam a pessoa, e, se ela sobreviver... bom, pode acontecer. E o Wednesday vai ter tido a vigília dele.

Czernobog disse:

— Talvez o Alviss possa mandar alguém do pessoal dele. Um anão conseguiria sobreviver.

— Eu vou fazer a vigília — disse Shadow.

— Não — disse o senhor Nancy.

— Vou.

Os dois velhos ficaram em silêncio. Finalmente, Nancy disse:

— Por quê?

— Porque é o tipo de coisa que uma pessoa viva faria — disse Shadow.

— Você é louco — disse Czernobog.

— Talvez. Mas eu vou fazer a vigília de Wednesday.

Quando pararam para encher o tanque, Czernobog anunciou que estava enjoado e que queria ir na frente. Shadow não se importava em mudar para a traseira da Kombi. Ele poderia se esticar mais e dormir.

Seguiram o caminho em silêncio. Shadow sentia que tinha tomado uma decisão;

algo importante e estranho.

— Ei, Czernobog — disse o senhor Nancy, depois de um tempo. — Você reparou no garoto da técnica lá no hotel? Ele não estava feliz. Estava mexendo com alguma coisa que deu o troco pra ele. Esse é o maior problema dos garotos novos... acham que sabem tudo e não aprendem nada, a não ser pela maneira mais difícil.

— Que bom — disse Czernobog.

Shadow estava totalmente esticado no banco detrás. Ele se sentia como se fosse duas pessoas, ou mais de duas. Uma parte dele se sentia suavemente exultante: ele tinha realizado alguma coisa... tinha se mexido. Não importava se não quisesse viver, mas ele queria viver, sim, e aquilo fazia toda a diferença. Ele esperava sobreviver àquilo, mas estava pronto para morrer, se fosse necessário. E, por um instante, pensou que a coisa toda era engraçada, era a coisa mais engraçada do mundo; e ficou imaginando se Laura apreciaria a piada.

Havia outra parte dele — talvez fosse Mike Ainsel, ele pensou, transformado em nada com o pressionar de um botão no Departamento de Polícia de Lakeside — que ainda estava tentando entender aquilo tudo, tentando enxergar o todo.

— Índios escondidos — ele disse em voz alta.

— O quê? — veio o coaxar irritado de Czernobog do banco da frente.

— Aqueles desenhos que dão pra gente colorir quando se é criança. "Você consegue ver os índios escondidos? Tem dez indiozinhos nesse desenho, você consegue achar todos eles?" E, à primeira vista, você só conseguia ver a cachoeira, as pedras e as árvores, depois você percebe que, se virar um pouco o desenho, a sombra é um índio...

Ele bocejou.

— Dorme — sugeriu Czernobog.

— Mas o todo... — disse Shadow.

Então ele dormiu, e sonhou com índios escondidos.

A árvore ficava na Virgínia. Ficava muito longe de qualquer lugar, nos limites de uma antiga fazenda. Para chegar até a fazenda, precisaram rodar quase uma hora ao sul de Blacksburg, passando por estradas com nomes como Pennywinkle Branch e Rooster Spur. Eles se enganaram de caminho duas vezes e o senhor Nancy e Czernobog perderam a paciência com Shadow e um com o outro.

Pararam para pedir informações em um armazém minúsculo, no sopé de uma montanha, onde a estrada bifurcava. Um velho saiu dos fundos da loja e olhou para eles: vestia um macacão jeans da Oshkosh B'Gosh e mais nada, nem sapatos. Czernobog escolheu uma pata de porco em conserva de um pote no balcão e saiu para comer no terraço, enquanto o homem de macacão desenhava mapas para o senhor Nancy em guardanapos, assinalando viradas e pontos de referência locais.

Colocaram-se a caminho mais uma vez, com o senhor Nancy dirigindo, e chegaram lá em dez minutos. Uma placa no portão dizia FREIXO.

Shadow saiu da Kombi e abriu o portão. A Kombi passou, sacolejando através da estrada de terra no meio do descampado. Ele fechou o portão e andou um pouco atrás da Kombi, esticando as pernas, correndo enquanto a Kombi se distanciava um pouco, apreciando a sensação de mexer o corpo.

Havia perdido toda a noção do tempo na viagem desde o Kansas. Será que eles estavam viajando há dois dias? Três dias? Ele não sabia.

O corpo na traseira da Kombi não parecia apodrecer. Ele podia sentir o cheiro dele — um odor fraco de Jack Daniel's, coberto por algo que poderia ser mel azedo. Mas o cheiro não era desagradável. De vez em quando, tirava o olho de vidro do bolso e olhava para ele: estava quebrado bem no fundo, fraturado pelo que ele imaginava ser o impacto de uma bala de revólver mas, além de uma lasca na íris, a parte da frente estava intacta. Shadow ficava rolando o objeto nas mãos, passando da direita para a esquerda, pegando cada vez com um dedo diferente. Era um souvenir medonho, mas estranhamente reconfortante: e ele suspeitava que Wednesday teria se divertido com a ideia de saber que seu olho acabaria no bolso de Shadow.

A sede da fazenda estava escura e fechada. Os pastos estavam cheios de mato e pareciam abandonados. O telhado da casa estava caindo no fundo e era coberto com um plástico preto. Chegaram ao topo de uma subida e Shadow enxergou a árvore.

Era cinzenta-prateada e mais alta do que a sede da fazenda. Era a árvore mais bonita que Shadow já tinha visto: espectral e ainda assim completamente real e quase perfeitamente simétrica. Também lhe pareceu familiar no mesmo instante: perguntou a si mesmo se não tinha sonhado com ela, depois percebeu que não, que já havia visto uma representação dela antes, muitas vezes. Era o alfinete prateado da gravata de Wednesday.

A Kombi sacolejava e dava solavancos pelo meio do descampado, e parou a cerca de 6 metros do tronco da árvore.

Havia três mulheres paradas ao lado da árvore. À primeira vista, Shadow pensou que fossem as Zoryas, mas, não, eram três mulheres que ele não conhecia. Pareciam cansadas e entediadas, como se estivessem ali há muito tempo. Cada uma segurava uma escada de madeira. A maior delas também carregava um saco marrom. Pareciam um conjunto de bonecas russas: uma alta — da altura de Shadow, ou talvez até mais —, uma de tamanho médio e uma tão baixinha e encurvada que, à primeira vista, Shadow a tomara erroneamente por uma criança. Elas se pareciam tanto uma com a outra que Shadow teve certeza de que as mulheres eram irmãs.

A menor das mulheres fez uma reverência quando a Kombi apareceu. As outras duas só olharam. Estavam dividindo um cigarro, e fumaram até alcançar o filtro antes que uma delas apagasse a bituca na raiz da árvore.

Czernobog abriu a traseira da Kombi. A mulher maior o empurrou para o lado e, com tanta facilidade como se fosse um saco de farinha, colocou o corpo de Wednesday nas costas e o carregou, deitando-o no chão a uns 3 metros da árvore. As três desembrulharam o corpo de Wednesday. A aparência dele era bem pior à luz do dia do que à luz de velas no quarto do hotel e, depois de uma olhadela rápida, Shadow virou para o outro lado. As mulheres arrumaram as roupas dele, alisaram seu terno, então o

colocaram na ponta do lençol e o enrolaram mais uma vez.

Então, dirigiram-se para Shadow:

— É você? — a maior delas perguntou.

— Aquele que vai velar o Pai de Todos? — perguntou a do meio.

— É de sua escolha assumir a vigília? — perguntou a menor. Shadow assentiu com a cabeça. Depois, não foi capaz de se lembrar se havia mesmo escutado as vozes. Talvez tivesse entendido o que elas queriam dizer apenas por sua aparência e seus olhares.

O senhor Nancy, que tinha ido até a casa para usar o banheiro, voltou caminhando até a árvore. Estava fumando uma cigarrilha. Parecia pensativo.

— Shadow, você não precisa mesmo fazer isso. Podemos achar alguém mais apropriado.

— Vou fazer — disse Shadow, simplesmente.

— E se você morrer? — perguntou o senhor Nancy. — E se isso matar você?

— Então, matou.

O senhor Nancy jogou a cigarrilha no pasto, com raiva.

— Eu achei que você tinha merda na cabeça, mas estou vendo que a coisa é pior. Não consegue ver quando alguém está dando uma deixa?

— Desculpe — disse Shadow.

Ele não falou mais nada. Nancy voltou para a Kombi.

Czernobog foi até o lugar onde Shadow estava. Ele não parecia contente.

— Você precisa sair desta vivo — disse. — Saia vivo por mim.

Então bateu com os nós dos dedos gentilmente na testa de Shadow e disse:

— Bom.' Apertou o ombro de Shadow, deu tapinhas amigáveis no seu braço e foi juntar-se ao senhor Nancy.

A mulher maior, cujo nome parecia ser Urtha ou Urder — Shadow não conseguira repetir, para a satisfação dela — disse a ele, com uma pantomima, que tirasse as roupas.

— Todas elas?

A mulher grande deu de ombros. Shadow ficou só de cueca e camiseta. As mulheres apoiaram as escadas contra a árvore. Uma das escadas — pintada à mão, com pequenas flores e folhas rodeando os suportes — foi apontada para ele.

Shadow subiu os nove degraus. Então, a pedido delas, passou para um galho baixo.

A mulher do meio despejou o conteúdo do saco na grama do pasto. Estava cheio de um emaranhado de cordas finas, marrons por causa da idade e da sujeira, e a mulher começou a separá-las pelo comprimento, e a arrumá-las cuidadosamente ao lado do corpo de Wednesday.

Cada uma subiu então sua própria escada e começaram a tecer as cordas, em nós intrincados e elegantes. Enrolaram as cordas primeiro ao redor da árvore, depois em volta de Shadow. Com destreza, como parteiras ou enfermeiras ou pessoas que preparam cadáveres, removeram a camiseta e a cueca dele, então o amarraram, nunca apertando, mas sempre com firmeza. Ele ficou impressionado pela maneira confortável com que as cordas e os nós aguentavam seu peso. As cordas passavam por debaixo de seus braços, pelo meio de suas pernas, em volta de sua cintura, de seus tornozelos e de seu peito, prendendo-o à árvore.

A última corda foi amarrada, frouxa, em volta de seu pescoço. Inicialmente pareceu desconfortável, mas o peso dele estava bem distribuído, e nenhuma das cordas cortava a pele.

Seus pés estavam a 1,5 metro do chão. A árvore era enorme e sem folhas, com os galhos pretos contra o céu cinzento, e casca de uma cor cinzenta-prateada.

E levaram as escadas embora. Houve um momento de pânico quando todo o peso ficou apoiado nas cordas, e ele desceu alguns centímetros. Ainda assim, não emitiu nenhuma palavra ou lamento.

As mulheres acomodaram o corpo, enrolado em sua mortalha de lençol de hotel, aos pés da árvore, e o deixaram ali.

Deixaram-no ali sozinho.

CAPÍTULO QUINZE

Hang me, O hang me, and I'll be dead and gone, Hang me, O hang me, and I'll be dead and gone, I wouldn't mind lye hangin, it's been gone só long, its lyin' in lye grave só long. [191](#)

— Canção antiga

No primeiro dia em que Shadow ficou pendurado na árvore, experimentou só um desconforto, que lentamente se transformou em dor, e em medo, e, ocasionalmente, em uma emoção que estava em algum lugar entre o tédio e a apatia: uma aceitação cinzenta, uma espera.

Ele ficou lá pendurado.

O ar estava parado.

Depois de várias horas, estouros ligeiros de cor começaram a explodir na frente de seus olhos, em botões de carmim e dourado, latejando e pulsando com vida própria.

A dor nos braços e nas pernas se tornou, gradativamente, intolerável. Se ele relaxasse os membros e deixasse o corpo frouxo balançar, se ele se inclinasse para a frente, então a corda ao redor de seu pescoço ficaria mais apertada e o mundo iria tremer e flutuar. Por isso, ele se apoiava contra o tronco da árvore. Conseguia sentir o coração batendo com dificuldade no peito, uma tatuagem latejante e fora de ritmo à medida que bombeava o sangue através do corpo...

Esmeraldas, safiras e rubis se cristalizavam e explodiam na frente de seus olhos. Sua respiração vinha em goles superficiais. A casca da árvore era áspera contra suas costas. O frio da tarde sobre sua pele nua fazia com que ele tremesse, fazia com que sua pele ficasse arrepiada e doída, como se estivesse sendo espetado por mil espinhos.

É fácil, alguém disse no fundo da sua mente. Existe um truque para aguentar. Ou você descobre, ou morre.

Ele ficou contente com aquela ideia, e a repetiu uma vez depois da outra no fundo da mente, em parte como um mantra, em parte como um verso infantil, acompanhando o ritmo das batidas de seu coração.

É fácil, existe um truque para aguentar, ou você descobre, ou morre. É fácil, existe um truque para aguentar, ou você descobre, ou morre. É fácil, existe um truque para aguentar, ou você descobre, ou morre. É fácil, existe um truque para aguentar, ou você

descobre, ou morre.

O tempo passava. O cântico continuava. Ele conseguia ouvi-lo. Alguém repetia as palavras, só parou quando a língua de Shadow ficou seca, com a mesma textura da pele. Ele deu um impulso para cima e para longe da árvore com os pés, tentando apoiar seu peso de maneira que ainda conseguisse encher os pulmões.

Respirou até não aguentar mais ficar naquela posição, então voltou a largar o peso sobre as amarras, e ficou pendurado na árvore.

Quando o rangido começou — um rangido bravo, engraçado — fechou a boca; preocupado que fosse ele mesmo a fazer aquele barulho; mas o barulho continuou. Então, é o mundo rindo de mim, pensou. Sua cabeça pendeu para um lado. Alguma coisa correu tronco abaixo ao lado dele e parou ao lado da sua cabeça. Falou bem alto em seu ouvido, uma palavra que soava muito como "ratatosk". Shadow tentou repelir, mas a língua colou no céu da boca. Ele se virou, lentamente, e olhou para um rosto marrom-acinzentado e para as orelhas pontudas de um esquilo.

Cara-a-cara, ele descobriu, um esquilo parece bem menos fofo do que a distância. A criatura parecia um rato perigoso, não era doce nem sedutora. E seus dentes pareciam afiados. Shadow torceu para não ser tomado como ameaça, ou como fonte de alimento. Ele não achava que esquilos fossem carnívoros... mas e daí? Tantas coisas que ele achava que não eram se revelaram ser...

Ele dormiu.

A dor o acordou várias vezes nas horas que se seguiram. Tirou-o de um sonho sombrio em que crianças mortas se levantavam e vinham a ele, com os olhos descamando, como pérolas inchadas, e o repreendiam por tê-las decepcionado. Uma aranha andou por seu rosto, e ele acordou. Sacudiu a cabeça, assustando ou desalojando o animal, e voltou aos seus sonhos — e agora um homem com cabeça de elefante, barrigudo, com uma das presas quebradas, estava indo em sua direção, montado em um rato enorme. O homem com cabeça de elefante curvou o tronco na direção de Shadow e disse:

— Se você tivesse me invocado antes de começar essa jornada, talvez alguns de seus problemas teriam sido evitados.

Então o elefante pegou o rato que, de algum modo, tinha ficado pequenininho ao mesmo tempo em que não havia mudado de tamanho, e o passou de uma mão para a outra, com os dedos se fechando quando a criatura pulava de uma palma para a outra, e Shadow não se surpreendeu nem um pouco quando o deus com cabeça de elefante finalmente abriu todas as quatro mãos que possuía para revelá-las perfeitamente vazias. Ele deu de ombros com um par de ombros e depois com o outro, em um movimento peculiarmente fluido, e olhou para Shadow, com o rosto indecifrável.

— Está no baú — Shadow disse ao homem-elefante.

Ele prestou atenção quando o rabo tremelicante desapareceu.

O homem-elefante assentiu com sua enorme cabeça, e disse:

— Sim. No baú. Você vai se esquecer de muitas coisas... Vai abrir mão de muitas

coisas... Vai perder muitas coisas. Mas não vai perder isso.

E foi então que a chuva começou, e Shadow foi levado, tremendo e molhado, de um sono profundo à total vigília. O tremor de seu corpo se intensificou até ficar assustado: ele tremia com mais violência do que pensava ser possível, uma série de tremores convulsivos que se acumulavam um sobre o outro. Ele quis que tudo aquilo parasse, mas continuava a tremer, com os dentes batendo forte, com os membros se contorcendo e sacudindo além de seu controle. Também havia dor real ali, profunda, como uma faca entrando na pele, que cobria o corpo dele com feridas minúsculas e imperceptíveis, íntimas e insuportáveis.

Ele abriu a boca para recolher a chuva que caía, umedecendo os lábios rachados e a língua seca, molhando as cordas que o amarravam ao tronco da árvore. Houve um clarão de relâmpago tão vívido que pareceu um golpe nos olhos dele, transformando o mundo em um panorama intenso de imagem e pós-imagem. Depois o trovão, um estalo, um estrondo e um ruído prolongado. À medida que o trovão ecoava, a chuva dobrava sua intensidade. No meio da chuva e no meio da noite, o tremor acalmou. As lâminas das facas foram guardadas. Shadow não sentia mais o frio, ou melhor, só sentia o frio, mas agora o frio tinha se transformado em uma parte dele.

Shadow pendia da árvore, enquanto os relâmpagos reluziam e formavam garfos de luz através do céu, e o trovão se transformava em um rugido constante, com estalos e estampidos ocasionais, como bombas distantes explodindo no meio da noite. O vento puxava Shadow, tentando afastá-lo da árvore, esfolando sua pele, cortando a carne até o osso; e Shadow entendeu no fundo da alma que a tempestade havia começado de verdade.

Uma alegria estranha despertou dentro dele e começou a rir, enquanto a chuva lavava sua pele nua, os relâmpagos brilhavam e os trovões rugiam tão alto que ele mal podia ouvir a própria risada. Ele estava exultante.

Estava vivo. Nunca havia se sentido assim. Jamais.

Se ele morresse, pensou, se ele morresse agora mesmo, ali na árvore, teria valido a pena viver aquele momento perfeito e maluco.

— Ei! — ele gritou para a tempestade. — Ei! Sou eu! Eu estou aqui! Prendeu um pouco de água entre o ombro nu e o tronco da árvore, torceu a cabeça para o lado e bebeu, chupando e lambendo, e bebeu mais e riu, riu com alegria e satisfação, não com loucura, até que não conseguisse mais rir, até que apenas ficasse lá, pendurado, exausto demais para se mexer.

No pé da árvore, no chão, a chuva deixou o lençol em parte transparente, levantado e puxado para a frente de maneira que Shadow conseguia enxergar a mão morta de Wednesday, que parecia de cera, pálida, e o contorno de sua cabeça. Pensou no Santo Sudário e se lembrou da menina aberta na mesa de Jacquel, em Cairo, e então, como se quisesse contrariar o frio, percebeu que se sentia aquecido e confortável, e que a casca da árvore parecia macia. Ele dormiu mais uma vez e, se sonhou algum sonho dessa vez, não conseguiu se lembrar.

Na manhã seguinte a dor já não era mais local, já não estava mais confinada aos locais em que as cordas cortavam a carne, ou aos locais onde a casca da árvore arranhava

a pele. Agora a dor estava espalhada por todo o corpo.

E ele tinha fome, com dores profundas e vazias, no lugar mais fundo de seu ser. Sua cabeça latejava. Às vezes, imaginava que tinha parado de respirar, que seu coração parara de bater. Então prendia o fôlego até ouvir o coração bombear um oceano para seus ouvidos e até ser forçado a engolir o ar como um mergulhador que chegava à superfície das profundezas do mar.

Parecia que a árvore ia do inferno até o paraíso, e que ele estava pendurado nela desde sempre. Um falcão marrom rodeou a árvore, então pousou em um galho quebrado próximo a ele, depois bateu as asas, voando em direção ao oeste.

A tempestade, que tinha acalmado ao amanhecer, começou a voltar à medida que o tempo passava. Nuvens cinzentas e turvas esticavam-se de um horizonte ao outro. Uma garoa lenta começou a cair. O corpo na base da árvore parecia ter ficado menor, em seu lençol de motel manchado e esvoaçante, encolhendo-se em si mesmo como um bolo de açúcar deixado na chuva.

Às vezes Shadow ardia, às vezes congelava.

Quando os trovões recomeçaram, ele imaginou que estava ouvindo tambores batendo, atabaques no meio das trovoadas e das batidas de seu coração, dentro ou fora da cabeça dele, não fazia diferença.

Ele discernia a dor em cores: o vermelho de um aviso de bar em néon, o verde de um farol de trânsito em uma noite úmida, o azul de uma tela de vídeo vazia.

O esquilo pulou da casca do tronco para o ombro de Shadow, com suas garras afiadas enterrando-se na pele dele. "Ratatosk!", tagarelava. A ponta do nariz do esquilo encostava nos lábios dele. "Ratatosk." Deu um pulo e voltou para a árvore.

Sua pele pegava fogo com alfinetes e agulhas, uma comichão que cobria todo o seu corpo. A sensação era intolerável.

Sua vida estava exposta abaixo dele, na mortalha de lençol de hotel: literalmente exposta, como os itens de algum piquenique dadaísta, um quadro surrealista: ele conseguia enxergar o olhar surpreso da mãe, a embaixada americana na Noruega, os olhos de Laura no dia do casamento...

Ele riu através dos lábios ressecados.

— O que é tão engraçado, cachorrinho? — perguntou Laura.

— O dia do nosso casamento. Você subornou a organista pra tocar a música-tema do Scooby Doo no lugar da Marcha Nupcial quando entrou na igreja. Você lembra?

— Claro que lembro, querido. "Eu teria feito a mesma coisa, se não fosse por aqueles garotos bisbilhoteiros."

— Eu amava tanto você...

Ele parecia sentir os lábios dela sobre os dele, e eram quentes, úmidos e vivos, não frios e mortos, por isso soube que era só mais uma alucinação.

— Você não está aqui, está?

— Não, mas você está me chamando pela última vez. E eu estou chegando. Respirar estava mais difícil agora. As cordas que cortavam sua pele eram um conceito abstrato, como o livre-arbítrio ou a eternidade.

— Durma, cachorrinho.

Apesar de ele pensar que poderia ter ouvido a própria voz, dormiu.

O sol parecia uma moeda de estanho em um céu de chumbo. Shadow estava, percebeu lentamente, acordado, e tinha frio. Mas a sua parte que compreendia aquilo parecia muito distante do resto dele. Em algum lugar, à distância, ele tinha consciência de que sua boca e sua garganta queimavam, dolorosamente, e que estavam rachadas. Às vezes, à luz do dia, via estrelas caírem; outras vezes, via pássaros enormes, do tamanho de um caminhão de entregas, voando em sua direção. Nada o alcançava, nada o tocava.

— Ratatosk. Ratatosk. — A tagarelice tinha se transformado em bronca.

O esquilo aterrissou no ombro dele, pesadamente, com suas garras afiadas, e olhou diretamente para seu rosto. Ele se perguntou se aquilo não seria uma alucinação: o animal segurava uma casca de avelã, como uma xícara de casa de boneca, com as patas da frente. O esquilo apertou a casca contra os lábios de Shadow, que sentiu a água escorrer e, involuntariamente, sugou-a para dentro da boca, bebendo da xícara diminuta. Espalhou a água por seus lábios rachados, por sua língua seca. Molhou a boca com o líquido e engoliu o que sobrou, que não era muito.

O esquilo pulou de volta para a árvore e correu tronco abaixo, em direção às raízes, e então, em segundos, ou em minutos, ou em horas, Shadow não sabia dizer qual medida de tempo (todos os relógios de sua mente estavam quebrados, pensou, e suas engrenagens, porcas e molas não passavam de uma confusão ali embaixo, na grama retorcida), o esquilo voltou com sua xícara de casca de avelã, escalando cuidadosamente, e Shadow bebeu a água que o animal trouxera até ele.

O gosto de lama e de ferro da água encheu sua boca, esfriou sua garganta ressecada. Amenizou seu cansaço e sua loucura.

Na terceira casca de avelã, eleja não tinha mais sede.

Começou então a se debater, puxando as cordas, flagelando o próprio corpo, tentando descer, libertar-se, ir embora.

As cordas eram fortes, e aguentaram firme, e logo ele se exauriu mais uma vez.

Em seu delírio, Shadow transformou-se na árvore. As raízes afundavam-se na argila da terra, para dentro do tempo, para as fontes escondidas. Ele sentiu a fonte da mulher chamada Urd, que quer dizer Passado. Ela era enorme, uma gigante, um montanha subterrânea de mulher, e as águas que guardava eram as águas do tempo. Outras raízes iam para outros lugares. Alguns, secretos. Agora, quando tinha sede, ele puxava água de suas raízes, puxava até o corpo de seu ser.

Ele tinha uma centena de braços que se dividiam em uma centena de milhares de

dedos, e todos os seus dedos apontavam para o céu. O peso do céu era grande sobre seus ombros.

Não que o desconforto tivesse sido amenizado, mas a dor pertencia à figura pendurada na árvore, não à árvore em si. Shadow, em sua loucura, era agora muito mais do que o homem na árvore, era o vento que chacoalhava os galhos nus da árvore do mundo, era o céu cinzento e as nuvens turvas, era o esquilo Ratatosk que corria da raiz mais profunda ao galho mais alto, era o falcão de olhos enlouquecidos que pousava sobre um galho quebrado no topo da árvore analisando o mundo, era o verme no coração da árvore.

As estrelas rodavam, e ele passava suas mãos nas estrelas cintilantes, escondendo-as na palma da mão, trocando-as de lugar, fazendo com que desaparecessem...

Um momento de clareza, no meio da dor e da loucura: Shadow sentiu-se chegando à superfície. Ele sabia que não seria por muito tempo. O sol da manhã o ofuscava. Ele fechou os olhos, na esperança de ficar no escuro. Não faltava muito para acabar. Ele também sabia aquilo. Quando abriu os olhos, Shadow viu que havia um jovem na árvore com ele. Sua pele era marrom-escura. A testa era alta e os cabelos escuros eram bem enroladinhos. Ele estava sentado em um galho acima da altura da cabeça de Shadow. Shadow conseguiria enxergá-lo perfeitamente se suspendesse a cabeça. E o homem era louco. Pôde perceber isso com uma olhadela.

— Você está pelado — disse o louco, como quem conta um segredo, com uma voz esganiçada. — Eu também estou pelado.

— Eu percebi — resmungou Shadow.

O louco olhou para ele, então assentiu e virou a cabeça para baixo e para o lado, como se estivesse tentando acabar com uma cãibra no pescoço. Finalmente, disse:

— Você me conhece?

— Não — disse Shadow.

— Eu conheço você. Eu observei você em Cairo. E observei depois. Minha irmã gosta de você.

— Você é...

O nome fugiu de sua mente. Come animais vítimas de acidentes em estradas. Isso mesmo.

— Você é o Hórus.

O louco assentiu com a cabeça.

— Hórus. Eu sou o falcão da manhã, o abutre da tarde. Eu sou o sol, assim como você também é. E sei o nome verdadeiro de Rã. Minha mãe me disse.

— Que bom — disse Shadow, educadamente.

O louco olhava para o chão abaixo deles com atenção, sem dizer nada. Então se deixou cair da árvore.

Um falcão caiu como uma pedra no chão, deu um rodopio, saiu de seu mergulho, batendo as asas pesadamente, e voou de volta para a árvore, com um filhote de coelho nas garras. Pousou em um galho mais próximo a Shadow.

— Você está com fome? — perguntou o louco.

— Não. Acho que deveria, mas não estou.

— Eu estou com fome.

Comeu o coelho rapidamente, separando a carne do osso, chupando o sangue, cortando a pele, arrancando o couro. Quando terminou, deixou os ossos roídos e a pele macia caírem no chão. Percorreu o galho até estar a um braço de distância de Shadow. Então olhou para ele sem o menor pudor, inspecionando-o com cuidado e com cautela, dos pés à cabeça. Tinha sangue de coelho em seu queixo e em seu peito, e ele limpou a sujeira com as costas da mão.

Shadow sentiu que precisava falar alguma coisa.

— Ei — foi o que disse.

— Ei — disse o louco.

Ele ficou em pé sobre o galho, virou-se para o outro lado e deixou um arco de urina escura cair no descampado, lá embaixo. Demorou muito tempo. Quando terminou, acocorou-se mais uma vez sobre o galho.

— Como é que você se chama? — perguntou Hórus.

— Shadow.

O louco assentiu com a cabeça.

— Você é a sombra. Eu sou a luz. Tudo que existe faz sombra. Então, disse:

~ Vão lutar em breve. Eu estava olhando quando começaram a chegar. E então, o louco disse:

— Você está morrendo, não está?

Mas Shadow não conseguia mais falar. Um falcão bateu as asas, e foi subindo em círculos, planando nas correntes ascendentes de vento para dentro da manhã.

Luar.

Uma tosse sacudiu o esqueleto de Shadow, uma tosse atormentadora e dolorosa que apunhalou seu peito e sua garganta. Ele sentia ânsia de vômito cada vez que respirava.

— Ei, cachorrinho — chamou uma voz que ele conhecia.

Ele olhou para baixo.

O luar queimava branco através dos galhos da árvore, tão claro quanto o dia, e havia uma mulher parada ao luar, no chão abaixo dele, com rosto pálido e oval. O vento chacoalhava os galhos da árvore.

— Oi, cachorrinho.

Ele tentou falar, mas só tossiu, do fundo do peito, durante muito tempo.

— Sabe — ela disse, solícita — isso aí não está me soando muito bem, Ele grasnou:

— Oi, Laura.

Ela olhou para cima com olhos mortos, e sorriu.

— Como foi que você me achou?

Ela ficou em silêncio, por um instante, no luar. Então, disse:

— Você é a coisa mais próxima que eu tenho da vida. Você é a única coisa que me sobrou, a única coisa que não está gélida nem sem gosto nem cinzenta. Podiam colocar uma venda em mim e me jogar no oceano mais profundo que, ainda assim, eu ia saber onde encontrar você. Podiam me enterrar a 200 quilômetros de profundidade que eu ia saber onde você estava.

Ele olhou para baixo, para a mulher ao luar, e seus olhos arderam com as lágrimas.

— Vou cortar as cordas — ela disse, depois de um tempo. — Passo tempo demais salvando a sua vida, não passo? Ele tossiu de novo.

— Não, me deixe aqui. Eu preciso fazer isso. Ela olhou para ele e sacudiu a cabeça.

— Você é louco. Está morrendo aí em cima. Ou vai ficar aleijado, se é que já não está.

— Talvez esteja, mas estou vivo.

— Ë... Acho que está.

— Você me disse no cemitério.

— Parece que foi há tanto tempo, cachorrinho. Então, disse:

— Eu me sinto melhor aqui. Não dói tanto. Sabe o que quero dizer? Mas estou tão seca...

O vento deu uma rajada para cima, e ele pôde sentir o cheiro dela: um feder de carne podre, de doença e de decomposição, penetrante e desagradável.

— Eu perdi o emprego. Era um trabalho noturno, mas disseram que os clientes tinham reclamado. Eu disse a eles que estava doente, mas não ligaram. Estou com tanta sede...

— As mulheres — ele explicou. — Elas têm água. Na casa.

— Cachorrinho... — ela parecia assustada.

— Diz pra elas... diz para elas que eu pedi pra darem água pra você... O rosto branco inclinado para cima olhava para ele.

— Eu preciso ir — ela disse.

Então ela se contorceu, e fez uma careta, e cuspiu alguma coisa branca em cima da grama. A coisa se quebrou quando bateu no chão e fugiu se sacudindo.

Era quase impossível respirar. O peito dele parecia pesado, e sua cabeça oscilava.

— Fica — ele disse, em um sopro que era quase um sussurro, sem ter certeza se ela conseguia ou não escutá-lo. — Por favor, não vá embora.

Ele começou a tossir.

— Passa a noite aqui comigo.

— Vou ficar um pouco.

E então, da mesma maneira que uma mãe fala com um filho, disse:

— Nada vai fazer mal a você, enquanto eu estiver aqui. Sabia? Shadow tossiu mais uma vez. Fechou os olhos — só por um instante, pensou. Mas, quando os abriu novamente, a lua tinha se posto e ele estava sozinho.

Um estrondo e um latejamento em sua cabeça, muito além da dor da enxaqueca, muito além de qualquer tipo de dor. Tudo se dissolvia em borboletinhas minúsculas que o rodeavam como a poeira multicolorida de uma tempestade que havia evaporado para dentro da noite.

O lençol branco enrolado no corpo na base da árvore esvoaçava com barulho ao vento da manhã.

O latejamento cessou. Tudo ficou mais lento. Não havia nada que o fizesse continuar a respirar. Seu coração parou de bater no peito.

A escuridão em que ele entrou desta vez era profunda, iluminada por uma única estrela, e era final.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Eu sei que tem trapaça aqui. Mas é o único jogo que existe nesta cidade.

— Canada Bill Jones

A árvore não estava mais lá, o mundo não estava mais lá, e o céu cinzento da manhã sobre ele não estava mais lá. Agora o céu tinha a cor da meia-noite. Havia uma única estrela fria brilhando lá em cima, sobre sua cabeça, e nada mais. Ele deu um único passo e quase tropeçou.

Shadow olhou para baixo. Havia degraus escavados na pedra, degraus tão grandes que ele imaginou que gigantes os tivessem escavado e descido há muito tempo.

Desceu os degraus, meio pulando, meio saltando de um para o outro. Seu corpo doía, mas era a dor da falta de uso, não a dor torturante de um corpo que ficara pendurado em uma árvore até morrer.

Ele percebeu, sem surpresa, que agora estava totalmente vestido, com calças jeans e uma camiseta branca. Estava descalço. Experimentou um profundo momento de déjà vu: era isso que ele vestia quando esteve no apartamento de Czernobog na noite em que Zorya Polunochnaya contou a ele sobre a constelação chamada Carruagem de Odin. Ela tirou a lua do céu e deu a ele.

Ele soube, de repente, o que aconteceria a seguir. Zorya Polunochnaya estaria lá.

Zorya esperava por ele no fim dos degraus. Não havia lua no céu, mas, mesmo assim, ela estava banhada em luar: seus cabelos brancos eram da cor pálida da lua, e usava a mesma camisola de renda de algodão que vestia naquela noite em Chicago.

Ela sorriu quando o viu, e olhou para baixo, como se estivesse envergonhada.

— Olá — ela disse.

— Oi.

— Tudo bem com você?

— Não sei. Acho que isto talvez seja mais um sonho estranho na árvore. Eu tenho tido uns sonhos bem loucos desde que saí da prisão.

O rosto dela ficou prateado pelo luar (mas não havia lua pairando naquele céu ameixa-escuro, e ali, no fim dos degraus, nem mesmo a estrela solitária era visível), e parecia tanto solene quanto vulnerável. Ela disse:

— Todas as suas perguntas podem ser respondidas, se é isso que você quer. Mas, uma vez obtidas as respostas, nunca mais poderá esquecê-las.

Atrás dela, o caminho bifurcava. Ele precisaria resolver qual caminho tomar, sabia disso, mas havia uma coisa que precisava fazer antes. Colocou a mão no bolso e ficou aliviado quando sentiu o peso conhecido da moeda. Tirou-a dali e segurou-a entre o polegar e o indicador: um dólar com a efígie da Liberdade, de 1922.

— Isto é seu.

Ele se lembrou de que, na verdade, suas roupas estavam aos pés da árvore. As mulheres colocaram as roupas dele no saco de lona de onde tinham tirado as cordas e amarraram a ponta do saco. A maior das mulheres tinha colocado uma pedra pesada em cima, para impedir que saísse voando. E ele também entendeu que, na realidade, o dólar com a efígie da Liberdade estava naquele saco, sob a pedra. Mas, ainda assim, parecia pesado em sua mão, na entrada para o submundo.

Ela pegou a moeda da palma da mão de Shadow com seus dedos finos.

— Obrigada. Ela comprou sua liberdade duas vezes, e agora vai tornar o seu caminho no meio dos lugares escuros mais leve.

Ela fechou a mão em volta do dólar e esticou o braço para cima, o mais alto que conseguiu. Então, soltou a moeda. Ao invés de cair, a moeda flutuou para cima até ficar mais ou menos 30 centímetros acima da cabeça de Shadow. Mas já não era mais uma moeda de prata. Lady Liberdade e sua coroa de pontas não estavam mais lá. O rosto que ele viu na moeda era o rosto indeterminado da lua no céu de verão.

Shadow não conseguia decidir se estava olhando para a lua do tamanho de uma moeda, a 30 centímetros de sua cabeça, ou se estava olhando para uma lua do tamanho do Oceano Pacífico, a milhares de quilômetros de distância. Nem se havia alguma diferença entre as duas ideias. Talvez tudo fosse uma questão de como encarar o assunto.

Ele olhou para o caminho bifurcado à sua frente.

— Que caminho devo escolher? Qual deles é seguro?

— Escolha um, e você não vai poder escolher o outro. Mas nenhum deles é seguro. Que caminho você percorreria... o das verdades duras ou o das boas mentiras?

— O das verdades. Eu já cheguei longe demais pra querer mais mentiras. Ela parecia triste.

— Você vai ter que pagar um preço, então.

— Eu pago. O preço que for.

— Seu nome — ela disse. — Seu nome verdadeiro. Vai ter que entregar pra mim.

— Como?

— Assim — ela disse.

Esticou uma das mãos em direção à sua cabeça. Ele sentiu seus dedos acariciarem

sua pele, depois os sentiu penetrar seu corpo, sua caveira, sentiu-os entrando bem no fundo da cabeça. Sentiu cócegas dentro da cabeça e pela espinha. Ela tirou a mão. Uma chama, como a chama de uma vela, mas queimando com um branco de magnésio claro, cintilava na ponta do seu indicador.

— Isso aí é o meu nome? — ele perguntou. Ela fechou a mão, e a luz se apagou.

— Era.

Ela esticou a mão e apontou para o caminho da direita.

— Por ali. Por enquanto.

Sem nome, Shadow caminhou pela estrada da direita, iluminado pelo luar. Quando se virou para agradecer, não viu nada além de escuridão. Parecia que estava bem no fundo da terra, mas quando olhou para cima, ainda conseguiu ver a lua minúscula.

Virou uma esquina.

Se isso era o que acontecia depois da morte, ele pensou, se parecia bastante com a Casa na Pedra: parte montagem, parte pesadelo.

Ele olhava para si com as roupas azuis da prisão, no escritório do diretor, quando contaram a ele que Laura tinha morrido em um acidente de carro. Viu a expressão em seu próprio rosto — se parecia com um homem que foi abandonado pelo mundo. Ver aquilo o magoou, a impotência e o medo. Ele continuou o caminho, passou pelo meio do escritório cinzento do diretor, e se pegou olhando para a loja de conserto de videocassetes, na periferia de Eagle Point. Três anos antes. É isso aí.

Dentro da loja, ele sabia, estava espancando Larry Powers e B. J. West à morte, machucando seu próprio punho: logo ele sairia dali, carregando um saco pardo de supermercado cheio de notas de 20 dólares, o dinheiro que nunca conseguiram provar que ele havia pegado: sua parte do roubo, e um pouco mais, porque eles não deveriam ter tentado sacanear ele e Laura daquela maneira. Ele só era o motorista, mas tinha feito sua parte, feito tudo que ela tinha lhe pedido...

No julgamento, ninguém mencionou o assalto ao banco, apesar de todos terem vontade de fazê-lo. Não conseguiram provar nada, já que ninguém dizia nada. E ninguém dizia nada mesmo. O promotor, ao contrário, foi forçado a se ater às lesões corporais que Shadow tinha causado em Powers e em West. Ele mostrou fotografias dos dois homens quando chegaram ao hospital local. Shadow mal se defendeu no tribunal; era mais fácil assim. Nem Powers nem West pareciam conseguir se lembrar do motivo da briga, mas cada um deles admitiu que Shadow era seu agressor.

Ninguém mencionou o dinheiro.

Ninguém nem mencionou Laura, e era só isso que Shadow queria, Shadow se perguntou se o caminho das mentiras reconfortantes não teria sido mais fácil de percorrer. Ele se afastou daquele lugar, e seguiu o caminho de pedra para dentro do que parecia ser um quarto de hospital, um hospital público de Chicago, e sentiu o amargor da bile subir à garganta. Ele não queria olhar. Não queria continuar a caminhar.

Na cama do hospital, sua mãe morria de novo. Ela morreu quando ele tinha 16 anos, e, sim, lá estava ele, um adolescente grande e desajeitado, com acne despontando em sua pele cor de café com leite, sentado ao lado da cama, incapaz de olhar para ela, lendo um livro grosso em brochura. Shadow ficou imaginando que livro seria aquele, e deu a volta na cama de hospital para examinar mais de perto. Ficou parado entre a cama e a cadeira, olhando de uma para a outra, o menino grande encolhido em sua cadeira, com o nariz enterrado em *O Arco-Íris da Gravidade*, de Thomas Pynchon, tentando fugir da morte de sua mãe para Londres durante a blitz, a loucura fictícia do livro, sem escape e sem desculpa.

Os olhos de sua mãe estavam fechados em uma paz de morfina: o que ela pensou ser só mais uma crise de células falciformes, mais um episódio de dor a ser suportado, se revelou, como descobriram, tarde demais, ser um linfoma. Sua pele adquirira uma cor amarelo-limão. Ela tinha trinta e poucos anos, mas parecia bem mais velha.

Shadow queria sacudir a si mesmo, o garoto desajeitado que fora uma vez, fazer com eme ele pegasse na mão dela, conversasse, fizesse alguma coisa antes que ela se fosse, como sabia que iria. Mas ele não conseguia tocar em si mesmo e o outro Shadow continuava a ler. Assim sua mãe morreu enquanto ele estava sentado ao lado dela, lendo um livro grosso.

Depois daquilo, ele quase parou de ler. Não dá para acreditar em ficção. Para que serviam os livros, se não podiam proteger você de algo assim?

Shadow saiu do quarto de hospital, pelo corredor cheio de curvas, para dentro das entranhas da terra.

Primeiro, vê sua mãe e não consegue acreditar em como ela é jovem, nem tem ainda 25 anos, ele calcula, antes de sua dispensa médica. Estão na casa deles, mais um apartamento alugado pela embaixada em algum lugar da Europa do Norte. Ele olha em volta para achar alguma coisa que traga uma pista, e ele se vê:

um garoto parecido com um camarão, com grandes olhos cinza-pálidos e cabelos escuros. Estão brigando. Shadow sabe, sem ouvir as palavras, sobre o que estão discutindo: era a única coisa a respeito da qual brigavam, apesar de tudo.

— Quero saber do meu pai.

— Ele já morreu. Não faça perguntas sobre ele.

— Mas quem ele era?

— Esquece. Ele está morto, e você não perdeu nada.

— Eu quero ver uma foto.

— Eu não tenho foto dele.

Era o que ela dizia, e sua voz ficava pesada e aguda. Ele sabia que se continuasse a fazer perguntas, ela começaria a gritar ou até bateria nele. Sabia que não pararia de perguntar, então se virou e caminhou pelo túnel.

A trilha que ele seguia se contorcia, fazia curvas e circulava de volta para si mesma,

e fez com que ele pensasse em peles de cobras, em intestinos e em raízes de árvores muito, muito profundas. Havia um lago à esquerda, ele ouvia o pinga-pinga da água em algum lugar no fundo do túnel, a água que caía mal perturbava a superfície espelhada do lago. Ele se ajoelhou e bebeu, usando as mãos para levar a água aos lábios. Então caminhou até encontrar-se no meio de diversos globos espelhados da era disco, que flutuavam no ar. Era como estar no centro exato do universo com todas as estrelas e todos os planetas ao seu redor. Ele não conseguia ouvir nada, nem a música, nem as conversas gritadas por sobre a música. Agora Shadow olhava para uma mulher que se parecia exatamente com o que sua mãe nunca pareceu durante todos os anos que ele a conheceu, ela não passa de pouco mais de uma criança, apesar de tudo...

E ela está dançando.

Shadow descobriu que não se impressionou nem um pouco quando reconheceu o homem que dançava com ela. Ele não tinha mudado muito em 33 anos.

Ela está bêbada: Shadow pôde perceber à primeira olhada. Ela não está muito bêbada, mas não costuma beber e, dali a mais ou menos uma semana, vai embarcar para a Noruega. Eles beberam margaritas, e ela tinha sal nos lábios e sal nas costas da mão.

Wednesday não usa terno nem gravata, mas o broche em forma de árvore que usa no bolso da camisa brilha e cintila quando a luz do globo espelhado bate nele. Eles formam um casal bonito, considerando-se a diferença de idade. Há uma graça selvagem nos movimentos dele.

Uma música lenta. Ele a puxa com a mão em forma de pata, curvando-se no assento da saia dela de maneira possessiva, e a traz para mais perto. Com a outra mão, pega o queixo dela, empurra-o na direção de seu rosto, e os dois se beijam, lá na pista de dança, enquanto as bolas cintilantes os envolvem para o centro do universo.

Logo depois, eles vão embora. Ela cai para cima dele, que a conduz para fora da casa noturna.

Shadow enfia a cabeça nas mãos, e não os segue, incapaz ou indisposto a presenciar sua própria concepção.

Os globos espelhados não estavam mais lá, e agora a única iluminação vinha da lua minúscula que queimava sobre sua cabeça.

Ele continuou o caminho. Em uma curva da trilha, parou por um instante para tomar fôlego.

Sentiu alguém acariciar suas costas suavemente, de baixo para cima, e dedos suaves fizeram um cafuné nos cabelos da parte de trás de sua cabeça.

— Olá — sussurrou uma voz felina e rouca, por sobre seus ombros.

— Olá — ele disse, virando-se para encará-la. Ela tinha cabelos castanhos, pele castanha e olhos âmbar-dourados, da cor de mel bom. Suas pupilas eram fendas verticais.

— Eu conheço você? — perguntou, confuso.

— Intimamente — ela respondeu, sorrindo. — Eu costumava dormir na sua cama.

E o meu pessoal tem mantido os olhos em você, por mim.

Ela se virou para a trilha à frente dele e apontou para os três caminhos que poderia tomar.

— Tudo bem — ela disse. — Um desses caminhos vai trazer sabedoria. Outro vai completar a sua vida. E o outro vai matar você.

— Eu acho que já estou morto. Morri na árvore. Ela fez um muxoxo.

— Tem morto, tem morto e tem morto. É relativo. Então, ela sorriu mais uma vez.

— Eu poderia fazer uma piada sobre isso, sabe. Alguma coisa sobre os parentes mortos.

— Não. Tudo bem.

— Então — ela disse. — Que caminho você quer seguir?

— Não sei — confessou.

Ela deixou a cabeça cair para um lado, um gesto perfeitamente felino. De repente, Shadow lembrou-se das marcas de garras em seu ombro. Sentiu que começava a corar.

— Se você confiar em mim — disse Bast — posso escolher pra você.

— Eu confio em você — ele disse, sem hesitar.

— Você quer saber o que vai custar?

— Eu já perdi meu nome — ele explicou.

— Nomes vêm e vão. Valeu a pena?

— Valeu. Talvez. Não foi fácil. Como as revelações costumam ser, foi meio que pessoal.

— Todas as revelações são pessoais. É por isso que são suspeitas.

— Não entendo.

— Não. Você não entende. Eu vou ficar com o seu coração. Vamos precisar dele mais tarde.

Ela esticou a mão, enfiou no fundo do peito dele e puxou para fora alguma coisa cor de rubi pulsando, presa entre suas unhas afiadas. Era cor-de-sangue de pomba e feita de luz pura. De maneira rítmica, expandia e se contraía.

Ela fechou a mão, e a coisa não estava mais lá.

— Pegue o caminho do meio — ela disse.

Shadow assentiu com a cabeça e continuou seu trajeto.

O chão estava ficando escorregadio agora. Havia gelo na pedra. A lua em cima de sua cabeça brilhava através de cristais de gelo no ar: havia um halo em volta que deixava a luz difusa. Era bonito, mas tornava a caminhada mais difícil. A trilha não era confiável.

Ele chegou ao lugar onde o caminho se dividia.

Olhou para o primeiro caminho com uma sensação de reconhecimento. Abria-se para uma câmara vasta, ou para um conjunto de câmaras, como um museu escuro. Eleja conhecia aquele lugar. Conseguia ouvir o eco prolongado de barulhinhos minúsculos. Conseguia ouvir o barulho que a poeira faz quando assenta.

Era o lugar com que ele havia sonhado, naquela primeira noite em que Laura fora até ele, no hotel, há tanto tempo. O salão infinito, dedicado aos deuses esquecidos e àqueles cuja própria existência se perdera.

Deu um passo para trás.

Caminhou até a trilha mais distante e olhou para a frente. Havia um ar de Disneylândia naquele corredor: paredes pretas de fibra de vidro com luzes encaixadas nelas. As luzes coloridas piscavam e reluziam dando a ilusão de uma certa ordem, sem razão particular, como as luzinhas de um console de nave espacial da televisão.

Ele também conseguia ouvir algo ali: um zumbido grave, profundo e vibrante, que sentia na boca do estômago.

Parou e olhou para os lados. Nenhum dos caminhos parecia certo. Não mais. Ele estava cheio de caminhos. O caminho do meio, o caminho que a mulher-gato dissera para seguir, aquela era a estrada. Ele se moveu na direção dela.

A lua começava a esmaecer: suas bordas estavam ficando rosadas, um eclipse começava. O caminho estava emoldurado por um enorme portal.

Shadow atravessou o arco, na escuridão. O ar estava quente, e cheirava a pó úmido, como uma rua urbana depois da primeira chuva de verão.

Ele não estava com medo.

Não mais. O medo tinha morrido na árvore, da mesma maneira que ele morrera. Não havia mais medo, nem ódio, nem dor. Nada mais além da essência.

Alguma coisa grande caiu na água, calmamente, à distância, e o barulho ecoou na vastidão. Ele apertou os olhos para tentar enxergar melhor, mas não conseguiu ver nada. Estava escuro demais. E então, da mesma direção que vinham os barulhos de água, uma luz fantasmagórica bruxuleou e o mundo ganhou forma: ele estava em uma caverna e, à sua frente, suave como um espelho, havia água.

Os barulhos ficaram mais próximos e a luz ficou mais clara, e Shadow ficou esperando à margem da água. Logo um barco baixo e de fundo chato apareceu no campo de visão, com uma lamparina branca e cintilante, queimando à medida que a proa se levantava. Outra igual se refletia na água negra e espelhada, poucos metros abaixo da original. O barco era propelido por uma figura alta, e o barulho de água que Shadow ouvira era o som da vara sendo levantada e empurrada, fazendo a embarcação se mover pelas águas do lago subterrâneo.

— Ei, você aí! — gritou Shadow.

Ecos de suas palavras de repente o rodearam: dava para imaginar que todo um coral

de pessoas dava as boas-vindas a ele e o chamavam, e cada uma delas tinha a voz dele.

A pessoa que propelia o barco não respondeu.

O piloto do barco era alto, muito magro. Ele — se é que era um ser masculino — usava uma veste branca sem enfeites, e a cabeça pálida que estava em cima da roupa era tão completamente não-humana que Shadow teve certeza de que era algum tipo de máscara: era a cabeça de um pássaro, pequena em cima de um pescoço comprido, com o bico longo e alto. Shadow tinha certeza de já ter visto aquilo antes, aquela figura fantasmagórica, parecida com um pássaro. Ele puxou pela memória e então, decepcionado, percebeu que estava pensando no mecanismo que funcionava com moedas na Casa na Pedra e na figura pálida, parecida com um pássaro que não se via por inteiro e que deslizava detrás do túmulo da alma do bêbado.

Pingos d'água caíam da proa e da popa e ecoavam, e o rastro da embarcação fazia ondas nas águas envidraçadas. O barco era feito de junco, unido e amarrado.

O barco chegou perto da margem. O piloto debruçou-se sobre sua vara. Sua cabeça voltou-se lentamente, até encarar Shadow.

— Olá — disse, sem mexer seu longo bico.

A voz era masculina e, como tudo mais na vida após a morte de Shadow até agora, familiar.

— Suba a bordo. Temo que você vá molhar os pés, mas não posso fazer nada. Estes barcos são velhos e, se eu chegar mais perto, posso cortar o fundo.

Shadow tirou os sapatos e pisou na água. Chegava até o meio das panturrilhas, e era, depois do choque inicial da umidade, surpreendentemente quente. Ele alcançou o barco e o piloto estendeu a mão e o puxou para bordo. O barco de junco balançou e um pouco de água entrou pelas laterais. Depois, nivelou-se.

O piloto usou sua vara para se afastar da margem. Shadow ficou lá em pé observando, com as barras das calças pingando.

— Eu conheço você — disse à criatura na proa.

— Conhece mesmo — confirmou o marinheiro. A lamparina pendurada na frente do barco queimava com mais irregularidade, e a fumaça que soltava fez com que Shadow tossisse.

— Você trabalhou para mim. Parece que foi necessário enterrar Lila Goodchild sem você.

A voz era exigente e precisa.

A fumaça fazia os olhos de Shadow arderem. Ele enxugou as lágrimas com a mão c, através da fumaça, pensou ver um homem alto de terno, com óculos de aros dourados. A fumaça diminuiu e o marinheiro era mais uma vez uma criatura semi-humana com a cabeça de um pássaro aquático.

— Senhor Ibis?

— É bom ver você — disse a criatura, com a voz do senhor Ibis. — Você sabe o que é um psicopompo?

Shadow achou que conhecia a palavra, mas já fazia muito tempo. Sacudiu a cabeça.

— É um termo chique para escolta. Nós todos temos tantas funções, tantas maneiras de existir. Na minha visão de mim mesmo, eu sou um catedrático que vive calmamente, e anota seus pequenos contos, e sonha com um passado que pode ou não ter existido. E que é verdade, até onde sei. Mas eu também sou, em uma das minhas habilidades, como muitas das pessoas com quem você resolveu se associar, um psicopompo. Eu escolto os vivos para o mundo dos mortos.

— Eu pensei que este aqui fosse o mundo dos mortos — disse Shadow.

— Não. Não per se. É mais uma preliminar, O barco escorregava e deslizava pela superfície espelhada do lago subterrâneo. E então o senhor Ibis falou, sem mexer o bico:

— Vocês falam sobre os vivos e sobre os mortos como se fossem duas categorias mutuamente excludentes. Como se um rio também não pudesse ser uma estrada, ou como se uma música não pudesse ser uma cor.

— Não pode — disse Shadow. — Pode?

Os ecos sussurravam suas palavras de volta para ele do outro lado do lago.

— O que você precisa lembrar — disse o senhor Ibis, impaciente — é que a vida e a morte são lados diferentes da mesma moeda. Como cara e coroa.

— E se eu tiver uma moeda com duas caras?

— Você não tem.

Shadow então sentiu um arrepio, enquanto cruzavam a água escura. Ele imaginou que via rostos de crianças debaixo da superfície espelhada da água, olhando para ele com reprovação: os rostos estavam encharcados e inchados, com olhos cegos turvos. Não havia vento naquela caverna subterrânea para perturbar a superfície negra do lago.

— Então eu morri — disse Shadow.

Ele estava se acostumando com a ideia.

— Ou vou morrer.

— Estamos a caminho do Salão dos Mortos. Eu pedi pra levar você até lá.

— Por quê?

— Você foi um bom trabalhador. Por que não?

— Porque... — Shadow colocava os pensamentos em ordem. — porque eu nunca acreditei em vocês. Porque eu não esperava isso. O que aconteceu com São Pedro e os portões do Paraíso?

A cabeça branca de bico comprido sacudiu de um lado para o outro, com gravidade.

— Não faz a mínima diferença se você acreditava em nós ou não... Nós

acreditávamos em você.

O fundo do barco encostou no fundo do lago. O marinheiro desceu pela lateral, para dentro da água, e disse a Shadow que fizesse o mesmo. O senhor Ibis pegou uma corda da proa do barco e entregou a lamparina para Shadow carregar. Tinha o formato da lua crescente. Saíram da água, e o senhor Ibis amarrou o barco em uma argola de metal no chão rochoso. Então pegou a lamparina e caminhou rapidamente para a frente, segurando a lâmpada no alto à medida que andava, jogando vastas sombras pelo chão de pedra e pelas paredes altas de pedra.

— Você está com medo? — perguntou o senhor Ibis.

— Não mesmo.

— Bom, tente cultivar emoções de pavor verdadeiro e de terror espiritual enquanto caminhamos. São os sentimentos apropriados para a situação que está por vir.

Shadow não estava assustado. Estava interessado e apreensivo, nada mais. Não tinha medo da escuridão desviada, nem de estar morto, nem mesmo da criatura com cabeça de cachorro, ou do tamanho de um silo de grãos que olhava para eles à medida que se aproximavam. O bicho rugiu, do fundo da garganta, e Shadow sentiu os pelos da nuca se arrepiarem.

— Shadow, agora é a hora do julgamento. Shadow olhou para cima, para a criatura:

— Senhor Jacquel?

As mãos de Anubis se abaixaram, mãos enormes e escuras, pegaram Shadow e o trouxeram mais para perto.

A cabeça de chacal o examinou com olhos brilhantes e reluzentes; examinaram-no tão desinteressadamente quanto o senhor Jacquel examinara a garota morta no necrotério. Shadow sabia que todas as suas falhas, seus defeitos e suas fraquezas estavam sendo tiradas, pesadas e medidas. Que, de certa maneira, ele estava sendo dissecado, fatiado, experimentado.

Nem sempre nos lembramos das coisas que depõem contra nós. Justificamos, nós as cobrimos com mentiras claras ou com a poeira espessa do esquecimento. Todas as coisas que Shadow havia feito na vida e de que não se orgulhava, todas as coisas que ele preferiria ter feito de outro jeito ou deixado por fazer, voltavam para ele em uma tempestade em redemoinho de culpa, de arrependimento e de vergonha... Ele não tinha nenhum lugar para se esconder. Ele estava tão nu e tão aberto quanto um cadáver na mesa, e o escuro Anubis, o deus-chacal, era seu dissecador, seu acusador e seu perseguidor.

— Por favor — disse Shadow. — Por favor, pare.

Mas o exame não parou. Cada mentira que ele contou, cada objeto que roubou, cada ferida que causou a outra pessoa, todos os crimes pequenos e os assassinatos minúsculos que compõem um dia, cada uma dessas coisas e mais ainda foram extraídas e trazidas à luz pelo juiz dos mortos com cabeça de chacal.

Shadow começou a chorar, dolorosamente, na palma da mão do deus. Ele era

novamente uma criancinha, mais indefeso e mais impotente do que jamais fora.

E então, sem aviso, tudo havia terminado. Shadow ofegava, e soluçava, e seu nariz escorria; ele ainda se sentia indefeso, mas as mãos o colocaram com cuidado, quase com ternura, no chão de pedra.

— Quem está com o coração dele? — rugiu Anubis.

— Eu — ronronou uma voz de mulher.

Shadow olhou para cima. Bast estava parada ali, ao lado da coisa que não era mais o senhor Ibis, e segurava o coração de Shadow na mão direita. Fazia com que o rosto dela se acendesse com uma luz cor-de-rubi.

— Entregue-o para mim — disse Thoth, o deus com cabeça de Íbis. Pegou o coração nas mãos, que não eram mãos humanas, e deslizou para a frente. Anubis colocou uma balança de ouro na frente dele.

— Então, é aqui que a gente vai descobrir o que eu vou receber? — Shadow sussurrou para Bast. — O céu? O inferno? O purgatório?

— Se a pena se equilibrar — ela disse — você escolhe seu próprio destino.

— E se não?

Ela deu de ombros, como se o assunto a deixasse sem jeito. Então, disse:

— Daí nós damos o seu coração e a sua alma para Ammet, o Comedor de Almas...

— Talvez — ele disse. — Talvez eu consiga algum tipo de final feliz.

— Não só não existem finais felizes — ela explicou a ele — como também não existe final nenhum.

Em um dos pratos da balança, com cuidado e reverência, Anubis colocou uma pena.

Anubis colocou o coração de Shadow no outro prato da balança. Algo se moveu nas sombras sob a balança, algo que deixou Shadow desconfortável demais para olhar muito de perto.

Era uma pena pesada, mas Shadow tinha um coração pesado, e a balança pendia de um lado para o outro de maneira preocupante.

Mas os pratos se equilibraram no final, e a criatura nas sombras desapareceu, insatisfeita.

— Então, é isso — disse Bast, com melancolia. — Só mais uma caveira para a pilha. Que pena. Eu tive esperança de que você serviria para alguma coisa, na confusão atual. É como assistir a um acidente de carro em câmera lenta e não ser capaz de impedi-lo.

— Você não vai estar lá? Ela sacudiu a cabeça.

— Não gosto que outras pessoas escolham as minhas batalhas. Houve silêncio, então, no vasto salão da morte, que ecoava de água e de escuridão.

Shadow disse:

— Então, agora eu escolho pra onde eu vou?

— Escolha — disse Thoth. — Ou nós podemos escolher pra você.

— Não — disse Shadow. — Tudo bem. É a minha chance!

— Bom? — urrou Anubis — Eu quero descansar agora. É isso o que eu quero. Não quero nada. Nem céu, nem inferno, nem nada. Só quero que acabe.

— Tem certeza? — perguntou Thoth.

— Tenho.

O senhor Jacquell abriu a última porta para Shadow, e atrás daquela porta não havia nada. Não havia escuridão. Nem mesmo esquecimento. Só nada.

Shadow aceitou aquilo, completamente e sem reservas, e atravessou a porta para dentro do nada com um deleite estranho e cruel.

CAPÍTULO DEZESSETE

Tudo neste continente vem em grande escala. Os rios são imensos, o frio e o calor do clima são violentos, as perspectivas são magníficas, os relâmpagos e os trovões são tremendos. As desordens incidentes no país fazem com que todas as constituições tremam. Aqui, nossas próprias tolices, nossos delitos, nossas perdas, nossas desgraças e nossa ruína vêm em grande escala.

— Lord Carlisle, para George Selwyn, 1778

O lugar mais importante do sudeste dos Estados Unidos está anunciado em centenas de telhados de celeiros envelhecidos, espalhados pela Georgia, pelo Tennessee e até pelo Kentucky. Em uma estrada cheia de curvas que atravessa a floresta, um motorista passa por um celeiro vermelho apodrecido e vê, pintado no telhado, o aviso:

VISITE A CIDADE DE PEDRA, A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO.

e, no telhado de um barracão de ordenha de vacas em ruínas ali perto, pintado em letras de forma brancas:

VEJA SETE ESTADOS A PARTIR DA CIDADE DE PEDRA, A MARAVILHA DO MUNDO.

Com isso, o motorista é levado a acreditar que a Cidade de Pedra fica certamente depois da próxima esquina, em vez de estar a um dia de viagem de distância, na montanha Lookout, bem na divisa com a Georgia, logo ao sudoeste de Chattanooga, no Tennessee.

A montanha Lookout não é bem uma montanha. Parece mais com uma colina impossivelmente alta e controladora. Os índios chickamauga, uma ramificação dos cherokee, viviam lá quando o homem branco chegou; chamavam a montanha de Chattotonoogee, que foi traduzido como a montanha que sobe até certo ponto.

Na década de 1830, a emenda de relocação indígena de Andrew Jackson exilou-os de suas terras— todos os choctaw, chickamauga, e cherokee e chickasaw — e tropas americanas forçaram cada um dos índios que conseguiram pegar a andar quase 2 mil quilômetros até os novos Territórios Indígenas no lugar que um dia seria Oklahoma, pela trilha de lágrimas: um ato de genocídio por negligência. Milhares de homens, mulheres e crianças morreram no caminho. Quando você venceu, venceu, e ninguém pode discutir.

Porque quem quer que controlasse a montanha Lookout, controlava também a terra; era aquela a lenda. Era um lugar sagrado, apesar de tudo, e era um lugar alto. Na Guerra Civil, a Guerra Entre os Estados, houve uma batalha ali: a Batalha Sobre as Nuvens, que

foi o primeiro dia de luta, e então as forças da União fizeram o impossível e, sem receber ordens, passaram por cima de Missionary Ridge e o tomaram. O Norte tomou a montanha Lookout e venceu a guerra.

Existem túneis e cavernas, algumas muito antigas, sob a montanha Lookout. A maior parte está fechada hoje em dia, apesar de um empresário local ter escavado uma cachoeira subterrânea, que ele chamou de Queda Rubi. Pode ser visitada de elevador. É uma atração turística, apesar de a maior atração turística de todas estar no topo da montanha Lookout. É a Cidade de Pedra.

A Cidade de Pedra começa como um jardim ornamental na encosta da montanha: seus visitantes caminham por uma trilha que os leva por meio de pedras, por cima de pedras, entre pedras. Jogam milho em um cercado de cervos, cruzam uma ponte suspensa e olham através de binóculos que funcionam com uma moeda de 25 centavos para uma paisagem que promete sete Estados nos raros dias ensolarados quando o ar está perfeitamente limpo. E, a partir dali, como uma queda para um inferno estranho, a trilha leva os visitantes, milhões e milhões deles a cada ano, para dentro das cavernas, onde olham para bonecos iluminados com luz negra e arranjados em montagens de histórias infantis e de contos de fadas. Quando vão embora, saem confusos, incertos do motivo por que vieram, do que viram, sem saber se haviam se divertido ou não.

Eles vieram até a montanha Lookout de todos os cantos dos Estados Unidos. Não eram turistas. Vieram de carro, de avião, de ônibus, de trem e até a pé. Alguns voaram — voaram baixo, e só voaram no escuro da noite. Vários viajaram por seus próprios meios por debaixo da terra. Muitos deles vieram de carona, mendigando um lugar em carros de motoristas nervosos e em caminhões. Aqueles que possuíam carros ou caminhões e que viam os que não possuíam caminhando no acostamento das estradas ou esperando em áreas de descanso e em lanchonetes pelo caminho, e reconhecendo-os pelo que eram, ofereciam carona.

Chegaram cobertos de pó e cansados aos pés da montanha Lookout. Olhando para o alto da encosta coberta de árvores conseguiam ver, ou imaginavam as trilhas, os jardins e a cachoeira da Cidade de Pedra.

Começaram a chegar nas primeiras horas da madrugada. Uma segunda leva chegou ao amanhecer. E, durante vários dias, simplesmente continuavam a chegar.

Um caminhão de mudança velho e batido estacionou, despejando várias vilas e rusalkas cansadas de viajar, com a maquiagem borrada, com as meias-calças desfiadas, com olhos que mal conseguiam ficar abertos, e exaustas.

Em uma moita de arvorezinhas no sopé da montanha, um wampyr idoso oferecia um Mariboro para uma criatura nua, parecida com um macaco, coberta por pelos alaranjados e emaranhados. A criatura aceitou educadamente, e os dois fumaram em silêncio, lado a lado.

Um Toyota Previa estacionou ao lado da estrada, e sete chineses, homens e mulheres, desceram. Pareciam, acima de tudo, limpos, e usavam os tipos de ternos escuros que, em alguns países, são usados por oficiais menores do governo. Um deles carregava uma prancheta, e conferia o inventário à medida que descarregavam enormes sacolas de

golfe da traseira do carro, com espadas ornamentadas e empunhaduras esmaltadas, bengalas esculpidas e espelhos. As armas foram distribuídas, entregues, assinadas.

Um comediante antigamente famoso, que se acreditava ter morrido na década de 1920, desceu de seu carro enferrujado e começou a tirar a roupa: suas pernas eram pernas de bode, e sua cauda era curta e caprina.

Quatro mexicanos chegaram, todos sorridentes, com os cabelos pretos e muito brilhantes: passaram entre si uma garrafa que mantinham escondida em um saco de papel pardo, com uma mistura amarga de chocolate em pó, licor e sangue.

Um homem pequeno com uma barba escura e um chapéu preto empoeirado, parecido com uma cartola na cabeça, com payess encaracoladas pendendo das têmporas, e um manto de oração com franjas, esfarrapado, veio até eles caminhando através dos campos. Ele vinha vários metros à frente de seu companheiro, que era duas vezes mais alto do que ele e tinha a cor cinzenta vazia da boa argila polonesa: a palavra escrita na testa dele queria dizer vida.

Continuavam a chegar. Um táxi encostou e vários Rakshasas, os demônios do subcontinente indiano, desceram e começaram a correr de um lado para o outro, olhando para as pessoas no sopé da montanha sem falar, até encontrarem Mama-ji, com os olhos fechados e os lábios se movendo em uma oração. Ela era a única coisa ali que parecia familiar a eles, mas, ainda assim, hesitavam em aproximar-se, lembrando-se das antigas batalhas. Suas mãos esfregavam o colar de caveiras em volta de seu pescoço. A pele parda dele lentamente ficou preta, da cor preta vidrada do azeviche, da obsidiana: os lábios dela se curvaram e seus dentes longos e brancos eram muito afiados. Ela abriu todos os olhos, chamou os Rakshasas para perto de si, e os cumprimentou como cumprimentaria os próprios filhos.

As tempestades dos últimos dias, a norte e a leste, não conseguiram amainar a sensação de pressão e de desconforto no ar. Meteorologistas locais começaram a prevenir as pessoas de ventos que podiam se transformar em tornados, e de áreas de muita pressão atmosférica que ficariam assim durante vários dias. Ali era quente durante o dia, mas as noites eram frias.

Eles se agrupavam em companhias informais, unindo-se às vezes pela nacionalidade, pela raça, pelo temperamento, até mesmo pela espécie. Pareciam apreensivos. Pareciam cansados.

Alguns deles conversavam. Ouvia-se uma risada, ocasionalmente, mas era sempre abafada e esporádica. Pacotes de seis latas de cerveja circulavam.

Vários homens e mulheres locais chegaram caminhando pelas campinas, seu corpos se moviam de maneira estranha: sua vozes, quando falavam, eram as vozes dos Loas que os possuíam: um negro alto falou com a voz de Papa Legba que abre os portões; enquanto Baron Samedi, o senhor Vodum da morte, tomou o corpo de uma adolescente gótica de Chattanooga, possivelmente porque ela possuía sua própria cartola de seda preta, que se acomodava sobre os seus cabelos escuros em um ângulo garboso. Ela falava com a própria

voz profunda de Baron, fumava um charuto enorme, e dava ordens a três dos Gédé, os Loa dos mortos. Os Gédé habitavam os corpos de três irmãos de meia-idade. Carregavam revólveres e contavam piadas de imundice tão espantosa que só eles mesmos estavam dispostos a rir delas, o que faziam, de maneira áspera.

Duas mulheres chickamauga de idade indefinida, vestidas com calças jeans manchadas de óleo e jaquetas de couro surradas, andavam por ali, observando as pessoas e as preparações para a batalha. Às vezes, apontavam os dedos e sacudiam as cabeças. Não pretendiam tomar parte do conflito que estava por vir.

A lua inchou e nasceu ao leste, a um dia de estar cheia. Quando se levantou, imediatamente acima das colinas, de um vermelho alaranjado profundo, parecia do tamanho da metade do céu. À medida que cruzava o firmamento, parecia encolher e empalidecer até pairar no céu como uma lamparina.

Havia tantos deles esperando ali, ao luar, no sopé da montanha Lookout.

Laura tinha sede.

Às vezes pessoas vivas queimavam constantemente em sua mente, como velas, e às vezes pegavam fogo, como tochas. Isso fazia com que fosse fácil evitá-los e, ocasionalmente, com que fosse fácil encontrá-los. Shadow queimou de maneira tão estranha, com sua própria luz, de cima daquela árvore.

Ela havia ralhado com ele certa vez, quando caminharam de mãos dadas, por não estar vivo. Ela havia torcido para ver, naquela ocasião, uma fagulha de emoção pura. Para ver qualquer coisa.

Ela se lembrava de caminhar ao lado dele, desejando que ele conseguisse entender o que tentava dizer.

Mas, ao morrer na árvore, Shadow havia estado completamente vivo. Ela o observara à medida que a vida se esvaía, e ele era concentrado e verdadeiro. Ele tinha pedido a ela que ficasse ali a noite inteira. Ele a tinha perdoado... talvez a tivesse perdoado. Não fazia diferença. Ele havia mudado; era tudo o que ela sabia.

Shadow dissera a ela que fosse até a sede da fazenda, que ali dariam água para que bebesse. Não havia luzes acesas na casa, e ela não conseguia pressentir ninguém lá dentro. Mas ele falou que cuidariam dela. Ela empurrou a porta da casa de fazenda e a abriu, as dobradiças enferrujadas reclamaram o tempo todo.

Algo se moveu dentro do seu pulmão esquerdo, alguma coisa que se debatia e se contorcia e que fazia com que ela tossisse.

Ela se viu em um corredor estreito, com a passagem quase totalmente bloqueada por um piano alto, empoeirado. O interior da construção cheirava à umidade antiga. Ela encolheu a barriga e passou pelo piano, abriu uma porta e entrou em uma sala de estar dilapidada, cheia de mobília jogada. Uma lamparina a óleo queimava sobre a lareira. Havia um fogo de carvão queimando, apesar de ela não ter visto nem sentido o cheiro da fumaça do lado de fora da casa. O fogo não surtia o mínimo efeito sobre o frio que ela sentia naquela sala, apesar de talvez não ser culpa da sala, Laura estava pronta a admitir.

A morte fazia Laura sofrer, apesar de a mágoa se constituir principalmente de coisas que não estavam ali: uma sede ressecada que drenava cada célula dela, uma ausência de calor em seus ossos que era absoluta. Às vezes, ela se pegava pensando se as chamas ardentes e estalantes de uma pira ou o cobertor macio e marrom da terra poderiam aquecê-la; se o mar frio acabaria com sua sede...

Ela percebeu que a sala não estava vazia.

Três mulheres estavam sentadas sobre um sofá velho, como se fizessem parte de um conjunto combinado em alguma exposição de arte esquisita. O sofá era estofado com um veludo surrado marrom desbotado que certa vez, cem anos atrás, poderia ter sido um amarelo-canário forte. Seguiram-na com os olhos quando ela entrou na sala, mas não disseram nada.

Laura não sabia que elas estariam lá.

Alguma coisa se contorceu e caiu em sua fossa nasal. Laura remexeu na manga do casaco, à procura de um lenço de papel, e assoou o nariz. Ela amassou o lenço e jogou o papel e seu conteúdo nos carvões do fogo. Observou, enquanto o embrulho se contraía e escurecia, até formar uma espécie de renda alaranjada. Viu as larvas enrugarem, tostarem e queimarem.

Feito isso, olhou para as mulheres no sofá. Elas não se mexeram desde que ela entrara, nem um músculo, nem um fio de cabelo. Olhavam para ela.

— Olá. Esta fazenda é de vocês? — perguntou. A maior das mulheres assentiu com a cabeça. As mãos dela eram muito vermelhas, e sua expressão estava impassível.

— Shadow... o cara pendurando na árvore. Ele é meu marido... disse pra eu falar pra vocês que ele quer que me dêem água.

Alguma coisa grande se mexeu em seu intestino. Contorceu-se, e então ficou imóvel.

A menor das mulheres desceu do sofá. Antes disso, os pés dela não tinham tocado o chão. Ela saiu apressada da sala.

Laura ouvia portas abrindo e fechando na casa de fazenda. Então, vindos do lado de fora, ouviu vários rangidos altos. Cada um seguido por um jorro de água.

Logo, a mulher pequena voltou. Ela carregava uma jarra de barro cozido cheia de água. Ela a colocou, com cuidado, sobre a mesa, e voltou para o sofá. Deu impulso para cima, com um rodopio e um tremor, e se sentou mais uma vez ao lado das irmãs.

— Obrigada.

Laura caminhou até a mesa, olhou em volta à procura de uma caneca ou de um copo, mas não havia nada do tipo à vista. Pegou a jarra. Era mais pesada do que parecia. A água era perfeitamente límpida.

Ela levou a jarra até os lábios e começou a beber.

A água era mais fria do que ela imaginava que água líquida poderia ser. Congelou

sua língua, seus dentes e sua garganta. Ainda assim ela bebeu, incapaz de parar, sentindo a água congelar todo o trajeto até o estômago, intestino, coração e veias.

A água corria dentro dela. Era como gelo líquido.

Ela percebeu que a jarra estava vazia e, surpresa, colocou-a de volta em cima da mesa.

As mulheres a observavam, sem interesse. Desde que morrera, Laura não pensava em metáforas: as coisas eram ou não eram. Mas agora, enquanto olhava para as mulheres no sofá, descobriu-se pensando em um corpo de jurados, em cientistas observando um animal de laboratório.

Ela começou a tremer, de repente e de maneira convulsiva. Esticou uma das mãos até a mesa para se equilibrar, mas a mesa estava bamba e escorregava, e quase se esquivou dela. Quando encostou a mão na mesa, começou a vomitar. Regurgitou bile e formalina, centopéias e larvas. E então se sentiu começando a evacuar e a mijar: coisas eram expelidas de maneira violenta e úmida do corpo dela. Ela teria gritado se pudesse, mas as tábuas de madeira do chão vieram ao seu encontro tão rápido e com tanta força que, se ela respirasse, teriam tirado-lhe o fôlego.

O tempo passou sobre ela e através dela, rodopiando como um demônio de poeira. Mil memórias começaram a espocar de uma vez só: estava perdida em uma loja de departamentos na semana antes do Natal e seu pai não estava à vista; e agora estava sentada no bar do Chi-Chi, pedindo um daiquiri de morango e analisando o cara que sua amiga arrumara para ela, o homem grande com cara de criança séria, e imaginava como ele beijava; e ela estava no carro que, deixando-a enjoada, capotava e sacudia, e Robbie gritava com ela até que o poste de metal finalmente fez com que o carro parasse de se mover, mas não seu conteúdo...

A água do tempo, que vem da fonte do destino, do Poço de Urd, não é a água da vida. Não mesmo. Alimenta as raízes da árvore do mundo. E não existe nenhuma água como aquela.

Quando despertou na sala vazia da casa de fazenda, Laura tremia e sua respiração de fato fazia nuvens de vapor no ar da manhã. Tinha um arranhão nas costas da mão, e uma coisa úmida sobre o arranhão, o vermelho vívido de sangue fresco.

E ela sabia aonde precisava ir. Ela tinha bebido a água do tempo, que vem da fonte do destino. Ela conseguia ver a montanha em sua mente.

Laura lambeu o sangue das costas da mão, maravilhada com a película de saliva, e começou a caminhar.

Era um dia úmido de março, e estava absurdamente frio. As tempestades dos dias anteriores tinham se deslocado até os Estados do Sul, o que significava que havia poucos turistas na Cidade de Pedra, na montanha Lookout. As luzinhas de Natal tinham sido recolhidas, os visitantes do verão ainda estavam para começar a chegar.

Ainda assim, havia gente lá... até mesmo um ônibus de excursão que encostara ali pela manhã e despejara uma dúzia de homens e mulheres bronzeados, com um sorriso

brilhante e encorajador nos lábios. Pareciam âncoras de telejornais, e quase dava para imaginar que eles eram compostos de pontos brilhantes de fosfato: sua imagem parecia sair suavemente de foco quando se moviam. Um Humvee preto estava estacionado no pátio da frente da Cidade de Pedra.

O pessoal da TV andava intensamente pela Cidade de Pedra, estacionando perto da pedra equilibrada. Conversavam entre si com vozes agradáveis e sábias.

Não eram as únicas pessoas nessa onda de visitantes. Se você percorresse as trilhas da Cidade de Pedra naquele dia, teria reparado em pessoas que se pareciam com astros de cinema, em pessoas que se pareciam com alienígenas, e em um grande número de pessoas que se pareciam com a ideia de uma pessoa e que não tinham nada a ver com a realidade. Você poderia tê-las visto, mas o mais provável é que nem teria reparado nelas.

Chegavam em limusines compridas, em carros esportivos pequenos e em jipes de tamanho descomunal. Muitas delas de óculos escuros, daqueles que usam habitualmente em ambientes fechados e abertos, e que não os removem por vontade própria nem sem preocupação. Havia bronzeados, e ternos, e óculos escuros, e sorrisos e carrancas. Vinham em todos os tamanhos e formatos, em todas as idades e em todos os estilos.

O que todas essas pessoas tinham em comum era um certo ar, um ar bem específico. O jeito delas dizia você me conhece; ou, talvez, você deveria me conhecer. Uma familiaridade instantânea que também era uma distância, uma aparência, ou uma atitude — a confiança de que o mundo existia para elas, e que as acolhia, e que eram adoradas.

O garoto gordo andava no meio dessas pessoas com o arrastar de pés de quem, apesar de não ter nenhum traquejo social, ainda assim tinha ficado mais famoso do que jamais sonhara. Seu casaco preto esvoaçava ao vento.

Alguma coisa parada ao lado da barraquinha de refrescos no display da Corte da Mamãe Ganso tossiu para atrair sua atenção. Era maciça, e lâminas de bisturi se projetavam a partir de seu rosto e de seus dedos. Seu rosto era canceroso.

— Vai ser uma batalha poderosa — disse a ele, com voz pegajosa.

— Não vai ter batalha nenhuma — retrucou o garoto gordo. — O que a gente vai ter que enfrentar aqui é uma porra de mudança de paradigma. É uma extorsão. Modalidades do tipo batalha são uma coisa tão Lao Tzu...

A coisa cancerosa piscou para ele.

— Espera pra ver.

— Tanto faz — disse o garoto gordo. Depois, completou:

— Estou procurando o senhor World. Você viu ele por aí? A coisa se coçou com uma lâmina de bisturi, um lábio inferior cheio de tumores fez um bico de concentração.

— Por ali — disse.

O garoto gordo se afastou, sem agradecer, na direção indicada. A coisa cancerosa esperou sem dizer nada, até que o garoto saísse de seu campo de visão.

— Vai ser uma batalha — disse a coisa para uma mulher com o rosto borrado de pontos de fosfato.

Ela assentiu com a cabeça, e se inclinou para perto da coisa:

— Então, como é que você se sente? — ela perguntou, com voz amigável. A coisa sorriu e começou a explicar.

O Ford Explorer de Town tinha um GPS, um global positioning system, que consiste de uma tela pequena que ouvia os satélites e mostrava ao carro sua localização, mas, ainda assim, continuava perdido ao sul de Blacksburg, nas estradinhas de terra: as estradas que ele percorria pareciam ter pouca relação com o emaranhado de linhas no mapa da tela. Finalmente, Town parou o carro em uma travessa empoeirada, abaixou a janela e perguntou a uma mulher gorda e branca, que era puxada por um pastor-alemão em seu passeio matutino, se sabia onde ficava a fazenda do Freixo.

Ela assentiu com a cabeça, apontou e disse alguma coisa. Ele não entendeu o que ela disse, mas deu um milhão de obrigados, fechou a janela e se encaminhou para a direção genérica que ela tinha apontado.

Continuou o caminho por mais quarenta minutos, percorrendo uma estrada atrás da outra, nenhuma delas a que ele procurava. Town começou a morder o lábio inferior.

— Estou velho demais pra essa merda — disse alto, saboreando o tom de filme e de reconhecimento global do chavão.

Ele estava chegando aos 50. A maior parte de sua vida produtiva tinha sido gasta em um setor do governo que só atendia pelas iniciais, e Town ainda não tinha certeza se ele havia largado seu emprego público por causa de uma colocação no mercado particular há doze anos: às vezes pensava de um jeito, às vezes de outro. De qualquer modo, eram só os zés manes que acreditavam existir alguma diferença.

Estava prestes a desistir da fazenda quando subiu uma colina e viu a placa, pintada à mão, no portão. Dizia simplesmente, como disseram a ele que diria, FREIXO. Encostou o Ford Explorer, desceu, e destorceu o arame que mantinha o portão fechado. Voltou para o carro e atravessou o portão.

Era como cozinhar um sapo, ele pensou. Você coloca o sapo na água, depois liga o fogo. E quando o sapo percebe que há alguma coisa errada, já está cozido. O mundo em que ele trabalhava era esquisito demais. Não havia um chão sólido sob os seus pés; a água na panela borbulhava violentamente.

Quando fora transferido para a Agência, tudo parecia muito simples. Agora tudo era tão... não era complexo, era simplesmente bizarro. Às duas da manhã, naquele dia, ele esteve no escritório do senhor World, e falaram a ele o que fazer:

— Entendeu? — disse o senhor Wyld, entregando-lhe a faca em seu estojo de couro escuro. — Corta um pedaço pra mim. Não precisa ser maior do que meio metro.

— Afirmativo — respondeu. Depois, disse:

— Por que eu preciso fazer isso, senhor?

— Porque eu estou mandando — disse o senhor World, secamente. — Encontre a árvore. Faça o serviço. Vá me encontrar em Chattanooga. Não perca tempo.

— E o bundão?

— Shadow? Se você encontrar com ele, simplesmente evite. Não toque nele. Nem pense em sacanear com ele. Não quero que você transforme o cara em um mártir. Não tem lugar pra mártir nenhum na estratégia de jogo atual.

Ele sorriu então, um sorriso de cicatriz. O senhor World se alegrava com facilidade. O senhor Town já tinha reparado nisso em diversas oportunidades. Além do mais, ele se divertira ao brincar de chofer no Kansas.

— Olha...

— Sem mártires, Town.

E Town assentiu com a cabeça, pegou a faca em seu estojo e empurrou para longe a raiva que se acumulava no fundo de sua alma.

A raiva do senhor Town por Shadow fazia parte do seu ser. Quando adormecia, ele via o rosto solene de Shadow, via aquele sorriso que não era um sorriso, aquele jeito que tinha de sorrir sem sorrir, que fazia Town ter vontade de enfiar os dedos nas entranhas do homem e, mesmo quando caía no sono, sentia sua mandíbula se fechar com força, sua têmporas tensas, sua garganta queimando.

Ele atravessou o descampado com o Ford Explorer, passando por uma sede de fazenda abandonada. Subiu uma ladeira e viu a árvore. Estacionou o carro um pouco depois de passar por ela, e desligou o motor. O relógio no painel dizia que eram 6h38. Deixou as chaves no contato e caminhou em direção à árvore.

A árvore era grande; parecia existir segundo seu próprio senso de escala. Town não sabia dizer se tinha 15 ou 60 metros de altura. Sua casca era da cor cinzenta de uma echarpe de seda fina.

Havia um homem nu amarrado ao tronco, um pouco acima do chão, por uma rede emaranhada de cordas, e algo enrolado em um lençol no pé da árvore. Town percebeu o que era quando passou por ali. Remexeu no lençol com o pé. O rosto meio destruído de Wednesday olhou para ele.

Town alcançou a árvore. Andou ao redor do tronco grosso, para fora da vista da casa da fazenda, então abriu o zíper e mijou contra o tronco da árvore. Fechou o zíper. Caminhou até a casa, encontrou uma escada de madeira retrátil e a carregou até a árvore. Apoitou-a cuidadosamente contra o tronco. Então subiu.

O corpo de Shadow pairava, frouxo, pendurado nas cordas que o prendiam à árvore. Town se perguntou se o homem ainda estaria vivo: seu peito não subia nem descia. Morto ou quase morto, não fazia diferença.

— Oi, seu bundão — Town falou alto.

Shadow não se mexeu.

Town chegou ao topo da escada e tirou a faca do bolso. Encontrou um galho pequeno que parecia satisfazer às especificações do senhor World, e deu golpes em sua base com a lâmina da faca, cortando a metade da grossura, depois quebrando o resto com a mão. Tinha uns 75 centímetros de comprimento.

Guardou a faca de volta no estojo. Então começou a descer os degraus da escada. Quando estava de frente para Shadow, fez uma pausa.

— Meu Deus, eu odeio você.

Gostaria de poder pegar um revólver e atirar nele, e sabia que não podia fazer isso. Então brandiu o galho no ar, na direção do homem pendurado, como se o quisesse apunhalar. Era um gesto instintivo, que continha toda a frustração e a raiva de Town. Imaginou que estava segurando uma lança e remexendo nas entranhas de Shadow.

— Vamos lá. É hora de se mexer.

Então pensou: Primeiro sinal de loucura. Conversar consigo mesmo. Desceu mais alguns degraus, então deu um salto até o chão. Olhou para o galho que segurava e se sentiu como um garotinho, segurando seu pedaço de pau como se fosse uma espada ou uma lança. Eu poderia ter cortado um galho de qualquer árvore, pensou. Não precisava ser esta árvore. Quem é que iria saber, porra?

E pensou: O senhor World saberia.

Carregou a escada de volta até a casa. Com o canto do olho, pensou ter visto algo se mover, e olhou através da janela, para a sala escura cheia de mobília quebrada, com a argamassa descascando das paredes e, por um momento, como se fosse um sonho, imaginou que viu três mulheres sentadas na sala de visitas escura.

Uma delas tricotava, outra olhava diretamente para ele e outra parecia dormir. A mulher que olhava para ele começou a sorrir, um sorriso enorme que parecia dividir seu rosto em dois, um sorriso que cruzava o rosto de uma orelha à outra. Então ela levantou o dedo e o encostou no pescoço, e correu-o lentamente de um lado até o outro.

Foi aquilo que ele pensou ter visto, tudo em um instante, naquele quarto vazio que continha, como vira ao olhar novamente, nada mais do que mobília velha e podre e quadros manchados pelo tempo e sujeira seca. Não havia absolutamente ninguém ali.

Esfregou os olhos.

Town caminhou de volta até o carro marrom e entrou. Jogou o galho sobre o couro branco do assento do passageiro. Virou a chave no contato. O relógio do painel marcava 6h37. Town franziu a testa e checkou o relógio de pulso, que piscava mostrando 13h58.

Ótimo, pensou. Ou eu fiquei em cima daquela árvore durante oito horas, ou durante menos de um minuto. Foi aquilo que ele pensou, mas o que ele acreditava era que ambos os relógios, coincidentemente, tinham começado a se portar mal.

Na árvore, o corpo de Shadow começou a sangrar. A ferida estava na lateral do corpo dele. O sangue que saía dali era lento, grosso e escuro como melado.

Nuvens cobriam o topo da montanha Lookout.

Easter se acomodou a alguma distância da multidão, no sopé da montanha, observando o amanhecer por sobre as colinas a leste. Ela tinha uma corrente de não-me-esqueças azuis tatuada ao redor do pulso esquerdo e esfregava o desenho, com o polegar direito, sem ter consciência de seu ato.

Outra noite chegara e tinha passado, e nada. O pessoal continuava a chegar, gente sozinha e em dupla. A noite anterior trouxera várias criaturas do sudeste, incluindo dois menininhos, cada um do tamanho de uma macieira, e algo que ela só vira de relance, mas que se parecia com uma cabeça sem corpo, do tamanho de um Fusca. Desapareceram no meio das árvores, no sopé da montanha.

Ninguém os incomodava. Ninguém do mundo exterior nem sequer parecia ter notado que eles estavam ali: ela imaginava que os turistas na Cidade de Pedra que olhavam para eles através de seus binóculos que funcionavam com moedas, olhando diretamente para um acampamento de coisas e de pessoas no sopé da montanha, não viam nada além de árvores, arbustos e pedras.

Ela sentia o cheiro de comida sendo feita no fogo, um cheiro de bacon queimado no vento frio do amanhecer. Alguém na outra ponta do acampamento começou a tocar gaita, o que fez com que ela, involuntariamente, sorrisse e tremesse. Easter trazia um livro em sua mochila, e esperava o céu se iluminar o suficiente para poder ler.

Havia dois pontos no céu, imediatamente abaixo das nuvens: um pequeno e um grande. Um respingo de chuva bateu em seu rosto com o vento da manhã.

Uma menina descalça veio do acampamento, caminhando na direção dela. Parou ao lado de uma árvore, levantou as saias e se agachou. Quando terminou, Easter acenou para ela. A garota caminhou até onde ela estava.

— Bom dia, senhora. A batalha deve começar logo.

A pontinha de sua língua cor-de-rosa encostava nos lábios vermelho-escarlate. Ela trazia uma asa de corvo preto presa ao ombro com tiras de couro e uma pata de corvo em uma corrente ao redor do pescoço. Seus braços tinham tatuagens azuis de linhas e padrões e nós intrincados.

— Como é que você sabe? A garota sorriu.

— Eu sou Macha, das Morrigan. Quando a guerra chega, eu consigo sentir o cheiro no ar. Sou uma deusa da guerra e digo, sangue vai ser derramado neste dia.

— Ah — disse Easter. — Bom. Aí está.

Ela observava o menor ponto no céu à medida que caía na direção delas, como uma pedra.

— E nós vamos lutar contra eles e matar um por um. Vamos levar as cabeças como troféus, e os corvos ficarão com os olhos e os cadáveres.

O ponto se transformou em um pássaro com as asas abertas, planando nas rajadas de vento da manhã acima de suas cabeças.

Easter tombou a cabeça para o lado.

— Isso aí é algum tipo de conhecimento oculto de uma deusa da guerra? — perguntou. — Essa coisa aí de quem-é-que-vai-vencer? Quem fica com a cabeça de quem?

— Não. Posso sentir o cheiro da batalha, e é tudo. Mas nós vamos vencer. Não vamos? Nós precisamos vencer. Eu vi o que eles fizeram com o Pai de Todos. São eles ou nós.

— É — disse Easter. — Suponho que sim.

A garota sorriu de novo, à meia-luz, e retraiu seu caminho até o acampamento. Easter abaixou a mão e tocou em um ramo verde que saía da terra como uma lâmina de faca. Quando tocou na planta, ela cresceu, se abriu, se contorceu e se modificou, até que sua mão estivesse apoiada em uma cabeça de tulipa verde. Quando o sol estivesse alto, a flor se abriria.

Easter olhou para cima, para o falcão.

— Posso ajudar?

O pássaro voou em círculos, cerca de 5 metros acima da cabeça de Easter, lentamente, então deslizou em sua direção, e pousou no chão ali perto. Olhou para ela com olhos loucos.

— Oi, fofura, qual é a sua aparência verdadeira, hein? O falcão deu alguns pulinhos incertos na direção dela e não era mais um falcão, mas um rapaz. Olhou para ela e depois, para a grama no chão.

— Você? — disse.

Seu olhar se dirigia para todo lugar. Para a grama, para o céu, para os arbustos. Não para ela.

— Eu — ela disse. — O que é que tem?

— Você.

Ele parou. Parecia estar tentando organizar os pensamentos; expressões estranhas passavam e fluíam pelo rosto dele. Ele passou tempo demais como pássaro, ela pensou. Ele se esqueceu de como ser homem. Ela esperou pacientemente. Afinal, ele disse:

— Você me acompanha?

— Talvez. Aonde você quer que eu vá?

— O homem na árvore. Ele precisa de você. Um fantasma machucou, do lado. O sangue escorreu, depois parou. Acho que ele está morto.

— Está acontecendo uma guerra. Eu não posso simplesmente sair correndo. O homem nu não disse nada, só trocou o apoio de um pé para o outro, como se não tivesse muita certeza do seu peso, como se estivesse habituado a descansar no ar ou em algum galho balançante, não na terra firme. Então, disse:

— Se ele se for para sempre, então tudo está acabado.

— Mas a batalha...

— Se ele se perder, não vai fazer diferença quem vencer. Ele parecia precisar de um cobertor, de uma xícara de café doce e de alguém que o pudesse levar a algum lugar onde pudesse apenas tremer e balbuciar até recuperar a consciência. Ele segurava os braços rigidamente ao lado do corpo.

— Onde fica isso? Aqui perto?

Ele olhou para a tulipa, e sacudiu a cabeça.

— Bem longe.

— Bom — ela disse. — Precisam de mim por aqui. E eu não posso simplesmente ir embora. Como é que você acha que eu vou chegar até lá? Eu não posso voar como você, você sabe.

— Não — disse Hórus. — Não pode.

Então, olhou para cima, sério, e apontou para o outro ponto que os rodeava, enquanto caía das nuvens que iam ficando cada vez mais escuras e aumentando de tamanho.

— Ele pode.

Mais várias horas de viagem inútil, e agora Town odiava o GPS quase tanto quanto odiava Shadow. Mas não tinha paixão naquele ódio. Ele achou que encontrar o caminho até a fazenda, até o enorme freixo cinzento, tinha sido difícil;

encontrar o caminho para sair da fazenda era muito mais difícil. Parecia não fazer diferença que estrada pegasse, que direção seguisse através das estradinhas estreitas — as estradas vicinais tortas da Virgínia devem ter começado, ele pensou, como trilhas de veados e de vacas — logo ele passaria mais uma vez pela fazenda, e pela placa pintada à mão, FREIXO.

Isso era louco, não era? Ele simplesmente tinha que retrazar seu caminho, virar à esquerda na volta toda vez que tinha virado à direita na ida, uma curva à direita para cada esquerda.

Só que foi exatamente isso que fizera na última vez, e lá estava ele, de volta à fazenda mais uma vez. Havia nuvens de chuva pesadas se aproximando, estava escurecendo rápido, parecia noite, não manhã, e ele tinha uma longa viagem à sua frente: nunca chegaria a Chattanooga antes do entardecer nesse passo.

Seu telefone celular dava apenas a mensagem de Sem Serviço. O mapa dobrável no porta-luvas do carro só mostrava as estradas principais, todas as interestaduais e as auto-estradas de verdade, mas até onde sabia, nada mais existia.

Nem havia ninguém ali para quem pudesse pedir informações. As casas eram afastadas das estradas; não existia nenhuma luz convidativa. Agora o ponteiro do combustível estava chegando perto de vazio. Ouviu um barulho distante de trovão, e uma única gota de chuva caiu pesadamente sobre o pára-brisa.

Então, quando Town viu a mulher, andando ao lado da estrada, pegou-se sorrindo, involuntariamente.

— Graças a Deus — disse alto, e encostou ao lado dela. Abaixou a janela.

— Moça? Desculpe. Estou meio perdido. Você pode me explicar como eu faço pra chegar à Estrada 81?

Ela olhou para ele através da janela aberta do lado do passageiro e disse:

— Acho que eu não consigo explicar, mas posso mostrar, se você quiser. Ela era pálida, e seu cabelo molhado era comprido e escuro.

— Sobe aqui. — Ele nem hesitou.

— Primeiro, precisamos colocar um pouco de gasolina.

— Obrigada — ela disse. — Estava precisando de uma carona. Ela entrou. Seus olhos eram espantosamente azuis.

— Tem um galho aqui, no assento — disse, surpresa.

— Joga ali atrás. Pra onde você está indo? — ele perguntou. — Moça, se você conseguir me guiar até um posto de gasolina e de volta pra uma estrada asfaltada, eu deixo você na porta da sua casa.

Ela disse:

— Obrigada, mas acho que vou mais longe do que você. Se puder me deixar na estrada, está ótimo. Talvez um caminhoneiro me dê uma carona.

E ela sorriu, um sorriso sacana e determinado. Foi o sorriso que o conquistou.

— Eu posso oferecer uma carona melhor do que qualquer caminhoneiro. Ele sentia o cheiro do seu perfume. Era forte e pesado, um odor enjoativo, parecido com magnólias ou lilases, mas ele não se importava.

— Estou indo pra Georgia. Fica muito longe.

— Eu estou indo para Chattanooga. Levo você até onde puder.

— Humm. Como se chama?

— Me chamam de Mack — disse o senhor Town.

Quando conversava com mulheres em bares, ele às vezes completava com "E quem me conhece bem mesmo me chama de Big Mãe". Aquilo podia esperar. Com uma longa viagem à frente, teriam muitas horas na companhia um do outro para se conhecer.

— Qual é o seu?

— Laura — ela respondeu.

— Bom, Laura — ele disse. — Tenho certeza de que vamos ser grandes amigos.

O garoto gordo encontrou o senhor World na sala do Arco-Íris — uma porção murada da trilha, com as janelas de vidro cobertas por folhas transparentes de plástico

verde, vermelho e amarelo. Ele andava, impaciente, de uma janela à outra, olhando para um mundo dourado, um mundo vermelho, um mundo verde, um de cada vez. Seu cabelo era laranja-avermelhado e cortado bem rente ao crânio. Ele usava uma capa de chuva de tecido da Burberry. O garoto gordo tossiu. O senhor World levantou a cabeça.

— Dá licença? Senhor World?

— Sim? Está tudo andando conforme o previsto?

A boca do garoto gordo estava seca. Ele lambeu os lábios e disse:

— Eu arrumei tudo. Mas ainda não recebi confirmação dos helicópteros.

— Os helicópteros vão estar aqui quando a gente precisar deles.

— Bom — disse o garoto gordo. — Bom.

Ele ficou lá parado, sem dizer nada, sem ir embora. Havia um arranhão na testa dele.

Depois de um momento, o senhor World perguntou:

— Posso ajudar em algo?

Uma pausa. O garoto engoliu em seco e assentiu com a cabeça:

— Tem mais uma coisa...

— Você gostaria de discutir o assunto em particular? O garoto assentiu com a cabeça mais uma vez. O senhor World acompanhou-o até o centro de operações: uma caverna úmida que continha uma montagem de fadinhas bêbadas fabricando bebida em um alambique. Uma placa do lado de fora avisava aos turistas que não deveriam entrar ali durante a reforma. Os dois homens se sentaram em cadeiras de plástico.

— O que eu posso fazer por você? — perguntou o senhor World.

— Está bem. Tudo bem. Neste instante, duas coisas. Tudo bem. Um: o que a gente está esperando? E dois. O dois é mais difícil. Nós temos revólveres. Certo. Nós temos o poder da pólvora. Eles têm umas porras de umas facas, umas espadas, umas marretas e uns machados de pedra. E, tipo, pneus de ferro. Nós temos as porras das bombas inteligentes.

— Que nós não vamos usar — apontou o outro homem.

— Eu sei. Você já disse. Eu sei. E é possível. Mas, olha, desde que eu acabei com aquela puta em E.A., eu...

Ele parou, fez uma careta, pareceu não querer prosseguir.

— Você tem andado perturbado?

— É. Boa palavra. Perturbado. É. Igual a um internato pra adolescentes perturbados. Engraçado. É.

— E o que exatamente está perturbando você?

— Bom, a gente luta, a gente ganha.

— E isso é fonte de perturbação? Eu, pessoalmente, acho que é uma questão de triunfo e de deleite.

— Mas eles vão morrer de qualquer jeito. Eles são pombos passageiros e tilacinos, não são? Quem liga pra eles? Assim, vai ser um banho de sangue.

— Ah.

O senhor World assentiu com a cabeça.

Ele estava acompanhando o raciocínio. Aquilo era bom. O garoto gordo disse:

— Olha, eu não sou o único que se sente assim. Eu chequei com o pessoal na Rádio Moderna, e todos eles concordam que preferem entrar em acordo de maneira pacífica, e os intangíveis estão bem a favor de deixar as forças de mercado darem conta do recado. Estou sendo, você sabe, a voz da razão aqui.

— De fato, você é. Infelizmente, existe informação que você não tem. O sorriso que se seguiu àquilo era distorcido e cheio de cicatrizes. O garoto piscou.

— Senhor World? O que aconteceu com os seus lábios? World suspirou.

— A verdade sobre o assunto é que alguém, certa vez, costurou os dois juntos. Há muito tempo.

— Uau. Fala sério. Caralho, omertà de verdade!

— É. Você quer saber o que a gente está esperando? Por que a gente não atacou na noite passada?

O garoto gordo assentiu com a cabeça. Ele suava, mas era um suor frio.

— A gente ainda não atacou porque eu estou esperando um galho.

— Um galho?

— É isso aí. Um galho. E você sabe o que é que eu vou fazer com um galho? Uma sacudidela da cabeça.

— Tudo bem. Eu passo. O quê?

— Eu poderia contar pra você — disse o senhor World, cheio de bom senso.

— Mas depois eu teria que matá-lo.

Ele piscou com um olho, e a tensão se evaporou da sala. O garoto gordo começou a rir, uma risada grave e nasalada, que saía do fundo da sua garganta e do seu nariz.

— Tudo bem — disse. Ha, ha. Tudo bem. Ha. Entendi. Mensagem recebida no Planeta da Técnica. Em alto e bom som. Ixnay no Estionsquay.

O senhor World sacudiu a cabeça. Colocou a mão no ombro do garoto.

— Ei, você quer mesmo saber?

— Claro.

— Bom — disse o senhor World —, tendo em vista que somos amigos, aqui está a resposta: eu vou pegar o galho e vou jogar em cima dos exércitos quando se reunirem. Quando eu jogar, vai se transformar em uma lança. E então, quando a lança estiver sobrevoando o campo de batalha, vou gritar "Dedico esta batalha a Odin".

— Hã? Por quê?

— Poder... Coçou o queixo:

— ...e alimento. Uma combinação dos dois. Sabe, o desfecho da batalha não é importante. O que importa é o caos, e a carnificina.

— Não entendo.

— Deixa eu mostrar pra você. Vai ser assim, observe.

Ele tirou a faca de caçador com lâmina de madeira do bolso da capa e, com um movimento fluido, deslizou a lâmina sob a pele macia do queixo do garoto gordo e empurrou para cima com força, em direção ao cérebro.

— Eu dedico esta morte a Odin — disse enquanto a faca afundava. Alguma coisa que não era sangue de verdade começou a vazar sobre a mão dele e se ouviu um barulho faiscante atrás dos olhos do garoto. O cheiro no ar era de malha de isolamento térmico queimada.

A mão do garoto gordo se contorceu em espasmos, e então caiu. A expressão em seu rosto era de surpresa e de tristeza.

— Olhe pra ele — disse o senhor World em tom de conversa, falando com o ar. — Parece que acabou de ver uma sequência de zeros e uns se transformar em um bando de pássaros bem coloridos e sair voando.

Não houve resposta do corredor de pedra vazio.

O senhor World colocou o corpo por cima do ombro, como se pesasse muito pouco, abriu a montagem das fadas e largou o corpo ao lado do alambique, cobrindo-o com sua capa de chuva preta e comprida. Decidiu que se livraria dele naquela noite, e mostrou seu sorriso cheio de cicatrizes: esconder um corpo em um campo de batalha era quase fácil demais. Ninguém "nunca iria reparar. Ninguém iria se importar.

Por um breve momento aquele lugar ficou em silêncio. E então uma voz grosseira, que não era do senhor World, limpou a garganta nas sombras e disse:

— Belo começo.

CAPÍTULO DEZOITO

Tentaram ficar longe dos soldados, mas os homens atiraram e mataram ambos. Então, a música está errada no que diz respeito à prisão, mas aquilo foi colocado ali por causa da poesia. Nem sempre dá para descrever as coisas como são na poesia. Poesia não é o que se chama de verdade. Não há espaço suficiente nos versos.

— Comentário de um cantor a respeito de "The Ballad of Sam Bass", em A Treasury of American Folklore

Nada disso pode estar acontecendo de verdade. Se você se sentir mais confortável assim, poderia pensar no acontecimento simplesmente como uma metáfora. Religiões são, por definição, metáforas, apesar de tudo: Deus é um sonho, uma esperança, uma mulher, um escritor irônico, um pai, uma cidade, uma casa com muitos quartos, um relojoeiro que deixou seu cronômetro premiado no deserto, alguém que ama você — talvez até, contra todas as evidências, um ente celestial cujo único interesse é assegurar-se de que o seu time de futebol, o seu exército, o seu negócio ou o seu casamento floresça, prospere e triunfe sobre qualquer oposição.

Religiões são lugares para ficar, olhar e agir, pontos vantajosos a partir dos quais se observa o mundo.

Então, nada disso está acontecendo. Tais coisas não poderiam ocorrer. Nunca nenhuma palavra sobre isso é literalmente verdadeira. Ainda assim, a coisa que aconteceu a seguir aconteceu assim:

Ao sopé da montanha Lookout, homens e mulheres se juntavam ao redor de uma pequena fogueira, sob a chuva. Estavam parados debaixo das árvores, que proviam uma cobertura parca, e eles discutiam.

Lady Kali, com sua pele escura como tinta preta e seus dentes brancos e afiados, disse:

— Está na hora.

Anansi, com suas luvas amarelo-limão e seu cabelo que ia ficando grisalho, sacudiu a cabeça.

— Podemos esperar. Enquanto pudermos esperar, devemos esperar. Ouviu-se um murmúrio discordante no meio do povo.

— Não, ouçam. Ele está certo — disse um velho de cabelo cinzento, cor-de-ferro: Czernobog.

Ele segurava uma marreta pequena, com a cabeça da ferramenta apoiada no ombro.

— Eles estão por cima. O clima está contra nós. Começar tudo agora é loucura.

Alguma coisa que se parecia um pouco com um lobo e um pouco mais com um homem rosnou e cuspiu no chão da floresta.

— Quando é melhor atacar, dedushkal Devemos esperar até o tempo limpar, quando já estarão esperando que a gente ataque? Digo que devemos ir agora. Vamos nos mexer.

— Existem nuvens entre eles e nós — ressaltou Isten, dos húngaros.

Ele usava um bigode delicado e preto, um grande chapéu empoeirado e o sorriso de um homem que ganha a vida vendendo suportes de parede de alumínio e telhados e calhas novas a cidadãos idosos, mas que sempre vai embora da cidade no dia seguinte à liberação dos cheques, estando o trabalho pronto ou não.

Um homem vestido com um terno elegante, que até então não tinha dito nada, juntou as mãos, deu um passo à frente, para onde a luz da fogueira o iluminava, e deu sua opinião de maneira sucinta e clara. No meio da multidão, houve movimentos de assentir com a cabeça e murmúrios de concordância.

Uma voz veio de uma das três mulheres guerreiras, as Morrigan, tão juntas no meio das sombras, que haviam se transformado em um arranjo de membros tatuados de azul e asas de corvo, que balançava de um lado para o outro. Ela disse:

— Não faz diferença se esta é uma hora boa ou ruim. Esta é a hora. Eles têm matado muitos de nós ultimamente. É melhor morrer juntos, no ataque, como deuses, do que morrer fugidos e solitários, como ratos em um celeiro.

Outro murmúrio, dessa vez, de concordância profunda. Ela falou para todos eles. Aquela era a hora.

— A primeira cabeça é minha — disse um chinês muito alto, com uma corrente de caveiras minúsculas em volta do pescoço.

E começou a caminhar, lenta e intensamente, para o alto da montanha, levando no ombro um cajado com uma lâmina curvada na ponta, como se fosse uma lua de prata.

Nem o nada consegue durar para sempre.

Ele podia estar lá, ali Em Lugar Nenhum, há dez minutos ou há dez mil anos. Não fazia diferença: tempo era uma coisa da qual não sentia mais nenhuma necessidade.

Ele não conseguia mais se lembrar de seu nome verdadeiro. Ele se sentia vazio e limpo, naquele lugar que não era um lugar.

Ele não tinha forma, era vazio.

Ele não era nada. E dentro daquele nada, uma voz disse:

— Ho-hoka, primo. Precisamos conversar.

E alguma coisa que uma vez deve ter sido Shadow, disse:

— Whiskey Jack?

— É — disse Whiskey Jack, na escuridão. — Você é um homem difícil de caçar, quando está morto. Você não foi a nenhum dos lugares que eu achei que iria. Eu tive que procurar por todos os lados antes de chegar aqui. Diz pra mim, você conseguiu achar a sua tribo?

Shadow lembrava-se do homem e da garota na discoteca sob a luz do globo espelhado.

— Acho que encontrei minha família. Mas não, não achei minha tribo.

— Desculpe precisar incomodar.

— Me deixa em paz. Eu consegui o que queria. Já resolvi tudo.

— Estão vindo buscar você. Vão fazer você reviver.

— Mas eu já resolvi tudo. Está tudo acabado e terminado.

— Nada disso. Nunca diga algo assim. Quer uma cerveja? Ele imaginou que sim, gostaria de tomar uma cerveja.

— Claro.

— Pega uma pra mim também. Tem uma geladeira do lado de fora da porta — disse Whiskey Jack, apontando.

Estavam na cabana dele.

Shadow abriu a porta da cabana com mãos que não possuía instantes antes. Havia uma caixa térmica de plástico cheia de pedaços de gelo do rio lá fora e, no gelo, uma dúzia de latinhas de Budweiser. Ele pegou duas latas, sentou-se na soleira da porta e olhou para o vale.

Estavam no topo de uma montanha, perto de uma cachoeira, desfigurada pela neve derretida e pela enxurrada. Caía em estágios, talvez a 20 metros abaixo deles, talvez a trinta. O sol refletia no gelo que cobria as árvores que rodeavam a bacia da cachoeira.

— Onde estamos? — perguntou Shadow.

— No mesmo lugar que você esteve da última vez... Na minha casa. Você está pensando em ficar segurando a minha Bud até ela esquentar? Shadow se levantou e entregou a lata de cerveja para ele.

— Não tinha nenhuma cachoeira do lado de fora da sua casa na última vez que eu estive aqui.

Whiskey Jack não disse nada. Abriu a lata com um estalo e bebeu metade da cerveja com um gole longo e lento. Então, disse:

— Você se lembra do meu sobrinho? Henry Bluejay? O poeta? Ele trocou o Buick pelo seu Winnebago. Lembra?

— Claro. Eu não sabia que ele era poeta. Whiskey Jack levantou o queixo com ar orgulhoso.

— O melhor poeta dos Estados Unidos.

Virou o resto da cerveja, arrotou e pegou outra lata, enquanto Shadow abria a sua. Os dois se sentaram do lado de fora da cabana, em cima de uma pedra, ao lado das samambaias verdejantes, ao sol da manhã, e ficaram observando a queda-d'água e bebendo. Ainda havia neve no chão, nos lugares que a sombra nunca abandonava.

A terra estava lamacenta e úmida.

— Henry era diabético — prosseguiu Whiskeyjack. — Acontece. Demais. O seu povo vem pra América, pega nossa cana-de-açúcar, nossas batatas e nosso milho, e depois vende batata frita e pipoca caramelada pra gente, e somos nós que ficamos doentes.

Deu um gole na cerveja, reflexivo.

— Ele poderia ter ganhado uns prêmios aí com as poesias. Tinha um pessoal em Minnesota que queria fazer um livro. Ele estava indo pra Minnesota em um carro esporte pra falar com eles. Tinha trocado o seu 'Bago por um Miata amarelo. Os médicos falaram que ele entrou em coma, enquanto dirigia, saiu da estrada, passou por cima de uma das placas de sinalização. Sua gente é muito preguiçosa pra ver onde está, pra ler as montanhas e as nuvens, sua gente precisa de placas de sinalização em todo lugar. E assim Henry Bluejay se foi pra sempre, foi morar com o irmão Lobo. Então eu disse que nada mais me prendia lá. Vim pró norte. A pescaria é boa por aqui.

— Sinto muito pelo seu sobrinho.

— Eu também. Então, agora vivo aqui no norte. Bem longe dessas coisas de homem branco... doenças, estradas, placas de sinalização, Miatas amarelos e pipoca caramelada.

— Da cerveja do homem branco? Whiskey Jack olhou para a lata.

— Quando a sua gente finalmente desistir e voltar pra casa, vocês podem deixar suas cervejarias Budweiser pra gente.

— Onde a gente está? — perguntou Shadow. — Estou na árvore? Estou morto? Estou aqui? Eu pensei que tudo tinha terminado. O que é real?

— Sim.

— Sim? Que tipo de resposta é "Sim"?

— É uma boa resposta. E também é uma resposta verdadeira. Shadow disse:

— Você também é um deus? Whiskey Jack sacudiu a cabeça.

— Eu sou um herói cultural. Fazemos as mesmas porcarias que os deuses fazem, mas ninguém adora a gente. Contam histórias sobre nós, mas contam aquelas que fazem a gente parecer ruim junto com aquelas em que nos saímos mais ou menos bem.

— Entendo — disse Shadow.

E ele entendia, mais ou menos.

— Olha, este país não é bom pra deuses. A minha gente percebeu isso bem cedo. Existem espíritos criadores que acharam, ou cagaram ou fizeram a terra, mas pense bem: quem é que vai adorar Coiote? Ele fez amor com a Mulher Porco-Espinho e ficou com mais espinhos espetados no pau do que uma almofada de agulhas. Ele discutia com as pedras e as pedras ganhavam a discussão. Então é isso aí, a minha gente percebeu que talvez existisse alguém por trás daquilo tudo, um criador, um espírito maravilhoso, e então agradecemos por isso, porque é sempre bom agradecer. Mas nunca construímos igrejas. Não precisávamos. A terra era a igreja. A terra era a religião. A terra era mais velha e mais sábia do que as pessoas que andavam sobre ela. Nos deu salmões, milho, búfalos e pombos. Nos deu arroz selvagem e peixes de olhos grandes. Nos deu melões, melancias e perus. E nós éramos os filhos da terra, igualzinho ao porco-espinho, ao gambá e ao pássaro azul.

Ele terminou de beber a segunda cerveja e gesticulou na direção do rio, aos pés da cachoeira.

— Segue aquele rio um pouco, e você vai chegar até os lagos onde o arroz selvagem brota. Na época do arroz selvagem, você vai com o seu amigo em uma canoa, colhe o arroz e coloca dentro da canoa, cozinha e guarda. O alimento vai manter você durante um bom tempo. Lugares diferentes dão alimentos diferentes. Vá a uma distância suficiente pro sul e você vai encontrar laranjeiras, limoeiros, e tem aquelas coisas verdes suculentas, que parecem pêras...

— Abacates.

— Isso. Abacates. Eles mesmos. Não brotam aqui. Esse é o país do arroz selvagem. O país do alce. O que eu estou tentando dizer é que os Estados Unidos são assim. Não é um país bom prós deuses brotarem. Eles não amadurecem bem aqui. São como abacates tentando brotar no país do arroz selvagem.

— Pode ser que não amadureçam direito — disse Shadow, lembrando-se —, mas estão partindo pra guerra.

Aquela foi a única vez que ele viu Whiskey Jack rir. Era quase um latido, e carregava pouco humor.

— Ei, Shadow, se todos os seus amigos pulassem de um penhasco, você também pularia?

— Talvez.

Shadow se sentia bem. Ele não achava que fosse só a cerveja. Ele não conseguia se lembrar da última vez que havia se sentido tão vivo, e tão coeso.

— Não vai ter guerra nenhuma.

— Então, o que é que está acontecendo?

Whiskey Jack amassou a lata de cerveja entre as mãos, pressionando-a até ficar

chata.

— Olha — ele disse, apontando para a cachoeira.

O sol ia alto o bastante para bater contra as gotas de água que espirravam da cachoeira: um arco-íris de chuva pairava no ar. Shadow pensou que era a coisa mais linda que eleja vira.

— Vai ser um banho de sangue — disse Whiskey Jack, sem interesse aparente. Foi então que Shadow percebeu. Entendeu tudo, completamente em sua simplicidade. Sacudiu a cabeça, então começou a rir, e sacudiu a cabeça um pouco mais, e a risada se transformou em uma gargalhada do fundo da garganta.

— Tudo bem com você?

— Tudo bem. Acabei de ver os índios escondidos. Não todos. Mas vi mesmo assim.

— Então deve ter sido provavelmente os hochunk. Aqueles caras nunca conseguiram se esconder direito. Ele olhou para o sol:

— Hora de voltar — disse e levantou-se.

— É um golpe de dois homens — disse Shadow. — Não tem nada a ver com guerra, não é mesmo?

Whiskey Jack deu alguns tapinhas leves no braço de Shadow.

— Você não é tão burro — disse.

Caminharam de volta para a cabana de Whiskey Jack. Ele abriu a porta. Shadow hesitou.

— Eu gostaria de poder ficar aqui com você. Este lugar parece ser bom.

— Existe um monte de lugares bons, e isso é meio que o objetivo. Ouça, deuses morrem quando são esquecidos. Pessoas também. Mas a terra continua aí. Os lugares bons e os lugares ruins. A terra não vai a lugar nenhum. E eu também não.

Shadow fechou a porta. Algo o puxava. Ele estava sozinho na escuridão mais uma vez, mas a escuridão ia ficando cada vez mais clara, até queimar como sol.

E foi então que a dor começou.

Easter caminhava pela campina, e flores primaveris desabrochavam nos lugares por onde havia passado.

Ela atravessava um lugar onde, muito tempo atrás, existira uma casa de fazenda. Até hoje várias paredes ainda estavam de pé, projetando-se para fora das ervas daninhas e da grama da campina como dentes cariados. Uma garoa fina caía. As nuvens estavam escuras e baixas, e fazia frio.

Um pouco além do lugar onde a casa de fazenda fora erguida, havia uma árvore, uma enorme árvore cinza-prateada, com a aparência de uma planta que espera o inverno acabar, desfolhada, e, na frente da árvore, na grama, pedaços de tecido desbotado e esfiapado. A mulher parou perto do tecido, abaixou-se e pegou alguma coisa marrom-

esbranquiçada: era um fragmento de osso bem roído que poderia ter feito parte de uma caveira humana no passado. Jogou o fragmento de volta à grama.

Então olhou para o homem pendurado na árvore e sorriu com ironia.

— Nus, não são assim tão interessantes. Abrir o embrulho é metade da diversão. Igual aos presentes e aos ovos.

O homem com cabeça de falcão que caminhava ao lado dela olhou para baixo, para o seu pênis, e pareceu, pela primeira vez, ciente de sua nudez. Ele disse:

— Eu consigo olhar pro sol sem piscar.

— Muito inteligente de sua parte — Easter disse a ele, de maneira tranquilizadora. — Agora vamos tirá-lo da árvore.

As cordas molhadas que prendiam Shadow à árvore há muito estavam gastas e apodrecidas pelo tempo, e se desfizeram facilmente quando os dois as puxaram. O corpo na árvore escorregou e deslizou em direção às raízes. Eles o seguraram à medida que ia caindo, e o levantaram, carregando-o com facilidade, apesar de ser um homem muito grande, e o acomodaram na campina cinzenta.

O corpo sobre a grama estava frio e não respirava. Havia uma mancha de sangue seco e enegrecido na lateral, como se tivesse sido espetado por uma lança.

— E agora?

— Agora — ela disse — a gente esquentar ele. Você sabe o que precisa fazer.

— Eu sei, mas não consigo.

— Se você não estava a fim de ajudar, não deveria ter me chamado pra vir até aqui.

Ela esticou uma das mãos para Hórus e tocou nos cabelos pretos dele. Ele piscou para ela, atentamente. Então brilhou, como se estivesse dentro de uma nuvem de calor.

O olho de falcão que olhava para ela tinha um brilho alaranjado, como se uma chama acabasse de ter sido acesa lá dentro; uma chama que há tempo tinha sido apagada.

O falcão levantou vôo e se desviou para cima, voando em círculos e subindo em um giro levante, circulando o lugar nas nuvens cinzentas onde o sol deveria estar e, à medida que o falcão subia, se transformava em uma mancha e depois em um ponto, e então, para o olho nu, em absolutamente nada, algo que só poderia ser imaginado. As nuvens começaram a se diluir e evaporar, criando um buraco de céu azul através do qual o sol brilhava. O único raio de sol brilhante que penetrava as nuvens e banhava a campina era bonito, mas a imagem se desfez quando mais nuvens desapareceram. Logo o sol da manhã inundava aquela campina como um sol de verão ao meio-dia, transformando o vapor da chuva matutina em névoa e transformando a névoa em absolutamente nada.

O sol dourado banhava o corpo no chão da campina com sua irradiação e seu calor. Tons de cor-de-rosa e de um marrom quente tocavam a coisa morta.

A mulher passou os dedos da mão direita levemente pelo peito do corpo. Ela imaginou que podia sentir um estremecimento no peito — algo que não era uma batida de

coração, mas ainda assim... Deixou a mão lá, sobre o peito dele, bem em cima do coração.

Ela abaixou seus lábios até os lábios de Shadow, e soprou ar para dentro de seus pulmões, um para-dentro-e-para-fora suave, e então a respiração se transformou em um beijo. O beijo dela era suave, e tinha gosto de chuvas primaveris e de flores do campo.

A ferida na lateral do corpo começou a escorrer sangue mais uma vez — um sangue escarlate, que gotejava como rubis líquidos à luz do sol. E então o sangramento parou.

Ela beijou a bochecha e a testa dele.

— Vamos lá... Hora de levantar. Está acontecendo. Você não vai querer perder. Os olhos de Shadow se agitaram, e então se abriram, dois olhos tão cinzentos quanto o anoitecer, e ele olhou para ela. Ela sorriu e removeu a mão de seu peito.

— Você me chamou de volta.

Ele falou lentamente, como se tivesse se esquecido de como falar. Tinha mágoa na voz dele, além de surpresa.

— Foi.

— Eu já tinha ido. Eu tinha sido julgado. Tudo tinha terminado. Você me chamou de volta. Você ousou.

— Sinto muito.

— É bom mesmo.

Ele se sentou, lentamente. Retraiu-se, e tocou a lateral do corpo. Então pareceu confuso: havia uma cobertura de sangue úmido ali, mas nenhuma ferida por baixo.

Ele esticou a mão, e ela colocou o braço ao seu redor e o ajudou a ficar em pé. Ele olhou através da campina como se tentasse se lembrar do nome das coisas que via: as flores na grama comprida, as ruínas da casa de fazenda, o nevoeiro de brotos verdes que nublava os galhos da enorme árvore prateada.

— Você se lembra? — ela perguntou. — Você se lembra do que você aprendeu?

— Eu perdi meu nome e perdi meu coração. E você me trouxe de volta.

— Sinto muito. Vão começar a lutar. Os deuses antigos e os novos.

— Quer que eu lute pra você? Perdeu seu tempo.

— Eu trouxe você de volta porque era isso que eu precisava fazer — ela disse. — O que você vai fazer agora é o que você quiser fazer. Você decide. Eu fiz minha parte.

De repente, ela tomou consciência da nudez dele e seu rosto corou de um vermelho-escarlate. Ele olhou para baixo e para o outro lado.

No meio da chuva e das nuvens, sombras se moviam na encosta da montanha, subindo as trilhas de pedra.

Raposas brancas andavam em direção ao topo da montanha, acompanhadas por homens ruivos usando jaquetas verdes. Havia um minotauro com cabeça de touro

caminhando ao lado de um dactilo com dedos de ferro. Um porco, um macaco e um demônio de dentes afiados escalavam a encosta da montanha acompanhados de um homem de pele azul que segurava uma tigela flamejante, um urso com flores entrelaçadas no pêlo e um homem vestido com uma malha de metal dourada segurando sua espada de olhos.

A linda Antinous, que era amante de Hadrian, subia a encosta da montanha encabeçando uma comitiva de rainhas sadomasoquistas, com braços e peitos esculpidos em formas perfeitas por esteróides.

Um homem de pele cinzenta, com um único olho ciclópico em forma de um cabochão de esmeralda, caminhava rapidamente montanha acima, à frente de vários homens corpulentos e de pele morena, com os rostos impossivelmente tão regulares quanto entalhes astecas: conheciam os segredos que as selvas haviam engolido.

Um franco atirador no topo da montanha fez mira, com cuidado, na raposa branca, e atirou. Ouviu-se uma explosão e uma nuvem de cordite se formou no ar úmido, espalhando cheiro de pólvora. O cadáver era uma jovem japonesa com o estômago estourado e o rosto ensanguentado. Lentamente, o cadáver começou a esmaecer.

As pessoas prosseguiram seu caminho montanha acima, sobre duas pernas, sobre quatro pernas, sem perna nenhuma.

O caminho através da região montanhosa do Tennessee era lindo, de tirar o fôlego, sempre que a chuva dava uma trégua, e extremamente irritante sempre que a chuva caía com força. Town e Laura haviam conversado, conversado e conversado durante todo o caminho. Ele estava muito contente de tê-la encontrado. Era como reencontrar uma velha amiga, uma ótima velha amiga que você simplesmente ainda não tinha conhecido. Falaram sobre história, filmes e música, e ela se revelou ser a única pessoa, a única outra pessoa que ele havia conhecido a ver um filme estrangeiro (o senhor Town estava certo de que era espanhol, ao passo que Laura tinha certeza de ser polonês) da década de 1960, chamado O Manuscrito Encontrado em Zaragoza, um filme que ele começou a acreditar que era uma alucinação.

Quando Laura apontou o primeiro celeiro VISITE A CIDADE DE PEDRA, ele riu e confessou que era para lá que ia. Ela disse que aquilo era muito legal. Sempre quisera visitar lugares como aquele, mas nunca encontrava tempo, e sempre se arrependia depois. Era por isso que estava na estrada agora. Estava vivendo uma aventura.

Ela era agente de viagens, explicou a ele. Separada do marido. Admitiu que não achava que eles iriam voltar a ficar juntos, e disse que era culpa dela.

— Não posso acreditar. Ela suspirou.

— É verdade, Mack. Eu simplesmente não sou mais a mulher com quem ele se casou.

Bom, ele disse a ela, as pessoas mudam, e antes que pudesse se dar conta de que estava narrando tudo que era possível a respeito de sua vida, contou a ela até mesmo a respeito de Wood e de Stone, como os três eram os três mosqueteiros, como os dois foram assassinados... Você acha que vai ficar insensível a esse tipo de coisa por causa do

trabalho no governo, mas nunca fica.

E ela esticou a mão — tão fria que fez com que ele ligasse o aquecimento do carro — e apertou a mão dele com força.

No almoço, comeram em um restaurante japonês, enquanto uma tempestade baixava sobre Knoxville, e Town não se importou com o fato de a comida demorar, de o missoshiro estar frio ou de o sushi estar quente.

Ele adorava o fato de ela estar ali, com ele, vivendo uma aventura.

— Bom — confessou Laura — eu odiava a ideia de envelhecer. Eu estava simplesmente apodrecendo no lugar onde estava. Então fui embora sem meu carro nem meus cartões de crédito. Estou só dependendo da bondade de estranhos.

— Você não está com medo? Quer dizer, você poderia ser abandonada, agredida... poderia morrer de fome.

Ela sacudiu a cabeça. Então disse, com um sorriso hesitante:

— Eu encontrei você, não encontrei?

E ele não conseguiu achar nada para dizer.

Quando a refeição terminou, eles correram através da tempestade até o carro segurando jornais escritos em japonês para proteger a cabeça, e riam enquanto corriam, como crianças na chuva.

— Até onde eu posso levar você? — ele perguntou, quando entraram no carro mais uma vez.

— Vou até onde você for, Mack — disse a ele, acanhada.

Ele ficou contente por não ter usado o trocadilho do Big Mãe. Essa mulher não era uma ficada de boteco, ele sentia aquilo do fundo da alma. Pode ter demorado Cinquenta anos até que ele a conhecesse, mas finalmente era ela, ela era a certa, essa mulher de cabelos escuros e compridos, selvagem e louca.

Isso era amor.

— Olha — ele disse, quando se aproximavam de Chattanooga. Os limpadores de pára-brisa mandavam a chuva embora por sobre o vidro, borrando a cor cinzenta da cidade.

— E se eu achar um hotel pra você passar esta noite? Eu pago. E depois que eu fizer minha entrega, podemos... Bom, podemos tomar um banho comprido juntos, pra começar. Pra você ficar quente.

— Isso me parece maravilhoso. O que você precisa entregar?

— Aquele galho — ele explicou a ela, e riu. — Aquele ali, no banco detrás.

— Tudo bem — ela disse, debochando dele. — Então nem me fale, senhor

Misterioso.

Ele explicou a ela que seria melhor esperar no estacionamento da Cidade de Pedra enquanto ele fazia sua entrega. Ele conduziu o carro encosta acima na montanha Lookout sob chuva forte, nunca ultrapassando 50 quilômetros por hora, com os faróis acesos.

Parou o carro no fundo do estacionamento. Desligou o motor.

— Ei, Mack. Antes de você descer do carro, será que eu não mereço um abraço? — perguntou Laura, com um sorriso.

— Claro que sim.

E colocou os braços em volta dela, e ela se aninhou nele, enquanto a chuva desenhava uma tatuagem no teto do Ford Explorer. Ele sentia o cheiro do cabelo dela, havia um cheiro fraco e desagradável por baixo do cheiro do perfume. Ele percebeu que o banho era uma necessidade real para ambos. Ficou imaginando se poderia encontrar em algum lugar em Chattanooga as pastilhas de lavanda para banheira de que sua primeira mulher gostava tanto. Laura ergueu sua cabeça de encontro à dele, e sua mão percorreu a linha de seu pescoço, como quem não quer nada.

— Mack... eu não consigo parar de pensar. Você deve querer muito saber o que aconteceu de verdade com aqueles seus amigos, não? Woody e Stone. Quer saber?

— Quero — ele disse, movendo os lábios na direção dos dela, para o primeiro beijo dos dois. — Claro que quero. Então, ela mostrou.

Shadow caminhava pela campina, traçando círculos lentos ao redor do tronco da árvore, ampliando a circunferência gradativamente. Às vezes ele parava e pegava alguma coisa do chão: uma flor, uma folha, uma pedrinha, um graveto ou uma folha de grama. E examinava o achado minuciosamente, como se estivesse se concentrando na gravetice do graveto, na folhice da folha.

Easter percebeu que aquilo fizera com que ela pensasse no olhar de um bebê, no ponto em que aprende a se concentrar.

Ela não ousava falar com ele. Naquele momento, teria sido um sacrilégio. Ela o observava, exausta como estava, e ficava imaginando.

A cerca de 6 metros da base da árvore, meio escondida por longas folhas de grama da campina e trepadeiras mortas, ele encontrou um saco de lona. Shadow o recolheu, desatou os nós na abertura do saco, soltou o cadarço que o mantinha fechado.

As roupas que tirou dali eram as dele. Eram velhas, mas ainda usáveis. Revirou os sapatos nas mãos. Passou a mão sobre o tecido da camisa, a lã do suéter, olhou para eles como se não os visse havia um milhão de anos.

Peça por peça, ele vestiu a roupa. , Colocou as mãos nos bolsos e pareceu surpreso quando tirou uma das mãos, segurando o que parecia a Easter uma bolinha de gude branca e cinza.

Ele disse:

— Nenhuma moeda.

Era a primeira coisa que ele dizia depois de várias horas.

— Nenhuma moeda? Ele sacudiu a cabeça.

— Me deram alguma coisa pra fazer com as mãos.

Ele se abaixou para calçar os sapatos.

Uma vez vestido, ele parecia mais normal. Apesar de sério. Ela ficou imaginando até onde ele tinha viajado, e quanto custou para retornar. Ele não era o primeiro cujo retorno ela havia induzido. Ela sabia que, logo, logo, o olhar de um milhão de anos iria esmaecer, e que as memórias e os sonhos que ele havia trazido da árvore seriam suprimidos pelo mundo de coisas em que se podia tocar. Era sempre assim que acontecia.

Ela abriu caminho até o fundo da campina. A condução deles esperava nas árvores.

— Ele não vai conseguir carregar nós dois — ela explicou. — Eu vou sozinha pra casa.

Shadow assentiu com a cabeça. Parecia tentar se lembrar de alguma coisa. Então abriu a boca, e esganiçou um grito de boas-vindas e de alegria.

O pássaro-trovão abriu seu bico cruel, e esganiçou boas-vindas para ele também.

Superficialmente, pelo menos, se parecia com um condor. Suas penas eram pretas, com um reflexo arroxeadado, e seu pescoço era rodeado de branco. Seu bico era preto e cruel: um bico de ave de rapina, feito para cortar. Em estado de descanso, no chão, com as asas recolhidas, era do tamanho de um urso preto, e sua cabeça ficava da mesma altura que a de Shadow.

Hórus disse, com orgulho:

— Fui eu que o trouxe. Eles moram nas montanhas. Shadow assentiu com a cabeça.

— Uma vez eu sonhei com pássaros-trovão... O sonho mais amaldiçoado que já tive.

O pássaro-trovão abriu o bico e fez um barulho surpreendentemente suave: *crawroo*?

— Você também ouviu o meu sonho? — perguntou Shadow. Esticou a mão e a esfregou suavemente na cabeça do pássaro. O pássaro-trovão empurrou a cabeça contra ele como um pônei afetuoso e recebeu um carinho da base do pescoço até o topo da cabeça. Shadow falou para Easter:

— Você veio até aqui montada nele?

— Vim. Você pode montar nele pra voltar, se ele deixar.

— Como é que se monta nele?

— É fácil... é só não cair. É como montar em relâmpagos.

— Eu vou encontrar você lá? Ela sacudiu a cabeça.

— Eu já fiz o que tinha que fazer, querido. Você vai lá e faz o que precisa fazer. Eu estou cansada. Boa sorte. Shadow assentiu com a cabeça.

— Whiskey Jack. Eu me encontrei com ele. Depois que eu faleci. Ele veio e me achou. Nós bebemos cerveja juntos.

— É — ela disse. — Tenho certeza que sim.

— Eu vou ver você de novo algum dia? — perguntou Shadow. Ela olhou para ele com olhos verdes como milho que ainda amadurecia. Não disse nada. Então, abruptamente, sacudiu a cabeça.

— Duvido muito.

Shadow subiu nas costas do pássaro de maneira desajeitada. Ele se sentia como um ralo nas costas de um falcão. Sua boca tinha um gosto de ozônio, metálico e azul. Alguma coisa estalou. O pássaro-trovão abriu as asas e começou a batê-las, com força.

À medida que o chão se distanciava embaixo deles, Shadow se segurava, com o coração batendo no peito como uma coisa selvagem.

Era exatamente como montar em relâmpagos.

Laura pegou o galho do assento traseiro do carro. Deixou o senhor Town no assento da frente, desceu e andou pela chuva até a Cidade de Pedra. A bilheteria estava fechada. A porta para a loja de lembranças não estava trancada e ela a atravessou, passando pelos doces em forma de pedra e a vitrina de casinhas de passarinho com o dizer VISITE A CIDADE DE PEDRA, para dentro da Oitava Maravilha do Mundo.

Ninguém a desafiou, apesar de ela passar por vários homens e por várias mulheres na trilha, sob a chuva. Muitas daquelas pessoas pareciam levemente artificiais; várias delas eram translúcidas. Ela atravessou uma ponte de corda que balançava de um lado para o outro. Passou pelos jardins dos gamos brancos e fez força para passar por dentro do Aperto do Homem Gordo, onde a trilha se esgueirava entre duas paredes de pedra.

E, no fim, passou por cima de uma corrente com uma placa explicando que aquela parte da atração estava fechada, entrou em uma caverna e viu um homem sentado em uma cadeira de plástico, em frente de uma montagem de gnomos bêbados. Ele lia o jornal Washington Post à luz de uma pequena lanterna elétrica. Quando a viu, dobrou o jornal e guardou-o sob a cadeira. Levantou-se, um homem alto com cabelos alaranjados bem aparados, vestindo uma capa de chuva cara, e fez uma medida curta para ela.

— Devo concluir que o senhor Town está morto. Bem-vinda, portadora da lança.

— Obrigada. Sinto muito por Mack. Vocês eram amigos?

— De jeito nenhum. Ele deveria ter ficado vivo, se quisesse manter o emprego. Mas você trouxe o galho.

Ele olhou para ela de cima a baixo com olhos que brilhavam como as brasas de um fogo em extinção.

— Temo que você esteja em vantagem sobre mim. Me chamam de senhor World,

aqui no topo da montanha.

— Eu sou a mulher do Shadow.

— Claro. A doce Laura. Eu deveria ter reconhecido. Ele tinha várias fotos suas em cima da cama, na cela que nós dividimos certa vez. E, se você não se importar por eu dizer, você parece mais doce do que deveria. Você já não deveria estar mais avançada naquele negócio de apodrecimento-e-ruína?

— Eu estava — ela disse, simplesmente. — Mas aquelas mulheres, na fazenda, me deram água do poço delas. Uma sobrancelha se ergueu.

— Do poço de Urd? Certamente não.

Ela apontou para si mesma. Sua pele estava pálida, e a pele ao redor dos olhos, escura, mas ela estava evidentemente inteira: se fosse mesmo um cadáver ambulante, havia acabado de morrer.

— Não vai durar — disse o senhor World. — Elas deram pra você um gostinho do passado. Vai se dissolver no presente logo, logo, e daí esses lindos olhos azuis vão pular do rosto e cair sobre essas bochechinhas lindas, que não serão, àquela altura, tão lindas assim. Falando nisso, você está com o meu galho. Será que dá pra me entregar?

Ele tirou do bolso um maço de Lucky Strike, pegou um cigarro, acendeu com um isqueiro Bic descartável.

— Me dá um?

— Claro. Dou um cigarro pra você se me der o meu galho.

— Se você quiser mesmo, vale mais do que só um cigarro. Ele não disse nada.

— Eu quero respostas. Eu quero saber umas coisas.

Ele acendeu um cigarro e entregou a ela. Ela o pegou e tragou. Então, piscou.

— Quase consigo sentir o gosto deste aqui — disse, sorrindo. — Acho que talvez consiga.

— Humm, nicotina.

— É. Por que você foi falar com as mulheres na casa da fazenda?

— Shadow me disse pra ir. Ele falou pra eu pedir água pra elas.

— Fico imaginando se ele conhecia o efeito. Provavelmente, não. Ainda assim, essa é a parte boa a respeito de estar morto na árvore. Assim eu sei onde ele está o tempo todo. Está fora do tabuleiro.

— Vocês armaram pro meu marido. Estavam armando desde o começo. Ele tem um bom coração, sabia?

— Eu sei. Quando tudo isso terminar, acho que vou afiar um galho de visco e vou até o freixo, enfiar no olho dele. Pronto. Meu galho, por favor.

— Por que você quer esse pedaço de pau?

— É uma lembrança de toda essa confusão. Não se preocupe, não é visco. Um sorriso passou pelo rosto dele.

— Simboliza uma lança, e nesse mundo miserável, o símbolo é o que importa. Os barulhos vindos do lado de fora ficaram mais altos.

— De que lado você está?

— Não tem a ver com lados. Mas, já que perguntou, estou do lado vencedor. Sempre.

Ela assentiu com a cabeça, e não largou o galho.

Virou-se para o outro lado, e olhou para fora, na porta da caverna. Lá embaixo, nas pedras, via alguma coisa que brilhava e pulsava. Estava enrolado em volta de um homem magro com o rosto cor-de-malva barbado, que batia nele com um cabo de rodinho, do tipo de rodinho se usa para limpar pára-brisas em sinais de tráfego. Ouviu-se um grito e os dois desapareceram da vista.

— Tudo bem. Eu entrego o seu galho.

A voz do senhor World vinha detrás dela.

— Que boa menina — disse, de maneira reconfortante, de modo que pareceu a ela tanto paternalista quanto indefinivelmente masculino.

Aquilo fez a pele dela se arrepiar.

Ela ficou esperando na porta de pedra até ouvir a respiração dele na orelha. Precisava esperar até ele chegar perto o suficiente. Aquilo ela havia calculado.

O passeio era mais do que regozijador; era elétrico.

Eles dançavam através da tempestade como relâmpagos retorcidos, brilhando de uma nuvem à outra, moviam-se como o rugido do trovão, como a intumescência e o corte do furacão. Era uma viagem crepitante, impossível. Não havia medo: só o poder da tempestade, inevitável e completamente desgastante, e a alegria do voo.

Shadow enfiou os dedos nas penas do pássaro-trovão, sentindo a estática espetar sua pele. Faíscas azuis retorciam-se por suas mãos como cobras minúsculas. A chuva lavava seu rosto.

— Isso é bom demais! — ele gritava, por cima do rugido da tempestade. Como se entendesse o que ele dizia, o pássaro começou a subir mais, cada batida de asa um estrondo de trovão, e a ave se lançava para baixo, mergulhava e escorregava através das nuvens escuras.

— No meu sonho, eu estava caçando você — disse Shadow, suas palavras entrecortadas pelo vento. — No meu sonho, eu precisava pegar uma pena.

Sim. A palavra era um estalo de estática no rádio da mente dele. Eles vinham até nós em busca de penas, para provar que eram homens; e vinham até nós para cortar as pedras das nossas cabeças, para presentear os mortos com nossas vidas.

Uma imagem, então, tomou a mente dele: de um pássaro-trovão — uma fêmea, ele concluiu, porque a plumagem dela era marrom, não preta — caída logo depois de morrer na encosta de uma montanha. Ao lado dela havia uma mulher. Ela quebrou a cabeça da ave com uma pedra de sílex. Remexeu as lascas de osso úmidas e o cérebro esmigalhado até encontrar uma pedra lisa e clara, da cor marrom-amarelada da granada, com chamadas opalescentes cintilando em suas profundezas. Pedras de águia, pensou Shadow. Ela levaria aquilo para seu filho-bebê, morto havia três noites, e acomodaria a pedra sobre seu peito frio. Antes do próximo nascer do sol, o menino estaria vivo e sorridente, e a pedra preciosa estaria cinzenta, embaçada e tão morta quanto o pássaro de que havia sido roubada.

— Compreendo — ele disse ao pássaro.

O pássaro jogou a cabeça para trás e piou, e seu grito era o trovão.

O mundo embaixo deles passava em clarões, em um sonho estranho.

Laura ajeitou a mão em volta do galho, e esperou o homem que conhecia como senhor World vir a ela. Ela olhava para o outro lado, para a tempestade, e para as montanhas verde-escuras abaixo dela.

Nesse mundo miserável, ela pensou, o símbolo é o que importa. É isso aí. Ela sentiu a mão dele se fechar suavemente sobre o ombro direito dela. Bom, ela pensou. Ele não quer me alarmar. Está com medo que eu jogue o galho no melo da tempestade, que saia rolando pela encosta da montanha, e que ele a perca.

Ela deixou o corpo cair um pouquinho para trás, até tocar o peito dele com as costas. O braço esquerdo dele se curvava ao seu redor. Era um gesto íntimo.

A mão esquerda dele estava aberta na sua frente. Ela fechou ambas as mãos ao redor da ponta do galho, exalante, concentrada.

— Por favor. Meu galho — disse, na orelha dela.

— Ë... É seu.

E então, sem saber se iria ter algum significado, disse:

— Eu dedico esta morte a Shadow.

E enfiou o galho no próprio corpo, bem abaixo do esterno. Sentiu-o contorcer-se e se transformar, em suas mãos, em uma lança.

O limite entre sensação e dor havia ficado difuso desde que morrera. Ela sentiu a ponta da lança penetrar seu peito, sentiu-a sair pelas costas. Um instante de resistência — ela empurrou com mais força — e a lança entrou no senhor World. Ela sentia a respiração quente dele sobre a sua pele fria do pescoço, enquanto ele urrava de dor e de surpresa, empatado na lança.

Ela não reconhecia as palavras que ele falava, nem a língua em que ele as proferia. Empurrou o cabo da lança ainda mais fundo, forçando-o através do seu corpo e do dele.

Laura sentia o sangue dele jorrando em suas costas.

— Cadela — ele disse, na língua dela. — Sua puta cadela. Sua voz tinha um aspecto gorgolejante e úmido. Ela supôs que a lâmina da lança tivesse perfurado um pulmão. O senhor World se movia agora, ou tentava se mover, e cada movimento que fazia balançava o corpo dela também: estavam unidos pelo mastro, empatados juntos, como dois peixes em uma única lança. Ele tinha agora uma faca em uma das mãos, ela viu, e esfaqueava o peito e os seios dela ao acaso e com selvageria, incapaz de enxergar o que estava fazendo.

Ela não ligava. O que eram golpes de faca para um cadáver?

Ela desceu o punho, com força, sobre o punho agitado dele, e a faca saiu voando pelo chão da caverna. Ela a chutou para longe.

E agora ele chorava e urrava. Ela sentia que ele empurrava seu corpo contra o dela, que suas mãos apalpavam as costas dela, o sangue escorrendo pela parte traseira de suas pernas.

— Isso aqui deve parecer tão indigno — ela disse, em um sussurro morto, não sem uma certa diversão obscura.

Laura sentiu o senhor World cair atrás dela, e ela caiu também, e então escorregou no sangue — lodo dele — que formava poças no chão da caverna, e os dois sucumbiram.

O pássaro-trovão pousou no estacionamento da Cidade de Pedra. A chuva caía em lâminas. Shadow mal podia enxergar 3 metros à frente do rosto. Ele largou as penas do pássaro-trovão e escorregou, quase caindo sobre o asfalto molhado.

Relâmpagos brilharam e o pássaro não estava mais lá.

Shadow ficou em pé.

O estacionamento estava quase vazio. Shadow olhou em direção à entrada. Passou por um Ford Explorer marrom, estacionado contra uma parede de pedra. Havia algo profundamente familiar naquele carro, e olhou para ele com curiosidade, reparando no homem dentro do carro, caído sobre a direção como se estivesse dormindo.

Shadow abriu a porta do lado do motorista.

A última vez que vira o senhor Town tinha sido do lado de fora do hotel, no centro dos Estados Unidos. A expressão em seu rosto era de surpresa. O pescoço dele fora quebrado com destreza. Shadow tocou o rosto do homem. Ainda estava quente.

Shadow podia sentir um cheiro no ar do carro; era fraco, como o perfume de alguém que havia deixado uma sala, mas Shadow o reconheceria em qualquer lugar. Bateu com força a porta do carro e percorreu seu caminho pelo estacionamento.

Enquanto andava, sentiu um puxão na lateral do corpo, uma dor aguda e lancinante que só durou um segundo, ou menos, e então desapareceu.

Não havia ninguém vendendo entradas. Ele caminhou pelo prédio e saiu para os jardins da Cidade de Pedra.

Trovões estrondeavam, agitavam os galhos das árvores e sacudiam bem no fundo das enormes pedras, e a chuva caía com violência fria. Era fim de tarde, mas já estava escuro como se fosse noite.

Um rastro de relâmpago se espalhou através das nuvens, e Shadow ficou imaginando se seria o pássaro-trovão voltando para o penhasco, ou se era só uma descarga atmosférica, ou se as duas ideias eram, de alguma maneira, a mesma coisa.

E claro que eram. Aquele era o objetivo, afinal.

Em algum lugar, uma voz de homem gritou. Shadow ouviu. As únicas palavras que ele reconheceu ou pensou que reconheceu foram "...para Odin!"

Shadow correu pelo Pátio das Bandeiras dos Sete Estados, os ladrilhos estavam cobertos pela água da chuva que escorria com força. Ele escorregou uma vez sobre a pedra molhada. Tinha uma grossa camada de nuvens envolvendo a montanha, e, através das trevas e da tempestade além do pátio, não conseguia enxergar Estado nenhum.

Não se ouvia nenhum som. O lugar parecia completamente abandonado.

Ele gritou, e imaginou que havia escutado algo respondendo. Caminhou em direção ao lugar de onde pensou que o som vinha.

Ninguém. Nada. Só a corrente marcando a entrada como proibida aos visitantes.

Shadow passou por cima da corrente.

Ele olhou em volta, espreitando a escuridão.

Sua pele ficou arrepiada.

Uma voz detrás dele, nas sombras, disse, com muita calma:

— Você nunca me decepcionou. Shadow não se virou.

— Que estranho. Eu me decepcionei comigo mesmo durante todo o percurso. Todas as vezes.

— Não mesmo — disse a voz. — Você fez tudo que deveria fazer, e mais ainda. Prendeu a atenção de todo mundo, de modo que nunca olharam pra mão que segurava a moeda. Isso é o que se chama desvio de atenção. E há poder no sacrifício de um filho... bastante poder, e mais do que bastante, pra fazer a bola rolar. Pra dizer a verdade, estou orgulhoso de você.

— Tinha trapaça. Em tudo. Nada era de verdade. Era só uma encenação pra um massacre.

— Exatamente — disse a voz de Wednesday, no meio das sombras. — Tinha trapaça. Mas era o único jogo disponível na cidade.

— Eu quero a Laura, eu quero o Loki. Onde eles estão?

Só silêncio. Um golpe de vento jogou chuva em cima dele. Trovões rugiam em algum lugar muito próximo, ao alcance da mão.

Ele entrou mais para o fundo da caverna.

Loki Lie-Smith estava sentado no chão com as costas apoiadas em uma jaula de metal. Dentro da jaula, fadinhas bêbadas mantinham sua cena. Ele estava coberto com uma manta. Só seu rosto aparecia, além das mãos, brancas e longas, segurando a manta. Uma lanterna elétrica repousava em uma cadeira ao seu lado. As pilhas da lanterna estavam prestes a falhar, e a luz que emitia era fraca e amarela.

Sua aparência era pálida e rude.

Os olhos dele, no entanto, ainda estavam aguçados, e brilhavam para Shadow à medida que caminhava pela caverna.

Quando Shadow estava a vários passos de distância de Loki, parou.

— Você chegou tarde demais — disse Loki, com a voz áspera e úmida. — Eu atirei a lança. Dediquei a batalha. Começou.

— Sem sacanagem — disse Shadow.

— Sem sacanagem — disse Loki. — Então, o que você fizer agora não importa mais.

Shadow parou e refletiu. Então, disse:

— A lança que você atirou para dar início à batalha... igual àquela coisa de Uppsala. É essa batalha que você vai usar pra se alimentar. Estou certo?

Silêncio. Ele podia ouvir a respiração de Loki, uma inalação medonha, tremida.

— Eu tirei essa conclusão — disse Shadow. — Mais ou menos. Não tenho certeza de quando percebi tudo. Talvez enquanto estava pendurado na árvore. Talvez antes. Foi a partir de uma coisa que o Wednesday me disse no Natal.

Loki, no chão, só olhava para ele, sem dizer nada.

— Não passa de um golpe de dois homens. Igual ao bispo com o colar de diamantes e o guarda que prende ele. Igual ao cara com o violino, e o cara que quer comprar o violino. Dois homens, que parecem estar de lados opostos, jogando o mesmo jogo.

Loki sussurrou:

— Você é ridículo.

— Por quê? Eu gostei do que fez no hotel. Aquilo foi inteligente. Você precisa estar lá, para se assegurar de que tudo correria de acordo com o plano. Eu vi você. Eu até percebi quem era. E ainda assim eu nunca notei que você era o senhor World deles.

Shadow levantou a voz:

— Você, trata de aparecer — disse, para a caverna. — Onde quer que esteja. Mostra a cara.

O vento uivava na entrada da caverna, e jogava um monte de água na direção deles. Shadow tremia.

— Estou de saco cheio de ser tratado igual a um babaca. Apareça. Deixa eu ver você.

Percebeu-se uma mudança nas sombras do fundo da caverna. Alguma coisa lá ficou mais sólida; alguma coisa se transformou.

— Você sabe demais, meu garoto — disse o rugido familiar de Wednesday.

— Então, não mataram você.

— Mataram, sim. Nada disso teria funcionado se não tivessem me matado. A voz dele estava fraca — não abafada de fato, mas havia alguma coisa nela que lembrava um rádio velho não muito bem sintonizado em uma estação distante.

— Se eu não tivesse morrido de verdade, nunca teríamos conseguido trazer todos até aqui. Kali, as Morrigan e as porras dos albaneses e... bom, você viu todos eles. Foi a minha morte que os uniu. Eu fui o cordeiro do sacrifício.

— Não — disse Shadow. — Você foi o Bode do Judas.

A forma de espectro nas sombras serpenteou e mudou.

— Não, mesmo. Isso implica que eu traí os deuses antigos pelos novos. O que não era o que a gente estava fazendo.

— Não, mesmo — sussurrou Loki.

— Isso dá pra ver. Vocês não estavam traindo nenhum dos dois lados. Estavam traindo ambos.

— Acho que sim — concordou Wednesday. Ele parecia satisfeito consigo mesmo.

— Vocês queriam um massacre. Precisavam de um sacrifício de sangue. Um sacrifício de deuses.

O vento ficou mais forte. O uivo através da entrada da caverna se transformou em um guincho, como se fosse algo imensuravelmente enorme sofrendo de dor.

— E por que diabos não? Eu estou preso nesta terra faz quase 1.200 anos. Meu sangue está ralo. Tenho fome.

— E vocês se alimentam da morte — disse Shadow.

Ele achou que conseguia enxergar Wednesday agora. Era uma forma feita de escuridão, que só ficava mais real quando Shadow olhava para o outro lado, observando a forma apenas com a visão periférica.

— Eu me alimento de mortes que são dedicadas a mim.

— Como a minha morte na árvore.

— Aquilo foi especial.

— E você, também se alimenta de morte? — perguntou Shadow, olhando para Loki.

Loki sacudiu a cabeça, demonstrando cansaço.

— Não, claro que não... Você se alimenta do caos.

Loki sorriu ao ouvir aquilo, um sorriso breve e dolorido, e chamas alaranjadas dançaram em seus olhos, e brilharam como renda pegando fogo sob a pele clara.

— Não poderíamos ter feito tudo isso sem você — disse Wednesday, no canto do olho de Shadow. — Eu fiquei com tantas mulheres...

— Você precisava de um filho.

A voz fantasmagórica de Wednesday ecoou.

— Eu precisava de você, meu garoto. É. Meu próprio garoto. Eu sabia que tinha sido concebido, mas a sua mãe deixou o país. Demorou um tempão pra gente encontrar você. E, quando achamos, estava na prisão. A gente precisava descobrir o que mexia com você. Que botões precisávamos apertar pra fazer você se mexer. Quem você era.

Loki pareceu, momentaneamente, satisfeito consigo mesmo.

— E você tinha uma mulher pra quem voltar. Um fato azarado, mas não insuperável.

— Ela não era boa pra você — sussurrou Loki. — Está melhor sem ela.

— Se pudesse ter sido de outro jeito... — disse Wednesday e, desta vez, Shadow sabia o que ele queria dizer.

— E se ela tivesse tido... a elegância de permanecer morta — arfou Loki. — Wood e Stone... eram bons homens. Seria permitido... que vocês escapassem quando o trem cruzasse os Dakotas...

— Onde ela está?

Loki esticou um braço pálido e apontou para o fundo da caverna.

— Ela foi por ali.

Então, sem avisar, tombou para a frente, e seu corpo bateu forte contra o chão.

Shadow viu o que a manta escondera dele; o sangue empoçado, o furo através das costas de Eoki, a capa amarelada transformada em preta, de tão ensopada de sangue.

— O que aconteceu?

Eoki não disse nada.

Shadow achou que ele não falaria mais.

— Sua mulher cruzou o caminho dele, meu garoto — disse a voz distante de Wednesday.

Estava ficando mais difícil enxergá-lo, como se ele estivesse esmaecendo de volta para o éter.

— Mas a batalha vai trazê-lo de volta. Assim como a batalha vai me trazer de volta pra sempre. Eu sou um fantasma, e ele é um cadáver, mas a gente venceu mesmo assim. O jogo foi armado.

— Jogos armados — lembrou-se Shadow — são os mais fáceis de vencer. Não houve resposta. Nada se mexia nas sombras. Shadow disse:

— Adeus...

E então completou:

— Pai.

Mas àquela altura já não havia vestígio de ninguém na caverna. Ninguém mesmo.

Shadow voltou até o Pátio das Bandeiras dos Sete Estados, mas não viu ninguém, e não ouviu nada além do desfraldar das bandeiras no meio do vento da tempestade. Não havia ninguém brandindo espadas na Pedra Equilibrada de Mil Toneladas, nenhum defensor na Ponte do Balanço. Ele estava sozinho.

Não havia nada para ver. O lugar estava deserto. Era um campo de batalha vazio.

Não. Não estava deserto. Não, exatamente.

Aquilo ali era a Cidade de Pedra. Era um lugar de veneração e adoração há milhares de anos. Hoje, milhões de turistas que percorriam os caminhos através dos jardins e serpenteavam pela Ponte do Balanço exerciam o mesmo efeito da água fazendo um milhão de rodas de oração girar. A realidade era rala ali. E Shadow sabia onde a batalha deveria estar acontecendo.

Com aquela ideia na cabeça, ele começou a caminhar. Lembrou-se de como havia se sentido no carrossel, e tentou sentir-se da mesma maneira... de quando virou a direção do Winnebago e de como o veículo se curvou formando ângulos retos com tudo. Tentou recapturar aquela sensação...

E então, fácil e perfeitamente, aconteceu.

Era como passar através de uma membrana, como vir à tona depois de um mergulho profundo. Com um passo, ele havia passado da trilha turística da montanha para...

Para algum lugar real. Ele estava atrás do palco.

Ainda estava no topo de uma montanha, aquilo continuava igual. Mas era muito mais do que aquilo. O topo dessa montanha era a quintessência, o coração das coisas como eram. Na comparação, a montanha Lookout que ele havia deixado para trás era uma pintura de cenário, ou um modelo de papiê-machê visto pela tela de uma televisão — uma mera representação da coisa, não a coisa em si.

Aquele era o lugar verdadeiro.

As paredes de pedra formavam um anfiteatro natural. Caminhos de pedregulhos serpenteavam em volta e através dele, formando pontes naturais distorcidas que se assemelhavam a uma gravura de Escher, subindo e descendo pelas paredes de pedra.

E o céu...

O céu estava escuro. Estava aceso, e o mundo abaixo dele se iluminava com um facho branco-esverdeado, mais brilhante do que o sol, que formava garfos pelo céu de maneira maluca, de uma ponta à outra, como um rasgão branco no céu escurecido.

Shadow percebeu que eram relâmpagos. Relâmpagos pegos em um instante congelado que se esticava para sempre. A luz que irradiavam era implacável e sem misericórdia: lavava os rostos e deixava os olhos ocos, como fossas escuras.

Aquele era o instante da tempestade.

Os paradigmas estavam se transformando. Ele podia sentir aquilo. O mundo antigo, um mundo de infinita vastidão e de recursos ilimitados e de futuro, estava sendo confrontado por algo mais — uma rede de energia, opiniões e abismos.

As pessoas acreditavam, Shadow pensou. É isso que as pessoas fazem. Acreditam. E depois não se responsabilizam por suas crenças; fazem coisas aparecer e depois não acreditam nas aparições. As pessoas povoam a escuridão com fantasmas, deuses, elétrons e histórias. As pessoas imaginam e acreditam, e é essa crença, essa crença sólida como a pedra, que faz as coisas acontecerem.

O topo da montanha era uma arena; isso ele percebeu imediatamente. E em cada lado da arena, ele via que se formavam fileiras.

Eles eram grandes demais. Tudo era grande demais naquele lugar.

Deuses antigos estavam ali... deuses com a pele marrom como cogumelos velhos, cor-de-rosa como um frango depenado, amarela como as folhas do outono. Alguns eram loucos e, outros, sãos. Shadow reconhecia todos. Ele já os havia encontrado, ou havia se encontrado com outros como eles. Havia ifrits e piskies, gigantes e anões. Ele viu a mulher que conhecera no quarto escuro de Rhode Island, viu os cachos verdes cor-de-cobra de seus cabelos. Viu Mama-ji, do carrossel, e havia sangue em suas mãos e um sorriso em seu rosto. Ele conhecia todos eles.

E também reconhecia os novos.

Havia alguém que fora um barão das estradas de ferro, usando um terno antigo, com a corrente do relógio de bolso esticada sobre o colete. Ele tinha o ar de alguém que já passara por dias melhores. A testa dele se contorcia.

Havia os enormes deuses cinzentos dos aviões, herdeiros de todos os sonhos de vôo dos mais-pesados-do-que-o-ar.

Havia deuses automobilísticos ali: um contingente poderoso, de expressão séria, com sangue nas luvas pretas e nos dentes cromados: recipientes de sacrifícios humanos em uma escala jamais imaginada desde os astecas. Até eles pareciam desconfortáveis. Os mundos mudam.

Outros tinham rostos de fosfato borrado: brilhavam suavemente, como se existissem a partir de sua própria luz.

Shadow sentiu pena de todos eles.

Havia um ar de arrogância nos novos. Shadow podia ver aquilo. Mas também havia medo.

Tinham medo de que, a não ser que acompanhassem o ritmo de um mundo mutante, a não ser que refizessem, redesenhassem e reconstruíssem o mundo à sua imagem, sua época já teria chegado ao fim.

Cada lado encarava o outro com bravura. Para cada um dos lados, a oposição representava os demônios, os monstros, os condenados.

Shadow percebeu que o combate inicial havia começado. Já existia sangue nas pedras.

Estavam se preparando para a batalha verdadeira, para a guerra verdadeira. Era agora ou nunca, ele pensou. Se ele não tomasse uma atitude, seria tarde demais.

Nos Estados Unidos, tudo dura para sempre, dizia uma voz no fundo da cabeça dele. A década de 1950 durou mil anos. Você tem todo o tempo do mundo.

Shadow andou com passos que eram como um passeio, um tropeço meio controlado, até o centro da arena.

Ele sentia olhos sobre si, olhos e coisas que não eram olhos. Ele tremia.

A voz de búfalo disse: Você está se saindo bem.

Shadow pensou: É isso aí. Eu voltei dos mortos hoje de manhã. Depois disso, tudo o mais deve ficar bem fácil.

— Sabe — disse Shadow, para o ar, em tom de conversa. — Isto não é uma guerra. Isto nunca teve a pretensão de ser uma guerra. E se algum de vocês pensa que isto é uma guerra, está se iludindo.

Ouviram-se resmungos de ambos os lados. Ele não havia impressionado ninguém.

— Estamos lutando pela nossa sobrevivência — mugiu um minotauro de um dos lados da arena.

— Estamos lutando pela nossa existência — gritou uma boca em uma coluna de fumaça cintilante, do outro lado.

— Esta é uma terra ruim pra deuses — disse Shadow Como linha introdutória, não era exatamente Amigos, romanos e compatriotas, mas dava para o gasto.

— Você todos provavelmente descobriram isso, a seu modo. Os antigos deuses são ignorados. Os novos são tão rapidamente elevados quanto descartados, colocados de lado em nome da próxima moda. Ou vocês foram esquecidos, ou estão com medo de se tornar obsoletos... talvez estejam apenas cansados de existir somente na excentricidade das pessoas.

Havia menos resmungo agora. Ele dissera algo com que concordavam. Agora, enquanto eles estavam ouvindo, ele precisava contar a história.

— Existiu um deus que veio pra cá de uma terra distante, e cujo poder e cuja

influência declinaram à medida que a crença nele esmaeceu. Era um deus que tirava seu poder do sacrifício, da morte e, especialmente, da guerra. As mortes daqueles que sucumbiam na guerra eram dedicadas a ele... Campos de batalha inteiros que haviam dado a ele poder e sustento no Velho Continente. Mas daí ele ficou velho. Ganhava a vida como golpista, trabalhando junto com um outro deus do seu panteão, um deus de caos e de fraude. Juntos, eles enganavam as pessoas ingênuas. Juntos, tiravam das pessoas tudo que possuíam. A certa altura dos acontecimentos... talvez Cinquenta anos atrás, talvez cem, eles colocaram um plano em prática, um plano pra criar uma reserva de poder de que os dois poderiam desfrutar. Algo que faria com que ficassem mais fortes do que jamais tinham sido. Afinal, o que poderia conter mais poder do que um campo de batalha coberto de deuses mortos? O jogo que praticavam se chamava "Vamos Você e Ele Lutar". Compreendem? A batalha que vocês vieram travar aqui é algo que ninguém pode vencer ou perder. A vitória e a derrota não têm a menor importância pra ele, pra eles. O que importa é quantos de vocês vão morrer. Cada um de vocês que cai na batalha dá poder a ele. Cada um de vocês que morre, o alimenta. Vocês compreendem?

O rumor, como um grito de guerra de alguma coisa pegando fogo, ecoava pela arena. Shadow olhou para o local de onde vinha o barulho. Um homem enorme, com a pele cor-de-mogno, com o peito nu, usando uma cartola, com um cigarro largado na boca, falou com uma voz tão profunda quanto uma cova. Baron Samedi disse:

— Tudo bem. Mas Odin. Ele morreu. Nas negociações de paz. Os filhos da puta mataram ele. Ele morreu. Eu conheço a morte. Ninguém vai me enganar em relação a isso.

Shadow disse:

— Obviamente. Ele precisava morrer de verdade. Ele sacrificou seu corpo físico pra fazer esta guerra acontecer. Depois da batalha ele ficaria mais poderoso do que nunca.

Alguém gritou:

— E você, quem é?

— Eu sou... eu era... filho dele.

Um dos deuses novos — Shadow desconfiou que fosse uma droga, pelo jeito como sorria e como estava vestido — disse:

— Mas o senhor World disse...

— Nunca existiu um senhor World. Essa pessoa nunca existiu. Ele era só mais um entre vocês, seus bastardos, tentando se alimentar do caos que criou. Eles acreditaram nele, e dava para ver a decepção naqueles olhos. Shadow sacudiu a cabeça.

— Sabem, acho que prefiro ser homem do que deus. A gente não precisa de ninguém pra acreditar na gente. A gente vai seguindo em frente de qualquer jeito. É o que fazemos.

Houve silêncio, ali no lugar elevado.

E então, com um estalo chocante, o relâmpago congelado no céu caiu sobre o pico da montanha, e a arena ficou inteiramente escura.

Muitas daquelas presenças brilhavam na escuridão.

Shadow ficou imaginando se iriam discutir com ele, atacá-lo ou tentar matá-lo. Esperou por algum tipo de resposta.

E então Shadow percebeu que as luzes estavam indo embora. Os deuses estavam deixando aquele lugar, primeiro aos punhados, depois em fileiras, e finalmente às centenas.

Uma aranha do tamanho de um cachorro rottweiler veio correndo pesadamente na direção dele, sobre sete patas, com seu aglomerado de olhos brilhando fracamente.

Shadow se manteve de pé, apesar de sentir-se levemente enjoado.

Quando a aranha chegou suficientemente perto, disse, com a voz do senhor Nancy:

— Que trabalho bem-feito. Estou orgulhoso de você. Você fez bem, garoto.

— Obrigado.

— Vamos levá-lo de volta. Passar muito tempo neste lugar vai acabar com você.

E, dizendo isso, colocou uma pata peluda de aranha no ombro de Shadow...

...E, de volta ao Pátio das Bandeiras dos Sete Estados, o senhor Nancy tossiu. A mão direita dele repousava sobre o ombro de Shadow. A chuva tinha cessado. O senhor Nancy apoiava o canto da mão na cintura, como se estivesse machucada. Shadow perguntou se ele estava bem.

— Eu sou tão duro quanto unhas velhas. Mais duro, eu acho.

Ele não parecia feliz. Parecia um velho sofrendo de dor.

Havia dúzias deles, em pé ou sentados no chão ou nos bancos. Alguns pareciam bastante machucados.

Shadow ouvia um barulho de chocalho no céu, vindo do sul. Ele olhou para o senhor Nancy:

— Helicópteros?

O senhor Nancy assentiu com a cabeça.

— Não se preocupe com eles. Não mais. Só vieram limpar a bagunça, depois vão embora.

— Entendi.

Shadow sabia que havia uma parte da bagunça que ele queria ver por si mesmo, antes que fosse limpa. Emprestou uma lanterna de um homem de cabelos cinzentos, que se parecia com um âncora de telejornal aposentado, e começou a caçar.

Encontrou Laura estendida no chão em uma caverna lateral, ao lado de um diorama de gnomos mineradores vindos diretamente da Branca de Neve. O chão sob ela estava pegajoso de tanto sangue. Ela estava apoiada de lado, da maneira como Loki deve tê-la abandonado depois de tirar a lança do corpo dos dois.

Uma das mãos de Laura agarrava o peito. Ela parecia horrivelmente vulnerável. Parecia morta, mas Shadow já estava quase acostumado com aquilo.

Ele se agachou ao lado dela, encostou a mão em sua bochecha e falou seu nome. Os olhos dela se abriram, e ela levantou a cabeça e a virou até olhar para ele.

— Oi, cachorrinho.

Sua voz estava fraquinha.

— Oi, Laura. O que aconteceu aqui?

— Nada. Umas coisas aí. Eles venceram?

— Eu parei com a batalha quando estavam tentando começar.

— Meu cachorrinho inteligente. Aquele homem, o senhor World, disse que ia enfiar um pau no seu olho. Eu não gostei nem um pouco dele.

— Ele está morto. Você o matou, querida. Ela assentiu com a cabeça, e disse:

— Que bom.

Seus olhos se fecharam. Shadow encontrou sua mão fria e a segurou. Depois de um tempo, ela abriu os olhos novamente.

— Você conseguiu descobrir o que precisa fazer pra me trazer de volta dos mortos?

— Acho que sim. Eu conheço um jeito, pelo menos.

— Que bom.

Ela apertou a mão dele com sua mão fria. E então, disse:

— E o contrário? Você sabe alguma coisa?

— O contrário?

— É. Acho que mereci.

— Não quero fazer isso.

Ela não disse nada. Simplesmente, aguardou.

Shadow disse:

— Tudo bem.

Então, soltou a mão e colocou no pescoço dela.

Ela disse:

— Esse é o meu marido. Disse aquilo com orgulho.

— Eu amo você, querida.

— Amo você, cachorrinho.

Ele fechou a mão em volta da moeda de ouro pendurada no pescoço dela. Puxou a corrente com força e a quebrou com facilidade. Então, segurou a moeda entre o polegar e

o indicador, assoprou e abriu a mão.

A moeda não estava mais lá.

Os olhos dela ainda estavam abertos, porém não se mexiam.

Ele então inclinou o corpo, e a beijou, suavemente, na bochecha fria, mas ela não respondeu. Ele não esperava que respondesse. Então se levantou e caminhou para fora da caverna, para olhar a noite.

As tempestades haviam limpado. O ar estava fresco, limpo e novo mais uma vez.

Amanhã, ele não tinha dúvida, seria um dia lindo de morrer.

QUARTA PARTE

EPÍLOGO: ALGUMA COISA QUE OS MORTOS ESTÃO ESCONDENDO

CAPÍTULO DEZENOVE

Um conto pode ser mais bem descrito ao se narrar o conto. Compreende? A maneira como alguém descreve uma história, para si ou para o mundo, é narrando a história. É um ato de equilíbrio e é um sonho.

Quanto mais preciso for o mapa, mais se assemelha ao território. O mapa mais preciso possível seria o território e, assim, seria perfeitamente preciso e perfeitamente inútil.

O conto é o mapa que é o território. É preciso lembrar-se disso.

— Dos cadernos de anotação do senhor Íbis

Os dois estavam a bordo da perua Kombi, dirigindo-se para a Flórida pela estrada 1-75. Estavam na estrada desde o amanhecer; ou melhor, Shadow dirigia e o senhor Nancy, sentado no banco do passageiro, de vez em quando, com uma expressão de dor no rosto, oferecia-se para dirigir. Shadow sempre dizia não.

— Você está feliz? — perguntou o senhor Nancy, de repente. Ele observou Shadow durante várias horas. Cada vez que Shadow olhava para a direita, lá estava ele olhando com seus olhos marrons cor-de-terra.

— Não muito — respondeu Shadow. — Mas ainda não estou morto.

— Hein?

— "Não diga que um homem é feliz até que esteja morto." Heródoto. O senhor Nancy levantou uma sobrancelha branca e disse:

— Eu ainda não estou morto e, principalmente porque ainda não estou morto, estou feliz igual a um marisquinho.

— Essa coisa do Heródoto... não quer dizer que os mortos são felizes. Quer dizer que não se pode julgar a vida de alguém até que esteja terminada.

— Eu não julgo ninguém — disse Nancy. — E, no que diz respeito à felicidade, existem vários tipos de felicidade, assim como existe um montão de tipos diferentes de morte. Eu, eu aproveito o que recebo quando posso.

Shadow mudou de assunto.

Aqueles helicópteros... Aqueles que levaram embora os mortos e os feridos.

— O que é que tem?

— Quem enviou? De onde eles vieram?

— Você não deveria se preocupar com isso. Eles são iguais a valquírias montadas em falcões. Eles vêm porque têm que vir.

— Se você está dizendo...

— Os mortos e os feridos serão bem cuidados. Se você quiser saber a minha opinião, o velho Jacquell vai estar muito ocupado no próximo mês. Me fala uma coisa, garoto Shadow.

— Sim?

— Você aprendeu alguma coisa com tudo isso?

— Não sei. A maior parte do que aprendi na árvore, já esqueci. Acho que conheci algumas pessoas, mas não tenho mais certeza de nada. É igual a um daqueles sonhos que provoca transformações. Você guarda um pouco do sonho pra sempre, e sabe algumas coisas lá no fundo da alma, porque aconteceram, mas, quando vai procurar os detalhes, eles fogem da mente.

— É — disse o senhor Nancy, cheio de raiva. — Você não é tão burro assim.

— Talvez não, mas eu gostaria de ter ficado com mais coisas que passaram pela minha mão, desde que saí da prisão. Recebi tantas coisas, e perdi tudo de novo.

— Você pode ter ficado com mais do que pensa.

— Não — disse Shadow.

Cruzaram a divisa da Flórida, e Shadow viu sua primeira palmeira. Ele ficou imaginando se tinha sido plantada ali na divisa de propósito, só para os viajantes saberem que agora estavam na Flórida.

O senhor Nancy começou a roncar, e Shadow deu uma olhada nele. Ainda parecia muito cinzento, e sua respiração chiava. Shadow se perguntou, não pela primeira vez, se ele teria sofrido algum tipo de ferimento pulmonar durante a briga. Nancy recusou qualquer cuidado médico.

A Flórida se estendia mais do que Shadow imaginava, e já era tarde quando encostou na frente de uma casa de madeira pequena e térrea, com as janelas bem tapadas, na periferia de Fort Pierce. Nancy, que havia indicado o caminho nos últimos 8 quilômetros, convidou-o para passar a noite.

— Posso pegar um quarto de hotel. Não é problema.

— Você poderia fazer isso, e eu ficaria magoado. Claro que eu não diria nada, mas ficaria magoado de verdade — disse o velho. — Então, é melhor você ficar aqui, e eu faço uma cama no sofá.

O senhor Nancy destrancou as persianas contra furacão e abriu as janelas. A casa tinha cheiro de mofo e de umidade, e de alguma coisa doce, como se fosse assombrada há muito tempo pelos fantasmas de biscoitos.

Shadow concordou, com relutância, em passar a noite ali, assim como concordou, com mais relutância ainda, em acompanhar o senhor Nancy até o bar no fim da rua, só para tomar um drinque, enquanto a casa arejava.

— Você viu o Czernobog? — perguntou o velho, enquanto passeavam pela noite úmida e quente da Flórida.

O ar enchia-se de mosquitos de palmeira que zumbiam, o chão estava lotado de criaturas que corriam para se esconder e faziam barulhos de estalos. O senhor Nancy acendeu uma cigarrilha, tossiu e engasgou. Ainda assim, continuou a tragar.

— Ele tinha sumido quando eu saí da caverna.

— Deve ter voltado pra casa. Você sabe que ele vai estar esperando por você lá.

— Sei.

Caminharam em silêncio até o fim da rua. Não era bem um bar, mas estava aberto.

— Eu pago as primeiras cervejas.

— A gente só vai tomar uma cerveja, lembra?

— O que você é? — perguntou o senhor Nancy. — Algum tipo de muquirana? O velho pagou as primeiras cervejas, e Shadow pagou a segunda rodada. Olhou com horror quando o senhor Nancy convenceu o barman a ligar o aparelho de karaokê e observou, com um acanhamento fascinado, enquanto o velho entoava "What's New, Pussycat?" antes de cantar uma versão emocionante e afinada de "The Way You Look Tonight". Ele tinha uma voz ótima e, no fim da canção, um punhado de pessoas que ainda estava no bar o aplaudiu e o aclamou.

Quando voltou ao bar, onde Shadow estava, parecia mais brilhante. As partes brancas de seus olhos estavam limpas, e a palidez cinzenta que tocava sua pele não estava mais lá.

— Sua vez.

— De jeito nenhum — disse Shadow.

Mas o senhor Nancy havia pedido mais cerveja, e entregava a Shadow um impresso manchado com o nome das músicas.

— Escolhe uma música que você conhece a letra.

— Isso não tem graça.

O mundo começava a rodar um pouco, mas ele não conseguiu reunir argumentos para discutir, e então Nancy já estava colocando a fita "Don't Let me Be Misunderstood" e empurrava — literalmente empurrava — Shadow para cima do palco improvisado no fundo do bar.

Shadow segurou o microfone como se estivesse provavelmente vivo, e então a música de fundo começou e ele entoou o "Baby..." inicial. Ninguém no bar jogou nada em sua direção. E aquela sensação era boa. "Can you understand me now?" A voz dele era

áspera, mas melódica, e a aspereza combinava com a canção. "Sometimes I feel a little mad. Don't you know that no one alive can always be an angel..."

E ele ainda cantava, enquanto caminhavam de volta para casa pela noite atarefada da Flórida, o velho e o moço, tropeçando pela rua, alegres.

"I'm just a soul whose intentions are good", ele cantava para os caranguejos, as aranhas, os besouros e as lagartixas da noite. "Oh Lord, please don't let me be misunderstood."

O senhor Nancy mostrou o sofá a ele. Era muito menor do que Shadow, que então resolveu dormir no chão. Quando terminou de tomar essa decisão, já estava em um sono profundo, meio sentado, meio deitado no sofá minúsculo.

A princípio, ele não sonhou. Havia somente a escuridão reconfortante. E então viu um fogo queimando na escuridão e andou em sua direção.

— Você se saiu bem — sussurrou o homem-búfalo, sem mexer os lábios.

— Eu não sei o que fiz.

— Você estabeleceu a paz. Pegou nossas palavras e as transformou nas suas próprias. Eles nunca entenderam que estavam aqui e que as pessoas que os adoravam também... porque eles estarem aqui nos satisfaz. Mas dá pra mudar de ideia. E talvez mudemos.

— Você é um deus?

O homem-búfalo sacudiu a cabeça. Parecia, por um instante, que a criatura se divertia.

— Eu sou a terra.

E, se aconteceu alguma coisa mais naquele sonho, Shadow não conseguiu se lembrar.

Ele ouviu alguma coisa claro. Sua cabeça doía e havia uma pulsação atrás de seus olhos.

O velho já preparava o café da manhã: uma pilha alta de panquecas, bacon crocante, ovos perfeitos e café. Parecia no ápice de sua saúde.

— Estou com dor de cabeça — disse Shadow.

— Tome um bom café da manhã e você vai se sentir um novo homem.

— Eu preferia me sentir o mesmo homem, só que com uma cabeça diferente.

— Come aí. Shadow comeu.

— Como se sente agora?

— Como se tivesse uma dor de cabeça, só que agora tem um pouco de comida no meu estômago e eu acho que vou vomitar.

— Vem comigo.

Ao lado do sofá sobre o qual Shadow passara a noite, coberto com uma manta africana, havia um baú, feito de algum tipo de madeira escura, como uma arca de pirata de tamanho diminuto. O senhor Nancy destrancou a fechadura e abriu a tampa. Dentro havia diversas caixas. Nancy remexeu todas.

— É um remédio de ervas antigo da África. É feito da casca de chorão que cai no chão e outras coisas do tipo.

— Igual a uma aspirina?

— É. Igualzinho.

Do fundo do baú, ele tirou um pote gigante de aspirina genérica em tamanho econômico. Desatarraxou a tampa e deixou cair duas pílulas. — Aqui está.

— Gostei do seu baú.

Pegou as pílulas amargas, engoliu-as com um copo de água.

— Meu filho mandou pra mim. Ele é um bom garoto. Não o vejo tanto quanto gostaria.

— Estou com saudade do Wednesday — disse Shadow. — Apesar de tudo que ele fez. Eu fico achando que ainda vou encontrar com ele por aí. Mas olho prós lados e ele não está.

Continuou olhando para o baú de pirata, tentando descobrir de que aquilo o lembrava.

Você vai perder muitas coisas. Mas não vai perder isso. Quem é que havia dito aquilo?

— Tem saudades dele? Depois de tudo o que fez você passar? Depois de tudo que ele fez pra todos nós?

— Tenho — disse Shadow. — Acho que tenho. Você acha que ele vai voltar?

— Acho que, em qualquer lugar em que dois homens estejam reunidos pra vender um violino de 20 dólares por 10 mil dólares, ele vai estar lá em espírito.

— É, mas...

— Vamos voltar pra cozinha — disse o velho, endurecendo a expressão. — Aquelas panelas não vão se lavar sozinhas.

O senhor Nancy lavou as panelas e a louça. Shadow enxugou tudo e guardou. A certa altura, a dor de cabeça começou a passar. Voltaram para a sala.

Shadow observou o baú antigo um pouco mais, fazendo força para lembrar.

— Se eu não for ver o Czernobog, o que vai acontecer?

— Ah, você vai vê-lo sim. Talvez ele ache você. Ou talvez faça com que você vá até ele. Mas, de um jeito ou de outro, você vai vê-lo sim.

Shadow assentiu com a cabeça. Alguma coisa começou a se encaixar. Dm sonho, na

árvore.

— Ei, existe algum deus com cabeça de elefante?

— Ganesh? É um deus hindu. Ele remove obstáculos e torna as jornadas mais fáceis. Também é um bom cozinheiro. Shadow olhou para cima.

— Está no baú — disse. — Eu sabia que era importante, mas não sabia por quê. Pensei que estivesse falando de alguma coisa relacionada à árvore. Mas não estava falando nada disso, estava?

O senhor Nancy franziu a testa.

— Agora eu me perdi.

— Está no baú — disse Shadow.

Ele sabia que era verdade. Ele não sabia por que deveria ser verdade, não muito. Mas tinha certeza absoluta. Levantou-se.

— Preciso ir. Sinto muito.

Nancy levantou uma sobrancelha.

— Pra que tanta pressa?

— Porque o gelo está derretendo.

CAPÍTULO VINTE

*It's spring and the goat-footed balloonMan whistles
far and wee [\[20\]](#)*

— E. E. Cummings

Shadow deixou a floresta com o carro alugado mais ou menos às 8h30 da manhã, desceu a colina a menos de 70 quilômetros por hora, e entrou na cidade de Lakeside três semanas depois de, segundo o que acreditava na época, tê-la deixado para sempre.

Ele atravessou a cidade, surpreso com a pouca mudança nas últimas semanas, que eram uma vida inteira, e parou a meio caminho da trilha que levava até o lago. Então, saiu do carro.

Já não havia mais cabanas de pesca no gelo sobre o lago congelado, nenhum jipe, nenhum homem sentado à beira de um buraco de pescaria no gelo com uma vara e um pacote de uma dúzia de cervejas. O lago estava escuro: já não estava mais coberto por uma camada de branco ofuscante de neve. Agora havia pedaços reflexivos de água na superfície do gelo, e a água que estava embaixo era preta, e o gelo propriamente dito estava transparente o bastante para que a escuridão por baixo dele aparecesse. O céu estava cinzento, mas o lago gélido estava triste e vazio.

Quase vazio.

Um carro continuava sobre o gelo, estacionado, quase embaixo da ponte, de modo que qualquer um que passasse pela cidade, não podia deixar de vê-lo. Era de uma cor verde sujo; o tipo de carro que as pessoas abandonam em estacionamentos. Não tinha motor. Era o símbolo de uma aposta, esperando que o gelo ficasse podre, frágil e perigoso o bastante para permitir que o lago o levasse para sempre.

Havia uma corrente fechando a trilha curta que levava até o lago, e uma placa de aviso proibindo a entrada a pessoas ou a veículos. GELO FINO, dizia. Embaixo das palavras havia uma série de pictogramas acompanhada de frases:

PROIBIDO PARA CARROS, PEDESTRES, SNOWMOBILES. PERIGO.

Shadow ignorou os avisos e desceu a encosta do lago. Estava escorregadio — a neve já tinha derretido, transformando a terra em lama sob os pés dele, e a grama marrom mal oferecia resistência. Ele deslizou, escorregou até o lago e caminhou, com cuidado, sobre um pequeno cais de madeira, e dali passou para o gelo.

A camada de água sobre o gelo, feita de gelo e de neve derretidos, era mais profunda do que parecia de cima, mais escorregadia e mais lisa do que qualquer rinque de patinação, e Shadow foi obrigado a lutar para conseguir se manter em pé. Ele chafurdava sobre a água, que cobria suas botas até os cadarços e molhava seus pés. Água gelada. Anestesiava tudo que tocava. Ele se sentia estranhamente distante à medida que tropeçava pelo lago congelado, como se estivesse assistindo a si mesmo em uma tela de cinema — em um filme em que ele era o herói: um detetive, talvez.

Ele caminhou em direção à lata velha, dolorosamente ciente de que o gelo estava frágil demais para aquilo, e de que a água embaixo do gelo estava tão fria quanto poderia estar sem que congelasse. Shadow continuou a caminhar, escorregando e deslizando. Várias vezes, caiu.

Passou por garrafas de cerveja vazias e latas que sujavam o gelo e ao largo de buracos cortados no gelo, para pescar, buracos que não tinham congelado depois de abandonados, cheios de água preta.

A lata velha estava mais longe da estrada do que parecia. Ouviu um estalo alto vindo da parte sul do lago, como um galho se partindo, seguido do som de uma enorme vibração, como se uma corda grossa de um instrumento do tamanho do lago estivesse vibrando. De maneira geral, o gelo rangia e gemia, como uma porta antiga reclamando de ser aberta. Shadow continuou caminhando, com tanta firmeza quanto era possível.

Isso é suicídio, sussurrava uma voz consciente no fundo de sua mente. Você não pode simplesmente deixar isso pra lá?

— Não — ele disse alto. — Eu preciso saber.

E continuou caminhando para a frente.

Chegou à lata velha, e mesmo antes de alcançá-la, soube que estava com a razão. Tinha uma espécie de miasma pairando ao redor do carro, algo que era ao mesmo tempo um cheiro fraco de sujeira e um gosto ruim no fundo da garganta. Ele andou em volta do carro, olhando para dentro. Os assentos estavam manchados e rasgados. O carro estava obviamente vazio. Tentou abrir as portas. Estavam trancadas. Tentou abrir o porta-malas. Também trancado.

Pensou que gostaria de ter trazido um pé-de-cabra.

Fechou a mão enluvada. Contou até três e então deu um soco forte no vidro da janela do lado do motorista.

Sua mão doeu, mas a janela lateral continuou intacta.

Pensou em correr em direção ao carro — conseguiria estilhaçar a janela com um chute, tinha certeza, se não escorregasse e caísse no gelo molhado. Mas a última coisa que ele queria fazer era incomodar a lata velha o suficiente para que o gelo sob ela rachasse.

Shadow olhou para o carro. Então esticou a mão na direção da antena do rádio — era do tipo que ia para cima e para baixo, mas que estava entalada na posição esticada havia décadas — e, sacudindo-a de um lado para o outro algumas vezes, quebrou o metal na base. Pegou a ponta mais fina — que serviu de base para uma esfera de metal perdida

com o tempo — e, com dedos fortes, encurvou até formar um tipo de gancho improvisado.

Então, enfiou a antena entre a borracha e o vidro da janela do assento da frente, bem no fundo do mecanismo da porta. Pescou, torceu, mexeu, retorceu e empurrou até achar o que procurava. Então, puxou.

Sentiu o gancho improvisado soltar a fechadura, de maneira inútil.

Suspirou. Tentou mais uma vez, mais devagar, com mais cuidado. Ele imaginava o gelo sucumbindo aos seus pés à medida que passava o peso do corpo de um pé para o outro. E lentamente...

Ele conseguiu. Puxou o gaúcho e o mecanismo da porta da frente se levantou. Shadow esticou a mão enluvada para baixo e alcançou a maçaneta, apertou o botão e puxou. A porta não abriu.

Está emperrada, pensou, congelada. Só isso.

Ele puxou com força, escorregando no gelo, e de repente a porta da lata velha se abriu, e gelo se espalhou por todos os lados.

O miasma era pior dentro do carro, um fedor de podridão e de doença. Shadow ficou enjoado.

Enfiou a mão embaixo do painel, encontrou a alavanca preta de plástico que abria o porta-malas e a puxou, com força.

Ouviu-se um estampido vindo de trás dele quando a tampa do porta-malas se soltou.

Shadow caminhou por sobre o gelo, escorregando e espalhando água ao redor do carro, segurando na lataria à medida que avançava.

Está no porta-malas, pensou.

O porta-malas tinha uma abertura de 2,5 centímetros. Ele esticou as mãos e abriu a tampa por inteiro, puxando-a para cima.

O cheiro era ruim, mas poderia ser muito pior: o fundo do porta-malas estava coberto por alguns centímetros de gelo meio derretido. Havia uma menina no porta-malas. Ela usava um macacão de neve vermelho-escarlate, agora manchado, e o cabelo desgrehado era comprido, e a boca estava fechada, de maneira que Shadow não conseguia ver o aparelho de dentes azul, mas ele sabia que estava lá. O frio a havia conservado, a havia mantido tão fresca como se tivesse sido colocada em um freezer.

Seus olhos estavam arregalados, parecia que tinha morrido chorando, e as lágrimas congeladas sobre sua bochecha ainda não haviam derretido.

— Você estava aqui o tempo todo — disse Shadow para o cadáver de Alison McGovern. — Cada pessoa que passou por cima daquela ponte viu você. Todo mundo que passou pela cidade viu você. Os pescadores do gelo passaram por você todos os dias. E ninguém sabia.

E então ele percebeu como tudo aquilo era tolo.

Alguém sabia. Alguém a havia colocado ali.

Ele enfiou a mão no porta-malas, para ver se conseguia retirá-la. Apoiou o peso de seu corpo no carro quando se inclinou para a frente. Provavelmente aquilo causou tudo o que se seguiu.

O gelo sob as rodas da frente cedeu naquele momento, talvez por causa dos movimentos dele, talvez não. A frente do carro afundou vários centímetros na água escura do lago. A água começou a invadir o carro pela porta aberta do motorista. A água do lago chegou às canelas de Shadow, apesar de o gelo em que ele se apoiava ainda estar sólido. Ele olhou em volta desesperadamente, imaginando como sairia dali — e então já era tarde demais, e o gelo caía como se desabasse em um precipício, jogando-o contra o carro e em cima da menina morta no porta-malas. A traseira do carro afundou, e Shadow afundou com ele, para dentro das águas frias do lago. Eram 9h10 da manhã do dia 23 de março.

Ele tomou um fôlego profundo antes de afundar, fechando os olhos, mas o frio da água do lago acertou-o como uma parede, levando embora o ar de seu corpo.

Afundou na água gelada e turva, puxado pelo carro.

Estava sob o lago, no meio da escuridão e do frio, sem poder subir à tona por causa do peso das roupas, das luvas e das botas, encurralado e amarrado por seu casaco, que parecia ter ficado mais pesado e mais volumoso do que se podia imaginar.

Shadow continuava a cair. Tentou se afastar do carro, mas o peso dele o puxava, e então houve um estrondo que ele pôde ouvir com o corpo inteiro, não com os ouvidos, e seu pé esquerdo foi agarrado pela canela, torcido e preso embaixo do carro quando este se acomodava no fundo do lago. O pânico tomou conta dele.

Ele abriu os olhos.

Sabia que era escuro ali embaixo: racionalmente, sabia que era escuro demais para enxergar alguma coisa, mas, ainda assim, ele conseguia enxergar... enxergava tudo. Via o rosto pálido de Alison McGovem olhando para ele de dentro do porta-malas aberto. Via bem os outros carros — as latas velhas de anos passados, formas de lataria podres na escuridão, meio enterradas na lama do lago. E o que será que eles arrastavam pra dentro do lago, Shadow ficou imaginando, antes de existirem carros?

Cada um deles, sem sombra de dúvida, tinha uma criança morta no porta-malas. E eram muitos... cada um ficava em cima do gelo, na frente dos olhos do mundo, durante todo o inverno gelado. Cada um afundava nas águas geladas do lago quando o inverno terminava.

Era ali que eles repousavam: Lemmi Hautala, Jessie Lovat, Sandy Olsen, Jo Ming, Sarah Lindquist e todos os outros. Ali onde era silencioso e frio...

Tentou puxar o pé. Estava preso firmemente, e a pressão em seus pulmões estava ficando insuportável. Havia uma dor aguda e terrível em seus ouvidos. Ele expirou lentamente, e o ar fez bolhas à sua volta.

Logo, pensou, logo vou ter que respirar. Ou vou morrer afogado.

Esticou os braços para baixo, colocou as duas mãos em volta do pára-choque da lata velha e empurrou, com toda a força que tinha, dobrando o corpo por cima do carro. Não aconteceu nada.

É só a carcaça do carro, disse a si mesmo. Tiraram o motor, que é a parte mais pesada do carro. Você consegue Continua empurrando.

Ele empurrou.

De maneira agonizante e lenta, uma fração de centímetro de cada vez, o carro escorregou para a frente na lama, e Shadow puxou o pé embaixo do carro, chutou e tentou impulsionar seu corpo para fora da água gelada do lago. Ele não se mexeu. O casaco, ele disse a si mesmo. É o casaco. Está emperrado ou preso em alguma coisa. Tirou os braços do casaco, mexeu no zíper congelado com os dedos entorpecidos, sentiu o casaco ceder e rasgar. Afobado, desvencilhou-se do tecido e impulsionou o corpo para cima, para longe do carro.

Ele sentia uma sensação de urgência, mas não sabia para onde ficava o em cima, nem o embaixo. Estava sufocando e a dor no peito e na cabeça era grande demais para aguentar, e ele tinha certeza de que iria precisar respirar, tomar fôlego, ou morrer. E então sua cabeça bateu em algo sólido.

Gelo. Ele estava batendo contra o gelo da superfície do lago. Bateu com os punhos na camada congelada, mas não tinha mais força em seus braços, nada em que se segurar, nada contra o que se apoiar para dar impulso. O mundo se dissolveu no pretume frio embaixo do lago. Não havia nada ali além de frio.

Isso é ridículo, ele pensou. E se lembrou de um filme de Tony Curtis que vira quando era garoto, eu deveria ficar de bruços e empurrar o gelo para cima, pressionar meu rosto contra a superfície e achar um pouco de ar. Eu iria conseguir respirar novamente, existe ar aí em algum lugar, mas ele só boiava, congelava e não conseguia mais mexer um músculo, nem se sua vida dependesse daquilo, e dependia.

O frio se tornou suportável. Tornou-se quente. E ele pensou: estou morrendo. Desta vez tinha raiva, uma fúria profunda, e juntou aquela dor a aquela raiva e usou para esticar os braços, para se debater, para forçar a mover os músculos que estavam prontos para nunca mais se mexerem.

Fez força para cima com a mão e sentiu atravessar o gelo por cima do lago e se mexer no ar. Ele fez movimentos rápidos, procurando alguma coisa em que se segurar, e sentiu outra mão pegar a sua, e puxar.

Sua cabeça bateu contra o gelo, seu rosto atravessou a parte de baixo, e então sua cabeça estava no ar, e ele conseguiu ver que estava saindo de um buraco no gelo. Por um instante, tudo o que conseguia fazer era respirar, e deixar a água preta do lago escorrer pelo nariz e pela boca, e piscar os olhos, que não conseguiam ver nada além da luz do dia ofuscante, e formas. Alguém que o puxava, agora, forçando o corpo dele para fora da água, dizia alguma coisa a respeito de como ele quase tinha congelado até a morte, então vamos lá, homem, força, e Shadow se contorceu e se sacudiu como um boi marinho saindo da água, tremendo, tossindo e cheio de calafrios.

Respirando profundas golfadas de ar, estava totalmente estendido sobre o gelo que estalava, e que não iria aguentar por muito tempo, ele sabia, mas não adiantava. Suas ideias vinham com dificuldade, como um líquido espesso saindo pelo bocal de uma garrafa.

— Me deixa aqui — tentou dizer. — Eu vou ficar bem.

Suas palavras eram distorcidas, e tudo se direcionava para uma parada total.

Ele só precisava descansar um instante, só isso, só descansar, e daí se levantaria e continuaria seu caminho. Obviamente, não poderia ficar ali, estirado para sempre.

Sentiu um safanão; água espalhou-se em seu rosto. A cabeça dele foi erguida. Shadow sentiu-se sendo arrastado pelo gelo, escorregando sobre as costas, pela superfície lisa, e quis reclamar, explicar que só precisava de um pouco de descanso — talvez um pouco de sono, era pedir demais? — e que ele ficaria bem. Se o deixassem em paz.

Ele não acreditava que tinha caído no sono, mas estava de pé sobre uma vasta planície, e lá havia um homem com a cabeça e os ombros de um búfalo, e uma mulher com a cabeça de um condor enorme, e lá estava também Whiskey Jack, parado no meio deles, olhando para ele com tristeza, sacudindo a cabeça.

Whiskey Jack se virou e caminhou lentamente para longe de Shadow. O homem búfalo foi embora atrás dele. A mulher-pássaro-trovão também caminhou, e então se abaixou, deu um chute para trás e saiu deslizando pelos céus.

Shadow teve uma sensação de perda. Ele queria gritar para eles, implorar para que voltassem, para que não o abandonassem, mas tudo estava ficando sem forma e sem definição: eles foram embora e a planície estava desaparecendo, tudo ficou vazio.

A dor era intensa: era como se cada célula de seu corpo, cada nervo, estivesse derretendo, acordando e avisando sobre sua presença por meio de uma sensação de queimação e de dor.

Havia uma mão atrás de sua cabeça, segurando-a pelos cabelos, e outra embaixo de seu queixo. Ele abriu os olhos, achando que estava em algum tipo de hospital.

Seus pés estavam descalços. Ele usava calças jeans. Estava nu da cintura para cima. Havia vapor no ar. Ele conseguia ver um espelho de barbear na parede à sua frente, uma pia pequena e uma escova de dentes azul, em um copo manchado de pasta de dente.

As informações eram processadas lentamente, um dado de cada vez.

Seus dedos das mãos queimavam. Seus dedos dos pés queimavam.

Ele começou a reclamar de dor.

— Calma agora, Mike. Calma aí — dizia uma voz que ele conhecia.

— O quê? — disse, ou tentou dizer. — O que está acontecendo? As palavras pareceram tensas e estranha aos seus ouvidos. Ele estava em uma banheira. A água era quente. Achou que a água era quente, apesar de não ter certeza. A água chegava até o pescoço dele.

— A coisa mais burra que se pode fazer com um camarada congelado até a morte é colocá-lo na frente do fogo. A segunda coisa mais burra que se pode fazer é enrolar o cara em um monte de cobertores... especialmente se ele já estiver usando roupas molhadas e frias. Os cobertores isolam... guardam o frio. A terceira coisa mais burra, que é a minha opinião pessoal, é tirar o sangue do camarada, esquentar e devolver. É o que os médicos fazem hoje em dia. Complicado, caro. Burro.

A voz vinha de cima e de trás da cabeça dele.

— A coisa mais fácil e mais rápida que se pode fazer é o que os marinheiros têm feito há centenas de anos com homens que caem do navio. Você coloca o camarada na água quente. Não muito quente. Só quente. Agora, só pra informar, você estava basicamente morto quando eu o encontrei ali no gelo. Como é que está se sentindo agora, Houdini?

— Dói muito. Tudo dói. Você salvou a minha vida.

— Acho que sim, digamos. Você consegue segurar a cabeça sozinho agora?

— Talvez.

— Eu vou soltar. Se você começar a afundar na água, eu puxo a sua cabeça pra fora de novo.

As mãos o soltaram.

Sentiu-se escorregar para dentro da banheira. Esticou as mãos, apoiou-as nas laterais da banheira, e se inclinou para trás. O banheiro era pequeno. A banheira era de metal, e o esmalte estava manchado e arranhado.

Um velho se movia em seu campo de visão. Parecia preocupado.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Hinzelmann. — Fica aí e relaxa. Eu deixei a sala bem quentinha e arrumada. Me diz quando estiver pronto, eu tenho um robe que pode usar, e posso jogar seus jeans na secadora junto com o resto das roupas. Tudo bem pra você, Mike?

— Esse aí não é o meu nome.

— Se você está dizendo.

O rosto de duende do velho se contorceu em uma expressão de desconforto.

Shadow não tinha ideia real de tempo: ficou deitado na banheira até a queimação passar e até que seus dedos conseguissem se flexionar sem causar desconforto real. Hinzelmann ajudou-o a se levantar e a sair da água morna. Shadow sentou-se na lateral da banheira e, juntos, tiraram seus jeans.

Ele se apertou, sem muita dificuldade, para dentro de um robe atalhado que era pequeno demais para ele e, apoiando-se no velho, entrou na sala e desabou sobre um sofá antigo. Estava cansado e fraco: profundamente exausto, porém vivo. Um fogo de lenha queimava na lareira. Um punhado de cabeças de gamo com expressão de surpresa protuberavam empoeiradas das paredes ao redor dele, onde lutavam para achar espaço

entre diversos peixes envernizados.

Hinzelmann saiu com os jeans de Shadow e, da sala ao lado, Shadow pôde ouvir uma breve pausa no barulho de uma secadora de roupas antes de ser religada. O velho voltou com uma caneca fumegante.

— É café — disse — que é estimulante. E eu coloquei um pouquinho de licor dentro dele. Só um pouquinho. Era assim que a gente fazia antigamente. O médico não recomendaria.

Shadow pegou o café com as duas mãos. Do lado de fora da caneca havia um desenho de um mosquito e a mensagem: DOE SANGUE — VISITE O WISCONSIN!

— Obrigado.

— É pra isso que servem os amigos. Um dia, você pode salvar a minha vida. Por enquanto, esquece.

Shadow deu um gole no café.

— Eu pensei que estivesse morto.

— Você teve sorte. Eu estava na ponte... eu meio que percebi que hoje seria o grande dia, você tem uma sensação a respeito disso, quando chega à minha idade... então fui até lá com o meu velho relógio de bolso, e vi você andando em cima do lago. Eu gritei, mas tenho certeza absoluta de que você não poderia me ouvir. Vi o carro afundar e você afundando junto, e pensei que tinha perdido você, por isso saí correndo pelo gelo. Fiquei arrepiado de medo. Você deve ter ficado embaixo daquela água por uns dois minutos. Então, vi a sua mão aparecer através do lugar onde o carro afundou... era como ver um fantasma.

Sua voz foi ficando mais baixa.

— Nós dois tivemos muita sorte do gelo ter aguentado nosso peso enquanto puxei você pra margem.

Shadow assentiu com a cabeça.

— Você fez uma coisa boa — disse a Hinzelmann, e o rosto do velho ficou radiante.

Em algum lugar na casa, Shadow ouviu uma porta se fechar. Deu mais um gole no café.

Agora que ele era capaz de pensar com clareza, estava começando a se fazer perguntas.

Ficou imaginando como um velho, um homem com a metade da altura dele e talvez um terço do seu peso, havia conseguido arrastá-lo, inconsciente, por cima do gelo, ou colocá-lo em cima do banco de um carro. Ficou imaginando como é que Hinzelmann conseguiu colocar Shadow para dentro de casa e da banheira.

Hinzelmann caminhou até o fogo, pegou a tenaz e colocou um pedaço de lenha fino, cuidadosamente, no fogo resplandecente.

— Você quer saber o que eu estava fazendo lá no gelo? Hinzelmann deu de ombros.

— Não é da minha conta.

— Sabe o que eu não entendo... — disse Shadow. Hesitou, para dar tempo de ordenar as ideias.

— Eu não entendo como é que você salvou a minha vida.

— Bom, do jeito que eu fui criado, se você vê outro camarada com problemas...

— Não — disse Shadow. — Não foi isso que eu quis dizer. Você matou todas aquelas crianças. A cada inverno. E eu fui o único que percebeu. Deve ter me visto abrir o porta-malas. Por que simplesmente não deixou eu me afogar?

Hinzelmann deixou a cabeça cair para o lado. Coçou o nariz, pensativo, balançou o corpo para a frente e para trás, como se estivesse refletindo.

— Bom, essa é uma boa pergunta. Acho que é porque eu devia alguma coisa pra alguém. E eu sou bom com as minhas dívidas.

— Wednesday?

— É esse camarada aí.

— Tinha uma razão pra ele me esconder em Lakeside, não tinha? Existia uma razão pra ninguém ser capaz de me achar aqui.

Hinzelmann não disse nada. Pegou uma vara de ferro preta e pesada, pendurada na parede, e remexeu o fogo com ela, produzindo uma nuvem de fumaça e de faíscas alaranjadas.

— Este é o meu lar — disse, com petulância. —, é uma cidade boa. Shadow terminou de tomar seu café. Colocou a xícara no chão. O esforço foi exaustivo.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Há bastante tempo.

— E foi você quem fez o lago? Hinzelmann observou-o, surpreso.

— Foi. Construí o lago. Chamavam de lago quando cheguei aqui, mas não passava de uma fonte e de uma lagoa de moinho e de um riacho. Fez uma pausa.

— Percebi que este país é o inferno pró meu tipo de gente. Ele nos come. Eu não queria ser comida. Então fiz um acordo. Eu dei um lago, trouxe prosperidade pra eles... e pra cidade.

— E tudo que eles precisavam dar em troca era uma criança por ano.

— Crianças boas — disse Hinzelmann, sacudindo sua cabeça velha, lentamente. — Eram todas crianças boas. Eu só pegava aquelas de quem gostava. Com exceção de Charlie Nelligan. Ele era uma maçã podre. Foi quando? 1924? 1925? É. Esse era o acordo.

— O pessoal da cidade... Mabel, Marguerite, Chad Mulligan: eles sabem? Hinzelmann não disse nada. Tirou a vara do fogo: os primeiros 15 centímetros da ponta brilhavam em um alaranjado sombrio. Shadow sabia que o cabo da vara deveria estar quente demais para ser segurado, mas parecia não incomodar Hinzelmann, que remexeu o fogo mais uma vez. Colocou a vara de volta no fogo, a ponta primeiro, e deitou lá. Então, disse:

— Eles sabem que moram em um lugar bom. Enquanto todas as outras cidadezinhas nesse condado, que diabos, nessa parte do Estado, estão se esfarelando pra nada. Eles sabem disso.

— E isso é por sua causa?

— Esta cidade — disse Hinzelmann —, eu cuido dela. Não acontece nada aqui que eu não queira que aconteça. Você entende isso? Ninguém que eu não queira pra cá. Foi por isso que o seu pai mandou você. Ele não queria você solto por aí no mundo, chamando atenção. Só isso.

— E você traiu ele?

— Eu não fiz nada disso. Ele era um sacana. Mas eu sempre pago as minhas dívidas.

— Eu não acredito em você — disse Shadow. Hinzelmann parecia ofendido. Uma de suas mãos coçou o chumaço de cabelo branco em suas têmporas.

— Eu cumpro a minha palavra.

— Não. Você não cumpre. A Laura veio aqui. Ela disse que tinha alguma coisa chamando. E o que você tem a dizer a respeito da coincidência que trouxe Sam Black Crow e Audrey Burton até aqui, na mesma noite? Acho que não acredito mais em coincidências. Sam e Audrey... Duas pessoas que sabiam quem eu era de verdade, e que sabiam que tinha gente por aí me procurando. Acho que, se uma delas falhasse, você ainda teria a outra. E se as duas tivessem falhado, quem mais estava a caminho de Lakeside, Hinzelmann? Meu antigo carcereiro, pra uma pescaria de fim de semana? A mãe da Laura?

Shadow percebeu que estava bravo. Continuou:

— Você queria que eu fosse embora da sua cidade. Você só não queria ter que contar pró Wednesday que era isso que estava fazendo.

À luz do fogo, Hinzelmann mais se parecia com uma gárgula do que com um demônio.

— Esta é uma cidade boa — disse.

Sem o sorriso, ele parecia feito de cera, ou um cadáver.

— Você teria atraído atenção demais. Não é bom pra cidade.

— Deveria ter me largado lá no gelo. Devia ter me deixado lá no lago. Eu abri o porta-malas da lata velha. Agora a Alison ainda está congelada no carro, mas o gelo vai

derreter, e o corpo vai flutuar até a superfície. E então eles vão mergulhar e ver o que mais conseguem achar. Vão achar toda a sua reserva de crianças. Acho que alguns daqueles corpos devem estar bem-conservados.

Hinzelmann esticou a mão para baixo e pegou a vara. Não fingiu mais que iria remexer o fogo com ela; segurou-a como uma espada, ou um bastão, com a ponta alaranjada brilhante brandindo no ar. Saía fumaça dali. Shadow tinha consciência de que estava quase nu, e que ainda estava cansado, e atrapalhado, e longe de poder se defender.

— Você quer me matar? Vai em frente. Mata. Eu já estou morto, de qualquer forma. Eu sei que você possui esta cidade... é o seu mundinho. Mas se acha que ninguém vai vir me procurar, está vivendo em um mundo de sonho. Acabou, Hinzelmann. De um jeito ou de outro, acabou.

Hinzelmann deu um impulso e ficou em pé, usando a vara como bengala. O carpete chamuscava e fumegava nos lugares em que ele encostava a ponta incandescente, enquanto se levantava. Ele olhou para Shadow e havia lágrimas em seus olhos azul-claros.

— Eu amo esta cidade. Eu gosto mesmo de ser um velho ranzinza, e de contar as minhas histórias, de dirigir a Tessie e de pescar no gelo. Você se lembra do que eu contei? Não tem a ver com o peixe que você traz pra casa depois de uma pescaria. É a paz de espírito.

Ele esticou a ponta da vara na direção de Shadow, que podia sentir o calor que emanava a 30 centímetros de distância.

— Eu podia matar você — disse Hinzelmann. — Podia dar um sumiço. Já fiz isso antes. Você não foi o primeiro a perceber tudo. O pai de Chad Mulligan percebeu. Eu dei um jeito nele, e posso dar um jeito em você também.

— Talvez, mas, por quanto tempo, Hinzelmann? Mais um ano? Mais uma década? Hoje em dia existem computadores... que não são burros, que se baseiam em padrões. A cada ano uma criança desaparece. Cedo ou tarde vão vir fuçar aqui. Do mesmo jeito que vão vir me procurar. Me diz: quantos anos você tem?

Ele apertou os dedos em volta de uma almofada do sofá, e se preparou para colocá-la sobre a cabeça: aquilo faria com que o primeiro golpe se desviasse.

O rosto de Hinzelmann estava sem expressão.

— Já entregavam crianças pra mim antes dos romanos chegarem à Floresta Negra. Eu era um deus antes mesmo de ser um kobold.

— Talvez seja hora de prosseguir. Ele não fazia a mínima ideia do que seria um kobold. Hinzelmann olhava para ele. Então pegou a vara e enfiou a ponta de volta para o meio das brasas ardentes.

— Não é tão simples assim. O que faz você pensar que eu posso ir embora desta cidade, mesmo que eu queira, Shadow? Eu faço parte desta cidade. Você vai me obrigar a ir embora? Está pronto pra me matar? E assim eu posso ir embora?

Shadow olhou para o chão. Ainda havia brilhos e faíscas nos lugares em que a vara

tinha encostado. Hinzelmann seguiu o olhar dele com o seu próprio e pisou nas brasas com o pé, virando-se de um lado para o outro. Espontaneamente, apareceram na mente de Shadow mais de uma centena de crianças, olhando para ele com olhos vazios, com os cabelos caindo pelo rosto e balançando lentamente como algas frondosas. Olhavam para ele com ar de reprovação.

Ele sabia que as estava decepcionando. Ele só não sabia mais o que fazer.

— Eu não posso te matar. Você salvou a minha vida.

Ele sacudiu a cabeça. Sentia-se uma merda, em todos os aspectos em que alguém pode se sentir uma merda. Não se sentia mais como um herói ou como um detetive — só mais um porra de um vendido, sacudindo um dedo ereto para a escuridão antes de dar as costas para ela.

— Você quer saber um segredo? — perguntou Hinzelmann.

— Claro — disse Shadow, com o coração pesado.

Ele estava pronto para não querer saber mais segredo nenhum.

— Olha isso.

Onde Hinzelmann estava apareceu um menino, com mais ou menos cinco anos. Seus cabelos eram castanho-escuros e compridos. Ele estava perfeitamente nu, a não ser por uma faixa de couro surrada em volta do pescoço. Duas espadas transpassavam seu corpo, uma atravessando o peito e a outra entrando pelo ombro, com a ponta saindo embaixo da caixa torácica. O sangue jorrava sem parar das feridas e corria pelo corpo da criança para se acumular aos seus pés, formando uma poça no chão. As espadas pareciam inimaginavelmente antigas.

O menininho olhava para Shadow com olhos que só traziam dor.

E ele pensou consigo mesmo, claro. Essa é uma maneira tão boa quanto qualquer outra de fazer um deus tribal. Ninguém precisava explicar para ele. Ele sabia.

Você pega um bebê e o cria na escuridão, sem permitir que ele veja ou toque em alguém, e o alimenta bem à medida que os anos passam, alimenta-o melhor do que qualquer outra criança da tribo, e então, cinco invernos depois, quando a noite é mais longa, você arrasta a criança apavorada de sua cabana para dentro do círculo de fogueiras e a perfura com lâminas de ferro e de bronze. Então você defuma o corpinho sobre fogo de carvão até ficar propriamente seco, enrola-o em peles e o carrega de acampamento para acampamento, no fundo da Floresta Negra, sacrificando animais e crianças para ele, transformando-o no amuleto da sorte da tribo. Quando, eventualmente, a coisa se despedaça com o tempo, você coloca seus ossos frágeis em uma caixa, e adora a caixa, até que um dia os ossos se espalham e são esquecidos, e as tribos que adoravam a criança-deus já deixaram de existir há muito tempo. A criança-deus, o amuleto da sorte da tribo, mal será lembrada, a não ser como um fantasma ou um duende: um kobold.

Shadow ficou imaginando qual das pessoas que tinham vindo para a parte norte do Wisconsin, 150 anos atrás, um lenhador, talvez, ou um cartógrafo, tinha cruzado o Atlântico com Hinzelmann na cabeça.

E então a criança ensanguentada desapareceu, e o sangue também. Ali só havia um velho com um chumaço de cabelo branco e um sorriso de duende, com as mangas do suéter ainda encharcadas por ter colocado Shadow na banheira que salvara sua vida.

— Hinzelmann?

A voz vinha da porta da cabana.

Hinzelmann se virou. Shadow também.

— Eu vim aqui falar — disse Chad Mulligan, e a voz dele estava tensa, — que a lata velha afundou. Eu vi afundar quando passei de carro por ali, e pensei em vir avisar, no caso de você não ter visto.

Ele estava segurando o revólver, apontando-o para o chão.

— Ei, Chad — disse Shadow.

— Oi, cara — disse Chad. — Mandaram um recado avisando que você tinha morrido na prisão. De ataque do coração.

— Que coisa! Parece que eu estou morrendo por todos os lugares.

— Ele veio aqui, Chad — disse Hinzelmann —, e me ameaçou.

— Não — disse Chad Mulligan. — Ele não veio. Estou aqui há dez minutos, Hinzelmann. Eu ouvi tudo o que você disse. A respeito do meu velho. A respeito do lago.

Ele caminhou mais para o fundo da sala. Não levantou o revólver.

— Por Deus, Hinzelmann. Não dá pra passar por esta cidade sem ver a porra do lago. Fica no meio de tudo. Então, que diabos eu devo fazer?

— Você tem que prender Shadow. Ele falou que ia me matar — disse Hinzelmann, um velho amedrontado em uma sala empoeirada. — Chad, estou contente por você está aqui.

— Não — disse Chad Mulligan. — Você não está. Hinzelmann suspirou. Ele se inclinou para baixo, como se se rendesse, e tirou a vara do fogo. A ponta dela brilhava de um alaranjado vivo.

— Abaixa isso aí, Hinzelmann. Abaixa bem devagar, fica com as mãos pra cima, onde eu possa ver, e vira pra parede.

Havia uma expressão de puro medo no rosto do velho, e Shadow teria sentido pena dele, mas se lembrou das lágrimas congeladas nas bochechas de Alison McGovern. Hinzelmann não se mexeu. Ele não largou a vara e não se virou para a parede. Shadow estava prestes a esticar a mão na direção de Hinzelmann, para tentar tirar a vara dele, quando o velho jogou a vara incandescente na direção de Mulligan.

Hinzelmann a jogou de maneira desajeitada — a vara traçou um arco pela sala, como se apenas quisesse formar uma figura bonita no ar — e, quando a soltou, já corria em direção à porta.

A vara pegou de raspão o braço esquerdo de Mulligan.

O barulho do tiro, nos aposentos fechados da cabana do velho, foi ensurdecedor.

Um tiro através da cabeça, só isso.

Mulligan disse:

— É melhor você colocar as suas roupas.

A voz dele estava fria e morta.

Shadow assentiu com a cabeça. Caminhou até a sala ao lado, abriu a porta da secadora e tirou suas roupas. O jeans ainda estava úmido, mas ele vestiu mesmo assim. Quando voltou à sala principal, totalmente vestido — a não ser pelo casaco, que estava em algum lugar bem no fundo da lama gelada do lago, e as botas, que não conseguia encontrar — Mulligan, que já havia espalhado diversos pedaços de lenha fumegantes pelo chão, disse:

— Um dia ruim pra um guarda é quando ele tem que provocar um incêndio só pra encobrir um assassinato. Então, olhou para Shadow:

— Você precisa de botas.

— Não sei onde ele colocou.

— Que merda!

— Desculpe por isso, Hinzelmännchen.

E pegou o velho pelo colarinho e pela fivela do cinto, e balançou-o para a frente, jogando o corpo com a cabeça dentro da lareira em chamas. O cabelo branco estalou e se acendeu, e o quarto começou a se encher com cheiro de carne grelhada.

— Não foi assassinato, foi legítima defesa — disse Shadow.

— Eu sei o que foi — disse Mulligan, com indiferença. Eleja tinha desviado sua atenção para os pedaços de lenha fumegantes que espalhara pela sala. Empurrou um deles até a ponta do sofá, pegou um exemplar do Lakeside News, abriu na página do meio, amassou e jogou em cima da madeira. As páginas de jornal ficaram marrons e então pegaram fogo.

— Sai da cabana — disse Chad Mulligan.

Ele ia abrindo as janelas enquanto saíam da casa, e soltou a fechadura da porta da frente para trancá-la antes de fechá-la.

Shadow o seguiu até a viatura de polícia com seus pés descalços. Mulligan abriu a porta da frente, do lado do passageiro, e Shadow entrou e limpou os pés no tapete de borracha. Só então vestiu as meias, que a essa altura já estavam quase secas.

— Podemos pegar umas botas pra você lá na Hennings Farm and Home.

— Você ouviu muito do que aconteceu lá dentro? — perguntou Shadow.

— Bastante — disse Mulligan. Depois, completou:

— Ouvi demais.

Foram até a loja em silêncio.

— Quanto você calça? Shadow disse a ele.

Mulligan entrou na loja. Voltou com um par de meias de lã grossas e um par de botas de couro de trabalhar na roça.

— Só tinha isso do seu tamanho. A não ser que você quisesse botas de borracha. Eu achei que você não iria querer.

Shadow calçou as meias e as botas. Serviram direitinho.

— Obrigado.

— Você está de carro?

— Está parado na estrada que vai até o lago. Perto da ponte.

Mulligan deu a partida no carro e saiu do estacionamento da Hennings.

— O que aconteceu com a Audrey? — perguntou Shadow.

— Um dia depois de você ter ido embora, ela disse que gostava de mim como amigo, mas nunca teria dado certo com a gente, por sermos da mesma família e tudo o mais, e voltou pra Eagie Point. Deixou a porcaria do meu coração partido.

— Faz sentido — disse Shadow. — E não era nada pessoal. Hinzelmann não precisava mais dela aqui.

Passaram de novo na frente da casa de Hinzelmann. Uma camada espessa de fumaça branca saía da chaminé.

— Ela só veio pra cá porque ele queria. Ela o ajudou a me tirar da cidade. Eu estava chamando uma atenção de que ele não precisava.

— Eu achei que ela gostava de mim.

Pararam ao lado do carro alugado de Shadow.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Shadow.

— Não sei.

Seu rosto normalmente perturbado estava começando a parecer mais vivo, desde que tinham deixado a cabana de Hinzelmann. Também parecia mais perturbado.

— Acho que tenho algumas opções. Posso (imitou um revólver com os dois dedos da mão direita, colocou as pontas dos dedos dentro da boca aberta e os tirou) enfiar uma bala no cérebro, ou esperar mais uns dois dias até que não tenha mais gelo, amarrar um bloco de concreto nas pernas e pular da ponte. Talvez usar uns comprimidos. Xiii... posso pegar o carro, sair por aí e entrar bem no fundo da floresta. Aí engulo os comprimidos. Não quero obrigar um dos meus rapazes a fazer a limpeza. Vou deixar a bagunça pró condado. Ele suspirou e sacudiu a cabeça.

— Você não matou o Hinzelmann, Chad. Ele morreu há muito tempo, em um lugar muito longe daqui.

— Obrigada por dizer isso, Mike. Mas eu o matei, sim. Eu atirei em um homem a sangue frio, e escondi meu ato. E se você me perguntasse por que fiz isso, por que fiz isso de verdade, eu ia amaldiçoar a mim mesmo por ter contado a você.

Shadow esticou a mão e tocou o braço de Mulligan.

— O Hinzelmann era dono desta cidade. Acho que você não tinha muita escolha... Ele fez você ir até lá. Queria que você escutasse o que escutou. Ele armou uma armadilha... acho que era único jeito pra ele conseguir fugir.

A expressão miserável de Mulligan não se alterou. Shadow percebeu que o delegado de polícia mal escutou o que ele dissera. Ele tinha matado Hinzelmann, e construíra uma pira para ele e, agora, obedecendo ao último dos desejos de Hinzelmann, cometeria suicídio.

Shadow fechou os olhos, lembrando-se do lugar aonde tinha ido na imaginação, quando Wednesday pedira que ele fizesse neve, aquele lugar que forçava a mente. Mostrou um sorriso que não sentia e disse:

— Chad, deixa pra lá.

Havia uma nuvem na mente do homem, uma nuvem escura e opressiva, e Shadow quase conseguia enxergá-la, concentrando-se nela, imaginando que se dissiparia como a neblina da manhã.

— Chad — ele disse, com violência, tentando penetrar na nuvem — essa cidade vai mudar agora. Não vai mais ser a única cidade boa em uma região decadente. Vai se parecer bem mais com o resto desta parte do mundo. Vai ter bem mais confusão, pessoas desempregadas, pessoas que perdem a cabeça. Mais pessoas se machucando. Mais merda rolando. Vai precisar de um delegado com experiência. A cidade precisa de você.

E então disse:

— A Marguerite precisa de você.

Alguma coisa mudou na nuvem de tempestade que enchia a cabeça do homem. Shadow conseguia sentir a mudança. Ele fez força então, visualizou as mãos hábeis e pardas de Marguerite, seus olhos escuros e seus cabelos muito longos e negros. Ele retratou mentalmente a maneira como deixava a cabeça pender para o lado e dava um meio-sorriso, quando estava se divertindo.

— Ela está esperando você — disse Shadow, sabendo que era verdade.

— Margie? — disse Chad Mulligan.

E, naquele momento, apesar de ele não saber como havia feito, e de duvidar que conseguiria fazer novamente, Shadow atingiu a mente de Chad Mulligan, tão facilmente como dar um passo, e removeu os acontecimentos daquela tarde de uma maneira tão precisa e tão desapaixonada como um corvo que remove o olho de um animal morto à beira de uma estrada.

As rugas na testa de Chad Mulligan se abrandaram e ele piscou, sonolento.

— Vai falar com a Margie — disse Shadow. — Foi bom ver você, Chad. Cuide-se.
— Claro — bocejou Chad Mulligan.

Uma mensagem estalou no rádio da polícia, e Chad esticou a mão para pegar o receptor. Shadow saiu do carro e caminhou até seu carro de aluguel. Ele enxergava a superfície plana e cinzenta do lago no centro da cidade. Pensou nas crianças mortas que esperavam no fundo da água.

Logo, logo, Alison flutuaria até a superfície...

Quando Shadow passou perto da casa de Hinzelmann, pôde ver que a camada de fumaça já tinha se transformado em enormes labaredas. Ouviu uma sirene tocando.

Ele foi em direção ao sul, para a auto-estrada 51. Estava a caminho de seu último compromisso. Mas, antes, pensou, daria uma parada em Madison, para se despedir.

Mais do que tudo, Samantha Black Crow gostava de fechar o Café à noite. Era uma coisa perfeitamente tranquila para se fazer: dava a ela a sensação de estar devolvendo a ordem ao mundo. Colocava um CD das índigo Giris para tocar e cumpria as últimas tarefas da noite em seu próprio ritmo e do seu próprio modo. Primeiro, ela limpava a máquina de café expresso. Depois, fazia uma checagem final, para assegurar-se de que todas as xícaras e todos os pratos esquecidos estavam guardados na cozinha, e que os jornais que sempre ficavam espalhados pelo Café, no fim do dia estavam organizados em uma pilha ao lado da porta de entrada, prontinhos para ser reciclados.

Ela adorava o Café. Consistia de uma série de salas em caracol cheias de poltronas, sofás e mesas baixas, em uma rua onde os sebos de livros se enfileiravam uns ao lado dos outros.

Ela cobriu as fatias de cheesecake que sobraram e as colocou na enorme geladeira para que se conservassem durante a noite, então pegou um pano e limpou as últimas migalhas. Ela gostava de ficar sozinha.

Um barulhinho na janela desviou sua atenção dos afazeres de volta para o mundo real. Ela foi até a porta e a abriu para deixar entrar uma mulher que tinha mais ou menos sua idade, usando marias-chiquinhas em seus cabelos cor-de-magenta. Seu nome era Natalie.

— Oi.

Ficou nas pontas dos pés e beijou Sam, com um beijo estalado entre a bochecha e o canto da boca. Pode se tirar muitas conclusões de um beijo desses.

— Você já acabou?

— Quase.

— Quer ir ao cinema?

— Claro. Adoraria. Mas ainda vou demorar uns bons cinco minutos. Por que você não se senta e lê o Onion?

— Eu já vi a edição desta semana.

Ela se sentou em uma cadeira próxima à porta, examinou a pilha de jornais separados para reciclagem até encontrar alguma coisa, e ficou lendo enquanto Sam recolhia o resto de dinheiro na caixa registradora e guardava no cofre.

Fazia uma semana que as duas estavam dormindo juntas. Sam se perguntava se aquilo era o relacionamento que ela havia esperado por toda a vida. Ela disse a si mesma que eram apenas os produtos químicos do cérebro e os feromônios que a deixavam feliz quando via Natalie, e que talvez aquilo fosse isso mesmo. Ainda assim, tudo o que ela sabia era que sorria quando via Natalie e que, sempre que estavam juntas, sentia-se confortável e reconfortada.

— Este jornal — disse Natalie — tem outro artigo daqueles. "Os Estados Unidos estão mudando?"

— Bom, estão, não estão?

— Não dizem. Dizem que talvez estejam, mas não sabem como e nem por quê, e talvez nada disso esteja acontecendo e tudo o mais. Sam abriu um sorriso largo.

— Bom, isso aí cobre todas as opções, né?

— Acho que sim.

O cenho de Natalie se franziu e ela voltou para o seu jornal.

Sam lavou o pano da pia e o dobrou.

— Acho que é só isso, apesar do governo e de tudo o mais, tudo de repente parece estar no lugar certo. Talvez seja porque a primavera está chegando um pouco mais cedo. Foi um longo inverno, e eu estou contente por ter terminado.

— Eu também. Uma pausa.

— Fala aqui no artigo que um monte de gente tem dito que teve uns sonhos esquisitos. Eu não tive nenhum sonho esquisito. Nada mais esquisito do que o normal.

Sam deu uma olhada geral para ver se não havia esquecido nada. Não. Era um trabalho bem-feito. Ela tirou o avental, pendurou-o na cozinha. Então foi para o salão principal e começou a apagar as luzes.

— Eu tive uns sonhos esquisitos recentemente. Ficaram tão esquisitos que eu comecei a fazer um diário de sonhos. Escrevo o que sonhei quando acordo. Mas, quando leio depois, não querem dizer absolutamente nada.

Ela vestiu seu casaco grosso e suas luvas de tamanho único.

— Eu estudei um pouco de sonhos.

Natalie estudara um pouco de tudo, de disciplinas de autodefesa secreta e maçonaria até feng shui e jazz.

— Conta o que você sonhou. E eu digo o que quer dizer.

— Tudo bem.

Sam destrancou a porta e apagou as luzes que faltavam. Deixou Natalie sair, e ela mesma saiu para a rua e trancou a porta do Café com firmeza atrás de si.

— As vezes, sonhava com gente que caía do céu. Já sonhei que estou embaixo da terra, conversando com uma mulher com cabeça de búfalo. E, às vezes, sonho com um cara que beije em um bar há um mês.

Natalie fez um barulho.

— Alguma coisa que você deveria ter me contado?

— Talvez. Mas não por isso. Foi um beijo de vão-se-foder.

— Você estava mandando ele se foder?

— Não, estava dizendo pra todo mundo que estava lá que eles podiam ir se foder. Mas você tinha que estar lá pra entender, acho.

Os sapatos de Natalie estalavam contra a calçada. Sam caminhava ao lado dela.

— Ele é o dono do meu carro — disse Sam.

— Aquela coisa roxa que você arrumou na casa da sua irmã?

— Só.

— O que aconteceu com ele? Por que ele não quer o carro de volta?

— Não sei. Talvez esteja preso. Talvez esteja morto.

— Morto?

— Acho que sim — Sam hesitou. Há algumas semanas, tive a certeza de que ele estava morto. Foi um pressentimento. Ou sei lá o quê. Tipo eu sabia. Mas daí comecei a pensar que talvez não estivesse. Acho que minha intuição não está tão boa assim.

— Quanto tempo você vai ficar com o carro dele?

— Até alguém vir buscar. Acho que é o que ele gostaria que eu fizesse. Natalie olhou para Sam, e então olhou novamente.

— Onde foi que você arrumou isso aí?

— O quê?

— Essas flores. As que você está segurando. De onde elas vieram? Você estava carregando elas quando a gente saiu do Café? Eu teria visto. Sam olhou para baixo. Então sorriu.

— Você é tão doce. Eu devia ter dito alguma coisa quando me entregou, né? São lindas. Muito obrigada. Mas será que vermelho não seria mais apropriado? Eram seis rosas brancas, com os cabos embrulhados em papel.

— Eu não dei isso pra você — disse Natalie, apertando os lábios. E nenhuma das duas disse mais nada até chegarem ao cinema. Quando chegou em casa naquela noite, Sam colocou as rosas em um vaso improvisado. Mais tarde, banhou as rosas em bronze, e guardou para si a história de como as recebera, apesar de ter contado para Caroline, que veio depois de Natalie, a história das rosas-fantasma em uma noite em que estiveram muito bêbadas, e Caroline concordou com Sam que era uma história muito, muito estranha e assombrada e, lá no fundo, não acreditou em nenhuma palavra daquilo, então ficou tudo bem.

Shadow havia parado o carro ao lado de um orelhão. Ligou para o telefone de informações, e deram o número certo a ele.

Não, disseram a ele. Ela não está. Ainda deve estar no Café.

Parou no caminho para comprar flores.

Achou o café, atravessou a rua e parou na porta de um sebo, esperando e observando.

O lugar fechava às 8h, e às 8h10 Shadow viu Sam Black Crow sair caminhando do Café na companhia de uma mulher mais baixa, cujos cabelos arrumados em marias-chiquinhas eram de um tom de vermelho peculiar. Davam as mãos apertadas, como se o simples fato de dar as mãos pudesse manter o mundo à distância, e as duas conversavam — ou melhor, Sam falava, enquanto a amiga escutava. Shadow ficou imaginando o que Sam estaria dizendo. Ela sorria enquanto falava.

As duas mulheres atravessaram a rua, e passaram pelo lugar onde Shadow estava. A garota de marias-chiquinhas passou a 30 centímetros dele. Ele poderia ter esticado o braço e tocado a moça, mas não o viram de jeito nenhum.

Ele observou, enquanto as duas iam em direção à outra ponta da esquina, para longe dele, e sentiu uma pontada de dor, como se um acorde menor estivesse sendo tocado dentro dele.

Foi um beijo bom, Shadow refletiu, mas Sam nunca olhou para ele da maneira como olhava para a garota de marias-chiquinhas, e nunca olharia.

— Que inferno. Nós sempre vamos ter o Peru — ele disse, de um fôlego só, enquanto Sam se afastava dele. — E El Paso. Isso sempre vai ser nosso.

Ele correu e colocou as flores nas mãos de Sam. Ele saiu correndo, para que ela não pudesse devolvê-las.

Então subiu a ladeira até o carro e seguiu as placas até Chicago. Ia na velocidade permitida, ou um pouco abaixo dela.

Era a última coisa que precisava fazer.

Ele não estava com pressa.

Passou a noite em um hotel barato. Levantou-se na manhã seguinte e percebeu que suas roupas ainda cheiravam igual ao fundo do lago. Vestiu-as mesmo assim. Imaginou que não fosse precisar mais delas por muito tempo.

Shadow pagou a conta. Pegou o carro e foi até o prédio discreto de tijolinhos aparentes. Encontrou-o sem nenhuma dificuldade. Era menor do que se lembrava.

Subiu as escadas com passos firmes — não rápidos, porque isso queria dizer que ele estava ansioso para morrer, e não vagarosos, porque isso queria dizer que ele estava com medo. Alguém limpou os degraus: os sacos de lixo pretos não estavam mais lá. O lugar tinha cheiro de cloro e de água sanitária, não mais de legumes podres.

A porta vermelha no topo das escadas estava escancarada: o cheiro de refeições antigas pairava no ar. Shadow hesitou, então apertou a campainha.

— Estou indo!

Gritou uma voz de mulher, e uma loura platinada, do tamanho de um anão, Zorya Utrennyaya, saiu da cozinha e veio em sua direção apressada, enxugando as mãos no avental. Shadow percebeu que ela parecia diferente. Parecia feliz. Suas bochechas estavam vermelhas, e havia um brilho em seus olhos velhos. Quando ela o viu, sua boca se transformou em um O e ela gritou:

— Shadow? Você voltou pra nós?

E correu na direção dele com os braços abertos. Ele se abaixou e a abraçou, e ela beijou a bochecha dele.

— Que bom ver você! — ela disse. — Agora você precisa ir embora.

Shadow entrou no apartamento. Todas as portas do apartamento (à exceção da de Zorya Poluchochnaya, sem surpresa nenhuma) estavam escancaradas, e todas as janelas que ele conseguia ver também estavam abertas. Uma brisa suave soprava intermitentemente pelo corredor.

— Vocês estão fazendo a faxina da primavera — ele disse para Zorya Utrennyaya.

— Vamos receber visita — ela explicou. — Agora você precisa ir embora. Primeiro, quer café?

— Eu vim ver Czernobog. Chegou a hora.

Zorya Utrennyaya sacudiu a cabeça com violência.

— Não, não. Você não quer vê-lo, não. Não é uma boa ideia.

— Eu sei, mas você sabe, a única coisa que eu aprendi na minha convivência com os deuses é que, se você faz um acordo, deve cumprir. Eles rompem todas as regras que querem. Nós, não. Mesmo se eu tentasse ir embora daqui, meus pés me trariam de volta.

Ela fez um bico com o lábio inferior.

— É verdade. Mas vai embora hoje. Volta amanhã. Ele não vai mais estar aqui.

— Quem está aí? — gritou uma voz de mulher do fundo do corredor. — Zorya Utrennyaya, com quem você está conversando? Esse colchão aqui, eu não consigo virar sozinha, e você sabe muito bem disso.

Shadow caminhou pelo corredor.

— Bom dia, Zorya Vechernyaya. Posso ajudar?

O que fez com que a mulher no quarto guinchasse de surpresa e largasse seu canto do colchão.

O quarto parecia espesso de tanta poeira: o pó cobria tudo, a madeira e o vidro, e grãos flutuavam e dançavam através dos facho de sol que entravam pela janela aberta, perturbados por brisas ocasionais e pelo movimento das cortinas de renda amareladas.

Ele se lembrava daquele quarto. Era o quarto que tinham dado para Wednesday naquela noite. O quarto de Bielebog.

Zorya Vechernyaya olhava para ele com incerteza.

— O colchão. Precisa virar.

— Sem problema — disse Shadow.

Ele esticou os braços e pegou o colchão, levantou-o com facilidade, e o virou. Era uma cama velha de madeira, e o colchão de penas pesava quase tanto quanto um homem. Poeira voou e rodopiou no ar quando o colchão caiu de volta sobre o estrado.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Zorya Vechernyaya. Não pareceu muito simpática.

— Estou aqui porque em dezembro passado um moço jogou uma partida de damas com um deus velho e perdeu.

O cabelo cinzento da mulher estava amarrado em cima da cabeça em um coque firme. Ela apertou os lábios:

— Volta amanhã — disse Zorya Vechernyaya.

— Não posso.

— É o seu enterro. Agora, vai lá e senta. A Zorya Utrennyaya vai trazer café pra você. O Czernobog deve voltar logo.

Shadow percorreu o corredor até a sala de estar. Estava exatamente como ele se lembrava dela, apesar de agora a janela estar aberta. O gato cinzento dormia sobre o braço do sofá. Abriu um olho quando Shadow entrou e então, sem se impressionar, voltou a dormir.

Foi ali que jogara damas com Czernobog. Foi ali que apostara sua vida para fazer com que o velho se juntasse a eles na última trapaça amaldiçoada de Wednesday. O ar fresco entrava pela janela, expulsando o ar estagnado.

Zorya Utrennyaya entrou com uma bandeja de madeira vermelha. Uma pequena xícara esmaltada de café preto fumegante repousava na bandeja, ao lado de um pires cheio de pequenas bolachas com pedaços de chocolate. Ela colocou tudo sobre a mesa à sua frente.

— Eu me encontrei com a Zorya Polunochnaya de novo. Ela veio me encontrar embaixo do mundo, me deu a lua pra iluminar o meu caminho e tirou algo de mim. Mas

eu não me lembro o quê.

— Ela gosta de você — disse Zorya Utrennyaya. — Ela sonha muito, protege todos nós. Ela é tão corajosa...

— Cadê o Czernobog?

— Ele fala que a limpeza da primavera o deixa incomodado e sai pra comprar jornal e passear no parque. Pra comprar cigarro. Talvez nem volte hoje. Você não precisa esperar. Por que não vai embora? Volta amanhã.

— Eu vou esperar.

Não havia magia nenhuma que o forçasse a esperar, ele sabia. Era ele. Era a última coisa que precisava acontecer, e se fosse a última coisa que tinha de acontecer, bom, ele iria ao seu encontro por sua própria vontade. Depois disso, não haveria mais obrigação alguma, mais mistério algum, mais fantasma algum.

Ele deu um gole no café quente, tão preto e tão doce quanto lembrava.

Ouviu uma voz masculina profunda no corredor e aprumou-se no sofá. Ficou contente ao constatar que suas mãos não tremiam. A porta se abriu.

— Shadow?

— Oi.

Ele continuou sentado.

Czernobog entrou na sala. Carregava um exemplar dobrado do jornal Chicago Sun-Times, que colocou sobre a mesinha de centro. Olhou para Shadow, então esticou a mão, para ver a reação dele. Os dois homens apertaram as mãos.

— Eu vim. Nosso trato. Você cumpriu a sua parte e esta é a minha. Czernobog assentiu com a cabeça. Seu cenho se franziu. A luz do sol refletia nos cabelos e no bigode cinzento dele, fazendo com que parecesse quase dourados.

— Não... — ele franziu mais a testa. — Não é... Ele falou de supetão:

— Acho que você deveria ir embora. Este não é um bom momento.

— Pode demorar quanto você quiser. Estou pronto.

Czernobog suspirou.

— Você é um rapaz muito estúpido, sabia?

— Acho que sim.

— Você é um rapaz estúpido. E, lá no topo da montanha, você fez uma coisa muito boa.

— Eu fiz o que tinha que fazer.

— Talvez.

Czernobog caminhou até o aparador e, abaixando-se, tirou um estojo encaixado

embaixo do móvel. Fez com que as fechaduras do estojo se abrissem. Cada uma delas pulou para cima com um estampido agradável. Ele abriu o estojo. Tirou dali um martelo e experimentou brandi-lo no ar. O martelo parecia uma marreta em miniatura; o cabo estava todo manchado.

Então ficou em pé e falou:

— Eu devo tanto a você. Mais do que você pensa. Por sua causa, as coisas estão mudando. Estamos na primavera. Na primavera de verdade.

— Eu sei o que fiz — disse Shadow. — Eu não tinha muita escolha. Czernobog assentiu com a cabeça. Havia uma expressão nos olhos dele que Shadow não se lembrava de ter visto antes.

— Eu já falei sobre o meu irmão pra você?

— Bielebog?

Shadow caminhou até o centro do tapete manchado de cinzas. Ajoelhou-se.

— Você disse que não o vê há um tempo.

— É — disse o velho, erguendo o martelo. — Faz um inverno bem comprido, rapaz. Um inverno muito comprido. Mas o inverno está acabando agora.

E sacudiu a cabeça, lentamente, como se estivesse se lembrando de alguma coisa.

— Fecha os olhos.

Shadow fechou os olhos, levantou a cabeça e esperou. A cabeça do martelo era fria, fria como gelo, e encostou na testa dele de maneira tão suave quanto um beijo.

— Pock! Pronto — disse Czernobog. — Terminei.

Havia um sorriso em seu rosto que Shadow nunca vira, um sorriso fácil e confortável, como o sol brilhando em um dia de verão. O velho caminhou até o estojo, guardou o martelo, fechou o estojo e o guardou de volta embaixo do aparador.

— Czernobog? E logo:

— Você é o Czernobog?

— Sou. Por hoje — disse o velho. — Amanhã, só vai ser o Bielebog. Mas hoje, ainda é o Czernobog.

— Então, por quê? Por que não me matou quando teve oportunidade? O velho pegou um cigarro sem filtro de um maço no bolso. Pegou uma enorme caixa de fósforos da prateleira em cima da lareira e acendeu o cigarro. Ele parecia estar profundamente envolvido em pensamentos.

— Porque — disse o velho, depois de algum tempo — tem sangue. Mas também tem gratidão. E esse inverno foi muito, muito comprido.

Shadow ficou em pé. Havia marcas de poeira no seu jeans, nos lugares onde ele tinha se apoiado ao ajoelhar, e ele tirou a poeira com as mãos.

— Obrigado.

— De nada. Da próxima vez que você quiser jogar damas, sabe onde me encontrar. Dessa vez, eu vou jogar com as brancas.

— Obrigado. Talvez eu apareça, mas vai demorar um pouco. Ele olhou dentro dos olhos cintilantes do velho, e imaginou se sempre teriam sido daquele tom azul da cor da flor de milho. Apertaram as mãos e nenhum deles disse adeus.

Shadow beijou Zorya Utrennyaya na bochecha, beijou Zorya Vechernyaya nas costas da mão, e desceu as escadas para fora daquele lugar, pulando dois degraus de cada vez.

POSFÁCIO

Reykjavík, na Islândia, é uma cidade estranha, mesmo para quem já viu muitas cidades estranhas. É uma cidade vulcânica — o aquecimento para a cidade vem das profundezas da terra.

Há turistas, mas não tantos quanto seria de se esperar, nem mesmo no começo de julho. O sol brilhava, como brilhava há semanas: parava de brilhar durante uma ou duas horas nas primeiras horas da madrugada. Havia uma espécie de alvorada escura entre as duas e as três da manhã, e então o dia começava de novo.

O turista grande percorreu a pé a maior parte de Reykjavík naquela manhã, ouvindo as pessoas conversarem em uma língua que pouco havia mudado nos últimos mil anos. Os nativos dali conseguiam ler as sagas antigas com tanta facilidade quanto liam um jornal. Havia uma sensação de continuidade naquela ilha que o assustava, e que lhe dava segurança de maneira desesperadora. Estava muito cansado: o dia sem fim fazia com que o sono fosse quase impossível, e ficou no quarto do hotel durante toda a longa noite, sem noite, alternando a leitura de um guia turístico e de um romance chamado A Casa Triste, que comprara em um aeroporto há algumas semanas, mas em qual aeroporto especificamente ele já não se lembrava. Às vezes, olhava para fora da janela.

Finalmente, o relógio, assim como o sol, proclamou que era de manhã.

Ele comprou uma barra de chocolate em uma das muitas lojas de doces e caminhou pela calçada, ocasionalmente lembrando-se da natureza vulcânica da Islândia: dobrava uma esquina e reparava, por um instante, uma característica sulfurosa no ar. O que vinha à sua mente não era Hades, mas, sim, ovos podres.

Diversas mulheres por quem ele passava eram muito bonitas: esguias e pálidas. O tipo de mulher de que Wednesday havia gostado. Shadow ficou imaginando o que haveria chamado a atenção de Wednesday em sua mãe, que era bonita, mas que não tinha nada daquilo.

Shadow sorria para as mulheres bonitas, porque elas faziam com que ele se sentisse agradavelmente macho, e ele sorria para as outras mulheres também, porque estava se divertindo ali.

Ele não sabia dizer exatamente quando percebera que estava sendo observado. A certa altura de sua caminhada por Reykjavik, teve certeza de que alguém o observava. De vez em quando, virava-se para trás, para tentar ver quem era, e olhava para dentro das vitrinas das lojas e para a rua refletida atrás dele, mas não enxergava ninguém fora do comum, ninguém que parecesse observá-lo.

Entrou em um restaurante pequeno, onde comeu papagaio-do-mar defumado,

frutinhas silvestres, truta do Ártico e batatas cozidas, e bebeu Coca-cola, que tinha gosto mais doce, mais açucarado do que ele se lembrava de como era nos Estados Unidos.

Quando o garçom trouxe sua conta, disse:

— Com licença. Você é americano?

— Sou.

— Então, feliz 4 de Julho pra você — disse o garçom.

Ele parecia contente consigo mesmo.

Shadow nem tinha percebido que era dia quatro. O Dia da Independência. É. Ele gostava da ideia de independência. Deixou o dinheiro e uma gorjeta na mesa, e saiu para a rua. Havia uma brisa fria vinda do Atlântico, e ele fechou o casaco até em cima.

Sentou-se em um morrinho gramado e olhou para a cidade que o rodeava, e pensou que um dia precisaria voltar para casa. Mas, primeiro, ele precisaria fazer uma casa para onde voltar. Ficou imaginando se o que se entende como "casa" era a coisa em que um lugar se transformava depois de um certo tempo ou se era uma coisa que se encontrava no final, se você simplesmente caminhasse, esperasse e desejasse aquilo por tempo bastante.

Um velho veio descendo a colina na direção dele: vestia uma capa cinza-escura, esfarrapada na barra, como se tivesse viajado muito, e um chapéu azul de abas largas, com uma pena de gaivota enfiada na faixa em um ângulo garboso. Parecia um hippie velho, pensou Shadow. Ou um pistoleiro aposentado há muito tempo. O velho era ridiculamente alto.

O homem se agachou ao lado de Shadow na encosta e fez um cumprimento breve com a cabeça. Ele tinha um tapa-olho de pirata em cima de um dos olhos e um cavanhaque branco espetado. Shadow imaginou que o homem fosse pedir um cigarro.

— Hvernig gengur? Manst þú eftir mér? — disse o velho.

— Desculpa, mas não falo islandês.

Então disse, de maneira desajeitada, a frase que havia aprendido em seu guia turístico nas primeiras horas iluminadas daquela madrugada:

— Êg tala bara enshu.

Eu só falo inglês. E depois:

— Americano.

O velho assentiu com a cabeça lentamente e disse:

— O meu povo foi daqui prós Estados Unidos muito tempo atrás. Foram pra lá e voltaram pra Islândia. Falaram que era um bom lugar prós homens, mas um lugar ruim prós deuses. E sem os seus deuses eles se sentiam muito... solitários.

O inglês dele era fluente, mas as pausas e o ritmo das frases eram estranhos. Shadow olhou para ele: de perto, o homem parecia mais velho do que imaginava ser possível. Sua pele era marcada por rugas e fendas minúsculas, como rachaduras no

granito.

O velho disse:

— Eu conheço você, rapaz.

— Conhece?

— Você e eu, nós percorremos o mesmo caminho. Eu também fiquei pendurado na árvore durante nove dias, um sacrifício meu pra mim mesmo. Eu sou o senhor dos Aes. Eu sou o deus da Força.

— Você é Odin — disse Shadow.

O homem assentiu com a cabeça, pensativo, como se sentisse o peso do nome.

— Me chamam de muitas coisas, mas, é, eu sou Odin, filho de Bor.

— Eu vi você morrer. Fiz a vigília do seu corpo. Você tentou destruir tanta coisa por causa de poder. Sacrificou tantas coisas por você mesmo. Você fez tudo isso.

— Eu não fiz nada disso.

— O Wednesday fez. Ele era você.

— É, ele era eu. Mas eu não sou ele.

O homem coçou a lateral do nariz. Sua pena de gaivota sacudiu.

— Você vai voltar? — perguntou o Senhor da Força. — Para os Estados Unidos?

— Não tenho nada pra que voltar — disse Shadow e, enquanto proferia as palavras, sabia que eram mentirosas.

— Existe algo a sua espera lá. Mas vai esperar até a sua volta. Uma borboleta passou à sua frente em um vôo torto. Shadow não disse nada. Ele estava farto dos deuses e da maneira como agiam, tão farto que poderia viver várias encarnações sem ter que tratar desses assuntos novamente. Resolveu que iria até o aeroporto e trocaria sua passagem. Pegaria um avião para algum lugar onde nunca estivera antes. Continuaría seguindo em frente.

— Ei — disse Shadow. — Tenho uma coisa aqui pra você.

Enfiou a mão no bolso e pegou o objeto de que precisava.

— Estende a mão.

Odin olhou para ele de maneira estranha e séria. Então deu de ombros e estendeu a mão direita, com a palma virada para baixo. Shadow esticou sua própria mão e virou a mão do velho, de modo que a palma ficasse para cima.

Abriu suas mãos e mostrou as duas, uma depois da outra, que estavam completamente vazias. Então colocou o olho de vidro na palma da mão ressecada do velho e o deixou lá.

— Como você fez isso?

— Magia — disse Shadow, sem sorrir.

O velho sorriu, deu gargalhadas e bateu palmas. Olhou para o olho, segurando-o entre o polegar e o indicador, e assentiu com a cabeça, como se soubesse exatamente o que era aquilo. Então guardou o objeto em uma bolsa de couro amarrada na cintura.

— Takk koerlega. Eu vou tomar conta disto.

— Está bem — disse Shadow.

Ele se levantou, tirou a grama dos jeans.

— Mais uma vez — disse o senhor de Asgard, com um movimento imperioso da cabeça, com a voz profunda e em tom de dar ordem. — Faz de novo.

— Vocês nunca ficam satisfeitos. Tudo bem. Este eu aprendi com um cara que já morreu.

Esticou a mão para o nada e pegou uma moeda de ouro do ar. Era um tipo normal de moeda de ouro. Não podia trazer os mortos à vida nem curar os doentes, mas com certeza era uma moeda bem boa.

— E isso é tudo — disse, exibindo-a entre o polegar e o indicador. — Foi tudo que ela escreveu.

Ele jogou a moeda no ar, dando um peteleco com o dedão. Rodopiou dourada na parte mais alta de sua trajetória, à luz do sol, e brilhou, faiscou e pairou ali no céu de verão como se nunca mais fosse cair. Talvez nunca mais caísse. Shadow não esperou para ver. Ele se afastou dali e seguiu seu caminho.

* * * *

AGRADECIMENTOS

Foi um livro longo, e uma viagem longa, e eu devo muito a muitas pessoas.

A senhora Hawley me emprestou sua casa na Flórida para que eu escrevesse, e tudo que precisei fazer em troca foi espantar os urubus. Ela me emprestou sua casa irlandesa para que eu terminasse o livro e me avisou para tomar cuidado e não espantar os fantasmas. Meus agradecimentos para ela e para o senhor Hawley, por toda sua gentileza e generosidade.

Jonathan e Jane me emprestaram a casa e a rede para escrever, e tudo que eu precisei fazer foi pescar qualquer animalzinho peculiar da Flórida que entrasse no tanque dos lagartos. Eu sou muito grato a todos eles.

O doutor Dan Johnson me deu informações médicas sempre que eu precisei, apontou anglicismos fora de lugar e não-intencionais (todo mundo mais também o fez), respondeu às perguntas mais estapafúrdias e, em um dia de julho, até mesmo me levou para um vôo panorâmico de avião sobre a parte norte do Wisconsin em um aviãozinho.

Além de fazer com que a minha vida seguisse em frente por procuração enquanto eu escrevia este livro, a minha assistente, a fabulosa Lorraine Garland, teve uma atitude blasé em relação a precisar procurar o número de habitantes de cidadezinhas americanas para mim; eu ainda não sei bem como foi que ela conseguiu. (Ela faz parte da banda chamada The Flash Girls; comprem o seu CD, Play Each Morning, Wild Queen, e a façam feliz.)

Terry Pratchett me ajudou a desatar um nó no enredo em uma viagem de trem até Gotemburgo.

Eric Edelman respondeu às minhas perguntas diplomáticas.

Anna Sunshine Ison desenterrou um monte de coisas para mim nos acampamentos de internação japonesa da costa oeste, que vão ter que esperar um outro livro ser escrito, porque não combinaram muito com este aqui. Eu peguei a melhor frase de diálogo do epílogo de Gene Wolfe, a quem agradeço muito.

Sergeant Kathy Ertz respondeu até a minha pergunta mais esquisita a respeito dos procedimentos da polícia e o xerife eleito Marshall Multhaufme levou para dar uma volta.

Pete Clark passou por um interrogatório pessoal e ridículo com graça e bom-humor.

Dale Robertson foi o hidrologista-consultor do livro.

Eu apreciei os comentários do Dr. Jim Miller a respeito das pessoas, da linguagem e dos peixes, assim como o auxílio linguístico de Margret Rodas.

Jamy Ian Swiss assegurou-se de que as mágicas com moedas fossem mágicas mesmo. Qualquer erro no livro é meu, não deles.

Muitas pessoas boas leram os manuscritos e deram sugestões, correções, encorajamentos e informações valiosas.

Eu me sinto grato especialmente a Colin Greenland e a Susanna Clarke, a John Clute e a Samuel R. Delany.

Também gostaria de agradecer a: Owl Goingback (que tem mesmo o nome mais legal do mundo), Iselin Resjo Evensen, Peter Straub, Jonathan Carroll, Kelli Bickman, Dianna Graf, Lenny Henry, Pete Atkins, Amy Horsting, Chris Ewen, Teller, Kelly Link, Barb Gilly, Will Shetterly, Connie Zastoupil, Rantz Hoseley, Diana Schutz, Stevc Brust, Kelly Sue DeConnick, Roz Kaveney, Ian McDowell, Karen Berger, Wendy Japhet, Terje Nordberg, Gwenda Bond, Therese Littleton, Lou Aronica, Hy Bender, Mark Askwith, Alan Moore (que também me emprestou o "Litvinoffs Book"), e o exêntrico Joe Sanders. Obrigado ainda a Rebecca Wilson; e particularmente obrigado a Stacy Weiss, por sua visão.

Depois de ler o primeiro rascunho, Diana Wynne Jones me avisou a respeito de que tipo era este livro, e os perigos a que eu me arriscava ao escrevê-lo; e ela tem estado certa em todos os aspectos até agora.

Eu gostaria que o professor Frank McConnell ainda estivesse conosco. Acho que ele teria gostado deste aqui.

Depois de escrever o primeiro rascunho, percebi que várias outras pessoas já haviam abordado esses temas antes mesmo de eu tomar contato com eles: particularmente, meu escritor preferido fora de moda, James Branch Cabell; o falecido Roger Zelazny; e, claro, o inimitável Harlan Ellison, cuja coleção *Deathbird Stories* ficou queimando no fundo da minha mente quando eu ainda estava em uma idade em que os livros podiam me transformar para sempre.

Nunca consigo ver bem a utilidade de deixar para a posteridade as músicas que você ouvia enquanto escrevia um livro, e ouvi muita música mesmo enquanto escrevia isto. Ainda assim, sem o *Dream Café* de Greg Brown e o *69 Love Songs* do Magnetic Fields, este livro teria sido diferente, então agradeço a Greg e a Stephin.

E sinto que é minha obrigação dizer a você que dá para experimentar a música da Casa na Pedra em CD ou em cassete, incluindo a da máquina Mikado e a do Maior Carrossel do mundo. É diferente, apesar de certamente não ser melhor, do que qualquer coisa que você já pode ter ouvido. Escreva (em inglês) para: The House on the Rock, Spring Green, WI 53588, EUA, ou ligue para (OOXX1) 608 935-3639.

Meus agentes — Merrilee Heifetz na Writers House, Jon Levin e Erin Culley La Chapelle na CAA — tiveram tão pouca importância quanto mesas de som e pilares da sabedoria.

Muitas pessoas, que estavam esperando coisas que eu havia prometido fazer assim que terminasse este livro, foram surpreendentemente pacientes. Gostaria de agradecer ao pessoal da Warner Brothers Pictures (particularmente a Kevin McCormick e Lorenzo di

Bonaventura), do Viliage Roadshow, do Sunbow, e da Miramax; e Shelley Bond, que aguentou um monte.

As duas pessoas sem quem eu não faria nada: Jennifer Hershey, da Harper Colins, nos Estados Unidos, e Doug Young, da Hodder Headline, na Grã-Bretanha. Tenho sorte de ter bons editores, e esses dois são os melhores editores que eu já conheci. Sem mencionar que são duas das pessoas que menos reclamam, que são mais pacientes e que, à medida que os prazos passavam por nós como folhas secas em uma rajada de vento, foram positivamente estóicas.

Bill Massey chegou no fim, na Headline, e emprestou ao livro seu olho de águia editorial. Kelly Notaras ajudou a conduzi-lo pelo processo de produção com graça e autoconfiança.

Por último, gostaria de agradecer à minha família, Mary, Mike, Holiy e Maddy, que foram os mais pacientes de todos, que me amaram e que, por longos períodos durante a elaboração deste livro, aguentaram a minha ausência tanto para escrever quanto para descobrir os Estados Unidos — que se revelaram, quando eu finalmente os descobri, haver estado nos Estados Unidos o tempo todo.

Neil Gaiman

próximo a Kinsale, Condado de Cork

15 de janeiro de 2001

- [1] Tradução livre: Levaram-na para o cemitério / Em um Cadillac grande e velho / Levaram-na para o cemitério / Mas não a trouxeram de volta. (N.T.)
- [2] Tradução livre: Olhe só para o meu rei todo de vermelho, / Iko Iko o dia inteiro, / Aposto cinco dólares como ele vai matar você, / Jockamo-feena-nay. (N.T.)
- [3] Tradução livre: Cada hora fere. A última mata. (N.T.)
- [4] Tradução livre: Deixe que o Especial da Meia-Noite /Jogue sua luz sobre mim / Deixe que o Especial da Meia-Noite /Jogue sua luz sempre apaixonada sobre mim. (N.T.)
- [5] Tradução livre: O elmo reflete / e o carvalho odeia / mas o homem-chorão sai andando / Se você não voltar para casa quando escurecer. (N.T.)
- [6] Tradução livre: Madame Vida é uma mulher em flor / A Morte fica fuçando por todos os cantos; / A primeira é a moradora do quarto, / A segunda é a agressora na escada. (N.T.)
- [7] Tradução livre: Enquanto nossos portões ficarem abertos e desprotegidos, / E através deles passarem multidões diversificadas e selvagens. / Homens das estepes do Volga e do Tártaro. / Rostos sem traços do Huang-ho, / Malaio, mongóis, teutões, celtas e eslavos, / Carregando a pobreza e o escárnio do Velho Mundo; / Trazendo com eles deuses e rituais desconhecidos, / Essas paixões de tigre que vêm aqui para colocar as garras de fora, / Nas ruas e nos becos que língua estranha é essa, / Sotaques de ameaça em nosso ouvido, / Vozes que no passado a Torre de Babel conheceu. (N.T.)
- [8] Tradução livre: O saco do Tigre, yeah / Eu comi o saco do Tigre / Agora ninguém nunca mais vai me deter / Ninguém mais vai me colocar contra o paredão negro / Porque eu comi os atestados daquele Tigre / Eu comi o saco do Tigre. (N.T.)
- [9] Tradução livre: Ele disse que os mortos tinham almas, mas quando eu perguntei / Como é que podia ser — eu pensei que os mortos eram almas, / Ele interrompeu o meu transe. Isso não deixa você desconfiado / Saber que os mortos estão escondendo alguma coisa? / É, os mortos estão escondendo alguma coisa. (N.T.)
- [10] Tradução livre: Sem falar nas criaturas míticas nos escombros... (N.T.)
- [11] Tradução livre: Eu conto a você todos os meus segredos / Mas eu minto a respeito do meu passado / Por isso me mande para a cama para todo o sempre. (N.T.)
- [12] Tradução livre: Três podem guardar um segredo, se dois deles estiverem mortos. (N.T.)
- [13] Tradução livre: Você é uma garota etérea, vivendo em um mundo material. (N.T.)
- [14] Tradução livre: Você é uma garota analógica, vivendo em um mundo digital. (N.T.)
- [15] Tradução livre: Ei, velho amigo, / O que você diz, velho amigo? / Faça com que tudo fique bem, velho amigo, / Dê um tempo a uma velha amizade. / Por que tanto pesar? / Nós vamos ficar juntos pra sempre. / Você, eu, ele — / Vidas demais estão em risco... (N.T.)
- [16] Tradução livre: As pessoas estão no escuro, não sabem o que fazer/ Eu tinha uma lanterninha, que também se apagou. / Estou estendendo a minha mão. Espero que você também esteja / Eu só quero ficar no escuro com você. (N.T.)
- [17] Tradução livre: Girando e girando na volta que sempre aumenta / O falcão não consegue ouvir seu falcoeiro / As coisas desmoronam; o centro não consegue agüentar... (N.T.)
- [18] Tradução livre: A maré de sangue turvo está à solta. (N.T.)
- [19] Tradução livre: Enforque-me, Oh enforque-me, e eu estarei morto e não mais aqui,/Enforque-me, Oh enforque-me, e eu estarei morto e não mais aqui, / Eu não me importaria com o enforcamento, o problema é estar longe por tanto tempo, / É ficar na sepultura por tanto tempo. (N.T.)
- [20] Tradução livre: é / primavera / e / o / Homem-balão / com pés de bode assobia / ao longe / e / bem pouquinho. (N.T.)